AVENTURAS NO MAR

Andanças, amores e peripécias de um velejador boa-praça

L&PM

4ª EDIÇÃO

BAZAR DE AVENTURAS

ORELHA DO LIVRO

Velejador boa-praça

Durante 4 anos ininterruptos, Helio Setti Jr. navegou pelo mundo afora. Ele viveu aventuras em ilhas paradisíacas, mares bravios e bares dignos da melhor literatura. Falecido prematuramente aos 39 anos, teve uma vida intensa e divertida, e neste livro, que deixou praticamente finalizado, mostra em quase 400 páginas e dezenas de ilustrações histórias, situações e personagens que comovem, emocionam e fazem rir. De paraísos nudistas no Caribe a território de guerreiros de aparência feroz na Nova Guiné, de beleza indescritível e da Grande Barreira de Coral, na Austrália, à solidão batida pelos ventos da ilha onde morreu Napoleão Bonaparte, Helio conduz o leitor por um roteiro de surpresas, prazeres e perigos. Você vai se deliciar com suas histórias onde figuram belas mulheres, costumes exóticos, vagabundos hilariantes e uma ardente e contagiante alegria de viver.

Os Editores

Helio Setti Jr.

AVENTURAS NO MAR

Andanças, amores e peripécias de um velejador boa-praça

AVENTURAS NO MAR

Andanças, amores e peripécias de um velejador boa-praça

Capa: L&PM Editores
Foto da capa: Image Bank
Fotos internas:: Helio Setti Jr.
Organização do texto: Ricardo A. Setti
Produção: Fernanda Verissimo e Jó Saldanha
Revisão: L&PM Editores
Mapas: Luiz Iria

ISBN 85.254-0491-8

S495a Setti Jr., Helio (1954-1992)
Aventuras no Mar: andanças, amores e peripécias de um velejador boa-praça / Helio Setti Jr. – 4.ed. – Porto Alegre: L&PM, 1996.
376 p. : il. mapas, retrs. 21 cm – (Coleção Bazar de Aventuras)

1.Geografia-Descrições de viagens. 2.Viagens de barco. I.Título. II. Série.

CDU: 910.4:379.857
379.857:910.4

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329

Matriz: Rua PadreChagas 185/802 - 90570-080 - Porto Alegre - RS
Filial: Rua Marcelina 672/2 – 050044-010 - Lapa - São Paulo - SP

Impresso no Brasil
Verão 1996

A rota da viagem de Helio Setti Jr.

Índice

Apresentação

Prá variar não tenho o endereço do Helio - aliás, nunca tive - desastre que sou para mandar cartas. E mesmo assim todas as que mandei o alcançaram. O endereço dos que viajam por mar é o dos amigos. E o Helio - de tantos amigos que tem – ganhou por endereço o próprio mundo. As cartas, indo e voltando, de mão em mão, acabam - não sei bem como - chegando.

Mas, sei bem que o Helio, entre as viagens ou não - fez dos seus amigos irmãos. Irmãos de verdade, desses que mesmo separados vivem juntos os mesmos apuros. Em todos os cantos por onde ando tenho encontrado irmãos seus. E, um dia, bem que eu gostaria de ver a cara do seu Helião quando descobrir o número de filhos que tem esparramados pelo mundo.

Tornei-me eu também um dos irmãos do Helio. Mal conheci o Vagau - o Vagabundo - pessoalmente. Mas pouco importa, é o barco do meu irmão mais engraçado. E as histórias dele a gente vai ouvindo até não dormir mais.

Por onde anda o Helio, agora, não imagino. Talvez calculando posições de quatro coordenadas, bebendo cerveja no outro lado do mundo, atravessando o Índico, sei lá.

Sei apenas que contando histórias e rindo do jeito dele, ele sempre aparece. Sempre.

Amyr Klink

Explicação e agradecimentos

Este livro foi concebido para o leitor não-especializado em coisas de mar. Assim, os editores procuraram esclarecer ao longo do texto, em curtas notas de pé de página, o significado de uma série de termos náuticos utilizados pelo autor. Para isso, foi indispensável a colaboração de dois amigos de Helio e de sua família: o engenheiro Arthur Luiz Pitta, de São Paulo, capitão amador e ex-comodoro do Bahia de São Vicente Iate Clube e do Ubatuba Iate Clube, no litoral paulista, e o capitão-de-mar-e-guerra e autor de livros sobre navegação Geraldo Luiz Miranda de Barros, do Rio de Janeiro. O texto das notas é de responsabilidade dos editores.

Como, porém, por sua natureza, este livro deverá ser também lido por apreciadores de esportes náuticos, o texto inclui, ao longo de diferentes capítulos, trechos em itálico sob a rubrica "Para navegadores", que contêm diversos comentários mais técnicos do autor sobre temas como condições de navegação, condições do mar, manobras necessárias em diferentes situações, estado e desempenho do barco. O leitor leigo ou não interessado no assunto pode deixar de ler esses trechos sem qualquer prejuízo para a compreensão da narrativa.

Além das pessoas acima mencionadas, os editores agradecem a Angela Vasconcelos Furtado, Alexandre Balbachevsky Setti, Amyr Klink, Bento Sampaio Vidal de Andrade, Carla Milovanov, Celso Vareta, Geraldo da Rocha Azevedo, Helio e Hilda Setti, Homero Diacópulos. Humberto Werneck, João Lara Mesquita, Lew Steinfeld, Luciano Nogueira Neto, Maria Adélia Cardoso de Oliveira Azevedo, Ricardo Balbachevsky Setti, Simone Caccozzi de Souza Brega e Theodoro Quartim Barbosa Neto pela colaboração na feitura deste livro.

Andanças e peripécias de um velejador boa-praça

"Eu estava a 10 metros de profundidade quando eles chegaram e me cercaram por todos os lados, com a pior das intenções. Não sei, francamente, de onde vieram: só sei que era um cardume de tubarões - uns bons quinze deles - dispostos a enriquecer seu regime alimentar, devorando a mim, um pobre engenheiro brasileiro que fazia pesca submarina nas Ilhas Marquesas, a porta de entrada da Polinésia para quem vem das Américas.

"Ali, em pleno azul esplêndido do Pacífico, a mais de 5.000 quilômetros de distância do Panamá, numa manhã belíssima, pensei que viraria comida de tubarão. Se escapei foi sem nenhum heroísmo de minha parte, e sim graças à competência de meu anjo da guarda e à providencial ajuda de um amigo também brasileiro, Celso. Escapei e continuei minha deliciosa viagem de quatro anos através dos mares, num percurso de mais de 90.000 quilômetros. Conheci 27 países, incontáveis ilhas e, sempre que minha reserva de dinheiro baixava, tive os mais variados empregos: fui garçom, pescador, ajudante de pedreiro, transformei meu veleiro *Vagabundo* em condução para turistas, colhi gengibre e fiz algumas, digamos assim, amadorísticas transações comerciais.

"A bordo do *Vagabundo* - ou Vagau, para os íntimos - sucessor de meu primeiro barco, o *Brasileirinho* que compartilhei com um sócio), vivi os melhores dias de minha vida. Com seus 35 pés[1] e um único mastro, o veleiro me levou a muitas aventuras fascinantes e situações engraçadíssimas - mas principalmente inesquecíveis".

Foi assim, com humor e irreverência típicos, que o navegador Helio Setti Jr. começou, anos atrás, uma coleção de pequenas narrativas de suas andanças pelos mares do mundo publicada na revista *Playboy*. Este livro é a integra das divertidas e fascinantes memórias de sua longa viagem de volta ao mundo. Para os amigos, é uma deliciosa

---

[1] 10,6 metros.

forma de relembrá-lo. Para os que não tiveram tempo de conhecê-lo - já que a morte o surpreendeu em 1992, aos 39 anos, no auge do vigor físico e mental - é uma boa amostragem do que era, sentia e pensava este homem aventureiro, idealista, generoso e cheio de alegria de viver.

Um navegador cuja personalidade multifacetada e de fortes contrastes o tornavam uma pessoa ainda mais interessante. Muitos desses contrastes aparecem neste livro e de alguma forma remetem para episódios de sua vida fora do mar. Ele tinha sangue-frio diante do perigo - para escapar dos tubarões nesse dia nas Marquesas, por exemplo, como o leitor verá ao ler o episódio completo, ou para controlar-se e não desaparecer no mar num ponto da longa travessia solitária do Oceano Indico, entre a Austrália e as Ilhas Mauritius, quando foi lançado à água, à noite, durante uma tempestade. Seu autocontrole também esteve presente anos antes, quando Hélio ainda era iniciante na arte de navegar. Uma tempestade colheu a ele e a um de seus mais queridos amigos, Bento Sampaio Vidal de Andrade, hoje empresário, no meio de uma travessia entre Caraguatatuba, no litoral norte de São Paulo, e São Vicente, ao sul, a bordo de um minúsculo *hobie-cat*. Depois de passarem improvisadamente a noite em uma ilha, eles voltaram ao mar, mas o mau tempo terrível os obrigou a levar o barco a uma praia semi-deserta, Juqueí, onde acabaram se abrigando numa casa temporariamente habitada por um grupo de freiras. No episódio, os dois se esquentaram com uísque de uma garrafa providencialmente amarrada ao mastro do barco pelo pai de Helio. Brincalhão, como sempre, ele atribuiu sua sobrevivência ao uísque - presença constante, aliás, nas celebrações com sua imensa roda de amigos.

Mas com surpreendente (e sempre bem-humorada) candura, Helio é também capaz, neste livro, de descrever seus medos: o que sentiu em meio a uma grande tempestade de areia na fronteira da África do Sul (um dos muitos países que visitou longamente durante sua viagem) com a Suazilândia. Ou no Parque Krüger, também na África do Sul, diante do ataque de um bando de elefantes, depois de provocações imprudentes de um amigo. Ou, ainda, durante um pas-

seio inocente, ao dar de cara com guerreiros ferozes, armados de arcos, flechas, lanças e tacapes e prestes a entrar em combate com inimigos, na ainda primitiva Papua-Nova Guiné. "Dizer que fiquei com medo é me chamar de Super-Homem", brinca ele, dizendo-se, na ocasião, "petrificado".

De outro lado, era um homem capaz de emocionar-se até diante de um pôr-do-sol no Taiti ou na Austrália, arrepiar-se de encantamento frente à explosão de cores de uma formação de coral sob o mar azul do Caribe, sentir o peso da história ao descobrir os cemitérios submarinos de belonaves ao largo de Guadalcanal - palco de uma das mais terríveis batalhas da Segunda Guerra Mundial. E, sobretudo, de sentir-se transportado a um outro plano de maravilhamento quando, uma noite, num trecho de travessia solitária, seu *Vagabundo* entrou numa zona de fosforescência tão intensa e tão ampla que, como ele escreve, "a luz do mar apagou as estrelas". O cérebro entendeu que era um fenômeno provocado pela alta concentração dos microorganismos plânctons na área. Mas o coração deixou Helio "inebriado, bêbado, dopado diante daquele brilho infinito".

Tais contrastes não são novidade para quem o conhecia. Garoto bem-nascido, filho único de pai advogado, político e, mais tarde, empresário, que estudou nos melhores colégios de Curitiba, sua cidade natal, e de São Paulo, para onde sua família mudou-se quando tinha 11 anos, o Helio adolescente já desenhava roteiros de futuras viagens nos atlas escolares, começou a conhecer o Brasil e exterior (viajando, ainda, de automóvel, ônibus e avião) e ganhou sua primeira lancha a motor - mas, sem fazer alarde, também viria a dar aulas gratuitas para alfabetização de adultos no Mobral.

Mas essa sua faceta jamais escondeu o boa-praça, o gozador sempre de bem com a vida, mesmo quando enfrentava dissabores. Não foi por acaso que em Malaita, uma das Ilhas Solomon, um paraíso perdido e ainda preservado no Pacífico Sul – no qual, por alguma razão, os nativos repetem palavras em todas as frases que constroem no idioma *Pidgin*, espécie de inglês simplificado - seu apelido ficou sendo *Helio Laugh Laugh*: Helio Rindo Rindo. O gozador que chamava de

"Toninho" a imagem de Santo Antônio presente em sua mesa de navegação do *Vagabundo* não hesitava, para abrir portas, em dizer-se, além de brasileiro, amigo de Pelé - o eterno e idolatrado embaixador-mor do país. Dava sempre certo.

A bonomia, porém, não fazia Helio levar desaforo pra casa. Garoto franzino, que em Curitiba precisou praticar natação para vencer a asma, ele se transformou num atleta de 1,87 metro que também lutou karatê e, além de velejar, mergulhava, esquiava, jogava futebol. Não se assustava, pois, com cara feia. Nesta narrativa, foi assim que aconteceu na Ilha Thursday, na costa da Austrália, num bar de hotel: enquanto Helio ia ao banheiro, um valentão engraçadinho pôs fogo na camiseta que ele deixara sobre o balcão. Levou, como diz o autor com algum eufemismo, "um tapão na orelha".

Boêmio e festeiro, como o leitor poderá verificar, namorador inveterado desde que se entendia por gente, navegou também nesse terreno por muitos mares, inclusive na viagem - mas acabou definitivamente nos braços da namorada de muitos anos, Maria Adélia, mãe de seus filhos Antônio e Alice.

Duro quando precisava, mas de coração mole. O Helio que encarava marmanjos se necessário era o mesmo que anos depois, à noite, deitados os dois no gramado de sua casa à beira da represa de Guarapiranga, em São Paulo, ensinava para o filho Antônio coisas do céu, que aprendera com a navegação astronômica.

Outro contraste: desorganizado, esquecido, distraído, Helio no entanto foi metódico o suficiente para fazer, ao longo de toda a viagem, anotações que lhe permitiriam, mais tarde, reconstituir sua trajetória este livro. Para a tarefa, recorreu também à vasta e rica correspondência que, nos anos ao mar, escreveu para os pais, Helio e Hilda: 172 cartas delas em versos brincalhões.

Quem lê o resultado desse trabalho - um livro tão voltado para a natureza e o ser humano - talvez se surpreenda com o fato de Helio ter tida formação em ciências exatas: graduou-se engenheiro civil em 1976 pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, fez estágio em várias empresas de engenharia, meteu-se em construção de barragens, trabalhou, já formado, em três diferentes construtoras, fez

mestrado, passou a trabalhar no Centro Tecnológico de Hidráulica, órgão vinculado ao Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de São Paulo e à Politécnica. Mas acabaria enveredando por outro rumo: mesmo tendo flertado durante bom tempo com a informática, tinha alma de ecologista. Militou em entidades, participou de movimentos, acabou aportando, em efêmera passagem, na Secretaria Especial de Meio Ambiente do governo federal em 1990, como subsecretário na gestão de José Lutzemberger. O ecologista, como o leitor vai perceber, está por todo o livro: na observação da natureza, no interesse por seus mistérios.

Ao longo da viagem, esse observador da natureza tinha o mesmo grau de interesse nas pessoas (primitivas ou não), seus usos e costumes, e fez inúmeras pequenas descobertas para si - em alguns casos, como não poderia deixar de ser, divertidas. A naturalidade diante do sexo na Polinésia. O velho marinheiro de Caicos, nas Bahamas, que foi capitão do iate do mitológico ator Erroll Flynn. A regata *Sail Naked* em Charlotte Amalie, nas Ilhas Virgens Americanas - em que, como o nome diz, homens e mulheres velejam nus e depois comemoram, da mesma forma, dentro de uma grande piscina. Os nativos de Samoa que guardam nas orelhas e no nariz as moedas utilizadas para pagar o transporte público. Os homens da Ilha de Santa Helena, no meio do Atlântico - o lugar do exílio até a morte de Napoleão Bonaparte - que invariavelmente se chamam Thomas. A estranha maldição do *kuru* na Nova Guiné - um eterno sorriso dependurado no rosto da pessoa que, na verdade, é o sinal de uma doença mortal. As imensas crateras de vulcões extintos que, na Ilha de Réunion, entre Mauritius e a África, abrigam civilizações inteiras vivendo quase à margem do século XX. O rastreio da influência portuguesa em lugares remotos como as paradisíacas Ilhas Fiji, onde a palavra para tapioca é *tapioca* e há nativos com o nome de Guilherme.

Para chegar a uma travessia desse porte, Helio passou por todas as etapas de formação como homem do mar não-profissional: arrais, mestre amador, capitão amador. Fez curso de radiotelefonia, estudava tudo o que lhe caía nas mãos sobre o mar, lecionou num curso

para capitão amador. Participou de regatas e campeonatos e foi tripulante de um veleiro oceânico do navegador João Zarif, tornou-se amigo do grande navegador e aventureiro Amyr Klink. (Uma carta de Helio para Amyr ler durante sua longa hibernação na Antártica acabou virando uma espécie de prefácio do best-seller *Paratii – Entre Dois Pólos*). Foi sócio de diversos clubes náuticos, como o Bahia de São Vicente Iate Clube e o Ubatuba Iate Clube - porto de chegada do *Vagabundo* neste livro.

Seu primeiro barco foi uma lancha a motor - a *Tricolor*, homenagem ao São Paulo Futebol Clube, do qual, além de torcedor fanático, foi sócio e conselheiro. Dos barcos a motor logo partiu para os veleiros; houve um *Vagabundo II* e um *Vagabundo V*, o *Brasileirinho*, que compartilhou com um sócio e com o qual começou a grande travessia, e o *Vagabundo* deste livro, cujo "nome completo" de registro é *Vagabundo VII*.

Com Helio, o *Vagabundo* virou gente: na narrativa, o navegador conversa com o barco, faz confidências para o barco, reclama dele, briga com ele, elogia e afaga o barco, sente saudades do Vagau quando incursiona por alguns de seus pontos de parada, ouve o que o barco lhe diz... Não sem razão Helio o chama, no texto, de "meu irmão, meu companheiro".

O Vagau foi a casa de Helio durante muito tempo. Por fora, um veleiro branco, com casco de fibra de vidro, um mastro. Por dentro, um lar eficiente, mas algo espartano. Em seus poucos mais de 10 metros, tem cinco compartimentos, com uma pequena cabine de proa, um mini-banheiro, uma saleta de refeições que também serve de dormitório, uma pequena cozinha (sem geladeira), a mesa de navegação e, à popa, um espaço para o motor.

Apesar de ter feito parte da travessia no *Brasileirinho*, foi certamente no *Vagabundo* que Helio viveu suas maiores emoções. A partir de agora, leitor, você está convidado a partilhá-las.

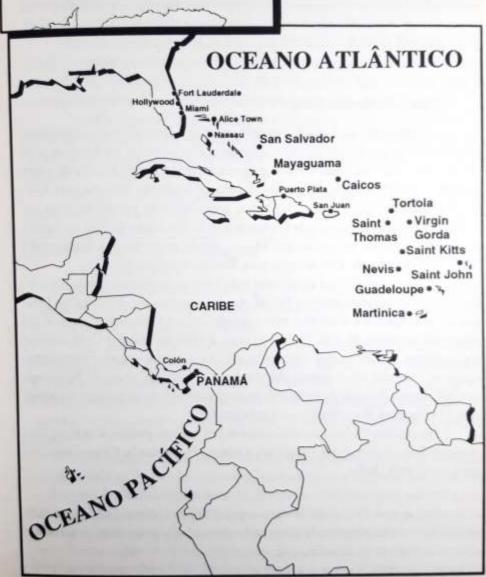
Ricardo A. Setti

Dedico este livro a todos os muitos amigos que fiz no mar

Capítulo 1

A partida, rumo ao Caribe

OCEANO ATLÂNTICO

Fort Lauderdale
Hollywood
Miami
Alice Town
Nassau
San Salvador
Mayaguama
Caicos
Puerto Plata
San Juan
Tortola
Saint Thomas
Virgin Gorda
Saint Kitts
Nevis
Saint John
Guadeloupe
CARIBE
Martinica
Colón
PANAMÁ
OCEANO PACÍFICO

1 *A partida, rumo ao Caribe*

FURACÃO E PALAVRÕES

Aquela que seria minha grande aventura pessoal como navegador começou num dia 15 de setembro, quando o *Brasileirinho*, ou Brasuca, para os íntimos – um belo veleiro de 44 pés, um mastro e casco de fibra de vidro pintado, brasileiramente, de verde – deixou a Hendricks Isle, em Fort Lauderdale, na Flórida. A bordo, o Carlos, engenheiro de produção, meu ex-colega na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e sócio no barco, e eu. Por sugestão de um amigo, Marsh, resolvemos descer a Intracoastal Waterway até Miami, e de lá seguir para Bimini, nas Bahamas.

A Intracoastal é um canal feito pelo homem que corre paralelo à costa. Parece uma grande avenida fluvial, vai do extremo sul dos Estados Unidos até o Canadá e é extremamente conveniente para quem não quer se arriscar aos humores do mar. No nosso caso, a idéia era evitar a Gulf Stream, ou Corrente do Golfo, que sobe ao longo da costa com grande intensidade, como se fosse um rio correndo dentro do mar. Quando se sai de Fort Lauderdale rumo a Bimini, a corrente é quase contrária a quem navega, ao passo que de Miami até lá a corrente vem pelo través[2].

Na descida da Intracoastal, passa-se por muitas pontes levadiças. Em algumas, basta buzinar três vezes para a ponte ser levantada. Outras têm horário certo para abrir.

Em apenas 25 milhas, passamos por Dania e Hollywood, aquele balneário da Flórida homônimo da terra do cinema, e aí já se viam os arranha-céus de Miami, até que chegamos a uma ponte, muito alta, que não abria. Com essa não contávamos. O barco passou justinho, tão justo que nosso *windex*, o indicador da direção do vento, que vai no topo do mastro, quebrou-se. Não havia espaço para ele, somente para o mastro e mais nada.

---

[2] Direção perpendicular à linha proa-popa do barco.

Ficamos dois dias na Miamarina, bem no coração de Miami. Antes de atravessar a Corrente do Golfo, decidimos ancorar numa pequena baía ao sul de Key Biscayne, em frente a Miami. Ali começam as ilhas, ou Keys, como são chamadas, que formam aquele enorme cordão que se estende até Key West, famosa, entre outras coisas, por ter sido residência do Hemingway.

Entre o continente e Key Biscayne forma-se a Baía de Biscayne, e foi ela que cruzamos para chegar a No Name Harbour (literalmente, "baía sem nome"), uma pequena baía, cuja entrada é tão estreita que de dentro não se enxerga o exterior. Um abrigo perfeito para se esconder de um furacão.

No dia seguinte, pela manhã, mergulhando em volta do barco, vi uma barracuda parada na sombra do casco. Foi só subir, pegar a espingarda de mergulho, descer e... lá estava ela ainda. Tiro certeiro: peixe fresco para o almoço.

Era dia de semana, ninguém à vista. A baía faz parte de um parque que toma todo o sul da ilha. A certa altura, vimos chegar um carro com algumas pessoas dentro. Elas desceram, vieram até a margem e de repente ouvimos um grito, em sonoro português:

- Puta que o pariu!

Era um bando de turistas brasileiros. No final até assamos o peixe juntos. Acabamos, Carlos e eu, passando dois dias em No Name. No terceiro, pela manhã, rumamos para Bimini.

Logo que se sai da costa americana, como vimos, entra-se na Corrente do Golfo. O azul da água na corrente é todo especial – um azul-marinho profundo, muito bonito. O dia era de sol e mar liso. A Corrente vem do sul, e o vento era de sudeste. Quando o vento sopra na mesma direção de uma corrente, o mar sempre se alisa. Se for o contrário, ondas enormes se formam.

As Bahamas são um conglomerado de arquipélagos, que se estendem por umas 500 milhas no sentido noroeste-sudeste. Seu extremo norte separa-se da costa da Flórida por menos de 50 milhas e seu extremo sul está praticamente a essa mesma distância do norte de Cuba. São centenas de ilhas, todas muito baixas, com pouca vegetação, praias de areias brancas e água cristalina. É uma região de difícil

navegação, pois entre as ilhas existem recifes, baixios e extensas áreas com bancos de areia. No meio desse mar de águas rasas existe uma região de grandes profundiđades, que chegam a 1.600 metros. Um lugar único no mundo. Por seu formato, é chamado de "língua do oceano". Ali são feitos estudos sobre a vida marinha, já que se considera um microoceano, com exatamente as mesmas características de seus irmãos maiores. Mas o fundo das Bahamas não é feito só de areia e grandes profundidades. Na verdade, sua maior atração são os corais e as águas piscosas.

Com isso tudo na cabeça, vimos a Ilha de Bimini Sul somente à noite. Às onze horas jogamos nossa âncora do lado de fora da barra, rasa e cheia de curvas, e achamos por bem entrar durante o dia, indo até Bimini Norte onde fica Alice Town, a única cidade das ilhas. A primeira visão que se tem é de uma 18uebra-ma de marinas repletas de barcos, na maioria lanchas para pesca de peixe-de-bico.

A ilha sempre foi um centro de pesca esportiva. O bar de seu hotel mais antigo, The Compleat Angler, exibe fotografias do Hemingway posando ao lado de imponentes marlins. Devido à sua proximidade com a Flórida, Bimini é um centro de turismo de americanos. Nos fins de semana, fica repleta: ela é tão próxima que lanchas *off-shore* em menos de uma hora atravessam a Corrente do Golfo.

A BANDEIRA DA QUARENTENA

O oficial da imigração nos deu autorização para permanecermos por dois meses nas Bahamas. Quando se entra de barco num país é preciso seguir um procedimento-padrão. A primeira coisa a ser feita é içar uma bandeira amarela por boreste[3] do mastro quando se está entrando no porto. É a bandeira Q, cujo significado é quarentena, o que quer dizer que você está chegando e solicitando ao organismo de saúde competente que vistorie seu barco. Quando você ancora, ou

---

[3] Lado direito do barco quando se olha da popa para a proa, tendo por abreviação a sigla BE.

atraca em algum cais, esta é a primeira autoridade a vir a bordo – para conferir se há doentes, comidas perecíveis, ratos e outras pestes.

Uma vez o barco liberado da quarentena, baixa-se a bandeira para próxima visita, a do oficial da aduana. Ele vem checar as muambas de bordo, é para ele que se declaram as armas, a carga e tudo o mais que ele perguntar. Esse funcionário tem o direito de revirar seu barco em busca de contrabando. Depois de liberado por ele, o visitante seguinte é a imigração, que vai carimbar seu passaporte e lhe dar a permissão para a estadia. Aí é só ir pra terra e comemorar.

Como disse, esse é o procedimento usual. Em nossa viagem, porém, iríamos descobrir que o usual é o menos usado. Bimini foi o primeiro exemplo. Como não paramos em nenhuma marina, simplesmente ancoramos ao largo (ancorar é de graça, marina é paga) e ninguém veio nos visitar, mesmo com a bandeira Q no mastro, fomos a terra de caíque. Lá procuramos o oficial da imigração, que nem sequer olhou onde estava nosso barco e já carimbou tudo. Ele fez as vezes do oficial de saúde, da aduana e da própria imigração. Antes assim, menos burocracia. Saímos de Bimini procurando uma ilha mais remota onde pudéssemos pescar e ver menos gente.

No extremo norte das Bahamas estão as ilhas Abaco e Grand Bahama. Entre elas existe um grande (apesar do nome) banco de areia, o Little Bahama Bank, que se estende por umas 150 milhas. Entre esse banco e o Great Bahama Bank, o maior de todos, há um canal profundo, o Providence de Noroeste, pelo qual se atravessa as Bahamas de leste a oeste.

É por lá que fomos. Saímos à noite e navegamos todo o dia seguinte com muito pouco vento. Isto me permitiu treinar navegação astronômica, que eu havia estudado tanto e de que tinha tão pouca prática. Nosso destino era Great Stirrup Key, uma ilha à margem do canal e, como Bimini, assentada no Great Bahama Bank. Passamos mais uma noite navegando e no dia seguinte, pela manhã, avistamos a ilha ao longe. Parecia um local tranquilo e, pelo que sabíamos, desabitado. Vimos também que havia um barco ancorado ao largo.

Chegando mais perto, pudemos ver pela luneta do sextante[4] - pois naquela época nem binóculo tínhamos – que um outro barco menor ia e vinha do navio à ilha.

- Vai ver que tem uma plantação na ilha e eles estão carregando o barco.

- Deve ser coco.

- É, deve ser.

Nós nos aproximamos mais e percebemos que o barco ancorado não era simplesmente um barco, mas um navio.

- Um baita navio.

- Deve ser uma plantação bem grande.

Mas não víamos onde atracava o barco que ia e vinha. Um pequeno cabo, encobrindo a praia, tapava nossa visão. Conferimos em nosso *Bahama Guide* que a praia se chamava Bertram Cove e era desabitada.

Mais de perto, conseguimos enxergar um de seus cantos.

- Tem coqueiro até na praia, uns coquinhos pequenos.

- É o coco-anão, eu conheço.

Quando chegamos perto o suficiente, a cena era um pouco diferente.

O navio na verdade era um transatlântico, o barco que ia e vinha levava gente para a praia e não coco para o navio, os coqueiros na praia eram guarda-sóis e a praia deserta de deserta não tinha nada, era gente pra todo lado.

O plano de achar um lugar remoto deu um pouco errado, mas o negócio era descer na praia e conferir. A história é que uma vez por semana parava um navio na ilha, desovava todo mundo para uma grande festa e à noite embarcava de volta.

IMPOSTO DE RENDA NÃO EXISTE

Fomos obrigados a comer um churrasco no peito, mas o melhor mesmo aconteceu depois que o navio foi embora: o pessoal de

---

[4] Instrumento náutico destinado a medida de ângulos no plano vertical.

apoio de terra – músicos, garçonetes e cozinheiros que moravam numa ilha vizinha – deu outra festa com o que *por acaso* havia sobrado: algumas dezenas de garrafas de rum, caixas de gelo repletas de cerveja e por aí afora. No dia seguinte o local estava finalmente de acordo com o que informava o guia: praia deserta. Passamos alguns dias na ilha, e de lá fomos para Nassau, a 50 milhas de distância.

Nassau, capital das Bahamas, fica na ilha de New Providence. Falar de Nassau é falar de turismo, hotéis, lojas, navios de passageiros entrando e saindo do porto e muito movimento de gente. O consumismo está presente em todo lugar, inclusive nas sofisticadas marinas, e parece de propósito, pois só existe um local para se ancorar, fora de mão e em frente a um hotel. Você é quase forçado a ir para uma marina e gastar seu dinheiro. *Quase*, pois permanecemos ancorados.

Foi nesse mesmo hotel que conhecemos um casal brasileiro simpaticíssimo, Maria Helena e Nilton. Demos sorte com eles, pois um dia saímos para velejar e ancoramos numa pequena ilhota, Salt Cay, e embaixo do barco, numa única pedra, encontramos sete lagostas e ainda uma garoupa que passou distraída. Nada como você não aguentar comer mais lagosta. Não é todo dia que se tem esse luxo.

Eles foram embora levando notícias e cartas nossas para o Brasil.

Conhecemos também uma australiana, Roni, uma argentina, Sandra, e um inglês, Robert. Ficamos amigos e nos divertimos muito perambulando pela cidade. Tão amigos que resolvemos ir juntos até a próxima ilha, Saint George's Cay, onde há uma pequena cidade, Spanish Wells.

Navegamos umas 35 milhas em águas profundas e depois 10 milhas com a quilha quase tocando o fundo, pois tínhamos escolhido um atalho por cima de um banco de areia. Não acostumados a navegar em águas tão rasas, passamos momentos de apreensão: a água é tão limpa e transparente e o fundo parece tão próximo que a cada instante você jura que o barco vai encalhar.

Spanish Wells é um lugar único nas Bahamas. Ali, há 400 anos, galeões espanhóis se reabasteciam de água, abundante no local, daí o nome (literalmente, "poços espanhóis"). Dizem os de lá que, se

você cavar um poço na praia, a 3 metros encontra água doce. Mas o mais interessante é que a ilha inteira é habitada somente por brancos, em contraste com a totalidade negra das Bahamas. São descendentes de ingleses que colonizaram Saint Georges no século XVII e lá estão até hoje, inclusive falando a mesma linguagem da época, difícil de entender pra chuchu.

É um lugar onde todo mundo parece viver bem, todos têm suas casas, sempre imaculadas, pintadas de novo, fazendo com que a cidade pareça um conjunto de casas de boneca. A economia baseia-se na pesca da lagosta. Todos os barcos pertencem à comunidade e, portanto, os lucros da pesca são divididos entre todos. Imposto de renda? Não consta do dicionário do pessoal.

Não é preciso ir longe para pescar, basta um mergulho certeiro nos recifes do lado de fora da ilha para se apanhar a quantidade e a qualidade que se quiser de peixe.

Os amigos voltaram para Nassau num pequeno cargueiro e nós seguimos para a Ilha de San Salvador, então tida como o primeiro local onde Colombo pôs os pés na América. (Hoje está provado que a ilha é outra, Samana Cay, umas 50 milhas ao sul de San Salvador.) Mas na época, ignorantes, como o resto do mundo, tínhamos certeza de que pisaríamos onde o Cristovão andou.

A distância até lá é de 150 milhas, das quais 120 são feitas ao longo das ilhas Eleuthera e Cat. Com ventos inconstantes, desde calmarias até tempestades, demoramos quase três dias para chegar.

San Salvador é uma das ilhas mais a leste de todo o arquipélago, ou seja, está em contacto direto com o Oceano Atlântico, recebendo, em suas costas, águas límpidas que não passaram por outras terras. Com isso a água em San Salvador é absolutamente clara. Quando estávamos chegando à ilha em direção a Cockburn Town, o vilarejo principal, navegávamos sobre um azul profundo, o azul-marinho de verdade, o azul das águas oceânicas. O Carlos no timão e eu na proa, olhando por eventuais surpresas.

A meia milha da praia, eu grito da proa:

- Pára que vai bater, tá raso.

A água de azul profundo havia passado a transparente, incolor. Vi o fundo branco de areia. Mas naquele lugar onde pensei que íamos bater a profundidade era, na verdade, de nada menos que 20 metros. Só que a água, limpíssima, me fazia jurar que não passava de 1 metro.

Além do monumento erguido no local onde Colombo supostamente tinha desembarcado, há de interessante na ilha um hotel exclusivo para mergulhadores, com barcos especiais, recarga de tanques e um laboratório fotográfico para os hóspedes que fizerem seu curso de fotografia submarina. O lugar é ideal para se fotografar, pela variedade de peixes e de corais e acima de tudo pela indescritível transparência da água. Em toda a viagem eu não veria água mais clara que a de San Salvador, ilha em que o Colombo jamais pôs os pés.

O VELHO AMIGO DE ERROL FLYNN

De lá rumamos para Mayaguana, outras 150 milhas ao sul. A travessia foi rápida, em pouco mais de 24 horas entrávamos na Baía Abraham, no sul da ilha, que se estende por 5 milhas, sendo cercada por uma barreira de coral. É abrigada, também muito rasa e relativamente grande, 25 milhas de comprimento por 4 de largura, em média.

O único vilarejo fica na Baía Abraham e leva seu nome. Apenas algumas centenas de habitantes, que vivem nela exclusivamente da pesca e especialmente de pegar *conchs* e secar sua carne. A *conch* é uma concha enorme e bonita, abrigando dentro dela um animal carnudo e saboroso. A melhor maneira de comê-lo é cru, no momento em que é tirado da água. Essas conchas, em qualquer lugar do mundo, seriam guardadas como relíquia, enfeite raro. Lá, são tão abundantes que os moradores as quebram para tirar o bicho e jogam fora os cacos. A certa altura, havia tantas conchas que começaram a construir um pequeno quebra-mar com elas. Um absurdo, até para a economia deles, mas de qualquer forma a carne da *conch* era saborosa.

Mergulhamos muito em toda a baía, junto com o Cleveland, um menino que era um peixe dentro da água. Com seu arpão havai-

ano (arpão com um elástico na ponta), ele pegava peixes enormes, inclusive barracudas que, velozes, passavam a seu lado. Ele era filho do Cap e da Doris Brown, proprietários do único restaurante da vila. Bem, restaurante talvez seja um nome pouco apropriado para duas mesas num barraco de madeira. Mas a Doris era campeã na cozinha e o gerador deles sem dúvida mantinha geladas as cervejas do freezer.

Eu vinha, desde os tempos da Flórida, tecendo uma rede para o guarda-mancebo[5] do barco, em sua parte da proa. Uma rede é sempre conveniente, pois ao se baixar uma vela, quando no convés, ela não cai dentro da água. Pode-se evidentemente comprar uma rede e amarrá-la ao guarda-mancebo, porém você há de convir comigo que existe um gosto especial em tecer você mesmo.

Dia de sol, baía tranquila, estava eu lá fora tecendo, totalmente absorto, quando ouço um barulho, algo como chuva caindo. Levanto os olhos e vejo passando, a uns 20 metros do barco, um gigantesco redemoinho com uns 10 metros de altura. Surgiu do nada e ficou ali do lado se movendo devagar, com uma cara ameaçadora. O Carlos sobe ao convés e, como eu, leva um susto com o que vê.

- Será que vem pra cá?

- Sei lá, meu.

- Se vier pra cá, acho que a gente entra pelo cano.

- Também acho.

Mas aos poucos ele se afastou e se desfez no ar.

À noite contamos para o Cap Brown o ocorrido e ele deu o conselho certo:

- Isso é um *water spout*[6]. Para ele parar você tem que cortá-lo ao meio.

- Cortar ao meio?

- Isso, cortar ao meio.

- Você não se incomoda de nos contar como se corta um rodemoinho ao meio?

---

[5] Balaustrada.

[6] Literalmente, um “jorro de água”.

- Com uma faca; é claro. É só você passar a faca no ar que ele se corta e some.

- Já entendi. Da próxima vez a gente arruma uma bem afiada e corta o bicho no meio.

Ficamos sem entender nada.

Mayaguana foi a última ilha do país Bahamas em que estivemos, mas não do acidente geográfico Bahamas, pois as ilhas do extremo sul do arquipélago, embora geograficamente idênticas às Bahamas, não integram o país: são possessões britânicas. Chamam-se Turks e Caicos, e foi pra lá que o *Brasileirinho* aproou depois de darmos o último adeus aos nossos amigos em terra.

Saímos de manhã e chegamos na manhã do dia seguinte. Ancoramos na Baía de Cockburn, na Ilha Caicos do Sul. A estadia foi curta e um tanto desagradável, pois logo no primeiro dia roubaram nosso caíque, uma grande baixa para nós que, entre outras coisas, estávamos duros, e um caíque, por mais mixo que seja, sempre é caro.

A cidade à beira da baía parecia uma vila perdida no deserto, sem árvores e com uma vegetação rasteira e esparsa. Só pedras à vista, esquentadas pelo sol. Um lugar quente, sem uma sombra.

De Caicos, o que ficou de lembrança em minha cabeça foi o velho Malcolm.

Perambulando pela vila sob um sol escaldante e com as ruas de terra totalmente desertas, achamos um boteco apinhado de gente, sem dúvida porque abrigava do sol e também porque parecia que ninguém fazia nada naquela terra. Foi lá que conhecemos o velho capitão Malcolm, um negro forte, de cabelos inteiramente brancos, respeitado e admirado. Sua fama não era indevida: ele tinha sido comandante do iate do mitológico ator de Hollywood Errol Flynn, o *Zaca*, veleiro de mais de 100 pés de comprimento e, segundo ele, com 16 pés de calado!

- Depois de dois anos eu cansei, era muita festa, ir para a Europa, voltar da Europa. Muita festa.

- Mas devia ser divertido, capitão, o senhor deve ter conhecido gente famosa.

- Conheci todos eles.

Apesar do Malcolm, nosso humor com Caicos não mudou e resolvemos seguir viagem para a República Dominicana.

Para navegadores *– Saímos de Caicos por volta do meio-dia, já sentindo a presença dos alísios soprando de leste a uns 25 nós. Bujita adriçada e a grande na primeira forra de riza. Nosso rumo era sul e, portanto, o vento vindo do través proporcionou uma velejada ótima, com o* Brasileirinho *desempenhando maravilhosamente bem, andando lá pela casa dos 8 nós. Fizemos 20 milhas neste rumo, que era a maneira mais safa de nos livrarmos do Muchoir Bank, ao sul da ilha Turk, que além dos bancos de areia tem alguns recifes. Depois orçamos um pouco para o rumo 150°, esperando que Puerto Plata estivesse em nossa proa.*

Num de meus turnos, à noite, o vento aumentou bastante e a chuva veio me molhar. Chover à noite no seu turno, com o vento forte e o mar com ondas de 4 a 5 metros, é tudo o que você não quer, é daquelas coisas que você deseja para aquele cara que andou lhe armando umas sacanagens. Mas, como diria o da Viola, "coisas da vida, minha nega"!

Amanheci no timão, e qual não foi minha surpresa ao descobrir que aquelas nuvens lá no horizonte não eram nuvens, mas uma cadeia de montanhas. República Dominicana à vista. Que maravilha ver morros de novo! Já andava meio cheio daquela planura que eram as Bahamas. Ansiava por ver mato, verde, montanha, uma natureza mais exuberante. E isto tinha de sobra em Puerto Plata.

"MUY MALO Y MUY BUENO"

Aportamos no *Muelle de la Aduana* por volta das três da tarde, meio receosos das autoridades, por estarmos com um rifle e aquele monte de armas de mergulho (afinal os homens podiam pensar que, além de contrabandistas, éramos terroristas ou coisa que o valha). Mas o que encontramos foi uma grande hospitalidade. As autoridades, por sinal, nem se dignaram entrar no barco.

Muito agradável sentir novamente aquele ar latino, as pessoas espontâneas, aquela usual desorganização, o ambiente descontraído. O *Muelle* é um cais no sentido mais amplo da palavra, com putaria logo ao lado, botequins com uma cerveja gelada de doer a cabeça e por sinal do tamanho das nossas Brahmas, incomparavelmente melhor do que aquelas garrafinhas americanas, que não dão nem pro primeiro gole.

Mais que isso, na praça principal (o famoso largo da matriz) tem coreto e igreja, e aos domingos a banda ataca a todo vapor, enquanto se vai paquerando as moças no *footing* em torno da praça, no melhor estilo interiorano. Curti demais ouvir *La Cucaracha* tomando um sorvete do tipo feito em casa, de sabor indefinível, ao entardecer de um domingo. Uma outra tarde jogávamos partidas de sinuca, ou melhor, carambola no bar da esquina (da praça, é claro), em que ficou patente que eu estava pra lá de fora de forma.

Ao sair do salão me sentei num banco bem sombreado da praça e comecei a puxar uma prosa com o vizinho ao lado. A conversa caiu pro lado da política e, como não podia deixar de ser, meu vizinho era contra o governo, como normalmente se deve ser. Aliás, dos mais exaltados, a ponto se formar uma roda em volta de nós dois, com todo mundo malhando o governo (diga-se de passagem tratar-se de um país essencialmente democrático e livre, com eleições, daquelas em que o povo vota, partidos comunista, socialista, de direita etc). Foi quando perguntei, referindo-me ao falecido ditador que dominara a cena da República Dominicana durante três décadas, até 1961: e o Trujillo, como era? E foi também quando ouvi uma resposta de fazer inveja a qualquer político mineiro, daqueles do PSD de antigamente: "*Trujillo? Trujillo era muy malo, pero era muy bueno también*". Beleza, né?

A conversa terminou no bar da sacada (que dá pra praça, é claro), entre uma cerveja e outra. Puerto Plata tem um Cristo no alto de um morro, tipo Corcovado, que se chama Isabela de Torres, não me pergunte por quê. Vai-se até lá num teleférico. E lá em cima, além do Cristo, existe um parque muito bonito e bem cuidado. Fiquei profundamente impressionado com a limpeza, parece que varrem o parque todo de meia em meia hora, não se vê uma bituca de cigarro no

chão. Francamente, não esperava isso. Imaginava um padrão, digamos, mais latino, com uma sujeirinha pelo chão, jardim malcuidado. Vista maravilhosa, Puerto Plata a nossos pés e aquele mar a se perder de vista. Encontrei momentos de muita paz lá em cima.

Conhecemos, na doca, um casal muito interessante, Wayne e Kristina Carpenter, com uma filha mais interessante ainda, a Jennifer. O Wayne fora editor da revista *Pacific Skeeter* e já fazia uns três anos que eles estavam viajando, tinham atravessado o Atlântico até os Açores e voltado, e velejado por todo o Caribe e o Golfo do México. No momento estavam curtindo um pouco a vida de Puerto Plata e depois pretendiam se estabelecer por um ano em Fort Lauderdale, para a Jennifer frequentar a escola e ver como é que é. Afinal, a pobrezinha já estava com seus 18 anos. Uma grande família, batemos longos papos no *cockpit* do *Brasileirinho* e do *Kristina*, que também era o nome do barco, cujo tamanho, acreditem ou não, era só de 25 pés.

De Puerto Plata a San Juan, nossa próxima escala, vai-se contra os alísios. Os alísios, ora os alísios! Eu compararia os alísios ao Pelé. Quem não achava uma maravilha ver o homem jogar? Só o infeliz do beque que jogava contra, que no mínimo devia ter vontade de dar um nó nas pernas dele. Pois velejar com os alísios é a mesma coisa. Quando eles o empurram para o seu destino, é a melhor velejada que você pode dar. Agora, experimente ir contra. O mínimo que você faz é xingá-lo o tempo todo, "vento desgraçado, vai soprar embaixo da saia da tua mãe!" De Puerto Plata a San Juan são 300 milhas em linha reta, que se tornam quatrocentas e tantas com todos os bordos[7] que se tem que dar. Além disso, o Mona Passage, um estreito entre duas grandes ilhas – Hispaniola (onde ficam a República Dominicana e o Haiti) e Porto Rico – é famoso por suas más condições de tempo ao longo do ano todo. Só sei que no terceiro dia de viagem, ao amanhecer, no meio do estreito, tempo enferruscado, céu totalmente encoberto, chuva forte, vento lá pelos seus 35 nós[8], estava eu no timão

---

[7] Manobras em ziguezague, com o barco recebendo o vento ora de um lado, ora de outro.

[8] O nó é uma medida de velocidade que corresponde a um deslocamento de 1 milha marítima - 1.852 metros - por hora.

enfrentando ondas de, acredito, até 8 metros de altura. Numa hora dessas é uma grande vantagem ter um pouco (quanto mais melhor) de sangue italiano nas veias, pois ninguém melhor que a *buonna gente* sabe blasfemar, e nada como xingar até a última geração de cada onda que passa querendo engolir o seu barco – não que resolva, mas alivia bem.

TODO MUNDO NU NA REGATA

O *Brasileirinho* enfrentou esse mar por algumas horas, depois creio que o Rei Netuno resolveu conceder uma colher de chá ao subdesenvolvido, dando uma alisada no mar. E até San Juan tivemos um mar amigo, embora com o infeliz do vento vindo sempre de proa. Parecia que haviam instalado um ventilador, dos grandes, bem na entrada da barra. Chegamos às onze e meia da noite de uma sexta-feira, depois de quatro dias e oito horas de viagem, e acredito que ao atracarmos na doca do Club Náutico de San Juan devia estar escorrendo uma salivazinha pelos nossos queixos de tanta vontade de tomar uma cervejinha gelada.

E que cerveja! Tomei um chope escuro que dá pra correr no mesmo páreo de um dos nossos melhores sem fazer feio. Chama-se Hofbräu, e com esse nome só podia ser alemão, é claro. Muito saboroso. No começo achei que podia ser por eu estar há quase cinco dias tomando água morna, mas depois de passar quinze dias por lá fui obrigado a reconhecer que ele era bom mesmo.

Permanecemos umas duas semanas em San Juan e foi uma alegria receber a visita de dois amigos lá do Brasil, o Reynaldo e o Antonio Carlos.

Clima de eleições em San Juan, com papel picado pelas ruas, cartazes colados em cada espaço livre dos muros e postes, e todo mundo discutindo a respeito.

Um dia estávamos na doca do clube e começaram a chegar umas lanchas brilhando de novas. Atracaram todas juntas. Uma meia dúzia. A história era que à noite haveria um coquetel patrocinado pelo revendedor daquela marca, bem ali na doca. Para encurtar a conversa,

essa foi a maior boca livre que peguei em minha vida. A dez passos do *Brasileirinho* corria solto todo tipo de bebida – champanhe francês, uísque escocês, vodca e por aí afora – e, pra completar, filé mignon ou lagosta à vontade. Desceu tudo tão macio que nem ressaca tivemos no dia seguinte.

Saímos de San Juan rumo às Ilhas Virgens, a umas 70 milhas a leste, e mais uma vez enfrentamos os alísios que vinham diretamente de encontro ao nosso rumo. Contravento[9] direto – o que poderíamos ter feito em 12 horas, percorremos em 24. Vento fraco e contra, corrente forte e contra.

Chegamos na noite do dia seguinte a Charlotte Amalie, cidade da Ilha de Saint Thomas e capital das Ilhas Virgens Americanas. O arquipélago das Ilhas Virgens divide-se em Ilhas Virgens Americanas e Inglesas. As principais ilhas americanas são Saint Thomas, Saint John e Saint Croix, e as principais inglesas Tortola, Jost Van Dike, Virgin Gorda e Anegada. Exceção feita a Anegada e Saint Croix, são todas muito próximas entre si – tão próximas que de uma ilha se vêem as outras e raramente se precisa usar a bússola, basta olhar para seu destino e timonear até ele.

Charlotte Amalie é uma cidade bonita, dentro de uma enorme baía com centenas de barcos ancorados e uma grande marina ao fundo. Como ainda estávamos sem caíque, fomos obrigados a ficar na marina e gastar nosso curto dinheiro, sob pena de ter que nadar uma milha até a terra. A Sheraton Marina é um centro turístico em frente a um grande hotel e abriga frotas de veleiros para charter. Pode-se descrevê-la como uma festa constante, a cada dia acontece um evento, muita música no bar que fica dentro da marina, regatas e comemorações.

Falando em regata, a mais interessante que vi em toda a minha vida foi a Piña Colada Regatta, em Charlotte Amalie, cujo slogan era *"Sail naked"* (veleje pelado). Nela, só podiam competir barcos de charter e toda tripulação tinha obrigatoriamente que estar pelada. Mais que isso, os barcos desfilavam em frente à marina com a moçada

---

[9] Navegação em sentido contrário ao vento.

toda sem roupa. Em alguns barcos, cada tripulante pintava na bunda duas letras do nome do barco – uma em cada lado do bumbum – e, quando passavam no desfile, era aquele *cardume* de bunda chacoalhando e anunciando os nomes dos veleiros... Depois da regata a festa era na piscina do hotel, com farta distribuição de rum e cerveja e a entrega dos prêmios *naked*. Dá pra imaginar a zona que era. Juro que não deu pra reclamar de nada.

Encontramos em Saint Thomas um saveiro de propriedade de um portorriquenho mas feito na Bahia, o *Iansã*, comandado por mestre Florentino, conhecido em toda Salvador como um homem do mar como poucos. Isso eu viria a descobrir anos depois, passando pela Bahia.

Em Saint Thomas fizemos um charter com o *Brasileirinho* – uma forma de ganhar dinheiro de que eu lançaria mão durante toda a viagem – para um casal de uruguaios, o Gustavo e a Isabel, que logo se tornaram amigos e não clientes. Passamos dias agradabilíssimos juntos.

Tivemos visitas brasileiras. Vieram o Guilherme, irmão do Carlos, e sua esposa, Zupe, e meu amigo, querido amigo Celso, engenheiro civil como eu, que conheci quando trabalhamos no Centro de Tecnologia Hidráulica, em São Paulo.

- Sabe, Helio, eu vinha só passar uns dias, aproveitando minhas férias, aí pensei bem e resolvi vir pra ficar, vou viajar com vocês.

Notícia melhor não podia haver.

CHEGA A MULHER AMADA

O Guilherme e a Zupe voltaram e logo depois o Carlos também foi ao Brasil para passar o Natal com a família e repensar a viagem. Mas a grande visita chegou depois de tudo isso acontecer. Minha amada Maria Adélia veio me visitar, passar um tempo a bordo. Colírio para os olhos revê-la. Uma saudade grande demais apertava meu peito. Embora a vida estivesse boa, faltava ela pra dar plenitude.

Se não pude recebê-la com honras de princesa, com tapete vermelho e batedores, meu coração se encarregou de fazê-la a mais bem-vinda das bem-vindas. Saudade, saudade, Adelita.

Saint John é a ilha mais próxima a Saint Thomas, apenas algumas horas separam uma da outra. A cidade principal, plantada numa pequena baía com o mesmo nome, é Cruz Bay. Esse talvez seja o lugar mais charmoso e agradável de todas as Virgens: uma cidade minúscula, toda arborizada, com pequenas lojas e cafés, logo ao lado de um parque nacional e, portanto, junto a uma grande mata. Toda noite o reggae rolava em alguma casa, algum bar ou mesmo na rua, com uma banda tocando. Havia literalmente música no ar, as pessoas nas ruas pareciam não andar, mas dançar. O incrível era esse clima festivo coexistir com um ar tranquilo, de uma calma cidadezinha de interior.

Pouco mais de 500 metros fora da cidade existe um pequeno centro com lojas, bares e restaurantes chamado Mangoose Junction. No meio do mato, esse pequeno shopping center foi todo feito de madeira e pedra, preservando-se ao máximo a paisagem local. Seu ponto alto é um bar encantador, sem paredes, aberto para o verde, com pé direito duplo, o Moveable Feast.

Praias e baías rodeiam a ilha. Há Trunk Bay, por exemplo, parte de um parque nacional, maravilhosa por sua areia alva e por corais que se formam bem ali na beira da água cristalina. Ou Maho Bay, um lugar sossegado, com boa ancoragem e um hotel/acampamento muito especial. Quando se chega à baía por mar, só se vêem árvores, aparentemente intactas, em um dos morros que a circundam. Já na praia é que se percebe que ali há um hotel. São 105 cabanas construídas sobre estacas em toda a encosta do morro, interligadas por passarelas de madeira. No topo do morro existe um pequeno restaurante e mini-mercado, a que se chega por uma passarela. Você tem opção de cozinhar em sua cabana de lona verde, e portanto camuflada no mato, ou no restaurante. Um lugar lindo e inteligente, que respeita a natureza.

Passamos o Natal em Maho Bay, junto com quatro amigos que tinham uma casa na beira da água, na praia vizinha à do hotel:

Warner, Liza, Tim e Susan. Para quem está longe de casa, passar o Natal na casa de alguém é muito agradável, traz um pouco da sensação de lar em terra firme.

Do outro lado da ilha está a maior baía de todas, Coral Bay, estendendo-se por várias milhas terra adentro, com compridos braços de mar à sua volta, formando perfeitos locais para abrigos de furacão, os *hurricane holes*.

Talvez o lugar mais divertido em que estivemos tenha sido Little Harbour –como o nome já diz, uma pequena baía em Jost Van Dike. Toda a sua volta é um costão, com exceção de uma pequena praia, absolutamente abrigada, com dois pequenos restaurantes lado a lado, o Harry's Place e o Sidney's Place.

Durante o dia o lugar era absolutamente pacífico, sempre estávamos sozinhos, Adélia, Celso e eu, jogando um papo com o Sidney, dono de um dos restaurantes, ou com o pessoal que morava por ali, fazendo windsurf, mergulhando, ou seja, vagabundamente deixando o dia passar. À noite, porém, Little Harbour se transformava. No fim da tarde, em questão de uma hora chegavam às vezes vinte barcos de charter para pernoitar ali e o que acontecia era que tudo se transformava numa grande festa, regada a muito rum e reggae. No final quem mais se divertia era o Sidney: mais do que um negócio, aquilo era diversão para ele. Little Harbour era tão informal que nem sequer havia garçom, bastava ir até a geladeira e pegar uma cerveja, ou preparar um rum no bar, e depois você mesmo anotava num caderno o que havia apanhado. Um sistema baseado na confiança. Ríamos só de pensar o quanto o Sidney seria passado pra trás, se implantasse o sistema no Brasil.

Foi do Sidney que compramos um pequeno e semidestruído caíque de fibra-de-vidro para substituir o que nos haviam levado. Remendamos, colamos e ele flutuou. O velho caíque acabaria me acompanhando até a Austrália. Essa é uma boa tática para se ter um caíque: quanto mais esculhambado, sujo e velho ele for, maiores são as chances de que ninguém roube.

Estivemos também em Tortola e na Virgin Gorda, muito bonita, embora basicamente desértica, com vegetação baixa e esparsa,

um grande contraste quando se compara com Saint John, verde de ponta a ponta. Uma parte da costa, muito especial, chama-se The Baths: gigantescas pedras afloram ao longo da praia e formam uma paisagem diferente.

Na Virgin Gorda, resolvemos nos tratar bem e ficamos numa marina sofisticada, com água encanada e eletricidade no barco e um fantástico banho quente em terra. É incrível o que um simples banho com água à vontade pode fazer para quem está salgado há um certo tempo num barco. Cada gota de água doce vale seu peso em ouro.

Foi o último lugar que conhecemos nas Virgens.

CARNAVAL, CALIPSO E REGGAE

Havíamos descoberto que a passagem do ano em Saint Kitts – país independente, membro do Commonwealth britânico – era uma grande festa, um carnaval do padrão do nosso, guardadas as devidas proporções, com desfile pelas ruas e tudo mais. Decidimos conferir, e quatro dias antes do réveillon saímos da Virgin Gorda e rumamos para lá. Apenas 70 milhas separam as duas ilhas.

A ilha parece um enorme número 8, sendo que Basseterre, a capital, fica quase na garganta da porção maior do 8. De origem vulcânica tem no centro um vulcão, o Mount Misery, que para sorte de todos não é mais ativo. A cultura principal da ilha é a cana-de-açúcar. Na aproximação, chama a atenção um enorme forte situado na parte noroeste, Brimstone Hill, construído no começo do século XVIII pelos ingleses para servir de guardião das Índias Ocidentais.

O forte é belíssimo, tendo sido edificado em diversos níveis, aproveitando-se a topografia do terreno. Lá de cima a vista impressionante parece abranger o Caribe inteiro: vê-se Saba e Saint Eustatius, mais para o norte Saint Marteen e Saint-Barthélemy e, ao sul, Nevis e Montserrat.

Depois, carnaval. O calendário oficial diz que o carnaval de Saint Kitts é mais comprido do que o nosso: vai de 26 de dezembro a 2 de janeiro. Mas a apoteose acontece no dia 31, com o desfile pelas ruas. É uma miniatura do desfile das escolas de samba do Rio. A rua é

mais estreita, tem, claro, menos gente, mas vive-se uma fantástica animação. Carros alegóricos, fantasias coloridas e muita, muita música, só que em vez de samba ouve-se calipso e reggae, ritmos eletrizantes, que parecem entrar dentro do seu corpo. Os rastafáris, com seus enormes cabelos e gorros, puxavam o ritmo e tocavam os instrumentos. Passamos o dia pulando, cantando e bebendo o que é pinga para eles: rum.

De Saint Kitts fomos a Nevis, a pouco mais de 10 milhas de distância, que está para mim entre as mais belas ilhas do Caribe. Ela é praticamente redonda e possui um vulcão bem no meio. Um lugar paradisíaco, e ainda tendo a seu favor o fato de ser muito pouco procurada por turistas, o bicho que mais dá no Caribe. É que não existe nenhum hotel na ilha. Só indo de barco.

O rumo seguinte foi um pequeno grupo de ilhas ao sul de Guadeloupe, as Îles des Saintes. No caminho passamos ao lado de Redonda e Montserrat. O pequeno arquipélago se compõe de quatro ilhas, sendo Terre-de-Haut e Terre-de-Bas as duas maiores. Ancoramos em frente à vila principal das ilhas, em Terre-de-Haut. Lugar minúsculo, mas de enorme charme. Pequenas vielas com cafés, pequenas lojas, casas antigas, casas avarandadas e ruas praticamente sem automóveis, e uma fonte de delícias: uma padaria. Finalmente um lugar com um pão decente, baguetes torradinhas que desciam com uma facilidade incrível para o estômago. Pão fresco, queijo francês e um bom vinho fazem maravilhas ao espírito.

Esse foi o primeiro lugar de colonização francesa em que estivemos, e só posso dizer que adoramos. Passamos quase uma semana em Les Saintes, simplesmente fazendo nada, só andando pela vila, mergulhando em suas águas claras entre goles de vinho e pedaços de pão. O charme não é algo que se possa descrever, quando existe se sabe, mas não se explica.

Les Saintes fazem parte das ilhas que ficam em volta de Guadeloupe e a ela pertencem. Marie Galante, La Désiderade e Îles de la Petite-Terre situam-se entre o sul e o leste de Guadeloupe, uma ilha enorme, também com um formato de 8, como Saint Kitts, só que

muito maior e mais alta. A cidade principal e capital da ilha é Pointe-à-Pitre, estabelecida quase no istmo entre as duas massas de terra.

Perto de Pointe-à-Pitre existe uma marina, Port de Plaisance de Bas du Fort, onde atracamos depois de velejar seis horas desde Les Saintes. A marina, além de enorme, com 600 berços para barcos, é moderna, com lojas, restaurantes, *travel-lift*[10], apartamentos. Foi lá que ficamos aguardando a chegada do Carlos. Com tempo disponível, demos um trato no *Brasileirinho*, gastamos verniz e graxa e um pouco de linha remendando algumas velas.

Um dia pegamos uma carona para Pointe-à-Pitre com um senhor francês um tanto tímido, o Eli. De poucas falas, foi gentilíssimo a ponto de, à noite, quase nos obrigar a ir jantar em sua casa, onde fomos bem recebidos por sua esposa, Josette, natural de Guadeloupe. Eli trabalhava na televisão francesa e já havia estado em todo lugar onde ela mantivesse uma sucursal ou escritório. Logo começou a chegar gente em sua casa, o pessoal da televisão: sem nos avisar, ele havia preparado uma festa para nós. O motivo?

- Eu gosto de tratar bem as pessoas, principalmente pessoal de barco que está longe de seu país. Assim vocês se sentem mais em casa e vêem que nós, franceses, somos hospitaleiros.

Dois dias depois um outro casal, Jacques, gordo, gozador e mulherengo, e sua esposa, Lucette, nos convidaram para ir a sua casa ver um filme sobre a Nova Caledônia, onde eles tinham morado.

- É importante vocês verem o filme. Assim, quando chegarem lá já sabem o que vão encontrar.

Incrível, qualquer coisa era motivo para nos propiciarem uma gentileza: todos os dias iam nos visitar no barco, nos levavam a passear, nos mostravam a ilha, nos convidavam para jantar. Num domingo levaram a gente para um piquenique do outro lado da ilha, onde numa praia deserta fizemos churrasco, mergulhamos e até jogamos *pétanque*, que imagino seja o mais francês dos jogos franceses e se parece com a bocha, que os italianos trouxeram para o Brasil.

---

[10] Guindaste que levanta e tira da água o barco por meio de cintas colocadas sob o casco.

Depois de uma semana em Guadeloupe chegou o Carlos com uma amiga, Luíza, decidido a continuar a viagem e com ânimo redobrado depois de uma boa estada no Brasil. Antes de partirmos, compramos barato um windsurf em quase bom estado. Esse esporte era o segundo mais popular da ilha, depois do ciclismo.

A próxima parada era Dominica, a apenas 40 milhas de Pointe-à-Pitre. Nos despedimos de nossos amigos, mais gratos do que nunca, combinando que nos veríamos em breve em algum lugar do mundo.

- O mundo é pequeno, Helio, e como nós dois gostamos de viajar, vamos nos encontrar – disse Jacques.

Ele estava certo.

APREENSÃO ANTES DA TRAVESSIA

Levamos o absurdo de dois dias para cobrir as tais 40 milhas, tamanha a falta de vento. Ancoramos por volta do meio-dia na baía de Plymouth, na parte noroeste de Dominica. A praia era tão suja, a vila do mesmo nome tão imunda e as pessoas tão pouco amistosas que, apesar do que li e ouvi a respeito da beleza de lá, no dia seguinte levantamos âncora rumo à Martinica.

Para completar nossa má impressão, saímos de Dominica sob chuva torrencial, que resultou em quase nenhum vento. Passamos a noite e boa parte do dia seguinte boiando. Só na manhã do outro dia fomos chegar a Fort-de-France, a capital da Martinica. Permanecemos alguns dias ancorados em frente à cidade, turística e movimentada. A ilha é enorme e seria até injusto dizer que a conhecemos, apenas passamos por lá.

Tínhamos à nossa frente, agora, nossa primeira grande travessia, com mar aberto por muitas milhas, com o horizonte, céu e mar por muitos dias. Preparamos o barco, aprovisionamos nossa cozinha, enchemos os tanques de água e diesel e, acima de tudo, preparamos a nós mesmos para a primeira experiência desse tipo.

De Fort-de-France iríamos para o Panamá, para o canal que nos levaria diretamente ao Pacífico, o tão sonhado Pacífico. Imagens

de ilhas de sonho, praias remotas, coqueiros contra o azul do céu passavam pela minha cabeça. Eu ansiava por esse encontro há muitos anos, tinha sonhado muitas noites com ele. Quantas vezes na minha cabeça já havia feito essa travessia! Em meus sonhos, de tão sonhados, eu já era um velho lobo-do-mar. Mas a realidade me chamava a atenção e eu me via um marinheiro de pouca experiência, apreensivo com sua primeira travessia. As ponderações eram muitas. Como o barco iria se comportar? Como seria o tempo? Como nós iríamos nos portar? A navegação astronômica, será que eu iria acertar depois de tanta teoria e tão pouca prática? Tudo isso estava presente a todo momento em meus pensamentos e tenho certeza de que todos pensavam de forma semelhante.

Desde Fort Lauderdale eu tinha percorrido quase 3.000 milhas, mas nunca fizera uma travessia acima de 1.000 milhas, nunca havia navegado muito tempo sem ver terra, simplesmente não podia me considerar experiente. O barco ainda não tinha aquela intimidade necessária nem comigo, nem com o Carlos. Se já havia uma esteira em nossa popa, a verdade é que tínhamos ainda muitas ondas pela proa para podermos nos sentir experimentados.

Assim foi que no dia 25 de janeiro, às duas da tarde, levantamos âncora em Fort-de-France e partimos da Martinica com destino a Cristóbal, no Panamá.

Para navegadores – *Essa travessia prometia ser simples, apesar de tudo, pois nosso rumo era apenas um pouco ao sul de leste e o vento predominante na região sul do Mar do Caribe é o alísio de nordeste, ou seja, deveríamos ir numa empopada o tempo todo. E esta é a melhor configuração que se pode ter para uma travessia longa, pois o barco navega plano, sem adernar, o que é extremamente confortável.*

Embora tivéssemos um spinnaker*, não iríamos usá-lo nessa viagem. A quase totalidade do trajeto seria em asa-de-pombo. A asa-de-pombo é feita com a vela mestra e uma vela de proa. No começo da viagem, com vento não muito forte, usávamos a mestra inteira e a nossa genoa 1, de 150%. Imagine o vento de popa vindo por boreste. Arma-se a vela mestra, bem aberta*

por bombordo e por boreste, arma-se o pau do spinnaker*, com a escota da genoa passando por sua ponta, de tal forma que ela fique aberta. Dessa maneira se tem a maior área vélica possível exposta ao vento.*

A retranca da vela mestra é presa por dois cabos: sua escota, que vem da retranca para barlavento, e seu contra-burro, chamado de burro da mestra, preso mais ou menos do meio da retranca para sotavento. Assim a retranca não vai nem para um lado, nem para o outro: fica travada. O pau do spinnaker*, por sua vez, é preso por três cabos. O primeiro é o amantilho do pau, que sai do mastro, vários metros acima do pau, indo até sua ponta. O amantilho não permite que o pau caia. O segundo, o burro do pau, é um cabo que sai do convés e vai até a ponta do pau. Sua função é não deixar o pau elevar-se nem ir para trás. Normalmente se veleja só com esses dois cabos e com a escota passada na ponta do pau. Nós, além desses cabos, usávamos mais um, que era amarrado na ponta do pau, esticado para trás e preso no cockpit. Este cabo não deixa o pau ir para frente. Com esses três cabos, independentemente da escota e da genoa, o pau fica fixo em uma posição, o que é extremamente conveniente.*

Pode-se, por exemplo, orçar, que a genoa simplesmente passa para o outro lado e o pau permanece fixo em sua posição, não batendo em nada. Mais do que isso, se todos esses três cabos – o amantilho, o burro e o que impede o pau de ir para frente – forem presos no cockpit, pode-se abaixar o pau sem ir até a proa, o que, de novo, é conveniente se o mar estiver ruim.

Nas primeiras 24 horas fizemos 136 milhas, depois 132.

Eu praticava navegação astronômica quase o dia inteiro e o Carlos, me acompanhando, começou a aprender. Era importante que nós dois soubéssemos navegar, não se pode prever quando vai dar dor de barriga. Na madrugada do quarto dia, Curaçao estava no nosso través, embora não pudéssemos vê-la.

Éramos cinco a bordo – Adélia, Luíza, Carlos, Celso e eu. Cavalheiros, deixamos as moças descansando e só nós fazíamos os turnos, três horas cada um. Ou seja, para cada um de nós eram três horas de timão contra seis de descanso. E timoneávamos de fato, pois nosso

leme de vento[11] insistia em não funcionar. Nessa travessia sentimos a falta que fazia um leme de vento eficiente, pois nas seis horas fora do timão, cada um de nós tinha que cozinhar, lavar louça, trimar[12], trocar as velas e navegar. No final, o tempo era todo tomado e quase não se descansava. Foi a primeira grande lição que começamos a aprender: o primeiro e mais importante instrumento de um barco é o leme de vento.

No dia seguinte, de madrugada, avistamos o Farol dos Monges, que marca a entrada do Golfo da Venezuela. De manhã vimos ao longe a costa da Colômbia e, à tarde, aconteceram duas coisas marcantes ao mesmo tempo. Nós, que tínhamos um corrico[13] desde a Martinica e não havíamos pego nada, apenas dado banho na isca, finalmente vimos um dourado morder a isca. Alegria a bordo. No momento em que embarcamos o dourado, porém, uma onda traiçoeira fez o barco atravessar e aí vieram os problemas. O garlindéu, a peça que segura a retranca[14] ao mastro, se partiu, e o burro[15] da vela mestra[16] estourou no jibe[17]. Isso deu trabalho. Passamos cabos por todos os lados para segurar a retranca no lugar, a aparência não ficou das melhores, mas funcionou.

A onda sacana que quebrou o garlindéu foi um aviso, pois à noite o vento aumentou muito. Até então, o máximo que havíamos pego era 25 nós, o que, para um barco do porte do *Brasileirinho*, e vindo pela popa, não é nada. Agora o vento havia subido para 35, dando, nas rajadas, 40 nós. As ondas, que nunca tinham deixado de ser respeitáveis, tornaram-se enormes, e quase todas as cristas estouravam, tornando o mar mais branco que azul. Passamos a noite inteira com esse vento.

---

[11] Equipamento de direção que possui um dispositivo que, sob a ação do vento, mantém o barco em navegação numa direção constante e preestabelecida.
[12] Regular o velame e os cabos do barco para realizar uma boa navegação.
[13] Linha de pesca estendida à popa do barco e por este rebocada.
[14] Verga, peça tubular de alumínio ou madeira, que trabalha presa na parte inferior do mastro, na qual se prende o lado inferior (esteira) da vela grande (mestra).
[15] Sarilho de cabos que fixam a retranca.
[16] Vela que se iça junto ao mastro, é fixada a ele para o lado da popa e presa na retranca.
[17] Manobra para mudar a direção de navegação, de forma a que o vento, durante a manobra, passe pela popa do barco.

Nesses momentos, embora o sujeito fique tenso no timão, é que se tira o maior proveito da timoneada. O barco voa, desce as ondas, formando dois enormes bigodes na proa, o estaiamento[18] treme na subida e você, com o timão nas mãos, sabe que está controlando aquilo tudo, sabe também que a qualquer instante uma onda maior pode colocar até o mastro na água. É uma mistura de medo e exaltação, um sentimento forte. São esses momentos que fazem a vida valer a pena.

Nas descidas da onda, sem muito esforço, o Brasuca acusava 12 nós no speedômetro[19] fazíamos uma média fantástica.

O sexto dia de viagem foi inteiro de vento forte e mar grosso, o *Brasileirinho* parecia gemer de prazer a cada descida de onda. Passamos outra noite com as mesmas condições de tempo e, no sétimo, o mar e o vento mudaram de humor e tudo se acalmou. O vento caiu para uns 15 nós e o mar ficou manso. Quinze nós é um bom vento pra se velejar, mas como tudo é relativo na vida, depois de 40 nós, 15 era extremamente enfadonho.

Na manhã do dia seguinte, nosso oitavo dia, entramos nos quebra-mares do porto de Cristóbal, que abriga a cidade de Colón. Estávamos, enfim, no portal do Pacífico.

---

[18] Conjunto de estais - cabos de aço - que sustentam o mastro na direção proa a popa.
[19] Instrumento que mede a velocidade do barco em relação à água.

Capítulo 2

Panamá: atravessando um continente

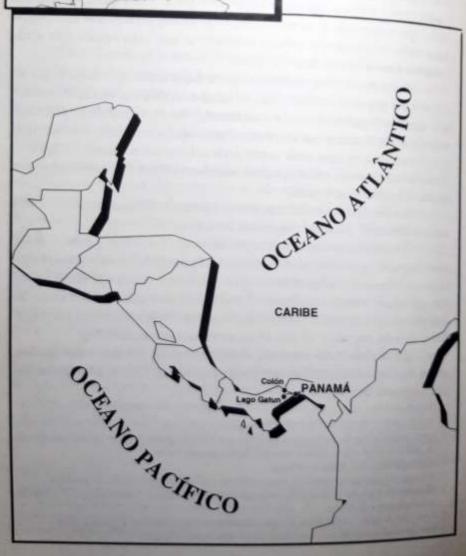
OCEANO ATLÂNTICO

CARIBE

Colón

Lago Gatun

PANAMÁ

OCEANO PACÍFICO

2 *Panamá: Atravessando um continente*

MEU CORAÇÃO VIROU UM GRÃO DE AREIA

A satisfação estava estampada em nosso rosto. Afinal, tínhamos nos saído a contento no primeiro teste. A gente se virou bem quando as coisas quebraram, portamo-nos adequadamente quando o mar engrossou, a navegação astronômica foi absolutamente precisa. Não havia nada a reclamar, só alguns reparos a fazer no barco.

Na chegada ao país Panamá e ao Canal (que na época ainda era de jurisdição americana), passamos por duas aduanas, a panamenha e a americana. A burocracia usual – sem ela as autoridades iriam acabar sem serviço.

Atracamos o barco num trapiche de madeira do Cristóbal Yacht Club, que de Yacht Club só tinha o nome e o trapiche, pois sua sede se resumia a um bar que, escuro e funcionando 24 horas por dia, mais parecia um nightclub. Era até engraçado: a qualquer hora do dia, dentro, a iluminação era a mesma e o ar condicionado congelava. A tripulação do *Brasileirinho* se especializou em beber *ron con toronja*, ou seja, rum com suco de *grapefruit*, que descia refrescando, pois o calor fora era insuportável.

Antes de um barco atravessar o Canal, ele precisa ser medido, para que tenha sua arqueação[20] estabelecida de acordo com o padrão ali adotado. Isso é comum, um mesmo barco pode apresentar tonelagens diferentes de arqueação. Por exemplo, um veleiro tem sua tonelagem efetiva calculada na época da construção. Quando se vai tirar a documentação do barco, a Marinha brasileira, de acordo com seu próprio padrão de medir, vai chegar a um outro número de toneladas de arqueação. Assim, o Canal do Panamá também possui seu padrão para medir.

[20] Capacidade útil de um barco para transportar pessoas ou mercadorias.

Faz-se a arqueação para que seja cobrada a taxa de trânsito no Canal de acordo com a tonelagem de cada barco. O funcionário medidor nos contou algumas curiosidades. Por exemplo: a maior taxa, até então, tinha sido paga pelo *Queen Mary II* – cerca de 90.000 dólares – e a menor no chamado Richard Halliburton, que em 1928 desembolsou 36 come dólar para atravessar o Canal a nado. A nossa ficou por volta de 60 dólares.

O medidor que veio ao nosso barco, antes de qualquer coisa, gostava mesmo era de cerveja e de uma conversa fiada. Batemos papo e bebemos por umas boas três horas. Depois, em 15 minutos, ele mediu e foi embora. Nada a reclamar, a cerveja estava gelada.

Marca-se dia e hora para a travessia. É necessário que, além do timoneiro, estejam a bordo mais quatro pessoas para marear os cabos[21] dentro das eclusas, que são utilizadas para passar do Atlântico para o Pacífico. A tripulação também deve ser acompanhada por um piloto que, no nosso caso, mantendo a tradição da área, era mais adepto de beber cerveja do que de pilotar. Ele apareceu no dia seguinte, às sete da manhã, cheio de razão e dando ordem para todo mundo.

Como o movimento do Canal é intenso, veleiros, como o nosso, entram nas eclusas junto com um navio. As comportas se abrem, o navio entra primeiro e depois entramos nós. Uma vez dentro da câmara da eclusa, jogam lá de cima retinidas[22] às quais amarramos nossos cabos de atracação, que por sua vez são içados e amarrados. À medida que o barco sobe, os quatro tripulantes encarregados dos cabos vão mantendo-os tensionados.

Sobem-se inicialmente três eclusas consecutivas, as eclusas Gatun, que elevam o barco a 85 pés em relação ao nível do Atlântico, fazendo-o chegar a um lago, também chamado Gatun. Trata-se de um grande lago natural, situado em altitude superior à dos dois oceanos. É por isso que tivemos primeiro que subir do Atlântico até lá e, depois, também por meio de eclusas, descer até o Pacífico. Daí pra

---

[21] Ajustar os cabos de forma a que cada um realize suas funções.
[22] Cabos de pequeno diâmetro usados a bordo para tarefas provisórias.

frente, no Lago Gatun, é acelerar o motor e, se tiver vento, subir os panos também, pois a velocidade mínima requerida é de 5 nós. Se o barco não cumprir essa velocidade, corre o risco de não descer para o Pacífico no mesmo dia.

O Canal tem 50 milhas de comprimento total, 23,5 das quais navegadas no lago Gatun. Chegamos na próxima eclusa, chamada Pedro Miguel, já perto da noite. Como havia somente um pequeno rebocador para descer, nossa vida foi facilitada: amarramos o *Brasileirinho* ao lado dele, e a tripulação se encarregou de ir afrouxando as amarras conforme o nível da eclusa baixava.

Entre Pedro Miguel e as duas próximas eclusas, as Miraflores, existe um pequeno lago artificial, também chamado Miraflores, com pouco menos de uma milha de comprimento. Mais duas eclusas e o *Brasileirinho* teve seu casco banhado pela primeira vez pelas águas do Pacífico.

À noite estávamos no Balboa Yacht Club.

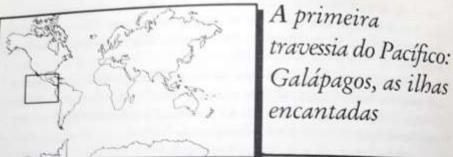
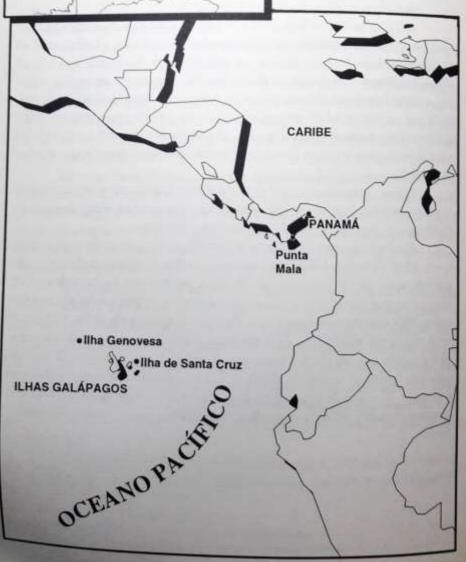
A Luíza se foi, voltou para o Brasil, mas chegaram Luciano, amigo quase irmão, amigo de infância, administrador de empresas, e Lula, irmão de Carlos. Eles iriam fazer a próxima travessia conosco. A chegada do Luciano foi especialmente bem-vinda, primeiro por ele mesmo, um amigo tão querido, e segundo porque trouxe em sua bagagem um caíque inflável desmontado e um motor de 8 HP, ambos enviados pelo Helhão, meu pai, que mais uma vez dava incentivo para a viagem. O padrão de vida melhorou, sem dúvida alguma, pois ir a terra de caíque é muito mais confortável e seco do que ir nadando…

Nossa permanência na Cidade do Panamá destinou-se basicamente a aprontar o barco para o mar que tínhamos pela proa. O próximo destino era Galápagos e, depois, a Polinésia. Muita água pela frente.

Estava tudo em ordem, tudo arrumado, com exceção do mais importante. Minha Maria Adélia tinha que voltar ao Brasil. Meu coração virou um grão de areia, de tão pequeno que ficou. A mulher que morava dentro de mim ia ter que partir. Foi muito triste e doloroso, as despedidas são sempre assim. Nós dois derramamos muitas lágrimas

e, quando ela se foi, nunca me senti tão só em minha vida. Não me separei dela, eu apenas tinha um caminho a seguir, que me chamava com muita, muita força. A certeza de que estaríamos juntos no futuro era absoluta. Era uma questão de tempo e de viver a vida até lá, como de fato foi. Ela acabaria, muito tempo depois, sendo minha companheira definitiva e a mãe de meus filhos maravilhosos, Antônio e Alice.

Capítulo 3

A primeira travessia do Pacífico: Galápagos, as ilhas encantadas

3 A primeira travessia do Pacífico: Galápagos, as ilhas encantadas

COMEÇANDO A MEDIR ESTRELAS

Soltamos as amarras da poita[23] no dia 17 de junho, às cinco e meia da tarde, em frente ao Balboa Yacht Club, e o *Brasileirinho* colocou sua proa rumo ao mar aberto, naquele mundo à sua frente. O Pacífico é quase um nome mágico, é a própria tradução do sonho de se viajar por mar.

Taiti, Bora-Bora, Havaí, Pago Pago, Moorea - quem não conhece esses nomes?

Todos eles são portos, escalas do sonho de quem sonha com o mar.

Embalado nesse sonho, o *Brasileirinho* navega canal abaixo, em águas calmas, ainda abrigadas. Cinco nós. Parece um animal andando no mato, com sua proa alta, aquele focinho atento cheirando os segredos à volta. Vai, Brasuca.

Como somos cinco - Carlos, Lula, Luciano, Celso e eu - ficou fácil fazer os turnos. Cada um durava três horas, com doze de descanso. Adotamos a mesma programação da travessia do Caribe. Como os turnos à noite eram individuais, caso houvesse necessidade de ajuda na troca de uma vela ou qualquer outra faina, a combinação era chamar quem tinha feito o turno anterior. De dia, todos estavam disponíveis para ajudar em tudo. Timonear três horas a cada doze é um prazer. Duro era no Caribe, quando só eu e o Carlos fazíamos isso. Eram três horas sim, três não. Muito cansativo.

Agora, na cozinha, cada dia um de nós era o responsável, o que criou uma saudável concorrência, um querendo fazer melhor prato que o outro. Os grandes vencedores foram nossos estômagos. O único a não cozinhar foi o Luciano, cuja aversão a ter que lavar pratos

---

[23] Corpo pesado que às vezes se usa no lugar da âncora para fundear um barco.

era tamanha que ele acabou negociando seu dia de cozinhar com o Carlos. Um negócio de nível, em dólar.

No dia seguinte, à uma da tarde, Punta Mala estava em nosso través nos dizendo que dali para a frente era só mar: a próxima terra à vista seria uma das Ilhas Galápagos, aliás apenas um apelido do arquipélago, cujo nome verdadeiro é Colón, em homenagem a - outra vez ele – Cristóvão Colombo. O nome Galápagos vem das enormes tartarugas terrestres que ali são endêmicas.

À meia-noite estamos acalmados[24], noite bonita, com lua. Da travessia inteira entre o Panamá e as Ilhas Marquesas – a porta de entrada de todas as ilhas do Pacífico Sul – este trecho entre o Panamá e Galápagos, que é o menor, é também o mais difícil de ser negociado. Não pelo mau tempo, pelo contrário: faz sempre tempo bom. Explico.

Em qualquer travessia existe sempre um trinômio a ser considerado. *Vento*, o mais importante, sendo o de popa o mais bem-vindo; *corrente*, que, claro, sempre se quer seja a favor; e *estado do mar*, ou seja, determinadas condições que se desejam favoráveis – pouco mar, ondas pequenas, longas. Assim é que numa travessia nas Roaring Forties, digamos entre a Nova Zelândia e o Cabo Horn, no sentido oeste-leste, por exemplo, o vento será favorável e a corrente também, mas o estado do mar pode ser catastrófico, com ondas gigantes capazes de facilmente destruir um barco.

No nosso caso, entre Panamá e Galápagos acontece exatamente o oposto: mar de almirante. O vento é variável até mais ou menos a metade do caminho, onde se devem encontrar os alísios[25] de sudeste. A corrente varia barbaramente ao longo do ano, podendo ser a favor no verão e, no inverno, exatamente o contrário. Trata-se, portanto, de um lugar em que se deve prestar especial atenção à época da travessia, pois caso as condições não sejam favoráveis, em vez de se levar dez dias, pode-se demorar quatro ou cinco vezes mais. Assim foi

---

[24] No mar, quando não há qualquer vento soprando
[25] Ventos reinantes na zona tropical

que escolhemos a época certa - o verão, quando a corrente teoricamente estaria a nosso favor.

Mesmo acalmados, deveríamos estar seguindo em frente. Foi também nessa noite de calmaria que o Luciano, conhecedor de astronomia, começou a nos mostrar o céu com muito mais profundidade do que a que conhecíamos. Nessa travessia, comecei a medir as estrelas com meu sextante.

O VELEIRO VIRA ASTRONAVE

Os dias transcorrem muito calmos. O vento soprava de todas as direções, mas sempre com parcimônia. Há um dia de tanta calmaria, com o vento talvez a meio nó, que coloco nosso windsurf na água e saio velejando. Os outros nadam em volta do barco.

Foi o Celso quem resolveu mergulhar e dar uma olhada no casco do barco. De repente ele sobe e grita:

- A bolina sumiu!

- Você está louco?

- Não fala bobagem!

Não adiantou, não acreditamos. Tinha mesmo sumido a bolina[26]. Quebrou no tope, bem junto ao casco, sobrando só um cotó lá dentro. Consertá-la era um serviço a ser feito tão logo fosse possível.

Mas o momento especial que tive nessa travessia foi na madrugada do sexto dia quando, sozinho no *cockpit*, fazia meu turno da meia-noite às 3 da manhã. Estávamos absolutamente acalmados, visibilidade total, nenhuma nuvem, sem lua, com todos as estrelas lá em cima e um detalhe que tornava especial a cena: não havia uma ondulação sequer, o mar estava completamente liso, uma piscina.

De repente se viam todas as estrelas refletidas no mar, e no escuro a ausência da linha do horizonte fazia com que eu me sentisse voando no céu: olhava para cima e via estrelas, olhava para baixo,

---

[26] Peça de madeira, metal ou fibra de vidro, bastante resistente, com forma variável, colocada verticalmente por baixo da quilha do barco; pode ser fixa ou, como no caso do "Brasileirinho", retrátil; sua presença é muito importante para a estabilidade e direção do barco.

bem ali do lado do barco, e também via estrelas. A sensação era sublime, leve, maravilhosamente linda. Naqueles momentos eu realmente voei, o *Brasileirinho* de veleiro passou a astronave, e eu a astronauta. Foi intenso, só que não durou muito, talvez uma hora: logo entrou uma brisa suave que aos poucos foi apagando, uma a uma, todas as estrelas do mar.

Me empolguei tanto que depois escrevi uns versos para gravar para mim mesmo aquela imagem:

CALMARIA

E então se fez calmaria dentro da noite.
As gaivotas grasnantes que ali voavam,
sumiram.
O mar, que é puro movimento,
estancou.
Foi algo como um presságio.
As nuvens e o vento, de mãos dadas,
desapareceram.
Eu ali sentado no meio do mar,
longe da terra e dos homens.
A ausência das ondas me inebriando
vi, pouco a pouco, com suavidade,
espelhar-se a superfície do mar.
E então o céu começava a meus pés
e o mar acabava em minha cabeça.
Me vi dentro de um baile de estrelas,
milhares delas, infinitas.
E por um instante parou o universo.
A cherna[27] *estava aqui mesmo tocando meus pés.*
Estrelas a nadar.
Vi o mar lá no firmamento
e poderia nele mergulhar,
se voasse por um momento.

---

[27] Tipo de peixe.

E como conseqüência desse mágico instante,
eu, como que por encanto, virei estrela.
Me senti brilhando, fulgurante,
uma estrela de primeira grandeza.
Eu iluminava ao meu redor.
Eu era luz, eu era beleza.
Minha constelação era a
maior.
Olhei para Sirius em seu esplendor
e achei que eu brilhava com maior realeza.
Eu estrela, eu constelação.
Eu luz no Universo.
Porém foi no auge do meu brilho que percebi
o quão fugaz era minha glória
o quão etéreo era meu brilho.
E então eu entendi
que se pouco é uma estrela
que tem luz para dar
nada sou eu.
Sou apenas um homem
no meio do mar.

A SAUDAÇÃO DOS GOLFINHOS

E a velejada continuava do mesmo jeito, pouco vento e pouco mar. Nos fins de tarde conversávamos no *cockpit* tomando um traguito, até cada um se recolher e dormir. O Luciano e o Celso é que tinham um acordo: em vez de fazerem turnos de três horas cada um, e como seus turnos eram em seqüência, faziam um só turno juntos de seis horas, quando a vez calhava de ser à noite. Assim passavam seis horas conversando fiado.

O tempo andava encoberto, o vento chegava a soprar de oeste, numa região onde deveriam estar predominando ventos de leste e sudeste. À medida que nos aproximávamos das ilhas, as aves marinhas começavam a aparecer. Houve até uma gaivota que pousou

no barco, fraca e cansada. Depois de receber um cafuné do Celso, ela descansou e, refeita, foi embora.

No décimo-primeiro dia, às 15h45, o Lula lá de fora grita:

- Terra à vista!

Festa a bordo: avistada Genovesa, a ilha mais a nordeste do arquipélago das Galápagos. Chegamos às Ilhas Encantadas, mas nosso destino, Puerto Ayora, na Ilha de Santa Cruz, ainda estava umas 50 milhas a sul-sudoeste.

Atenção às correntes, velho marinheiro! São elas as encantadas e traiçoeiras, e não as ilhas, que estão lá paradas no mesmo lugar. Passamos o dia todo e o seguinte velejando até chegarmos a Puerto Ayora de madrugada.

Esta velejada ao longo das ilhas foi linda: vento de no máximo 10 nós, mar absolutamente liso e a exuberância da fauna local se mostrando para nós. Diferentes tipos de mergulhões, gaivotas e fragatas sobrevoavam o *Brasileirinho*, como que saudando sua chegada. Vôos rasantes, asas adejando a centímetros dos estais[28], grasnadas amigas.

No mar, peixes pulando, cardumes de golfinhos brincando ao redor do casco e sempre, a vante da proa[29], alguns acompanhando o barco, como que dando direção à nossa bússola. Eles são nadadores tão precisos a mesmo de costas para a proa, nadam com a cauda a uma distância milimétrica, sem jamais tocá-la. São criaturas diferenciadas, sempre um bom agouro. O capitão Joshua Slocum, o mitológico navegador e aventureiro canadense-americano do século XIX, cita em seus livros que, ao se aproximar de terra, mesmo na mais forte neblina, podia até fechar os olhos se houvesse golfinhos à sua proa, pois eles o levariam a um porto seguro.

Não bastassem os golfinhos, apareceram também bandos de focas, nadando e brincando ao redor do barco.

---

[28] Cabos de aço que sustentam o mastro.
[29] À frente da proa, na direção da proa.

Na segunda noite estávamos ao largo de Puerto Ayora. A vontade de chegar era tanta que arriscamos entrar no escuro na pequena baía sem nenhum balizamento. Com a sorte do nosso lado, ancoramos.

Só no dia seguinte vimos a imprudência: passamos muito perto dos recifes da entrada da baía. Imprudência, mesmo. Ao longo dos anos eu viria a aprender que as duas grandes virtudes de um marinheiro são o bom senso e a paciência. Naquela noite, não praticamos nenhuma das duas. O mar foi complacente conosco.

Mas o oficial da Marinha do Equador, país a que pertencem as Galápagos, não foi.

- Vocês têm 48 horas para partir, pois não têm a permissão para ficar nas ilhas.

- Mas essa permissão leva meses para tirar e até hoje não sabemos de ninguém que tenha conseguido.

- Problema de vocês. São 48 horas e nem um minuto a mais.

- Quem sabe mais uns dias...

- Não.

Depois, em terra, após muita conversa, conseguimos o visto para uma semana. Ou melhor, pagamos uma "multa" diária para podermos ficar mais tempo. E com a condição de deixarmos o *Brasileirinho* ancorado, alugando um dos barcos de turismo locais.

UM IGUANA DEBAIXO DA MESA

Em Galápagos se pratica efetivamente um turismo ecológico. Nada de hotéis de luxo, lojas sofisticadas, ruas movimentadas, mordomias. Quem vai para lá está disposto a acampar, dormir em cama de pensão, comer sem requinte. As pessoas não estão em busca de conforto, mas querem ver, observar, sentir, estar na natureza. As ilhas transpiram natureza. Natureza virgem, intocada e muito bem conservada pelo homem. Todas as ilhas fazem parte do Parque Nacional de Galápagos. Tudo lá é protegido por lei, nada pode ser tocado. O governo equatoriano fez um belíssimo serviço de preservação. O parque funciona como um parque deve funcionar. O próprio povo da ilha é

muito consciente a respeito da conservação, os guias que obrigatoriamente acompanham os turistas, nativos de lá, sabem muito bem o que estão fazendo. Fiquei surpreso e feliz de ver o que vi. Se todo o mundo fosse tão bem preservado como Galápagos...

Como naquelas ilhas o homem respeita a natureza, os animais são dóceis e amistosos. Estar por lá é como estar num zoológico sem jaulas. Logo constato isso num pequeno restaurante na beira do píer de acesso à cidade: enquanto almoçamos, andam pelo chão, ignorando totalmente os presentes, iguanas sonolentos. (Quem já ouviu falar de Galápagos de cara se lembra do iguana, um lagarto com fisionomia pré-histórica, cara de monstro. Pois é, eles têm cara de monstro mesmo, e o primeiro que vi foi embaixo da minha mesa.)

Depois de muita pechincha e conversa conseguimos um pequeno barco para visitar as ilhas. Um barco de madeira, com uma cabine de seis beliches. Na popa, um *cockpit* aberto onde as pessoas cozinham, conversam e tomam sol. Para nós era um luxo, pois tínhamos um comandante, o Capitão Avi, um cozinheiro, o *cookie* Cézar, e o nosso guia, Carlos Bolaños. Ou seja, mordomia total.

No meio de uma manhã ensolarada o *Gavi* levantou âncora conosco a bordo, rumo ao fantástico mundo que são aquelas ilhas.

Todo o arquipélago é geologicamente muito jovem, as ilhas têm em média por volta de 1 milhão de anos. Ou seja, ainda estão se formando, e isto se nota facilmente pela grande atividade vulcânica existente. Cada palmo de terra fez ou faz parte de um vulcão. Sendo um sistema ainda em formação, é muito frágil, fácil de ser danificado. Pode-se sem querer e até sem perceber estar quebrando uma cadeia alimentar, matando uma planta raríssima ou contaminando espécies com uma doença comum para nós e fatal para elas.

As Galápagos são tão singulares que certas espécies de plantas existem apenas em uma única ilha do arquipélago, não ocorrendo em nenhuma outra, mesmo quando a mais próxima está a apenas 1 milha de distância.

O dia estava lindo, o céu azul, o mar calmo e nós excitados, olhando tudo o que se movia ao nosso redor. Logo chegamos a duas pequenas ilhas próximas da costa e separadas entre si por um canal de

água transparente, as Ilhas Plaza. Entramos no canal e ancoramos na Plaza Sul.

Antes de descer ouvimos os conselhos de Carlos Bolaños:

- Não levem nada para a ilha, nem tragam nada de lá - pedra, osso graveto, nada, enfim. Pois vocês correm o risco de levar um organismo estranho à próxima ilha em que vamos parar. Principalmente não toquem em animal algum e não os espantem. Eles são amigos e acostumados com o homem, não vamos estragar isso.

De caíque fomos até a praia, onde dezenas de focas repousavam. O bonito da cena era vê-las tão próximas e perceber que não tinham receio de nós.

A exuberância animal é fantástica. Vemos um tipo de gaivota absolutamente linda, ali chamada *gabiota de cola bifurcada*, ou seja, gaivota de cauda bifurcada. Ela tem penas cinzas de tonalidade forte, olhos negros saltados, rodeados por um anel vermelho, e patas também vermelhas. Sapato combinando com os óculos! Também lá estão os sempre presentes iguanas. Há os marinhos e os terrestres, maiores, que podem atingir até 1,5 metro de comprimento. A existência desses dois tipos de iguanas é mais uma comprovação da teoria da evolução das espécies, de Darwin, que lá mesmo, nas Galápagos, a bordo do navio *Beagle*, chegou a conclusões decisivas sobre o assunto.

Presume-se que o arquipélago era inicialmente desabitado, e que, ao longo do tempo, os animais foram chegando. Os leões-marinhos e as focas teriam vindo da Patagônia ou da Califórnia; as aves marinhas eventualmente trouxeram sementes presas nas asas; ilhas flutuantes, um emaranhado de galhos, poderiam ter descido rios da América, em época de enchentes, com animais presos a elas, e depois caído nas correntes marítimas, chegando às ilhas. A própria ação do vento, carregando partículas vivas do continente, foi um fator de "povoação" das ilhas.

Nessa história entra o iguana, que originariamente, há milhares de anos, era só terrestre. A falta de vegetação, em ilhas ainda geologicamente crianças, provavelmente fez com que houvesse uma seleção natural entre fortes e fracos. Os iguanas mais fortes viviam nas partes mais altas, não atingidas pelo mar, onde havia alimento, não

dando espaço para os mais fracos, obrigados a ficar na região do estirâncio[30]. Era uma luta de sobrevivência, de vida ou morte.

Esses iguanas mais fracos foram obrigadas a se "virar" com o que restou: começaram a se alimentar de organismos marinhos presos às rochas e encontrados na areia. Aos poucos foram se arriscando na água, mergulhando em busca de mais fartura, até chegarem ao que são hoje. É importante lembrar que eles não são anfíbios, são iguais a seus patrícios terrestres, mas dotados de um fôlego fantástico: chegam a ficar mais de dez minutos embaixo da água sem respirar, e podem até ingerir alimento lá embaixo.

A vida vegetal de Galápagos também é especial. Nas ilhas havia uma vegetação padrão, com cactus se sobressaindo numa vegetação rasteira, chamada sesubium, que possui uma particularidade interessante: na época das chuvas, sua cor é verde; na seca, ela se torna vermelha. Nós pegamos um pouco das duas cores, pois as chuvas tinham se atrasado e o que se via era uma mescla de verde e vermelho.

PARA NÃO QUEBRAR O ENCANTO

Nossa próxima escala foi na própria Ilha de Santa Cruz, no lado oposto a Puerto Ayora. Ancoramos o *Gavi* e, de caíque, entramos num braço de mar que se ramificava por todas as direções, formando lagoas. A vegetação em volta se compunha unicamente de mangue.

Fomos remando em silêncio até entrar numa lagoa maior. Paramos e começamos a observar tartarugas nadando. Havia dezenas delas embaixo da água, e o silêncio só era quebrado pelo barulho que faziam ao colocar fora a cabeça para respirar. O fim da tarde, as águas plácidas da lagoa, a total ausência de vento e o silêncio absoluto só interrompido por esta toada propiciavam um ar quase irreal à cena.

O Carlos Bolaños, nosso guia, nos colocou no real:

- Mira las tintoreras.

---

[30] Porção de terra que é deixada a descoberto quando a maré baixa.

Pequenos tubarões negros, com barbatanas de pontas brancas, a cara mais comprida e achatada do que o tubarão típico, também habitam a mesma lagoa. Nadavam em grupos de dois ou três, lado a lado.

- Mira las raias.

Outras moradoras da vizinhança. Cardumes de pequenas raias, parecidas com as nossas raias-manteiga, navegam sob a água transparente, formando um balé gracioso. No céu, gaivotas, fragatas e mergulhões. Que harmonia, que equilíbrio, que fantástico presenciar aquelas cenas. Quanta vida em um só lugar.

No dia seguinte rumamos para uma pequena ilha ao sul da Ilha de San Salvador, Sombrero Chino. O nome – "chapéu chinês" – encontra explicação no seu formato, sendo que a copa do chapéu era um vulcão. O Carlos Bolaños queria nos mostrar túneis que desciam a encosta da montanha, às vezes terminando na água. Na verdade, os túneis eram o resultado da solidificação de lava que escorreu da cratera do vulcão.

Andando pela ilha vimos um tipo de caranguejo diferente, com a carapaça e as pernas de um vermelho berrante e a cara azul. Muito bonito e inédito para nós, como tudo em Galápagos.

Em uma praia de pedra, presenciamos um espetáculo todo especial. Focas brincando, *surfando* nas ondas. Elas nadavam por um lado da praia, onde as ondas não arrebentavam, até a arrebentação. Ali, com perícia única, pegavam onda e iam dar na praia. Focas brincalhonas, que também vivem bem. Imagine só que um macho chega a controlar e cobrir cinqüenta fêmeas. Alguém comentou que dava vontade de pegar os filhotes no colo. Nosso guia lembrou:

- Se você fizer isso, decreta a morte deles. Se estão sozinhos, é porque a mãe foi buscar alimento. Quando voltar, ela vai encontrar os filhotes pelo cheiro. É assim que ela distingue o seu dos outros. Se você passar a mão num deles, vai alterar seu cheiro e tornar o filhote irreconhecível para a mãe. Ela não trará alimento para o filhote e ele vai morrer de fome.

- Pera aí, e aquela foca mamando na outra, o que é aquilo?

- Aquilo é um filhote de leão-marinho, mamando na mãe - explica Bolaños.

- Mas que filhote que nada, é maior que a mãe!

E o Bolaños:

- É que a fêmea só dá um filhote por ano. Enquanto não tiver outro, ela alimenta seu último rebento. Às vezes ocorre de ficar um ano sem dar cria, e assim continua amamentando o marmanjo. São mães extremosas.

Resolvemos ir mergulhar para ver como é o mundo submarino das Galápagos. Se fora era tudo isso, dentro da água prometia muito mais. Pé-de-pato, máscara e snorkel. Águas tépidas não nos cobram mais que isso. O fundo era rochoso e escuro, com poucas formações coralíneas. Pra quem já mergulhou na Ilhabela, no litoral norte de São Paulo, o fundo era basicamente igual.

Só que a semelhança parava por aí.

O primeiro impacto foi os cardumes de bodiões multicoloridos. Centenas deles nadando à nossa volta, e também barbeiros enormes. No Brasil um barbeiro raramente chega a 25 centímetros de comprimento. Pois lá o tamanho médio é de meio metro. Uns bitelões.

Aí aparecem os dentões, vermelhos, também muito grandes, com a boca cheia de dentes justificando o nome. Todos os peixes pareciam estar numa escala maior do que eu estava acostumado a ver.

Passaram as anchovas, passaram até duas *tintoreras* com seus 2 metros de comprimento. Todos, sem exceção, mansos. Só faltava virem comer na mão.

O brilho maior da festa ficou por conta dos badejos. Badejo de 15, 20, 25, quilos, vi passar muitos. Igualmente mansos. Mas não pescamos. Antes de cair na água conversei com o guia:

- Posso pescar?

- Olha, o Parque Nacional é só a parte terrestre, o mar não faz parte dele, portanto você pode. Mas pessoalmente eu lhe pediria que não. Um tiro vai estragar tudo lá embaixo.

- Mas nem um peixinho pro nosso almoço?

- Sua consciência vai lhe dizer. Mergulhe primeiro sem a arma e depois, se você achar que pode matar um peixe, volte e pegue a arma.

Lá embaixo, aqueles badejos enormes quase encostando em mim, me lembrei do guia. Não, eu não podia atirar em nenhum. O encanto iria se quebrar. Obrigado, Carlos Bolaños, por não ter me deixado ser estúpido. Os peixes das nossas refeições eram apanhados no corrico pelo *cookie* Cezar. Nada a reclamar: anchovas, bonitos, dourados.

INCRÍVEL: UMA LAGOA COR-DE-ROSA

Outra ilha que nos impressionou foi a Ilha Ravida, onde existe uma lagoa que, imagino, deve ser única no mundo. O guia não faz comentários, só nos leva até lá para conhecermos a Lagoa dos Flamingos. Os flamingos não vimos, mas em compensação só a lagoa fez o espetáculo. Acredite ou não, a água é cor-de-rosa, a cor dos flamingos.

Ao perceber nossa surpresa, o guia explicou:

- E que nela existem pequenos organismos vivos em suspensão, principalmente camarões, quase microscópicos. Esses organismos têm essa coloração. Milhões deles fazem com que a lagoa fique dessa cor.

- E os flamingos?

- Estão em outra ilha. Eles devem chegar ainda este mês. É bonito ver eles chegarem com penas descoloridas, de um cor-de-rosa esbranquiçado. Ficam meses na lagoa, bebendo sua água e alimentando-se dos organismos que ela contém. Ao fim desse período suas penas voltam a ter um tom rosa forte e brilhante.

- E a lagoa?

- No fim desse período a lagoa fica transparente!

- Mas em que lugar estão os flamingos? Que ilha?

- Muitos aqui em Ravida mesmo, outros em Santiago. Eles vão para as crateras, onde se sentem protegidos, e fazem seus ninhos lá.

Que trama bonita é a natureza, que perfeitos são seus ciclos, seus equilíbrios!

Depois da lagoa vamos mergulhar, saindo da praia. Foi meu mergulho mais divertido. Havia dezenas de leões-marinhos nadando e, como em Galápagos ninguém tem medo de ninguém, nós nos misturamos a eles. Mais do que curiosos pela nossa presença, queriam brincar conosco, passavam raspando na gente, davam mordidas nas pontas dos pés-de-pato, tal como um cachorro faz para brincar. Vinham em alta velocidade em direção ao nosso rosto, desviando na hora H. Uma festa, parecemos crianças brincando.

Os leões-marinhos, se são desajeitados em terra, transformam-se no sinônimo da elegância dentro da água. Incrivelmente ágeis, fazem todo tipo de evoluções e brincadeiras. Mas o que mais me marcou foi a expressão dos olhos deles. São olhos quase humanos. Um leão-marinho não "olha", mais do que isso, ele tem "um olhar", o que é muito diferente. É incrível ver um deles passar raspando no seu corpo e, na passada, olhar você de canto de olho. Eu vi alegria no olhar de um leão-marinho, um sorriso na boca dele. Acredite!

Numa noite ancoramos na Baía de Ladilla, na costa de sotavento[31] de Santiago. O programa era um mergulho noturno. Carlos Bolaños, grande guia, conhecia também o fundo do mar. Dizia que ali apanharíamos muitas lagostas. Mergulhamos Bolaños, Lula, Celso, Carlos e eu. Pé-de-pato, máscara, snorkel e lanterna. Mergulho também com minha máquina fotográfica, munida de flash.

É meu primeiro mergulho noturno. A estréia não podia ter sido melhor. Vemos muitas anêmonas que só desabrocham à noite, com cores incríveis. Tubarões nadam perto de nós, curiosos e nada agressivos. Uma passada com o facho de lanterna sobre os recifes mostra diferentes formas de corais e pequenos peixes assustados. Mas o que buscamos são lagostas e o nosso guia é o primeiro a encontrálas.

Quem mergulha sabe que normalmente se encontra lagosta dentro de toca, no escuro. Mas isso de dia. Com a escuridão da noite, as lagostas saem das tocas e ficam por cima dos recifes. Basta que se ilumine as pedras que vão aparecendo, e é só colocar uma boa luva e

---

[31] Lado para onde sopra o vento.

apanhá-las. Em pouco mais de uma hora nosso saldo foi ótimo: quinze lagostas, oito cavacas e nenhum tiro sequer disparado.

- Carlos, o nome Galápagos vem do quê?

- Galápagos são enormes tartarugas terrestres, com mais de 1,5 metro de comprimento na carapaça. Havia antes quinze espécies, hoje restam só dez, pois cinco já foram extintas. Elas chegam a ficar seis meses sem beber água. Vivem normalmente dentro de crateras e só descem de lá para colocar ovos. Por suas qualidades é que as cinco espécies estão extintas, pois antigamente eram levadas por piratas. Como ficavam seis meses sem água, significavam carne fresca por até seis meses.

No dia seguinte contornamos a Ilha de Santiago e o guia nos levou a um vulcão já fora de atividade, o Pan de Azúcar. Eu, que me achava em grande forma, quase morri de cansaço. Subimos 500 metros, até a borda.

A vista era linda. De um lado, o mar e a Ilha Isabela ao fundo. Do outro, o fundo da cratera, transformada num imenso buraco seco. Pousados no topo, gaviões ignoravam nossa presença. Depois de visitar um segundo vulcão, retornamos sob o sol causticante até a praia onde o *cookie* iria nos pegar com o caíque. Banho de mar pra lá de refrescante.

No dia seguinte, em Santiago, fomos visitar as lavas da última erupção do vulcão principal da ilha. Também um cenário único, composto exclusivamente de lava negra: tudo absolutamente preto à nossa volta. Um sentido de terra arrasada. Só mesmo o arquipélago de Galápagos pode proporcionar tantas formas e cores diferentes.

À noite, Cézar nos preparou um *ceviche* com uma barracuda pescada à tarde. O *ceviche* está para o Equador como o sashimi está para o Japão. É peixe cru, temperado unicamente com limão, pimenta e, no nosso caso, um molho picante, de receita secreta feita pelo Cézar. O sumo do limão agindo cozinha a carne crua. Viramos fregueses do *ceviche*.

PELA FRENTE, UM EXCITANTE DESAFIO

Dia seguinte tínhamos que voltar a Puerto Ayora. No caminho paramos na pequena Ilha Seymur, quase encostada na costa norte de Santa Cruz. Já havíamos mergulhado em diversos lugares. Portanto, conhecemos pelo menos um pouco da fauna marinha. Tínhamos tido contacto com a terra vendo vulcões, túneis, lava, a vegetação. Faltava agora, para completar a nossa visita, conhecer um pouco mais sobre os pássaros. A Ilha Seymur é o desfecho perfeito.

Nesta ilha dois tipos de aves nidificam e se acasalam: as fragatas e os mergulhões de patas azuis, *piqueros de patas azules*, como são conhecidos por lá. As fragatas são aves magníficas, cujo nome científico lhes faz jus: *fregata magnificens*. É o mesmo tipo de fragata que se encontra na costa brasileira. Embora eu já as conhecesse, jamais tinha visto uma delas de tão perto. O macho é inteiramente preto e possui um papo vermelho que se infla na época do acasalamento, formando uma bolsa maior que sua própria cabeça. A fêmea também é preta, mas tem a barriga branca.

Mas a maior novidade para nós foi o mergulhão de patas azuis, um pássaro lindo. Suas patas são de um azul quase turquesa, muito forte, o bico é azul-claro, a cabeça branca e as asas levemente marrons.

À tarde voltamos a Puerto Ayora, onde nosso querido *Brasileirinho* estava ancorado e ainda intacto. Permanecemos alguns dias ainda em Puerto Ayora, ultimando os preparativos para a grande travessia que nos esperava. Mas surgiu um problema: como a ilha praticamente não tem rios e a estação das chuvas estava atrasada, simplesmente não havia água para abastecer nossos tanques. A sorte é que apareceu um pequeno navio de passageiros, o *Santa Cruz*, fazendo turismo pelas ilhas. Falei com o comandante e ele autorizou que pegássemos toda a água necessária do próprio barco, que era provido de um dessalinizador.

Outro problema foi que não compramos álcool suficiente para preaquecer, como necessário, as bocas do nosso fogão de querosene. Em Galápagos não se encontrava álcool nem no hospital. Acabamos

comprando por um preço exorbitante uns dois litros, de um sujeito que supostamente o fabricava "nas montanhas". Bem ou mal, o álcool acendia.

Meu querido amigo Luciano não podia continuar conosco. O atraso para sair do Panamá foi grande, a travessia demorou mais que o esperado e ele, como tinha compromissos um tanto inadiáveis em Sampa, resolveu terminar suas férias no Equador.

E agora, sem o Luciano, íamos nos preparar para nossa grande travessia, pois o Caribe, que cruzamos na nossa primeira etapa, é um mar e não um oceano. E a travessia até Galápagos, embora num oceano, foi curta. Dessa vez a coisa iria mudar. O destino era a Polinésia, com povos e costumes bem diferentes. O próprio nome, Polinésia, deixava no ar uma aura de sonho, de um paraíso a ser alcançado, de uma meta ansiosamente esperada. Não conheço quem tenha se proposto sair pelo mar em um veleiro cujo grande sonho não fosse conhecer as ilhas do Pacífico. Logo o *Brasileirinho* estaria aproado exatamente para lá, a Polinésia Francesa.

Estávamos sem dúvida excitados ante essa perspectiva, mas havia também apreensão. Afinal, a partir do momento em que a âncora fosse levantada, teríamos pela frente quase 3.000 milhas até o próximo pedaço de terra, que seria apenas uma pequena ilha, bem no meio do maior oceano do planeta.

Seríamos quatro a bordo - Carlos, Lula, Celso e eu - o que é muita gente para a área útil disponível. Precisaríamos cuidar de cada um de nós e dos demais, pois poderíamos ter pela frente quase um mês de isolamento, e um relacionamento ruim dentro de um veleiro pode fazer de uma viagem agradável um inferno.

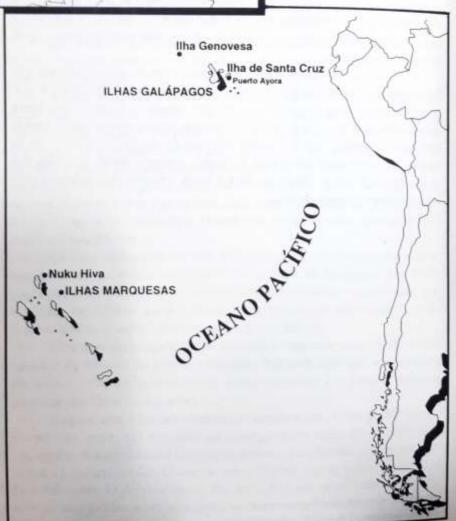
Tínhamos ainda o problema do leme de vento, que insistia em não funcionar com o vento largo[32], o que nos obrigaria a timonear. Embora com quatro se revezando, sempre é uma atividade cansativa. Iriam ser seis horas diárias de cada um ao timão. Pode não parecer muito, mas um mês fazendo isso, posso garantir, enche. É muito diferente de sair de barco num fim de semana. Aí timonear é um prazer.

---

[32] Vento que sopra na direção do través do barco.

Quando o prazer torna-se obrigação, fica chato como qualquer obrigação. Mas a longa travessia que tínhamos pela frente era um excitante desafio.

Capítulo 4

A grande travessia do Pacífico

4 *A grande travessia do Pacífico*

UMA PISCINA ILUMINADA

Com tudo isso na cabeça, fomos nos preparando e abastecendo o barco até que domingo, dia 8 de março, estava tudo pronto - e, mais do que isso, o *capitán de los puertos* já parecia ansioso por nos ver pelas costas, dando quase um ultimato para que partíssemos. Às 16h30 entramos no caíque Celso, Carlos, Lula e eu. Do píer, Luciano acena um adeus carinhoso.

Saímos de Puerto Ayora motorando, pois vento, que é bom, não havia. Como o arquipélago se situa exatamente na latitude do Equador, estamos dentro dos *doldrums*[33], uma região de ventos variáveis ou ausência de ventos. Depois que sairmos do arquipélago ainda teríamos que chegar até os alísios, mais ao sul.

Motoramos até o início da noite, embevecidos por um pôr-do-sol absolutamente maravilhoso. O céu estava repleto de pequenos flocos de nuvem quase simetricamente espaçados que, iluminados pelo sol poente, pareciam uma infinidade de lâmpadas acesas, mudando sua coloração a cada instante.

Como se não bastasse, depois que a escuridão ficou completa - era uma noite sem lua - apareceu uma fosforescência na água. No início vimos manchas iluminadas se movendo no mar. A distância, suas formas eram indefinidas, mas quando se aproximavam pudemos ver do que se tratava: tubarões, e de formas *bem* definidas. Talvez dez deles nadando em volta do barco que, com o motor desligado, boiava em silêncio sobre o mar espelhado.

Com a chegada de uma leve brisa, o *Brasileirinho*, sem fazer barulho algum, começou a se mover escoltado pelos tubarões. Logo vimos na proa uma enorme mancha de luz, como que se aquele pedaço de mar estivesse iluminado por baixo. Imaginamos que fosse um cardume em movimento, pois nenhum peixe, isoladamente, poderia

---

[33] Calmaria ou zona de calmaria.

ter aquele tamanho. Quando chegamos perto e entramos na mancha, na verdade não havia nada, a não ser fosforescência própria de grandes concentrações de plânctons.

Passamos a noite acalmados.

No dia seguinte motoramos até a próxima ilha ao sul, Santa Maria, tentando achar vento. Se não o encontramos, pelo menos desfrutamos outro pôr-do-sol deslumbrante. O terceiro dia também transcorreu sem nem sombra de vento, com o mar absolutamente liso e o tempo algo encoberto, não nos permitindo fazer qualquer observação com o sextante.

Para esta travessia decidimos mudar nossa mecânica de turnos. Em vez de dividir o dia em oito turnos de três horas, cabendo a cada um dos quatro tripulantes dois turnos por dia, resolvemos nos poupar durante a noite. Assim, cada um fazia um turno de duas horas à noite e um de quatro durante o dia. Das 6 da manhã às 10 da noite eram feitos os turnos de quatro horas, e o restante do tempo repartimos em turnos de duas horas.

Os dois dias que se seguiram não foram muito diferentes. O vento fraco vinha de nordeste, e o mar, embora não espelhado como dentro das Galápagos, ainda era bem calmo. Completando a cena, muita chuva.

O leme de vento realmente não gostava de trabalhar, obrigando-nos a timonear o tempo todo. A chuva que caía agravava a situação, pois minha jaqueta impermeável de impermeável só tinha o nome. Quando comprei, achei um grande negócio. Ela era feita de um tecido que supostamente permite, através de seus microporos, a saída da transpiração do corpo sem admitir a passagem da chuva. Muito bonito na teoria, mas o fabricante deve ter esquecido de colocar uma placa de contramão em cada microporo para a chuva não entrar.

RUIM É LAVAR LOUÇA

Também nos alternamos em turnos na cozinha. O café da manhã ficava por conta de cada um, incluída a limpeza. Mas o cozinheiro do dia preparava o almoço, a principal refeição da jornada, e também

o jantar, mais para o lado de um lanche. Cozinhar até que não é uma tarefa tão ruim assim para ninguém. Lavar a louça é que é a grande desgraça, sobretudo com água salgada e fria.

No sexto dia, novidade: uma vela no horizonte. Depois de insistentes investidas no rádio, conseguimos fazer contacto com o barco, um veleiro de 56 pés, de ferro cimento, o *Elisium*, com um casal a bordo, Elmer e Helen. Por dois dias mantivemos com eles contacto visual e por rádio, até seu mastro sumir no horizonte e o rádio emudecer. Um mês depois iríamos encontrá-los em Nuku Hiva, nas Ilhas Marquesas, porta de entrada da Polinésia Francesa.

No dia seguinte os tais ventos alísios finalmente apareceram. Estávamos pela altura da longitude 6°30'S - ou seja, tivemos que nos afastar mais de 200 milhas do Equador para encontrá-los. O vento alísio é uma mágica, pois sopra todo dia, o dia inteiro, quase sempre com a mesma intensidade. Um ventilador soprando vento, sem jamais ser desligado. Ele traz vida ao mar, que se eleva em ondas nem muito pequenas a ponto de serem desprezadas, nem tão grandes para serem temidas, apenas na medida certa, fornecendo energia ao barco em movimento, fazendo aparecer os peixes voadores e suas graciosas planadas sobre as ondas, os dourados que acompanham o barco e as aves que alçam vôo e brincam sobre nossas cabeças. Como resultado dos alísios, seu barco, que antes, sem vento, parecia uma forma desengonçada balançando desordenadamente ao sabor das ondas, agora desliza suavemente na superfície, deixando uma esteira de milhas navegadas na popa.

Para navegadores *- Embora a velejada fosse um cruzeiro e não uma regata, é sempre uma satisfação ver o barco andar bem, bem trimado, com as velas certas, desenvolvendo o máximo de seu potencial. Afinal, se o prazer é velejar, velejar bem é o gozo. O alísio no Hemisfério Sul é de sudeste, e como nosso rumo era oeste tínhamos as velas com amuras a bombordo. Do jeito que o Brasuca gostava.*

No dia seguinte acontece o primeiro acidente da viagem: o brandal de força do mastro estourou. Brandal é um cabo de aço que

segura o mastro no sentido transversal do barco. Basicamente existem três brandais de cada lado do mastro. Foi um susto, pois pela posição das velas corremos sério risco de perder o mastro. Fizemos um brandal de fortuna[34] usando o próprio cabo que tinha se rompido, emendado por uma corrente.

MEDINDO O SOL

Nossa navegação astronômica com o uso do sextante se resumia a tirar alturas do sol. Nesta travessia não medimos uma estrela sequer.

A grande vantagem é que no instante em que você mede, estão lá no céu um monte de estrelas pedindo para serem medidas. Com isso, você tem sua posição instantaneamente.

Mas como quando se está velejando prevalece a lei do menor esforço, em nossa travessia somente o sol era medido, com duas tomadas de altura diárias.

Os dias passam dentro de uma rotina agradável, cada um se esmerando ao máximo em suas funções. Em alguns casos criou-se uma competição salutar, como no ato de cozinhar. O lucro foi de todos. Devo porém ser honesto e dizer que o dia em que eu cozinhava era o de menor alegria gastronômica a bordo.

O vento variava pouco de intensidade e de direção. Como média, soprava em torno de 20 nós, sendo normal subir a 25 e cair a 15. A direção básica era sudeste.

UM UFO, OU COISA PARECIDA

Desde o começo da viagem havíamos combinado fazer a "sessão poesia". E, de fato, todos os fins de tarde, pouco antes do pôr-do-sol, que insistentemente ocorria à nossa popa, nós nos reuníamos no *cockpit* e cabia a cada um apresentar uma poesia feita durante o dia e,

---

[34] Um brandal é um cabo que segura lateralmente o mastro. Partindo-se no mar um brandal é necessário improvisar um cabo, e no mar tudo que é improvisado se diz "de fortuna".

depois, complementar com leitura do trecho de algum livro que estivesse a bordo. Não pense que havia quatro poetas a bordo, mas asseguro que alguma coisa boa saiu.

Esta foi uma atividade muito interessante para preencher nosso tempo e mexer com o intelecto. Combinamos que não havia desculpa para não apresentar a sua poesia do dia, por pior e mais ridícula que fosse. Não importava.

Cozinhar, timonear, ler, escrever, fazer navegação. Posso garantir que a vida a bordo não era nada monótona. Muito pelo contrário, faltava tempo para fazer outras coisas. Eu gostaria de ter tido mais tempo para ler e escrever, por exemplo.

Acertamos que toda vez que um saísse de seu turno, escreveria no diário de bordo um comentário qualquer sobre aquele período. Transcrevo alguns aqui pra mostrar o dia a bordo:

- Ondas longas, chuva fina, mesmo assim turno agradável.

- *Abnormal wave* molhou tudo, rádios, roupa, cama e até nosso querido diário de bordo.

-E se não amanhecesse?

- Rasgou a genoa 170[35]. Já costurada. Vi duas gaivotas.

- Briga feia, eu e o bolo de fubá! Parece que ele levou a melhor.

- Lua, lua, lua.

- Lua cor de prata, chama a serenata (cadê as mulhé?)

- Tesão de noite.

- Marquesas, sois longe, mas nóis chega lá.

- Poparasa.

- Rapaposa.

- Spica no céu, timão pro Vareta[36] e o gostosão aqui pra caminha!

- O sol forte me queimou a costa. Falta de sorte? Que bosta!

- Ah, saborosa feijoada! Quantas peidadas!

---

[35] A genoa é uma das velas de proa. O 170, no caso, deve referir-se ao fato de que esta vela tem 170% de área vélica em relação à menor genoa.

[36] Sobrenome de Celso.

- Pouco a pouco ...
- Tamos chegando
- Enfeitem-se, *vahines*[37].
- Tá pertim, pertim.
- Ufa, que calor.
- Prepare-se, taberneiro.
- Que belo amanhecer/me foi dado ver.
- Cerveja, cerveja, cerveja!!
- Noite esplêndida, viajei pelo tempo.
- *Wind seeker*[38] adriçado[39] ao lado da bujita[40], mais a grande. Agora vai.
- Rajada brusca rasgou o *wind seeker*!
- Sol queimando, Marquesas chegando.
- Nuku Hiva à proa.
- Um UFO avistado, arrepiado, arrepiado!

Pois é, de fato vimos o que seria um UFO, disco voador ou o que o valha.

Todas as noites, pouco depois de escurecer, avistávamos um satélite artificial. Passava alto no céu, pela nossa popa, fazendo um percurso no sentido norte-sul. Sempre à mesma hora ficávamos atentos, tentando achar o satélite. O satélite das 8.

Até que um dia alguém grita:
- Olha lá o satélite.
- É, é ele.
- Ô meu, ele está fazendo uma curva.
- Olha só, virou 90° do rumo.
- Eu, hein!
- Olha lá, olha lá, voltou para o rumo antigo.
- Uai, agora ele está dando uma marcha à ré, tá voltando.
- Virou de novo.

---

[37] "Mulheres", em polinésio.
[38] Vela auxiliar usada com ventos muito fracos. Ela é leve e fica enfunada mesmo com pouco vento, dando alguma marcha ao barco.
[39] Içado ao ponto mais alto.
[40] Pequena vela de proa que é içada do mastro para a proa.

- Sumiu!

- Sumiu?

- É, sumiu.

Como disse, era um UFO, ou não sei o quê. O fato é que nós quatro vimos esse pequeno ponto no céu fazer evoluções até desaparecer.

Vale lembrar que a tripulação estava sóbria. Nem bebida alcoólica levamos na viagem. Depois de Puerto Ayora, nas Galápagos, a próxima cerveja aconteceu só na Polinésia.

Parodiando o ditado:

- *Yo no lo creo, pero que las hay, las hay!*

Entre eventuais discos voadores, ondas e poesia, o *Brasileirinho* a cada instante se aproximava de seu destino, Nuku Hiva. O vento amigo, fiel companheiro, raramente falhava. Todos os dias presente, fazia o *Brasileirinho* andar como nunca.

Numa travessia, a maneira de velejar é bem diferente da velejada de fim de semana ou mesmo de um cruzeiro curto ao longo da costa. Eu já disse que na navegação valia a lei do menor esforço (porém sem avacalhar). Com as velas não era diferente, e de novo sem deixar de levar a sério.

***Para navegadores** - As velas que usamos durante a travessia foram a mestra, a genoa 1, uma buja e o* wind seeker. *A mestra estava sempre em cima. Com ventos de até 20 nós, era usada sem nenhum rizo. A partir disso, começávamos a reduzi-la. A genoa 1 também era usada até uns 20 nós. Às vezes era trocada com menos vento, dependendo da direção dele. Por exemplo, com um vento de 20 nós pela popa, dá para segurar muito pano em cima, pois o vento aparente é fraco, alguma coisa entre 13 e 14 nós. Vento de popa significava asa-de-pombo, com o punho da genoa preso lá fora pelo pau do* spinnaker. *Quando este mesmo vento rondava mais para o través, e a genoa começava por trás, fazendo com que ela panejasse, era hora de desfazer a asa-de-pombo, dando um jibe nela. A partir daí, esse mesmo vento, 20 nós, passava a ser demais para aquele velame, já que o vento aparente aumentava consideravelmente passando dos 20 nós. Era a hora de trocarmos a genoa pela buja, que*

deixava o barco mais estável e com menos tendência de orça. Se o vento aumentasse, mantendo a mesma direção, chegava o momento de começar a rizar a mestra.

Na travessia inteira não houve necessidade de usar menos pano do que a buja e a mestra no segundo rizo, com exceção da noite em que chegamos a Nuku Hiva e entramos no rabo *de uma depressão tropical, em que o vento atingiu uns 40 nós. Mas foi só uma questão de horas.*

Às vezes pegávamos um vento mais forte pela popa, digamos 30 nós. Nesse caso, também usávamos a buja e a mestra com um rizo. Este rizo, na verdade, não era dado por haver excesso de pano em cima, mas somente para balancear a área vélica. Na asa-de-pombo é conveniente que a área de vela de proa seja semelhante à área vélica da mestra.

A wind seeker *foi usada algumas vezes, até que rasgou por descuido nosso: o vento aumentou e demoramos a baixá-la. Ela era usada quando, em asa-de-pombo, o vento estava a uns 40°-50° da popa, ou seja, soprava por trás, pegando a mestra e a buja, sobrando porém entre as duas um espaço aberto, sem vela.*

Adriçávamos a vela, deixando seu punho amarrado ao cunho da âncora, ficando ela do mesmo lado que a mestra. Conseguíamos, com isso, um aumento de pelo menos 1 nó na velocidade. Foi pena, como eu disse, que durou pouco: uma rajada traiçoeira rasgou-a ao meio.

O Pacífico faz jus ao seu nome.

A 20 de março chegamos ao meio do caminho. Estávamos equidistantes das Marquesas e das Galápagos, a mais ou menos 1.500 milhas. Nossa posição meridiana era 111°44'W e 06°08,6'S.

A posição meridiana é sempre a referência para a distância percorrida no dia. Sempre se medem as 24 horas velejadas de meridiana a meridiana. Isto porque ela é uma medida muito precisa. Ocorre sempre por volta do meio-dia, dependendo de onde se esteja dentro da faixa do fuso horário. Quando se está exatamente no meio desta faixa, a meridiana ocorre também exatamente ao meio-dia.

A meridiana é o momento em que o sol atinge seu ponto mais alto no céu. Não é difícil imaginar isso: de manhã, quando o sol nasce,

ele nasce *subindo* e continua assim até um ponto máximo no céu, a meridiana. A partir daí, ele começa a *descer*, até se pôr no horizonte. A medida da meridiana determina com grande precisão a latitude do barco. Ela é exata porque é fácil de ser medida: o sol parece que pára nessa posição mais alta por alguns minutos, propiciando uma medição muito precisa com o sextante. Não vou entrar em mais detalhes, pois não estou aqui para dar aula de navegação astronômica nem tenho essa pretensão. Para quem se interessar pelo assunto, recomendo, depois de ter lido muitos outros livros, de autores de várias nacionalidades, *Navegação Astronômica*, do capitão-de-mar-e-guerra Luís Geraldo Miranda de Barros, um livro extremamente didático e de muito fácil manuseio para uma consulta na hora do aperto.

Era comum aparecerem na popa enormes nuvens escuras vindo em nossa direção. A chegada delas invariavelmente fazia com que o vento aumentasse e, com ele, o mar. Se isso acarretava a inevitável faina de reduzir pano, trazia por outro lado um gostoso banho de água doce, da pura água de uma chuvarada tropical. Às vezes essas nuvens eram passageiras, na medida exata para esse banho. Uma hora depois, o sol já estava brilhando e nos secando. Outras vezes, porém, o mau tempo durava dias e aquele aguaceiro do início se transformava numa incessante e incômoda chuva fina. Aí entra um importante item, aparentemente óbvio, para quem está fazendo uma travessia: a roupa de tempo, impermeável, que abriga você da chuva e do frio. Aquela altura eu já sabia que roupa de tempo, em matéria de qualidade, não admite meio-termo. É o mesmo que se dá com a honestidade: ou se é honesto, ou desonesto. Quem é *quase* honesto, é, obviamente, desonesto. Não existe roupa impermeável *quase* boa. Elas podem ser classificadas como ótimas ou péssimas. A ótima é aquela que não deixa entrar uma única gota de água, tem costuras bem feitas, corte confortável, um capuz que protege a cabeça e confiabilidade na junção com o colarinho, além de ser feita de um pano resistente mas não pesado. E não deve ser muito quente quando se veleja nos trópicos.

A péssima é aquela que deixa entrar uma gota! É difícil imaginar o quão miserável é seu astral quando você é obrigado a ficar na chuva, com frio e se molhando.

Roupa de tempo ou é yin ou é yang.

Com chuva ou com sol o *Brasileirinho* continuava deixando sua esteira pela popa rumo à sonhada Polinésia. Era impossível deixar de divagar sobre o que iríamos encontrar - praias maravilhosas, coqueiros, águas límpidas, pareôs, flores, *vahines*, que são as moças de lá (aliás, que falta faz mulher a bordo! Quatro marmanjos, se olhando a todo momento, solitários, não são propriamente a companhia ideal), sem contar a vontade de tomar uma cerveja gelada.

Numa sessão poesia, saíram esses versos:

QUANDO EU CHEGAR

(Momento em que o poeta delirava após 21 dias no mar, entre barbudos fedidos, confundindo espuma da onda com a do chope)

Que venha a loira que bole
Do casco escuro e gelada
Quero sorvê-la de um gole
Matar essa sede danada.

O queijo, que seja emmenthal
Para mim, que definho
Com uma fome fatal.

Que venha o salaminho
Com pimenta-do-reino
Que, dizem, faz mal.

Porém pouco importa
É um desejo terreno
Deste pobre mortal.

Que venha depressa
A baguete torrada
Com manteiga à beça
Não penso em mais nada.

Chega, basta de mar
Quero chão, terra firme
O paladar melhorar
Que me venha mais queijo

Pode ser camembert
E depois um bom beijo
Da vahine*, mulher.*

O poema reclamava, mas a vida estava boa. É um privilégio estar no mar, vivendo e sentindo cada momento, passar medo com tempo ruim, cantar sob o sol, se deixar acariciar pela brisa.

Muitas vezes a cabeça viajava mais rápida que o *Brasileirinho*, e o mundo ficava pequeno para conter o que ia dentro dela. Mas acima de tudo era fantástico ter a natureza tão próxima, se mostrando com todas as suas faces e humores. No mar se entende o conceito de infinito.

Tudo ia muito bem, com exceção de nossas pescarias. Desde Galápagos não tínhamos apanhado um peixe sequer. Foi banho na isca a travessia toda. Tenho certeza de que esse mundo de água era piscoso. O que deve ter faltado é manha de colocar a isca certa, com o comprimento certo da linha e por aí afora.

Mas no penúltimo dia desvirginamos o anzol. De repente um de nós, do timão, começa a gritar:

- Peixe! Peixe!

Voamos para a linha e com calma começamos a puxar. Ela estava muito tesa. O peixe corria para um lado e para o outro. Sentimos sua força, querendo escapar, brigando conosco. Aos poucos, porém, vamos recolhendo a linha, com muito carinho, pois não queremos perder a presa.

De repente, o Celso grita:

- Tubarão!

Vimos então aquela enorme barbatana cruzar a popa do barco. Uma vez, duas, e aí foi direto pra cima do nosso peixe. Houve um tranco na linha e ela ficou leve. Puxamos rapidamente e ainda embarcamos um *wahoo*[41] com pouco mais de um metro de comprimento, mas sem metade da barriga, levada de uma mordida pelo tubarão. Ainda bem que o Mr. Shark mordeu apenas o bucho do peixe, deixando a carne boa para nós. Com ela, tivemos a melhor refeição desde as Galápagos.

Estávamos perto, muito perto de Nuku Hiva. Nada a reclamar, a travessia vinha sendo ótima. O único senão foi o leme de vento, que insistia mesmo em não funcionar.

A 1º de abril nos sabíamos bem próximos do nosso destino. Ao entardecer, a posição estimada era umas 30 milhas a leste de Ua Huka, a ilha mais a leste do arquipélago das Marquesas, quase na mesma latitude de Nuku Hiva. Entre meia-noite e 2 da manhã estaríamos em cima da ilha. Planejamos passar ao sul, para evitar os recifes ao norte. Noite sem lua, de céu totalmente coberto. Muita chuva e vento muito forte. Um pouco receosos, resolvemos fazer os turnos com duas pessoas no convés, um para timonear e o outro pra ficar de olho.

O barco chacoalhava muito e eu tentava dormir quando, lá pela uma hora, ouço alguém gritar:

- A porra da ilha!

Saio correndo, olho, e lá está ela já quase no nosso través, a umas 3 milhas. Surgiu numa brecha entre as nuvens. Felicidade, a navegação foi super-precisa.

Às 2 horas peguei o timão, com o tempo querendo melhorar, embora com vento ainda muito forte.

O céu foi começando a se abrir pela nossa popa. Era grande a esperança de poder navegar no visual. Esperávamos encontrar Nuku

---

[41] Tipo de peixe.

Hiva ao amanhecer mas, se o tempo estivesse bom, fatalmente poderíamos vê-la muito antes, o que tornaria tudo mais fácil. Por volta das 4 da manhã nossa popa já estava toda estrelada, mas a proa, o que realmente interessa, ainda era um escuro só.

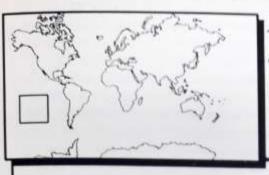
Olhamos o relógio a todo instante para saber quanto faltava para amanhecer, até que o sol começou a iluminar o céu e ela surgiu à nossa proa: Nuku Hiva. Quando saiu o sol, estávamos a 2 milhas do Cabo Tikapo, a extremidade sudeste da ilha. Cenário quase indescritível. Do lado de barlavento[42], costão escarpado e sem nenhuma vegetação, com falésias de até 400 metros de altura.

Logo depois do cabo existe a Baía de Taipi, muito grande e onde se vê o verde exuberante das montanhas próximas. No meio da ilha, pelo sul, está a Baía de Taiohae, nosso destino final. Na entrada da baía existem duas ilhas, uma de cada lado, a Sentinela d'Oeste e a Sentinela d'Este.

Enfim, lá estava eu nas Marquesas. Uma meta que já havia sido tão distante, que fora tão almejada. Hoje, finalmente, à minha volta, um sonho realizado: a Polinésia.

---

[42] Lado de onde sopra o vento.

Capítulo 5

Marquesas–Tuamotu: arquipélagos que se contrastam

5 Marquesas-Tuamotu: Arquipélagos que se contrastam

O PECADO VEIO COM OS MISSIONÁRIOS

Jogamos âncora às 8 da manhã. Vinte e quatro dias e meio de viagem, 2.947 milhas percorridas.

Ah, que alegria chegar, ver o verde das árvores de novo, olhar a praia, sentir o cheiro de terra no ar.

Após uma longa travessia, chegar a Nuku Hiva foi realmente uma grande recompensa por todas as horas passadas no timão, por todo o desconforto. Tudo isso ficava sem importância.

Foi lindo velejar com o *Brasileirinho* por entre as duas Sentinelas e apreciar toda aquela imensa baía diante de nós, rodeada por montanhas. Onde não se via o exuberante verde tropical havia as negras rochas vulcânicas subindo verticalmente, a talvez 500 metros de altura. No fundo da baía, uma praia de areia preta, barcos ancorados, algumas casas pelo morro. O mar liso. A visão daquela baía, além da alegria que proporcionou, foi um calmante profundo.

O barco ancorado, o descanso merecido ao *Brasileirinho*, que nos trouxe com elegância e segurança, ainda que algo mutilado, sem a bolina.

A primeira atividade é ir à terra e descobrir uma padaria. Me empanturro de pão com manteiga e cerveja. A baguete não podia ser mais francesa.

Pisar em chão firme, ver pessoas passando, tentar falar francês (no começo, confesso, um absoluto desastre de minha parte). Tudo muito bom, muito bom.

Onze ilhas formam o arquipélago das Marquesas, todas vulcânicas, a maioria muito altas. Quase todas as praias são de areia negra. Não há recifes de coral em volta das ilhas, apenas o mar batendo direto nos costões quase sempre verticais, imponentes, também negros. Em todas as ilhas se vê muito verde, muita mata tropical, árvores vigorosas, saudáveis.

Dá quase todo tipo de fruta que se possa imaginar: mamão, coco, *pamplemousse* (uma *grapefruit*, muito maior e muito mais saborosa), fruta-pão, amora, banana, limão, laranja, fruta-do-conde e até café crescendo no mato. Quase não se comem legumes e verduras por lá, existindo porém a mandioca e o *taro*, uma planta de folhas muito grandes - alcançando quase 1 metro de comprimento - que pode crescer a até 1,5 metro de altura. Come-se a raiz, que é um enorme tubérculo, e usa-se a folha em alguns pratos especiais. Parece a taioba do Brasil.

Naquela época do ano, abril, chovia todo dia. Aguaceiro tropical, que acima de tudo refresca todo mundo. Dura meia hora, uma hora se muito. Depois, novamente o sol.

O primeiro europeu a chegar às Marquesas foi um espanhol, Álvaro Mendana, que lá aportou em 1595. Batizou-as de Marquesas de Mendoza. Quando saiu, calcula-se que havia matado 200 nativos, mostrando a supremacia e o poder do homem branco. E muito catolicamente lá deixou três cruzes, para que Deus pudesse se lembrar das pobres almas que ele fora obrigado a despachar em nome da Coroa espanhola. Não é necessário fazer um profundo estudo sobre a história das ilhas do Pacífico para descobrir com facilidade que o paraíso que havia por lá, com um povo saudável, sem nossas doenças, vivendo exclusivamente da natureza sem machucá-la, adorando seus deuses, com seus tabus de um lado, com a alegria e as festas do outro, começou a ser destruído com a chegada dos descobridores. De início, se não trouxeram morte, vieram com doenças. Depois a idílica vida livre, sossegada, sem regras rígidas, perdeu sua liberdade com a chegada dos missionários cristãos, cheios de normas e doutrinas e da noção de pecado, até então desconhecidas pelos nativos.

A estadia na Baía de Taihoae acaba sendo de um mês, devido - acredite você ou não - a motivos burocráticos. Explico: para entrar oficialmente com um veleiro na Polinésia Francesa é necessário que cada tripulante tenha uma passagem aérea de volta a seu país de origem. Caso contrário, deve pagar à administração uma quantia equivalente, reembolsada na saída.

Isso apanhou muita gente desprevenida, inclusive nós, com exceção do Lula, que ia mesmo regressar ao Brasil e, portanto, já estava com seu bilhete. Para os outros três, o dinheiro precisou ser remetido pelas famílias e, como demora um mês para chegar, acabou sendo esta a duração da nossa permanência.

Nada a reclamar, porém. Foram dias agradabilíssimos, em que conheci pessoas interessantes e travei contacto com os costumes e hábitos locais. Um pouco decepcionante foi a pescaria, que eu esperava ser fabulosa. Atravessei o Pacífico pensando na hora em que iria cair na água e me ver rodeado de todo tipo de peixe. Algo como lá em Galápagos, no Sombrero Chino.

Um primeiro problema foi que muitos peixes eram considerados venenosos pelos locais. Eles chamavam o envenenamento de *ciguatera*, e depois eu viria a aprender que esse problema existe em quase todo o Pacífico. Na verdade ninguém sabe exatamente o que é. Alguns locais dizem até que a causa são as bombas atômicas que o governo francês explodiu no Atol de Mururoa, ao sul das Ilhas Tuamotu (que por sua vez ficam, ainda dentro da Polinésia Francesa, ao sul das Marquesas). A idéia predominante, contudo, é que os peixes que comem coral - os bodiões, por exemplo - de alguma forma contraem o veneno e este tem caráter cumulativo, ou seja, quanto maior o peixe, maior a quantidade de veneno que carrega. Alguns peixes de passagem também são perigosos, pois, como parte do mecanismo da cadeia alimentar, acabam ingerindo outros peixes contaminados.

No homem, o efeito cumulativo também ocorre. Se o primeiro peixe que você comer estiver envenenado, você talvez não sinta nada, pois seu organismo ainda não possui veneno armazenado. Mas o mesmo veneno pode derrubar um natural da região, que se alimenta pesadamente de pescado.

Às vezes eu pegava um dentão no arpão e o trazia para terra, mas o pessoal de cara dizia que era envenenado. Isso no mercado, embora lá mesmo outros dentões iguais ao meu estivessem à venda. Cheguei a achar que estavam de sacanagem comigo. O argumento, po-

rém, era que os peixes deles, pescados com linha, tinham sido fisgados a profundidades muito maiores do que aquelas em que eu mergulhava.

- Sabe, o problema é no raso, no fundo eles não são venenosos! E ninguém queria, nem de graça, meu peixe.

O resultado foi que a variedade de peixes *pescáveis* se restringiu bastante, e isso num lugar, como a Baía de Taihoae, já pouco piscoso, a não ser pelos barbeiros e tubarões - e algum esporádico crustáceo, como a lagosta – que encontrávamos pela frente. Resultado: eu, que até então mantivera uma certa dignidade como pescador, pela primeira vez em minha vida arpoei e comi um barbeiro. Não é tão mau (até o dia em que você come de novo uma garoupa).

O MITO DOS MATADORES DE TUBARÃO

Íamos todo dia até uma das ilhas Sentinelas, voltando sempre com o caíque cheio de barbeiros, distribuídos entre os barcos conhecidos. É interessante ver barcos com gente que em alguns casos está viajando há anos - ou seja, pessoas experientes de mar - mas não pescam. Às vezes, quando dávamos um peixe a alguém, a resposta era:

- Puxa, obrigado, faz mais de um mês que não comemos peixe!

Os nomes polinésios para os peixes são muito bonitos. O barbeiro, por exemplo, é chamado *parai*.

Um dia estamos mergulhando, eu e o Celso, no costão do lado de fora da Sentinela d'Oeste, em frente a um paredão que descia na vertical, liso, até uns 15 metros. Quando eu estou subindo, a meia-água, um tubarão passa do meu lado, a uns 2 metros de distância. Comprido de não acabar mais, nadando calmo, muito elegante e, acredito, de barriga cheia, pois me ignora totalmente. Subo direto pro caíque e vou mergulhar em outro lugar.

Mas de tanto pegar barbeiro e ver passar tubarão do meu lado, um dia resolvi arpoar um. Evidentemente não me meti a besta com o cinza, o *mao raira*, de até 3 metros de comprimento e muito invocado. Esse tipo de tubarão nadava à minha volta, vinha em cima e,

se possível, pegava o peixe arpoado. Interessante é que os cinzas são profundamente territoriais, ou seja, existe uma zona, um território que pertence a ele. Se você entrar ali, pode ter certeza de que ele vem. Mas assim que você nada para fora do seu território, ele o deixa em paz. Arpoei um galha preta, o *mauri*, que mostrou ter uma carne bem *comível*. Daí por diante, sempre que um dava sopa, levava uma arpoada.

No final, a tripulação do *Brasileirinho* ficou famosa por matar tubarões *face to face*. É claro que eu nunca expliquei que este tubarão gralha preta era tão manso quanto o barbeiro, mas a fama ficou.

NOS BARCOS, FESTA O TEMPO TODO

Com o passar do tempo foram chegando mais barcos, todo mundo se confraternizando, formando como que uma comunidade.

Um dos primeiros barcos que conhecemos foi o *Fehd*, cujo capitão, David, um americano, é uma das pessoas mais habilidosas que já vi. Entre outras coisas, era escultor, entalhador, mecânico, joalheiro, aviador e por aí afora. Acho que não existe nada no mundo que dependa de habilidade manual que o David não conseguisse consertar, ou em que pelo menos não pudesse dar um jeito.

Acabamos nos relacionando mais intimamente com os barcos franceses. O primeiro foi o *Copain D'Arbor* que, acredite, demorou cinqüenta dias para fazer a travessia entre Panamá e Galápagos. Eles nos contaram que por vezes jogavam o lixo no mar e este os acompanhava por três ou quatro dias, tal a baixa velocidade, e que a pior média foi 30 milhas percorridas em quinze dias, mostrando mais uma vez que antes de sair para o mar é bom planejar com cuidado cada travessia. A deles foi feita na época errada.

O *Madame Bertran* foi outro barco com que fizemos grande amizade. Nele estavam o Alain e a Marie, pessoas de altíssimo astral, que curtimos muito. O Alain era a calma e a paz personificadas, a Marie, *toute petite*, muito charmosa e delicada. Com ela aprendemos, entre outras coisas, uma deliciosa receita de pão e como fazer saquê, o vinho de arroz. O barco propriamente dito acabou sendo um dos de que mais gostei em toda a viagem: 32 pés, feito em compensado naval,

hard-chine, pesando só 3 toneladas. Leve, gracioso, ligeiro e extremamente aconchegante.

Outro barco francês era o *Catar*, com o Louis, o capitão, e um casal, o Norbert e a Annie, que tocavam violão e cantavam como ninguém. À noite todo o pessoal se reunia num barco, cada um trazendo um pouco de comida, um pouco de vinho, em festas varando a madrugada.

Eu, pobre de mim, um total desastre musical, vez por outra tentava acompanhar meus companheiros brasileiros, mas em nome da boa imagem da nossa música no exterior cheguei à conclusão de que era melhor ficar quieto.

Ficamos bem amigos também do Linn, um americano enorme, de mais de 2 metros de altura, forte até não mais poder. O Linn veio do Alasca com seu barco, *Joie*, um *sloop*[43] de 36 pés, que ele construiu. Com todo aquele tamanho e força, ele falava macio, era manso como um bebê e também tirava um som, num banjo e num violino.

Conhecemos tanta gente, tantos barcos, fizemos tanto por lá, que Nuku Hiva podia quase tomar todo o espaço deste livro.

Conhecemos o Heinz "Ketchup", um navegador solitário, no *Try Again III*, um trimarã[44]. Seu primeiro trimarã afundou, o segundo pegou fogo, daí o nome. *Slow Shoes*, com a Sherry e o Tim, de quem me tornei grande amigo. *Sea High*, com a Patty e o Jerry, este com a melhor voz do Pacífico. Cantava como ninguém os *countries* americanos. A Patty, bonita de fechar o comércio, e o barco lindo, um Lafitte de 44 pés, um sonho. *Falcon*, cujo capitão, o Don, foi o maior festeiro que conheci, o barco, lindo também, um Ericson 46, *flushdeck*[45], sempre cheio de gente, sempre uma zona, com fartura de tudo.

No final de nossa estadia apareceu o *Elisium*, o barco que contactamos pelo rádio depois de Galápagos. A Helen e o Elmer eram um casal americano de idade. O barco, enorme, 56 pés, de ferro-cimento,

---

[43] Veleiro de um mastro com vela grande ou mestra e apenas uma vela de proa.
[44] Barco de três cascos, sendo em geral o casco central de maiores dimensões que os laterais.
[45] Tipo de convés usado em barcos de regata. Não tem degraus, buracos ou quaisquer obstáculos que possam atrapalhar a movimentação da tripulação.

construído em seis anos por eles. Definitivamente confortável. Um dia, em troca dos peixes que sempre lhes dávamos, ganhamos um bolo, feito pela Helen, que durante muito tempo me deu água na boca.

Por último aparece o *Dou Dou Diop*, um antigo pesqueiro inglês convertido em veleiro, então com 77 anos de vida. A bordo, o Roland e o Jean-Charles. Um barco único: pelo seu visual, pelo clima a bordo, pela tripulação e sem dúvida pelo nome. O *Dou Dou Diop* homenageava um pescador senegalês amigo do Roland que o ensinou a mergulhar.

MULHERES BONITAS, HOMENS BRIGÕES

Os dias passavam morosos, ensolarados e extremamente agradáveis em Taiohae. Aos poucos vamos conhecendo o pessoal local. De tanto freqüentarmos o Chez Maurice, uma mistura de padaria, depósito, posto de gasolina e bar, nos tornamos amigos do filho de Maurice, Jimmy. Por seu intermédio conhecemos outras pessoas da ilha.

O povo polinésio é bonito. Todos têm cabelos absolutamente negros e lisos, a cor da pele é morena, mas de um tom todo especial. Não se trata da cor de uma mulata nem de uma morena bem bronzeada, mas de uma cor só deles. Os lábios são carnudos, o nariz às vezes afilado, às vezes encorpado, e os olhos puxados e escuros.

Para as *vahines*, só existe um traje: o pareô, sempre de um tecido estampado, florido. Os cabelos longos estão sempre enfeitados por uma flor dentre as dezenas de espécies locais. Mesmo que não seja bonita, uma polinésia será sempre florida. A flor é o elemento mais presente em sua cultura.

Eu imaginava encontrar só mulheres lindas (afinal, quando se sonha, recorre-se a tudo que de direito), mas na verdade a maioria delas, evidentemente, como em qualquer outro lugar, exibia uma beleza mediana, embora algumas fossem realmente deslumbrantes. O grande defeito, segundo o Celso, é que elas tinham pé grande. E por uma razão simples: lá todos andam descalços.

Os pés, porém, não desmerecem em nada as mulheres polinésias. Elas são encantadoras, com seus cantos, suas flores e seus sorrisos. Já os homens, os *tane*, são agressivos e muito arredios. É difícil travar contacto e criar amizade com os marmanjos locais. Eles até se mostram afáveis e educados durante o dia, embora mantendo distância. À noite, quando ficam bêbados, tornam-se extremamente hostis, brigam entre si, às vezes se juntam em bando para bater num só. E você, estrangeiro, mantenha distância porque, se bobear, leva porrada.

Presenciamos isso num sábado à noite, no único restaurante da ilha, o Bec Fin, um galpão aberto em frente à rua de terra paralela à praia. Durante a semana, o Bec Fin funcionava somente como restaurante. No sábado tornava-se um restaurante dançante, onde as *vahines* se enfeitavam para se encontrar com os *tanes* e dançar. Dançavam muito, até não mais poder.

Nessa noite vimos uns dez *tanes* surrarem um só. E tome porrada, pontapé e pescoção. O infeliz ficou caído na rua. No dia seguinte todos se cumprimentam, conversam, como se nada tivesse acontecido. *In vino veritas.*

O Lula tinha que ir embora, voltar para a escola no Brasil. Sua partida foi um sufoco. Uma vez por mês um pequeno navio, o *Taporo*, fazia escala nas Marquesas, voltando depois para Papeete (pronuncia-se papê-hêtê), no Taiti. Chegava num fim de tarde e ia embora na tarde seguinte. No dia da partida o Lula ainda arrumava suas coisas quando o *Taporo* começou a apitar do pequeno cais. Um apito, dois apitos - e todos nós achando que eram só um aviso de que o navio iria sair dali a uma hora.

Nisso o navio começa a desatracar, preparando-se para partir. Aí é aquele corre-corre. As malas do Lula são jogadas no caíque e o Carlos e o Celso seguem junto. Com o navio já começando a se movimentar, eles se aproximam do costado, onde, por uma pequena escada de corda, o Lula finalmente sobe, levando suas coisas. Alguns minutos mais e teria que passar mais um mês nas Marquesas - o que certamente não teria sido nada mau para ele.

Dias depois, o pessoal do *Dou Dou Diop* nos sugeriu um pulo a Eiao, a ilha mais ao norte do arquipélago. Desabitada, era proibido

visitá-la, e por isso mesmo devia ser um bom lugar para ir: muito peixe, frutas no mato até animais selvagens para serem caçados. A idéia pareceu mais que tentadora, mas ainda tínhamos de esperar a chegada do nosso dinheiro para legalizar a estadia.

Nessa ocasião o Alain, com o *Madame Bertran*, foi embora para Papeete. Sozinho, pois a Marie ficou com o Roland, do *Dou Dou Diop*.

– Il faut changer, quelque fois.

Enquanto esperávamos o dinheiro para obter visto de permanência, resolvemos visitar uma pequena baía poucas milhas a oeste de Taihoae, conhecida como Daniel's Bay, por morar lá um Daniel, tido como grande escultor em madeira.

Poucas horas depois de levantar âncora chegamos à entrada da baía, uma estreita passagem onde de cada lado se erguem falésias altíssimas. Era quase como entrar dentro de um corredor. Uma cena pomposa. Passando as duas grandes rochas da entrada, via-se logo à frente uma pequena praia rochosa ainda desabrigada, batida pelas ondas, já que ficava bem na entrada da baía. Mais adiante, descemos em terra e fomos visitar o Daniel. Por falta do chamado numerário, não deu pra comprar nenhuma escultura, o que foi uma pena, pois os *tikis* (imagens dos deuses) que ele esculpia eram realmente lindos. O Daniel também fazia clavas e tacapes polinésios, muito bonitos, de madeira de lei.

O Daniel morava praticamente sozinho com a família naquela baía. Era o seu reinado. Um reinado exuberante, fértil, bonito e pacífico. E o reinado dava lucro, pois ele é uma figura famosa em todas as Marquesas. Todo barco conhece ou pelo menos já ouviu falar de Daniel, o Escultor. Não comprei nenhuma escultura, mas joguei uma partida de *pétanque* com ele. E cheguei à conclusão de que ele joga tão bem quanto esculpe, ou até melhor, pois perdi de zero.

Ficamos só dois dias em Daniel's Bay e voltamos para Taiohae.

Quando finalmente chegou o dinheiro e nos vimos prontos para partir, a ansiedade de se fazer ao mar quase desapareceu, e baixou uma leve tristeza por ter que deixar Taiohae, que nos acolheu tão bem.

Fomos ao Chez Maurice nos despedir do nosso melhor amigo em terra, Jimmy. Ele nos acompanhou até o pequeno píer.

O CASAL QUE SÓ ANDAVA PELADO

O *Dou Dou Diop* já tinha partido há dois dias rumo a Eiao quando levantamos âncora. Saímos no fim de tarde, quase noite, esperando chegar no outro dia de manhã, pois apenas 60 milhas separam uma ilha da outra.

Acabamos chegando à noite. Como não tínhamos a carta detalhada da ilha, resolvemos ficar ao largo e esperar o amanhecer. O sol nasceu exatamente atrás de Eiao, lançando um leque multicolorido de raios no céu. Velejamos a partir do norte, ao longo da costa, procurando o abrigo certo. Passamos por duas baías pouco abrigadas, com praias de pedra, até que, na terceira, a Baía de Obi Tufa, encontramos o *Dou Dou Diop* ancorado. Mal jogamos a âncora e chega outro veleiro de mais ou menos 35 pés, azul, com um casal a bordo: o *Julio Grande*.

Defronte à praia em que ancoramos descia um pequeno córrego que turvava a água do mar. Somente fora da baía se encontrava água transparente.

Comentavam que havia cabritos e porcos selvagens na ilha, mas eu e o Celso resolvemos ir pescar. Conosco a Marie, a *petite*, ex-tripulante do Madame Bertran, e o Jean-Charles, um dos dois amigos do *Dou Dou Diop*. Saímos da baía e logo caímos no costão, que desce reto até uns 10 metros. Lá embaixo, pedras e tocas. Um fundo rochoso, escuro, semelhante ao de Nuku Hiva. Os dentões enormes logo aparecem, mas resolvemos deixá-los em paz, com sua fama de envenenados. A Marie e o Jean-Charles mergulham para pegar conchas e depois vendê-las em algum lugar.

Quando estou a uns 20 metros do costão, tomando fôlego para descer, tenho a impressão de que alguma coisa passa pelas minhas costas. Me viro e vejo um enorme xaréu preto. Eu nunca tinha visto um tão grande em minha vida. Me movimento em direção a ele, estico o braço e atiro. O arpão pega logo atrás da cabeça, quase na nadadeira lombar. Vi que tinha entrado só um pouco. Quando comecei a

nadar em direção a ele, o arpão saiu, mas lá ficou o xaréu parado dentro da água. Foi um dos tiros mais felizes que já dei: embora o arpão mal tivesse entrado, acertou no lugar exato.

Banquete a bordo. O peixe alimenta oito pessoas com total fartura.

Nessa noite conhecemos o casal do *Julio Grande*, dois franceses, o Vincent e a Nadine. O Vincent explicou o nome de seu barco:

- Eu estive um tempão em Fernando de Noronha, no Brasil, junto com o Roland. A gente pescava todo dia. Estivemos várias vezes no Atol das Rocas e ficamos muito amigos do pessoal da ilha, especialmente do Júlio Grande, que é um pescador excepcional. Ele conhecia cada toca de Noronha. Quando depois comprei o barco, eu só podia dar o nome dele. É o Julio Grande no Brasil e o Dou Dou Diop no Senegal

Os dois franceses eram parte integrante da natureza. O Vincent mostrou-se bom pescador, bom caçador, bom amigo. Ele e a Nadine andavam pelados o tempo todo. Iam até caçar pelados (na verdade todo mundo andava meio pelado por aquelas bandas, mas, de alguma forma, neles a coisa parecia mais natural).

No dia seguinte nós, do *Brasileirinho*, resolvemos ir a terra. Íamos tentar caçar o jantar para todos. Subimos o morro, farejamos daqui, olhamos dali, cada um ficando um pouco com a espingarda, quando de repente eu estou com a arma e aparece um bodão a uns 10 metros morro acima.

O calejado caçador Helio mira, capricha e aperta o gatilho. O bode faz mééé, vira de costas e vai embora. De tão desmoralizado, resolvi deixar a caça aos caçadores e me dediquei ao que sabia: mergulhar.

Se por um lado a caçada foi um fiasco, por outro nos demos bem, achando um bosque de pinhas, ou frutas-do-conde. Árvores e árvores recheadas delas, caindo de maduras. Além de nos empanturrarmos, levamos sacolas cheias para baixo. E na descida ainda deu tempo de pescar uns peixes para o jantar.

CORAÇÃO SAUDOSO

À noite fizemos uma grande fogueira na praia, onde nos fartamos de comer peixe e tomar vinho de arroz.

Ali, à noite, à beira do fogo, tudo estava perfeito, as ondas batendo na praia, as estrelas piscando no céu.

Meu coração é que andava saudoso, sentindo falta da minha Adélia. Como estaria ela, tão longe, lá no Brasil?

Com o tempo aprendi que, se a saudade é inevitável, também é preciso não se abater por ela. De nada adiantava me lamentar. Afinal, a decisão de sair por aí tinha sido minha. Aprendi a guardar a saudade com carinho, deixando a dor de lado. De qualquer maneira, seu sorriso estava a meu lado, sua voz carinhosa me sussurrava ao ouvido.

No dia seguinte foi a vez do Vincent tentar a sorte na caça. Saiu antes de amanhecer e logo que o sol nasceu voltou com um carneiro a tiracolo.

Durante o dia fui pescar de novo e presenciei um espetáculo inédito para mim: um balé de raias jamantas. Deviam ser umas vinte, com envergadura em torno de 3 metros. Nadavam em formação, numa longa fila que serpenteava como uma cobra. Na posição em que a primeira subia, todas subiam. Se a primeira dava um salto fora da água, uma a uma todas faziam o mesmo, exatamente no local onde a primeira tinha emergido. Se a primeira virava pra esquerda e afundava, todas repetiam o movimento quando passavam pelo lugar em que a primeira tinha virado. Era fantástico apreciar a beleza e suavidade com que elas se moviam, a sincronia e precisão dos movimentos. Eu e o Celso, dentro da água, ficamos completamente embevecidos. Não vou dizer boquiabertos, é claro, pois teríamos nos afogado.

Porém não foram só raias e xaréus que vimos por lá. Volta e meia eu pegava uma garoupinha e um tipo de olho-de-boi que nadava sem cardumes, uns peixes bonitos, brigões, de até 5 quilos. Tubarão havia à vontade. E todos, infelizmente, do tipo cinzento, o *mao raira*, agressivos e abelhudos. Havia tantos tubarões que jamais tomávamos

banho de mar na praia que frequentávamos: a água ali era turva e víamos a poucos metros da areia, rolando nas pequenas ondas que se formavam, as barbatanas características, em permanente vaivém.

Um dia fomos até outra pequena baía onde também descia um córrego, que havia turvado bastante a água depois de uma noite de chuva. O interessante é que essa água ficou como que confinada em uma determinada área. Havia uma divisão absolutamente definida entre a água turva e a limpa, como se fosse uma parede.

Mergulhávamos na *parede* do lado limpo, eu e o Roland. Estávamos atrás de um cardume de xaréus pretos, chamados de *carangues* pelos franceses, que entrava e saía da parede. Eram peixes imensos. Aquele primeiro que eu apanhara pesou (segundo a avaliação geral) uns 35 quilos, mas esses eram muito maiores. Só que estavam ariscos, e o pior é que também havia tubarões entrando e saindo da parede de água. Eu via o Roland lá no fundo, a uns 20 metros de profundidade, quando de repente saiu da parede um xaréu absurdamente grande, o dobro ou mais do que aquele que eu tinha apanhado. Deu pra ver o Roland dar aquela contraída característica antes de disparar o tiro quando surgiu um tubarão que, por sua vez, era bem maior que o dobro da *carangue* que o interessava. O Roland, que não era besta, subiu rapidinho. Logo em seguida, dei sorte. Estava quase na tona quando o cardume passou e um xaréu curioso desviou-se em minha direção. Foi só um tiro na testa e ele parou. Esse também era dos grandes. De novo, o peso de consenso foi uns 50 quilos. Aliás essa história de peso de peixe me fez lembrar meu amigo João Diniz, lá de Caravelas, na Bahia, segundo o qual peixe tem dois pesos:

- Quando se diz que pesou 50 quilos *pesadamente*, é porque se pesou na balança. Agora, 50 quilos *calculadamente*, já viu: quem pesou foi o olho do pescador.

Pois a *carangue* pesou 50 quilos calculadamente, embora meu olho não tenha sido o único a medir.

O MELHOR TIRA-GOSTO DO MUNDO

Quando voltávamos dessa pescaria, vinha chegando um veleiro lindo de dois mastros, armado em escuna, o *Oggijona*. A bordo, o Piero e a Cristina conhecidos do Roland, que haviam combinado aparecer por lá.

À noite, outro churrasco fabuloso. Como havia muitos galhos e troncos secos na praia, fazíamos uma fogueira enorme e a cercávamos com pedras. Esse círculo de pedras tinha lá seus 3 metros de diâmetro e as labaredas subiam ainda mais que isso. Depois que se formava o braseiro, os troncos ainda não em brasa eram retirados e ao lado continuava outra fogueira com eles. No braseiro jogávamos pedras e por sobre elas fazíamos o peixe. Ficava pronto num instante.

Aprendemos muitas coisas com os franceses. Esse jeito de fazer fogo, por exemplo, que além de lindo era eficiente, foi idéia deles.

Com eles aprendemos também a melhor maneira de salgar peixe para conservá-lo a bordo. Pescávamos tanto que sempre sobrava. Para salgar, corta-se primeiro um filé e dele se fazem tiras compridas e finas. Enfiam-se as tiras em um arame (de preferência de aço inox) e salga-se o peixe, com sal fino ou grosso. (O sal fino deixa o peixe mais salgado.) A seguir amarra-se esse arame no estaiamento do barco, ao sabor do vento e ao sol. Se você pescar de manhã bem cedo e o dia for de sol forte, sem chuva, à noite o peixe estará pronto. Caso contrário, se ele ainda não estiver seco, recolha todos os arames com as tiras, coloque-os dentro de um escorredor de macarrão e cubra-os. Durante a noite, o sal desidrata o peixe e, no dia seguinte, ele terminou de secar.

Uma vez seco, guarde o peixe com o próprio arame. Aí está a grande utilidade desse arame, pois você simplesmente o pendura dentro do barco, à sombra e num lugar ventilado. Dura seis meses fácil, fácil. Se por acaso começar a se reumedecer, coloque novamente no sol, e ele estará seco de novo.

Para cozinhar, basta antes colocar o peixe na água por uma hora (troque de água uma vez e ele está pronto, hidratado para ser cozido).

Outra boa dica é com o peixe de carne escura. Aí, em vez de tiras, corte-o em pequenos cubos e siga o mesmo processo. Mas não deixe secar muito. O ponto certo é quando se aperta um cubinho e ele ainda está macio, como um pedaço de borracha. Então tire o peixe do arame, jogue-o num vidro que tenha tampa e acrescente tempero a gosto, como ervas aromáticas, cebola picada, alho e pimenta, e depois cubra com óleo vegetal, de preferência azeite de oliva. Deixe descansando uma semana ou mais (quanto mais melhor) e você terá o melhor tira-gosto que conheço. O peixe fica com a consistência de presunto e sabor único.

Com a Marie - titular, como se viu páginas atrás, de uma magnífica receita de pão - ainda aprendemos a fazer queijo além de, como também já contei pra você, o saquê, o vinho de arroz, que podia não ser magnífico, mas quebrava um grande galho quando faltava dinheiro ou bar por perto.

Com a chegada do Piero, as cabras não tiveram sossego. Ele e o Roland em dois dias mataram quatro, depois devidamente churrasqueadas. O que sobrou foi defumado ao lado da fogueira.

ESCAPANDO DOS TUBARÕES

Mas se Eiao era todo esse paraíso que descrevi, foi também o lugar onde me senti mais perto da morte. Aficcionado do mergulho, todo dia eu estava dentro da água. Às vezes mergulhava de manhã, dava uma descansada e depois ia de novo à tarde.

Desde o primeiro dia de mergulho eu via uns peixes enormes, de 2 metros ou mais de comprimento, longilíneos como uma barracuda, prateados e aparentemente sem escamas. Outros também viram e o consenso geral era de que ele pertencia à família do atum. Um peixe lindo, imponente.

Eles se aproximavam e se detinham. Só que paravam a uma distância um pouco além do que meu arpão podia alcançar. Com muito jeito, quase sem me mover, procurei me aproximar deles, mas os bichos eram ariscos. À medida que chegava perto, eles se afastavam.

Houve, porém, um momento em que consegui ficar numa posição boa e mandei bala. Tiro beleza, bem na cabeça. Por um instante parecia que o peixe tinha parado, como aquele xaréu. Engano. No instante seguinte ele nadava como um louco para o fundo. Levou o arpão e a linha da minha carretilha.

Aí cismei: “Vou pegar um bicho desses”.

Perdi mais dois arpões em condições semelhantes e não me conformava em não conseguir apanhá-los. Todos tiros bons, na cabeça ou perto dela - e toda vez eles escapavam.

Pois é, eu devia ter aprendido que três já é demais.

Pescávamos - o Roland, o Celso e eu - num costão já bem longe de Obi-Tufa, quase no sul da ilha, com o caíque do *Dou Dou Diop*. O Celso e o Roland ficaram mais próximos do caíque ancorado e eu tinha ido uns 200 metros para fora. A profundidade ali era de uns 20 metros e eu estava a meia água, parado, esperando pelos peixões. Tinha descoberto ser esta a melhor tática: descer até meia profundidade e parar, aí eles se aproximavam. Dito e feito. Logo eles apareceram e um deu aquela sopa, passando bem pertinho, Miro com capricho e aperto o gatilho. Cena já conhecida: ele dá aquela paradinha e depois se manda lá para o fundo de águas turvas. A carretilha assobiava à medida que se desenrolava e eu sentia a tensão do peixe me puxando para baixo. De repente percebi, como das outras três vezes, que a tensão acabara. O cabo tinha se rompido, e lá se foi outro arpão.

Foi bem aí que as diferenças começaram. Mal o cabo se rompeu, sobem lá do fundo uns quinze tubarões vindo em minha direção! Nem sei que palavra forte usar pra dizer o que senti. O primeiro tubarão quase me tocou. O segundo veio em direção ao meu rosto e desviou um instante antes de se chocar comigo. Logo me vi rodeado por todos. Por duas ou três vezes, nem me lembro direito, eles resvalaram em mim. Com a espingarda inoperante, sem arpão, cutuquei outros dois ou três, afastando-os.

Minha sorte é que me mantive calmo. Fui subindo devagar, sem movimentos bruscos. A sensação é horripilante: você se vê absolutamente indefeso, sem possibilidade de reagir ou revidar a um ataque. Ainda tinha uma faca amarrada à perna, mas não quis pegá-la,

primeiro para não fazer mais um movimento, e segundo porque isso poderia representar um momento de desatenção fatal. De mansinho cheguei à tona e já sentia os tubarões cada vez mais perto. Pus a cara pra fora e gritei. Imediatamente enfiei de novo o rosto na água e tome um cutucão num que passa perto. Gritei de novo, e de novo cara na água rapidinho. Outro grito. E aí foi minha sorte: o Celso ouviu e logo veio me buscar no caíque. Garanto que o Super-Homem não teria dado o vôo que dei da água para o caíque.

- Cadê o peixão, Helhão?

- Que peixe, meu, olha aí a água forrada de tubarão!

- Porra, é mesmo!

- Meu irmão, tô em dívida com você, lhe devo uma vida. Um a zero.

GAUGUIN E JACQUES BREL

E chegou o dia de ir embora. A bordo de um veleiro dando a volta ao mundo, as datas de partida normalmente não são ditadas por compromissos, mas ligadas a condições climáticas, marés e fases da lua.

Nosso próximo objetivo era o arquipélago das Tuamotu, composto de 79 atóis. As Tuamotu ficam no caminho entre as Marquesas e o Taiti, uma ilha que faz parte das Ilhas da Sociedade.

A distância entre as Marquesas e as Tuamotu não é grande, apenas 600 milhas, que poderiam ser cobertas em poucos dias. A grande dificuldade desse trecho era a aterragem[46]. Para começar, as ilhas são muito baixas. Um atol tem poucos metros de altura. O que se vê primeiro, ao chegar, são coqueiros no horizonte, e só depois se divisa a faixa de areia da praia. Um atol é um anel de areia cercado de outro anel de recifes, que afloram na baixamar. Esses recifes podem se estender facilmente 1 milha para fora da praia. Uma bobeada na navegação, portanto, pode se tornar uma catástrofe.

---

[46] Aproximar-se de terra, vindo de alto-mar.

O outro problema é que a corrente entre esses atóis, que varia em função dos ventos e marés, pode ser fortíssima. Com isso, acontece de às vezes uma tripulação se imaginar a 10 milhas de um atol e, na verdade, já estar em cima dele.

Como a distância entre as Marquesas e o primeiro atol não é grande, fica impossível prever a hora de chegada e há o risco de se aterrar à noite, sem visão dos recifes. A solução é planejar a viagem de tal forma que o dia de chegada seja de lua cheia. Da partida de Eiao até o dia da lua cheia haveria quinze dias, que pretendíamos usar para conhecer mais algumas ilhas do arquipélago das Marquesas. Foi com pesar que deixamos Eiao, pois tudo estava tão perfeito, tão mágico, que ir embora parecia pecado.

O *Julio Grande* pretendia ir direto para Pago-Pago (pronuncia-se pango-pango), onde o Vincent esperava encontrar um emprego, pois seu caixa estava a zero. Mais do que isso, soubemos que a Nadine estava grávida e, portanto, iria precisar de cuidados especiais. O *Dou Dou Diop* não tinha planos definidos, mas seu destino, a médio prazo, era Papeete, capital do Taiti. O *Oggijona* faria mais ou menos nosso percurso, deveríamos encontrá-lo nas Tuamotu.

Abraços, beijos, acenos.

- *Au revoir*.

- *À toute à l'heure*.

- Tchau, se cuidem, que o vento seja sempre amigo.

De Eiao rumamos para Hiva Oa, ilha onde pretendíamos comprar mantimentos, como arroz, feijão, batata, sal grosso, cebola e óleo de cozinha. Que ótimo nossas necessidades estarem num nível tão básico. Assim é que a vida começa a ficar boa.

Saímos num sábado de manhã e só chegamos segunda à tarde. O vento foi fraco e contra. Ancoramos na pequena Baía de Atuona, ao lado da cidade do mesmo nome. Ali Gauguin foi enterrado em 1903. Perto de seu túmulo existe outro, em que jaz um nome também famoso: o grande cantor Jacques Brel, que igualmente teve seu fim em Hiva Oa.

Na ilha, como em todas as outras das Marquesas, há uma flora exuberante. De todos os cantos parece brotar uma flor ou planta.

Ficamos só o suficiente para comprar mantimentos e abastecer o barco de água, pois queríamos mesmo era visitar Fatu Hiva, aparentemente a mais interessante do arquipélago. O explorador norueguês Thor Heyerdahl, que ficou famoso desde sua primeira expedição, a da balsa *Kon-Tiki*, morou doze meses em Fatu Hiva logo depois de se formar biólogo e se casar, em 1936. Ele publicou a respeito da experiência um livro com esse título, *Fatu Hiva*, que eu acabara de ler. Estava, portanto, muito curioso para ver e sentir tudo o que ele havia escrito.

No caminho para lá, ancoramos por um dia em Tahuata, uma ilha logo ao sul de Hiva Oa. Praia linda, com muitas árvores frutíferas, especialmente limoeiros. Catamos uns 30 quilos de limões, pensando em vendê-los nas Tuamotu, pois lá só dá coco. Esse tipo de expediente sempre ajuda as finanças de quem viaja pelo mundo.

VIAJAR NÃO É IR, É ESTAR

Saímos na noite do dia seguinte com um suave contravento e mar muito liso. Pela manhã Fatu Hiva já estava em nossa proa, descortinando para nossos olhos deslumbrados uma cena magnífica. Nesse lado, o de sotavento, ela esbanja beleza: toda sua costa é vertical, com falésias altíssimas. Ao mesmo tempo víamos mais uma vez a pujança da natureza, com verde para todo lado. Nessa costa vertical, aqui e ali apareciam pequenas nesgas com minúsculas praias enclausuradas por rochas que subiam centenas de metros acima. Nosso destino era a Baía de Hanavave, uma nesga maior entre as falésias. À medida que nos aproximávamos podíamos ver melhor Fatu Hiva. A estreita entrada da baía era a saída de um imenso vale que se abria no interior da ilha. O fundo era cercado por montanhas ainda mais altas, cujo contorno sinuoso, contrastando com o azul do céu, realçava a beleza da paisagem.

Logo que ancoramos veio a nosso encontro uma canoa típica polinésia, dessas com um flutuador ao lado.

Os polinésios eram grandes navegadores. Foram eles que povoaram as ilhas do Havaí, saindo, provavelmente, do exato ponto

onde estávamos. Por bons navegadores quero dizer que eram competentes em navegacão e marinharia. Guiavam-se pelos ventos, pela direção das ondas, pelos pássaros tinham noções de astronomia. Sabiam que uma onda, ao contornar um obstáculo (uma ilha), muda de direção, e com isso eram capazes de calcular a proximidade de seu destino. Isto é um conceito moderno de oceanografia e eles dominavam esta arte antes mesmo das grandes descobertas.

O fato de terem povoado todas as ilhas da Polinésia prova sua marinharia. Suas canoas são embarcações fantásticas. Elas dispõem de duas proas para sempre terem o flutuador do lado do sotavento - ou seja, elas nunca adernam. Quando dão um bordo, os polinésios passam o leme de um lado para o outro, assim a proa vira popa e vice-versa.

Infelizmente isto é hoje uma arte em extinção. As canoas existem, mas sem seus mastros e velas: são impulsionadas somente a remo. Para navegar atualmente é mais fácil pagar uma passagem no *Taporo* do que se importar com a direção das ondas. É triste ver antigas tradições aos poucos sumirem.

Os dois tripulantes da canoa que encostou no *Brasileirinho*, revelando como os tempos mudaram, fizeram logo a pergunta:

- Vocês têm fita do Bob Marley?

Não chegou a cortar nosso barato, mas se tivessem perguntado “vocês querem frutas?” teria sido melhor, juro que seria.

Descendo a terra, comprova-se que a vista do mar não é enganosa. De fato, tudo é muito verde, muito florido. A pequena vila de Hunavave estende-se desde a praia até o começo do vale propriamente dito, sempre ao longo de um riacho de águas cristalinas. O ar é descontraído e pacato. Queríamos comprar frutas para a viagem e também *tapa*. *Tapa* é um tecido típico de lá, feito de casca de árvore. São as mulheres que o fabricam, por meio de um processo interessante: elas sentam-se à beira da água, no rio, e ficam malhando com uma pedra a casca da árvore, que é relativamente grossa. Batem até que sua espessura fique mais ou menos igual à de um brim de uma calça jeans. Depois o *pano* é colocado para secar ao sol. Uma vez seco,

fica flexível e de uma textura muito bonita. Em cima disso fazem desenhos alusivos a sua cultura, com *tikis*, canoas, armas. O *tapa*, sempre de tom marrom, pode ser claro ou escuro. O claro é a casca de uma árvore chamada *maioré* e o escuro vem da *banion*.

Tentamos fazer um comércio a base de troca. Levamos roupas, enlatados e até um sapato social de bico fino. Além de artistas, os nativos são sem dúvida grandes comerciantes, pois a pechincha de ambos os lados levou horas - e assim mesmo tivemos que entrar com dinheiro.

Um dia fomos visitar uma cachoeira lá no meio do vale. Andamos quase a tarde inteira para achá-la, passando por todo tipo de vegetação, vendo hibiscos, gardênias, orquídeas, coqueiros, palmeiras, jaqueiras, limoeiros, pés de *grapefruit* e carambola e até um cafeeiro nativo. No caminho percorremos riachos e penhascos por um terreno sempre muito acidentado.

Mas o esforço valeu. A cachoeira era um véu que caía de uns 50 metros, em cima de uma pequena piscina natural, circundada por paredes de rocha. O acesso era só por um lado, onde a piscina era rasa, formando quase uma praia. Um daqueles lugares que ficam gravados na cabeça para o resto da vida.

Infelizmente nossa estadia em Fatu Hiva foi curtíssima, em função da lua cheia que se aproximava. Realmente uma pena. Mais tarde, já tendo viajado o mundo, quando recordava disso me sentia mais chateado ainda do que na ocasião. Via o que tinha perdido por não ter ficado mais, por não ter atrasado a viagem por mais uma lua.

Se estava tão bom também em Eiao, por que não ficar mais? Se as ilhas são tão bonitas, porque não visitar todas? Se o povo é amigo, porque não conhecê-lo melhor? Na realidade não havia pressa de chegar, nem onde chegar. Mais e mais fui aprendendo que viajar não é ir de um lugar para outro, porém estar em lugares. (Ficamos quase dois meses nas Marquesas. Poderíamos ter ficado um ano e ainda teríamos o que ver).

Saímos de Fatu Hiva à noite. Nosso primeiro contacto com a Polinésia tinha sido ótimo. Que tudo mais que víssemos pela frente fosse tão bom quanto.

UAU! OLHA A BALEIA!

A travessia foi tranquila. Resolvemos ir para o atol mais ao norte do arquipélago e também o maior, Rangiroa. As águas por onde passamos eram piscosas, a cada dia tínhamos uma refeição diferente – atum, dourado, bonito - sem contar as vezes em que o peixe fisgado era muito grande e arrebentava a linha.

Mesmo assim chegamos a embarcar um atum de uns 15 quilos. O barco parecia uma peixaria, com peixe pendurado por todo lado, secando ao sol.

Muitos golfinhos nos acompanhavam, como se mostrassem o caminho a seguir. Mas logo na primeira noite, com um mar espelhado a nossa volta, não foram os golfinhos que apareceram. O que vimos era bem maior.

O turno era do Celso, que timoneava sob a lua. De repente ele gritou:

- Baleia, baleia, bem aqui do lado!

Eu e o Carlos saímos correndo da cabine, sonados e com os olhos querendo fechar. Olhamos em volta e nada vimos.

- Ô, meu, que baleia? Cadê?

- Eu também só tô vendo água.

- Pô, eu vi, juro, passou aqui do lado. Acho que era orca.

- Pára com isso, Vareta, você dormiu no timão e estava sonhando. Nisso eu vou para a borda do barco para fazer um xixi.

- Cadê a baleia? Cadê a baleia? Uau! Olha a baleia, olha a baleia!

Bem ali, a uns meros 3 metros do barco, surgiu aquele corpo negro com uma barbatana lombar tão grande que pendia para o lado, fazendo o som característico de aspiração de ar. O mesmo som se repetia de outros pontos ao nosso redor.

Eu, de susto quase caí na água.

Elas cercaram o barco por algum tempo e depois sumiram. Ao longe ainda ouvíamos o barulho de sua respiração.

O susto foi grande porque, de todas as baleias, a orca é a única que sabidamente ataca barcos. Às vezes elas investem sem mais nem menos, e o real motivo disso é totalmente desconhecido.

- Agora os dois acreditam, gostaram do tamanho da orca?

- Orca? Que orca?

- Vão à merda!

UMA ILHA QUE RESPIRA

Tudo estava ótimo, com exceção de dois ferimentos que, na lida com o barco, eu tinha feito na perna direita e que acabaram se transformando em pequenos pontos de pus. Por mais que eu limpasse o local, quando acordava de manhã os ferimentos estavam um pouco maiores e sempre infeccionados. Meu incurável otimismo dizia: isso não há de ser nada. Mas, como se verá mais adiante, este foi um dos poucos casos que, durante a viagem, me levaram a procurar um médico.

No quinto dia de viagem sabíamos que estávamos muito próximos de Rangiroa. Escureceu e resolvemos ficar sempre dois no *cockpit*, um timoneando e outro atento, olhando o horizonte em busca de coqueiros e praias.

Deveríamos ver a ilha entre meia-noite e duas da manhã, no máximo.

Uma boa teria sido simplesmente permanecer à capa[47], esperando o dia raiar. Seria uma opção segura.

Decidimos, porém, ir adiante, guiados pela vontade de ver terra, pelo tempo, que estava ótimo, e pela certeza que tínhamos da nossa posição.

Quem achou a ilha foi o Celso, eu estava no timão.

- Terra à vista! Olha lá, tô vendo os coqueiros e já dá pra ver a praia.

- Beleza! Meia-volta, volver!

---

[47] Orientar a posição do barco e das velas de forma a que o barco não se movimente.

Ainda era meia-noite e meia e não pretendíamos entrar no atol à noite. Uma vez achado, agora era esperar amanhecer. Reduzimos o pano e rumamos para fora devagarinho.

Rangiroa possui dois canais de entrada, chamados de passes. O passe Tiputa e o passe Avatoru. São passes profundos, que permitem a entrada de barcos de grande calado.

Mas entrar em um atol não é empreitada tão fácil. Um atol tem suas manhas e humores. Não é difícil entender. Imagine a maré subindo. Fora do atol ela simplesmente sobe, você pode observar o nível se elevar. Já a lagoa é enchida pela água que entra através dos passes e pequenos canais. Dá para imaginar, portanto, que a água no passe corre muito.

Quando a maré baixa, o caso é ainda mais grave. O nível da lagoa se mantém alto por um tempo mais prolongado, pois a água, tendo poucos pontos de escoamento, fica represada. Sua velocidade, nesses pontos, é muito grande. Às vezes a corrente numa vazante chega a atingir 7 nós.

O problema maior ocorre quando a água da lagoa se encontra com a água do mar. Nesse local formam-se em todas as direções ondas enormes, redemoinhos e o mar fica totalmente confuso. A situação se agrava se houver vento soprando contra a corrente. Alguém já comparou um atol a um pulmão, que se enche e se esvazia. Uma ilha que respira, com vida própria.

Tentamos primeiro entrar no passe Tiputa, o mais estreito, e encontramos na entrada exatamente um mar nessas condições. Resolvemos então percorrer as 7 milhas que o separam do outro passe, o Avatoru, que pela carta parecia ser o mais largo.

Navegamos ao longo da praia e dos recifes. Que diferença das Marquesas, com suas montanhas verdejantes! O atol era só aquele cordão de areia repleto de coqueiros. Mas cada um é lindo à sua maneira, as duas visões agradam à vista. Afinal o que seria das loiras se todos gostassem de morenas?

Avatoru estava calmo como uma piscina. Demos sorte: pegamos a estofa da maré[48] e nem sequer correnteza havia.

O contraste é grande para quem chega. Fora, além da praia, existe a barreira de recifes que se estende para o mar. Neles estoura toda a força de um oceano que praticamente não encontra obstáculos desde a América até ali. É o mar se mostrando poderoso. Dentro de Rangiroa, porém, o mar é outro. Protegida do vento pelos coqueiros, a praia de dentro é mansa, convidativa. Não há uma barreira de coral, mas apenas cabeços de recifes aqui e acolá, como se fossem tufos de flores enfeitando um jardim. E se você tiver sorte ainda é capaz de ver uma *vahine*, com um pareô estampado, vagando distraída pela praia.

Fizemos o caminho inverso e fomos ancorar perto de Tiputa, em frente a um hotel com bangalôs espalhados no coqueiral, o Kia Ora, onde havia outros veleiros ancorados. Quando não se conhece um lugar (nossa carta era bem pouco detalhada), e se vê outro veleiro ancorado, a decisão é imediata: ancora-se perto dele.

Os valentes e audazes tripulantes da nau *Brasileirinho*, imediatamente depois de jogar âncora, descem seu escaler à água e, céleres, rumam para a praia, caminham agressivamente por entre os bangalôs, até que encontram uma edificação maior e, de sopetão, entram.

Os três, em uníssono, bradam seu grito de guerra:

- Me dá uma cerveja!

E como desceu bem!

TERRA DO AMOR LIVRE

Imediatamente os três argonautas, embevecidos pela beleza daquela deusa morena que os havia tão gentilmente servido, trajando um curto pareô (dava pra ver quase tudo), puseram-se à caça. Nossos heróis gastaram toda saliva que tinham, deitaram todo o latim que conheciam e acabaram mesmo é conversando entre si, pois a *vahine*, rebolando, dispensou os três. A situação agravou-se com um garçom

---

[48] Período de tempo entre a maré alta e o início da baixamar durante o qual o nível do mar permanece inalterado.

meio aveadado que veio encher o saco dos fatigados lutadores. O rapaz não chegou a apanhar, mas levou um *chega-pra-lá*.

Aliás, esse negócio de veado tem muito por lá. É uma questão cultural. Se um casal só teve filho homem até o quarto filho e tenta um quinto, esse quinto tem que ser mulher de qualquer jeito, tenha ou não nascido mulher. É criado desde pequeno como mulher, fica com a mãe, seus afazeres são domésticos e os brinquedos são femininos. Com isso, além do grande número de homossexuais, aparecem alguns muito desajeitados – são aqueles que visivelmente nasceram pra ser machos, mas se efeminaram à força.

Ter um monte de filhos não é problema naquelas bandas de necessidades pequenas e natureza muito farta. Comida não falta. E também ninguém trabalha muito, pois o coco cai da árvore e o peixe pula fora da água. Mais do que isso, eles adoram crianças. Se alguém eventualmente tiver filho sobrando, ele é extremamente disputado, todo o mundo quer para si.

É uma sociedade liberada, de bom humor. O chamado amor livre lá se pratica há muito tempo, antes de sequer ser cogitado em nossa sociedade, a partir dos anos 60. Pecado é uma palavra desconhecida.

Isso também tem suas razões culturais. Uma mulher, para se casar, para ser cobiçada por futuros pretendentes, precisa ter provado ser capaz de gerar filhos. Ela será tão melhor partido quanto mais bonitos forem os filhos que tiver dado à luz.

Com isso, logo que as menininhas viram mulher, saem à cata de um *tane* bonito para transar com ele, querendo, mais que tudo, ficar grávida. Ninguém pergunta, nem quer saber quem é o pai deste primeiro rebento. Só querem saber se ele é bonito.

Quem fica com ele? Isso não é problema. Aparecem tias, avós, amigas disputando o direito de criar a criança, as crianças fazem a felicidade deles.

Depois desse primeiro filho a mulher está pronta pra casar. Aí é sério.

Agora imagine só quando chegou o primeiro navio europeu numa dessas ilhas. Um navio cheio de louros de olhos azuis que devem ter deixado as meninas loucas. Loirice era uma coisa desconhecida por lá, onde todos têm cabelos negros e olhos escuros. Da maneira mais pura possível, essas meninas procuraram os europeus para ter um filho bonito e diferente - tudo isso tendo como objetivo achar seu marido. Não é difícil imaginar que essa pureza não tenha sido entendida pelo pessoal do navio. Além de não entenderem, esses marujos passaram um grave problema pras moças: a doença venérea, que dizimou muita gente. Hoje a população da Polinésia é muito menor que a da época do primeiro contacto com europeus.

É claro que essa maneira pura e cultural de encarar o sexo antes do casamento hoje já se deturpou. Mas restou uma certa liberalidade, encarada da maneira mais natural possível. Eu diria que avacalhou, mas não virou bagunça. Todos se respeitam e, ao mesmo tempo, fazem o que querem.

Entre uma avacalhada e outra passamos um mês em Rangiroa, um paraíso em que dava pra ficar pra sempre.

As águas da lagoa eram tão cristalinas que em noite de lua se via a âncora unhada lá no fundo, se enxergavam os peixes passando. Mergulhávamos todo dia em busca do pescado, o principal item de nossa alimentação.

Mas logo no início de nossa estada aqueles dois pequenos pontos infeccionados em minha perna aumentaram e se uniram, formando uma só ferida. Acabei indo ao médico da ilha, pois a perna começou a inchar muito. Assustado, pensei que pudesse ser elefantíase, uma doença comum nas Marquesas. Essas ilhas tropicais abrigam bactérias desconhecidas de nossos organismos urbanos. É só bobear que se pega uma doença tropical, nome genérico para um monte de coisa. Basta uma picada de mosquito, do *no-no*, como lá é conhecido, para que você tenha uma infecção brava.

O médico logo de início descartou a elefantíase, dizendo tratar-se de uma simples infecção que, apesar disso, demorou mais de um mês para retroceder. No começo eu ia todo dia de bicicleta, que tomara emprestada no hotel, até o médico. O ferimento cresceu tanto

que virou um buraco na perna. O médico até me proibiu de entrar na água salgada. Consegui obedecer durante uma semana. A cor da água era irresistível.

O dono do hotel Kia Ora era uma simpatia. Seu nome é conhecido por quem gosta do mar: Serge Arnoux, um dos integrantes da expedição *Moana*, que virou livro, escrito pelo Bernard Gorsky. O Bernard previu o destino do Serge quando, no final, falava de cada um dos tripulantes do *Moana*: "O Serge, ora o Serge, a profissão dele é o Pacífico". Acertou na mosca.

Além de ser amável e gentil, ele ainda nos ajudou. Todo dia arranjava para nós um charter com hóspedes do hotel para dar uma volta no *Brasileirinho*. Dinheiro em caixa nunca faz mal, e na época o caixa andava a zero. Tanto que nossas refeições vinham sendo só arroz e peixe. No final a gente até gostava. Dá pra se acostumar com tudo na vida (ou quase tudo).

Duas vezes por semana, à noite, havia música e dança no hotel. A música que se dança na Polinésia é o *tamurê*. É uma dança só pra quem tem a anca solta. Se o sujeito for meio durinho, não dança nem a pau.

Da cintura para baixo tudo se mexe a mil RPM, a vista não acompanha. Mas da cintura para cima, tudo se mexe de maneira lenta e muito sensual. É um grande contraste, às vezes não dá pra acreditar que é o mesmo corpo fazendo as duas coisas. Se eu visse no cinema ia achar que era truque. Agora imagine essa dança feita por um corpo esguio de mulher, moreno de sol, com cabelos negros escorridos até a cintura, um pareô esvoaçante, flores no cabelo e um sorriso iluminado que só a *vahine* sabe dar. Meu amigo, é duro de aguentar. Bem que eu tentei dançar o *tamurê*, mas minha cintura era dura desde os tempos em que eu queria jogar de centroavante e só conseguia ficar na reserva do lateral esquerdo. Coisas da vida.

A LOIRA DO HOTEL E A MORENA DA CARONA

- Ya orana[49] Heliô.

Era a *vahine* me cumprimentando. As mais bonitas são resultado da mistura de raças, em especial de chinês com polinésio, verdadeiras esculturas de carne e osso.

A *vahine*, o sol, os coqueiros, a água transparente, as pescarias. Não dava pra ser melhor.

Os versos mais populares, cantados, falam da *vahine*:

J'ai faim
Je vais manger de la banana
J'ai soif
Je vais boir du lait de coco
La vahine, elle est jolie,
elle est malade
La vahine, elle a besoin
d'une caresse.

E tome pescaria. Todo dia saíamos para a pesca, peixe não faltava: garoupas, bodiões e um peixe pelo qual tomamos um gosto especial, o *tatihi*, mais conhecido como narigudinho. É um peixe sem escamas, com pele, um osso protuberante que sai de cima de sua cabeça, uma boca igual ao barbeiro e tamanho médio de uns 30 centímetros. Além de muito saboroso, era prático para ser grelhado, pois para virá-lo na grelha bastava pegar seu nariz, que funcionava como espeto.

Ficamos em Rangiroa tanto tempo que muitos barcos apareceram e se foram, entre eles o *Fehd*, o *Slow Shoes* e o *Oggijona*. O destino de todos era o Taiti, onde o 14 de julho, que se aproximava, era comemorado com grande alarido, *la grande fête*, em homenagem à queda da Bastilha. Nossa intenção também era estar no começo de julho em Papeete para, além de participar da festa, consertar o que estava quebrado no barco, e que não era pouco.

---

[49] Saudação polinésia que equivale ao "Aloha" do Havaí - algo como "seja bem-vindo".

Enquanto isso, a vida continuava boa. Pouco a pouco conhecíamos mais dos costumes, fazíamos mais amigos.

Sempre que passeava por entre os coqueiros, eu notava que todos eles vestiam uma espécie de coleira de lata, com exceção de alguns que, à primeira vista, pareciam ter sido esquecidos. Um dia pergunto para que serviam as coleiras:

- É que aqui na ilha temos muitos caranguejos de coqueiro, que são enormes e sobem no coqueiro para retirar o coco, além de ratos que também comem coco.

- Já entendi: a coleira sendo de metal e, portanto, lisa, não permite que eles subam.

- É isso mesmo.

- E os coqueiros que não têm coleira? Vi um monte deles.

- Ora, esses são deixados para os caranguejos e os ratos. Afinal, eles também precisam comer…

Uma história como essa é contada de maneira natural. Ninguém deita conselhos sobre filosofia ou ecologia. As coisas são porque são, a conservação da natureza é uma atitude tão normal quanto beber água. Um ecólogo lá estaria desempregado por não ter o que fazer. Desempregado e com um baita sorriso no rosto.

Os dias passavam calmos, com muito sol e bom vento. Com o vento que, além de embalar o *Brasileirinho* fazendo charter quase todo dia, enfunava a vela do nosso windsurf. Ali o local era propício, pois com mar liso e o vento entrando com gosto.

O filho do Serge, Iria, era um especialista: particularmente em dias de vento forte, ele fazia a prancha voar. Ele também era sempre um bom companheiro nas pescarias, mergulhava muito bem.

Windsurf, pescaria, churrasco de peixe à noite, conversa fiada com a *vahine*, uma cerveja no bar do hotel... Nada mal. Um dia ficou melhor ainda, quando conheci a Chantal, uma francesa loira, charmosa e muito bonita que estava descansando alguns dias no hotel. Ela era proprietária de um restaurante em Moorea. Passamos bons dias juntos e o até logo foi uma promessa de breve nos vermos em Moorea, pois o Brasuca iria aportar lá com certeza.

E veio chegando o dia de ir embora. Para nossa surpresa, o motor do Brasuca resolveu não funcionar. Passamos dias mexendo nele, com palpites de todo o mundo:

- Viu se o bico tá bom?

- Não mexa na bomba injetora, pelo amor de Deus!

- Já experimentou sangrar?

- E o motor de arranque, tá bom?

- Vai por mim, isso é bateria fraca.

- Isso não é nada, é coisa à toa.

- Para mim teu motor tá fundido.

Com tanto palpite e tanta graxa na mão resolvemos deixar o motor pra lá e irmos só na vela até Taiti.

Nesse meio tempo havia chegado à ilha um veleiro, o *Pelican*, com um velho simpático, o Brian Coxon. Ele é daquelas pessoas com uma cara agradável, um ar de benevolência, de quem dá vontade de ser amigo. O único problema era entender o Brian e seu pesado sotaque australiano. Ele havia comprado o *Pelican* na Califórnia e estava atravessando o Pacífico solitário até sua cidade, Surfer's Paradise, na província de Queensland. De cara aceitamos o convite de "aparecer por lá".

Um dia surge uma moça na varanda do hotel, morena, toda elegante, boazuda, bonita e com ar esnobe. A rapaziada de cara botou olho grande e, no exato momento de dar o bote, quem é que estava levando um lero descontraído com ela? O Brian, com aquela cara de vovô bonzinho.

- Velho sacana!

- Tarado!

- Desonesto, logo vi que ele era sem-vergonha!

Mas as aparências enganam. A moça, a Bonnie, não era esnobe e nem estava no hotel, muito pelo contrário. Era uma americana que estava viajando o mundo, com a mochila nas costas e indo de carona para onde conseguisse. Só que tinha a manha de parecer madame: dava uma ajeitada no cabelo, passava um batom na boca, vestia uma saída de banho sofisticada, punha uma sandalinha bacana e lá perambulava ela no hotel com ares de milionária. Aí apareceu o Brian,

acima de tudo um senhor sério, consolando a moça e dizendo que infelizmente não era possível levá-la, pois ele queria viajar sozinho e, além do mais, era casado. Foi nesse ponto que entrou a brava tripulação do *Brasileirinho* para salvar a moça e oferecer a providencial carona.

Mas o mérito da primeira abordagem, esse ninguém tira do Brian. Velho e bom Brian.

E chegou o dia da partida. Abraços e beijos para todos.

- *Manuia*, *parahi*, *Brasileirinho*. Boa sorte, até breve, *Brasileirinho*.

Âncora levantada, velas adriçadas e o *Brasileirinho* parte para mais uma travessia. A saída do passe estava batida como sempre. Pegamos a maré vazante. O *Brasileirinho* saiu orçado[50], passou perto das pedras, galgou as ondas e finalmente se viu fora do atol. Contornamos Rangiroa pelo norte, passamos entre ela e o atol seguinte, Tikehau. Deixamos em nossa esteira as lembranças de um lugar amigo, lindo, com pessoas igualmente lindas.

---

[50] Orçar é navegar com a proa do barco fazendo pequeno ângulo com a direção de onde sopra o vento.

Capítulo 6

As ilhas da Sociedade: Ya orana vahine

OCEANO PACÍFICO

ILHAS DA SOCIEDADE

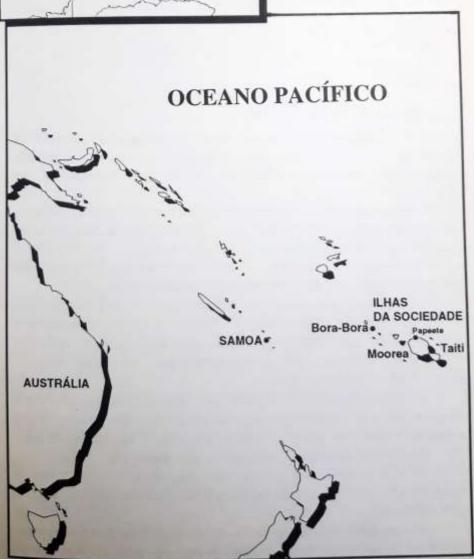
Bora-Bora

Papeete

SAMOA

Taiti

Moorea

AUSTRÁLIA

6 *As ilhas da Sociedade: Ya orana vahine*

BAGUETE E VINHO NO TAITI

O Brasuca seguia adiante endiabrado. Com um vento de través, o speedômetro marcava 8,9 nós sólidos. Achávamos que, com essa velocidade, chegaríamos a Taiti no dia seguinte, pois a distância é de menos de 200 milhas.

Puro engano. À noite mesmo o vento foi parando, parando, até morrer. No dia seguinte, choveu, fez sol, ventou, ficou calmo. Nos movemos muito devagar. A noite não foi muito diferente.

O terceiro dia amanheceu com sol e, na nossa proa, Taiti já era visível, com seu pico mais alto, o Orohena, sobressaindo no céu.

Aos poucos, com vento fraco, nos aproximamos até avistar a Ponta de Vênus, o extremo norte da ilha. O nome parece lembrar a sensualidade das *vahines*, mas na verdade foi dado pelo célebre navegador e explorador britânico Capitão James Cook quando ali esteve para observar o trânsito do planeta Vênus, em junho de 1769.

Fomos chegando perto do passe com o vento fraco, o que é sempre de preocupar, pois seu barco pode estar em cima dos recifes com um simples empurrão da corrente. Por precaução, para a eventual necessidade de rebocar o *Brasileirinho*, descemos o caíque com o motor de popa.

Entramos na baía de Papeete e vimos dezenas de barcos atracados ao longo da orla. Logo atrás deles, uma avenida movimentada, parte de cidade moderna.

O *Brasileirinho* deslizava nas águas calmas da baía quando, num pequeno caíque, apareceu o Alain, do *Madame Bertran* - acho que você se lembra dele, o que viajava com a Marie, a *petite* bonita, que fazia um pão ótimo e acabou ficando com o Roland, do *Dou Dou Diop*, lá nas Marquesas. Junto com um amigo, o Pierre, o Alain logo veio nos dar boas-vindas e indicar um lugar vago próximo a eles para que atracássemos.

Para navegadores *- Atraca-se lá no chamado estilo Mediterrâneo. Você joga um ferro pela proa, dá ré com o barco, entra na vaga e amarra duas espias, pela popa, à terra. Onde estávamos não havia píer, mas só um enrocamento de proteção, o que atrapalhava o acesso terra-barco.*

A recepção foi completa, com baguete, queijo roquefort e verduras, tudo acompanhado de vinho. Um amigo, o Alain. O Pierre, casado com a Nala – "*la plus belle*", como ele dizia – tinha um antigo barco de madeira, o *Norlô*, projeto do Colin Archer que era lindo.

Este era nosso primeiro contacto com civilização - carros, trânsito, prédios - em muitos meses. Foi bom ser recebido por amigos. Atenuou o impacto.

Papeete é a capital da ilha de Taiti e de toda a Polinésia Francesa, hoje também chamada de Polinésia Ocidental, que compreende cinco grande arquipélagos: as Tuamotu, as Marquesas, as Gambier, as Austrais e as Ilhas da Sociedade, das quais fazem parte Taiti, Moorea, Bora-Bora e outras. O nome Sociedade foi dado pelo Capitão Cook em homenagem à Royal Society britânica, que patrocinava sua viagem.

Vale a pena lembrar um pouco da história dessas ilhas. Acredita-se que em torno de 300 d.C. Taiti já era povoado, provavelmente por viajantes vindos de Samoa, bem mais a oeste. O primeiro europeu a pisar nessa terra foi o Capitão Samuel Wallis, navegador inglês, em junho de 1767. Diz-se que a ilha foi avistada no dia 18, ao pôr-do-sol, e que ao amanhecer o navio *Dolphin* foi cercado por centenas de canoas lhe dando boas-vindas. Wallis desceu à terra, arrumou um coqueiro e já hasteou a *Union Jack*, a bandeira do Reino Unido, dando à ilha o nome de King George III.

O pessoal da ilha queria fazer comércio com os visitantes, dando frutas e caça aos montes em troca do que parecia ser uma preciosidade para eles: pregos. Conta-se até que as *vahines* cantavam os marinheiros em troca de prego. Wallis, em seus escritos, diz das maravilhas da ilha, da sua exuberância, da fartura de alimentos, da falta de maldade de seus habitantes, da formosura de suas mulheres. Foi ele o primeiro a definir esse local como um paraíso.

Quem passou por lá, logo no ano seguinte, foi o navegador e descobridor francês Louis Antoine de Bougainville e, como ninguém lhe avisara que o Wallis tinha estado por lá, ele desembarcou, achou um coqueiro e hasteou a bandeira *Bleu, Blanc, Rouge* e disse que a ilha era francesa. Depois passou o Cook com a história de Vênus, a seguir o *Bounty* com seus amotinados, liderados por Fletcher Christian (o Marlon Brando do filme clássico *O Grande Motim*, também com Trevoer Howard), em 1788.

Como nem todos os amotinados partiram no *Bounty*, que rumou para as Ilhas Pitcairn, quando o *H.M.S. Pandora* chegou em 1791, a mando da rainha, os que sobraram foram todos em cana para serem julgados na Inglaterra.

Até aí, os europeus só apareciam de passagem nas ilhas. Mesmo assim, deixaram por lá a marca de suas doenças. Significativamente, logo depois da vinda dos europeus foi entronizado um rei, Pomare I, cujo nome, escolhido por ele mesmo, diz tudo: Po (noite) e Mare (tosse). A tosse da noite entre nós é mais conhecida como tuberculose.

Mas o pior foi em 1797, quando a London Missionary Society enviou os primeiros missionários protestantes. Já deu pra ver o que aconteceu: o amor livre virou pecado, o busto nu, afronta, a vida preguiçosa e vadia ficou proibida. O pessoal, que vivia há 1.400 anos em harmonia entre si e com a natureza, se viu regrado por um punhado de missionários idiotas. E a história não termina aí. Em 1838, chegou ao Taiti uma missão católica francesa. Com o mais nobre e elevado dos espíritos, em nome de Deus, os protestantes caíram de pau nos católicos, em defesa do que consideravam ser seu rebanho. Aí os católicos franceses, bonzinhos que eram, pediram que uma frota de seu país ancorada por ali bombardeasse os protestantes ingleses. Então, de livre e espontânea vontade, naturalmente, a rainha Pomare IV (mesmo nome do primeiro rei) e os protestantes acharam ótimo ficar sob domínio francês. De conversa em conversa, de almirante em almirante, de missionário em missionário, a rainha Pomare IV cedeu em 1880 seu reinado à França.

Quando a rainha, sem trono, morreu em 1897, tomou seu lugar o filho, o último da dinastia, o rei Pomare V. A cultura ocidental fez tão bem para esse rapaz que ele viveu como alcoólatra, a ponto de seu túmulo em Arue, no Taiti, ser um tronco de pirâmide encimado por uma enorme garrafa de licor Bénédictine.

FLORES E REGATA FEMININA

Com tudo isso, o roquefort e a baguete do Alain estavam ótimos. Apesar da boa vontade, entretanto, foi duro de engolir o vinho, lá vendido em garrafa plástica de um litro e com gosto miserável. Já estávamos acostumados a tomá-lo desde as Marquesas. Assim mesmo, o "*Château Plastique*" nunca foi veludo no gogó.

Papeete seria para nós um ponto de abastecimento e reparos no *Brasileirinho*. O Carlos ficou encarregado de fazer um novo *centerboard*[51] e eu e o Celso de todo o resto, que ia desde consertar o motor e o fogão até comprar cartas de navegação, trocar o brandal e arrumar as velas.

O Celso, meu querido amigo Celso, iria nos deixar. Permaneceria mais um tempo em Papeete quando partíssemos, e de lá iria voltar para o Brasil. Os motivos das decisões pertencem só a quem as toma e às circunstâncias envolvidas. A imagem que ficou do Celso no *Brasileirinho* foi a de um grande amigo, um companheiro de coração puro e alma honesta. Apesar de estar partindo, ele cooperou enormemente na arrumação do barco. Juntos suamos, consertando, subindo no mastro, com graxa nas mãos, pondo ordem no motor.

Nesse meio tempo chegaram os pais do Carlos, Ana e Guilherme, com um casal de amigos.

Mesmo trabalhando muito no barco, nossa estadia foi divertida. Todo fim de tarde tomávamos uma cerveja no Le Bistrot du Port-Chez Jerôme, que ficava na esquina mais próxima do Brasuca. O ponto alto, além das cervejas e dos Pernods, era a Juliette, que, cheia

---

[51] Bolina móvel que possibilita o uso do barco em lugares de pouco calado.

de sorrisos, nos servia. Havia também programas absolutamente prosaicos. Um dia, por exemplo, até fui ao cinema, assistir *Brubaker*, dublado em francês, e não entendi nada, embora meu francês tivesse melhorado muito: já falava sobre tudo e arriscava minhas passadas de conversa.

A Bonnie, a caroneira americana com mania de madame, beijando a todos e elegante como sempre, um dia partiu de volta para os States. De Moorea, que fica a pouco mais de 10 milhas de Taiti, a Chantal veio me visitar umas três vezes, o que sem dúvida foi agradável.

Andei tão animado que coloquei um brinco na orelha. Afinal, os marinheiros usam. Só que a orelha, repudiando a modernice, insistia em infeccionar, até que alguns meses depois, três brincos perdidos e uma orelha doída, decidi abandonar o hábito.

Apesar do trabalho de conserto do barco, arranjamos um jeito de preparar uma super-feijoada no Brasuca. Fizemos o feijão e o pessoal do *Olivia*, um lindo veleiro argentino de 65 pés, entrou com o arroz. A bordo do *Olivia* estavam o Nicolau, argentino quase por engano, de tão brasileiro, o Diego, proprietário e comandante, Paulette, Cláudia, brasileira, Santiago, Meme - uma rapaziada boa e divertida. A festa foi de arromba, com direito a tudo. O Norbert e a Annie – aqueles do barco *Catar*, que conhecemos nas Marquesas, tocavam e cantavam pra valer, lembra? – fizeram um show em um teatro e todo o mundo compareceu para prestigiar. Uma boa maneira de levantar grana.

Num hotel vi, pela primeira vez, um *ahimaa*, forno feito num buraco no chão, próprio para cozer os alimentos de um dia para o outro. Pedaços de carne de porco são envoltos em folhas de bananeira e colocados dentro do buraco. Ao lado, esquentam-se pedras numa grande fogueira. Depois de bem aquecidas, essas pedras são colocadas no buraco, onde permanecem até a hora da comida ser servida. Este período é de no mínimo 24 horas. Pelo mesmo processo é preparada a raiz do *taro* (aquela planta das Marquesas de que eu falei lá atrás, que tem folhas muito grandes, usadas em alguns pratos especiais, e de que

se come a raiz), a batata-doce chamada de *umara*, e a *fei*, uma enorme banana vermelha, nativa da ilha.

Talvez a maior especialidade da cozinha local seja o *poe*, basicamente um pudim, feito a partir da farinha da raiz de uma planta, misturada com banana e papaia, e temperada com leite de coco salgado. A descrição pode não parecer fantástica, mas o gosto é esplêndido. Come-se muito *poisson cru*, que nada mais é que peixe cru marinado com suco de limão. A fruta-pão é igualmente muito usada, em diversos pratos, de diversas maneiras, entre elas cortada e frita como batata. Fica ótimo.

Com a proximidade do 14 de julho, Papeete vai se animando, se preparando para a festa. Realizam-se paradas pelo bulevar, enfeitam-se todas as ruas e o mais interessante são as regatas a remo. Compridas canoas com até 20 remadores disputam provas dentro da baía, à vista de uma torcida entusiasmada. Os remadores de um barco vestem-se com pareôs iguais e adornam a cabeça com flores. Assim, numa regata o que se vê é uma profusão de cores e flores se movimentando pela água.

As mulheres não ficam de fora e fazem suas regatas em separado. A maior de todas é a volta da ilha de Moorea, com largada e chegada em Papeete.

A essa altura todo o mundo que está cruzando o Pacífico acaba se encontrando nessa área. Julho é o mês das Ilhas da Sociedade. A *fête* atrai a todos. Dessa forma, estavam lá o *Falcon*, o *Pelican*, o *Misty Eagle*, o *Le cope d'Abord* e muitos outros barcos conhecidos. Apareceu até mesmo o *Saionara*, um sloop de cento e tantos pés que havíamos visto pela última vez em San Juan, Porto Rico.

Uma boa maneira de conhecer a ilha é pegar o *le truck*, um pequeno caminhão com bancos na carroceria coberta de lona. São muito comuns, custam barato e é divertido andar neles. Se o *le truck* é barato, no entanto, tudo o mais em Papeete é caríssimo. Este talvez seja o único fator desfavorável deste lugar tão convidativo, tão bonito.

“SUMMERTIME” À LUZ DO LUAR

A hora de partir estava chegando e infelizmente não conseguimos terminar a bolina. Apesar de fazer falta, quem já havia atravessado meio oceano sem ela poderia continuar assim. É certo que o *Brasileirinho* não ficava inavegável sem bolina, mas naturalmente sua falta era sentida, para balancear o barco ou mesmo para deixar o timão mais leve. Mais tarde, tive certeza de que a operação insatisfatória do leme de vento se devia à ausência da bolina, que equilibra o barco.

Na noite anterior à partida, o Celso e eu nos sentamos no Chez Jerôme e conversamos a noite inteira. Repassamos os bons momentos vividos juntos, as dificuldades, as perspectivas, a reafirmação da nossa grande amizade e toda aquela conversa fiada, a mais inevitável num boteco. Uma noite regada a Pernod, temperada com algumas lágrimas e terminada com um grande abraço.

No dia seguinte a linha d'água[52] do *Brasileirinho* baixou. Além de abastecido de comida, água e combustível, tínhamos mais cinco tripulantes a bordo, os pais do Carlos e amigos.

O Celso foi quem soltou as amarras da terra. Seu sorriso e um aceno foram a última imagem que guardei dele. Só nos veríamos de novo anos depois, no Brasil.

Nosso destino era Moorea. Saímos de manhã, chegamos à tarde.

Ancoramos na Baía de Cook. Moorea tem o formato de dois “Us” justapostos, sendo o primeiro a Baía de Cook e o segundo a de Opunohu. Ambas são muito profundas e é difícil ancorar por ali. Recifes de coral cercam toda a ilha, tal como ocorre em Taiti. Um cenário muito bonito, com montanhas altas e muito verde circundando as baías. Os nomes dos picos atrás dos quais o sol se põe são lindos: Rotui, Mouarua, Tuhivea, Atiati.

---

[52] Linha que, desenhada na face externa do casco, marca o nível de flutuação do barco.

Estive com a Chantal em seu restaurante Oa-Oa, que ficava na vila de Maharepa, dentro da própria Baía de Cook – tão caro que mal dava para tomar uma cerveja.

Encontramos o *Seahigh*, com o Jerry e a Patty, que havíamos conhecido em Tahuata, nas Marquesas (a Patty, só pra lembrar, era bonita de fechar o comércio e cantava uma barbaridade, principalmente música *country*). Estava com eles, em visita, outra Patty, irmã do Jerry. O Jerry em Nuku Hiva havia mostrado suas qualidades como cantor e tocador de violão, mas a irmã, tal qual a mulher, cantava muito melhor. Nunca vou esquecer de quando vi e ouvi a Patty cantando *Summertime* na praia, sob a luz do luar. Haja coração. Rodamos a ilha e fomos a um monte de festas juntos, ainda dentro da comemoração do 14 de julho.

O Jerry nos deu a idéia de conhecermos Maiao, uma pequena ilha a umas 45 milhas de Moorea, totalmente fora de qualquer rota turística e aparentemente sem abrigo para os barcos.

- Grande idéia, Jerry. Você tem carta de lá?

- Carta eu não tenho, mas olha aqui, ó, tenho esse cartão postal. Acho que é só chegar de dia que não haverá problemas.

Fizemos isso. Saímos, os dois barcos, à noite, e antes mesmo do raiar do dia vimos a silhueta da ilha, antes do *Seahigh*, que usou pouco pano para chegar com dia claro.

Estávamos loucos para mergulhar, na certeza de vermos tantos peixes quanto em Eiao. De fato, peixe havia, só que muito lá no fundo, por volta dos 30 metros, onde honestamente eu não chegava. Até uns 25 eu ia, mas já abrindo o bico. Se não pescamos nada, ao menos vimos o maior cardume de xaréus de nossas vidas. Nadavam lá pelos 30, 35 metros de profundidade, vindo e voltando bem na nossa cara, e ao mesmo tempo sendo inatingíveis. As uvas estavam verdes, deixa pra lá.

Desci a terra com a Patty, demos umas voltas e, em vez de fazer o planejado churrasco de peixe, tivemos que nos contentar com cocos. O coqueiro é uma árvore tão fantástica que talvez seja o principal fator de subsistência daquele povo, principalmente em ilhas pouco

férteis: fornece desde o alimento até a cobertura das casas e as fibras com que se tecem cordas, tecidos e esteiras.

No fim da tarde levantamos âncora com destino a Huahine. Escureceu e a âncora do *Seahigh* insistiu em não sair do fundo. A tripulação teve que dormir lá mesmo para safá-la na manhã seguinte.

As Ilhas da Sociedade são divididas em dois grupos: as Ilhas de Barlavento e as de Sotavento. As de Barlavento, ou Îles au Vent, ficam mais a leste. Taiti, Moorea, Tetiaroa – o atol que pertenceu ao Marlon Brando - e Maizo. A noroeste desse grupo estão as Ilhas de Sotavento, ou Îles sous le Vent: Huahine, Raiatea, Bora-Bora, Tupai e Maupiti.

Huahine é a mais próxima de Maiao - pouco mais de 50 milhas - e era o nosso destino. De novo pela manhã já estávamos encostados à ilha. Resolvemos contorná-la pelo norte, fazendo o caminho mais comprido para observarmos toda a sua costa, tão bonita. As características dessas ilhas são basicamente as mesmas. Uma ilha vulcânica alta, cercada por recifes e pequenos *motus* – a palavra polinésia para ilhotas pedregosas, mas dotadas de vegetação – com alguns passes a sua volta. Fare, na porção noroeste da ilha, era a vila para onde nos dirigíamos.

O local é lindo e muito protegido: quando a gente entra pelo passe, logo fica abrigado pelos recifes; mais para dentro há uma baía rodeada de montanhas. Um ótimo local para se abrigar de um furacão, um bom *hurricane hole*.

Em Fare aconteceu uma grande coincidência: encontrei uma amiga brasileira, a Renata, que passava férias na Polinésia acompanhado de um irmão, o Alemão, e uma irmã, a Toni.

Dois dias depois de nossa chegada apareceu o *Seahigh* com meus amigos e minha cantora predileta.

Os dias que se seguiram foram agradabilíssimos. Íamos velejar no *Brasileirinho*, tentar alguma pescaria, velejar de windsurf – ou seja, no duro, no duro a atividade era bundar ao sol.

BORA-BORA, EXPLODINDO EM BELEZA

A próxima e última ilha que visitaríamos no arquipélago seria Bora-Bora. De novo a distância era semelhante, umas 40 milhas, praticamente a oeste de onde estávamos.

Na noite da saída, nos despedimos de nossos amigos brasileiros. Foi também quando vi pela última vez a Patty.

- Tchau, cantora, *see you some day*.

- *Bye, take care*.

Saímos quase à meia-noite rumo a Bora-Bora, tida como "a ilha mais linda do mundo". Pode até não ser, mas com certeza perde de muito pouco para a que for.

Nosso rumo fazia com que passássemos ao norte de Raiatea, a meio-caminho. A noite estava tão clara que, no meu turno, sentado no *cockpit*, eu escrevia somente com a luz da lua. (Isto porque o leme de vento havia dada uma colher de chá e funcionou quase a noite toda.) A noite já dava para ver os contornos da ilha e, quando amanheceu, ela apareceu à nossa frente, explodindo em formosura.

De todas as ilhas do arquipélago, ela era a menor, embora semelhante às outras, com contornos dramáticos e topografia muito acidentada. Mas Bora-Bora, em si, é apenas parte de um todo que a torna "a mais bela". Suas características a fazem única: ao mesmo tempo é uma ilha vulcânica, como por exemplo Fatu Hiva, e um atol, como Rangiroa. Como? É simples.

Lembra-se de como exaltei a beleza das Marquesas, com sua exuberância, seu verde, suas encostas? Você também se lembra do que disse sobre os atóis, "lagoas dentro do mar", águas transparentes, coqueiros? Pois Bora Bora é isso tudo. Pegue um atol e coloque bem no meio dele uma ilha especial e você tem aí a receita da "ilha mais bela do mundo".

Chegamos em Vaitape, o principal povoado, de lá tocamos para o sul, atravessando a baía de Pofai, e ancoramos em frente ao Hotel Bora-Bora, onde a família do Carlos ia se hospedar. Hotel lindo, reunindo cor local e sofisticação, com bangalôs sobre palafitas em cima da água e todas as construções cobertas com folhas de coqueiro.

Lá conhecemos outro brasileiro, o José Martins, que estava passando uns dias no hotel. Boa praça e grande papo. Nós nos demos tão bem que até o convidamos para fazer um trecho conosco, mas ele precisava se encontrar com a namorada na Califórnia.

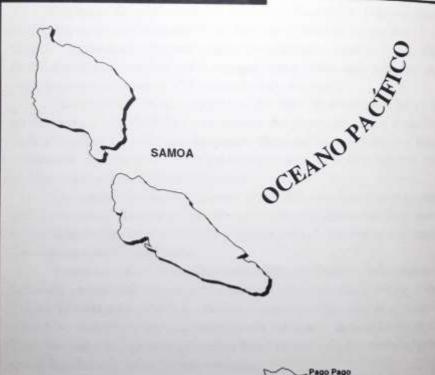
Tentamos colocar uma nova bolina feita em Papeete. Infelizmente ela ficou um pouco mais espessa que a ranhura por onde devia entrar. Conseguimos forçá-la até a metade e a deixamos nessa posição, não sem passar um cabo por um orifício em sua extremidade inferior e amarrá-lo no convés. Com esse cabo que passava pelos dois lados do barco, pelo costado, parecia que o Brasileirinho estava de suspensórios.

A opção de deixar uma bolina pendurada e amarrada por um cabo pode parecer estranha e absurda, mas sentíamos a urgente necessidade de tentar balancear o barco melhor para podermos utilizar o leme de vento. Sempre ele.

Como a ilha é muito escarpada, construíram um aeroporto em um *motu* no extremo norte, de onde se vai para a ilha principal em um pequeno barco que faz o trajeto várias vezes por dia. Foi lá que nos despedimos dos pais do Carlos e do resto do pessoal. Eles tinham um longo caminho de volta até o Brasil, passando pela Ilha de Páscoa.

Pouco antes, tivemos a notícia de que dois amigos de São Paulo - o Athos, empresário, e o Felício, o Félix, engenheiro de produção - chegariam a qualquer momento para fazer um trecho da viagem conosco. Enquanto isso mudamos o barco para o Bora-Bora Yacht Club, perto da entrada do passe. No clube tivemos notícia do Celso, que havia estado uns tempos por lá, a bordo do *Madame Bertran*. Não demorou para o Athos e o Félix chegarem. Os amigos sempre vêm com pacotes, presentes, cartas e notícias dos chegados.

Capítulo 7

Samoa

7 Samoa

UMA FORTE BATIDA NO CASCO

Devidamente abastecido, o *Brasileirinho* deixou Bora-Bora a 27 de julho, agora com a tripulação dobrada nas figuras do Felício e do Athos. O destino era Suwaroff, a meio caminho entre Bora-Bora e a capital da Samoa Americana, Pago Pago.

Vento sudeste soprando forte. Logo no segundo dia o vento rasgou a buja[53], o que é sempre inconveniente: por se ter uma vela a menos e pelo trabalho de remendar a que foi danificada. Engraçado, no começo da viagem eu achava que era mostra de excelente marinharia consertar uma vela, vestia o *palm-handing*[54], todo animado, punha mãos à obra. Mas a tal marinharia encheu tanto o saco que eu não podia mais ver agulha na frente.

Com o Athos e o Felício a bordo as coisas melhoravam um pouco, já que eles entraram no revezamento de turnos, embora só timoneassem durante o dia. Os dois bem que tentavam ajudar em tudo, transbordando boa vontade, mas era só começarem a cozinhar, por exemplo, e já enjoavam. Se bem me lembro o Félix chegou a cozinhar uma refeição até o fim, mas não deu tempo de lavar a louça.

A primeira metade da travessia teve muito vento - com o *Brasileirinho* voando baixo - vários dias encobertos e razoável *swell*[55]. De acordo com a navegação, devíamos chegar a Suwaroff a 7 de agosto pela manhã. Mas o dia amanheceu e nada. Tirei uma reta do sol, esperei um tempo para tirar a segunda e logo Suwaroff estava pela popa. Só pude atribuir o fato à corrente equatorial causada pelos alísios, que talvez não tivesse sido devidamente computada nos cálculos anteriores.

---

[53] Bujarrona - tipo de vela de proa menor do que a menor das genoas.

[54] Espécie de luva grossa, reforçada na palma da mão para apoio da agulha de costurar velas.

[55] Vagas que subsistem mesmo depois de cessarem os ventos no local; vagas que provêm de locais distantes; ondulação quase permanente dos oceanos.

Bordo, vamos lá, vamos achar a ilha. Mas depois de uma hora de sobe-e-desce, com contravento, todo mundo molhado, a decisão foi unânime: vamos direto para Pago Pago.

O vento continuou firme em torno dos 25 nós por mais alguns dias, mas depois deu uma boa acalmada, tornando a travessia mais agradável. No dia 9 à noite, as luzes das ilhas aproximadamente 60 milhas antes de Pago Pago foram avistadas. O dia seguinte amanheceu azul. Um solão esquentando os corações, junto com um mar e uma brisa bem suaves.

O Brasuca passava no canal entre as duas maiores ilhas, Ofu e Tau, navegando docemente a sotavento de Tau, mar liso, quando ouvimos uma forte batida no casco, diferente de tudo o que eu já tinha escutado na viagem. Feio mesmo. Descobrimos de cara: a querida bolina enfim se desprendera do seu berço e agora, dependurada pelo cabo de segurança que havíamos colocado, tinha resolvido tirar um som no casco do pobre Brasuca, batendo com ritmo. Foi um deus-nos-acuda mas, como já se disse que o Próprio é brasileiro, o acidente aconteceu em águas calmas. Com a ajuda de uma adriça[56], acabamos embarcando a bolina. O destino do *Brasileirinho* era viajar até a Austrália sem bolina mesmo. Chegamos naquela noite a Pago Pago.

As Ilhas Samoa são divididas politicamente em duas partes: Samoa Ocidental e Samoa Americana. Esta consiste na Ilha de Tutuila, onde fica Pago Pago, e nas Ilhas Manua, que incluem Ofu e Tau, por onde havíamos passado. A Samoa Ocidental é um país independente, e a Samoa Americana, como o nome já diz, pertence aos Estados Unidos.

Tutuila tem cerca de 15 milhas de comprimento, forma alongada e apenas algumas milhas de largura. A Baía de Pago Pago, enorme e comprida, está plantada bem no meio da ilha e quase a separa em dois pedaços. No passado ela deve ter sido qualquer coisa de deslumbrante. Hoje, porém, está muito poluída. No local em que o *Brasileirinho* ancorou havia aquele filme viscoso de óleo sobre a água,

---

[56] Tipo de cabo utilizado, entre outras coisas, para içar velas ou bandeiras.

e o mau cheiro denotava esgoto lançado sem tratamento no mar. Dentro da baía, à beira-mar, duas cidades que de tão próximas se confundem: Pago Pago e Fagatogo.

Fagatogo é suja. Do lado oposto ao que chegamos existe um vasto entreposto de pesca com uma fábrica para enlatar pescado. Resultado: barulho noite e dia e aquele cheiro consistente e pesado no ar. Alugamos um carro e circulamos por onde foi possível. Fora da baía encontram-se praias muito bonitas e vilas com um ar agradável e informal.

As casas, que se chamam *fale*, são diferentes de tudo o que eu já havia visto: são de formato oval, com teto esférico, acompanhando o formato da casa. O detalhe interessante é que as *fales* não possuem paredes, apenas telas em toda a volta, mantidas sempre enroladas, a não ser quando chove. Esta, aliás, é sua única utilidade: resguardo da chuva.

MOEDAS NO NARIZ E NA ORELHA

A cozinha é fora, geralmente com um forno de pedra, como em Moorea. Dentro, pelo que pude observar, quando muito uma cômoda ou um guarda-roupa. Chão de terra batida ou cimento, sempre coberto com esteiras. Ali mora toda a família - pai, mãe, irmão, filho, prima, e dormem todos no chão. Curioso é que muitos dos samoanos são absurdamente gordos, sem dúvida uma grande vantagem pra quem dorme no chão. Com toda aquela gordura, quem precisa de colchão?

Ficamos só uma semana por lá, muito pouco para conhecer um povo. De qualquer forma, não era difícil perceber uma cultura bem diferente do que eu conhecera até então. Alguns costumes são interessantes. Por exemplo, nas vilas, todo dia, entre 6 e 7 da noite, é hora de rezar. Todos ficam em absoluto silêncio rezando. É proibido se mover durante essa hora e, mais do que isso, quem está dentro da vila não sai e quem está fora não entra. Portanto, se você, fazendo um passeio, é apanhado desprevenido às 6 horas numa vila, vai ter que se sentar onde estava e ficar mansinho até as 7. Ai de você se tentar se

mandar. As entradas da vila ficam fechadas, com uns marmanjões de *lava-lava* (o pareô de lá) e um enorme porrete na mão, guardando as saídas.

Lá, a religião, como toda religião, gosta de proibir o que é bom. Assim, outro fato engraçado é que ninguém entra no mar aos domingos, a religião proíbe. E, o que é pior, mulher só pode entrar na água de roupa, quero dizer, com o *lava-lava* e uma blusa.

Constatei um hábito muito engraçado andando de ônibus pela ilha. A moeda usada é o dólar americano e o preço da passagem é sempre inferior a um dólar - podendo ser pago, portanto, com moedas. E o pessoal guarda as moedas da passagem no nariz ou na orelha. No começo você não entende muito, pois entra no ônibus e de repente vê um carinha tirar uma moeda do nariz, outro na orelha e por aí afora. Dá até pra imaginar que todo mundo é aprendiz de mágico, mas é simplesmente um hábito deles.

Na baía, de barcos conhecidos estavam o *Olivia*, que, a caminho de Suva, nas Ilhas Fiji, mais a sudoeste, desviou a rota para Pago Pago por problemas no motor, o *Anne Christine*, com uma rapaziada da Noruega, e um pequeno barco francês de alumínio, de 24 pés, que havia estado em Suwaroff. Seus tripulantes nos disseram que o Vincent e a Nadine (você deve se lembrar deles: o casal gente boa de franceses que até caçava pelado, e que conheci nas Marquesas) também haviam passado pela ilha. A notícia era de que ambos tinham em seguida ido para Fiji num outro veleiro que não o *Julio Grande* em que nos conhecemos. Uma boa notícia, pois eu já pensava que não ia mais ver meus amigos e, no final, eles estavam exatamente no que seria nosso destino final nessa etapa da viagem.

Félix e Athos desembarcaram num dia, saímos no outro. Decidimos passar pelo sul do Lau Group, um arquipélago pertencente a Fiji que se estende no sentido norte-sul a leste da ilha principal, Viti Levu, que era nosso destino seguinte. Tínhamos então umas 520 milhas à nossa frente no rumo aproximadamente SW, para depois, deixando as ilhas de Fulanga e Ongea Levu a boreste, rumar NW direto para Suva, mais umas 200 milhas.

A viagem foi lenta, com pouco vento e muita chuva no começo.

No quarto dia à tarde, estava eu amargando uma chuva fina no *cockpit*, em meu turno - nosso querido leme de vento continuava em greve - quando avisto uma vela. Logo percebi que vinha em nossa direção. Pelo binóculo, vi um convés vazio, o leme de vento trabalhando na popa e o barco mantendo o rumo, reto como uma flecha. Ele foi se aproximando, li o nome, *Toad Hall*. Continuou se aproximando, até que percebi que podíamos colidir. O Carlos então teve a idéia de dar um susto na tripulação. Cheguei bem perto com o *Brasileirinho*, e o Carlos acionou uma buzina que tínhamos, forte como de trem. Foi como um passe de mágica: já no primeiro toque, deu pra ver quatro pessoas tentando sair ao mesmo tempo pera gaiúta[57] do *cockpit*. Aquele alvoroço.

Mais tarde, em Suva, eles nos contaram ter pensado que um navio estava abalroando o *Toad Hall*. Dá pra imaginar o susto. Levamos uma semana até ter Fulanga em nosso través. O vento, sempre fraco, veio de todas as direções. Depois de Fulanga, porém, ele estabilizou na devida direção, sudeste, mas ainda muito fraco. Subimos o balão[58] e fizemos o resto da viagem com ele. Aqueles foram dias foram de sonho. De dia o céu azul, o mar absolutamente liso, e o *Brasileirinho* deslizando apenas com o balão. À noite, a lua se refletindo naquele espelho, mágica.

---

[57] Proteção da escotilha de entrada na cabine do barco.

[58] Vela de proa de tecido leve, bastante grande, que ao enfunar-se toma forma semelhante à de um balão. Também é chamada de spinnaker.

Capítulo 8

Fiji: Bula, um ponto de encontro

OCEANO PACÍFICO

Yathata

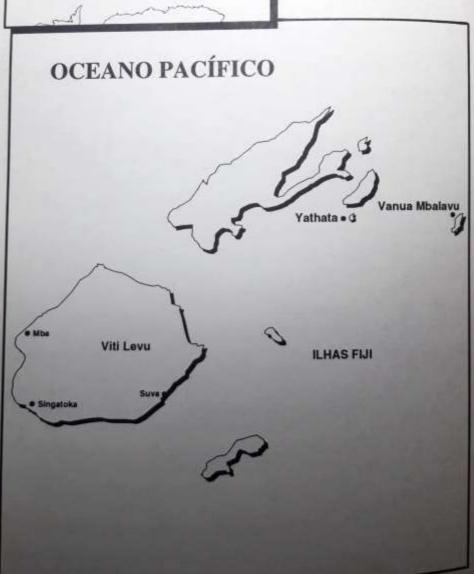
Vanua Mbalavu

Mba

Viti Levu

ILHAS FIJI

Suva

Singatoka

8 Fiji: Bula, um ponto de encontro

NO PASSADO, CANIBAIS E O GRANDE MOTIM

Avistamos Suva pela manhã. Víamos montanhas encobertas por nuvens ao fundo, a cidade abaixo e uma barreira de recifes à nossa frente. Navegamos paralelamente à barreira por mais de uma hora e achamos o passe. Largo, quase uma milha e fácil de ser *negociado*. Velejamos, então, só com o balão, até a bóia da quarentena, onde esperamos pelas autoridades. De lá, só se via o cais do porto, seguido de rampas e alguns estaleiros e, por fim, o Royal Suva Yacht Club, com pelo menos cinqüenta barcos ancorados. Um era conhecido: o *Try Again III*, do Heinz "Ketchup", o solitário que havíamos encontrado em Taihoae, nas Marquesas, e que havia perdido dois barcos.

Já no cais para passar pela aduana e a imigração, depois das tratativas com o pessoal da quarentena, descobri que não era 24 de agosto, como eu imaginava, mas 25, meu aniversário. Quase perco a data, pois quando se navega de leste para oeste pula-se um dia ao se cruzar a chamada linha de mudança de data, enquanto de oeste para leste repete-se um dia.

Os dois oficiais ficaram animados ao descobrir que era meu aniversário e que eu era brasileiro. Um dos funcionários, o Emossi, era fijiano, e o outro, o V. J., indiano. O Emossi perguntou logo pelo Pelé e pelo Ronald Biggs (o inglês assaltante do trem pagador parecia já estar batendo o Pelé em popularidade, como o *brasileiro* mais famoso). E disse que à noite passaria no iate clube "lá pelas sete", para irmos comemorar com umas moças que ele conhecia.

Esperei lá pelas sete, lá pelas oito, lá pelas nove, e nada. Quando saí de Fiji, várias semanas mais tarde, o Emossi e eu éramos bons amigos - mas ele nunca, nem uma única vez sequer, compareceu a um só encontro marcado.

Alguns dias depois começamos a, volta e meia, nos encontrar casualmente. (Suva é pequena o suficiente para você se encontrar muitas vezes por acaso com alguém), e ele vinha com a mesma conversa:

- Helio, *sorry*, não deu, eu estava ocupado ontem, que tal hoje às sete?

- Claro, claro Emossi. Fica tranqüilo. Às sete tô te esperando.

Eu sabia que ele não viria e ele sabia que eu não iria esperar. Mas os "encontros casuais" renderam ótimas cervejas no bar da esquina do mercado. Aliás diga-se de passagem, a melhor cerveja do Pacífico, Fiji Bitter, com uma garrafa quase do tamanho das nossas e muito saborosa.

Fiji foi sem dúvida um dos pontos altos de nossa viagem. Lá fiz inúmeros amigos, me diverti como há muito não fazia, mergulhei bastante, Mesmo sem considerar a incrível beleza natural, só o povo bastaria para fazer de Fiji um dos locais mais acolhedores do Pacífico.

Os fijianos foram os primeiros melanésios com que fiz contacto. Suas características físicas são totalmente diferentes das dos polinésios: os fijianos têm cabelos crespos, e não lisos como os dos polinésios, pele bastante escura, nariz largo. Tendo estado em Fiji, você será sempre capaz de reconhecer um fijiano quando encontrar um, como aconteceu comigo mesmo na Austrália, na Nova Guiné e nas Ilhas Solomon.

Fiji tem uma história interessante. Muita coisa já aconteceu por lá. Foi em Fiji, por exemplo, que a tripulação do *Bounty* se amotinou contra o Capitão Bligh e se mandou para Pitcairn. Quem viu o filme *O Grande Motim* sabe do que estou falando.

O primeiro europeu a aportar nas ilhas foi o Capitão Cook, em 1779. Não dá outra: em quase todo o Pacífico, o Cook chegou antes de todo mundo.

Os fijianos, canibais na época, eram guerreiros ferozes. Li livros e ouvi relatos de arrepiar os cabelos. Por exemplo: dava muito boa sorte, quando alguém estava construindo uma casa, jogar dois ou três cidadãos, vivos, no buraco das fundações. Aí então colocavam-se os pilares. Mais? As mulheres dos chefes que morriam eram decapitadas para poderem ter o prazer de fazer companhia ao espírito do marido querido. Uma boa, não é mesmo?

Como disse, eles eram grandes guerreiros e navegadores. Existem documentos mostrando canoas ancestrais de casco duplo, ou

seja, catamarãs, de até 30 metros de comprimento, pra ninguém botar defeito. Só que para eles dava muito boa sorte fazer essas grandes canoas, depois de prontas, rolar por cima de umas menininhas virgens antes de serem lançadas ao mar!

Uma das últimas grandes canoas construídas foi a *Ra-Marama*, com 100 pés de comprimento. Li num relato de um missionário inglês que durante os sete anos de sua construção vez por outra alguém era sacrificado e comido no local das obras pra acalmar os deuses. No dia do lançamento ao mar, mais onze foram pro beleléu. O total devorado, diz o missionário, foi de 21.

O rei que construiu a canoa e ordenou a matança - Thakombau (pronuncia-se Cakobau) – foi talvez o mais famoso da história de Fiji e também um dos mais sanguinários. Sob seu domínio, o arquipélago foi quase totalmente unificado. Talvez pelo quase foi que em 1874 ele entregou as ilhas aos ingleses para que colocassem ordem na casa. Com isso a rainha Vitória ampliou seus domínios. E, acreditem ou não, o Thakombau virou cristão, bonzinho e manso, de ir à missa todo domingo. Ah, esses missionários!

SERÁ QUE O "KAVA" DÁ BARATO?

O período colonial não foi de todo mau. No começo, implementaram-se as plantações de algodão, e depois veio a cana-de-açúcar, que perdura até hoje. Só que, como em todo lugar do Pacífico, os fijianos estavam mais pra uma sombra e água fresca do que pra trabalhar em plantação. O resultado foi a importação de mão-de-obra. Trouxeram gente de várias outras ilhas, em especial das Solomon. Mas o show continuou o mesmo, só trocaram os artistas, já que o pessoal das Solomon - depois eu estive lá e conferi – como todo o mundo no Pacífico, gosta de qualquer coisa, menos de trabalhar.

Foi aí que alguém teve a idéia de atrair indianos para Fiji. Vieram sob contrato, e desde então foram crescendo em número e em recursos, a ponto de hoje existirem em Fiji mais descendentes de indianos do que fijianos nativos – e sem dúvida são os indianos os donos do dinheiro.

Independentemente de sua história, o fijiano nativo de hoje é sempre brincalhão, sempre alegre. Em todos que encontrei, só senti camaradagem, alegria de viver e prazer em ajudar, em cooperar. Fiji tornou-se um país independente em 1970.

Em Fiji existe uma palavra mágica: *bula*. Bom dia é *bula*, boa tarde é *bula*, como vai é *bula*, olá é *bula*. Andando na rua, só se ouve *bula* pra lá e *bula* pra cá. A mágica da palavra reside talvez no fato de ela instantaneamente aproximar você de outra pessoa. Você vira quase amigo quando solta um *bula* pra alguém, e se você não falar uns cinqüenta *bulas* por dia tem alguma coisa errada com sua garganta.

E é uma palavra fácil de se pronunciar, tal qual ocorre marcas, como Kodak: qualquer que seja o idioma da pessoa, *bula* é *bula* e pronto. E quando você quer emitir um *bula* ainda mais reforçado, diz *bula vinaka*. Aí, então, é até que a morte os separe.

A bebida nacional é o *kava*. Aliás o *kava*, além de bebida, é também uma cerimônia, se bem que já esteja um tanto avacalhada. O pessoal acabou optando por deixar a cerimônia de lado e mandar brasa só na bebida

O *kava* é o seguinte: existe uma planta chamada *yanggona*, cuja raiz é posta num pilão e socada até virar pó. Coloca-se então esse pó num pano estendido sobre uma grande bacia de madeira, a *tanoa*, verte-se água sobre o pó e se espreme o conteúdo. O líquido coado através do pano é o *kava*. Bebe-se com uma meia casca de coco chamada *mbilo*, mergulhada diretamente na *tanoa*. Todo mundo bebe *kava* em Fiji. E bebe-se em casa, de manhã, no serviço, na hora do almoço, à noite. Um padrão chimarrão, bom pra qualquer hora.

O *kava* não é alcoólico, mas tem o efeito de amortecer a boca, especialmente depois que você tomou uns dez *mbilos*. Sempre me diziam que muito *kava* dava barato, mas, honestamente, não senti.

O melhor aspecto do *kava*, a meu ver, é sua função social: nas vilas, à noite, todos se reúnem na casa de alguém pra tomar *kava*, prosear e fumar um cigarro. É uma beleza, pois ninguém fica bêbado, ou seja, a coisa não se deteriora e todo mundo se confraterniza, bebendo do mesmo *mbilo*. E, como disse, ainda existe uma cerimônia para se tomar o *kava* da maneira apropriada. É sempre um determinado sujeito

que serve todo mundo. Se você for visita, o primeiro a beber será você e vai ter que ser de um gole só. Todo mundo olhando pra você. Virada a bebida, todos batem palma três vezes e você deve dizer "*matha*", que significa "tá vazio". O pessoal fica na maior alegria se você virar tudo de uma vez e não engasgar. Você então, está aceito na comunidade. E a cena se repete pra cada um que bebe, até o último. Aí começa tudo de novo, com você. A história pode ir noite adentro, até altas horas da madrugada. O *kava* é super-diurético, pelo menos foi para mim, que fazia um xixi a cada 5 minutos.

A cidade de Suva tem seu encanto. O centro é bem movimentado, cheio de restaurantes chineses e indianos. Comida baratíssima, por 1,50 dólar come-se como um rei, embora seja difícil achar um prato que não tenha curry.

Suva deve ser uma das cidades do mundo que percentual tenha cinemas: um em cada esquina. Só que há um porém: a maioria esmagadora deles passa filmes indianos que, em termos de qualidade média, ficam muito atrás daqueles orientais de kung-fu.

Na cidade, o iate clube era o grande ponto de encontro. Até então, por sinal, era o melhor iate clube em que o *Brasileirinho* tinha aportado. O clube em si não passava de um casarão já um tanto antigo, com um grande gramado na frente, bancos e mesas sombreadas por árvores. Apenas dois pontões, usados pelos caíques e barcos menores. Barco grande, só na preamar. Havia também um restaurante chinês dentro do clube, com preços mais uma vez módicos.

O ponto principal, porém, era o bar, com um balcão redondo defronte a uns janelões dando para o gramado. Lá, todo dia era dia de festa. A tripulação de cada novo barco que chegava passava invariavelmente por ali, aumentando a roda. O clima de celebração era constante, a *joie de vivre* parecia brotar em todos os cantos.

"SAMALUCO": ENCRENCA PURA

O bar foi o ponto de encontro de muita gente. Há um certo padrão para os encontros de tripulações no Pacífico. Basicamente, no começo do ano é nas Marquesas que se conhece todo o mundo que

atravessou o Pacífico, quer vindo do Panamá, quer vindo do México. Depois, cada um toma seu rumo, demorando maior ou menor tempo nas Tuamotu ou mesmo não passando por lá. Mais tarde, nas Sociedade – ou seja, Taiti, Moorea, Bora Bora, etc – todo mundo se espalha. A seguir, a maioria vai para Cook e para Tonga (nós fomos para Samoa). Aí, então, é que todos convergem para Fiji, a próxima parada lógica e quase obrigatória. Lá o *Brasileirinho* reencontrou inúmeros barcos conhecidos: *Seahigh*, *Falcon*, *Joie*, *Toad Hall* (o que quase foi abalroado por nós entre Pago-Pago e Suva), *Anne Christine*, *Try Again III*, *Misty Eagle*, *Slow Shoes*, *Pelican*, *Duchess* e tantos outros. A esses somaram-se outros barcos que se tornaram amigos, em especial o *Johane Brun*, um antigo pesqueiro dinamarquês de 65 pés, transformado em *ketch*[59] com carangueja[60], de encher os olhos. A bordo, o George, cuja principal atividade era deitar-se na rede montada no deck sob um toldo, ler e reclamar da vida dura que levava. Ele talvez tenha sido a pessoa com o humor mais picante que conheci. Sua mulher, a Sue Ann, era mulher pra ninguém botar defeito, com uma energia sem igual, e o filho, Kristofer, um menino muito inteligente. Tinha ainda o *Silver Willow*, um Sparkman & Stephens 38, de bandeira canadense, com a M.J. e o Ian a bordo. Ficamos muito amigos.

A figura mais exótica, porém, era um holandês, o Sam. Falamos rapidamente, pois ele estava de saída às pressas para Darwin, na Austrália, onde tentaria chegar antes da estação dos furacões. Estávamos em outubro, a estação começava em novembro, e ele tinha 3.000 milhas para percorrer. Navegador solitário, possuía um ketch de aço de 40 pés. Sua profissão: navegador e tatuador. Vivia disso. Um detalhe interessante: mesmo diabético, ficava bêbado todo dia e, então, era o maior arruaceiro que conheci, sempre arrumando briga e distribuindo porrada. De cara ganhou da gente um apelido: "Samaluco". Ele se foi, mas eu iria encontrá-lo de novo. Sempre em alguma encrenca.

---

[59] Tipo de armação de barco com dois mastros.

[60] Vela que é içada obliquamente ao mastro, possuindo formato especial, em geral trapezoidal.

E, como o mundo é pequeno, havia dois outros brasileiros lá, um homem e uma mulher. Um, o Patrício, que havia saído do *Samba*, outro barco brasileiro navegando por essas paragens. Muita conversa fiada, muito bate-papo junto. A outra, a Angélica, casada com um suíço, o Michel, com uma filha, Moema. Seu barco, o *Feo*, tinha o mesmo desenho do *Joshua*, do Bernard Moitissier, o conhecido navegador francês. Um barco e tanto. Fizemos até uma feijoada juntando todos os brasileiros no *Feo*.

A maior festa daqueles meses foi, sem dúvida, uma que demos em conjunto com o *Falcon*. O *Falcon*, como eu já disse lá no capítulo das Marquesas, era um barco lindo, enorme por dentro. Seu proprietário, Don, o bem-de-vida da área, o único que tinha grana, sempre patrocinava festas. Fazia parte da tripulação um suíço, o Werner, que ao longo das milhas, do tempo e dos reencontros veio a se tornar um dos melhores amigos que fiz em toda a viagem. Aquela festa foi especial, com o *Brasileirinho* ao lado do *Falcon*, os dois ancorados no meio da baía e com todo o mundo convidado. Bebeu-se tanto que os *run-punchs* eram feitos em baldes. Havia tanta gente que a linha d'água dos barcos deve ter descido uns 15 centímetros. Foram dois dias de festa. Começou no sábado cedo e terminou domingo à noite, e no domingo à tarde ainda corremos uma regata no *Falcon* e vencemos - com umas 25 pessoas a bordo, fora o peso das caixas de cerveja e dos baldes de rum!

Uma pessoa interessante que conheci em Suva foi o Jerry Spiess, com seu barco *Yankee Girl*, de 10 pés de comprimento. O Jerry já havia atravessado o Atlântico, solitário, é claro, pois dentro do barco não cabiam duas pessoas sequer, e agora estava no meio da travessia do Pacífico. Da Califórnia ele velejara para Samoa e Fiji, depois iria para a Nova Caledônia e, por fim, Sidney, na Austrália. Mais que um marinheiro, era um aventureiro, e gostava de inventar coisas diferentes. Seu barco fora desenhado por ele e era absolutamente insubmersível, exceto, é claro, se enfiasse o nariz num recife. Ele me contou que fazia uma distância média entre 80 e 90 milhas diárias, tendo chegado a um recorde de 120, espantoso, a meu ver, para um barco daquele tamanho.

Um dia a Sue Ann veio com a idéia de fazer uma excursão para conhecer a ilha de Suva. Éramos cinco: Sue Ann, americana, Julia, neozelandeza, Ishmala, inglesa, Ian, do *Silver Willow*, canadense, e eu, brasileiro. Pra lá de internacional.

Às seis da manhã tomamos um ônibus rumo a Mba, ao norte da ilha. Viagem super-divertida. Estrada de terra, é claro, com o ônibus parando a cada instante pra subir ou descer alguém. Nas vilas, sempre havia alguém vendendo petiscos, naquele padrão *porta de estádio*. Me refestelei. A viagem durou quase o dia inteiro, mas foi muito agradável, pois o ônibus tinha nas janelas espaços abertos no lugar de vidros. Do lado do motorista um cartaz advertia: "É proibido saltar pela janela". Mas bastava o motorista se distrair numa parada que já tinha nego pulando. De Mba, tomamos outro ônibus para Mbalevuto, onde a idéia era pernoitar. Gostei tanto do lugar e do pessoal que decidi ficar. No dia seguinte, meus companheiros continuaram. Me hospedei na casa do Romeu, casado com a Luciana.

A VIDA PODE SER SIMPLES E BONITA

Foi em Mbalevuto que comecei a notar que inúmeros vocábulos eram iguaizinhos aos do nosso português: o nome Guilherme, por exemplo, ou a palavra tapioca. Lá também conhecida por *cassava*, a mandioca ou tapioca é o principal alimento da dieta dos fijianos, seguida pelo *mdalo* (o *taro* da Polinésia Francesa) e pela fruta-pão. Sempre que possível eles comem peixe na brasa ou cozido, e vez por outra arroz. A bem da verdade, uma comida bem sem graça, de gosto insosso. O peixe é que salva o paladar. Um prato introduzido pelos indianos que acabou sendo amplamente aceito pelos fijianos é o *roti*, uma espécie de panqueca saborosa, feita praticamente só com farinha e água.

Lá também constatei mais um mal que os missionários trouxeram para as ilhas do Pacífico. Com a religião chegaram o certo e o errado, o pode e o não pode, as coisas proibidas - tudo segundo os padrões ocidentais, é claro. Mas o pior de todos os males talvez tenha sido a competição. Como bateram na região várias religiões diferentes,

cada uma passou a querer seu filão, tentando fazer de si a melhor perante os olhos do povo. Em todas as vilas por onde passei, por exemplo, havia divisão entre católicos e protestantes metodistas. Era até engraçado: durante toda a semana, todo mundo é amigo, todo mundo bebe *kava* junto, pesca junto no rio, juntos trabalham nas plantações, mas no domingo religiões diferentes não se conversam.

De Mbaveluto, consegui uma carona até Nandrungo, uma vilazinha encravada na encosta de uma montanha. Cheguei lá ao entardecer e o que vi foi deslumbrante. Todas aquelas pequenas casas típicas de Fiji, com paredes e teto de palha (chamam-se *mbure*), ao lado de enormes pedras destacando-se da montanha, um riacho correndo no meio e uma grama verde de encher a vista. Completando, uma luz já difusa do pôr-do-sol. Fiquei boquiaberto (pra ser honesto, minha carona me deixou antes do destino uns cinco quilômetros, os quais tive que andar montanha acima, o que também pode ter contribuído para a posição da minha boca).

Ao chegar, disse que era amigo do Romeu, o meu hospedeiro. Ao que me responderam:

- Ah, você é o Helio.

A boca ameaçou abrir de novo. Mas não era mágica. Assim que eu saí de Mbalevuto, o Romeu mandou um menino por um "atalho" (que nada mais era que escalar uma montanha de um lado e rolar do outro) avisando de minha vinda.

Foi em Nandrungo que tive a melhor cerimônia do *kava*. Hospedei-me na casa do John, primo do Romeu, o único que falava inglês por ali. Ele me levou ao *mbure* do chefe, a quem ofertei, como manda a tradição quando se chega a uma vila, um chumaço de raízes de *yanggona*, a planta que dá origem ao kava.

Nós nos sentamos, sete adultos em volta da *tanoa* e mais um menino que servia o *kava*. O chefe conversou com o John e a seguir falou um monte de coisas que obviamente não entendi. Ao terminar, todo mundo bateu palmas três vezes. O John, ao meu ouvido, explicou que ele me dava boas-vindas, me chamando "homem do mar", e agradecia eu vir de tão longe só pra visitar a vila dele. Pediu que falasse e fizesse uma prece em minha língua. Me emocionei com aquele

ambiente especial, mágico. Havia só uma vela acesa, um silêncio quase absoluto, e todos sérios, compenetrados, olhando para mim.

Bebemos *kava* pela noite a dentro.

De Nandrungo resolvi ir caminhando para a próxima vila, Mbukuia. Metade do percurso era pelo mato, metade por uma estrada abandonada. No total, uns 20 quilômetros. O John me acompanhou. Saímos ainda noite escura. Fomos caminhando pelo topo das montanhas até o amanhecer, que nos levou a um vale imenso, com uma cachoeira ao fundo, tudo muito verde, com *mbures* dependurados aqui e acolá nas encostas das montanhas, fumaça do fogo da manhã saindo de cada uma, um ar puro gostoso de respirar.

Descemos o vale, vadeamos o rio que descia entre as pedras. Às dez da manhã chegamos a Mbukuia, depois de subir a outra encosta do vale (e eu mais uma vez de queixo caído). Surpresa! Estava todo mundo lá: Sue Ann. Julia, Ian e Ishmala. Com um abraço e muitos *bulas*, me despedi do John, e de carona num caminhão fomos até o Rio Singatoka.

Lá o pessoal estava com pressa de voltar a Suva, mas convenci a Sue Ann a ficar mais um tempo pelas redondezas. Foram dias ótimos, primeiro numa vila chamada Kiasi, na beira do rio, depois na vila de Singatoka, já à beira-mar.Passamos depois alguns dias em uma cabana de frente pro mar em Korotongo, já a caminho de Suva. Muita paz, muita tranquilidade. Banho de mar, água de coco, peixe na brasa. A vida pode ser muito simples e bonita.

De lá, um ônibus para Suva. De volta às festas e à bagunça no iate clube.

Foi nessa ocasião que conheci o Erik, cujo barco, o *Boy Willie*, embora mais velho, tinha praticamente o mesmo desenho do *Dou Dou Diop*. Na ocasião, o barco tinha 79 anos. Foi o Erik que trouxe o Vincent e a Nadine de Suwaroff. A notícia era que ambos haviam ido para as montanhas e que a Nadine iria ter o filho lá. Soou em meus ouvidos como a coisa mais natural. O que esperar do Vincent e da Nadine senão se embrenhar na natureza pra ver seu filho nascer?

Já havíamos anteriormente decidido sair de Suva com o Brasuca e ir para um local mais remoto, à procura de boa pescaria e de

uma paisagem bonita. A idéia era seguir para Kandavu, uma ilha ao sul de Suva. Quando voltei do meu passeio pela ilha, porém, o *Johane Brunn* e o *Silver Willow* estavam programando tocar para as Exploring Islands, na parte norte do Lau ou East Group. A idéia parecia boa, pois haveria de ser um local isolado e bonito, com boas pescarias. O único problema: seria uma velejada no contravento.

Saímos juntos com o *Johane Brunn*. O *Silver Willow* seguiria depois.

Para navegadores - *Contravento bravo. Logo que o* Brasileirinho *saiu do passe, o sudeste já corria solto com, por baixo, força 6. Bujita na proa, a grande toda rizada. Às vezes, na adernada, o guarda-mancebo ia pra água.*

No dia seguinte, ao entardecer, depois de tomar muita água e vento no rosto, a ilha de Yathata estava a cinco milhas de distância. Resolvemos ancorar pra descansar. Ficamos dois dias. Conhecemos o pessoal que morava na vila do outro lado da ilha. Outra noite com muito *kava* na cabeça.

Chegamos às Exploring Islands, que em fijiano se chamam Vanua Mbalavu, ao mesmo tempo que o *Silver Willow*. Entramos no passe juntos. Fomos encontrar o *Johane Brunn* ancorado numa baía abrigada, com montanhas em volta, deserta e de água lisa como uma piscina. Vivemos dias agradabilíssimos. Tempo bom, amigos, muita conversa fiada, o tempo passando com calma. Todo dia saíamos para pescar. Lá peguei um napoleão, que *pesadamente* pesou 45 quilos em balança.

Lá também vi pela primeira vez um peixe que não encontrei em livro nenhum e de que ninguém nunca soube me dizer o nome. Eles apareceram num cardume, talvez uns vinte. Os maiores mediam pelo menos 1,5 metro de comprimento. No geral, tinham a aparência de bodiões. Escamas grandes, totalmente verdes, só que ostentando na testa uma espécie de bola. A cabeça tem formato semelhante à do dourado, mas com a tal bola na testa. E a boca parece um bico recurvo, como o de um papagaio. Malandríssimos, nadam devagar, como

quem não quer nada, mas é praticamente impossível chegar perto deles (depois, nas Salomon, consegui acertar um, mas o sacana, de tanto se sacudir, saiu do arpão).

O napoleão também é muito malandro, só que não anda em cardume, está sempre sozinho, no máximo em dupla. Ele faz a mesma coisa que o outro: dá uma olhada de banda, aquele olhar distraído, mas é só a gente fazer um pequeno movimento e lá se vai embora. A diferença pro *boludo* é que o napoleão se manda de vez. Afinal, quem tem, tem medo, não é mesmo?

O que eu peguei estava distraído, não me viu. Eu o percebi entrando numa espécie de canyon, muito comum por lá. O recife, no seu tope, chega talvez a 1 metro da superfície da água (na baixamar, quase sempre fica descoberto), aí cai abruptamente pro lado do mar, indo até o fundo, na areia, talvez a uns 15 metros, formando, assim, uma parede. Dessa parede é que saíam esses canyons, como se fossem falhas. Esses recifes, por dentro, são todos interligados por tocas e túneis. Notei o peixe entrando num canyon e, como ele não se apressou, saquei que não tinha me visto. Subi, nadei por sobre o recife até a beirada do canyon. Não deu outra, peguei o bicho na saída. O arpão virou um “S”.

Cada noite nos reuníamos em um dos barcos para jantar e conversar. A maioria das vezes no *Johane Brunn*, pelo tamanho e, mais que isso, pela atmosfera tão aconchegante. Fizemos também alguns churrascos na praia, o que é sempre relaxante e agradável, especialmente com uma bela lua brincando de esconder com as folhas dos coqueiros. Mudamos depois para o outro lado da ilha, para uma baía chamada Bay of Islands. Uma paisagem muito diferente: todas as ilhas eram de formação rochosa, com encostas subindo verticalmente e erodidas ao nível da água, adquirindo assim o formato de um cogumelo barrigudo. O único senão era a falta de praias.

FOFOCAS PELO RADIOAMADOR

Desta vez finalmente o Vincent deu as caras. Havia “descido o morro” e estava por lá quando da nossa volta a Suva. Foi uma grande

alegria revê-lo. Estava mais magro, mais cabeludo, com o olhar maroto de sempre.

Ele nos contou que, quando o vento entrou em Suwaroff, tinha percebido que o *Julio Grande* não ia agüentar. Ele e a Nadine pegaram máscaras e pés-de-pato e só esperaram a corrente enferrujada da âncora arrebentar. Mas os dois encararam o fato numa boa e estavam decididos a morar na ilha.

- Sabe, Helio, nós tínhamos tudo - o mar cheio de peixe, os coqueiros pra nos dar fruta e água, e uma ilha inteira pra nós.

Mas aí chegou um barco, depois chegou outro. E barcos com radioamador a bordo. E aqui abro parênteses pra falar do pessoal que tem radioamador (depois o Helio aqui pagou com a própria língua, pois também instalei um, só que nunca fui como um desses que explico abaixo).

O rádio em si é uma maravilha, e um rádio desse tipo a bordo oferece inúmeras vantagens. A primeira é que, teoricamente, você tem possibilidade de falar com o mundo inteiro, numas de "alô, mamãe, estou aqui e tudo bem", além de continuar o contacto com os amigos que vai fazendo pelo caminho. Depois, por meio do rádio é sempre possível entrar nas diversas redes de radioamadores e estes altruisticamente podem acompanhá-lo durante uma travessia, mantendo contactos diários com seu barco. Eles colaboram em casos de emergência, e nesse contacto diário dá para, entre outras coisas, ter a previsão do tempo, o que é uma ótima.

Aparentemente, portanto, só há vantagens. Mas esse bate-papo pelo rádio com amigos é que pode tornar as coisas perigosas. Normalmente o pessoal faz um contacto diário, quando isso não ocorre duas vezes por dia. Não há cristão que consiga sustentar um papo sério com tanta assiduidade. O assunto, portanto, muitas vezes é fofoca. Cansei de ver *big sailors* matraqueando no rádio, feito dona de casa desocupada. Mas até aí tudo bem. O problema é quando, ao falar da vida alheia, começa-se a prejudicá-la.

Foi o que aconteceu com meu amigo Vincent. Lá estava numa boa, o rei da ilha de Suwaroff, ele e a Nadine, nus como a natureza manda. Comendo, dormindo e bebendo a natureza. Se o mundo se

portasse como eles, seria certamente melhor, mais honesto, mais puro. Mas aí, como disse, chegou um barco, com papai, mamãe e filhinha a bordo. E o que eles vêem? Aquela imoralidade na praia, aqueles libertinos andando nus, uma pouca-vergonha. Aí o papai, que tem um rádio a bordo, solta o verbo no ar: que dois náufragos na ilha estavam nus, que ele estava com medo de que os dois viessem à noite e assaltassem o barco, e outras besteiras do gênero.

Com as fofocas radiofônicas, acho que em um dia o Pacífico todo sabia da história. E claro, ela foi crescendo e sendo distorcida de tal forma que em curto espaço de tempo os dois eram tidos como facínoras ou coisa que o valha - quem sabe um termo mais naútico, *piratas* – tentando amedrontar todo mundo. Resultado: o governo das Ilhas Cook mandou um barco patrulheiro retirá-los imediatamente de lá, pelo perigo que representavam. A sorte é que quando esse barco chegou, o *Boy Willie* já estava lá. Aí o Vincent e a Nadine passaram uma conversa nos oficiais e estes autorizaram que eles fossem no dia seguinte para Suva no *Boy Willie*.

Já quando estávamos em Suva, o Vincent tentou vender o que podia do que foi salvo do *Julio Grande* para levantar uma grana e depois voltar pra Nadine na montanha, pra ver o filho nascer (nasceu, menino homem, cheio de saúde). Compramos o *wind vane*, ou leme de vento, do barco dele, um Atoms, na esperança de não ter mais que timonear.

Boas festas também com o Vincent.

Nesse meio tempo, conheci uma moça muito bonita, que queria uma carona para a Austrália. Eu já a tinha visto duas vezes antes: uma em Papeete, *en passant*, mas e a outra, adivinhe onde? No *Toad Hall*, naquele dia em que quase nos abalroamos em pleno alto mar entre Pago-Pago e Suva.

Ela, a Cindy. Eu nunca poderia imaginar, então, tudo o que aconteceu depois. A Cindy é de Santa Cruz, na Califórnia, e estava dando uma volta ao mundo como eu na época, só que os veleiros eram apenas um meio de locomoção para ela atravessar o Pacífico até a Austrália. Depois, a idéia era ir até os Himalaias, a África, talvez a

América do Sul e *back home*. Ao lado dela, Fiji ficou ainda mais bela, o povo ainda mais amigo, a vida mais bonita.

O Eric havia descoberto não muito distante de Suva um belíssimo pasto, com um gado muito bonito e repleto de cogumelos. À beira do rio que meandrava o pasto, já quase no fundo de um pequeno vale onde o plano terminava, a Cindy e eu voamos um dia tão alto quanto os pássaros. As cores tão vivas, o mato junto ao rio, as figuras mais malucas se desenhando na vegetação, e ela nadando, seu corpo nu, tão lindo, contrastando com o turvo das águas. A vida podia continuar para sempre ali mesmo. Eu me sentia bem, muito bem, otimamente bem, com a plenitude a minha volta.

Depois que encontrei a Cindy as coisas mudaram. Juntos velejávamos, nadávamos, fazíamos amor, andávamos, curtíamos a natureza. Foi ela quem aos poucos foi me ensinando o verdadeiro sentido da natureza, foi com ela que aprendi os detalhes, as nuances, os porquês da natureza.

Capítulo 9

Nova Caledônia

NOVA CALEDÔNIA
Noumea
Baía de Prony
Ilha dos Pinheiros
Ilha de Moreton
AUSTRÁLIA
OCEANO PACÍFICO

9 Nova Caledônia

A VISÃO DOS DESTROÇOS DE NAVIOS

E a hora de partir foi chegando, embora em Fiji houvesse um magnetismo tal que alguma coisa parecia nos segurar. Como, porém, pretendíamos chegar à Austrália antes da estação dos furacões, não podíamos mais nos atrasar. O próximo porto seria Noumea, na Nova Caledônia.

A tripulação do *Brasileirinho* agora estava bem maior: além do Carlos e eu, estavam a bordo a Cindy, a Lajon, irmã da Cindy, e a Denise, companheira do Carlos. O barco, portanto, estava mais florido no dia em que cruzamos o passe rumo à Nova Caledônia, umas 800 milhas além da nossa proa. A esperança era timonear menos, pois havíamos instalado o outro leme de vento, o Atoms, comprado de nosso amigo Vincent. Restos do *Julio Grande*. Ficou, porém, só na esperança, pois o *Brasileirinho* sem a bolina se tornara um barco difícil de ser equilibrado, requerendo um grande esforço para que o leme de vento funcionasse.

Coisas da vida, mão no timão - e vamos lá. Agora, entretanto, com cinco pessoas a bordo tinha ficado mais fácil, eram dez mãos disponíveis. Fizemos uma divisão dos turnos e dos serviços que agradou a todo mundo. Durante o dia, das seis da manhã às seis da tarde, as meninas timoneavam, fazendo cada uma um turno de quatro horas, e à noite nós dois, marmanjos, encarávamos dois turnos de três horas cada um. Assim elas tinham a noite inteira pra dormir e, em troca disso, eram as responsáveis pela cozinha de bordo. Bom negócio para todos.

Nosso rumo era oeste-sudoeste. Pretendíamos contornar a Nova Caledônia pelo sul e subir a costa até Noumea. A Nova Caledônia é uma ilha enorme e comprida, com 240 milhas de extensão por 30 de largura, estendendo-se no sentido sudeste-noroeste.

Recifes de coral cercam totalmente a grande ilha, barreira que ainda se estende por umas 60 milhas ao norte e avança também pelo

sul, envolvendo por completo uma ilha adjacente, a Île des Pins (Ilha dos Pinheiros), tida como uma das mais belas do mundo - mais uma! - justamente por uma esplêndida combinação: a barreira de coral à sua volta, praias de areia branca como neve e a densa cobertura de pinheiros, bastante incomum para uma ilha tropical.

A meio caminho entre Suva, nas Ilhas Fiji, e Noumea, na Nova Caledônia, ao norte, encontra-se o arquipélago das Novas Hébridas, que havia recém-conquistado sua independência e agora, como país, chama-se Vanuatu. Passamos 60 milhas ao sul dessas ilhas. No oitavo dia pela manhã, estávamos circundando a ponta sul da barreira de coral. Subíamos a costa muito próximos à barreira e a ondas gigantescas se quebrando sobre os recifes. Às vezes o *Brasileirinho* até subia com uma onda que se aproximava, para descer depois de sua passagem e vê-la cair com enorme estrondo sobre os corais. A mera observação dessas ondas, sente-se seu poder, sua energia e a imutável mesmice de a cada instante uma delas estourar nos corais. A sensação de sua força aumentava cada vez que víamos destroços de navios que tiveram sua última atracação em cima dos recifes. Alguns deles estavam ainda inteiros, via-se o casco e a casaria completos, embora absolutamente enferrujados.

Chegamos ao passe de Boulari que, ultrapassado, nos permitiria ficar do lado de dentro da barreira de coral. Logo que se entra, duas milhas depois do passe está a Ilha Amédée, coberta de coqueiros, cercada de praias de areia branca e tendo fincada no meio um vistoso farol branco. Um belíssimo marco para entrada. Com 10 milhas recife adentro, estávamos em Noumea, a capital da Nova Caledônia.

A ilha só foi descoberta em 1774 pelo Capitão Cook - sempre ele - o que é interessante, pois ele próprio já havia anteriormente chegado à Austrália e à Nova Zelândia sem ter achado a Nova Caledônia. A Nova Guiné e as Solomon, bem mais ao norte, também já eram conhecidas de longa data quando Cook aportou na Nova Caledônia. Este nome foi dado porque o capitão por alguma razão achou sua natureza semelhante à da Escócia (cujo território, sob domínio romano, era chamado Caledônia). É incrível que, com tanta gente navegando

pela área, uma ilha de 19.000 quilômetros quadrados passasse despercebida por quase 300 anos. Quando Cook chegou, a ilha era habitada por melanésios - 50.000 deles, segundo estimativas do próprio capitão.

Depois do Cook, um monte de navegadores andou redescobrindo a Nova Caledônia, mas ninguém se interessou por ela. Aparentemente os nativos eram ferozes demais, apreciando muito carne de homem branco para o jantar, o que também dificultou mais tarde o estabelecimento de europeus. De toda forma, essas 50.000 almas atraíram as atenções dos missionários. Os primeiros foram os protestantes da London Missionary Society, rapidamente seguidos por católicos evangelistas da França. Por algumas décadas o único interesse branco era salvar almas na ilha. Foi a França, necessitada de uma colônia penal distante, que primeiro resolveu tomar posse do território, em 1853, e logo chegaram por lá alguns oficiais do governo e uma rapaziada do barulho.

Hoje a Nova Caledônia abriga uma grande mistura de raças, ainda com uma maioria de melanésios, com europeus, indonésios, japoneses e muita gente das ilhas vizinhas. Quando estivemos lá, o negócio andava feio, a luta pela independência estava quase nas ruas, com brigas a todo instante.

O CRÍQUETE DAS MULHERES DESCALÇAS

Noumea é um lugar mais sofisticado que Papeete. Seguramente a cidade mais ocidental de todas as ilhas do Pacífico Sul. Prédios modernos, ruas com lojas finas, butiques com roupas caríssimas, restaurantes refinados e até um piano-bar em estilo rococó, com uma cantora de olheiras, *très chic*, interpretando Edith Piaf de maneira impecável. A marina onde ficamos, Le Port du Plesaince, nada tinha a dever às mais modernas que havíamos visto nos Estados Unidos. Um lugar bonito e caro.

No centro da cidade, encrava-se a vasta Place des Cocotiers, cheia de coqueiros e flamboyants circundando uma fonte centenária. Segundo os folhetos turísticos, trata-se de “um lugar para se estar com a família, sob sombras acolhedoras”, e lá fui eu um dia me deitar sob

um flamboyant para ler um livro. Logo chegaram uns dez crioulos melanésios, com um ar que não chegava a ser amigável.

- *Bonjour*, você é francês?

- *Bonjour*. Não, não sou. Sou brasileiro.

- Você fala como francês

- *Mais non*! Sou brasileiro mesmo, estou num barco que até se chama *Brasileirinho*.

- Tá bom, acho que você não é francês mesmo. Sorte sua.

- Por quê?

- Porque, se fosse, ia apanhar. *Au revoir, monsieur*.

Foi quando percebi que a barra realmente andava pesada na área.

Ser brasileiro na maioria dos lugares onde estivemos foi tão bom quanto ser suíço: o brasileiro é visto como totalmente neutro, e às vezes até há a vantagem de, em países negros, você ser grande amigo do Pelé. Aí são muitos pontos a seu favor.

E, por falar em Pelé, o futebol é o esporte mais popular na ilha. Só jogado pelos homens, é claro, porém as mulheres também têm seu esporte: o críquete. Aquele que os ingleses jogam de roupa branca e no qual uma partida chega, às vezes, a durar uma semana. Os britânicos devem arrepiar os cabelos ao ver que um esporte essencialmente masculino, na Inglaterra, só é praticado na Nova Caledônia por mulheres que, em vez de trajar branco, usam vestidos de algodão, bem folgados, totalmente estampados. É bonito de ver, os modelos dos vestidos são sempre iguais, só muda o estampado em cada time. Pra avacalhar ainda mais, as mulheres jogam descalças. E marmanjo nenhum que se meta a besta, é só mulher que pode jogar.

Estavam conosco na marina o *Seahigh*, com a Patty e o Jerry - aqueles mesmos, das Marquesas, que cantavam muito bem e ela, bonita de fechar o comércio - o *Falcon*, com o Don, o super-festeiro, também das Marquesas, com uma nova namorada, Avril, Werner, o suíço que era tripulante do *Falcon*, igualmente com uma nova namorada, Rose, e mais uma australiana de carona. Muita festa, muita bagunça em nossa estadia. A Cindy e a Lajon passaram uns dias no interior conhecendo a ilha.

Antes de seguirmos para a Austrália, queríamos visitar a Ilha dos Pinheiros, sobre a qual tanta gente tinha falado. Werner, Rose e a australiana pegaram uma carona no *Brasileirinho*, pois o *Falcon* ia ficar na marina. (Para o Don, o Pacífico resumia-se a uma grande festa, e no momento Noumea era o lugar mais apropriado.) Os três voltariam mais tarde, de avião, da Ilha dos Pinheiros.

Tanques cheios, diesel e água. Tudo pronto, Cindy e Lajon chegaram na última hora com mais vinho e pão. Bom, muito bom, um vinhozinho adicional nunca é demais e as baguetes, *ou-la-la la baguette*!, são sempre uma carícia no estômago. Amarras soltas, vento muito forte canalizado pelos morros atrás da marina. Manobra difícil, o lugar era apertado, a *danforth*[61] em nossa proa tocou de leve o guarda-mancebo do veleiro mais próximo. Ziguezagueando entre os barcos, o *Brasileirinho* saiu da marina. "Como é, pessoal, velas pra cima." Grande adriçada, bujita adriçada. Vai, Brasuca. Andamos uma milha empopados[62], contornamos o pequeno promontório da entrada da baía e entramos no contravento. Île des Pins, prepare as boas-vindas, que já, já chegamos. Dez da manhã e vamos bordejando.

Lá pelas tantas, fome geral na tripulação e o Werner foi a salvação. Ele havia trazido do *Falcon* uma panelona de feijão. E de repente nos vimos comendo uma feijoada. O suíço havia feito uma, sem saber o que era.

- Ô, Werner, o que é que você colocou nesse feijão pra dar esse gosto?

- *Easy*. Tudo o que tinha sobrado ontem, mais todos os temperos que achei no *Falcon*.

Garanto que a receita é ótima.

Chegamos ao anoitecer ao Estreito de Woddin, formado a sudoeste da Nova Caledônia pela ilha principal e pela de Ilha Oven, e, como não havia pressa, ancoramos ali mesmo para passar a noite. An-

---

[61] Um dos vários tipos de âncora existentes.
[62] Com o vento vindo pela popa.

coragem tranqüila, barulho de chuva no convés, conversa amiga, vinho farto e cinco moças tomando conta da gente. Cinco a três é um placar ótimo. Ser bem tratado é uma beleza, não é mesmo?

Manhã seguinte ainda chuva. Saímos cedo.

Para navegadores *- Grande e genoa 1 pra cima, mas logo que contornamos a Ilha Oven a coisa estava feia mesmo. Força 6, na rajada 7. Céu totalmente encoberto e uma chuva fina incomodando todo mundo. Visibilidade de uns 200 metros e, como não poderia deixar de ser, nosso rumo era exatamente contra o vento. Bordeja uma vez, bordeja outra, o* Brasileirinho *enfiando o nariz nas ondas. Até que, com amuras a bombordo e todo mundo olhando à esquerda, tentando ver o próximo recife, a Cindy me pergunta se tinha visto um recife.*

- Viu o recife, Helio?
- Não, ainda não.
- Olha, tá bem aí!
- Tá louca, Cindy? Tá todo mundo olhando e só você viu!
- Tá bom, você é quem sabe.
- Pera aí, de que lado você viu o recife?
- A boreste, claro.

Mamãe! O recife estava escondido por uma das velas, a uns 100 metros da proa. Bordo e decisão instantânea, vamos voltar, afinal ninguém está com pressa. Empopados (como é nobre uma empopada!), fomos até a Baía de Prony, que fica na ilha principal logo ao sul da Ilha Oven, onde havíamos ancorado na noite anterior.

Beleza! Protegida, lisa e bonita. Ainda à tarde, subimos um morro para ver o farol Bonne-Anse. Encontrei no chão, escrita com pedras, a palavra "samba". Ou seja, o veleiro brasileiro *Samba* passou por aqui.

TEMPO RUIM E VELAS RASGADAS

Como não há mal que sempre dure, o dia seguinte, ensolarado, amanheceu com vento leste, que nos levou até a Ilha dos Pinheiros num través folgado, com as moças pegando um bronze, espalhadas no convés, e o *Brasileirinho* navegando em águas tranqüilas. Nada como um dia depois do outro. Ancoramos na Baía de Kuto, uma pequena vila à margem de uma praia de areia muito branca, com águas tranqüilas e transparentes.

A Ilha dos Pinheiros, realmente bonita, faz jus à fama. Na verdade, por si só ela não seria tão bela. A beleza vem do conjunto que forma com seus adornos. Adornos são recifes coloridos em todo lugar, banhados por águas límpidas, pequenos ilhotes com pinheiros, a barreira de coral ao sul e, ajudando muito, o sol maravilhoso. A ilha é até um pouco árida em alguns pontos, mas tem uma orla sempre coberta de pinheiros e coqueiros. A parte alta de qualquer praia é sempre sombreada, propícia a momentos de vagabundagem, de relaxamento.

Um dia subimos até o Pic Nga, o ponto mais alto da ilha. Ali se tem uma vista espetacular, vê-se toda a ilha com os recifes e ilhotes ao seu redor. Passamos também alguns dias ancorados na Ilha Brosse, uma miniatura da Ilha dos Pinheiros, bem próxima. Às vezes se vê tanta beleza em tão pouco tempo que até assusta, dá até remorso de estar tão bom. Se o paraíso fosse metade daquilo, já estaria ótimo.

Levantamos ferro e aproamos para o oeste, para a Austrália. O último ilhote por que passamos foi a Ilha Infernal. Qual seria a história desse pedaço de terra para levar um nome desses, num lugar que de inferno não tem nada?

Havíamos resolvido aportar em Brisbane, capital do Estado australiano de Queensland, onde fica a Grande Barreira de Coral. Lá esperávamos encontrar um local para puxar o *Brasileirinho*, pintar seu fundo e dar-lhe um trato. As milhas percorridas e as ondas atravessadas deixam seu preço em todo barco, sempre há alguma coisa a ser reparada ou uma peça a ser trocada.

Brisbane também ficava perto e em Surfer's Paradise, onde nosso amigo Brian morava, um teto amigo com certeza nos acolheria.

(Refiro-me ao dono do *Pelican*, o australiano boa gente que conheci nas Marquesas). A distância a ser percorrida não era muito grande - se um veleiro andasse em linha reta, o que evidentemente nunca ocorre, seria em torno de 830 milhas. Mantivemos o mesmo esquema de turnos que havia se mostrado tão eficiente entre Fiji e Noumea.

Os primeiros dias foram de vento largo, sol, cúmulus apostando corrida no céu e ondas de tamanho certo empurrando o barco pra frente. Os cúmulus são sempre sinal de bom tempo, presságio de paz a bordo. Um céu sem nuvens corre o risco de receber qualquer nuvem e aí pode vir mau tempo. Céu de cúmulus lembra vento bom, proa levantando borrifo, peixe-voador caindo no convés, dourado passando na esteira.

Foi só sumirem os cúmulus que apareceu um tipo de nuvem aparentada: os cúmulus-nimbus, lado ruim da família, que só apronta malvadeza. Vieram do sul, comandando uma frente fria. Mais que isso, chegaram de surpresa, pegando o Brasuca no contrapé, desprevenido, e lá se foi a genoa 1[63], com um rasgo de fora a fora. Sem aviso, a mestra também rasgou na parte de baixo. Tudo bem, ela ia mesmo ser rizada[64]. O vento aumentou, o mar encrespou, as ondas se levantaram mostrando suas cristas, quebrando, como se fossem dentes querendo morder o barco.

- Riiip!

Era a mestra falando alto e em bom tom, que agora o rasgo era mais em cima. O remédio foi arriá-la. E vamos nós, com a bujita solitária no estaiamento e o Brasuca nem se incomodando com a ventania.

O dia passou, o tempo melhorou e de repente estávamos sem vento, boiando no Mar de Coral. A pouca brisa que às vezes batia era muito mal aproveitada. A genoa 1 tinha um rasgo tamanho que ninguém se habilitava a consertá-la, o tope da mestra eu costurei a duras penas, mas sua parte inferior era um caso perdido. Aliás toda a vela

---

[63] Vela de proa. O número designa o tamanho - no caso, a menor delas, para ventos mais fortes.

[64] Ter diminuída a área de vela exposta ao vento.

estava condenada, nossa mestra tinha seus dias contados: o tecido, depois de tanto tempo exposto ao sol tropical, agora se rasgava tão facilmente como uma folha de papel. Todo cuidado com ela, pois, era pouco.

A situação começou a ficar ridícula quando também se rasgou a nossa genoa 3[65], logo seguida pela *spinnaker-staysail*[66]. Acabamos consertando a genoa 3 e foi com ela que, ao final do oitavo dia, vimos ao sul de nossa proa as luzes de Southport, cidade vizinha a Surfer's Paradise, e bem na proa, o lampejo do farol do Cabo Moreton, no extremo norte da ilha do mesmo nome. Lá no fundo, numa baía, rio acima, estava Brisbane.

---

[65] Vela de proa maior que a 3, para ventos mais fracos.
[66] Vela também conhecida como balão.

Capítulo 10

Austrália: No worries, mate!

OCEANO PACÍFICO

PAPUA NOVA GUINÉ

Cairns

Townsville

Ilha de Hook

Ilha Middle Percy

Ilhas Keppel

AUSTRÁLIA

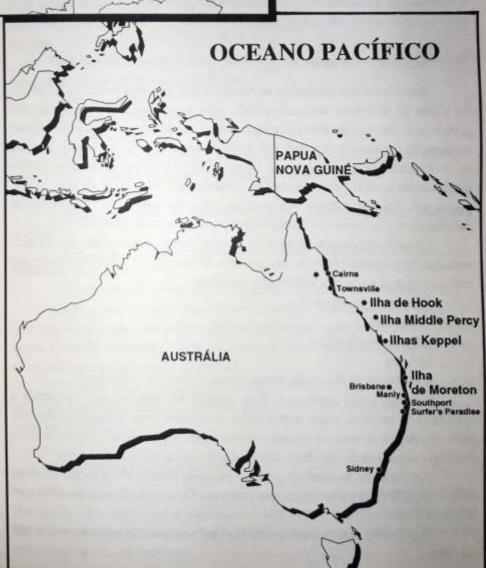
Ilha de Moreton

Brisbane

Manly

Southport

Surfer's Paradise

Sidney

10 Austrália: No worries, mate!

SEMPRE TUDO BEM

Amanhecemos próximos ao farol e nossa primeira visão da Austrália foi a Ilha de Moreton, toda arborizada, com praias imensas e uma baía tão grande que não nos permitia enxergar o continente: víamos somente balizas mostrando o caminho a seguir por entre bancos de areia, enquanto bandos de aves marinhas sobrevoavam o barco. Mar liso e uma suave brisa norte nos levavam ao Rio Brisbane, navios passavam por nós, velas ao longe e sol, muito sol. Até que a costa, muito baixa, foi aparecendo, seus contornos se delineando e entramos num canal reto que nos conduzia à boca do rio.

Quando estávamos já bem próximos, vendo edificações, docas, movimento de pequenos barcos, uma potente lancha da Guarda Costeira emparelhou conosco e por um alto-falante ouvimos:

- De onde vocês vêm?

- Noumea.

- Quantos a bordo?

- Cinco

- *Welcome to Australia*, sigam-me até a doca de quarentena.

Subimos o rio algumas milhas, sempre na vela, até que chegamos a uma doca de madeira, meio mambembe, num local com mato em volta. Parecia que depois de termos passado navios e prédios modernos, voltávamos a um lugar abandonado. Brisbane estava ainda muitas milhas rio acima.

No dia 22 de novembro, à tarde, pus pela primeira vez os pés na Austrália, naquela doca meio caindo aos pedaços. De alguma forma eu sabia que ia gostar daquele país.

A primeira pessoa com quem falei foi um guarda que tomava conta da doca.

- Esta doca não está pra cair, não?

- *She'll be right. No worries, mate*!

Centenas ou milhares de vezes eu iria ouvir, com pequenas variações, a mesma frase, que de certa maneira traduz o espírito do australiano, geralmente informal, de vida fácil e brincalhão por excelência.

"*It'll be right*", vai ficar tudo bem, vai dar tudo certo é a maneira de dizer que mesmo que uma coisa, um fato ou uma pessoa não estejam perfeitamente certos, corretos ou bem arrumados, está tudo bem. A tradução melhor é essa mesmo: tudo bem. "*No worries*" é o equivalente australiano a "não esquente a cabeça". E "*mate*" é a versão inglesa do nosso *bicho*, *ô meu* ou *cara*.

Esse estado de espírito à vontade foi logo sentido com o funcionário da imigração que subiu em nosso barco.

- Olá, boa tarde.

- Boa tarde. Por favor, entre.

- Vocês têm cerveja?

- Infelizmente, não. (Aliás, não havia nada no barco, até a comida estava acabando: chegamos à Austrália sem um centavo no bolso.)

- E uísque, rum?

- Nada, o estoque está a zero. Por sinal, estávamos loucos por uma cerveja

- OK, quando a gente terminar de encher essa papelada inútil, levo vocês até o bar e pago uma.

O bar mais próximo ficava a 5 milhas dali, numa beira de estrada.

- Olha, vou deixá-los lá e depois arrumem uma carona pra voltar. Só que tem uma coisa, a doca da quarentena em que vocês estão fecha às 6 da tarde. Quando voltarem, vão ter de pular a cerca, que tem um buraco bem ali. Lembrem-se que eu não sei de nada.

De quebra, ele ainda emprestou 10 dólares para mim e 10 para o Carlos, com o compromisso de passarmos depois em seu escritório para pagar. Uma bela acolhida.

UMA VISITA DA POLÍCIA...

Acolhida não tão boa foi a que tivemos quando pintávamos o fundo do Brasileirinho no Royal Queensland Yacht Squadron, um belíssimo clube na cidade de Manly, na Baía de Moreton. Manly é o contacto com o mar para quem mora em Brisbane.

A Denise fora de trem para Brisbane, a Cindy e a Lajon tinham ido a pé comprar mais um pouco de tinta, pois achamos que ia faltar, e eu e o Carlos, sob um sol de 40 graus, pintávamos o fundo do barco quando, de repente, surgiram no pátio do clube dois carros e deles desceram uns dez policia à paisana.

- Quem é o comandante do barco?

Nessa hora eu já estava mais pra grumete do que pra capitão. Em todo caso...

- Sou eu.

- Somos do Departamento de Drogas da polícia. Vamos fazer uma busca no barco. Você tem duas opções: pode nos permitir entrar ou não. Só que, se não permitir, irá para a cadeia.

- Que é isso, doutor? Vamos entrando, será que dá pra gente terminar o fundo aqui do bordo?

- Não. E onde estão as meninas?

- Saíram. Uma está em Brisbane e as outras foram aí perto comprar tinta.

O que agia como chefe mandou dois irem atrás delas. A tropa toda subiu no barco e não nos deixaram entrar. Ficamos no cockpit. Para nós estava até engraçado, pois não tinha nem comida a bordo, que dirá droga. Aliás, pra não dizer que não havia nada, o cockpit ostentava um isopor com gelo e uma garrafa de vinho branco.

Eu e o Carlos, em português:

- E aí, meu?

- Os caras não têm nada pra achar.

- Porra, tem a espingarda que a gente não declarou para a aduana.

- É mesmo, Helio, mas acho que não dá em nada.

O chefão encontrou as balas da arma e mais uma caixa de balas calibre 45, que veio junto com o barco e das quais, nem sei por quê, nunca nos desfizemos.

- Cadê a espingarda e o revólver?

- Olha, a espingarda a gente mostra pro senhor, tá escondida embaixo do assoalho. Agora, o revólver o senhor não vai acreditar, a gente só tem as balas, elas vieram com o barco.

- Deixa de gracinha, me mostra os dois.

Com dois revólveres na nuca, fui lá e mostrei a espingarda.

- E o revólver?

- Já falei pro senhor que não tem. Faz isso: se o senhor achar, fica com ele de presente.

- Vocês são todos iguais. Vá lá pra fora!

Fora, um deles havia ficado conosco, fazendo o papel de bonzinho pra ver se nos arrancava alguma. Quando vimos que eles na verdade não se importaram com a arma, ficamos tranquilos e aí resolvemos aproveitar e nos divertir. O bonzinho falando conosco:

- Belo barco, esse de vocês.

- É mesmo.

- Deve custar uma fortuna.

- Nem fale, custou os tubos.

- Como é que vocês fizeram? Devem ter trabalhado muito pra comprar.

- Trabalhar? Você tá louco? A gente nunca trabalhou na vida.

- Só de pensar em trabalhar, olha aí, já fiquei arrepiado. O senhor aceita um vinho?

- Não, obrigado, estou de serviço.

- Nem com um calor desse? Só um golinho.

- E como é que vocês se sustentam?

- Basta um telefonema.

- Telefonema?

- É, a gente liga lá pro banco na Suíça. O dinheiro chega rapidinho.

- Vocês devem ser ricos!

- Nem fale, ele é o mais rico.

- Deixa de conversa, você é muito mais rico que eu.

- Não vamos começar com isso de novo. Deixa de história, você está cansado de saber que é mais rico que eu. Sem essa de querer dar de humilde. E, por falar nisso, o amigo trabalha de que hora a que hora?

Foi o suficiente para ele não encher mais o saco e foi também um grande prazer vê-los ir embora, putos da vida, de mãos vazias.

- Apareçam.

- Tchau, tchau.

As meninas é que tomaram um susto. Acabaram indo parar na polícia e foram interrogadas em salas separadas. Como elas nos conheciam há pouco tempo, até imaginaram que podíamos ser traficantes ou coisa que o valha. Mas voltaram rindo.

- Vocês dois, hein! A gente quase foi em cana por se meter com marginais como vocês!

- Olha o respeito...

- Foi divertido, esses caras são muito babacas.

Se houve algum senão em nossa estada na Austrália, esse foi o único. *Nobody's perfect*.

OS MAIORES BEBEDORES DE CERVEJA DO MUNDO

As diferenças sociais na Austrália, comparadas com as existentes no Brasil, são dramaticamente menores. Nesse sentido, a primeira surpresa foi no clube mesmo.

No Royal Queensland Yacht Squadron havia uma marina de pelo menos 400 vagas, com pontões flutuantes, água encanada e luz elétrica para cada barco. Isso tudo abrigado atrás de um enorme espigão. A sede, sem ser sofisticada, era extremamente confortável, com bar, restaurante e salão de festas. Uma marina dessas no Brasil com certeza teria pelo menos cinqüenta funcionários. Sabe quantos havia lá? Três: um gerente, um operador do *travel-lift* para tirar os barcos da água e um ajudante.

No dia em que subimos o barco, o ajudante, limpando comigo o fundo do casco, me convidou para tomar uma cerveja depois do expediente. Aceitei, claro. O primeiro susto foi ver que o expediente acabava às 16h30 e que não existe motivo forte o suficiente para que se trabalhe até às 16h31. Um segundo susto: o ajudante e eu fomos, sujos mesmo, tomar cerveja no bar social do clube, freqüentado pelos sócios. Mais do que isso, ele, amigo de todos os sócios, era tratado como um deles, sem qualquer distinção.

Aos poucos fui percebendo que a maior beleza da Austrália, apesar de seus desertos, montanhas, nevadas e uma costa esplendorosa, talvez seja sua incrível igualdade social. Parece que todo o país é uma grande e bem suprida classe média, onde não existem diferenças, todo mundo pode tudo, todo mundo freqüenta qualquer lugar, todo mundo ganha bem. A relativa igualdade financeira parece nivelar todos por cima. E o bonito é que isso ocorre de maneira absolutamente natural: não existem altas filosofias políticas ou econômicas sendo debatidas, as coisas simplesmente são assim porque são. Política é um assunto não muito comentado. Discute-se mais rúgbi, críquete, vela, mulher e cerveja. E, por falar em cerveja, bebê-la é o grande esporte nacional. O que se bebe na Austrália é assustador. Nunca vi nada igual e duvido que se possa ver em qualquer outro país. Se você senta numa mesa bar com dez pessoas, cada um tem que pagar uma rodada e não se deixa por menos. Se um pagar uma segunda rodada, lá se vai outra rodada para cada um. Você tem que ir embora mais cedo? Não tem problema, deixe sua rodada em cima da mesa e pode se mandar - é até bom, sobra mais um copo. Pra adiantar o expediente o chope é servido em jarra, e não pense que fica quente, pois nem dá tempo.

O Carlos voltou para o Brasil pra passar o Natal com a família, a Denise resolveu percorrer a Austrália, a Lajon foi encontrar o namorado no Havaí e a tripulação do *Brasileirinho* chegou ao seu número perfeito: um casal, que aliás é o número perfeito para qualquer barco, com qualquer tamanho, indo para qualquer lugar.

De Manly, a Cindy e eu fomos para Southport, que obviamente é ao sul. Vai-se por dentro, não sendo necessário sair ao mar. Na região, plana, forma-se um estuário lagunar semelhante ao que

existe entre Santos e Bertioga, em São Paulo, com até o mesmo tipo de vegetação, o manguezal.

Southport é uma cidade contígua a Surfer's Paradise, onde morava nosso amigo Brian Coxon - aquele da travessia em solitário no *Pelican*, com cara de vovô e um sotaque terrível de australiano. Trata-se de duas cidades voltadas exclusivamente para o turismo, que ferve na temporada e se esvazia no resto do ano. Southport tem uma cara parecida com o paulista Guarujá e gente de todo lado. Já Surfer's é mais sossegada e guarda uma certa semelhança com Fort Lauderdale, na Flórida, com muitos canais cheios de casas nas margens. Um lugar bonito e bem arrumado.

Mal havíamos ancorado na pequena Baía de Southport, e já da praia o Brian nos acenava. Fez questão de nos mostrar toda a cidade, suas praias e parques, e nos recepcionou com belos jantares em sua casa, bem à beira de um canal.

Continuamos a dar um trato no *Brasileirinho*, desmontando o *life-raft*[67], cuidando do motor, remendando todas as velas, trocando a corrente da âncora por uma mais grossa e comprida e, por último, encomendando, na veleria mais barata que achei, uma nova mestra. Ao mesmo tempo a Cindy procurou trabalho, para melhorar um pouco as finanças do barco. Como estávamos em dezembro, que além de ser verão era o início da temporada, ela facilmente conseguiu um lugar de bartender num hotel em frente ao ponto onde estávamos ancorados. Ganha-se dinheiro facilmente por lá. A Cindy, quando trabalhava à noite, embolsava 18 dólares (da época) por hora.

Agora eu tinha uma grande novidade: meus pais viriam até a Austrália para passear e também matar a saudade. Resolvi ir encontrá-los em Sidney. E lá fui chacoalhando num ônibus por mais de um dia. A viagem é muito bonita, pois se faz quase toda ao longo da costa e se vê praia atrás de praia, cada uma mais linda que a outra.

Eu não sabia muito o que esperar de Sidney, embora sempre tivesse ouvido falar bem da cidade. Para mim, que andava há um bom tempo por ilhas e cidades pequenas, a perspectiva de uma cidade

---

[67] Balsa salva-vidas.

grande chegava a assustar. No caminho eu já pensava em congestionamento, poluição, concreto de todo lado. Mas Sidney foi uma surpresa agradável. Quando o ônibus atravessava a Sidney Harbour Bridge, minha consciência já pesou, sentindo-se culpada por prejulgar tão mal um lugar tão bonito.

A cidade, seus subúrbios e seus parques ficam às margens de uma baía chamada Port Jackson, que não tem aparência de ser grande mas é enorme. Ela se estende por milhas terra a dentro e é toda recortada, com uma praia aqui, logo a seguir um pequeno saco onde dá para ancorar meia dúzia de barcos, depois uma esplanada com um calçadão à beira da água, para logo a seguir, depois da curva, aparecer uma praia com restaurantes e depois um parque verde com árvores se debruçando sobre o mar. A cada instante a baía reserva uma surpresa, e sempre agradável.

NO CLUBE DO BOLINHA

Em determinadas áreas perto do centro de Sidney, predominam prédios antigos bem conservados e imponentes, para logo em frente, do outro lado da baía, se ver, por exemplo a Opera House, uma estupenda obra de arquitetura moderna, com enormes conchas que se sobrepõem formando um conjunto maravilhoso. Logo ao lado, um grande parque deixa o verde se harmonizar com o moderno e o antigo, perto da Sidney Harbour, um imenso arco de metal antigo e majestoso que domina a baía. Nomes tradicionais ingleses - Hyde Park, King's Cross, Oxford Street - misturam-se a nomes aborígines - Wooloomooloo, Boomerang Street, Kirribilli. O metrô, chamado de Underground, é antigo mas eficiente, e a cidade, limpa, organizada, com ótimos restaurantes e vida noturna intensa. Uma cidade linda, agradável, um bom lugar de se estar - e lá estava eu.

Como tinha três dias de espera até que meus pais chegassem, antes de tomar qualquer rumo resolvi perambular por Sidney e acabei dando no Hyde Park, bem no centro, quase vazio, com algumas pessoas deitadas a grama tomando sol, crianças correndo, homens de

terno passando apressados e a cidade com sua vida em volta. Fui andando e achei um café à beira da grama, com mesas abrigadas por guarda-sóis. Resolvi sentar um pouco pra ver o tempo passar. Ficou melhor quando vi uma linda moça tomando um chazinho e lendo um livro, melhorou de novo quando ela não recusou que sentasse a seu lado e foi melhorando mais ainda quando descobri que a moça além de bonita, era simpática (o sotaque das australianas, dependendo da dona, pode ser maravilhoso). Estava tudo ótimo até que o namorado dela chegou. Mas jogo de cintura é bom ter e melhor ainda usar, e acabamos todos amigos – eu, ele, Andrew, e ela, Anna.

É interessante como os desocupados acabam sempre se encontrando: ele estava desempregado e ela em férias. Ou seja, nada tínhamos para fazer a não ser tomar chá e jogar conversa fora. Aí voltou a melhorar quando ele soube da minha condição de brasileiro e disse que, à noite, haveria uma festa na casa de uma garota que tinha estado no Brasil.

- Você não pode perder, uma festona.

- Pode ficar frio, não sou homem de perder uma festa de uma australiana que esteve no Brasil.

De quebra, à tarde ainda fomos jogar tênis, infelizmente sem a Anna, e depois tomar as usuais rodadas de cerveja no pub mais próximo.

Foi nessa festa que presenciei uma atitude dos homens australianos da qual já tinha ouvido falar bastante. Havia umas cinqüenta pessoas e logo fui apresentado à moça "que esteve no Brasil". Ela havia permanecido a maior parte do tempo em Umuarama, no interior do Paraná.

- Não deu nem uma passadinha no Rio ou em Salvador?

- Só no aeroporto.

Conversa vai, conversa vem e de repente percebo que os marmanjos estavam de um lado - o famoso Clube do Bolinha - e as moças todas do outro. Resolvi dar uma atuada no lado feminino. Parece incrível, mas as mulheres, de tão desacostumadas a ver um homem vir gentilmente conversar, no começo estranharam e quase não queriam papo comigo. Mas não demorou e eu estava conversando com todas

(é só contar que você é do Brasil, e portanto exótico, e acrescentar umas histórias cabeludas do mar, que o papo está ganho). Estava me sentindo um paxá, cercado por aquele mulherio me dando atenção.

Até aí tudo bem: já que eles não querem falar com as moças, o problema é deles. Mas o mais engraçado foi quando eles começaram a tirar um sarro da minha cara, achando que eu era pouco homem por estar falando com as mulheres.

Vai ser machista assim em outra freguesia. Este talvez seja o maior defeito dos homens australianos: mulher tem que ser do tipo Amélia. Eles são tão machistas que todas as mulheres são chamadas por um apelido: “Sheila”.

- Como vai sua Sheila?

- Minha Sheila está em casa cozinhando.

- Bom, a minha Sheila está cuidando das crianças.

Isso quando eles não vêm, para referir-se à mulher, com expressões do tipo *bit of gear* (literalmente, “pedaço de engrenagem”) ou *bit of home-work* (literalmente, “pedaço de serviço doméstico”).

REENCONTRO COM MEUS PAIS, MEUS AMIGOS

Você não precisa saber muitas palavras para falar “australiano”.

- *How are ya?* (Como vai?)

- *Good as gold, no fuckin' worries, mate, about your Sheila?* (Tá tudo bem que nem ouro, sem um puto dum problema, e a sua Sheila?)

- *She'll be right, that bit of homework!* (Ela está bem, aquele pedaço de serviço doméstico).

Após três dias animados, encontrei meus pais no aeroporto, sorridentes, cheios de vida, com boas notícias da minha terra. Foi uma alegria, já fazia quase dois anos que não nos víamos, nosso contacto era só por cartas e eventuais telefonemas. Que satisfação ver meu pai sempre com uma carga de energia que nele parece inesgotável, minha

mãe cada vez mais bonita e meiga. Acima de tudo, como é bom reencontrar dois amigos. Muita saudade para ser matada, muita conversa para colocar em dia.

No dia seguinte já estávamos em Southport. Avião (ui, que medo!) parece mágica, pra quem fica circulando de veleiro. Que coisa mais rápida!

Passamos o Natal com o Brian, não sem antes fazer uma festa na praia em frente ao Brasuca, com todos os amigos embarcados: meus pais, Werner, meu amigo suíço que viajava no *Falcon*, Tim e Sherry, do *Slow Shoes*, Patty e Jerry, os cantores de *country* do *Seahigh*, Rose, a nova namorada do Werner, outra amiga, Katherin, e de quebra ainda uma brasileira, Kate, namorada de um americano, em seu barco, o *North Star*.

. Todos os que estão velejando acabam formando uma confraria em que todo mundo é solidário e está sempre se encontrando para comemorar, qualquer coisa, por mínima que seja, digna de ser comemorada. É uma grande família. Sempre há um barco partindo, outro chegando. O problema de um é problema de todos, você nunca fica na mão, sempre terá um teto - sobre um casco - para se abrigar, sempre terá um ombro para se consolar uma comunidade flutuante.

Nós quatro - meu pai, Helio, minha mãe, Hilda, a Cindy e eu - a bordo do *Brasileirinho*, saímos de Southport e devagar fomos subindo os canais de volta à Baía de Moreton. Passamos o Ano Novo a bordo, mandando flores para Iemanjá, desfrutando cada momento juntos, deixando as horas passar com calma, aproveitando o cheiro do mar.

Na nossa chegada à Austrália, tínhamos notado, entrando na baía, que num ponto da Ilha Moreton, perto da praia, havia um aglomerado de navios encalhados, todos muito enferrujados, um cenário bonito e interessante. Aproveitando que voltávamos para aquela área, resolvemos ancorar perto dos navios. Segundo a carta de navegação, o nome do lugar era Tangalooma. Havia também um pequeno hotel a 2 milhas.

O lugar é maravilhoso, com águas transparentes diante de uma praia imaculada, limpa, tendo logo atrás uma seqüência de morros que protegem o lugar do vento leste predominante. Os navios, na verdade dragas e barcaças antigas, foram amontoados ali de propósito para formar um recife artificial e com isso trazer a vida animal para perto da praia. Tanto dentro como fora da água, o lugar é fantástico. Fora, circula-se pelos barcos, por inúmeros labirintos de corredores, portas, tombadilhos, pontes. Às vezes, em uma sala fechada, descobre-se que não há piso e o que se vê no lugar é um aquário iluminado por baixo, com centenas de peixes, ou então, pelo lado de fora, há o bater das ondas que sobem pelo casco e descem formando uma cachoeira de mil ramificações. Ainda se encontram escotilhas inteiras, enormes guinchos enferrujados, manilhas dependuradas. Numa cabine de comando, perigosamente adernada, ainda achei um bonito timão.

Dentro da água, a areia branca contrastava com a ferrugem predominante, os porões eram vastas tocas abrigando lagostas, uma infinidade de mariscos, todo tipo de peixe. Às vezes, áreas escuras eram iluminadas apenas pelo sol penetrando nas rachaduras dos cascos, formando um ambiente fantasmagórico. Outras vezes, o casco tinha um rombo tão grande que o sol, se enfiando por ali, iluminava todo um salão, explodindo com sua luz aquela intensa vida oculta.

Passamos dias muito agradáveis em Tangalooma, com churrascos na praia sob o luar, mergulhos, muito sol, conversa boa e animada. De lá voltamos para Manly, para o Royal Queensland Yacht Squadron, onde tivemos a sorte de ver a final do campeonato australiano dos 18' skiff. São barcos radicais, máquinas de velejar. Os barcos têm como única regra seu comprimento total: monocasco de 18 pés. Dentro desse espaço você pode inventar o que quiser, fazer o costado alto ou baixo, a linha d'água do comprimento que achar melhor, o mastro da altura que desejar, a área vélica que achar mais conveniente. A tripulação é de três pessoas.

Eles deslizavam com tão pouco vento que pareciam cisnes nadando num lago ao sair do clube. Que bonito é ver um marinheiro manejar seu barco com perícia! Os barcos vinham no contravento e, no

mesmo instante em que montavam a bóia, o balão enorme já estava em cima armado, e a tripulação nos seus devidos lugares.

De Manly fomos até Sidney, de carro, levar o doutor Helio e a dona Hilda para embarcar de volta ao país do Carnaval.

- Se cuide, meu filho

- Pode deixar, pai, já estou crescidinho.

- Você volta quando?

- Acho que esse ano, mãe, não sei... E vocês também se cuidem, cuidado pra não trabalhar demais, Helhão.

- Alguém tem que trabalhar na família!

- Vagabundo é a vovozinha! Boa viagem!

- Divirtam-se, até qualquer dia, no Brasil.

- No Brasil.

Beijos, abraços, algumas lágrimas – e lá se foram eles. Voltamos para Manly e de lá rumamos outra vez para Tangalooma. O lugar era tão bonito que tinha que ser mais bem aproveitado. Passamos mais uns quinze dias por lá, mergulhando, explorando a ilha e deixando o tempo passar, enquanto eu aguardava notícias do Brasil.

O ENGENHEIRO QUE VIROU SERVENTE

Depois de muito pensar sobre tudo o que tinha ocorrido nesses quase dois anos velejando, de considerar como estava sendo diferente estar só com a Cindy no barco, de perceber o quanto é bom a pessoa ter um barco só pra si, de ter tido um termo de comparação entre estar com os amigos, que é bom, e estar com uma mulher de quem você gosta, que é melhor, eu havia resolvido propor ao Carlos que nos separássemos, com a possibilidade de um de nós ficar com o *Brasileirinho*. Como tinha sido minha a iniciativa dessa separação, deixei para ele a decisão sobre quem ficaria com o barco. Era o mais justo, e esta separação, eu tinha certeza, seria o melhor para nós dois, dando maior liberdade de ação a cada um. Há momentos em que decisões não podem deixar de ser tomadas.

Em Tangalooma, ficávamos imaginando como ia ser nosso futuro, se continuaríamos ou não no *Brasileirinho*. Eram só divagações,

sem qualquer angústia de espera, era apenas mais um assunto para se conversar, entre uma pescaria e outra, entre um passeio e uma caminhada pela ilha.

Um dia tivemos para um fim de semana a visita do Werner, já com outra namorada, uma suíça. Ele ficou muito excitado, pois pela primeira vez arpoou um tubarão, um *woobegong*, um tipo só encontrado na Austrália, todo malhado, tendo em volta da boca uma cartilagem que parece barba e chegando a atingir 3 metros. O do Werner tinha metade desse comprimento. Limpo, fatiado, parte virou almoço e o resto foi para o sol secar. Peixe por muito tempo.

Resolvemos começar a subir a costa em direção à Grande Barreira de Coral. Saímos da Baía de Moreton fazendo caminho inverso ao do dia de nossa chegada e seguimos na direção da próxima cidade ao longo da costa, Mooloolaba (pronuncia-se malulaba), onde, pelo que sabíamos, iríamos encontrar vários barcos conhecidos. Com sol e vento leste de uns 15 nós, cobrimos as 30 milhas que nos separavam de nosso destino em poucas horas.

Encontramos de fato vários amigos. O primeiro a vir a bordo foi o John, do *Truganini*. Eu conhecia o John desde Suva e a Cindy havia estado com ele a primeira vez no Panamá. Velhos amigos, portanto. O John era do País de Gales e de lá tinha saído quase dois anos antes, viajando num catamarã[68] de 42 pés, construído por ele próprio ao longo de um ano.

Quando veio a bordo, depois de contar todas as fofocas de Mooloolaba, o John disse que tinha arranjado um grande emprego:

- É no Dino's Park.

- O que é que você faz por lá?

- Não vou contar, vocês têm que ir pra ver. Fica só a umas 10 milhas daqui.

Dias depois fomos. Não se tratava de um parque cheio de árvores, mas um parque de diversões, e Dino era abreviação de dinos-

---

[68] Tipo de barco com casco múltiplo - no caso, dois - com um deck central unindo os dois cascos.

sauro. Tinha, entre suas atrações, todos esses enormes bichos pré-históricos, em tamanho real, de um extremo mau gosto e muito mal feitos. Só não havíamos visto o John. De repente ouvimos um, *tú, tú, tú!*, um apito de trem, e lá estava ele de maquinista, vestido a caráter e com a cara mais feliz do mundo.

- *Hi*, vão até aquela curva que eu dou uma parada e vocês dão uma voltinha de graça.

O mais divertido foi quando ensinei a meninada a jogar amendoim na cabeça do maquinista.

Ficamos vários meses em Mooloolaba, um lugar extremamente agradável, com gente amiga. A cidade, pequena, com poucos prédios e talvez 30.000 habitantes, se espalha ao longo da praia e é um local de veraneio, cheia nos fins de semana e tranqüila nos dias úteis.

Por falar em prédio, resolvi pedir emprego em uma construtora que fazia um edifício não muito longe do clube.

- Boa tarde, eu estou procurando um emprego.

- Que habilidades você tem?

- Bem, eu sou engenheiro civil, tenho um mestrado em...

- Não, não estamos precisando de engenheiros.

- Que pena, quem sabe...

- Se você quiser, tem uma vaga para servente de pedreiro.

- Bom, é que eu não estou muito acostumado a esse tipo de serviço. Mas quanto vocês pagam?

- Sete dólares por hora.

- Negócio fechado!

O ego agüentou direitinho, quem não gostou muito foram minhas costas: essa história de pegar bloco de concreto e argamassa de lá pra cá não é muito saudável. Mas pra mim, que havia já trabalhado em obra como engenheiro, foi um grande contraste ver como as coisas eram feitas por lá. Basicamente tudo é pré-montado. Auxiliares como eu só havia três e, no total, apenas quinze operários trabalhavam num prédio de doze andares, com uns 150 m² por andar. Parecia mágica, mas a coisa andava e andava rápida. O próprio proprietário gerenciava a obra e, mais uma vez mostrando a pouca distância social existente entre as classes na Austrália, todo fim de tarde íamos os quinze,

mais o dono, que também punha a mão na massa, tomar cerveja juntos. E eu, o mais peão de todos, também era obrigado a pagar minha rodada. Dos quinze, nove tinham carro próprio. Vale lembrar que os outros dois peões eram, como eu, tripulantes de outros barcos.

NOVIDADES PARA GANHAR DINHEIRO

O John inventava quase sempre uma novidade.

- Helio, descobri um grande lance pra gente ganhar dinheiro.

- O quê?

- Vamos colher gengibre.

- Você está brincando.

- Não, é sério, dá o maior dinheirão.

E lá fomos nós dois em uma motocicletinha de 50cc que ele havia comprado. Trinta milhas depois, chegamos. Nunca fui grande colhedor de nada, mas duvido que exista coisa pior que gengibre pra ser colhido. Você fica atolado até o joelho na lama, arranca o arbusto, cuja raiz é o que interessa, tira toda a “barba” dessa raiz e vai enchendo uma lata. Ganha-se por lata colhida.

Depois de trabalhar um dia inteiro e ganhar 18 dólares, fui obrigado a confessar:

- Tenho mesmo é queda pra servente.

Trabalhei até em barco de pesca, que embora fosse divertido era extremamente cansativo, já que na pesca do camarão - que era o caso - só se trabalha à noite. Esse emprego durou pouco.

Mas a melhor que o John inventou foi fazer cerveja no barco.

- É simples: você compra o kit, mistura as coisas, deixa três dias fermentando e depois é só engarrafar. E veja que sai baratinho. Já fiz as contas: depois de você beber 100 garrafas, o preço do kit fica diluído e cada uma vai ter-lhe custado só uns 15 cents, contra um dólar no supermercado. Depois de engarrafar é só esperar um mês e elas estão prontas. Cada vez que você faz, dá pra engarrafar 27 ampolas. Bom negócio, né?

- Muito bom, e baratíssimo. Desse jeito vai dar pra gente beber cerveja à vontade.

- Nem me fale, vai ser um delírio.

- Pera aí John, onde é que vamos arrumar as garrafas?

- Tudo resolvido. Sabe, os escoteiros saem por aí catando garrafas usadas e vendem baratinho pra ajudar uns velhinhos. Você vai poder beber cerveja barata e ainda de quebra ajudar uma causa nobre. Afinal, você sabe que eu sempre tive um fraco pra ajudar velhinhos.

- Negócio fechado.

A empreitada deu certo com alguns pequenos problemas: volta e meia, por exemplo, o John punha açúcar demais para aumentar a fermentação.

- Aumenta a graduação alcoólica, sabe como é, fica melhor.

Com isso as garrafas explodiam e, o que é pior, dentro do barco. Era um grande estrago. Mas o principal problema é que o John, a partir do terceiro dia, começava a provar pra ver se estava bom. A conta é fácil: 27 garrafas, uma por dia, elas nunca chegavam ao trigésimo, quando deveriam efetivamente estar boas. Mas foi divertido. Até cerveja de gengibre nós fizemos

- Ô John, e o nome do teu barco, *Truganini*? Parece nome de prato italiano.

- *No, mate*, errado: é o nome do último aborígine morto na Tasmânia[69]. Os ingleses mataram todos.

- Bonzinhos, vocês, *poms*. ("*Pom*" vem de "*prisoner of motherland*", "presidiário da pátria-mãe", o apelido dados aos ingleses, já que os primeiros europeus que foram para a Austrália eram todos degredados cumprindo penas).

- Realmente, Pinto (meu próprio apelido, depois que eles descobriram o significado da palavra em português), mas todo local colonizado é a mesma merda, sempre o pessoal da terra entra pelo cano – os índios americanos, o pessoal aí da Nova Caledônia... Garanto que no Brasil não foi diferente.

- Não mesmo.

---

[69] Grande ilha na parte sul da Austrália que constitui um dos seis Estados australianos.

Os aborígines na Austrália de fato foram perseguidos e até caçados pelos ingleses nos primeiros tempos – final do século XVIII, começo do XIX. Hoje aparentemente o mal está reparado: os aborígines são donos de grandes reservas de terra e seus locais sagrados são respeitados. Não é incomum encontrar no centro de uma cidade australiana uma enorme área só de mato, intocada. A cidade cresce em volta do local sagrado mas não o invade. Mais que isso, os aborígines hoje recebem do governo uma pensão mensal suficiente para seu sustento. Certa vez ouvi de um australiano:

- Não fale mal de nós, não somos responsáveis pelas coisas erradas que nossos avós fizeram, e como fizeram! Hoje procuramos corrigir esses erros. Não me sinto culpado por nada.

Ele tinha razão. A situação atual pode não ser perfeita, mas, pelo que vi e senti, há uma generalizada boa intenção de acertar as coisas.

Os meses passados em Mooloolaba voaram. Embora estivéssemos basicamente vagabundeando enquanto aguardávamos uma decisão do Carlos sobre o *Brasileirinho*, sempre havia muito o que fazer. Os trabalhos que conseguíamos eram divertidos, os amigos em volta sempre agradáveis. Volta e meia fazíamos um churrasco no parque a poucas remadas de nosso barco. Constantemente jantávamos uns nos barcos dos outros, era quase um clima de festa contínua, embora cada um tivesse suas atividades.

O barco do John era sempre o mais conveniente para as festas, pois, sendo um catamarã, havia um enorme espaço em seu convés.

O John nos arrumou outro serviço, só que dessa vez foi uma dentro. Levar barcos entre Mooloolaba e Manly, que era ali perto. Proprietários de barcos às vezes não tinham tempo, ou tinham receio de eles próprios conduzirem seus barcos, e para isso nos contratavam. Foi um bom negócio, rendia um bom dinheiro. O melhor desse tipo que fizemos foi logo após a Regata Sidney-Mooloolaba, a segunda maior da Austrália, perdendo só para a Sidney-Hobart. Depois da regata ficaram em Mooloolaba muitos veleiros que tinham participado. O caminho de volta era longo, umas 500 milhas, e quase sempre no

contravento, ou seja, um tanto desagradável. O pessoal arranjava tripulação para correr a regata, mas para voltar a Sidney preferia ir de avião mesmo.

Fomos contratados para levar de volta um lindo barco, feito numa madeira moldada exclusiva da Nova Zelândia, o *kauri*. Tinha 38 pés, cana de leme[70], mastro fracionado[71] e era um raio para andar. Nós, que sempre fomos preguiçosos para timonear, no *Diamond Cutter* brigávamos para tocar o barco. Ele era tão leve que o computador de bordo, com contravento fraco e mar liso, marcava uma velocidade instantânea quase igual à do vento. Mais que tudo, foi uma diversão levar o barco. Uma semana em Sidney fazendo bagunça e saindo da linha foram suficientes para embarcarmos num trem, de ressaca, rumo a Brisbane. De lá, a usual carona nos levou para Mooloolaba.

A VEZ DO "VAGABUNDO"

Finalmente o Carlos chegou, decidido a ficar com o *Brasileirinho*. Junto com ele vieram Lula, seu irmão, e Dica, o famoso Culhuda, figura conhecida em toda Salvador. Transferimos toda nossa tralha para o *Truganini* e fomos para Sidney, a Cindy e eu, ao encontro do nosso novo barco, o *Vagabundo*, que já nos esperava inquieto na poita: um veleiro de 35 pés - bem menor, portanto, do que o *Brasileirinho*, que tinha 44 - um mastro e 4,4 toneladas de peso, com capacidade de levar 1.500 quilos e um motorzinho Volvo Penta de 25 HP. Lá encontramos, para meu grande prazer, o *Samba*, veleiro que na época também perambulava pelo mundo, com os brasileiros Renato e Suzy a bordo. Ficamos hospedados em outro veleiro, o *Gabiano* com o Franco e sua família. Eles foram de uma gentileza incrível, especialmente o Franco, me aconselhando e ajudando em como preparar o *Vagabundo*. Fizemos tudo em tempo recorde, pois queríamos voltar logo para Mooloolaba e liberar o *Truganini* da nossa tralha. Nossa idéia era cruzar o Oceano Índico ainda aquele ano.

---

[70] Braço paralelo ao plano de convés que se junta ao topo do leme e permite que ele seja movimentado. Usada em barcos menores, que não possuem roda de leme.
[71] Mastro feito de duas partes encaixadas uma na outra.

Demoramos dez dias para deixar o Vagau em ponto de bala. Ele ficou do jeito que queríamos. Nada de instrumentos eletrônicos, que antes de qualquer coisa só servem para quebrar. Apenas um radioamador, que viria a ser muito útil durante a viagem. De tanto timonear adquirimos um piloto automático, um Auto-Helm 3000, ótimo aparelho. E por sorte conseguimos comprar, por um preço baixo, o melhor leme de vento existente, um Sailomat feito na Suécia, obra de gênio, uma peça mecânica sofisticadíssima, com a capacidade de timonear um barco com vento aparente[72] quase nulo, tal sua sensibilidade. Foi ganhar na loteria encontrá-lo, pois ele não era comercializado na Austrália, e achamos uma pessoa que possuía um deles, novo, ainda na caixa, querendo vender pela metade do preço. E de cara o leme ganhou um apelido: *Mate*.

POR QUE O MERGULHADOR SONHA ENQUANTO MERGULHA

Demos até logo ao Renato, à Suzy, ao Franco e família e pusemos o pé na estrada. Muito, muito mar. Chegamos em Mooloolaba em três dias e meio, depois de termos coberto 500 milhas desde Sidney, mesmo com umas dez horas de calmaria no começo. Nada mau para a primeira travessia do Vagau. Portou-se com a dignidade que se espera de um bom barco.

O mesmo pessoal ainda estava em Mooloolaba, o John *Truganini*, o Kelly *Duchess*, de um barco que conhecemos em Fiji, o Don *Falcon*... De novidade havia uma brasileira na área, a Ana, que estava morando em Mooloolaba. Ficamos uns dez dias por lá, dando uma derradeira conferida no barco, tentando sanar alguns problemas de goteiras que ele tinha fazia tempo, dando uma geral no motor e no V-drive. Explico o que é V-drive: o motor do Vagau é colocado “de trás pra frente”. Portanto, a saída do eixo do motor é para frente. Para ele, digamos, voltar pra trás, existe uma engrenagem, o V-drive, de onde sai

---

[72] Vento resultante da combinação vetorial da velocidade real do vento com a velocidade do barco.

um eixo em direção à popa. Utiliza-se esse tipo de engrenagem quando, para se otimizar espaço num barco, coloca-se o motor bem à ré. No Vagau, o motor fica inteiramente sob o piso do cockpit e, se não fosse o V-drive, ele estaria no meio da cabine.

Agora tínhamos pela frente aquilo por que tanto estávamos ansiando, a Grande Barreira de Coral. A maior concentração de recifes de coral do planeta, que se estende por 1.200 milhas ao longo da costa leste-nordeste da Austrália, tem área estimada em 27.000 milhas quadradas e engloba 2.000 recifes de porte médio e 425 grandes – alguns deles com mais de 20 milhas quadradas – além de milhares de pequenos. Um formidável mundo à parte, com vida própria e feições únicas. Centenas de ilhas, milhares de recifes, 500 espécies de coral. Só para dar uma idéia do que é isso, o Caribe inteiro tem pouco mais de 200 espécies de coral, e o Brasil cerca de vinte.

O grande espetáculo que iríamos ver, independentemente das ilhas, da costa, da vegetação, das aves marinhas e da infinidade de peixes, seriam sem dúvida os corais. Corais existem nas mais diversas formas e cores. Podem ser roxos, amarelos, vermelhos, azuis, verdes, pretos - invente aí a cor que você quiser e pode ter certeza de que vai achar algum coral dessa cor. Porém mais interessante que suas cores são suas formas: podem parecer uma folha de planta, uma rocha, um cérebro humano, uma flor, um cogumelo, um tufo de espinhos, uma horta de couve, um leque. E o incrível de tudo isso é que o coral é um animal, ou melhor, um amontoado de milhões de pequenos animais. O coral que tem a forma de uma rocha e portanto é sólido, duro, é formado pelo mesmo tipo de animal que compõe o que parece uma folha, que é flexível e se movimenta ao sabor das ondas.

Essas aparentes contradições constituem um mundo submarino fantástico. Não existe jardim ou mata em terra firme que tenha a diversidade das cores de um “jardim” de coral. Não consigo imaginar outro local onde esteja presente tamanha concentração animal, pois num recife de coral tudo o que se vê é animal - o próprio recife, as anêmonas, conchas, lagostas e os milhões de peixes que usam o recife como seu habitat. Uma explosão de vida por todo lado. A consciência

dessa vida fabulosa, acrescida do visual indescritível, faz com que um mergulhador sonhe enquanto mergulha.

A NATUREZA EM PAZ COM O VAGAU

Era isso que nos esperava, era isso que nos deixava excitados. Até que numa terça-feira, 15 de junho, à noite, saímos pela última vez de Mooloolaba. Nosso destino era o único atol da Grande Barreira, o Lady Musgrave que ficava pouco mais de 200 milhas ao norte. Uma leve brisa foi nos afastando de Mooloolaba, um lugar que guardamos com carinho. O dia amanheceu quente, ensolarado e com uma boa brisa pela popa. À noite conseguimos avistar a luz do farol do Cabo Sandy muito antes do previsto. O farol tem alcance de 26 milhas mas pudemos ver seu facho a quase 50 milhas. Isto é resultado de uma noite sem lua e de um ar extremamente limpo. Um bom presságio para começar uma travessia que iria ser tão longa. A natureza parecia estar em paz com o Vagau, deixando que ele navegasse bem orientado.

Depois do Cabo Sandy, a costa "entra" e o mar se abre à sua frente. À nossa proa agora só havia recifes - o começo de Barreira de Coral. No dia seguinte passamos ao longo da primeira ilha cercada de corais, Lady Elliot, e no outro dia, pela manhã, Lady Musgrave foi avistada. Nada como começar sendo recepcionado por duas *ladies*.

O formato de Lady Musgrave é praticamente oval, e seu diâmetro máximo atinge cerca de 3 milhas. A entrada, que tem 20 metros de largura, fica no lado norte e precisa ser *negociada* com cuidado pois, como em qualquer atol, a correnteza no passe pode ser enorme. Tivemos que aguardar o fim da vazante para entrarmos na lagoa de águas cristalinas.

A atividade diária era pescar e peixe não faltava, principalmente no passe, onde era só mergulhar e aguardar passar cardumes de olhos-de-boi. No fundo, sempre dava para achar garoupa ou badejo. Era impressionante a quantidade de peixe: esses cardumes que passavam quase tapavam nossa visão. Nos meses seguintes veríamos uma enorme variedade de peixes: bodiões, dentões, xaréus, *sweet-lips*

(parentes dos dentões), barracudas, meros, robalos, sargos e mais dezenas de outros tipos.

Lá mesmo no passe vi um mero enorme, que devia ter uns 100 quilos, nadando tranqüilamente no fundo. Cheguei a me aproximar bastante dele, que me olhou com desdém, deu a volta e continuou seu caminho. A pesca dos meros na Austrália é proibida por lei. Aos poucos eu iria aprendendo a respeitar os peixes, a mergulhar só para observá-los, a não pegar o maior, mas o do tamanho certo para uma refeição. Até mesmo o tubarão é bonito de se observar, quando não se vê nele um inimigo, mas simplesmente outro peixe, dentro daquele mundo tão cheio de vida. Os tubarões são os melhores nadadores entre os peixes, deslocando-se na água quase sem se movimentar: às vezes parecem estáticos, parados na água, quando na verdade estão se locomovendo em boa velocidade.

Depois de uma semana mergulhando, tomando sol e deixando os dias passarem devagar, levantamos âncora e continuamos nosso caminho, A próxima parada seria nas Ilhas Keppel, a umas 100 milhas de onde estávamos, Pretendíamos encontrar o John, o nosso amigo galés do *Truganini*.

Nessa pequena travessia já começamos a sentir as dificuldades de navegar entre os recifes e ilhas da Barreira. A primeira e óbvia dificuldade está em que a navegação tem que ser absolutamente precisa, sob o risco de se enfiar a proa do barco num recife, embora, naturalmente, seja obrigação de quem veleja navegar corretamente. Mas as fortes correntes dão um grande trabalho. Elas parecem estar em toda parte; dependendo de onde você estiver, podem ir para qualquer direção e, mais do que isso, mudam de sentido rapidamente com a maré ou o vento. É um jogo contínuo de atenção. A todo instante é preciso checar a posição, pois uma mudança repentina na corrente pode ser fatal.

Ao entardecer apareceu uma estranha formação de nuvens que nunca havíamos visto. Eram muito baixas, pouco espessas - podíamos ver através delas - e de cor vermelha muito forte. Uma cena um tanto fantasmagórica. Com o anoitecer elas desapareceram.

Existe um ditado inglês que diz: "*Red sky in the night/sailor's delight/red sky in the morning/sailor's warning*". Dele encontrei uma tradução portuguesa no *Manual do Navegante* publicado no começo do século: "Rosado sol posto/cariz bem disposto/vermelha alvorada/vem mal-encarada".

Embora aquele céu vermelho fosse de bom presságio, segundo o ditado, ele me deu um certo arrepio na espinha. A cena era tão estranha que um disco voador, ali, nem iria ser notado.

À noite velejamos ao largo do Cabo de Capricórnio, nome adequado, pois o Trópico de Capricórnio passa quase exatamente em cima dele.

Logo pela manhã, passamos entre a Ilha Great Keppel e a Ilha Middle, onde a corrente era fortíssima, e chegamos à ancoragem. Havia vários barcos, mas nem sinal do Trugs.

- Talvez o John tenha arrumado alguma namorada lá pro sul, em Bundaberg, Pinto.

- É, talvez. Ou então encostado em algum pub ao longo do caminho.

- Não achei a ilha tão bonita. Vamos para a próxima. Com tanta beleza à nossa volta, a gente tem que ser exigente, não é mesmo?

- Como quiser. Esta ou outra ilha, pra quem não conhece nenhuma, é a mesma coisa. Vamos embora.

INCRÍVEL: UMA CACHOEIRA NO MEIO DO MAR

E continuamos subindo a costa. Embora ainda fosse inverno e o vento trouxesse às vezes um incômodo frio lá do sul, a temperatura era agradável e o tempo esquentava à medida que subíamos para o norte. À noite chegamos a enfrentar uns 5 nós de corrente contrária entre as ilhas High Peak e Alwick. O pobre Vagau, mesmo velejando a todo pano, não saía do lugar. Mas muito vagarosamente, aos poucos, fomos indo para nosso destino. Ao meio-dia ancoramos na Baía Oeste da Ilha Middle Percy, que é enorme e cujo proprietário, Andy Martin, recebe muito bem quem aparece por lá.

- Bem-vindos, meus jovens. Tenho um serviço pra vocês. Venham me ajudar na horta.

Ele mora na ilha desde 1963, cria ovelhas e *emus*[73] e tem um canguru de estimação que entra e sai da casa como se fosse um cachorro. Andy fornece ao visitante todos os tipos de vegetais e frutas, desde que você o ajude no trabalho durante um certo um tempo. Uma troca justa.

Sua casa é no alto de um morro - um grande sobrado avarandado e em perpétua bagunça, com livros empilhados, móveis jogados desordenadamente por toda a casa, cortinas desabando e por aí afora. Ele é quase auto-suficiente, a não ser pelo combustível que usa em seu jipe, relíquia da Segunda Guerra Mundial.

- E você não gostaria de ter um barco, Andy?

- Eu tinha um veleiro que era uma dor de cabeça, sempre quebrando. Troquei pela ilha. Aí, junto com a ilha veio um barco a motor, que troquei depois por três vacas, um canguru e um *emu*. Foi uma boa troca.

Na praia da Baía Oeste havia um grande caramanchão onde se podia dormir, caso a vida no barco estivesse muito chata. O pagamento também era ajudar na horta, claro. Ficamos uma semana na Ilha Middle Percy, convivendo com essa figura única. Valeu pelo Andy, pelo lugar e até pelo delicioso pão que ele nos ensinou a fazer.

O vento soprava há semanas do quadrante sul, situação perfeita para nós, que subíamos a costa. Hora de ir embora.

- OK, crianças, gostei de vocês. Apareçam sempre.

Subimos a âncora e nos pusemos a caminho de novo. Agora íamos para as Whitsundays, um grupo grande de ilhas próximas da costa com turismo já desenvolvido e, pelo que nos haviam dito, de grande beleza.

À medida que se sobe a costa, a Grande Barreira de Coral vai se afunilando, os canais vão se estreitando e a navegação começa a re-

[73] Espécie de ema nativa da Oceania.

querer ainda mais atenção. Nesse trecho encontramos de novo correntes muito fortes, que ora nos brecavam, ora nos empurravam para a frente.

Depois de navegarmos umas 60 milhas em águas relativamente abertas, entramos no Canal Cumberland, uma seqüência de ilhas quase justapostas. Por mais 80 milhas navegamos ao longo delas, para no dia seguinte chegarmos à Baía de Shute, no continente, onde pretendíamos reabastecer o Vagau. É ali que se concentram os barcos de charter e os que estão fazendo cruzeiro na área.

Os dias passados nos recifes foram tão bons, tão agradáveis e divertidos que, mal chegamos a Shute, já deu vontade de ir embora. Muita gente, muito movimento. Foi só o tempo de comprar o que faltava e botar o pé na estrada de novo. Pra não dizer que não valeu, valeu por termos visto de perto o veleiro *Gretel*, o defensor australiano na America's Cup de 1962, hoje trabalhando em charter. Um veleiro desses jamais perde sua imponência e beleza, é sempre admirado e respeitado. O Vagau se sentiu honrado por estar na mesma baía.

Em poucas horas, cobrimos 18 milhas até a Baía de Butterfly, na Ilha de Hook, a segunda maior do arquipélago, perdendo só para a Whitsunday. A baía, com duas praias ao fundo, é linda, rodeada de montanhas altas, todas densamente cobertas de vegetação, e ao longo da costa recifes se espalham por todo lado. Exceto por incontáveis aves marinhas - gaivotas, mergulhões, fragatas – ninguém vive ali.

No porto de Shute, na doca de abastecimento, alguém me tinha dito para, em Butterfly, tomar cuidado com as *bullets*. Achei que era gozação, como todo australiano gosta de fazer. Momentos depois de ter ancorado entendi a que ele se referia quando desceu do morro uma rajada, seguramente de uns 40 nós, que, embora tivesse durado apenas instantes, foi suficiente para fazer o barco adernar a ponto de eu quase cair na água.

Dois dias depois, chegou o *Silver Willow*, do casal amigo Ian e M.J., com quem havíamos estado em Fiji. A bordo, outro casal canadense, a Jill e o Steve. Foi uma noite de festa a bordo do *Silver Willow*. A M.J. logo sugeriu uma visita até os recifes Hook e Hardy, a umas 20

milhas. O Hardy tinha umas 5 milhas de comprimento por 2 de largura, com uma grande lagoa em seu interior, aparentemente sem nenhum passe.

Mais dois dias e fomos para lá. À 1 da tarde entramos vagarosamente pelo estreito canal formado entre os dois recifes. Maré alta, mas com mar tão transparente que se viam perfeitamente todos os contornos do recife submerso. No canal a água era azul-marinho, nos recifes esverdeada e azul-clara. Um senhor contraste. Vimos um barco dentro do Hardy, provando que era possível entrar lá. Como não sabíamos a altura da maré, contornamos um terceiro recife, o Line, e ancoramos em 6 metros de água. A oeste, ao longe, víamos as montanhas do continente. Por todos os outros lados, só água. Estávamos ancorados no meio do mar. Uma sensação diferente. O vento morreu de todo e ali o mar ficou liso e plano como mármore.

Aos poucos a maré foi baixando e o espetáculo que vimos é provavelmente único no mundo. Como o recife Hardy é todo fechado, quando a maré desce a água contida dentro dele, sem passes para sair, fica presa. Assim, o nível da água do lado de fora desce muito mais rapidamente do que o do lado de dentro - e o que se vê, então, é o recife transbordando, formando uma grande cachoeira no meio do mar. É uma cena de pirar a cabeça de qualquer um. Com o caíque fomos lá perto para ver, e a sensação que se sente é meio absurda, pois você vê a água de dentro do recife num nível uns 2 metros acima de onde você está, e isso em frente a uma cachoeira contínua ao longo de todo o recife. Além do mais, os canais entre os recifes tornam-se verdadeiros rios que correm a uma velocidade enorme. Um momento para jamais ser esquecido. Uma cachoeira no meio do mar.

Fomos todos dormir extasiados, depois de tagarelar durante horas, feito crianças quando ganham presentes, repetindo a todo instante:

- Que beleza!

- Incrível!

- Maravilhoso!

- Nunca vi nada igual!

COMO VIVER NO MAR COM DINHEIRO DO GOVERNO

O dia seguinte amanheceu com uma névoa que tornava indefinido o horizonte e também não deixava o céu se azular. O mar espelhado não refletia nada, só o cinza da bruma. A cena tinha um certo ar de irrealidade. Silêncio total. De repente, parecia que estávamos dentro de uma nuvem, voando. No mar, quando se grita, não há eco, apenas o vazio. Demos uns gritos para ver se algo se movia, mas não. Parecia que o mundo tinha parado. Uma sensação muito, muito estranha.

Mas como não há nevoeiro que resista a um bom raio de sol, aos poucos o ar foi clareando, o *Silver Willow* apareceu, os contornos do recife foram se delineando, até que ficou tudo claro.

Preamar! Âncoras pra cima e lá vamos nós.

O coração bate mais rápido quando se passa por cima de um recife encoberto. A água é tão clara, tão transparente, que o recife parece estar a um palmo da tona. Umas dez vezes jurei que ia bater no fundo, mas passamos ilesos e fomos até um barco ancorado, uma lancha enorme e velha. Ela funcionava, acredite ou não, como um hotel, ficava ancorada lá o tempo todo e os “hóspedes” vinham de hidroplano. Amarramos nossos barcos ao longo da lanchona.

E tome mergulhar.

O *Silver Willow* se foi e ainda ficamos por mais dois dias mergulhando, tentando tirar o máximo proveito desse lugar tão exótico.

Até que uma manhã, com a maré cheia e vento de 20 nós soprando de sudeste, saímos do recife Hardy, de novo com o coração apertado ao passar sobre ele.

***Para navegadores** – Pela primeira vez no Vagau, velejei sem a mestra, usando apenas duas genoas na proa. Esta provou ser a armação ideal para uma empopada. Coloquei a genoa 2 passando pelo pau do* spinnaker *e a escota da genoa 1 passando por uma patesca na ponta da retranca, totalmente aberta do lado oposto ao pau. Pareciam duas asas na proa, querendo fazer o Vagau voar. As velas, estando na proa, dão uma estabilidade fantástica em*

termos de manutenção do rumo. O barco vai reto como uma flecha. O leme de vento nem parecia estar funcionando, pois só esporadicamente fazia correções.

Andamos como nunca, o vento aumentou um pouco e mantivemos uma média de 7 nós, boa performance para um barco de 35 pés. Ainda tínhamos muito presentes as imagens dos recifes, as cores vistas desfilavam ante nossos olhos.

Íamos agora para Townsville, a cidade-sede do Australian Institute of Marine Science (AIMS), um órgão de reputação mundial no estudo da vida marinha. A facilidade de terem o maior aquário do mundo à sua disposição sem dúvida contribuiu para que se tornassem famosos. A Cindy tinha especial interesse em conhecer o laboratório, pois já havia trabalhado com um biólogo de lá quando fazia estudos sobre tartarugas em Galápagos, onde tinha vivido um ano.

À noite o vento diminuiu, mas assim mesmo ao amanhecer estávamos no través do Cabo Cleveland, no extremo sul da baía do mesmo nome. No meio dela está Townsville e, em frente, a enorme Ilha Magnetic. Às 10 da manhã começamos a entrar na baía, depois de haver coberto 145 milhas em 24 horas.

Fomos visitar o AIMS e ficamos impressionados: laboratórios sofisticados, todo tipo de instrumentação e equipamentos de mergulho. O mais interessante, porém, era que cada pesquisador tinha em sua sala um enorme aquário ocupando uma parede inteira com os peixes, crustáceos ou corais que estivesse estudando.

Em dois dias o Instituto iria levar alguns pesquisadores para, durante uma semana, colher material nos recifes. A Cindy foi convidada e eu, leigo no assunto, sobrei. Mas nada acontece de graça. Eu já vinha ensaiando fazer uma travessia solitária para ver como era, para experimentar as sensações e emoções de me sentir sozinho no mar, e agora surgia uma oportunidade. Ficamos os dois contentes.

A Cindy se foi num dia de madrugada e eu fiquei só, procurando conhecer um pouco mais a cidade e o pessoal dos veleiros que lá estavam.

A Austrália talvez seja o país onde mais existem barcos de construção caseira. É comum ver barcos de aço dos mais diversos tipos, todos de construção amadora, barcos de ferro-cimento e até de fibra, feitos em casa. Per capita, quase dá pra apostar que lá tem mais barco que nos Estados Unidos. Mas o melhor é que na Austrália os barcos são efetivamente utilizados. O fulano passa anos construindo seu barco e, depois de pronto, larga tudo e sai velejando, muitas vezes com mulher e filhos. O que sem dúvida auxilia esse espírito aventureiro são as condições da costa, com a infinidade de possibilidades oferecidas, além da proximidade de locais como a Nova Guiné, as Ilhas Solomon e a Indonésia.

O bem-estar social existente na Austrália também ajuda a viver aventuras. Virtualmente qualquer pessoa tem condições de, ao longo de alguns anos, construir um barco - todo mundo ganha o suficiente para isso. A estabilidade é tamanha que várias vezes ouvi conversas do tipo:

- Vou passar dois meses em Bali.

- Mas você pode se ausentar de seu emprego dois meses?

- Claro que não, vou pedir demissão.

- E quando voltar? Vai estar desempregado.

- Por não mais de uma semana, logo arrumo outro emprego.

Isso eu chamo de liberdade.

Se você não conseguir o emprego, o governo lhe dá 60 dólares por semana. Basta ir ao correio e preencher um formulário que você por duas segundas-feiras recebe seus 60 dólares. É só ir renovando a cada 15 dias, que recebe o ano inteiro.

É comum, por sinal, um casal que construiu seu barco, largou o emprego e está fazendo cruzeiro ao longo da costa ir receber toda semana os 60 dólares de cada um. São 120 por semana, o que dá 480 por mês, suficientes para viver sem problemas uma vida modesta no barco.

Fui dormir cedo para sair de madrugada sozinho no Vagau. Meu destino agora era Cairns, onde iria me encontrar com a Cindy.

Saí às 3 da manhã, motorando pelo quebra-mar. Quando uma brisa entrou suave, foi com o coração batendo mais forte que subi as

velas. Brisa maneira, uns 10 nós se muito. Magnetic Island no través, rumo beleza. *Vagabundo* tomando conta de si próprio, logo Helio na cama.

Amanheceu bonito, solão forte, mar de almirante, soprando uns 15 nós pela popa. Vai lá, *mate*, me leva pra Cairns! Dia lindo, sol o tempo todo. A brisa, vez por outra, não me deixava esquecer que era inverno, soprando fria. Uma sensação que eu não conhecia: estar só no mar, sentado lá na proa, vendo o meu barco riscar a água, galgando as ondas, tão mansamente, com tanta elegância, sentir a brisa no rosto, um borrifo arrepiando a pele, velas armadas com precisão. Uma sensação de muita paz tomou conta de mim, percebi o quanto ainda havia de curtir o meu amigo mar, o quanto eu podia me curtir estando só. Na verdade é injusto dizer "só". Eu estava muito bem acompanhado, eu e o Vagau - o *mate* - e toda aquela natureza olhando pra nós. Não, eu não estava só, estava muito bem acompanhado.

Nesse dia tive a certeza de que um belo trecho da viagem, pelo menos uma travessia grande, eu iria fazer sozinho.

A MARAVILHA DE VIAJAR DE VELEIRO: A LIBERDADE

E foi nesse dia, também, que algo que estava cutucando meu subconsciente há tempos veio à tona, começou a tomar forma, surgindo quase como uma certeza. Começou a ficar claro em minha mente a loucura que seria voltar ao Brasil naquela correria, com apenas três meses pela frente antes do começo da estação dos ciclones. Nesse curto período eu deveria partir de Cairns, seguir até Torres Strait, depois Darwin, tudo na Austrália, e então cruzar todo o Oceano Índico, chegando à Africa do Sul lá por novembro. Realizável, porém insano. Primeiro porque eu iria conhecer muito pouco da Grande Barreira de Coral australiana, um lugar único no mundo e uma das principais metas da minha viagem. Do Oceano Índico iria ver só a cor da água, já que as paradas seriam basicamente para reabastecer o barco. A viagem então perdia todo o sentido. A idéia era velejar ao redor do mundo conhecendo-o, e não correr em volta dele.

Quando joguei a âncora em Cairns a idéia já estava clara, e com mais um dia eu tinha decidido: Índico, só no ano que vem.

A viagem foi ótima durante o dia todo, o mesmo vento, sol, mar sereno. Cruzei com dois outros veleiros descendo a costa num contravento gostoso. A noite piorou, tive alguma chuva. Dormi pouco. Amanheci no través da Ilha de Fitzroy, a 20 milhas de Cairns. As 9 da manhã ancorei ao lado do *Toad Hall*, aquele do quase-acidente entre Pago-Pago e Suva, e, vejam só, ao lado do *Brasileirinho*, que tinha ido direto de Mooloolaba a Cairns. Não foi sem uma ponta de orgulho que ouvi o Pete, do *Toad Hall*, que ficara meu amigo, me desejar boas-vindas. Afinal eu havia conseguido fazer a viagem sozinho, sem qualquer incidente, 170 milhas no papo.

A estadia em Cairns foi agradável. Lá estava meu amigo Werner, o suíço, trabalhando um pouco, muita conversa fiada, muita birita. Nesse meio tempo o *Brasileirinho* se mandou rumo a Darwin.

Cairns é interessante, é a última grande cidade antes do Estreito de Torres, extremo norte da Austrália. Povo amigo e informal. Acho que quanto mais perto do Equador se chega, mais descontração se encontra. A cidade é plana, mas com grandes montanhas em volta, lembrando um pouco a topografia das cidades no sopé da Serra do Mar, em São Paulo.

Às segundas-feiras era sempre gozado ver, no correio, aquela fila enorme do pessoal que ia receber os 60 dólares semanais pra não fazer nada.

A cidade tem um certo ar hippie, uma atmosfera que lembraria algum recanto da Califórnia nos anos 70. É bom que as coisas não aconteçam ao mesmo tempo no mundo. Não fosse assim, em Cairns não haveria o Rusty's Bazaar, que é uma feira, onde entre música cantada na rua, mágicos e um monte de coisas usadas à venda, pode-se tomar um café sentado na calçada, “apreciando o movimento”.

Foi lá que conhecemos o *Tonga Bill* que, como o nome já diz era de Tonga, o pequeno arquipélago (e país independente) ao sul de Fiji. O Bill velejava pelo Pacífico já há cinco anos, num barco de 18 pés construído por ele mesmo. Grande sujeito. Ganhava dinheiro fazendo pequenas esculturas em coral e marfim. Lá também estava o Paul, um

inglês que, depois de ter estado um ano na Austrália, achou que não tinha nada a ver sair do país "por ar" - e a solução então foi fazê-lo "por mar". Deu duro quatro meses numa plantação – "o período mais longo em que trabalhei em minha vida", ele dizia - e comprou um barco de 24 pés, com apenas um par de velas e mais nada, nem mesmo bússola. O plano era ir para a Nova Guiné. Também conhecemos um casal interessante, Garry e Beril, ele inglês e ela nascida no Brasil, filha de ingleses. O Garry havia construído seu barco, *Alice Alakwe*, nas Ilhas Solomon. Reencontramos o Dennis e sua esposa, ingleses, do veleiro *Emma Goldman*. Havíamos nos conhecido em Mooloolaba.

Mas foi só depois de eu ter realmente decidido ficar mais um ano na região, em vez de sair correndo para atravessar o Índico, que realmente começamos a curtir e viver mais a cidade de Cairns, a sentir com mais calma a cor local. É incrível como tudo na vida, quando se faz sem pressa, adquire muito mais sabor. A pressa só serve para nos deixar menos sensíveis, menos atentos a tudo o que acontece em volta. Com pressa se perdem muito dos detalhes, que são tão importantes nas coisas. Os fatos são feitos de detalhes, de nuances, de pequenas particularidades, que quando somadas formam o todo. Perdendo-se os detalhes ainda se vê o todo, mas jamais sua profundidade. Foi com toda essa calma, esse "ter tempo", que ficamos em Cairns. Ah! que sossego. Que benéfico pode ser o ócio.

Embora à beira-mar, Cairns não tem praias, fica na foz de um rio, em uma região plana. Basta entrar um pouco no rio para ver que toda a região é de manguezais, gerando por isso uma vida animal muito rica.

Despidos da pressa, resolvemos conhecer outros lugares, além de ter mais tempo para vasculhar a Grande Barreira. Escolhemos ir para as Ilhas Solomon e para a Nova Guiné, ambos lugares muito próximos da Austrália e vizinhos entre si. Na volta, o destino era Bali, na Indonésia. Esta é a maravilha de se viajar de veleiro: basta que se decida ir para um lugar e tudo o que se tem que fazer é levantar âncora, içar velas e ir embora. Essa sensação de liberdade é fabulosa, é quase

como ter asas e voar livremente, basta batê-las. Aos poucos fui aprendendo a conviver com essa liberdade, pois nossa cultura nos impõe tantos horários, regras e proibições que quando você se sente livre até estranha, chega quase a ter um sentimento de culpa por não estar fazendo nada, ou seja, não estar trabalhando ou produzindo. Quando se relaxa, entretanto, o desfrute é total, é o paraíso aqui na Terra - e você percebe que está produzindo, e muito, pelo seu bem-estar, pela sua saúde e pela sanidade da sua cabeça. Não existe fortuna que pague isso, ou trabalho remunerado que compre esse sentimento. Foi bem ali, em Cairns, que comecei a aprender isso.

O DINHEIRO DEIXA DE SER PRIORIDADE

Aí você me pergunta: é tudo muito fácil, muito bonito, mas e o lado prático, e o dinheiro pra viver assim? Seria uma maravilha eu responder: foda-se o dinheiro, com uma vida dessas quem precisa dele? Seria a perfeição. Mas, infelizmente, ele é necessário. Só que, numa situação como eu estou descrevendo, acontece uma mudança total na sua escala de valores. O dinheiro, que em outras circunstâncias encabeça a sua lista de prioridades, naquele momento, embora ainda fizesse parte dela, estava em último lugar.

Quando se vive num barco, suas necessidades são outras, seus estímulos diferentes e isso muda todo o seu conceito de vida. As necessidades materiais passam a ser somente as básicas: comida, roupa e manutenção do barco. A alimentação torna-se mais simples e muito saudável quando dá pra pescar todo dia. Fica também muito barata, pois você sempre cozinha no barco e só come o essencial, justamente por sua comida ser simples, sem sofisticação. Suas receitas ficam fáceis, feitas sempre com produtos naturais, mesmo porque na natureza é tudo de graça. Fazíamos pão e queijo no barco, e até uma pequena horta com brotos de feijão e alfafa tínhamos a bordo. Tudo muito barato. Beber, você bebe água, fora a necessária cerveja para o tempo quente. Também bebíamos vinho, que na Austrália é baratíssimo. Não esquecendo das minhas cervejas caseiras.

O vestuário se resumia a calções, bermudas e camisetas. Jamais comprávamos algo caro. Nossa grife, digamos assim, predileta eram as lojas do Exército da Salvação, que vendiam roupas usadas. Você não precisa mais que isso. O meio que você freqüenta usa exatamente esse tipo de roupa, portanto nem deslocado você se sente. A manutenção do barco é o que mais custa, pois material naval é sempre caro e você, que ama seu barco, nunca admite nada menos que o melhor para ele. Pelo menos metade do nosso orçamento era gasto no barco. Se, porém, você tiver um barco zero quilômetro (o que nunca foi o meu caso), com motor novo, velas novas e peças de reposição, seu custo vai lá para baixo.

O caro é remendar coisa velha. Se eu precisava de dinheiro? Sim, mas garanto que era pouco e aos poucos eu percebia que quanto menos eu precisava de dinheiro, mais eu aprendia a baratear meus custos, mais eu estava feliz, melhor estava a vida, mais livre eu ficava.

O VELHO JOSH E SUA COMPANHEIRA LOUCA

Um dia, em nosso endereço postal de sempre - a Posta Restante - recebemos uma carta do John. Ele realmente havia ido para as Ilhas Keppel e estava fazendo charter às escondidas com seu barco e ganhando um dinheirão. “Estou fazendo o que gosto, velejar, e sendo pago por isso. Fora que está cheio de mulher à minha volta e o pessoal ainda gosta de pagar cerveja pra mim. Um mortal não pode querer mais que isso”. Disse também que viria nos visitar, de ônibus, e pediu para marcarmos data e local do encontro. Marquei em Cairns mesmo.

Nesse meio tempo, o *Samba* apareceu em Cairns. Os brasileiros Renato e Suzy haviam subido a costa devagar, parando em todo canto, e agora, depois de dar um tempo em Cairns, continuariam rumo norte. Combinamos nos encontrar na Ilha Lizard, 135 milhas ao norte. Minha intenção era seguir até lá, passar um tempo na ilha e suas cercanias e voltar para Cairns, de onde sairia para Guadalcanal, nas Ilhas Solomon. Sabíamos que a ida seria fácil, pois teríamos vento

de popa. O problema seria a volta quando, no contravento, deveríamos passar pelos lugares mais estreitos do recife. Mais uma vez, todo cuidado seria pouco.

Dias antes de partirmos, o iate clube promoveu uma regata solitária até a Ilha de Fitzroy, com a viagem de volta terminando na frente do clube. No total dava umas 40 milhas. Mesmo não tendo um grande espírito competitivo, de tanto a Cindy pegar no meu pé, resolvi participar. Depois de quase 7 horas de regata, tive o prazer de chegar em primeiro lugar, apenas uns 2 minutos na frente do outro monocasco, o *Wizard*, de 37 pés. A taça foi uma garrafa de rum, devidamente bebida nas comemorações.

E partimos para Lizard numa manhã de sol. Durante a noite, graças a um farol de cor errada, quase tivemos um acidente: por um triz não enfiamos o barco na praia. Pela manhã estávamos no través de Cooktown, nome dado em homenagem ao Capitão Cook. Foi ali que ele consertou seu navio *Endeavour* de um rombo feito ao entrar num recife.

Na hora do almoço estávamos ancorados na Baía de Watson, na parte noroeste da Ilha Lizard. Ao fundo uma praia de areias brancas, do lado esquerdo uma série de morros relativamente altos, do lado direito um morrinho e atrás da praia uma grande planície. À nossa volta, a insistente água cristalina dos recifes.

Lizard é uma ilha do tipo continental, embora fique a apenas 10 milhas da Barreira. Nela, ao sul, há uma enorme lagoa, cercada por recifes de coral, o que a torna única: nenhuma outra ilha continental possui esse tipo de formação. A praia logo ao sul da baía abriga um hotel luxuoso, ao ponto de nem sequer nos deixarem tomar uma cerveja no bar, de uso exclusivo dos hóspedes. Mas ao sul, numa estação de pesquisa de biologia marinha, fomos bem recebidos.

Lizard valeu por sua beleza natural e pelas pessoas que conhecemos. Uma delas, extremamente cativante, foi Joshua Taylor, um senhor americano de cabelos brancos cortados à máquina 1, surdo, de pescoço duro. Sua idade:

- Alguns anos mais que 70.

Sua tripulação:

- No momento estamos só eu e Charlie, meu cachorro, a bordo do *Comitan*.

Conhecemos o Josh na praia, quando pretendíamos escalar um morro de onde se vêem os três passes que permitem sair da Barreira de Coral rumo ao mar aberto. Foi do topo desse morro que o Capitão Cook descobriu seu caminho para fora. O passe maior chama-se Cook's Passage.

- Bom dia. O senhor sabe se dá pra subir o morro por este lado? Estávamos a Cindy, eu e mais a Suzy e o Renato, do *Samba*.

- *Young boy*, você pode fazer o que quiser na vida, basta querer. O caminho não é por aí, mas é claro que dá pra subir.

Pequenos olhos azuis-claros, cheios de vida, me fitavam.

- Obrigado pela informação

- Não há de quê. *Good luck*.

Ao longo dos dias, entre um churrasco e outro na praia, o Josh nos contou sua história. Era um radioperador aposentado da Marinha Mercante americana. A partir somente do casco e do convés havia feito seu barco sozinho. A idéia era dar uma volta ao mundo, ele seria o mais velho americano a fazer isso.

- Sua mulher não quis vir com você?

- Ela vinha, mas quando entrou no barco me disse que não iria dormir embaixo da água, e aí desistiu. Assim, atravessei o Pacífico sozinho.

- Faz tempo que está na Austrália?

- Quase um ano. Passei muito tempo em Bowen, no sul da Barreira. Lá arrumei uma moça como tripulante e vim até aqui. Coitada, ela é meio louca. Mas é tão boazinha, um coração grande...

Louca ela era mesmo. Disse o Josh que à noite acordava e soltava os cabos da âncora para ir embora, e que às vezes corria nua na praia sem parar. Ele, assustado, contactou um radioamador em terra, via código Morse, e pediu ajuda. Acabaram mandando uma corveta da Marinha australiana buscar a moça, que foi embora numa camisa-de-força.

- Fiquei com muita pena, estou até pagando um hospital para ela em Cairns. Já fui duas vezes de avião para lá visitá-la. Estou esperando. Se ela ficar boa, vai comigo.

Assim era Josh, um apaixonado, um Don Juan à sua maneira. Eu viria a saber mais histórias dele no futuro.

O *Samba* se foi, pois a Suzy e o Renato pretendiam chegar logo a Darwin, para poder atravessar o Índico naquele ano mesmo. Mantivemos contacto pelo rádio até eles chegarem.

CONTRATEMPOS NA TRAVESSIA

Mergulhávamos muito nos recifes em volta da Ilha Lizard. Andamos muito por ela, fomos a todas as suas praias, belíssimas, em especial as que davam para uma lagoa do outro lado. Também visitávamos com freqüência a estação de pesquisa para conversar, ver o que os pesquisadores faziam e, de quebra, tomar uma cerveja gelada, que eles tinham e nós não. Eles também estiveram muitas vezes a bordo do Vagau, para jantar ou simplesmente para velejarmos juntos.

Estávamos há duas semanas na ilha quando nosso motor um belo dia resolveu não pegar. Motor de arranque. Eu e o Josh fizemos de tudo, desmontamos, montamos e não conseguimos arrumá-lo. Nem virado na manivela quis pegar. Mas quem tem vela tem tudo. Pra que precisamos de motor? Vamos voltar para Cairns só na vela. O único senão é que a volta seguramente seria mais longa, e se quiséssemos alguma noite ancorar num lugar mais apertado as coisas poderiam se complicar. Mas, enfim, quem está na chuva é pra se molhar.

Passamos ainda mais uma semana, o lugar era bonito demais pra deixar se aproveitar. E valeu, pois chegou um pequeno trimarã, muito gracioso, com um casal simpático a bordo. O Nick e a Bev. Com todo o respeito ao Nick, a Bev é uma das mulheres mais lindas que vi em minha vida. O pai inglês e a mãe da Birmânia produziram uma mistura fantástica. Cabelos negros brilhantes, muito lisos, olhos verdes, um rosto perfeito, só perdendo em perfeição para o corpo e a pele, de uma *morenês* indefinível. Daquelas mulheres que você não gosta nem de olhar, pra não dar encrenca, e olha que eu estava muito

bem acompanhado. Mas rendo aqui minhas homenagens à Bev. Vá ser bonita assim lá na Birmânia! Ah! esqueci, ela ainda era simpática e agradável. O rapaz estava bem servido.

Como sabíamos que seria longo o caminho de volta, resolvemos sair num fim de tarde, pois estaríamos descansados para essa primeira noite. Boa idéia, mas dia errado. Depois de umas quatro horas em um contravento de 25 nós e tendo andado só umas 10 milhas na direção que pretendíamos, já percebi que essa volta para Cairns ainda ia dar muito pano pra manga. Piorou quando entrou uma frente fria, com muita chuva, trovões e relâmpagos, e o vento subiu para alguma coisa entre 30 e 35 nós.

Pra quem gosta de sofrer, é banquete: chuva, frio, vento forte na cara, escuridão à frente e a certeza de existir um monte de recifes e ilhas baixas à sua proa. Isso é o pior de tudo, pois, num lugar estreito, com seu rumo sendo basicamente um ziguezague e você estando num lugar em que a corrente é mais louca do que a amiga do Josh, você não sabe com precisão onde está. E tudo escuro, sem nenhuma referência em terra, nenhum farol. Finalmente, o refinamento do sofrimento está na sua jaqueta impermeável, na verdade apenas *quase* impermeável, deixando chegar a sua pele aquelas incômodas e malvindas gotas geladas. Uma tortura, depois de várias horas lá fora nessas condições. Digo lá fora, porque nessas horas não se pode pregar o olho um segundo, e o *cockpit* é o lugar para se estar.

Tivemos contratempos na travessia e acabamos sendo obrigados a ficar três dias consertando o barco em Low Islets, um conjunto de recifes em forma de meia-lua, com a boca para o norte. E é claro, como ninguém é de ferro, todo dia mergulhávamos atrás do pescado. Incrível como era fácil pegar peixe do tamanho, do tipo e até da cor que se quisesse, tamanha a fartura.

Apenas 30 milhas nos separavam de Cairns, por isso resolvemos sair bem cedo, o que nos colocaria em nosso destino ainda de dia. O difícil foi tirar a âncora sem o motor, só na vela, em lugar apertado. Ela unhou de tal forma no fundo, que nem o Super-Homem arrancaria aquilo. Muito menos eu. A solução é você velejar o barco.

Suba a genoa e saia num bordo. O barco veleja até que a corrente estique, dando um forte tranco. A própria corrente esticada faz com que o barco bordeje. Arme a vela do outro lado, até novo tranco. O negócio é fazer isso até a âncora se soltar. A nossa se soltou, trazendo com ela um enorme cabeço de coral.

Acabamos novamente tendo problemas com nosso estai de proa e fomos rebocados por um barco da Guarda Costeira até o local certo para a ancoragem. À noite o assunto já havia virado piada. Afinal, desgraça não dura multo tempo, dali pra frente só podia ser melhor. Se na ida havíamos feito 135 milhas, pois navegamos com o vento em popa e sempre no rumo correto, a volta acusou no *log* 247 milhas percorridas em função da corrente contra e dos incontáveis bordos que demos. (O *log*, o conta-milhas do Vagau, é um Walker KDO. Trata-se de um instrumento que você coloca na popa do barco sobre uma junta universal. Nele existe um relógio que marca as dezenas de milhas, as milhas e os décimos de milha percorridos. Do instrumento, sai um cabo com 6 metros de comprimento que é jogado na água, e em sua extremidade está preso uma hélice, o *impeller*, que ao girar com o movimento do barco aciona o instrumento mecânico, de alta precisão, que nunca quebra, e cuja manutenção é facílima. O único problema é a perda eventual dos impellers. Mas quem é cuidadoso se dá bem. Em toda a viagem, só perdi dois.) Por via das dúvidas, entre outras providências troquei os estais de proa e de popa.

Sempre existe o lado bom das coisas. Acidentes servem para medir como está seu barco e como está você. O *Vagabundo* estava bom, só faltava eu trocar uma peça no tope do mastro. No mais, ele se mostrou firme e forte, embora ainda insistisse com algumas desconfortáveis goteiras que tinham o péssimo hábito de aos poucos deixá-lo todo úmido por dentro. De nossa parte, portamo-nos muito bem, administrando com calma tudo o que aconteceu. Fomos safos. Um pontapé aqui, uma xingada ali fazem parte da performance de qualquer marinheiro. O importante é ter consciência do que precisa ser feito e fazê-lo com calma e corretamente.

E o John *Truganini* apareceu no dia certo, no horário certo. Dois minutos depois estávamos no pub do iate clube da cidade comemorando com uma cerveja.

- E aí, John, tudo bem?

- Tudo ótimo, estou apaixonado.

- Não! Outra vez não, John!

– Agora é sério, ela...

E lá se foram horas de conversa fiada.

UM ARCO-ÍRIS BRANCO: O "MOONBOW"

No fim de semana seguinte, combinamos ir os três - Cindy, John eu - com o Werner, meu amigo suíço, para uma baía a pouco menos de 20 milhas de Cairns, a Baía Turtle, onde havia uma praia bonita e seria possível pescar. Depois, passamos mais uma semana perambulando em Cairns, ultimando os preparativos para nossa próxima travessia. Até pílulas anti-malária a Cindy descolou no hospital. Tanto nas Ilhas Solomon como na Nova Guiné a malária é epidêmica e toda precaução é pouca.

No domingo seguinte fizemos um bom programa: conhecer uma pequena cidade numa das montanhas próximas de Cairns, Kuranda, que nos fins de semana tem um *flea market* onde se vendem desde móveis e utens usados até quadros recém-pintados de artistas jovens, com barracas de sanduíches naturais e sucos, grupos de teatro se apresentando de um lado, música do outro. Uma grande festa. Mas o melhor é se chegar lá. Um trem, uma maria-fumaça, sai de Cairns e sobe o morro até deixar os passageiros numa pequena estação ajardinada. O caminho passa por grandes cachoeiras, vales floridos e túneis.

Foi num túnel que deu problema. Íamos a Cindy, o John e eu no último vagão, naquele *terracinho* que se debruça sobre os trilhos. Conosco várias outras pessoas desfrutando a vista, conversando, se divertindo. Entramos num túnel. Breu total. Saímos do túnel e o John havia sumido. Me viro e a mocinha engraçadinha que está ao meu lado me olha feio e dá um tapa.

- Que houve?!

- Vá passar a mão na bunda da sua mãe.

- Você está louca, eu não fiz nada!

- Foi quem então? O fantasma que está entre nós?

- Jooohn! É claro que a essa altura ele já estava no primeiro vagão.

Em Kuranda:

- Ô, Helio, que vergonha... Do lado da Cindy, fazer um ato obsceno desses.

- Quer dizer que não foi você, John? - perguntou a Cindy.

- Claro que não, Cindy, foi o Pinto, aí.

Aí ele teve que correr pra não apanhar.

A justiça tarda, mas não falha. Na volta obviamente ele não queria ficar perto de mim, pra evitar o troco, mas da Cindy ele não esperava nada. A cena foi quase a mesma, só que a Cindy, no escuro, passou a mão na bunda de um barbudo e sumiu. O cara, é claro, não gostou nem um pouco:

- O que é, *mate*, você é viado ou quer brigar?

- Não, o senhor me desculpe, é um mal-entendido...

Aí foi minha vingança:

- Mal-entendido nada, ele gosta de passar a mão em homem, esse cara é manjado.

Por pouco não virou um quebra-quebra no último vagão.

Logo depois o John se foi para Keppel e deixamos combinado que nos encontraríamos no "primeiro semestre do ano que vem, provavel em Darwin".

Finalmente o Vagau estava pronto, arrumado, escovado e abastecido. Nossas cabeças também, além de preparadas para a mudança de rumo, estavam excitadas com as possibilidades futuras - de voltar ao Pacífico, de conhecer terras novas, gente nova, uma nova cultura, mergulhar em águas claras. Mais que uma mudança de rumo, era uma mudança de filosofia: agora não tínhamos pressa nenhuma, o mar e todo o tempo do mundo eram nossos.

O Werner, no cais, nos dava adeus. E o Vagau soltou as amarras, rumo a novas terras. Vento fraco. Depois de cinco horas de motor, às 2 da tarde saímos da Grande Barreira de Coral com o sentimento de

termos visto muita coisa, mas com a certeza de que mal arranhamos o todo. Aquela Barreira é infinita. Uma vida inteira não é suficiente para conhecê-la por completo.

À noite falamos com o Renato. O *Samba* já estava em Darwin. Passamos uma noite tranquila, com o Vagau embalando nosso sono. O dia amanheceu com sol e lá pelas 10 da manhã o vento rondou para sudeste: uns 20 nós, os alísios que nos acompanhariam até a Ilha de Guadalcanal.

Para navegadores *– A genoa 3 substituiu a genoa 1, à tarde o vento aumentou para quase 30 nós, a grande foi rizada e a genoa 3 deu lugar à* storm jib. *Um contravento bravo.*

A travessia entre Cairns e Honiara, em Guadalcanal, tem suas particularidades. Esse pedaço do Pacífico chama-se Mar de Coral, e para confirmar esse nome atravessa-se umas 300 milhas de recifes, quase todos deixados ao sul, a boreste, com exceção do recife Boungainville, que fica ao norte. O canal entre os recifes é largo o suficiente para não criar problemas, mas sempre se fica com a pulga atrás da orelha. Um recife é um recife, por mais longe que esteja. Outra particularidade, que viríamos pagar caro em desconforto e em tempo, por enfrentar: a viagem inteira é no contravento. Pra completar essa história, todo o tempo velejamos bem no meio da Corrente Sul Subtropical, que corre de leste para oeste - ou seja, estava contra nós. Nos primeiros cinco dias, a corrente nos roubou 40 milhas por dia. De cara, nossa viagem ficou 200 milhas mais longa. Corrente das mais sacanas.

E o vento forte traz ondas fortes e grandes. O *cockpit* tornou-se simplesmente inabitável. Para eu fazer as observações com o sextante era uma dificuldade, pois o barco, além de muito adernado, recebia sempre o impacto dessas ondas.

O barco andava muito, mas era extremamente desconfortável, ainda com o agravante das goteiras. Nós, que tínhamos certeza de tê-las consertado, agora pagávamos por um serviço malfeito. E tínhamos

várias ao longo da borda-falsa[74], na junção do convés com o casco. Quando o barco adernava muito, a água entrava por um lado, pois a borda-falsa mergulhava na água. Quando uma onda batia pelo outro lado, também entrava água por ali. Não havia escapatória. Conseguimos manter secos os livros, envoltos em sacos plásticos de lixo em cima de um banco, e o radioamador, também coberto com plástico.

Caos define bem a situação. Dormíamos no chão sobre um saco de dormir. Nós e nossas roupas estávamos perenemente úmidos. No terceiro dia, o drama aumentou, quando o motor pifou de novo. Vazava pressão de algum lugar, nem com reza brava ele pegava. Mas antes um motor quebrado do que um estai! Na noite do sexto dia, embora com o céu um pouco encoberto, a lua apareceu e vi pela primeira vez na vida um aro, uma espécie de arco-íris, só que totalmente branco, passando entre as nuvens. Eu nunca sequer tinha ouvido falar do fenômeno. Já a Cindy sabia até o nome: *moonbow*. No sétimo dia o céu ficou encoberto e uma chuva forte caiu sem parar.

. Estávamos próximos de nosso destino e isso, com mau tempo, era problema, pois sem céu azul não se faz navegação astronômica, só se estima a posição. O oitavo dia foi igual. O nono dia foi igual. Três dias sem uma medida nos deixava em uma posição duvidosa e perigosa. De nada adiantavam o sextante, as tábuas de navegação ou o cronômetro. Restou apenas uma posição estimada e o imprescindível faro de quem navega.

Na noite do nono dia sabíamos que estávamos muito perto. Apesar do céu encoberto, era noite de lua cheia, e muito embora ela não aparecesse, de alguma forma o céu se iluminava. Só víamos nuvens à nossa volta, a visibilidade era muito baixa. A certa altura comento com a Cindy:

- Tem nuvem diferente ali na proa.

- Não vejo diferença, Pinto.

- Tem terra ali, tenho certeza.

- Você deve estar com olfato muito bom, eu não vejo nem sinto nada.

---

[74] Espécie de parapeito que protege o convés da água.

- Garanto que é terra.

Esperamos amanhecer e o tempo continuou fechado, porém muito mais claro e ainda com visibilidade muito baixa. Tocamos em frente e em menos de uma hora começou a aparecer verde entre as nuvens. Antes do amanhecer tínhamos parado umas 5 milhas antes de Guadalcanal. Era a costa oeste da ilha, ao longo da qual tivemos que navegar por algumas horas. Sendo o lado de fora da ilha, ondas enormes quebravam nas praias. Aves marinhas sobrevoavam essa costa desabitada.

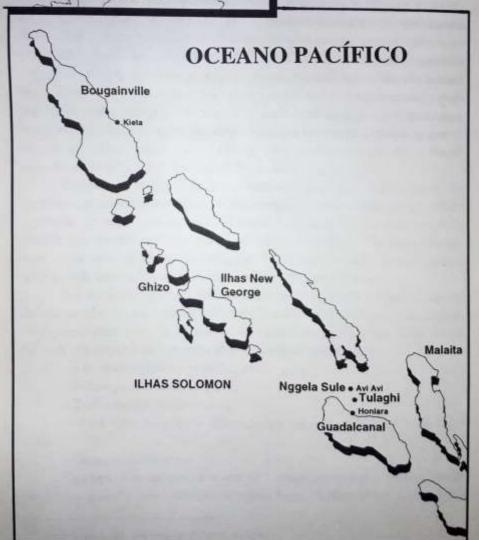
As 830 milhas em linha reta entre a Grafton Passage, logo na saída de Cairns, e Guadalcanal transformaram-se em 1.115 milhas navegadas, em função da bendita da corrente. O pobre Vagau sofreu um bocado e nós também pagamos o preço de querermos nos meter contra vento alísio e corrente. Foi a mais desconfortável travessia que fiz em toda a minha viagem.

Íamos subir a costa até o extremo norte e descer do outro lado, rumo a Honiara, bem no meio da Ilha de Guadalcanal. Subimos ainda com vento forte e céu meio encoberto. Quando chegamos ao norte, porém, tudo mudou, o céu azulou-se, o mar virou espelho e o vento, antes tão ferrenho, desapareceu por completo. Era como se esta chegada prenunciasse a delícia que foram os dias que eu viveria nas Ilhas Solomon, um paraíso perdido no Pacífico.

Capítulo 11

Ilhas Solomon

OCEANO PACÍFICO

Bougainville
Kieta
Ghizo
Ilhas New George
Malaita
ILHAS SOLOMON
Nggela Sule
Avi Avi
Tulaghi
Honiara
Guadalcanal

11 Ilhas Solomon

“O melhor lugar do mundo é aqui, e agora.”
(Gilberto Gil)

PACÍFICAS, MAS PALCO DE MUITA BRIGA

As Solomon acabariam sendo o local de que mais gostamos em todo o Pacífico. A decisão de não ir da Austrália diretamente para o Brasil provou ser pra lá de acertada. Mais tarde, quando recordava tudo que vi no Pacífico, soava quase inconcebível a viagem sem as Solomon. Foi o local mais intocado que conhecemos, o povo mais puro e amistoso, ilhas de beleza incomparável.

Mesmo sem ser geógrafo ou historiador, vou contar um pouco da história dessas ilhas, suas origens e sua natureza antes que, juntos, joguemos a âncora do Vagau em porto abrigado. Vale a pena.

O arquipélago todo toma uma área de 30.000 quilômetros quadrados - ou seja, é muito grande, um dos maiores de todo o Pacífico, constituído de ilhas montanhosas e vulcânicas. As maiores e principais são Guadalcanal, San Cristóbal, Malaita, Santa Isabel, New Georgia e Choiseul. As Solomon são dispostas de tal forma que existe um “corredor” entre elas. Ele se chama, apropriadamente, The Slot – “o buraco”, pois as profundidades, ali, são enormes: há pontos que superam 2.000 metros. A largura máxima do Slot chega a 50 milhas, a mínima em torno de 20. Na parte norte desse corredor estão Choiseul, Santa Isabel e Malaita. Do outro lado, as outras três ilhas. A capital do país, Honiara, fica do lado nordeste da Ilha de Guadalcanal, dentro do Slot.

As ilhas têm uma vegetação tropical idêntica à das Marquesas, sem tirar nem pôr, com clima sempre quente e úmido durante o ano todo. A única coisa que distingue o verão do inverno é a maior umidade do verão - a estação das chuvas. No verão, nos intervalos das

constantes calmarias, surgem os ciclones. Eles não passam pelas Solomon: como são gerados lá mesmo, ainda não adquiriram total intensidade quando estão sobre as ilhas. Formam ventos ciclônicos, mas de pouca intensidade. Dali seguem rumo à costa australiana, onde, aí sim, podem causar ventos fortíssimos. No duro, o que ocorre nesses meses de verão nas Solomon é a predominância absoluta das calmarias. Haja motor!

A população total das ilhas mal passa dos 200.000 habitantes. Seu povo é melanésio, mas não existe um tipo físico padrão para definir o habitante típico das ilhas. A cor, por exemplo, varia de moreno claro até negro escuro. Eles podem ser gordos e grandes, com feições grossas, ou esguios com traços delicados – ou qualquer coisa entre esses dois extremos. É comum encontrar uma pessoa de pele muito escura e cabelo loiro encaracolado.

As pessoas são gentis, bondosas, tranquilas. Esse povo habita as ilhas, pacificamente, há quase 3.000 anos. A paz, contudo, foi quebrada várias vezes. Conquistadores espanhóis em busca de ouro chacinaram populações inteiras e incendiaram aldeias. Nunca se encontrou ouro por ali, mas a certeza de que ele existia fez com que o aventureiro espanhol Don Álvaro Mendana, vindo do Peru, as chamasse de Ilhas do Rei Salomão ou Ilhas Salomão. Era dali, jurava Mendana, que vinha a riqueza do rei bíblico Salomão, ali estavam suas minas de ouro, ali estavam enterrados seus tesouros. Ele batizou as ilhas com nomes espanhóis que, parece incrível, persistem até hoje, e foi embora, deixando morte e fogo atrás de si. Dois séculos depois, foi a vez de aparecerem os ingleses. A violência campeou no século seguinte, o XIX, durante o qual caçadores de escravos deitaram e rolaram nas ilhas.

Já como protetorado britânico, na Segunda Guerra Mundial, em 1942, foi a vez das Solomon sofrerem a invasão dos japoneses: eles chegaram a Guadalcanal como parte do objetivo de obter o domínio aéreo daquela parte do Pacífico, de grande importância estratégica, e formar um ponto de apoio para atacar a Austrália. O afundamento de seis navios de guerra dos Estados Unidos e o desembarque de 10.000

marines marcou o início de uma das mais sangrentas batalhas da guerra, que terminou seis meses depois com a derrota japonesa.

Essas ilhas maravilhosas, pacíficas, tropicais foram, portanto, palco de muita briga, muita matança, mas devagar a fantástica natureza foi fechando as feridas da violência. Dessa forma, hoje, para seus habitantes, a guerra é apenas um marco heróico, de que se lembram com orgulho pela participação que tiveram ao lado dos Aliados. As ilhas, além de serem uma das mais belas expressões da natureza que já vi, formam hoje um fantástico museu, ao vivo, do que foi a Segunda Grande Guerra. Estão lá para serem vistos e tocados aviões, armas, destróieres, submarinos, tanques e o que mais se possa imaginar.

As Solomon continuaram sendo colônia inglesa até sua independência, em 1977. Têm moeda própria, o *Solomon dollar*.

O "VENTILADOR DO MISTER DEUS"

Uma das muitas heranças inglesas que ficaram foi a língua. Inicialmente, antes dos europeus chegarem às ilhas, havia mais de oitenta línguas e dialetos espalhados pelas inúmeras aldeias. O contacto com o idioma inglês formou uma língua nova, hoje a oficial do país: o *Solomon Islands Pidgin English*, que é uma mistura de tudo, mas tendo basicamente o vocabulário do inglês (escrito de uma maneira fonética, muito fácil de compreender para nós, de língua latina) e a gramática das línguas locais. Quem fala inglês aprende facilmente a se comunicar em *Pidgin*. É uma língua gostosa, alegre e muito simples. O mais interessante são os nomes que têm os instrumentos, as "coisas" dos homens brancos, antes desconhecidas para os nativos. Assim, um helicóptero é ainda hoje chamado de "*big fan in sky belong Mister God*" (grande ventilador no céu que pertence ao Mister Deus); um piano, "*big black box full of white teeth like shark, when you touch makes plim*" (grande caixa preta cheia de dentes brancos como tubarão, quando você toca faz plim).

A história e os costumes da ilha nós conhecíamos por livros, e agora, a bordo do Vagau, sob um sol escaldante e sem vento, boiando

ao norte de Guadalcanal, secávamos nossas roupas e nosso barco e nadávamos em volta, aproveitando os momentos de paz, após tanto mar e desconforto. Estávamos ansiosos por estar nas ilhas, presenciar, viver essas ilhas, que para nós tinham a imagem do paraíso. Meses depois saberíamos que não exageramos, pelo contrário: tínhamos subestimado aquele lugar, que forma um mundo à parte neste planeta.

A natureza não falha. Era verão e, como já disse, nesta época não há vento por lá. Só uma leve brisa aqui, um sopro acolá moviam o Vagau, que ostentava ares de quem estava gostando da brincadeira. A superfície da água, como um espelho, refletia de um lado a explosão verde de Guadalcanal e, do outro, o azul infinito do céu. Vez por outra pulava um peixe, formando ondas concêntricas que iam se abrindo, abrindo, até sua energia se render àquela massa infinita e plana.

Acabamos só chegando à noite em Honiara, cuja baía nada mais é do que um buraco dentro dos recifes. Um buraco muito fundo, muito pequena e muito cheio de barcos. Para nós foi dificílimo entrar, com o pouco vento, com a corrente, sem motor e no escuro. Depois de tirar várias finas, jogamos a âncora entre dois barcos. Foram para baixo 30 metros de corrente e mais 20 de cabo.

O sono que se seguiu foi merecido.

No dia seguinte fiquei arrepiado de ver por onde entramos e os barcos que driblamos para jogar a âncora. A baía tinha dimensões realmente reduzidas, limitada de um lado por recifes e do outro por um muro de enrocamento[75]. Atrás desse muro localizam-se as instalações portuárias da ilha, cuja parte mais proeminente se chama Point Cruz. O fundo da baía é uma praia, onde foi construído o Point Cruz Yacht Club e o... Mendana Hotel! Depois de tanta sacanagem, ainda deram o nome do maior hotel pro aventureiro espanhol!

Havia pelo menos uns vinte veleiros ancorados na baía. Dois conhecidos, o *Skookum*, que havíamos encontrado a última vez em Mooloolaba, e o *Endurance*, um veleiro horrível de ferro-cimento, cujo

---

[75] Muro de pedras construído para proteger alguma área da ação do mar.

proprietário, um americano muito chato, dizia estar fazendo pesquisas nas ilhas. Sua principal pesquisa era sobre a *ciguatera*, aquele estranho fenômeno que torna os peixes venenosos para o homem, com o qual tomei contacto logo que cheguei às Marquesas. Só que alguém esqueceu de avisá-lo de que *ciguatera* dá em todo o Pacífico, menos nas Solomon.

Como chegamos num sábado, não pudemos falar com a imigração e a aduana. Já nesse dia senti a simpatia desse povo. Ao encontrar a imigração fechada, eu me dirigi a um policial.

- Cheguei hoje de barco e, como tudo está fechado, não pude entrar oficialmente no país. Será que tem algum problema de eu estar em terra hoje e amanhã?

- Antes de qualquer coisa, seja bem-vindo às Solomon. Você está gostando?

- Muito, mas...

- Então ótimo, aproveite o fim de semana, conheça nossa ilha. Se está tudo fechado a culpa não é sua.

- Obrigado. O Point Cruz Yacht Club nada mais é que um caramanchão à beira da água, com um bar ao fundo. Um lugar agradável, onde obviamente se reuniam as tripulações dos veleiros visitantes.

Logo fui informado, como era de se esperar, que não havia um concessionário Volvo Penta nas ilhas e, portanto, se precisasse de qualquer peça de reposição para o motor do barco, teria que encomendá-la na Austrália. Já senti que o rarefeito dinheiro que trazia ia começar a bater asas e voar do meu bolso.

Numa outra conversa no clube fiquei assustado ao verificar como as coisas mudam rápido no mundo. Ainda me lembrava do dia em que, em Suva, nas Ilhas Fiji, fui visitar um barco que tinha um SatNav, um navegador por satélite. Era o único entre os quarenta ou mais ancorados na baía a possuir o instrumento.

Pois nesse dia entrei no meio de uma conversa em que a discussão era qual seria a melhor marca de SatNav. Eu me limitava a ouvir, pois além de não ter um, pouco entendia do assunto. Só no final descobri que as marcas discutidas eram o que cada um trazia em seu

barco. Todos eles já tinham o SatNav! Eu era a única exceção. Pouco mais de um ano atrás, em Fiji, a situação era justamente a inversa.

Andamos pela cidade, conversamos com as pessoas, tomei as minhas cervejas geladas, fomos gradualmente conhecendo e sentindo o lugar. Ao mesmo tempo eu tinha meu bendito motor para consertar. Acabei descobrindo que não havia ninguém que entendesse do riscado para me dar um diagnóstico preciso. Comecei, então, a desmontá-lo, até chegar à triste conclusão de que o bloco e a camisa de um pistão estavam trincados. Pior que isso, só dois disso. Logo ficou claro que a única solução era mandar vir outro bloco lá da Austrália. Tchau, minhas economias.

Nesse meio tempo conheci o Moses Razak, que disse ter uma marina, a Avi Avi Marina, na ilha em frente, a Nggela Sule, parte de um grupo de ilhas a umas 20 milhas de distância de Honiara. Ele me convidou para ficar lá, esperando meu bloco, que no mínimo iria demorar um mês para chegar. Achamos ótima a idéia, pois tínhamos vindo em busca de lugares mais remotos e não pretendíamos permanecer ancorados em frente a uma cidade. Além disso, a pequena baía onde estávamos era desprotegida dos ventos predominantes (quando eles apareciam), as monções de noroeste. Se caísse esse vento estaríamos em uma arapuca, já que não havia espaço físico para sair da baía manobrando a vela.

GROSSO, MAS "AMIGO DO PELÉ"

Assim, foi com prazer que levantamos âncora e rebocamos o Vagau com nosso próprio caíque. Felizmente tivemos que motorar só para sair da baía, pois logo depois entrou o noroeste, soprando pouco, mas o suficiente para deslocar o Vagau.

Chegamos no fim da tarde a um local de beleza indescritível. As ilhas são tão próximas umas das outras que parecem uma só. Formam o grupo Flórida ("grupos" são pequenos arquipélagos dentro das Solomon). A costa é toda recortada, com reentrâncias, pequenas

baías, recifes se estendendo para o mar, pequenos ilhotes. Tudo coberto com muita vegetação, espelhado no azul de muitas tonalidades do mar de águas transparentes.

Nas proximidades de Avi Avi existem outras duas pequenas ilhas, Ghavutu, que serviu de acampamento para os americanos na guerra, e Tulaghi, que precedeu Honiara como a capital de todas as ilhas. Avi Avi é dentro de outra baía, a Baía Hutchinson, linda. Por boreste, víamos pequenas casas com teto de palha ao longo da praia, entre coqueiros e algumas árvores enormes. Essa era a ponta que devíamos contornar entrando na baía. Terminando de contornar a ponta, chegamos à marina. Você há de imaginar que o conceito de marina para as Ilhas Solomon é diferente do de Miami, por exemplo.

Havia um minúsculo cais de madeira e uma rampa ao lado. Atrás do cais, um galpão, e dentro dele uma oficina. A 300 metros, outro galpão, coberto de palha, onde um barco de pesca estava sendo construído. Essa era a marina. Mas o lugar era encantador, pois em volta só se viam coqueiros e areia muito branca. Lá no cais estava o Moses com sua enorme barriga acenando para nós. Atracamos.

Ficamos mais de um mês em Avi Avi. Depois disso, excetuado o custo, só pude agradecer a quebra do meu motor, pois foi uma estada agradabilíssima.

A casa em cima do morro era do Moses. A vista, muito bonita, abrangia Tulaghi e Ghavutu, Guadalcanal ao fundo, toda a Baía Hutchinson, a entrada do canal Mboli e um pedaço de outra baía, a Tokoyo.

Em pouco tempo ficamos amigos de todos. Logo fomos convidados para jantar na casa de todo mundo. Quase diariamente tínhamos um compromisso.

A primeira vez foi muito gozado. O Jo, que trabalhava na oficina, nos convidou para jantar. Chegamos no horário marcado. Sua casa era um tipo de palafita no seco, feita de tábuas, com teto de palha e luz de lampião. Ao entrarmos, vimos uma mesa com dois pratos. O Jo nos diz:

- Sentem-se, por favor, já vamos servir.

- Obrigado, mas vocês não vão se sentar conosco?

- Não.

- Mas nós não vamos jantar juntos?

- Claro que não. Só vocês dois vão jantar. Nós já jantamos.

- Mas...

- Você vai ver, a comida é ótima.

E de fato era: peixe, carne assada e arroz. Muito simples, mas saborosa. O estranho foi nós dois comermos tendo o Jo e sua família, que não era pequena, sentados ao lado nos observando.

Quando acabávamos um prato, ele se levantava, vinha nos servir e voltava a se sentar no canto.

No final, disse:

- Gostaram, estão satisfeitos?

- Muito, Jo, estava ótimo. Sua mulher cozinha muito bem. (Ela não dissera uma só palavra).

- Então está bom, muito obrigado por terem vindo e agora vocês podem ir.

- Mas... Bom... OK, Jo, muito obrigado, estava ótimo, amanhã a gente se vê, até mais.

Cada terra tem seus usos e costumes, não é mesmo?

Todo dia saíamos para pescar e não escapávamos de comer lagosta e todo tipo de peixe possível. Eu me fartei de comer bodiões.

Nos fins de tarde, o pessoal que trabalhava na marina jogava futebol. Acredite ou não, este é o esporte mais popular da região. Havia um campo no meio do mato, com trave e tudo mais. O "gramado" era uma mistura de mato com areia e uns tufos de grama. As partidas eram sempre no estilo 5 vira, 10 acaba. Um time com camisa, o outro sem. Até aí tudo certo. O problema era que uns jogavam de chuteira, outros de tênis e muitos descalços. A chuteira era símbolo de status, usava quem havia conseguido dinheiro suficiente para comprá-la, e elas são caras por lá. A primeira vez joguei descalço e quase saio sem um pé, depois que levei uma leve calçada, com umas três traves amassando meus dedos. Mas me recuperei logo.

Quase todo dia eu ia bater bola com o pessoal. O primeiro convite que me chegou foi porque descobriram minha condição de brasileiro, e, ora, brasileiro, como todos sabem, joga futebol bem! Essa

veio dele, o de sempre, o Pelé, conhecido *mesmo* no mundo inteiro. Aliás, o Brasil lá era considerado a ilha em que o Pelé nasceu. Obviamente aceitei o convite, pois embora meio grosso (no colégio eu jogava na lateral, o lugar que cabe aos grossos num time de colégio. No ataque, nem pensar!), sempre gostei de jogar futebol. Só que não houve meio de explicar que eu não era lá essas coisas.

- Que é isso, Helio, você é brasileiro, com certeza amigo do Pelé, deixe de ser modesto, sabemos que você joga bem.

E acabei centroavante, com a grande vantagem de não haver impedimento. Ou seja, jogava na banheira com o goleiro esfregando minhas costas. Minha condição de brasileiro fazia com que, aos olhos dos meus novos amigos, todas as mancadas se transformassem, magicamente, em jogadas de efeito. Quando eu matava a bola de bunda, era um drible especial; quando ela batia na canela, era manha de brasileiro; bola por baixo das pernas, era uma deixada. Enfim superei todos os traumas da adolescência e me tornei um craque, ovacionado pela crônica local. Claro está que, com essa banheira toda e o "receio natural de um defensor marcar um renomado craque", fiz gol à vontade.

Depois do jogo o vestiário era a praia, o chuveiro, a água do mar e a toalha a brisa.

O INCRÍVEL CASAMENTO EM AVI AVI

Um dia o Moses me avisou que iria haver um casamento em Avi Avi e que estávamos convidados. Com toda a sua calma e sapiência e o sorriso estampado na boca, ele me perguntou se eu sabia como era um casamento. Disse que não conhecia os costumes locais. Ele, então, sentado debaixo de um coqueiro, olhando o mar arrebentar lá fora nos recifes, me explicou tu-do o que acontece desde o primeiro olhar entre os noivos até o dia da cerimônia.

Acontece mais ou menos assim.

O Samata, um rapaz da vila de Avi Avi, ficou de olho na Gill, uma moça jeitosa, engraçadinha e tudo mais, da vila de Tereaniara.

Claro está que eles nunca conversaram: tudo o que ocorreu foram meras trocas furtivas de olhar.

Aí o Samata vai e pede ao pai dele que fale com o chefe de Avi Avi, para que ele, por sua vez, diga ao chefe de Tareaniara, que ele, Samara, quer se casar com a Gill.

Ocorre então o encontro entre os chefes e os pais e começa a transação.

A conversa entre eles seria mais ou menos assim, começando pelo chefe da aldeia da moça:

- A Gill é uma ótima criatura, foi muito bem criada, é trabalhadeira, cozinha como ninguém, de forma que o preço que vocês precisam pagar é de 800 dólares, dez porcos, uma vaca e vinte sacos de mandioca.

O outro chefe:

- Bom, eu concordo com você, eu mesmo sei como ela é trabalhadeira e tudo mais, mas você há de convir que o preço é muito alto. Eu achava mais razoável uns 300 dólares, cinco porcos, uns dez sacos de mandioca e a vaca quem sabe nós poderíamos esquecer.

O Moses me disse que essas negociações podem durar dias e não é incomum se chegar a um impasse em que simplesmente se desiste do casamento.

Essa desistência, entretanto, não preocupa a família da noiva, pois se ela for jeitosa, logo aparece outro pra fazer um lance maior.

Imagine só, então, que patrimônio é ter filha mulher e que mau negócio ter um menino. É a diferença entre ficar rico e pobre. Mas há um único risco: o de sua filha ser uma daquelas mais assanhadinhas e resolver "*fuk-fuk in the bush*", como eles dizem. Aí ela perde todo o valor e vai virar tia na vida.

Se sua filha vale ouro, mais ainda vale a virgindade. Mas uma vez, chegando-se a um preço justo, correto e que satisfaça ambas as partes, a vila do noivo (ele, um pronto na vida, pois um jovem nunca possui nada, tudo é sempre da família) se cotiza para juntar o dinheiro. E sempre todo mundo tem uma graninha enrustida, pra ser usada justamente nessas ocasiões. O pobre Samara fica devendo para

todos. Este dote é obviamente pago ao pai da noiva antes do dia da cerimônia. E o mais incrível é que a partir do momento em que o dote foi pago, a família da noiva pode anular o trato a qualquer instante, desde que o Samara faça alguma coisa fora dos bons costumes, por exemplo, "*fuk-fuk in the bush*" com outra. Ou seja, o pobre do Samara, além de já estar devendo pra todo mundo, tem que calçar pelo número, pois num pequeno deslize acaba perdendo a própria noiva e o dinheiro que nem era dele.

A festa é na vila do noivo e deve ser farta, pois além de a outra vila inteira comparecer, os pais da noiva têm direito de convidar quem mais quiserem. E mais uma vez o Samara corre o risco de dançar: se depois da festa um tio da noiva ou qualquer outro parente reclamar ao pai dela que não foi bem servido ou que faltou porco ou que a mandioca não estava bem cozida, o noivo pode ficar sem noiva. Simplesmente o casamento é anulado. E o dinheiro é embolsado pelo pai da noiva.

Os preparativos começam dias antes do casamento. Na véspera matam-se os porcos, pescam-se os peixes, prepara-se um quitute à base de milho e mandioca e tudo isso, em pequenos pedaços, é embrulhado em folhas de bananeira. Ficam uns saquinhos muitos simpáticos. Depois o banquete é colocado em um buraco por cima do qual são depositadas pedras quentes. O processo é o mesmo que eu havia visto na Polinésia. No dia seguinte tiram-se as pedras e tudo está cozido e pronto para ser servido.

Eu e a Cindy ajudamos nos preparativos, embrulhando pedaços de peixe, mandioca e porco. É um trabalhão, todos da vila ajudam. Até mesmo o pessoal da marina interrompe suas atividades para ajudar no casório.

No dia da cerimônia se põe a mesa. Esta é a melhor parte. Simplesmente cortam galhos de coqueiros que são estendidos no chão e isto é a mesa. A cadeira, claro, fica sendo a própria areia, o teto que abriga a todos do sol são as árvores, as paredes são de um lado a vista do mar azul e, do outro, a vista da mata. Não dá pra ser mais bonito.

Come-se muito, discursa-se muito (até eu entrei na dança: "Agora vai falar Master Helio, representante da ilha do Pelé") e durante todo o tempo música e danças celebram o casamento. As danças são na verdade representações: por exemplo, os homens imitam uma luta contra um inimigo imaginário. Atacam, recuam, rolam no chão, sempre entoando canções. As mulheres, em trajes típicos, executam uma dança mais suave. O Moses me contou depois que a dança e o canto das mulheres eram para pedir a Deus pela felicidade dos noivos.

Mas a melhor parte estava por vir.

Um parente da noiva, uma tia, por exemplo, chama uma tia do noivo na presença de todos e diz:

- Olhe aquele horizonte, é para lá que a Gill olha quando está alegre, e entoa canções que são suaves ao ouvido.

Dez dólares, por favor! E a tia do Samara morre com dez pratas.

Aí vem a avó dela e caça outro parente do Samara e joga a mesma conversa:

- É embaixo de uma árvore como essa que a Gill se senta para fazer os quitutes maravilhosos que ela faz, que agradam o paladar de todo mundo. Vinte dólares, por favor.

E tome mais vinte. Isso vai longe e é só dinheiro correndo.

O desfecho é o mais bonito. A mãe da noiva amarra a filha em suas costas com uns panos coloridos e começam a dançar ao som de um canto murmurado por todos, os atabaques soam suavemente. Aí aparece a mãe do Samara que, também dançando, começa a desatar os nós, até que todos os panos se soltam e a Gill fica livre. Naquele momento ela passa a pertencer a vila do noivo e a cerimônia está encerrada. E pra mãe do Samara fazer isso é óbvio que teve que morrer com uns cinqüentinha.

- Puxa, Moses a cerimônia foi bonita. Mas me diga uma coisa, essa grana toda vai para os noivos?

- Não, Helio, nada. Tudo fica para a vila, eles têm que começar a vida com nada.

- Que dificuldade pra se casar, esse processo todo, todo o dinheiro gasto e ainda por cima os dois terminam com nada... Outra coisa, Moses, eles podem se separar, se divorciar?

- Ah, isso é muito fácil. Basta chamar cinco pessoas como testemunhas e falar na frente delas: "A partir de hoje estou divorciado da Gill". Ela também pode fazer o mesmo.

- Uau! Já na minha terra, Moses, é o contrário: pra casar nós precisamos das testemunhas e pra divorciar é o maior rolo. Muito complicado.

- Helio, você é um bom homem e não vai se ofender com o que vou dizer: às vezes eu acho o homem branco muito burro.

- É, Moses, às vezes eu também.

OS ALIADOS JOGARAM ATÉ JIPES NO MAR

Volta e meia eu ia para Tulaghi comprar mantimentos e checar no correio se havia alguma notícia para mim. Mais do que notícia, o bloco do motor era o que eu esperava. Chegou um ponto, porém, em que eu nem estava me importando com quando o bloco iria chegar. A vida estava tão boa, tão divertida, com tanta coisa acontecendo que eu não podia reclamar. Com motor ou sem motor, queria ficar ali mesmo.

Era muito rápido ir de Avi Avi a Tulaghi, pela distância e pela canoa em que embarcamos. As idéias mais inteligentes são sempre as mais simples. O governo das ilhas um dia resolveu desenvolver um tipo de embarcação conveniente para a população, ou seja, que agüentasse peso de carga e gente e ao mesmo tempo fosse segura para as condições locais de tempo e mar. O resultado foi tão óbvio quanto genial.

Todo o mundo conhece canoa de tronco, ainda comum no Brasil, que é uma embarcação inteligente. Quem já remou uma sabe como é leve e fácil de manejar. Pois bem, resolveram fazer em fibra de vidro exatamente o mesmo tipo de casco, colocaram uma pequena proteção na proa e a popa foi "cortada", ficando vertical. Ali vai um motor de popa que, nas ilhas, não custa caro. Como um casco desses

oferece pouca resistência à água e seu calado é mínimo, os barcos são extremamente eficientes. Uma canoa de uns 5 metros, com um motor de 10 HP, anda mais que qualquer caíque de borracha menor e com motor maior. Fora o que é gostoso dar uma banda num casco daqueles. E por falar em barco, lá em Tulaghi o governo também construía pesqueiros de ferro-cimento de uns 20 metros de comprimento.

O governo das ilhas fez um acordo com os japoneses para eles pesquisarem a melhor maneira de desenvolver a pesca comercial, e o resultado foi uma forma de pescar que eu nunca havia visto. O barco, em toda a sua borda, na altura do convés, tem uma tubulação de água salgada pressurizada. A cada 1,5 metro, mais ou menos, sai uma ducha dirigida para baixo, para o mar. Ao mesmo tempo, o barco tem luzes fortes que iluminam a área onde essa ducha bate na água. A pescaria é feita à noite. O barco sai e para longe da costa, ligam-se as duchas e as luzes. O que acontece é que cardumes de bonitos, principalmente, são atraídos pela luz e pela ducha. Colocam-se homens em redor de todo o barco, com varas de pesca, somente com anzol, sem isca. É só bater o anzol na água e puxar que vem um peixe fisgado pelo rabo, pela boca, pela barriga. Uma pescaria que funciona.

Lá mesmo em Tulaghi enlatam atum.

Um dia apareceu em Avi Avi o *Simtram*, um veleiro antigo muito bonito de um amigo nosso, o Bill. Com eles fomos para Tokoyo Bay, que também era quase encostada em Avi Avi. Lá existem dois destroços de guerra interessantes.

Logo que se entra vê-se encalhada, com a proa no seco e a popa dentro da água, uma enorme barcaça de desembarque de tropas. Quando digo enorme, é grande mesmo. A altura da proa tinha seguramente seus oito metros. As portas na proa destinadas ao desembarque estavam escancaradas, mostrando um volume interno impressionante. O que mais me impressionou, porém, foi que em uma dessas portas havia uma grande manilha, com mais de meio metro de altura. Essa manilha era de ferro galvanizado e ainda não apresentava o mínimo sinal de oxidação, mesmo depois de mais de quarenta anos exposta ao tempo.

Já não se galvaniza como antigamente.

De lá entramos mais na baía, que se estreita e depois se abre como se fosse um lago. É um local intrincado para se entrar, pois há recifes de todo o lado. Este lago fecha-se novamente para se abrir outra vez em um terceiro e último lago, onde jaz encalhado um destróier japonês, inteiro. Imagino que os japoneses tenham levado o navio para lá em desespero de causa, tentando escondê-lo, e ele encalhou. Está lá, obviamente um tanto enferrujado.

E por falar em destroços, sempre que ia à casa do Moses eu via em sua sala um monte de cartuchos de balas. Desde pequenas balas de fuzil até portentosas balas de canhão. Um dia perguntei:

- Moses, ainda se acha dessas balas por aqui?

- É claro, de monte, até aqui mesmo em Avi Avi. Sabe a praia depois do barco que estamos construindo?

- Sei.

- Então, bem ali, a uns 15 metros de profundidade, você encontra um local onde está cheio dessas aqui. (E mostrou um cartucho com uns 30 centímetros de altura.) É só mergulhar e pegar.

- Mas tem de monte por quê?

- É que depois da guerra os Aliados jogaram na água tudo o que sobrou. Tem lugar em que você acha até jipe dentro da água. Você encontra esses depósitos de munição em várias ilhas.

No mesmo dia, fomos mergulhar - o Richard, um australiano que apareceu em um lindo barco, o *Freanda*, o Patrick, do *Skookum*, que também estava lá, e eu. A praia ia rasa até a uns 20 metros da areia, depois caía abruptamente para uma plataforma de uns 15 metros de profundidade e, em seguida, desabava no escuro do fundo.

Na plataforma achamos as balas. As formações de coral já as haviam coberto parcialmente, mas as de cima eram bem visíveis. Estavam acondicionadas em latas de dezesseis balas cada.

Foi difícil tirar uma lata, pois todas estavam envoltas por coral e presas ao fundo. Chacoalha daqui, um tranco de lá, uma porradinha ali, finalmente subimos com uma delas. Haja fôlego para trabalhar a 15 metros.

Tínhamos dezesseis balas na mão. Balas inteiras, com cartucho e ogiva.

- E aí, o que a gente faz agora, Patrick?

- Acho que o negócio é tentar tirar a ogiva, Helio. Olha só, encaixo a ogiva na forquilha dessa árvore e fico devagarinho mexendo com o cartucho, você vai ver, ela vai se soltar.

E o cartucho se soltou da ogiva. Acredite se quiser, a pólvora, dentro, estava absolutamente seca. Mais que isso: ainda havia um papel com data, local e nome de quem conferiu a munição. Soltamos todas elas. De quebra, com um prego e um martelo, estouramos todas as espoletas.

A boca era um pouco estreita, mas as balas viraram um grande copo para tomar cerveja.

O Patrick e o Richard levaram para seus barcos duas ogivas cada. Eu não me interessei. No dia seguinte, do cockpit do Vagau vejo ambos saírem apressados da praia em seus caíques e rumar rapidamente para seus barcos.

- Ô, que é que está havendo?

- Já te conto, já te conto, Helio.

- O que houve?

- A ogiva é explosiva, o Moses disse que explode à toa! Vou jogar as minhas no mar.

Fazia tempo que eu não via caras tão assustadas. Felizmente não houve nenhuma explosão.

QUANDO EU ME SENTI MAIS PERTO DO NIRVANA

Nessa mesma época a rainha Elizabeth e o príncipe Philip, a bordo de seu iate Britannia, passaram por Honiara para uma visita oficial às ilhas. Obviamente, na condição de um joão-ninguém e nem sendo do país, não recebi convite para visitar o real iate, mas meu amigo Moses e esposa sim - e também para uma recepção a bordo.

Por coincidência, dois dias antes da recepção chegou a Avi Avi um veleiro americano enorme, com um casal tipo chato a bordo. O fulano era um milionário, dono de uma cadeia de supermercados

na Califórnia, e ele e a mulher estavam excitadíssimos para ver a rainha e o príncipe consorte. Quando souberam que o Moses ia, acho que a cabeça deles não entendeu. Como é que esse simples habitante daqui é convidado e eu não?

O homem quase se ajoelhou aos pés do nosso chefe Moses, pedindo para ele conseguir um lugar na recepção. Eu até vi o Moses inclinado a providenciar, só que aí o gringo pisou na bola:

- Eu pago 2.000 dólares se você arranjar um lugar para mim e minha esposa.

Com o ar nobre que só um chefe pode ter, o Moses simplesmente se virou, foi embora e mandou mais tarde um recado para o americano: ele não era bem-vindo a Avi Avi, talvez fosse melhor ir embora.

- Sabe, Helio, tem alguns homens brancos que são ainda mais burros. Não quero dinheiro, quero amigos. Você quer ir ver a rainha?

- Não, obrigado. Primeiro que não tenho nem roupa pra ir e, segundo, pra mim a nobreza de Avi Avi é maior do que a que está lá.

Até aqui contei um monte de coisas dessas ilhas maravilhosas, únicas, quase intocadas. Seu povo é lindo, sua natureza exuberante, sua cultura para mim foi uma grande novidade. Mas não foi tudo isso junto que me fez amar esse lugar, que me fez sentir ser realmente o melhor lugar que conheci. Não sei se foi coincidência geográfica (pois em vez das Solomon eu podia estar na Nova Caledônia, por exemplo) ou se existe destino. Se existe, estava escrito que devia estar lá. Não sei mesmo. Só sei que foi lá que atingi meu mais alto grau de satisfação pessoal, de felicidade.

Foi lá que me conscientizei de que o grande lance não é chegar ao destino, mas estar batalhando para chegar lá. Chegar acaba com a graça, com a luta gostosa, com o sonho. O bom é estar no campo jogando. É claro que ganhar o jogo é ótimo, mas para quem realmente ama o que faz, o fazer é o extremo do prazer.

Nas Solomon, com seu clima, com os amigos que me rodeavam, com a presença serena, simples, humilde, óbvia de um grande chefe, chamado Moses, que estufava o peito ao dizer que era meu amigo, aprendi que o tempo é infinito, que eu não era OBRIGADO a ir

a lugar nenhum, a chegar em nenhuma data marcada, a sair de onde estava. Eu não era, enfim, obrigado a nada, NADA, NADA. De repente percebi que podia ficar dez anos ancorado em Avi Avi ou podia levantar âncora naquele exato momento.

Você que lê o livro, me perdoe, se isso que escrevo parece óbvio, louco, chato, imbecil, ótimo ou o que quer seja. Quando me propus escrever este livro, minha intenção principal não era contar uma viagem de volta ao mundo em um veleiro. Este livro podia tratar de alpinismo, do palhaço do circo ou até do executivo da Avenida Paulista. Tudo é válido, qualquer opção é correta, qualquer postura é certa. Certo e errado não existem. O certo é o que sua consciência diz que é bom, o errado é o que ela grita, acha ruim. Regra não deveria existir.

Portanto o que tentarei explicar, o que senti, não foi fruto de uma volta ao mundo, ou de morar num barco, mas fruto de estar fazendo, sem permitir absolutamente nenhuma concessão, exatamente o que gostava.

Quem faz o que gosta não precisa de feriado, quem faz o que gosta não tira férias.

Nessas ilhas mágicas, cheguei ao ápice de fazer o que gostava, de estar onde queria. Se é que realmente existe o Nirvana, foi nessa época que cheguei mais perto dele. Nessas ilhas redefini meu conceito de tempo, que tomou outra dimensão, outro valor. A aquisição deste conhecimento foi a maior luz que recebi. Foi até meio mágico. Tenho certeza de que essa mudança se fez gradativamente em minha cabeça, mas eu só me dei conta (talvez eu seja lerdo) quando ele já era forte em mim. Aconteceu de um dia para outro.

Nesse dia percebi que o melhor lugar no mundo era o aqui e o agora (desculpe, Gil, não é plágio, só fato) que eu estava vivendo. Naquele ponto, eu amava a mulher que estava a meu lado, eu estava de bem comigo e com a vida, tudo e todos pareciam sorrir ao meu lado. Qualquer fato que ocorresse, por mais negativo que fosse, era sempre visto com otimismo. Sempre havia um lado bom em tudo. Eu não ligava para o que poderia vir, para o que seria o meu futuro, ou simplesmente o que seria o próximo segundo.

Neste lugar único, eu vivia cada momento, só e exclusivamente para o momento - o segundo seguinte, o dia seguinte, o beijo seguinte não importavam. O instante presente era tão denso, tão rico, tão bonito. Parecia uma droga boa.

Eu bebia água e me embriagava, eu comia arroz e peixe e me fartava, meu único sapato era um furo só e brilhava em meu pé, eu não tinha calças e andava vestido, minha boca só sabia sorrir.

Demorei anos e muitas milhas para perceber o valor dessa riqueza. Lembra da música "ouro de tolo"? Pois esse é o ouro do mais esperto, do mais feliz. Aliás, felicidade é a palavra, é a grande meta.

Ser feliz e mais nada.

Ser feliz é tão maravilhoso que é uma das poucas coisas em que o homem não conseguiu, nem nunca conseguirá, botar uma regra. Não tem medida, estar na lama até o pescoço, deitar na seda com carícias, ser rico, ser pobre. Não, não tem padrão. A felicidade não está no criado, no organizado, no medido, no regrado. Ela está em cada esquina, está na plebe e está no trono. Pode me contestar, mas vai ser difícil você me dizer que a felicidade não é a grande meta da vida. Não importa o que ela seja. Que cada um saiba defini-la, entendê-la. Não sou eu que vou dizer.

Por favor, não quero ser chato, de repente você quer saber sobre vento e tempestades, o que é justo, pois a capa e o título do livro induzem a isso. Mas insisto: mais do que passar para você impressões, sensações de lugares novos, de gente nova, de grandes navegadores, que eu também adoro e curto, queria dizer, acima de tudo, que depois de dois anos e tanto longe dos nossos padrões, das nossas regras, que sempre foram dogmas, descobri que você pode jogar tudo fora e fazer o seu código de ética, as suas normas do certo e do errado. Eu me descobri sem fronteiras, sem limites, sem barreiras. E o bonito é que na hora em que o portão da barreira foi aberto não saí desbundado, não fui boiada estourada.

De fora, quem me visse não notaria diferença. Continuei absolutamente igual, só dentro é que de repente me senti o Super-Homem. Me amei muito, me curti muito, olhava para o vento que penteava meus cabelos e me via lá no céu, bonito, gostoso, e tão, tão feliz.

A DESCOBERTA DO MEU TEMPO

Você! Você aí, que está sonhando com a aventura mais louca, mais impossível, dou um palpite (porque conselho não dou): vá, vá com tudo, e só lhe digo que no fim do arco-íris você não vai encontrar o pote de ouro. Melhor do que isso, é no caminho que você vai se deparar com o inédito, com o inesperado, com o nunca imaginado. Você vai subir muito alto.

A aventura é uma aventura.

Se os aventureiros não se aventurassem, o mundo seria mais chato e pobre de emoção. Se o Colombo não resolvesse navegar até o "abismo", os babacas sérios não iam descobrir nada. O importante é se arriscar.

Aquele que procura a segurança e a estabilidade será sempre um médio. Aquele que sonha, que inventa, que se ARRISCA é o que faz tudo ir pra frente. Sem os despirocados, o mundo ia ser um lugar muito chato.

Entenda, por favor, que não estou me adjetivando nem como médio, nem como despirocado, nem acho que faço do mundo um lugar chato, nem acho que ajudo a não ser chato. Só queria lhe contar que um dia descobri isso. Não é elogio em boca própria, por favor, entenda. Você pode até me chamar de burro e lerdo, porque afinal tive que navegar mais de dois anos para entender. Fui cabeça dura, custei muito a sacar o lance. Tenho certeza de que tem gente aí, bem no meio do congestionamento do trânsito, dentro do carro, cheirando fumaça, que sabe disso. Esse é mais esperto: conseguiu sentir o perfume da flor em Cubatão. Eu fui para o roseiral aprender o aroma.

Acredite em mim: ser feliz, depois que você descobre o truque, é moleza. Só que pra descobrir o truque precisa estar muito atento. Eu estava num lugar paradisíaco. Você, que tem horário, responsabilidades, tarefas, obrigações, está num campo muito mais árduo. Sua vitória é muito mais difícil.

O meu jogo, como sãopaulino, foi no Morumbi contra o Arapira Futebol e Regatas. Mas você, que labuta como um herói na

grande cidade, joga desfalcado, no campo do campeão do mundo e corre risco de invasão da torcida adversária.

O que descobri estava muito óbvio, muito perto de meu nariz. Se fosse cobra, me mordia. Mas é um jogo interessante. Até o instante anterior à descoberta, a possibilidade de alcançar está longe, no infinito. No instante em que você descobre, percebe que ela bate nos seus calcanhares.

Não tenho fórmulas, não tenho padrões, tudo é certo, tudo é errado. Cada cabeça sabe seu norte.

Só sei que quando estava feliz e descobri o TEMPO, eu, Helio, que havia sido engenheiro, bom aluno, mau aluno, católico (de comungar e tudo, toda sexta-feira na escola, depois é claro de confessar meus horrendos pecados para o padre. Grandes pecados, eu, com 9 anos!?), agora não era nada. Eu simplesmente era eu, o eu do momento.

Vou colocar de uma maneira simples. Antes, meu tempo mais longo de prazer era medido pelo tamanho de umas férias.

Trabalhamos?

Sim. Logo, um mês por ano é o que nos é dado de férias, para descanso e lazer. Falando matematicamente, 1/12 de sua vida para o lazer e o resto para o trabalho. Por quê? Por que não pode ser divertido o tempo todo? Por que eu não posso ter uma atividade que me dê prazer e sustento e que não me faça ficar consultando o relógio à espera da hora de para ir pra casa? Por quê?

Pela primeira vez na vida senti prazer e não me senti culpado por isso. Pela primeira vez eu gozava de todas as maneiras e não achava que pecava. Pela primeira vez, não abri mão de uma vírgula sequer do que eu queria.

Never give an inch.

Não poupei tratos pra mim. Eu era eu, muito honesto comigo, e o padrão também era eu. As regras, que nem existiam, eram de minha autoria.

Eu queria muito passar isso pra você que lê: que eu me conheci, que eu me encontrei, que eu fui feliz. O truque todo estava no TEMPO. Antes, como eu disse, o limite do prazer eram as férias/mês.

Um mês acaba logo, tem data certa pra terminar, você não pode, pelas regras em vigor, ficar um dia mais. Isso foi, um dia, meu máximo de tempo.

Lá nas Ilhas Solomon, porém, me vi com o tempo infinito - um minuto, um ano, um dia, a decisão era minha, eu era absolutamente dono do meu tempo, o tempo passou a ter conotação de infinito, de propriedade minha sobre ele. Ali naquelas ilhas, remotas, lindas, eu percebi e descobri que o meu TEMPO era meu e só meu.

Nesse dia descobri que havia achado o mais lindo lugar do mundo. Esse lugar era eu mesmo, o eu verdadeiro, o eu honesto com minha consciência. Nessa ilha aqui dentro não havia lugar para o ruim, para o pecado, para a mentira. Que bom descobrir que eu era bonito, que bom ver o Helio grande, honesto e sincero, que bom ver o Helio contente com ele.

Lembre-se, tudo isso surgiu num momento em que eu fazia, sem restrições, exatamente o que queria. Esse é o truque. O dia em que o fim de semana o atrapalhar, for desnecessário, pode saber que é por aí. O que é bom é bom todo dia, não precisa de licença-prêmio.

Prazer é bom e não é pecado.

Eu me descobri no dia em que assumi que era vagabundo e não tive remorso. Cá entre nós, eu era um vagabundo dos mais competentes. Estava tão bom que sonhávamos, todo dia, sabe com o quê? Com o momento presente, com Avi Avi, com o barco, com o copo de água tomado no barco.

Sonhar é bom e necessário, mas estar realizando o sonho garanto que é melhor. Viver é melhor do que sonhar. Afinal, a vida foi feita para ser leve, gostosa, prazerosa, honesta e acima de tudo aproveitada.

MAGIA, MISTÉRIO E TABU

E aproveitando nós estávamos.

Até que um dia veio de Tulaghi um recado de que havia chegado uma encomenda para o *Vagabundo*. Só podia ser o bloco do motor. Ocorre que naqueles dias estávamos pescando muito, dava muito

peixe e eu havia achado uma toca que era uma mina de lagosta. Todo dia estava cheia. Parecia que brotava lagosta da pedra.

- Pinto, acho que chegou a peça do motor.

- Pois é, mas perder um dia dessa pescaria...

- Também acho, daqui a uns dias a gente vai lá e pega.

- É isso aí.

Não esgotamos as lagostas, pois isso nem seria certo, mas só fomos a Tulaghi quando achamos que o momento era o adequado.

Passei uns dias montando o motor junto com George, o mecânico da marina. Devagar e sempre, até que o Vagau teve seu motor funcionando depois de longo silêncio. É claro que não podíamos deixar de comemorar, e nada mais justo que convidar todo mundo para um passeio. Afinal, se nas Solomon era tão bom, os motivos eram dois: a beleza e as pessoas do lugar A combinação então foi perfeita, as pessoas juntas, em cima do Vagau, foram dar uma banda para ver a beleza do lugar. Eta festinha boa!

A despedida foi um até logo, pois saí pensando em voltar, rever os amigos, contar nossas histórias. Eles estarão sempre presentes em meu coração, e o Vagau guarda em seu casco o sabor daquelas águas.

- Tchau, Moses, Jo, George, Bill, Gill, Samara, tchau, Avi Avi. Amo vocês, continuem maravilhosos, lindos. Não nos esqueçam, por favor.

- Tchau, Cindy, tchau, Helio.

- Tchau, *Vagabundo*.

- Cuidado com o motor, Helio, você é muito relaxado.

- Manda um abraço pro Pelé.

- Tchau, centroavante.

- Se aparecer um ciclone, vem pra cá, que é protegido.

- *See you soon*, Vagau.

- *See you soon*, Avi Avi.

Rumamos norte para a Sandfly Passage, onde passamos a noite, não sem antes mergulhar e pegar um peixe para o jantar. Ali vi os maiores dentões da minha vida. Eram enormes, maiores ainda dos

que eu havia visto e pescado nas Marquesas. Deixei-os em paz e saí atrás de uma garoupa pequena.

É duro descrever cada local em que estive, mais duro ainda é fazer você acreditar que cada lugar parece mais bonito que o outro. Sandfly, além de ser um largo canal entre duas ilhas, era também um intrincado de pequenos sacos que se justapunham, formando um local abrigado e também lindo.

Depois de alguns dias ancorados em Sandfly, onde ficamos isolados, sem contacto com quase ninguém a não ser esporádicas canoas que passavam e nos acenavam, fomos para o outro lado de Nggela Sule e paramos em uma pequena ilha, Anuha.

Dois casais de australianos estavam construindo um hotel. Uma coisa bem feita, com bangalôs erguidos à maneira local, cobertos com folhas de coqueiro, bem ventilados. Gostamos muito do lugar: tudo estava sendo feito sem machucar a natureza. Fomos bem tratados e aproveitamos.

Mas não havíamos ido às Solomon para estar com australianos, e logo nos pusemos em marcha.

A próxima ilha a ser visitada era Malaita, a maior de todas, com mais ou menos 165 quilômetros de comprimento por 40 de largura na sua parte mais larga, a umas 30 milhas a leste do grupo Flórida. Uma das ilhas do lado norte do corredor que forma o Slot, ela é também a mais populosa das Solomon, com uns 50.000 habitantes. Além de relativamente numerosos, os *malaitans* são tidos como as pessoas mais agressivas e trabalhadoras do arquipélago. Soa um contrassenso terem essas duas características, mas parece ser verdade: é de lá a maioria dos políticos e homens de negócios do arquipélago mas também a maioria dos foras-da-lei. Em Honiara, sede da única cadeia de todo o arquipélago, os principais hóspedes são de Malaita.

A ilha é montanhosa e de longe se vê a densa floresta que lhe cobre a superfície. Seu aspecto geográfico mais interessante são duas lagoas que se estendem ao longo da costa oeste, o lado onde íamos chegar. Trata-se de lagoas naturais, formadas por um cordão de ilhas baixas ao longo da costa, com alguns passes de entrada.

Os habitantes da ilha foram em épocas passadas ferozes guerreiros, temidos em todo o arquipélago. Também guerreavam muito entre si, sendo os habitantes das montanhas e os da costa os maiores rivais. Aparentemente os das montanhas eram os mais bravos. O resultado disso era o que iríamos ver na lagoa a que nos dirigíamos, a Langa-Langa, no meio da qual existem ilhas artificiais feitas pelos habitantes da costa para se refugiar dos inimigos das montanhas.

São também conhecidos pelos seus ritos e magias. A palavra *itambu* (tabu) é muito pronunciada, sempre num tom de mistério, respeito e misticismo.

Além disso tudo que nos atraía também queríamos conhecer o local onde havia sido construído o *Alice Alakwe*, o barco do Garry, que havíamos conhecido em Cairns. Só sabíamos que o local se chamava Laulasi e ficava em Langa-Langa.

As 30 milhas que separavam Anuha da entrada norte de Langa-Langa foram vagarosamente vencidas com o fraco vento que soprava. A dois terços do caminho existe um grande recife chamado Alite, onde, ao ver as águas límpidas, me deu vontade de parar para pescar. Quando passávamos ao lado dele subi na primeira cruzeta[76] do mastro para ter uma vista melhor. Além de enxergar quase todo o recife, fui brindado com a visão de um marlim enorme que veio em alta velocidade em direção ao Vagau e passou como um raio pelo seu costado, sumindo no azul profundo. Ali, bem ao lado do recife, a profundidade do mar chega a 1.000 metros.

No fim da tarde entramos pelo passe e ancoramos em frente ao vilarejo de Auki, a capital da ilha. Depois de uma curta estadia, partimos para explorar a lagoa. Logo adiante de Auki já encontramos uma ilha artificial, sem dúvida uma grande obra de engenharia. Essas ilhas são feitas de pedaços de coral amontoados um a um. Olhando para elas dá para imaginar como deve ter sido difícil construí-las artesanalmente, transportando blocos de coral, em canoas, até um local no centro da lagoa. Uma tarefa árdua e muito demorada. Pelo que soube,

---

[76] Verga perpendicular ao mastro.

foram construídas há dezessete gerações, numa época de ânimos acirrados. Hoje as ilhas, que são baixíssimas, talvez apenas 1 metro acima no nível da água, estão totalmente formadas e cobertas de coqueiros e casas. É uma visão muito bonita, no meio da lagoa, com suas águas tranquilas, aquele chumaço de casas e coqueiros.

DINHEIRO FEITO EM CASA – E QUE VALE

A primeira parada foi num pequeno vilarejo, Radefasu, onde tomei pela primeira vez contacto com uma peculiaridade de Malaita que desafia os economistas. Além de usar a moeda oficial do país, o *Solomon dollar*, seus habitantes também fabricam o próprio dinheiro, o *shell money* que, como o próprio nome já diz, é feito de um tipo especial de concha encontrada nas ilhas. O processo começa com a cata dessas conchas, o que já não é fácil, pois eu mesmo mergulhei e nunca dei com uma. Elas são quebradas em pequenos pedaços de tamanho mais ou menos uniformes, digamos em torno de 1 centímetro quadrado, depois queimados em uma fogueira, onde adquirem um tom avermelhado. O próximo passo é fazer um furinho bem no meio de cada pedaço. Esses pedaços serão enfiados em um barbante de fibra natural até formar um *fathom* (6 pés, ou cerca de 1,80 metro) de comprimento.

O que se tem, então, é um colar comprido de pedaços da concha. Até aí é fácil, o duro vem a seguir. Estica-se o barbante em cima de uma tábua de uma madeira bem dura, a *kerosene wood*. Suas pontas são amarradas nas extremidades. Isto feito, passa-se a lixar as conchas numa pedra de amolar, que tem entalhada, de fora a fora, uma espécie de canaleta arredondada por onde devem ser trabalhadas as peças. Lixa, lixa, lixa, até fazer todas as conchas ficarem redondas como uma moeda. Pronto, você tem aí um *fathom* de *shell money* que vale (a cotação varia) de 10 a 15 dólares. Acredite ou não, se você for ao banco em Honiara você troca o *shell money* por dinheiro vivo.

Quando vi pela primeira vez o *shell money* ser feito fiquei sabendo, por um *lixador*, que às vezes ele demora várias semanas para

fazer um *fathom*. A idéia por trás desse dinheiro ultrapassa o mero valor material. *Shell money* é sinal de riqueza, de status. É quase inconcebível, por exemplo, o shell money não estar incluído no *preço* de uma noiva.

Como quem é duro está sempre alerta, eu havia descoberto que na Nova Guiné, nosso próximo destino, um *fathom* de *shell money* estava cotado no mínimo a 50 dólares, podendo até atingir 100. A conta foi rápida:

- Compro uns dez *fathons*, gastando 100 dólares, vendo os dez por 500 e embolso 400 dólares. Nada mau pra quem vagabundeia.

Foi interessante a operação de compra. Nesses lugares é muito comum as pessoas trocarem coisas. Havíamos levado um monte de roupa pra trocar e sempre funcionava, mas com o *shell money* não teve papo: era dinheiro vivo ou não tinha negócio.

O vilarejo de Radefasu rendeu 6 fathoms e umas boas mergulhadas junto ao recife.

Continuamos lagoa abaixo e demos em Laulasi, uma das ilhas que formam a lagoa. A vila onde o Garry havia construído seu barco fazia parte da ilha principal, em frente a Laulasi. Seguimos para lá.

Costuma-se dizer que os estaleiros são construções românticas por natureza, e chegamos a uma delas: ao lado de coqueiros e casas de palha estava o barracão coberto com folhas de palmeiras, sem nenhuma máquina à vista. Tudo feito à mão, com ferramentas manuais, não elétricas. O trabalho era comunitário, o dinheiro de cada barco construído era revertido para todos que participavam da construção e seus parentes, ou seja, toda a vila.

O pessoal já havia construído um barco de 40 pés, o *Laulasi I*, que pertencia a eles próprios e servia para o comércio entre as ilhas, transportando gente e mercadorias. Os lucros eram da vila toda.

Conversei muito com o John, o chefe da vila, um homem que nem por ser respeitado e obedecido trabalhava menos que seus comandados. Eles estavam construindo um barco enorme, de 65 pés,

que já tinha sua quilha assentada e boa parte do cavername[77] encaixado nela.

- John, quem projetou esse barco?

- Nós.

- Como nós?

- Eu e mais dois é que desenhamos, olha aqui o desenho.

Era o desenho em perfil do barco, feito em papel comum, mostrando todas as cavernas. Linhas harmônicas.

- Mas e aí, John, você calculou como? Abrindo um grande sorriso, ele respondeu:

- Calcular? Que é isso? Não precisa não. A gente desenha e depois copia o desenho.

- E dá certo?

- Ué, você não viu o *Laulasi I* navegando? É bonito ou não é?

- É lindo! Mas você só tem o desenho do barco de lado, de perfil, como é que você corta as cavernas, como é que você sabe os formatos que elas devem ter?

- Ah! Isso é fácil, a gente faz primeiro a do meio, que é sempre do mesmo formato, só muda o tamanho, depois a gente faz as outras dum jeito que fique um formato bonito. Isso é o mais fácil.

Pode acreditar que o *Laulasi II* estava ficando com cara de que ia ser um grande barco.

- E dinheiro pra comprar o motor, onde é que vocês arrumam?

- O governo empresta, depois a gente paga de pouquinho.

Que beleza ver aquele pessoal trabalhando junto, sempre com um sorriso nos lábios e ganhando seu dinheiro numa boa.

HELIO RINDO RINDO

Como eu já disse, todo mundo fala o *Pidgin English* pelas ilhas, mas em Malaita era ainda diferente, pois além de falar em *Pidgin* eles sempre repetiam as palavras, por exemplo:

---

[77] Conjunto das peças que dão forma ao casco de uma embarcação.

– *I'm going to talk to you* (Vou falar com você).

Em Malaita Pidgin fica:

- *Me me go talk talk long you you*.

É muito engraçado ouvi-los. Eu, já em constante bom humor, vivia rindo quando falava com eles, até que levei o apelido de Helio *Laugh Laugh*, ou seja, Helio Rindo Rindo. Até o nome da lagoa é Langa-Langa e a outra a que me referi é Are-Are.

Lá conhecemos a Mary, que havia sido Miss Solomon Island uns quatro anos atrás. Ela estava meio gordinha mas continuava muito bonita. Foi dela que compramos os *fathoms* de *shell money* que faltavam.

- Guardem, que é riqueza. Se precisarem, vendam, mas nunca fora das Ilhas Solomon.

Meio sem jeito, concordamos, sabendo que estávamos mentindo. Foi também lá que travamos contacto com os primeiros escultores das ilhas. Os habitantes das Solomon são talentosos escultores em madeira. Esculpem máscaras, potes, figuras de guerra e uma, em especial, linda, chamada *spirit of the sea*, em que peixes de todo tipo são esculpidos meio que entrelaçados, juntamente com um homem mergulhando. Eles usam somente dois tipos de madeira, a *kerosene* e o ébano, ainda comum por lá. Depois de dias de negociações, acabamos adquirindo uma máscara de um escultor, o James Batrafula. Entraram no negócio roupa, espingarda de mergulho, lata de sardinha, farinha e também dinheiro. Ficou todo mundo contente.

A Ilha de Laulasi é conhecida por seus ritos e locais *itambus*, onde branco nenhum pode pisar. Eles têm um ritual de adoração aos tubarões em que o sacerdote e seus auxiliares entram no mar, na praia, com um porco morto sangrando, e com pedaços de pau batendo na água. Eles juram que os tubarões se aproximam e entram em frenesi, comendo todo o porco, sem porém tocar no sacerdote e nos que estão na água. Não vimos esta cerimônia e nem sequer entramos na ilha, pois naqueles dias toda ela estava *itambu*.

Esse sentimento místico de tabus é tão forte em todos que não conseguimos nem saber por que estava proibido entrar na ilha: simplesmente ninguém quis falar do assunto conosco. Qualquer pergunta e a resposta era sempre a mesma:

- *Itambu*, não pode ir lá.

Em cada lugar que conhecíamos víamos algo novo, surpreendente. Isso como que realimentava a nossa curiosidade, e queríamos conhecer mais. Assim foi que resolvemos mudar de ilha. Pretendíamos atravessar o Slot de volta e seguir para o grupo Russel ou para a Ilha de New Georgia. Iríamos para onde o vento fosse mais favorável.

Como era meio intrincado para se chegar ao passe devido ao emaranhado dos recifes, o Frank, um amigo bebaço que fizemos lá e que conhecia bem a área, veio conosco no Vagau, que rebocava sua canoa. Isso nas primeiras horas da manhã, com o sol nascendo.

O passe em si era bem largo, e conforme nos aproximávamos dele vimos que havia dezenas de pequenas canoas, sempre com um só homem dentro. A cena era curiosa. De longe você via uma canoa parada, de repente o remador começava a remar freneticamente por um tempo e depois parava. Logo depois, começava tudo de novo.

- Ô Frank, que é aquilo?

- O pessoal tá pescando.

Já achei que ele tinha tomado alguma logo cedo, mas de fato eles estavam pescando, sabe como? De corrico. Pela manhã, dependendo da maré, fica na entrada do passe um cardume de bonitos. Bastavam algumas remadas vigorosas com a linha na água que logo um peixe mordia o anzol e era um bonito embarcado. Dá pra imaginar o quanto essas águas eram piscosas.

- Tchau, Frank, obrigado por tudo.

- *Bye bye, good luck luck*.

Nosso rumo passava pelo norte do grupo Flórida. Demoramos o dia inteiro até estar no norte de Flórida. O vento nessa época do ano era fraco e inconstante, e o mar uma imensa piscina. A noite chegou clara, com grande visibilidade e a lua iluminando como se não fosse noite. Uma breve brisa, além de fraca, morna, veio nos acariciar.

Seria simplesmente um pecado ir dormir naquelas condições. Era quase obrigação ficar no convés deixando-se tragar pela noite.

Depois de passar pelas Flóridas ao sul, por bombordo[78] vimos a Ilha de Savo, que tem o formato perfeito de um vulcão. A última erupção ocorreu em 1840 e, pelo que sei, ainda existe a possibilidade de atividade. Mas a ilha é famosa por um pássaro que só existe lá, o *megapot*. Basicamente é um pequeno peru selvagem, e a curiosidade a seu respeito é que bota ovos dentro de buracos cavados na terra, perto de fontes de água quente, comuns na ilha e que o fazem prescindir da choca. De longe víamos Savo, e o Vagau deslizava na água sem fazer barulho algum, dava até uma sensação estranha, a de que ele estava parado com as velas cheias e levemente adernado. Silêncio absoluto.

O dia amanheceu com o usual sol quente e um azul imaculado do céu, e o vento que nos havia ajudado sumiu. A essa altura estávamos próximos do grupo Russel. Por estarmos perto e pela total ausência de vento, decidimos ir para a Ilha Banika, do grupo Russel, usando o motor. O grupo é formado por duas ilhas maiores, Banika e Pavuvu, separadas por um estreito canal, o Sun Light, e por inúmeras menores que circundam as duas principais. Passamos por entre várias dessas ilhas próximas entre si – Funau, Ufa, Faielau – sempre com o mar absolutamente parado e a água de uma transparência incrível. Perto das margens víamos peixes de todas as cores, corais aflorando da água. E, pela primeira vez, um enorme bando de golfinhos boiando, como que *morgando* depois de uma farta refeição. É uma visão estranha, pois sempre se alia golfinho a movimento, velocidade e nunca a uma tropa dormindo na tona. Só quando nos aproximamos é que se movimentaram vagarosamente, parando logo em seguida.

Seguimos para uma vila chamada Yandina que, contrastando com as demais, possuía um cais de atracação de porte médio e casas cobertas de zinco. Notei também um campo de futebol, com medida quase oficial e gramado impecável, bem à beira da água. O resto da ilha era só coqueiro, mar de coco.

---

[78] O lado esquerdo do barco, considerando-se a proa como frente.

MEU AMIGO NUNCA TINHA VISTO UMA XÍCARA

Como em todo o arquipélago, o problema lá é ancorar. Tudo é muito fundo. Encontramos, porém, umas estacas cravadas próximas da costa, resquício de algum *dolphin* de atracação[79] da época da guerra. Em vez de ancorar, amarramos o Vagau às estacas. Imediatamente um bando de pássaros começou a sobrevoar o barco e, lá de cima, a despejar sobre nós uma chuva de cocô, dessas de tornar necessário um guarda-chuva para sair no convés. Apesar de sujo, era engraçado, pois além da merda os pássaros arremessavam pequenas sementes redondas que, ao bater no convés, rolavam até a borda, fazendo barulho em seu caminho. Uma sinfonia dentro do barco. A explicação: os pássaros tinham seus ninhos no topo das estacas de madeira e nós aparecemos por lá como intrusos.

Os coqueiros não estavam lá por acaso: simplesmente a ilha toda pertencia à Lever Brothers, uma das maiores fabricantes de sabonetes e afins do mundo. A plantação visava a extração da copra, matéria-prima essencial para a fabricação de sabonete. Com isso, não havia ali a mesma atmosfera típica das outras ilhas, o que não impediu que fôssemos tão bem recebidos como sempre. O lugar era muito organizado, já em moldes ocidentais, pois os funcionários mais graduados moravam em lugar separado e em casas muito melhores. Tinham também seu clube, com piscina, quadras de tênis e até um campo de golfe. A peãozada, que foi com quem acabamos ficando, vivia em residências bem mais simples e seu clube só tinha uma casa como sede. O clube possuía uma mesa de sinuca, tamanho grande, absolutamente nivelada, com pano novinho e bolas lustrosas. Matei a saudade dos meus tempos de cursinho pré-vestibular, quando jogava mais sinuca do que assistia aula. Se no futebol eu sempre fui grosso, modéstia à parte tive meus bons momentos na sinuca. Nunca fui um Carne Frita, mas também nunca voltei pra casa como pato.

---

[79] Dispositivo composto de estacas verticais e horizontais guarnecidas com protetores de absorção de choque e dispostas de espaço em espaço ao longo de um cais.

Virei parceiro do John Aitcheson, um gordão de uns bons 150 quilos, que jogava bem pra burro. A mulher dele, Maraia, não ficava atrás no peso. Era uma daquelas pessoas gostosas de se estar junto, sempre com um sorriso escancarado, querendo ser gentil de todo jeito. Quando íamos à casa deles, era sempre suquinho pra cá, bolinho pra lá, fora os presentes que insistiam em nos dar. Percorremos toda a ilha no carro do John, de marca indefinível, fabricação de mil novecentos e nada.

O John nos contou que aquela era a segunda maior plantação de coqueiros do mundo, só havia uma maior, nas Filipinas, pertencente à mesma companhia. Sou leigo no assunto, mas vi com certeza uns vinte tipos diferentes de coqueiros, alguns centenários, com mais de 50 metros de altura.

O próximo grupo de ilhas que visitamos foi New Georgia, famoso por seus escultores. As ilhas são tidas como as mais bonitas das Solomon, por suas lagoas cristalinas, montanhas cobertas por densa vegetação e as costas recortadas de suas ilhas principais, New Georgia e Vangunu, que formam centenas de pequenas praias e sacos. Há muito ouvíamos falar da beleza desse lugar e estávamos ansiosos por conhecê-lo. Teríamos também uma novidade: um amigo de São Paulo, o Salvatore, brasileiro nascido na Itália, empresário, estava vindo para nos visitar e nos encontraria em New Georgia, mais precisamente em Seghe, que, embora nem chegasse a ser uma vila, possuía um aeroporto do tempo da guerra.

A parte sul desse grupo de ilhas, que é por onde estávamos chegando, tem um cordão de ilhas que forma, entre elas e a principal, uma lagoa circular, a Marovo, semelhante ao que ocorria em Bora-Bora e caso único nas Solomon, pois as outras lagoas da região, como Langa-Langa, são longilíneas. Mas só no formato Marovo era parecida com Bora-Bora, pois se nesta os *motus* que cercavam a lagoa eram baixos e repletos de coqueiros, o que víamos à nossa frente eram ilhas cobertas por uma vegetação espessa, com árvores enormes, tendo ainda topografia mais alta que os *motus* de Bora-Bora. Estas ilhas chegavam a ter 25, 30 metros de altura, sem contar as árvores.

Era uma paisagem inédita para nós, pois de fora não se vê nada da lagoa, que fica totalmente abrigada por essas ilhas compridas e elevadas que a circundam. Parece uma enorme mansão cercada de um muro alto. E o passe por onde entramos era ainda mais abrigado, pois na frente dele, na parte de fora da lagoa, existe outra ilha que o protege, a Ilha Mbili. Esta abriga a pequena vila de Mbili, situada em frente ao passe que não podia ter outro nome, Mbili.

Logo após o passe há uma pequena baía, rasa, onde ancoramos, para sermos imediatamente abordados por uma canoa.

- Bom dia, meu nome é Luthen, sou o chefe da vila, sejam bem-vindos.

- Muito obrigado, por favor suba a bordo.

- Posso mesmo?

- É claro, por que não?

Luthen nos contou que todos os outros poucos barcos que passaram por lá negaram a permissão de ir a bordo, com medo dele e dos outros habitantes da vila. Tempos depois soubemos que tudo começou com a fofoca de um barco cujo comandante, por algum motivo, não gostou da gente do lugar. Ele passou a informação por rádio de que os nativos eram ladrões e perigosos – falsa, obviamente, pois se tratava da mesma gente pacífica que encontramos em todas as Solomon.

O que às vezes acontece é que nossos costumes de ocidentais são diferentes dos deles e, se não ficarmos atentos, facilmente pode haver discórdia. Por exemplo, se você convida alguém a bordo, essa pessoa vai ficar ali até que você gentilmente peça para ela se retirar. Nunca ela irá embora de espontânea vontade: os usos locais estatuem que isso seria falta de modos. Se essa mesma pessoa entrou na cabine de seu barco, ela vai mexer em tudo, pegar seu relógio, xeretar suas roupas, abrir armários e por aí afora, pela simples razão de que esse é o costume. Além disso, por mais espartano que seja seu barco, sempre será uma luxuosa mansão quando comparado aos barracos em que eles vivem. Uma mera panela de alumínio às vezes pode ser um objeto de luxo para eles, ou simplesmente algo que nunca viram antes. É

importantíssimo, quando se vai a esses lugares remotos, entender e sobretudo respeitar o modo de vida local.

Esse comandante que passou a tal informação infame pelo rádio devia ser preso. No começo, fiquei com raiva dele, depois meu sentimento mudou e tive pena, pois essa pessoa veio de tão longe, navegou tantas milhas e não aproveitou nem entendeu nada quando chegou a esse quase paraíso.

- Aceita um café, Luthen?

- Sim, sim.

Demos a ele um caneco com alça. Na hora percebemos sua falta de jeito, mas quando ele não conseguia dar um gole sem derramar café no queixo, vimos que havia alguma coisa estranha.

- Tá gostoso, Luthen?

- Sim, sim, muito bom.

- Tá muito quente?

- Não, não, está ótimo, é que eu nunca tinha visto um copo com essa argola aqui do lado. Pra que serve isso?

Em suma, aquele homem nunca havia visto uma xícara na vida!

O JOHN WAYNE DA ESCULTURA

Das esculturas feitas nas ilhas, a mais típica chama-se Ngunzungunzu. Não se assuste, pode pronunciar Nussa-Nussa. Trata-se de uma cabeça estilizada, com dois braços saindo por baixo, que seguram outra cabeça com feições humanóides.

No passado, essas esculturas eram amarradas, bem próximas à linha da água, à proa das canoas guerreiras que saíam para uma batalha. Esses guerreiros eram os caçadores de cabeças, pois traziam as cabeças dos vencidos de volta a sua vila. Vem daí o significado da escultura. Elas são feitas de ébano, uma madeira preta e muito dura, e os olhos e outros adornos de madrepérola, no caso tirada da concha Nautilus.

Os caçadores de cabeça encerraram suas atividades há cerca de um século, e portanto os Nussas-Nussas hoje constituem mera expressão cultural, sem o significado sangrento de outrora, e são esculpidos de diversas formas e tamanhos. O Luthen, além de chefe, era escultor e fez para nós dois deles.

A pescaria no passe Mbili era fantástica, embora a corrente de maré fosse fortíssima. Lá vi novamente os mesmos peixes que havia apreciado em Fiji, aqueles parecidos com bodiões, verdes, enormes. De novo fui driblado por eles.

Mergulhar por fora dos recifes também era ótimo, pois lá a água não corria e, além disso, havia peixe à vontade, embora muito menos que no passe. Como todo passe, ali era sempre o melhor lugar para se mergulhar atrás de algo para o almoço. Imagino que o motivo seja o fato de a água em movimento ser mais oxigenada e trazer mais microorganismos, que servem de alimento aos peixes.

O único senão de mergulhar por fora dos recifes eram os tubarões, principalmente o cinza, insistente e chato, extremamente cioso de seu território. Quando você está no território deles, eles se aproximam, são agressivos e não o deixam nem um segundo em paz. No momento em que você sai da área, eles nem sequer olham para ver onde você está. E o mais interessante é que o limite é perfeitamente definido, algo como: daquela pedra pra lá é dele, pra cá não é mais. Se você ficar do lado de cá da pedra, ele some, se ficar do lado de lá, ele vem incomodar. A diferença pode ser de apenas 2 ou 3 metros.

É bom mergulhar perto de uma vila, pois se consome todo peixe apanhado e você pode pegar o quanto quiser. Paramos em inúmeras vilas na lagoa. Em todas elas fomos sempre bem recebidos e em todas encontramos escultores com as mais variadas obras. O que mais nos impressionou foi o John Wayne (nada a ver com o cowboy), na vila de Telina. Suas esculturas eram fantásticas, pareciam ter vida. Passamos um bom tempo com ele, inclusive batendo uma bola nos fins de tarde, no *estádio* da vila. Além de bom escultor, jogava futebol bem.

MALÁRIA, MAS COM UÍSQUE

Finalmente chegamos a Seghe. Fomos nos informar sobre o avião, em que dia chegava e a que horas, pois do Salvatore, aquele meu amigo de São Paulo, só sabíamos que iria chegar em uma determinada semana. Acabamos falando com a Tandy, casada com um inglês, e que de casa dava seu apoio de terra aos aviões. Ela tinha um rádio que, apesar do chiado, falava com Honiara e informava sobre quem e o que chegava. Depois de muito barulho e *talk-talk* no rádio soubemos que o nosso amigo só iria chegar no fim da semana. Tudo bem, a vida continua. Mergulhar, nadar, conversar, andar, fazer amor em Seghe, por que não?

Só que eu tinha um problema: há dias que já vinha me sentindo meio estranho, meio fraco, sem muita energia e com uma dorzinha de cabeça. Nos últimos tempos eu andava tão bem de corpo e de cabeça que aquele pequeno mal-estar me preocupou. Tínhamos a bordo um livro que recomendo a todos: *Onde Não Há Médico*, editado no Brasil pelas Edições Paulinas. O nome se auto-explica: é um guia para você descobrir sozinho, em emergências, uma doença que possa ter. Li e reli o livro inteiro e meus sintomas não se encaixaram em nada. A doença mais óbvia para se ter por lá era malária, mas meus sintomas não coincidiam com os da doença – febre forte, suor e calor intenso, intercalados pelo oposto, calafrios. Eu tinha uma febrinha, a dorzinha de cabeça, um mal-estarzinho, tudo bem pouquinho, apesar de vir tomando as tais cápsulas que a Cindy havia descolado no hospital em Cairns. Tinha um médico na próxima ilha que iríamos conhecer, Ghizo, e lá eu poderia me consultar

E chegou o Salvatore, com novidades do Brasil, falando português (fazia tempo que eu não ouvia), trazendo presentes e um sorriso que só ele tem. A surpresa é que meu amigo estava careca. Pois é, o tempo passa.

Aproximava-se o Natal e sabíamos que em Ghizo encontraríamos alguns veleiros conhecidos, com gente amiga. Sem vento, levantamos a âncora com o motor ligado. Quando engatei avante, surgiu

um barulho estranho e o Vagau recusou-se a andar pra frente. A âncora voltou para a água e fui ver o que se passava. Não podia ser pior: descobri que o V-drive simplesmente havia se estragado, suas engrenagens estavam todas comidas. Ironia: agora que o motor estava consertado, não havia como fazer o barco andar. Sem o V-drive, o motor servia única e exclusivamente para carregar as baterias, não movimentava o barco. Como já estávamos acostumados a navegar sem motor, no dia seguinte partimos cedo, com o caíque rebocando o Vagau. O vento insistia em não aparecer.

Uma viagem que seria de horas demorou quase dois dias. A pequena Ghizo abriga uma cidade, também pequena, com o mesmo nome. Uma pequena cidade é, porém, sempre maior que uma grande vila. Ghizo ostentava bar, mercearia, mercado (aos sábados), um pequeno hotel e outros itens que servem para qualificá-la como cidade. Tal qual Yandina, Ghizo mostrava muitas construções ainda da época da guerra. Embora sem o charme de uma vila típica da área, não posso negar que tinha lá seu encanto, principalmente na orla marítima, onde grandes árvores sombreavam a rua e a praia.

Estavam ancorados ali três outros barcos, o *Skookum* e o *Brown Palace*, nossos conhecidos, e uma grande escuna, todos americanos. Na manhã seguinte fui ao hospital, onde trabalhava o único médico entre Ghizo e Honiara. Mal comecei a explicar o caso e ele me interrompeu:

- Você está com malária, tenho certeza. Em todo caso, faça o exame de sangue e amanhã a gente conversa.

- Mas, doutor, os sintomas... - Você não teve sintomas porque tomou o remédio preventivo.

- Ué, mas se é preventivo, como é que eu peguei a doença?

- Ele é preventivo contra os sintomas, e não contra a doença. Não existe remédio preventivo ou vacina que evite a malária.

- Remedinho sem vergonha!

- Também acho.

O resultado do exame foi positivo e a cura rápida. Tomei um monte de comprimidos e passei um dia inteiro de cama, enfim com os sintomas mesmo: febre alta e depois calafrios. À noite, eu estava bom.

- Doutor, ouvi dizer que quem pega malária não pode beber, mas o Natal tá aí, depois o fim do ano, e o senhor sabe como é que é.

- Quem te falou essa bobagem? Beber faz bem, especialmente uísque. Fortalece o caráter!

O médico era obviamente inglês, e só posso dizer que era dos meus.

Com o Natal devidamente celebrado, resolvemos partir para a Nova Guiné, começando pelo ponto mais próximo em relação a onde estávamos, Bougainville, a ilha mais ao norte, geograficamente parte das Solomons mas politicamente pertencente à Nova Guiné.

Para navegadores: *Saímos da Baía de Ghizo pelo norte, onde os recifes formavam um labirinto. O Vagau mais uma vez saiu rebocado pelo caíque, só que desta vez tive que subir na primeira cruzeta, para lá de cima ir encontrando o caminho. A Cindy ficou no timão e o Salvatore pilotou o caíque até mar aberto.*

Nosso percurso era deixar a próxima ilha, Vella Lavella, por bombordo, e depois dela cairíamos no Slot, com suas profundidades absurdas. Dali rumaríamos direto para Kieta, na costa leste de Bougainville. Quando caíssemos no Slot e tomássemos nosso rumo, teríamos a boroeste Choiseul, a ilha mais ao norte do arquipélago. Um pouco antes do extremo norte de Choiseul está a Ilha Fauro, que faz parte de um pequeno arquipélago ao sul de Bougainville.

Entre Fauro e Choiseul, forma-se o chamado Estreito de Bougainville, que é onde termina o Slot. Depois de se passar por ali é mar aberto, tendo-se Bougainville a bombordo e todo o oceano a boreste. Estreito é um nome mais do que apropriado. Ali tudo se estreita, tanto na horizontal como na vertical. Na horizontal, pouco antes dali o Slot tinha 50 milhas de largura, para naquele ponto afunilar-se para 13 milhas. O pior acontecia na vertical, em que em um momento navega-se a uma profundidade de 1.000 metros para, 3 milhas adiante, o fundo subir para apenas 10 metros da superfície.

Tínhamos uma distância de 150 milhas a percorrer, que em condições normais de vento poderiam ser vencidas em 24 horas. Mas

com aquele vento quase nulo que mal balançava nossas velas, sabíamos que iria demorar mais. Era um 27 de dezembro, o sol quase derretia o cérebro, no céu não havia nenhuma esperança de nuvem, no mar quase plano pequenas ondas se formavam com uma brisa que começava a entrar.

Velejamos o dia inteiro e, à noite, ficamos boiados ao norte de Vela Lavella.

O dia seguinte foi uma repetição do anterior. Tivemos que tomar banho de balde, um atrás do outro. O vento, apesar de fraco, ia cumprindo seu papel e nos empurrando para frente, até que no fim da tarde estávamos quase entrando na parte rasa do estreito. Escureceu e a noite era de lua. Aos poucos fomos parando, pois o vento terminou. Silêncio total, noite agradabilíssima e o mar, para variar, liso como um chão liso.

NO MEIO DO REDEMOINHO

Conversávamos os três no cockpit quando, ao longe, ouvimos um barulho semelhante ao de uma cachoeira. Não vi nada em volta, mas percebi que o barco agora andava de lado, embora no mesmo rumo em que íamos anteriormente. Desci para a cabine e o ecobatímetro[80] acusava 20 metros. A corrente simplesmente estava nos jogando através do estreito, estávamos passando *na marra*, sem vento nenhum. Lá fora o barulho da *cachoeira* vinha aumentando e chegando mais perto, até que, de repente, de um mar liso começamos a pegar ondas, não muito grandes, talvez meio metro ou pouco mais, que batiam no casco pelo través.

Também de repente passamos pela zona de ondas, o mar ficou liso de novo e o silêncio voltou, e no entanto o Vagau não parou de andar de lado. Outra *cachoeira* logo se aproximou. Incrível: o barulho das ondas era idêntico ao de uma queda de água. Não demorou

---

[80] Aparelho de sondagem que emite pulsos sonoros e, por meio do eco, mede a profundidade da água.

muito e lá estava o Vagau tomando porrada no costado, as velas panejando. Era difícil ficar em pé no convés, tamanhas as chacoalhadas, mas como o primeiro trem de onda passou, este também passou e o silêncio mais uma vez tomou conta do Vagau, velejando de lado, ao luar.

Nesse tempo todo o ecobatímetro apontava profundidades variadas, de 10 a 25 metros, acusando sempre que estávamos na parte rasa do estreito. Vale lembrar que essa parte rasa chega no máximo a umas 7 milhas de comprimento. Depois começava a parte funda, as profundidades já caíam para uns 500 metros. A velocidade com que a corrente nos carregava de lado sabíamos que logo estaríamos fora daquela parte rasa e longe das *cachoeiras*.

Mas ouvimos mais uma *cachoeira* – só que muito, mas muito mais ruidosa. Parecia as Cataratas do Iguaçu: um barulho intenso, surdo, grave, forte, contínuo.

- Pekinini, aí vem chumbo - alertei, chamando a Cindy pelo apelido.

- Pinto, esse barulho assusta, olha lá, olha lá o tamanho do mar!

O mar ia liso até uma determinada linha e, a partir dali, se transformava em outro - um mar cruzado com ondas enormes, para onde o Vagau se dirigia a todo vapor.

- Pinto, o que vai acontecer?

- Pergunta pra onda, não pra mim. Fica com a mão nas escotas[81], o Salvatore te ajuda, quem sabe entra um vento e a gente cai fora.

O Vagau, de lado, entrou com tudo nas ondas. Uma porrada e tanto. Tínhamos que nos segurar ou sentar para não cair, as velas panejavam como loucas, embora não houvesse vento algum. O coitado do Vagau corcoveava mais que cavalo chucro. E tome porrada de todo lado.

- Cindy, entra lá pra ver a profundidade no eco!

- Não está dando profundidade, já passamos do raso.

---

[81] Cabos que ligam a vela pelo seu vértice inferior (punho) ao barco.

Então estávamos já no fundo, com aquelas ondas cruzadas? Não dava pra entender! Pois se estava fundo, o mar já deveria estar liso. As duas *cachoeiras* anteriores eram ondas ordenadas, de mesma altura e direção. Agora não, eram diferentes - vinha onda de todo lado, um mar piramidal. A Cindy gritou:

- Olha lá o mar liso!

De fato, a uns 50 metros de distância o mar voltava a estar liso e mais uma vez o Vagau se dirigia a toda velocidade, de lado, para o alvo, que agora finalmente era para melhor. Só que quando chegou na beirinha ele não atravessou, parou ali mesmo. Caímos num redemoinho.

Aí a situação ficou besta de uma vez, o barco começou a rodar em círculos em torno de si mesmo, dentro da zona de ondas, o que gerava, então, um movimento todo desordenado. Põe cavalo chucro nisso.

Mas como o barco girava e se movimentava, criava-se um vento aparente, que enchia a genoa, que no final dava bordos quase contínuos.

- Caça boroeste, vamos lá, deixa que eu ajudo!

- Ups, bordo, bordo, caça bombordo!

- Não, não, ela já esta dando bordo outra vez, segura firme aí!

- Bordo de novo!

E assim fomos tentando aproar o barco para fora, procurando sair daquela coisa mais louca. Tanto fizemos que o Vagau, num determinado instante, deu uma corcoveada mais forte e se projetou para fora. Saímos e ficamos ali parados vendo aquela dança das águas do mar bem abaixo dos nossos narizes. A corrente ainda nos empurrava, pois mesmo sem vento estávamos nos distanciando daquela linha divisória entre ondas e calmaria.

- Que susto, hein, Salvatore?

- Nem fale, que coisa mais louca!

- Olha aí, está entrando um vento, podem ir descansar que agora o Vagau vai com tudo pra frente. Eu faço questão de ficar aqui fora. O turno é meu.

E o Vagau durante uma hora e meia andou muito bem, fazendo 5,5-6 nós o tempo todo, até que o vento parou completamente. Já começara a madrugada e a lua cheia permitia ver nitidamente os contornos de Choiseul e Fauro. Fiz um café, olhei pra lua e pras estrelas e acabei cochilando no *cockpit*. De tempos em tempos abria o olho, dava uma conferida em volta e voltava a cochilar. Até que, por volta das 4h30 da manhã, umas duas horas depois que o vento havia parado, percebi que Choiseul e Fauro estavam numa posição estranha. Peguei a alidade[82], fiz marcações das duas, entrei na cabine e, quando plotei[83] a posição na carta, não acreditei. Ligado o ecobatímetro, ele marcava 18 metros!

Ou seja, havíamos voltado tudo. A corrente, que sem dúvida era de maré, obedeceu a maré. Saímos com a vazante e agora voltávamos com tudo, na enchente. Isso era demais pra cabeça de qualquer um. Acordei os dois e propus montar o caíque (que havia sido desmontado e guardado no convés logo depois de Ghizo), amarrá-lo ao lado do Vagau e, de motor ligado, fazê-lo rebocar o barco, só que não para mar aberto, pois então já sabíamos que por lá as correntes eram muito fortes. Rumaríamos para as pequenas ilhas em frente a Fauro: Obeani e Masamasa.

Caíque na água, força total e lá vai o Vagau chacoalhando, mais que cu de pato, rumo a um lugar abrigado. Antes de chegarmos a Masamasa, porém, entrou um ventinho amigo, que nos permitiu inverter a situação. Agora era o Vagau quem rebocava o caíque. Dá-lhe, Vagau! Resolvi que velejaríamos ainda um pouco mais em direção a terra e só depois pegaríamos o nosso rumo.

Bougainville também possui uma barreira de coral que se estende por toda a costa. Só que não entraríamos nela, pois estar sem vento entre recifes não é exatamente o que você pretende se visa a felicidade. É melhor estar lá fora batendo vela e balançando do que dentro, em mar liso, derivando para cima de um recife. Passamos mais um dia e uma noite velejando, com pouco vento e calmaria. No dia 30,

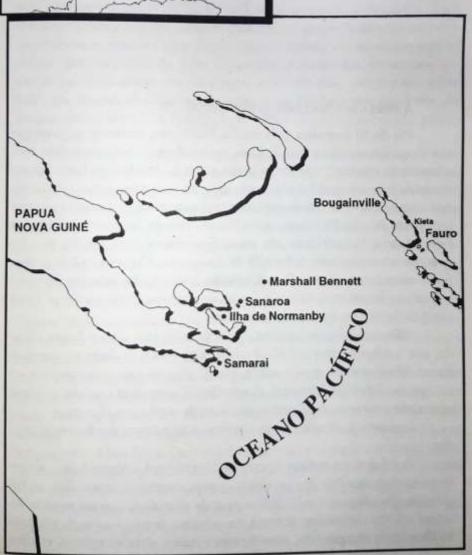
---

[82] Instrumento náutico para medir ângulos no plano horizontal.
[83] Plotar é determinar a posição (no caso, do barco) numa carta náutica.

de manhã, finalmente, entramos no passe que nos levava à Baía de Kieta. Lá começaríamos a desbravar algo da Nova Guiné, um lugar que há tempos queríamos conhecer. O próprio nome já tem uma aura de mistério, de desconhecido. Havíamos lido muito a respeito do país, sua gente, seus costumes, sua beleza. Sabíamos que muita coisa pela frente nos esperava, muito que ver, muito que viver. Chegara a hora de conferir - e a gente não iria se decepcionar.

Capítulo 12

Nova Guiné – As ilhas: Just keep in the middle, man!

PAPUA
NOVA GUINÉ
Bougainville
Kieta
Fauro
Marshall Bennett
Sanaroa
Ilha de Normanby
Samarai
OCEANO PACÍFICO

12 Nova Guiné – As ilhas: Just keep in the middle, man

A TERRA DAS 700 LÍNGUAS E DIALETOS

No dia 30 dezembro, pela manhã, finalmente, entramos no passe que nos levava à maravilhosa Baía de Kieta, muito abrigada por montanhas, com a costa toda recortada e pequenas praias e recifes. A cidade de Kieta fica no fundo da baía e o problema de ancoragem era o mesmo: águas profundas. Ancoramos diante da cidade para contactar a imigração e a aduana e entrar legalmente no país. Eu já sabia que a Nova Guiné era daqueles países em que é você que vai às autoridades, em vez de elas irem até você. Mas foi em vão, pois estava tudo fechado no feriadão de Ano Novo. Só mesmo a 2 de janeiro poderíamos entrar. O que não tem solução, como se sabe, solucionado está – e com isso levantamos âncora e fomos ancorar em frente ao Kieta Yacht Club, onde ficavam quase todos os barcos.

Não conhecíamos ninguém a não ser o *Xiphias*, com o Roger a bordo, que havíamos visto em Mooloolaba. Em frente ao clube era especialmente difícil ancorar, pois o recife que ali aflorava caía abruptamente até uma profundidade de 50 metros. A solução foi mergulhar e enrolar convenientemente a corrente da âncora num cabeço de coral a uns 15 metros.

Passamos o *réveillon* junto aos outros tripulantes dos barcos ancorados.

A palavra que melhor descreve a Nova Guiné é diversidade, e ela começa na geografia. Na ilha principal existem cadeias de montanhas, as Highlands, que chegam a até 5.000 metros de altitude e, mesmo estando somente a 6° sul de latitude, às vezes são cobertas de gelo e neve. À sua volta há ilhas como Bougainville, New Britain e outras, altas, escarpadas, vulcânicas, férteis. Ao sul, o arquipélago Louisiade é um emaranhado de atóis. A fauna desse país, sobretudo no capítulo das aves, é riquíssima, destacando-se a ave-do-paraíso, que eu

duvido que alguém tenha coragem de dizer que não é a ave mais bonita do mundo, depois de ver uma de perto.

Contrastes tão fortes como os da geografia continuam no povo, que possui as mais variadas origens e feições. A Ilha de Buka, ao norte de Bougainville, por exemplo, se orgulha de ter os pretos mais pretos do mundo. Logo ali perto, a umas 90 milhas a leste, no atol Ontong Java, vivem polinésios, tais como os que vi no Taiti. Nas Lousiade, as pessoas têm o tipo físico dos negros, mas a pele clara. Nas Highlands, a cada vale mudam os traços fisionômicos, a estatura e a cor dos habitantes. Enfim, não existe um natural do país que seja padrão da Nova Guiné. Completando isso, foram catalogadas no país nada menos que 700 línguas (e não dialetos) - os *ples talk* (*place talk*), que chegam ao exagero de às vezes serem falados numa única vila. As línguas oficiais são três: o *Pisin* (*pidgin*), o *Motu* (falado no sul da ilha principal) e o inglês.

O nome certo do país em que acabávamos de ancorar é Papua New Guinea ou, como é abreviado por todos lá, PNG. Em *Pidgin* é Niuguini, que para nós, que falamos português, é simplesmente a forma fonética de Nova Guiné em inglês. A origem do nome remonta a um aventureiro espanhol, Ynigo Ortiz de Retes, que em 1545 chamou a ilha de Nueva Guinea, por ter achado que os nativos se pareciam com os da Guiné, na África, já então do conhecimento dos europeus. O Papua foi acrescentado ao nome devido aos habitantes da porção sudeste da ilha, assim denominados.

Em Bougainville existe a maior mina de cobre do mundo, a Panguna Copper Mine, uma mina a céu aberto. Seu tamanho é tão absurdo que no ano anterior ao ano em que chegamos ela teve, como mero subproduto do cobre, a maior produção mundial de ouro.

Por uma grande coincidência a mulher de um dos engenheiros-chefes da mina era brasileira, a Beth. Seu marido, Barry Green, inglês, conhecia o Brasil tão bem quanto eu e falava português fluentemente. Foi ele a nossa salvação. O V-drive do *Vagabundo* tinha onde ser arrumado e, mais do que isso, na velha e boa faixa. Tudo era uma

questão de tempo e isso, justamente, era nossa maior riqueza. Tínhamos a rodo. Esperar num lugar tão bonito como aquele não era problema pra ninguém, pelo contrário, era prazer.

O Salvatore foi embora no dia 3, deixando saudade e uma amizade reforçada pelos dias agradáveis passados juntos.

Logo ficamos amigos de um casal com dois filhos a bordo de um veleiro de concreto, o *Turana*. Ela, Maureen, Mo, americana, simpática e bonita grande matemática. Ele, Kevin, vulcanólogo, considerado uma das maiores autoridades da Austrália no assunto. Os filhos, Michael e Matthew, dois moleques endiabrados e divertidos. Na verdade foi tanta gente que conhecemos que nem me arrisco a citar todo mundo, sob pena de esquecer muitos.

Nessas alturas comecei a tentar vender o nosso *shell money* e, de fato, os preços de mercado eram altos. Eu já fazia a conta do lucro. O valor era alto, tinha quem comprasse. O negócio estava feito. Macuco no embornal.

- Cindy, cadê o *shell money*?

- Tá na proa. Procura, procura.

- Não estou achando.

- Como não, Pinto? Embaixo das velas, bem lá na frente. Procura, procura.

- Não estou achando.

- Deixa comigo, você não é capaz de achar um elefante na frente do nariz.

Procura, procura.

- Sumiu!

- Como, sumiu?

- Sumiu.

- Não é possível!

- Lembra o que a Mary falou. *Itambu*. Esse dinheiro não podia sair das Solomon.

- Pra cima de mim não, que é isso!

– *Itambu*, sumiu.

E sumiu mesmo, evaporou no ar, nunca consegui explicar como. O lugar em que tínhamos escondido era de difícil acesso, só eu

e a Cindy sabíamos onde ficava. Mais que isso, ninguém, excetuados nós dois, entrou na proa. Me curvei aos fatos e, diante da pergunta, dali pra frente passei a ter só uma resposta:

- *Itambu*.

ACOSTUMANDO COM OS TERREMOTOS

O Barry nos levou pra conhecer a mina. Sem dúvida aquilo é o maior buraco que vi em minha vida. O que antes era um morro virou uma cratera com um quilômetro de profundidade. Lá você perde totalmente sua noção de proporção, as ordens de grandeza são outras, tudo é absurdamente grande. Os pneus dos caminhões *off road* que carregavam o minério, por exempho tinham uns 2,5 metros de diâmetro, a casinha que você via lá no fundo do buraco era um prédio de dois andares. Você se sente uma pulga no meio de elefantes.

O pessoal mais graduado mora lá em cima no morro, onde é a mina, em Paguna. A Beth e o Barry viviam numa casa agradável, com três filhos que eram realmente uns demônios. A mistura das raças saiu boa, o inglês Barry e a paraense Beth geraram filhos muito bonitos.

Nesse mesmo dia fomos jantar na casa deles. Conversa fiada na sala, de repente tudo começou a tremer e ouvimos um barulhão ao longe. Eu, assustado:

- Pô, que é isso? Terremoto?

A Beth, tranqüila, tranqüila:

- É.

- Mas e aí, o que a gente faz?

- Nada, ué. Todo dia tem tremor de terra por aqui. Há dois vulcões ativos na ilha.

- Mas nunca acontece nada?

- Só às vezes, mas todo mundo já está acostumado.

Só posso dizer que, depois de uma semana, você também já não se importa. Na verdade, nós nos acostumamos bem, pois passamos quase dois meses em Kieta e volta e meia estávamos lá em Panguna, abusando da hospitalidade da Beth e do Barry.

Com a vida simples que se leva no barco, as necessidades da gente, como já disse antes, diminuem muito, e o consumismo natural que se tem em uma rotina urbana desaparece. Da mesma forma, pelo fato de você andar em lugares remotos, seus hábitos alimentares mudam muito. Você se acostuma a comer basicamente pescado, muito coco, frutas locais e, eventualmente, alguns enlatados, que trazem um pouco do gosto da civilização. Não que esse fato seja bom ou ruim, é apenas um fato e acontece naturalmente, ao longo do tempo. Chega um momento em que você está comendo peixe com arroz e achando bom, ou pelo menos não fica incomodado por comer isto todo dia. Vira normal. Naturalmente você não esquece a delícia que é, digamos, um *steak au poivre*, apenas se trata de uma coisa tão distante que nem se sente sua falta.

Não é sentida, mas não é esquecida. Assim, descobrimos que o restaurante da mina, aberto a qualquer um, era ridiculamente barato, oferecia um bufê com tudo o que se pudesse imaginar, de primeiríssima qualidade e com um agravante para mim muito sério: no almoço das quartas-feiras a sobremesa era sorvete - de coco, de creme, de morango, de chocolate, de flocos, de damasco, de abacaxi, sorvete, sorvete, sorvete!!!

A vida estava tão simples que esse almoço de quarta-feira era o grande *happening* da semana. Era comum todo o pessoal dos barcos ancorados em Kieta se juntar e subir o morro até Panguna, sempre de carona, para o almoço. Depois de comer, era só gente deitada na grama acariciando a barriga cheia e gemendo de prazer. No resto da semana o almoço era mesmo pescado, de novo abundante perto dos recifes.

Se fomos bem recebidos no clube, freqüentado quase exclusivamente pelos estrangeiros que trabalhavam na mina, os nativos também nos trataram com gentileza, hospitalidade e um invariável sorriso. Aliás, no começo estranhamos, literalmente, o sorriso, pois grande parte deles tem a boca vermelha e os dentes amarelos. Isto se deve ao vício nacional de mascar um coquinho, chamado de *betelnut*, ou *areca catechu*. É um processo muito estranho: morde-se um pedaço do coquinho, coloca-se na boca uma pitada de um pó branco, que é a

folha moída de uma pimenteira (*piperbetel*), e umas gotas de limão. A partir daí é só ficar mascando que essa gororoba apimentada começa a ficar vermelha e a se avolumar na boca, pois um dos ingredientes tem o poder de aumentar a salivação. Depois de uns 15 minutos, o volume não cabe mais na boca do interessado, e a solução corriqueira acaba sendo uma cusparada que tem o poder de manchar de vermelho onde pegar. Um desavisado, chegando à Nova Guiné, pode imaginar que todo o país foi palco de uma sanguinolenta batalha, pois essas manchas vermelhas são onipresentes.

É muito boa política mascar o *betelnut* junto com os locais: faz-se uma espécie de amizade instantânea. Na boca o gosto é amargo, mas o coração fica contente. Amigo é sempre bom.

Um dia, morgando na varanda do clube, vi chegar um barco muito velho, de velas escuras e casco de madeira surrado.

- Não é possível, parece com o *Boy Willie* ou o *Dou Dou Diop*.

Apertei a vista e, quando ele se aproximou, não tive dúvida: era o *Boy Willie*. Pulei no caíque e parti a seu encontro. A surpresa foi ainda maior do que apenas reencontrar o *Boy Willie*, pois junto com o Erik, com quem eu fizera amizade em Fiji, estava Silvie, que eu não conhecia, mas era irmã de outro bom amigo, o Vincent, aquele que havia perdido seu barco, o *Julio Grande*, em Souwaroff. Passamos juntos algumas semanas, andando pela ilha, colocando o papo em dia, pescando e preparando o *Boy Willie* para uma pretendida viagem ao Japão, onde o Erik esperava ganhar uma grana, pois ambos estavam mais duros que pau de aroeira. O Barry, da mina de cobre, até arranjou para o Erik tocar violão uma noite no clube de Panguna. Ele tocava como ninguém e cantava como todo mundo. Deu para comprar mantimentos para a viagem.

O barco estava em mau estado, fazia muita água e tinha o estaiamento *quase* bom. Calafetamos o casco por dentro e, mergulhando, por fora. Para distribuir melhor os esforços no mastro principal, colocamos dois estais volantes[84].

- E as cartas [*náuticas*], Erik, você tem todas?

---

[84] Estais adicionais, móveis, que dão mais rigidez à armação do mastro.

- Bom, quase todas, faltam umas 300 milhas bem no meio do caminho e umas 50 milhas na chegada, no meio do arquipélago.

- Pô, e você vai assim mesmo, sem elas?

- Ué, vou, a não ser que você me consiga as cartas.

- Bem que eu gostaria, mas onde é que vou arrumar isso, neste fim de mundo?

- Pois é.

- E o que você vai fazer nesses trechos sem carta?

- *Just keep in the midlle, man, keep in the midlle*!

E assim eles se foram rumo ao Japão, com várias mil milhas pela proa; sem algumas cartas, com goteiras e vazamentos, um motor pouco católico, velas quase boas, estaiamento deixando um pouco a desejar, mas pelo menos com comida suficiente.

TÃO QUENTINHO, AQUI DENTRO

Entre dias de sol escaldante e alguns aguaceiros tropicais, a vida ia passando em compasso de espera pelo V-drive. Estava pronto, só faltava um rolamento, que tinha que vir da Austrália e insistia em não chegar.

A vida era tão fácil lá que, imagine só, até pensei em arranjar um emprego na mina. A combinação era perfeita: lugar lindo, clima bom, emprego com mordomia, salário elevado. Nada a reclamar, faltava apenas o óbvio detalhe: conseguir, efetivamente, o emprego. O Barry havia me garantido que era só uma questão de esperar alguns meses e eu fatalmente arrumaria uma vaga.

Ali é o lugar para onde muitos velejadores vão com a exclusiva finalidade de obter um emprego, atraídos pela fama - justificada, diga-se - dos excelentes salários. Assim é que os tripulantes dos barcos haviam já arranjado sua boca - carpinteiros, soldadores, mecânicos, todos ganhando muito bem. Mas o orgulho machista de muitos sofreu um golpe quando foi oferecido à Mo, a americana do veleiro *Turana* que era matemática, um emprego na central de computadores da

mina, com salário três vezes maior que todos os demais. Os australianos, especialmente, ficaram putos da vida: como é que a mulher podia ganhar mais que eles?

Acabei abandonando a idéia delirante do emprego quando vi o V-drive pronto e me pus a instalá-lo para cair na estrada de novo. Já tínhamos coceira no pé e o Vagau começava a criar craca em seu fundo. Ou seja, era hora de pensar em partir. Só que não saí incólume, peguei novamente malária. Tremor daqui, frio dali, suor pra todo lado. Mas, como macaco velho não se aperta, no mesmo dia tomei todas as pílulas a que tinha direito e já amanheci bom de novo.

Até que, com o barco abastecido e o motor funcionando, demos adeus a todos, mais uma vez deixando amigos em nossa esteira e um eterno agradecimento à Beth e ao Barry por tudo.

Nosso destino agora era Port Moresby, capital do país, que fica na ilha principal. De lá tínhamos a intenção de visitar as Highlands, deixando o Vagau ancorado e nos embrenhando no mato para mudar um pouco de cenário e, acima de tudo, para conhecer aquelas terras que pareciam ser as mais interessantes de toda a Nova Guiné. Nosso caminho era longo até Port Moresby. Seria preciso descer a costa leste de Bougainville e passar pelo sul, um emaranhado de ilhas e recifes envolvidos por águas rápidas. Já havíamos experimentado isso na vinda das Solomon. Uma vez superado esse trecho, seguiríamos no rumo oeste-sudoeste, atravessando o Mar Solomon, que separa geograficamente as Solomon de PNG, passando então pelas Ilhas Marshall Bennett, depois pelas Ilhas D'Entrecasteaux, para aí nos dirigirmos ao extremo sul da ilha principal através do Estreito da China. A partir desse ponto, subiríamos a costa da ilha principal até Port Moresby.

Descemos o litoral de Boungainville por dentro dos recifes, que formam uma barreira de coral que, em dimensões bem menores, repete a da Austrália. No primeiro dia andamos apenas 10 milhas, contemplando cenário exuberante, com altas montanhas descendo até a costa, formada por grandes praias sublinhadas por coqueirais. Ancoramos nas ilhotas abrigadas do mar de fora pelos recifes que a circundam e formam uma pequena baía do lado de dentro.

Água absolutamente cristalina e incontáveis cardumes de peixe estavam sob o Vagau. Toda vez que mergulhávamos em um lugar desses, ficávamos até sem jeito de pescar, tamanha era a quantidade disponível. É covardia, é fechar o olho e apertar o gatilho que alguma coisa sai espetada no arpão. Fora isso, os olhos são presenteados com uma visão deslumbrante, multicolorida, cheia de vida e mistérios. É sempre um mundo diferente que se renova a cada mergulho, a cada toca em que se entra, a cada formação de coral que se vê. Nas Zeune, o escolhido foi um xaréu, com seus 2 quilos, peso ideal para um peixe atender ao paladar.

Íamos só pernoitar em Zeune, mas estava tão bom que ficamos mais dois dias. Melhor que bom tempo é ter muito tempo. O sol se escondeu e as estrelas piscaram todas para nós.

Mais 10 milhas e estávamos no sul de Bougainville. A natureza, com seus humores próprios, soprou em nossa cara um vento de uns 40 nós, um sustaço para quem vinha com 10 nós pela popa.

Logo ao sul da ilha há um arquipélago. A ilha mais próxima é Ovau, formando um estreito entre ela e Bougainville, a Entrada Leste. Logo que enfiamos o nariz na Entrada Leste esse vento forte nos pegou pela proa. Pretendíamos atravessar o estreito e seguir para a Ilha Shortland, a última antes do Mar Solomon. Mais do que entrar o vento, vimos à nossa proa, agora à luz do dia, as tais *cachoeiras* que nos haviam impressionado no estreito de Bougainville. Sem dúvida era vento contra corrente - corrente que estava nos levando novamente de encontro a essas ondas. Como quem tem, tem medo, rapidinho demos um bordo e rumamos para outro estreito, entre Ovau e outra ilha, a de Fauro, na esperança de encontrar águas mais amigas.

Não chegou a ser aquele padrão piscina, mas deu para encarar numa boa. Logo após o estreito havia uma pequena ilha, Asie, bem próxima de Fauro, que parecia fornecer um bom abrigo para aquele vento incômodo. Nossa carta de escala, não apropriada, mostrava apenas um borrão ao lado de Fauro, com o que parecia ser uma série de recifes à sua volta. Desvia daqui, vira dali, segura o barco, encontramos um refúgio apropriado. Bem no meio dos recifes, ancorados em poucos metros de água, agora debaixo de chuva, víamos o vento

soprar com toda a violência lá por cima das árvores da ilha. Ali estávamos na calmaria, a sotavento da ilha, longe das correntes *cachoeirais*, do vento mau humorado e dentro da cabine, abrigados da chuva.

Deixa chover, aqui tá tão bom, tão quentinho, até o Vagau está dando seu gemido aprovador. Quando a vida está boa, a chuva é tão boa quanto o sol, a calmaria e a tempestade se confundem.

Tão quentinho, aqui dentro.

Mais uma vez, nosso pernoite tornou-se uma estadia mais longa, pois de novo tínhamos ótima pescaria e, além disso, encontramos, bem ali ao lado do Vagau, conchas gigantes, do tipo que havíamos visto na Austrália. As maiores chegavam, seguramente, a mais de 1,5 metro de diâmetro. É bonito mergulhar e ficar a observá-las, com aquela imensa massa colorida de carne respirando através de suas ventosas. Quantos anos para se criar um bicho daqueles? Para mim, que sou leigo, com certeza centenas. Que bonito é o fundo do mar! Só lá a paz parece ser perene. Lá em cima, lá fora, ainda soprava o vento de 40 nós. Aqui embaixo, a paz e o silêncio eram idênticos aos de um dia de calmaria.

O fundo do mar é como se fosse a água com mais sabedoria, que não se agita, nem se inquieta por qualquer coisa. É serena e tranqüila dentro de seu volume imensurável. Já a água da superfície parece o jovem arisco e afoito, que se excita e se mexe por qualquer coisa, inconstante, endiabrado, irresponsável, que cria onda e confusão, que não pode ver calmaria sem querer virar marola, que não resiste a tempestade querendo se acalmar. O casamento das duas, é claro, traz a perfeição.

Saindo do mar também tínhamos uma visão diferente do cenário, pois as ilhas que nos circundavam eram montanhosas e cobertas de árvores e, como estávamos em lugar muito abrigado, só víamos vegetação à nossa volta. Parecia que o Vagau estava ancorado dentro de um lago, um contraste belíssimo com nossa última ancoragem, que logo a partir do barco mostrava a imensidão do oceano.

Estar num barco, no mar, de alguma forma é sempre assim: sempre surgem contrastes, novidades que tornam a vida intensa, rica.

Mas o bonito de tudo isso é viver dentro dessa riqueza mutante e sempre presente estando em paz consigo mesmo. É difícil descrever essa sensação de a vida ser intensa e, ao mesmo tempo, tranqüila.

TÔ COM O VAGAU, TÔ COM DEUS

De Asie fomos para Shortland, uma ilha enorme quando comparada com as próximas. Passamos por várias pequenas ilhas e recifes, com alguns nomes que valem a pena ser registrados: recife Papautameasina, ilhas Aiaisina, Mania, Kukuvulu. Ancoramos no povoado de Korovou, cujo porto é abrigado por pequenas ilhas que o circundam.

A cena infelizmente era desoladora, pois a Ilha de Shortland, um dia inteiramente coberta de floresta tropical, com árvores centenárias, pura madeira de lei, estava sendo devastada por uma companhia japonesa. Um navio ancorado na baía carregava aquelas toras imensas. Pretendíamos nos demorar ali, mas acabamos só pernoitando. A sentidos que estavam acostumados a ver mata virgem, sentir cheiro de ar puro e mergulhar em águas não poluídas coube o calado protesto de ir embora.

Quando Shortland desapareceu em nossa popa já estávamos aproados para nosso próximo destino, a 250 milhas dali: as Marshall Bennett, um pequeno arquipélago formado por quatro pequenas ilhas, onde somente iríamos passar.

Seguiram-se dias encobertos, de difícil navegação, com vento fraco variando constantemente de intensidade e direção. Nosso rumo desde Shortland era oeste-sudoeste e seria o mesmo até nossa ancoragem, provavelmente na Ilha de Sanaroa, parte do arquipélago D'Entrecastreaux. Agora no rumo sul eram águas abertas, somente para o norte tínhamos recifes à vontade. Quarenta milhas de recifes.

O vento novamente fraquejou e o Vagau apenas se deslocava pela água. Ainda não seria naquele dia que chegaríamos. De novo surgiu a preocupação com a corrente. Ali ela se chama Corrente Subtropical Sul, e uma notinha no pé da carta nos confidenciava: “normalmente vai para oeste, podendo alcançar até 2 nós, outras vezes dirige-

se para sudeste, também até 2 nós, e outras vezes dirige-se a noroeste, alcançando até 1,5 nó". Bela informação! Seria mais fácil ela dizer: "Cuidado, a corrente pode ir para qualquer lado a uns 2 nós".

Não faz mal, está tudo bem, hoje há um céu estrelado, a brisa, embora pouca, sopra, o mar está liso e, acima de tudo, o Vagau tem um faro perdigueiro para achar recifes e ilhas que se escondem covardemente na escuridão. Não é qualquer correntinha que vai tapear o Vagau. Pra quem já passou em mar de cachoeira, correntada e mar liso, é pudim na sobremesa. Se tô com o Vagau, tô com Deus. Vagau navega reto por correntes tortas. Vai, Vagau, vai maneiro, que eu estou sabendo que é moleza pra você. E eu? Ora, eu estou com você, com você eu não tenho medo, com você eu vou à lua.

O dia amanheceu limpo como a noite e à frente, no horizonte, já se via a grande massa de terra que as ilhas formavam. Às 8 da manhã estávamos a umas 20 milhas de Sanaroa e conforme nos aproximávamos víamos recifes ao longe, com o mar quebrando sobre eles. Nosso caminho se afunilava com os recifes: quanto mais pra frente andávamos, mais perto eles chegavam.

- Pinto, Pinto, recife à proa.

- Onde?

- Ali.

Lá estava ele, com suas garras voltadas para o Vagau, a uns 200 metros de distância. Foi suficiente dar uma arribada. Escrevo na carta: "Recife 5 milhas a SE de sua posição cartografada", pois então eu sabia exatamente minha posição, pelo sol e por marcações em terra dos picos mais altos de Fergusson e Normanby.

Que bonito é passar rente a um recife: se vê o fundo, peixes nadando, corais com suas milhões de formas. Essa mesma visão pode se tornar sinônimo de catástrofe para o marinheiro desatento.

No meio da tarde estávamos contornando a parte sul de Sanaroa, pretendendo nos abrigar em uma baía em forma de gancho que, segundo a carta, parecia ser um lugar propício. Contornamos a última ponta e a baía se abriu em nossa frente. A expectativa de uma tranqüila, confortável e conveniente ancoragem se desvaneceu quando vi-

mos que a baía nada mais era que um mar de recifes. Dali de onde estávamos não se via um ponto onde não houvesse um. Em alguns pontos aflorados, na maioria submersos, visíveis pela transparência da água. E aí?

E aí que continuar era perigoso: nós nos aproximaríamos do canal entre as duas grandes ilhas, Normanby e Fergusson, que mesmo de dia é difícil de ser negociado e, portanto não teríamos onde ancorar, pois ancorar à noite naquelas paragens seria insanidade. Não esquecendo que nossas cartas da área eram cópias xerox reduzidas do original e, assim, imprecisas e difíceis de ler. Ficamos com duas opções: permanecer ao largo da ilha, e logo pela manhã continuar nosso caminho, o que seria no mínimo desconfortável, pois um de nós teria que ficar acordado; ou então tentar entrar naquele labirinto que se apresentava em nossa proa.

Baixamos as velas, ligamos o motor e devagarzinho fomos entrando, a Cindy pendurada lá no púlpito de proa[85] e eu timoneando.

- A boreste, não, não, agora em frente. Devagar! Devagar, eu disse! Agora a bombordo, agora a boreste. Ré, ré, ré. Cuidado, vai bater! Ups, passou esse por pouco, agora a boreste ...

Assim, ziguezagueando, fomos adentrando a baía, até que achamos uma área onde o recife mergulhava um pouco na água, permitindo ao calado do Vagau passar sobre ele. Antes de ancorarmos, a Cindy foi ao timão e eu mergulhei para conferir o fundo. O 1,70 metro do Vagau quase raspava o fundo, justo o suficiente. Para completar a cena, um curioso tubarão cinza veio me olhar. Conferi também se havia espaço suficiente para o Vagau fazer 360 graus em torno da âncora. Acertamos a posição do barco e jogamos a âncora. Lá embaixo, enrolei a corrente num cabeço de coral. Dali o Vagau não saía.

Não ficamos mais que uma noite por lá, pois o perigo é, com um mau tempo, as ondas entrarem na baía. Aí iria ser complicado se safar. Foi com um certo alívio que vimos aqueles recifes pela popa.

---

[85] Prolongamento da balaustrada (guarda-mancebo) na proa para permitir o acesso ao bico de proa, facilitando os trabalhos de lançamento e recolhimento da âncora.

O canal entre Normanby e Fergusson era menos complicado, mas ainda cheio de recifes, impondo alguns vaivéns para atravessá-lo. Pescamos uma barracuda, que imediatamente virou sashimi. Aquelas águas são tão fartas que a barracuda foi apanhada simplesmente com um pedaço de papel alumínio preso ao anzol.

Naquela noite dormimos em Paipainina, um minúsculo e gracioso saco no extremo norte de Normanby, com uma pequena praia e coqueiros esparsos. O resto da costa era cheio de árvores frondosas que vinham até a beira da água, a floresta tropical em toda a sua pujança. A entrada de Paipainina, além de diminuta, era quase bloqueada pelos recifes, que mal permitiam uma passagem para o barco. Mais abrigado impossível, mais aconchegante, quase impossível.

À noite, uma fogueira na praia, para assar o restante da barracuda, deitar na areia e olhar o céu cheio de estrelas. Se eu baixava um pouco a vista, enxergava o Vagau ancorado sereno, satisfeito de estar em porto tão abrigado, tendo uma baía inteira só para si. Ele, como qualquer um de nós, também gosta de ter seus momentos solitários, de reflexão, digerindo todas as milhas que passaram sob seu casco, sonhando com os novos mares que ainda iria conhecer.

- Descansa aí, Vagau, hoje nós vamos ficar em terra, sentindo um pouco do cheiro do mato, dormindo no frio da areia, protegidos por esse céu de estrelas. Fique aí, Vagau, converse com suas escotas, troque uma idéia com suas velas, dê uma dura nesse motor que vive encrencando e, acima de tudo, tenha sua noite de paz, que esse lugar está muito bonito e precisa ser aproveitado a cada segundo. Descanse bem, meu amigo.

BUSTO NU E SAIOTES DE PALMEIRA

No dia seguinte descemos a costa oeste de Normanby com destino a East Cape, que é o extremo leste da ilha de Nova Guiné. Ultrapassado este cabo, entra-se na Baía de Milne. Lá do outro lado está o Estreito da China que seria nossa última parada antes de Port Moresby.

Navegamos com uma leve brisa de popa, usando, além da mestra, balão e *blooper*[86]. Como fica lindo o Vagau com essas velas em cima! Elegante, charmoso, irresistível. Se de dentro do barco eu via essa beleza, imagine só aquele pescador naquela canoa passando ao lado, que visão ele deve ter tido, vendo essas velas coloridas adriçadas, com o sol na contraluz brincando atrás delas. Ao fundo, os contornos de Normanby marcando o céu e, embaixo, um mar pra deixar qualquer almirante relaxado. Colírio para qualquer olho. Dá pra cobrar ingresso.

Ancoramos em frente a uma pequena vila que existe em East Cape. Como invariavelmente acontece, você é sempre bem recebido nesses lugares. Para as pessoas, o viajante é sempre uma novidade e, dependendo do quão remota seja a vila, seu barco adquire contornos de disco voador e você de um ser extraterrestre. Só por ser novidade você já é bem tratado e recebe muita atenção. Seria injusto, porém, atribuir a recepção só a isso. Na verdade, a principal razão para esses bons tratos é que o povo é simpático, amigo e de bom coração.

Em East Cape, ao contrário da regra geral, não éramos extraterrestres, pois tanto ali como Samarai, já no Estreito da China, são locais de passagem obrigatória para quem vai da costa leste para oeste da ilha principal e vice-versa - e, portanto, pontos movimentados. Assim mesmo tivemos uma recepção simpática. Foi a primeira vila que conhecemos na qual as mulheres andavam de busto nu e saiote feito de folhas de palmeira. Todas as casas eram também de folha, o que dava um ar muito especial ao local – uma vila muito limpa, que parecia sempre recém-varrida.

Ficamos vários dias ancorados. A pesca era estupenda e a vila ao lado nos permitia passar boa parte do dia pescando, pois sempre havia gente para quem dar peixe. Lá foi o lugar onde vi maior número de peixes-leão, ao mesmo tempo lindos e altamente venenosos. São listrados verticalmente de vermelho, preto e branco, com formato semelhante ao de uma garoupa e nadadeiras extremamente desenvolvidas. A dorsal, por exemplo, é maior que a própria altura do peixe, e as

---

[86] Vela de proa que se arma pelo lado do costado, entre a proa e o mastro de vante.

peitorais quase do seu comprimento. Basta tocá-las para que você seja envenenado, sofrendo de dores fortíssimas e vômitos. A natureza é sempre sabia e provê cada animal com sua forma de defesa e ataque visando a subsistência. O peixe-leão, sendo assim venenoso e portanto muito bem protegido de qualquer ataque, nada mal e jamais se esconde estando sempre à vista para quem quiser apreciá-lo. Já a garoupa, por exemplo, se protege escondendo-se em tocas e tem uma incrível capacidade de mudar de cor, camuflando-se e confundindo-se com a rocha. Em curtas distâncias, ela nada com muita velocidade para fugir do inimigo e se entocar.

Cada peixe se protege de uma forma e é mais ou menos dotado de algumas funções, sempre relacionadas à sua necessidade de proteção. Um mero, devorador de peixes e crustáceos, abre sua boca e deixa pequeninos peixes virem comer sobras de refeição entre seus dentes. Esses peixinhos se protegem, se abrigam justamente no que, para outros, é a porta de entrada da morte.

O tubarão, que raramente pára ou descansa numa toca, é um exímio nadador, agressivo, que não necessita de camuflagem ou esconderijos e sempre enfrenta o perigo de frente. Para o tubarão, encarar tamanho não é problema. Mas duvido que mesmo ele algum dia tenha se aproximado do peixe-leão, mau nadador que está sempre na vitrine. Tudo é muito equilibrado, muito bem feito no mar.

Saímos numa manhã de sol radiante rumo ao Estreito da China. Para chegar lá, era preciso atravessar toda a Baía Milne, o que dava umas 25 milhas. Estaríamos então na entrada do Estreito da China, que conduz a uma baía onde se encontra a Ilha Samarai, antigamente o grande centro de comércio da região.

O Estreito foi batizado com esse nome em 1873, quando o capitão John Moresby, ao descobrir esta passagem, entendeu tratar-se do caminho mais curto entre Sidney, na Austrália, e a China. Quanto a ser mais curto, sem dúvida ele tinha razão. A conveniência de sua utilização, entretanto, foi logo contestada, pois a partir dali era muito difícil para navios continuar sua rota rumo à Ásia. A prova disso foi a dificuldade que tivemos para chegar até lá num veleiro de 10,5 metros

e com motor. Imagine um *clipper* passando por East Cape com aquela corrente!

Chegamos à entrada do estreito no fim da tarde. A corrente de maré ali atinge, em seu pico, 6 nós, o que torna praticamente impossível navegar contra ela. O Vagau, por exemplo, fazia no máximo os mesmos 6 nós com o motor. O mais que conseguia, portanto, era manter-se parado, sem sair do lugar. E, apesar da torcida por uma corrente favorável, quando nos aproximamos da entrada já sentimos que ela era contrária e forte. O vento era nulo, e portanto ficar à capa era inviável. Por outro lado, não existia local abrigado para ancorar, além do que as grandes profundidades tornariam, em todo caso, muito trabalhosa uma ancoragem. Uma opção para se esperar estofa da maré era simplesmente ficar à deriva, com o que seríamos jogados de volta para a baía. O risco era que a escuridão da noite não nos permitiria saber exatamente para onde nos dirigiríamos, e havia muitos recifes nas proximidades. Esta possibilidade foi descartada.

Outra alternativa seria manter a máquina ligada e o barco em posição, aguardando o momento certo. Parecia a mais indicada. Mas ponderamos que ficar ali parados com o motor girando era menos inteligente. Já que o motor estava funcionando, valia tentar atravessar o estreito, que em sua parte mais crítica tinha somente 3 milhas de comprimento.

Assim foi que, muito devagar, fomos entrando no canal. Nossa velocidade em relação ao fundo, se muito, era de 1,5 nó. A entrada do estreito era formada pela ilha principal e a pequena Ilha Igwali d'Oeste, por onde passamos muito, muito devagar. Depois desta ilha chega-se a outra, de grande porte, a Ilha Sariba. Estávamos já a quase dois terços do caminho mais crítico quando o motor, meu bendito motor, deu uma rateada, uma tossidinha, eu diria, com o perdão da palavra, um último peido - e morreu. Naquele instante percebi que a culpa dessa vez não era dele e sim minha, pois o que tinha acontecido é que o diesel havia terminado. Eu, distraído que sempre fui, esquecera de abastecer o Vagau em Kieta. Coisas da vida. Por precaução (já disse, quem tem, tem medo), antes de entrar no estreito nós havíamos colocado o caíque na água já com motor e tudo. Foi a salvação.

Voando, pulei no caíque, que amarramos no Vagau costado a costado, e em segundos já estávamos rebocando o barco. A corrente, já mais fraca, permitia o reboque com o caique.

- Ufa, que alívio, Pekinini.

- Nem fale, mais um minuto e estaríamos nas pedras.

- Pois é.

Tuf, tuf, tuf - e acabou também a gasolina do caíque. Desgraça pouca é bobagem, não é mesmo?

Havia uma brisa, uma aragem quase imperceptível. Rapidamente subimos duas velas, a genoa 1 e a mestra, pois era a última opção. Fora isso, só ancorar. E a Mamãe Natureza, que nunca me deixou na mão, não ia ser nesse aperto que ia mancar com a gente. Como que por mágica, o vento aumentou e começamos a deslizar na água.

- Upa, upa, Vagau, passou o sufoco.

- Seu irresponsável idiota, entrar num estreito, sem vento, contra corrente, sem diesel e sem gasolina. Grande marinheiro você é.

- Pera aí, meu irmão, eu só esqueci de colocar o diesel. Não fosse isso, teria sido tudo numa boa.

- Pimenta no cu dos outros é refresco, quem ia pras pedras era eu.

- Que pedra, que pedra, meu irmão, olha só você navegando "qual cisne branco em noite de lua".

- Sem gozação, hein? Mas até que você foi espertinho colocando o caíque do lado e subindo as velas.

- Sem piada também, olha aí: já vamos ancorar.

Estávamos em frente a Samarai, que já tinha cara de cidade, de porto. Velejamos entre alguns barcos e jogamos o ferro. Depois dos sustos, foi muito bom colocar a cabeça no travesseiro e dormir.

AS COMOVENTES BOAS INTENÇÕES DOS DESCOBRIDORES

Samarai é uma ilha quase redonda, com meia milha de diâmetro e, por curioso que seja, superpovoada: toda terra disponível ao alcance da vista nas ilhas vizinhas e na ilha principal estava ocupada. A

explicação: no século passado este foi o principal entreposto comercial do sudeste da Nova Guiné.

Aliás, o primeiro nome da ilha foi Ilha do Jantar, dado pelo mesmo Capitão Moresby. Imagina-se que ele tenha batizado a ilha lá pelas 9 da noite, ao se levantar da mesa, entre um arroto e ruídos corporais ainda menos elegantes. É uma maneira interessante de homenagear um lugar, mas Samarai não tinha nada de interessante para nos mostrar, a não ser uma cidade em franca decadência, pois o principal porto da área havia sido transferido para Alotau, na ilha principal. Além de reabastecermos o barco de comida e água obviamente, desta vez, enchemos os tanques de diesel e gasolina.

Partimos rumo a Port Moresby, a 250 milhas de Samarai, subindo a costa da ilha principal da Nova Guiné. Normalmente naquela época do ano, abril, deveríamos encontrar ventos contrários, uma perspectiva sempre desagradável. Além do mais, ao longo de todo o litoral da ilha principal há uma barreira de coral a ser evitada.

Para sair daquela área ainda é preciso contornar algumas ilhas e transpor essa barreira de coral, que lá é submersa, e subir a costa. Um vento leste nos levou facilmente através das ilhas e em poucas horas estávamos fora da barreira, em nosso rumo. Deixamos para trás Samarai e o vasto arquipélago Louisiade, nome em homenagem ao navegador Luiz Vaz de Torres, o primeiro europeu a velejar na região, no início do século XVII. Eu tinha muita vontade de ir para lá. Esse emaranhado de atóis e ilhas montanhosas parecia ser um lugar fabuloso, tanto no aspecto visual como no da cultura, ainda com muito pouco contacto com a civilização ocidental e produto de uma mescla da etnia melanésia com asiáticos - o que, além de tudo, formava um tipo físico original. É também onde se encontram os mais diversos tipos de canoas e catamarãs.

Mas no mar as leis da natureza devem ser respeitadas e, como pretendíamos atravessar o Índico aquele ano, tínhamos com os humores do vento o compromisso de estar na África em novembro, sob o risco de encontrarmos um furacão no meio do mar, prato indigesto para qualquer estômago. Com isso tivemos que optar entre conhecer as Highlands, a região montanhosa da ilha principal da Nova Guiné -

que foi o que fizemos - ou conhecer as Lousiade. É claro que acabou sendo bom, pois iríamos ver muita coisa nova naquelas montanhas e também, para variar, nós, que vivíamos no mar, estaríamos um pouco em terra. Mas mais tarde acabei me recriminando por não termos tomado a decisão mais acertada. O certo era conhecer os dois lugares, ficar mais um ano. Se estava tão bom, por que não ficar um ou mais anos?

Para navegadores *- A sorte naquele dia, contudo, estava conosco, pois em vez do vento oeste-noroeste esperado, que viria exatamente pela proa, estávamos tendo um leste-sudeste, ou seja, popa rasa. Estávamos atentos ao nosso rumo de maneira especial para evitar o risco de sermos estraçalhados em cima de um dos recifes da parede que se interpunha entre nós e a terra. Para manter o rumo sem possibilidade de desvio, colocamos para funcionar o leme de vento, nosso velho e bom* mate*, junto com o piloto automático. Os dois trabalhando em conjunto formaram uma dupla excelente: impecáveis, precisos, incansáveis. A bússola parecia ter-se quebrado, pois simplesmente não se mexia, tal a precisão da dupla, e isso num mar com ondas respeitáveis e um vento soprando lá seus 25 nós.*

Estávamos muito excitados pela perspectiva de irmos as Highlands, já que, por tudo o que sabíamos, o lugar havia de ser único. Lá prevaleceria a diversividade de que falei, mesclando-se todo tipo de costumes, cores, raças. Houve diversidade também no período colonial. Por lá passaram portugueses, espanhóis, alemães, holandeses, ingleses e australianos.

Foi um português, Jorge Meneses, no século XVI, o primeiro europeu a pisar no lado noroeste da ilha principal. Por muito tempo, foi esse o único contacto branco com a ilha. Só por volta de 1660 os holandeses, que já possuíam as Índias Orientais Holandesas, a Indonésia de hoje, fonte de grandes lucros em especiarias - cravo, canela, noz-moscada, pimenta - voltaram suas atenções para a Nova Guiné. Sempre atrás de negócios, eles já haviam feito trocas com tribos costeiras, interessados especialmente nas penas das aves-do-paraíso, que na época deveriam ter um valor inestimável.

Eles conquistaram a Nova Guiné do jeito mais esperto de toda a história dos descobrimentos e conquistas. Foi simples: reconheceram que o sultão de Tidor tinha soberania sobre a Ilha da Nova Guiné. E aí? E aí que eles, holandeses, dominavam Tidor há muito tempo. Ou seja, de tabela conquistaram a Nova Guiné, sem sequer se dar ao trabalho de ir lá. Quanto mais se lê a História, mais se verifica como são comoventes as boas intenções dos descobridores...

Esse truque dos holandeses, acredite ou não, deu certo por mais de 100 anos. Só no fim do século XVIII os ingleses, que também tinham suas Índias Orientais, resolveram por decreto encampar a ilha toda. Os holandeses, que não eram trouxas e já haviam dado o mesmo golpe, só que 100 anos antes, não concordaram. Até que em 1828 ambas as partes chegaram a um acordo dividindo a ilha no meio. O que ficava a leste seria inglês, e o que ficava a oeste holandês, passando a se chamar Dutch New Guinea. Pode parecer incrível, mas essa situação prevaleceu até 1962, quando os holandeses transferiram a soberania da área que controlavam para sua ex-colônia Indonésia, que mudou o nome para o que ainda é hoje: Irian Jaya.

A história da outra metade da ilha foi mais divertida. Os ingleses demoraram um tempão para efetivamente tomar posse da terra. Em 1884 anunciaram a intenção de fazê-lo, mas rapidinho pintou outro país na parada, a Alemanha, que desceu na ilha e fincou uma bandeira na costa nordeste. Os ingleses acabaram abarcando o que sobrou. Acerta daqui, conversa dali e as potências européias chegaram a um acordo. A Holanda ficava com sua metade, o lado oeste da ilha da Nova Guiné, e com isso protegia suas Indias Orientais; a Inglaterra ficava com o quarto de sudeste, tendo em vista a proteção da Austrália (na verdade não tomaram propriamente posse, só estavam lá para que nenhum outro aventureiro lançasse mão da terra); e a Alemanha ficou com a parte nordeste, ocupando as ilhas de New Britain e New Ireland.

O curioso dessa história é que os alemães que tomaram posse não eram representantes do governo, mas uma companhia visando lucro: a New Guinea Kompagnie. Os europeus, como se sabe, eram tão

folgados na época que bastava verem uma ilha para cravar sua bandeira e dizer que a terra era deles, convenientemente se esquecendo de que nesse local vivia um povo, com sua cultura e seus hábitos e que, acima de tudo, tinha direitos sobre a terra. Mas por que se preocupar com isso? Afinal, eram só índios, papuas, bons mesmo para ser escravos.

Mas o mundo dá volta e a Kompagnie em quinze anos estava arruinada, comida pelos mosquitos, pela falta de cooperação dos nativos (que volta e meia devoravam um alemãozinho de sobremesa) e, principalmente, por não terem encontrado nada de especialmente lucrativo por lá.

Os ingleses até que cuidavam bem de seu pedaço, tentando conhecer o interior do país e travar contacto com suas diversas culturas. Talvez a vantagem da colonização inglesa – se é que se pode falar assim - tenha sido o fato de que eles foram para lá com o objetivo principal de apenas ocupar o lugar para que ninguém mais o reivindicasse. Com isso, imagino eu, não exploraram os nativos, não foram destruidores de sua cultura, como fizeram em outras partes.

Em 1906 a British New Guinea passou às mãos da recém-independente Austrália, e mudou de nome para Papua. Depois da Primeira Guerra Mundial, como os alemães entraram pelo cano mais uma vez, o quarto pertencente a eles integrou-se oficialmente à Austrália, que ficou proprietária da Papua e da Nova Guiné.

Na Segunda Guerra Mundial, a Nova Guiné, tal como as Ilhas Solomon, foi palco de muitas batalhas. Com exceção de Port Moresby, a capital da Papua, os japoneses conseguiram dominar praticamente toda a Nova Guiné, que foi recuperada pela Austrália só mesmo no fim da guerra. Os australianos uniram oficialmente os dois quartos e pela primeira vez aquele canto do mundo passou a ser chamado de Território da Papua e Nova Guiné. Dali em diante, a Austrália foi aos poucos concedendo autonomia aos territórios e oferecendo (não muita) educação ao povo, até que houve uma transferência absolutamente pacífica da soberania e do poder para os próprios habitantes da ilha, em 1975. Este foi o ano da independência, e o país passou a ser chamado de Papua-Nova Guiné.

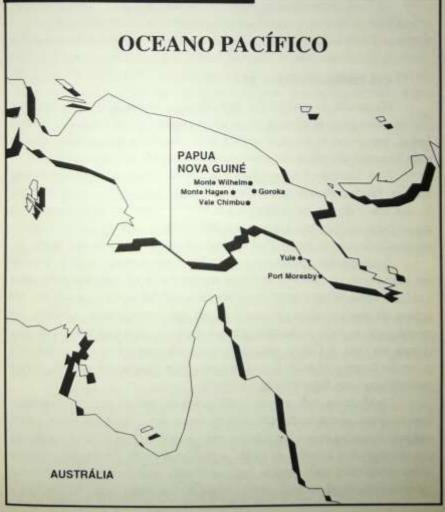
Capítulo 13

Nova Guiné – Highlands: Muitos mundos num lugar só

OCEANO PACÍFICO

PAPUA
NOVA GUINÉ

Monte Wilhelm
Monte Hagen
Goroka
Vale Chimbu
Yule
Port Moresby

AUSTRÁLIA

13 Nova Guiné – Highlands: Muitos mundos num lugar só

ATÉ TROMBADINHAS NA RUA

Na manhã do terceiro dia, Port Moresby estava a apenas poucas milhas de nossa proa. Havíamos cumprido o percurso desde Samarai, a Ilha do Jantar, em apenas 44 horas, o que foi muito festejado, pois o vento soprou todo o tempo pela popa, livrando-nos do desconforto de um contravento.

Port Moresby é uma cidade à ocidental – com ruas movimentadas, prédios, favelas, muitas cusparadas de *betelnut* pelo chão, uma população branca maior do que eu imaginava - e, bem ao contrário do que ocorre na maior parte do país, um lugar seco e poeirento. A cidade é também muito espalhada, ficando às vezes difícil a locomoção para quem não tem carro.

À semelhança do que se deu com São Paulo e outras cidades brasileiras, muita gente do campo e de outras regiões acorreu a Moresby para tentar a vida. E, como sempre acontece nesses casos, não havia lugar para todos. Os índices de desemprego e de criminalidade, em conseqüência, subiram. De minha parte, quando soube que na cidade havia até trombadinhas, já me senti mais em casa. A Cindy, mais desacostumada com a aventurosa vida dos países do Terceiro Mundo, ficou mais ressabiada. Engraçado: para ela era até *exciting* estar num lugar *wild* como aquele.

De Moresby, vale a pena ressaltar dois lugares. O primeiro é o National Museum, que além de ficar num prédio de arquitetura belíssima, misturando o moderno com a tradição, possui um acervo fantástico de máscaras, totens, utensílios e armas de todas as regiões do país. Percorrê-lo é quase como entrar num túnel mágico, onde se vê toda sorte de figuras, tipos assustadores. Imperdível. Completando a visita, há um outro local, Village Arts - uma espécie de galeria de arte - onde você pode comprar réplicas de tudo aquilo que viu no museu.

Ancoramos diante do Royal Papua Yacht Club, que possui uma piscina[87]. Depois de dois dias de muita conversa, conseguimos um lugar para o Vagau dentro da piscina. Era absolutamente necessário atracá-lo lá dentro, primeiro porque fora ele estaria somente ancorado, e mais uma vez em águas profundas. Além disso, ficaria sozinho, pois íamos viajar. Nessa época do ano descem do morro os *gubas*, ventos fortíssimos que, de acordo com a informação local, podem sem problemas arrastar qualquer âncora. Além disso, sozinho lá fora, o Vagau seria um prato cheio para ser assaltado.

Assim, depois de atracado na piscina, limpei o convés do barco, tirei até a retranca e o timão, botando tudo pra dentro. E nunca amarrei tanto o Vagau, era cabo pra todo lado. Apesar de todas as amarras, de todos os cuidados, meu coração sofria por ter que deixá-lo. Seria a primeira vez que ele ficaria só. Havia o receio por qualquer incidente, mas acima de tudo o que incomodava era o sentimento da separação.

- Fica aí numa boa, Vagau, logo, logo a gente tá de volta.

- Quanto tempo?

- Sei lá, meu, uns quinze dias.

- É nessas tal de Highlands que vocês vão, não é?

- É isso aí, diz que é um lugar bonito.

- Mais que as Lousiade?

- Ah, sei lá, Vagau, você sabe que eu queria ir pra lá. Mas uns diazinhos longe também não vão matar ninguém, não é mesmo?

- É verdade. Divirtam-se, vai ser bom um tempo de descanso.

- Falou, tchau.

- Tchau.

Com nossas mochilas carregadas, saímos do barco. Já nos esperavam no espigão a Mo e o Kevin, o casal americano do *Turana*, que tinham vindo passar uns dias em Moresby. Sua carona providencial nos deixou no aeroporto às 6 horas da manhã. Nosso destino era Lae, no lado norte da ilha.

---

[87] Local dragado de marina onde atracam barcos, protegidos do mar.

Dividindo a ilha em duas partes no sentido leste-oeste estão as Highlands. Essas montanhas, de tão escarpadas, até hoje não permitiram uma estrada de acesso ligando o norte com o sul. Ou se vai por mar ou se vai por ar. Por terra, só dando uma de alpinista. Por serem tão íngremes, tão altas, aparentemente tão inexpugnáveis, todos os colonizadores de alguma forma se esqueceram dessas montanhas, achando, pela falta de qualquer acesso, impossível ter gente lá em cima. Com o tempo, o fato de as Highlands não serem habitadas era tido como verdade plena. Foi o advento da aviação que permitiu desvendar o segredo encerrado naquelas montanhas misteriosas. Somente na década de 30 é que, por reconhecimento aéreo, descobriram que havia, sim, gente por lá – e como! A população estimada era da ordem de 1 *milhão* de pessoas. Foi realmente um susto, para um país que fizera seu primeiro contacto com o homem branco quase 500 anos antes.

Hoje já existe acesso de carro para as montanhas, mas a estrada sai de Lae, no litoral norte, que é para onde nos dirigíamos. Um pouco presunçosamente, essa estrada chama-se Highlands Highway, que de *highway*, iríamos constatar, só tinha o nome.

A viagem de avião em si já vale o passeio todo, pois o aparelho, pequeno, voa a baixa altitude e permite contemplar muito bem o cenário estupendo. Foi uma boa entrada para o banquete que comeríamos.

Como invariavelmente estávamos duros, nosso plano era seguir de Lae de carona e tentar dormir sempre de graça, para podermos comprar a passagem aérea de volta para Moresby. Logo na saída do aeroporto, com as mochilas nas costas e o polegar bem salivado, nos pusemos na estrada na usual pose. Em Moresby, no iate clube, todos os brancos nos desaconselharam a viajar daquela forma.

- Aluguem um carro e reservem hotel.

- Não saiam à noite.

- Não fiquem sozinhos na estrada.

- Eles são bárbaros, por um nada são capazes de degolá-los.

Graças a Deus não demos ouvidos a conselhos tão idiotas. Eu me lembrava sempre da afirmação do John, o meu amigo galês do *Truganini*, tão presente nestas memórias:

- The peasants are always nice. The dickheads are the police and the politicians. (Ao pé da letra, algo como "a plebe é sempre amiga, os cabeças de pica são sempre a polícia e os políticos".)

VIDA SELVAGEM COM CHARUTO E TUDO

Sábias palavras. Em alguns minutos parou um jipe, com uma moça branca nos dando carona. Mais que isso, nos levou pra casa e ainda ofereceu um chazinho. Biscoitos? Pois não! Ela foi a primeira branca a nos incentivar a viajar como pretendíamos, dizendo que era um prazer ver alguém percorrer a região de carona, pois esse era o jeito certo de fazê-lo. Morava lá com o marido, que trabalhava para o governo. Ainda fez a gentileza de nos deixar em local estratégico, perto da estrada, propício para uma eventual carona. Pretendíamos seguir para Kainantu, a primeira vila depois da subida das montanhas.

Logo parou uma pequena caminhonete.

- Yu long go long Kainantu?

- Yes, kamap, kamap.

Havia três crioulos na cabine e mais uma tropa atrás, na caçamba, e lá nós embarcamos. Éramos umas oito pessoas, umas três galinhas e um porquinho preso dentro de uma cesta. Era *cocorocó*, *oinc oinc* e nós tentando *talk talk Pidgin*.

A viagem era de uns 180 quilômetros, com paradas, eu diria a cada 10, pra subir mais uma pessoa, descer outra, pra bater papo, pra comprar uma fruta, pra tomar água e também pra fazer um xixi.

Anda-se uns 130 quilômetros numa vasta planície que eles chamam de Vale Markham, a partir do qual se sobe uma estrada extremamente inclinada, às vezes parecia que a perua ia cair para trás, e *sempre* parecia que ela ia cair no abismo ao lado. É interessante, pois depois de tanto tempo sem andar de carro (fora uma efêmera experiência em Kieta), você entra na caçamba de uma perua dessas e passa

um medo danado. Depois de muito ziguezague e só subidona, chegamos ao Kassin Pass, que seria o portão de entrada das Highlands, pois a partir dali você já está *em cima*. Mal chegamos e começou a cair o maior toró. Gentilmente um dos ocupantes da cabine cedeu lugar para a Cindy. Nós, o pessoal da geral, nos cobrimos com uma lona que tinha a propriedade de cheirar a porco, galinha, sovaco, chulé e poeira. Para um otimista, esta seria a lona *típica* da região.

Finalmente, depois de cinco horas de viagem, chegamos a Kainantu.

- Obrigado, muito gentil.

- De nada, foi um prazer, quatro *kina*[88] de cada um.

- Mas...

- É o preço.

Nós não sabíamos, mas tínhamos embarcado em um PMV (Public Motor Vehicle), a condução oficial de lá. Em suma, tínhamos acabado de andar em um ônibus da Nova Guiné. Pagando para aprender.

Onde se arranchar? Aí a Cindy viu uma placa apontando uma estrada e nela estava escrito Estação Experimental de Agricultura das Highlands - Aiyura Didiman.

- Vamos pra lá. É capaz da gente arrumar um lugar pra dormir.

É muito divertido você não ter onde ir e não saber onde ficar. E o melhor é não ter pressa nem de ir, nem de ficar.

- Claro, por que não? Vamos tentar.

E demos uma sorte danada, pois aí pegamos uma carona mesmo, que nos levou até lá. O que fica ao acaso é sempre mais gozado e muitas vezes sai até confortável. Foi o caso, pois nos cederam um chalé, com água à vontade no córrego ao lado, duas camas e um fogão a lenha, com lenha estocada. Nada mais conveniente, pois ao entardecer começou a esfriar.

Anoiteceu e alguém bateu em nossa porta.

---

[88] Unidade monetária local.

- Olá, meu nome é Brian Calcinari, sou neozelandês e moro aqui na estação. Vocês não gostariam de jantar na minha casa?

- Bom, *well*, é claro, é claro, muito gentil. Vamos já.

Para a primeira noite nas selvagens montanhas, não foi mal o jantar: salada, arroz, carne de primeira e vinho australiano, isso ao lado de uma acolhedora lareira, com o fogo crepitando. Seria imperdoável eu não dizer que após o jantar tomamos um conhaque na varanda, da qual se tinha uma vista deslumbrante de um vale enorme, e é importante lembrar que a lua crescente iluminava o vale e sua luz era refletida nas árvores próximas da casa. Com relação ao charuto que fumei vendo o luar, acho melhor nem tecer comentários.

A vida selvagem sempre me encantou.

A DOENÇA DO SORRISO MORTAL

Ficamos mais um dia andando pelas redondezas e partimos. PMV até Kainantu e de lá, no mercado, tomamos outro para o nosso próximo acampamento, Goroka.

Na caçamba, bem na minha frente, estava uma moça que ficou a viagem inteira olhando pra mim e sorrindo. No começo achei que ela tinha ido com a minha cara – vai saber? De repente, lá, para se passar uma conversa, basta dar um sorriso. Com o correr dos buracos e das curvas comecei a achar que ou a moça estava definitivamente apaixonada ou então estava gozando da minha cara. Com mais uma hora de chocalho e ainda com o sorriso, a conclusão é que ela estava ou com tesão absolutamente incontida, ou era uma grande tiradora de sarro. Aí um velhinho do meu lado falou:

- *Kuru, kuru.*

Obviamente aquilo soou tão claro como grego para mim. Resolvi contratacar e comecei a sorrir também. Me dei mal, o velho me deu um tranco e falou:

- *Kuru, kuru.*

Aí não entendi mais nada e resolvi olhar pro lado. Do canto de olho dava pra ver que ela ainda sorria. Virei de costas de uma vez,

de repente virava novamente, rápido, pra ela, e lá estava o sorriso. Olhei pra Cindy e falei:

- *Kuru.*

O velho me encarou com aprovação e repetiu:

- *Kuru.*

Até que chegamos a Goroka, a maior cidade das Highlands. É talvez o lugar que menos guardou as tradições locais, pois a cidade tem cara de cidade mesmo. Embora se veja uns caras de tanga, a maioria anda com roupa ocidental. Arranjamos um pernoite no escritório da companhia hidrelétrica, onde um senhor natural de lá mesmo, John Skin, foi muito atencioso e gentil.

- John, estou curioso pra saber o significado de uma palavra: *kuru*.

- Por que, alguém ficou sorrindo pra você?

- Ué, como é que você sabe?

- É uma doença. Quem riu pra você?

- Uma moça que veio de Kainantu conosco no PMV.

- Ela deve ser de Okapa, ao sul de Kainantu. Lá ocorre muito essa doença, que ataca o sistema nervoso e de alguma forma faz as pessoas ficarem com esse sorriso. O pior é que ela é uma pessoa condenada, eles morrem com esse sorriso na boca. Morrem cedo.

- Mas por que, de onde vem essa doença?

- Não se sabe ao certo, mas acredita-se que isso ocorra em função do canibalismo. Comer carne humana dá nisso, e ali foi o último lugar onde se baniu esse hábito, embora se diga que eles até hoje comem seus mortos. Deve ser por isso que continuam sorrindo e morrendo.

O escritório da companhia hidrelétrica era uma casa de três cômodos com algumas escrivaninhas. Colocamos nossos *sleeping bags* no chão, acendemos o fogareiro e tomamos uma sopa. Sopa sabor aventura.

Goroka era desinteressante, talvez por ter tido um contacto maior com os europeus. Queríamos ver algo mais típico, mais local. Por isso seguimos no dia seguinte, num confortável PMV, para Kundiawa, no Vale Chimbu.

Já no trajeto a paisagem começou a mudar, com as montanhas ficando mais íngremes e, com elas, a estrada. Quem não gostou foi nosso PMV, que ferveu. Dá um tempo, fuma um cigarrinho, vai até o córrego, traz água pro radiador e vamos lá de novo. Só até o próximo córrego, é claro: outro cigarro, mais água, dá um tempo e vamos lá de novo. Depois do quinto córrego chegamos ao tope, aí ladeira abaixo todo santo ajuda, ou quase, pois numa banguela ficou o escapamento que o nosso motorista, apesar de tudo, insistiu em levar, colocando na caçamba junto conosco. Na primeira tentativa queimou o dedo, pra deixar de ser besta.

O Vale Chimbu é o panorama mais bonito de todas as Highlands. As montanhas são dramaticamente escarpadas, a estrada passa por lugares inimagináveis, onde qualquer ateu sai rezando, de tanto medo que passa. O interessante era ver, nessas montanhas, hortas quase em pé. Olhando para as montanhas, você jura que só alpinista sobe. Mas se prestar bem atenção, vai ver que tem um monte de gente trabalhando lá em cima. Tudo, porém, tem seu preço: depois vim a saber que a maior incidência de casos no hospital de Kundiawa era de *cair da horta*, que sempre resultava em algum osso quebrado.

Como já estávamos experts em negociar com o governo, em Kundiawa dormimos no escritório do inspetor-geral de saúde. Nessas alturas já estava me imaginando voltar para Moresby e descolar uma dormida na casa, no mínimo, do primeiro-ministro…

GUERRA COM HORA MARCADA

O tipo físico dos habitantes do Vale Chimbu, o mais povoado de todas as montanhas, é diferente de tudo o que eu já tinha visto. Existe crioulo, mulato, quando o negro é muito escuro a gente diz até que é negro azul - até aí vai, mas negro vermelho e de nariz adunco eu nunca tinha visto. Eles são negros avermelhados, cabelo pixaim, muito fortes, atarracados e com um incrível nariz adunco. Pra completar, são tidos como ótimos comerciantes e grandes agricultores - dominam a cultura do café na Nova Guiné, por exemplo. Sua característica

mais marcante, entretanto, é que são grandes guerreiros: até hoje combatem entre si.

Em épocas mais remotas, essas guerras entre as diversas tribos se davam por disputa de terra, supremacia territorial ou demonstração de força política. Hoje os tempos mudaram e o nome que se dá às guerras explica seu motivo: são as chamadas guerras *peibek* em *Pidgin*, ou *pay back* em inglês - numa tradução livre para o português, "guerra pra dar o troco". Imagine um sujeito que é habitante de Chuave e um dia, perambulando pelas montanhas, pisa numa pedra solta, que rola morro abaixo e acerta a cabeça de um rapaz de Koifua que morre. Foi sem querer, não foi? Pois é, não importa, os *koifuas* precisam dar um troco para os *chuaves*.

A partir desse momento os chefes das duas tribos encontram-se e procuram negociar, com os *koifuas* tentando cobrar dos *chuaves* o preço justo que o valoroso guerreiro morto valia. Esse preço pode ser muitas *kinas*, porcos e outros bens. Não se chegando a um acordo, está declarada a guerra. Eles combinam dia, hora e local e vão guerrear.

Para a guerra terminar é necessário que o placar seja o empate. No começo, digamos que os *chuaves* estão levando uma vantagem de 1 a 0. A maneira mais rápida de acabar seria os *koifuas* matarem um *chuave*. Com isso, o resultado ficaria 1 a 1, ia todo mundo pra casa e a guerra terminava. Porém nada impede que ocorra um 8 a 8 ou um 12 a 12.

Dizem que hoje em dia a maioria dos *peibeks* são decorrentes de acidentes de trânsito! Veja só o poder do automóvel. Se o sujeito atropela um e mata, de tabela pode matar mais uns 19. Conflitos naturais.

Esses são os chimbus, comerciantes, agricultores, guerreiros e de nariz adunco. Dali nosso caminho natural seria seguir para Mount Hagen, a capital das Western Highlands, mas a Cindy havia mudado os planos.

- Vamos escalar o Monte Wilhelm.

- Você está louca? Acabou de pirar, tenho medo de altura, não sei escalar. Nem pensar.

- *C'mon, Pinto, don't be a chicken.* Vamos lá, vai ser lindo.

- Você está louca, quanto tem de altura esse morro?

- Não é morro, é monte, e mede só 4.800 metros.

Conversa vai, conversa vem, acabei sendo cantado e concordei. Em vez de Mount Hagen, iríamos para um vilarejo com o impronunciável nome de Kgelsugl.

Pegamos um PMV em Kundiawa que subiu, subiu, passando por vales muito estreitos, com um pequeno rio correndo lá embaixo, de novo montanhas muitas escarpadas, muita vegetação e pela primeira vez vimos duas aves-do-paraíso passarem sobre nossas cabeças. Lindas, coloridas, sem dúvida merecem o nome.

Depois de algumas horas de muita subida e chacoalho chegamos a Kgelsugl, apenas algumas casas ao lado da mais alta pista de aviação da Nova Guiné, a 2.500 metros de altitude. Imagino que seja um tanto assustador pousar num lugar daquele, em que o precipício começa onde a pista acaba. Montamos nossa barraca num canto da pista e saímos para ver o lugar e obter informações sobre a escalada até o Monte Wilhelm. A informação era de que deveríamos subir em dois dias. No primeiro, acamparíamos no meio do caminho, no segundo iríamos ao tope e voltaríamos para o acampamento.

Arranjei dois carregadores para levar as mochilas pra cima, até o acampamento. E lá fomos nós no dia seguinte pela manhã, com os carregadores transportando nossas mochilas, e nós, mais aliviados, olhando a natureza. Só faltou o rugido de um leão e o Johnny Weissmuller passando de cipó à nossa frente.

A primeira parte foi mais uma caminhada íngreme do que escalada propriamente dita. Caminhamos durante horas, através de floresta muito fechada e úmida. Uma vegetação lindíssima, com flores, árvores enormes e riachos por toda parte. Não se tinha grandes vistas, pois a mata é muito cerrada, até que perto de nosso destino a vegetação começou a ficar mais rasteira e chegamos a um vale largo e relativamente plano, onde a floresta cedeu lugar ao capim, com esparsas samambaias. No meio, corria um rio estreito e caudaloso. No fundo do vale uma imponente cachoeira, estreita e alta, alimentava o rio.

O vale, embora não muito grande – talvez uns 2 quilômetros de extensão por uns 300 metros de largura – era especialmente bonito,

todo colorido em tons pastéis, com uma vegetação rasteira verde clara indo até as encostas, que naquele ponto começavam a ter novamente árvores mais escuras. Muito, muito bonito.

Acho que justamente por suas pequenas proporções contrastarem tanto com as enormes montanhas ao redor, havia um certo ar irreal, um toque de magia no lugar. A cachoeira produzia uma nuvem de gotas em suspensão que, por sua vez, banhadas pelo sol, formavam um arco-íris. Matéria de sonho.

Um dos carregadores, Siune, me disse:

- Em cima da cachoeira tem um lago, o Lago da Mulher.

Caminhamos ao longo do vale, subimos a encosta ao lado da cachoeira e deparamos com uma visão belíssima: para trás, montanhas a perder de vista; à nossa frente, um lago maravilhoso, de água cor de chumbo. Do lado em que estávamos, sua margem era relativamente plana, e havia uma pequena cabana onde iríamos pernoitar. De novo presente o verde-claro, entremeado por samambaias.

A margem oposta oferecia um forte contraste: uma parede de pedra vertical, de granito negro decorado por faixas de rocha branca, descia de uns 400 metros de altura até a água. Um pouco à esquerda dessa majestade, outra cachoeira, maior que a primeira, portentosa, alimentando o lago.

Siune:

- Lá em cima tem outro lago, o Lago do Homem, que alimenta a Mulher.

Nossos carregadores se despediram e vimo-nos a sós, a 3.200 metros de altitude, com essa explosão de beleza ao redor. Muita paz no lugar, com o murmurar da cachoeira ao longe, vez por outra o pio de um pássaro e uma imensa solidão, longe de tudo. Me lembrei de meus momentos no barco durante as travessias, quando diante da imensidão do mar me sentia mínimo, como se fosse uma gota d'água no meio daquela massa incrível. Ali também me senti diminuído diante da grandiosidade daquelas montanhas.

UM BALÉ DE LUZ, COR E FORMAS NO CÉU

Estando a alguns míseros graus de latitude sul, era impossível imaginar que fosse tão frio lá em cima. Duas meias, calça, camiseta, camisa de lã, pulôver e casaco não seguravam o frio, que driblava todos eles e insistia em me incomodar. Uma fogueira ao lado da cabana, sob uma pequena cobertura, ajudou muito a esquentar, principalmente no fim da tarde, quando começou a chover.

O plano para o dia seguinte era acordar às 3 da manhã e chegar ao tope com o dia clareando, pois então a montanha não estaria mais coberta de nuvens e com isso, diziam, seria possível ver os dois lados da ilha: ao sul o Mar de Coral e ao norte o Mar de Bismarck. Seria realmente uma visão especial, que não muitos olhos costumavam presenciar.

Assim foi que às 3h30 já estávamos a caminho, depois de uma sopa quente aquecida no fogareiro. A trilha, ao longo do lago, era só lama depois da chuva. Em questão de minutos ficou claro que um par de tênis e meias de lã não eram exatamente o equipamento ideal. Logo nossos pés estavam congelados. Não dava nem pra sentir os dedos. O passo seguinte foi escalar a encosta ao lado da cachoeira, que se tornara outra cachoeira devido às chuvas caídas à noite. Aí ficou bom de vez: tênis, meia, calça, pulôver e casaco molhados. Um bom começo.

Mas essa ainda não era a única dificuldade. Escuro como estava, só tínhamos uma lanterna. Eu andava alguns metros procurando o caminho, parava, iluminava pra trás e a Cindy vinha até mim, aí repetia o processo, sucessivamente. Com isso gastamos o dobro do tempo previsto para a escalada.

Após o Lago do Homem, o terreno ficou realmente íngreme e cada passo tinha que ser medido e escolhido, sob o risco de uma pisada em falso nos jogar morro abaixo. Enquanto escuro, foi realmente penoso, meu pé de tão congelado tornou-se insensível, já nem incomodava mais, eu tentava mexer os dedos e não conseguia.

Eu, com minha vontade indômita e a perseverança dos fortes, já queria entregar os pontos: não fosse a pobre, indefesa e frágil Cindy me dar um tranco, eu teria descido de volta. Estava frio demais.

Acabamos nos atrasando e começou a amanhecer quando ainda escalávamos. Presenciei ali uma das visões bonitas da minha vida.

Com o raiar do dia, começamos a perceber os contornos do Lago do Homem, também alimentado por uma cachoeira, essa ainda muito mais alta que as outras duas. Se aquelas davam sensação de energia, com grande volume de água batendo a cada pedra em sua descida, essa última era o oposto. Caía de uma altura muito maior, formando uma grande nuvem de borrifo. Um véu. Mais abaixo víamos o Lago da Mulher – mal distinguíamos nossa cabana – a seguir o vale mágico verde-claro e daí pra frente parecia haver um mar de montanhas até o horizonte.

Os primeiros raios de sol formaram um leque vermelho atrás disso tudo, com uma tênue luz iluminando cachoeiras, montanhas, vales, árvores. O leque a cada instante mudava de forma, se abrindo mais e mais, e a luz aumentava de intensidade, ao mesmo tempo que mudava de cor, um balé de luz, cor e formas no céu. Uma beleza tão intangível, tão enorme, tão indescritível que paramos e ficamos boquiabertos. Momentos de exaltação, simultânea a uma grande paz. Afinal estávamos perto do céu, com toda a Nova Guiné abaixo de nós.

De repente lá embaixo, longe, no fundo do vale mais profundo, começam a sair nuvens, como uma boiada estourando, galopando morro acima.

A dinâmica disso era impressionante, as nuvens subiam em alta velocidade em nossa direção. Em questão de minutos estávamos envoltos por nuvens. Nós, que víamos o infinito, agora estávamos enjaulados em poucos metros de visibilidade.

Acordamos dessa *viagem* e nos pusemos morro acima novamente. Conforme o sol subiu, as nuvens à nossa volta se evaporaram, deixando toda a montanha à vista. Uma beleza que nos agredia, paredões imensos de lado, precipícios que sumiam lá no fundo, passagens estreitas onde você se via caindo dos dois lados. Muito bonito, muito amedrontador, muito, muito intenso, parecia que aquelas montanhas

exalavam energia, parecia que elas faziam questão de se mostrar poderosas, fortes, onipresentes, nos colocando dentro de nossa ínfima medida.

Lá devíamos estar a bem mais de 4.000 metros de altitude e o ar parecia que não entrava nos pulmões, que não descia garganta abaixo. Você chupa, chupa e não vem nada, que nem cigarro com baixos teores.

- Ô, Cindy, que tal se a gente parasse por aqui? Afinal, olha lá o pico, já está todo coberto de nuvens, não vai dar pra ver nada mesmo...

- Nem sonhando, Pinto. Já viemos até aqui, agora temos que ir até o fim.

- Vamos fazer uma coisa, a gente desce daqui e conta pra todo mundo que chegou lá em cima, dá até pra dizer que vimos os dois lados da ilha.

- Latino desonesto, sem-vergonha, só podia sair de você uma proposta dessas.

- Não fica brava, é só uma proposta...

- E ainda insiste! Pois fique aí, que eu vou sozinha.

E ela foi. Fui olhando ela subir, subir, até que sumiu.

Aí comecei a achar que eu ia ficar muito desmoralizado. Estufei o peito (uma tossida), gritei “Shazam!” e comecei a subir. Era uma montanha cheia de truques, pois de repente você via um pico e achava que era o final, ia subindo, para perceber que o caminho apenas dava voltas, e assim outro, mais outro, até que finalmente cheguei, e lá estava Miss Cindy me esperando, debaixo de uma garoa fina. Um pico imponente, de rochas absolutamente negras que desciam verticais, com exceção do lado que permitia acesso para a subida final. Merecia mesmo ser o mais alto.

Nós, que esperávamos uma vista deslumbrante, só víamos chuva e neblina. Mas fomos invadidos por uma sensação estranha. O topo do pico tinha uma área de não mais que uns 15 ou 20 metros quadrados. Me debrucei na beirada oposta ao lado pelo qual havíamos subido, deitei no chão, olhei pra baixo e só vi aquela rocha negra,

úmida, vertical, que sumia dentro da neblina. A sensação de isolamento, de estar no céu era muito grande. Se as montanhas exalavam energia, ali era a fornalha do vulcão, explodindo força pra todos os lados. Uma sensação estranha, meio desconfortável, de fraqueza, de impotência, e ao mesmo tempo de alegria por ter chegado lá.

- Você tem razão, Pekinini, não daria pra mentir que subimos aqui.

Acho que a mentira ia estar estampada em nossa cara.

- Claro, Pinto, só experimentando é que se sabe o sabor das coisas.

Demoramos seis horas para subir, e três horas debaixo de chuva, escorregando no gelo e na lama, pra descer.

A fogueira ao lado da cabana foi calor dos deuses a nos aquecer.

DE CARA COM OS GUERREIROS PINTADOS

No outro dia, descemos cedo e logo estávamos em Kgelsugl.

- Ô companheiro, tá sabendo que horas chega o PMV?

- Às 10 horas.

- Então é agora?

- Não, às 10 horas de depois de amanhã.

Em Kgelsugl sem PMV é sinônimo de no mato sem cachorro, pois dali até a Highlands Highway eram nada menos que 30 quilômetros.

- *Well*, Pinto, acho que temos uma bela caminhada pela frente.

Não deu nem pra retrucar: um problema sem solução sempre está resolvido, e nos pusemos a caminhar.

Andamos bastante, passamos por enormes hortas nas montanhas e o curioso é que só as mulheres trabalhavam. Herança dos idos tempos, quando os homens ficavam armados em volta da horta, protegendo as mulheres de um ataque inimigo sempre iminente. Hoje os inimigos não atacam, mas os homens resolveram manter a *tradição*.

A uma certa altura a estrada era plana e reta, depois subia e fazia uma curva à direita. Vínhamos conversando, rindo, olhando as

aves, o mato, cumprimentando os outros eventuais andarilhos. Na parte reta começamos a ouvir um rumor. Nada especial. Conversando, rindo, olhando. Aproximamo-nos da subida, o rumor aumentou. Parecia barulho de cachoeira? Não, não era, era diferente. Mas tudo bem, é claro. Conversando, rindo, olhando, até que fizemos a curva e a estrada descia de novo e logo ali, uns 300 metros ladeira abaixo, havia uns duzentos (cem? quinhentos? minha extraordinária coragem não me permitiu contar o número exato) guerreiros pintados, armados com lanças, arcos e flechas, batendo pés no chão, fazendo um barulho surdo e gritando o que imagino ser um brado de guerra.

Dizer que fiquei com medo é me chamar de Super-Homem. Ficamos os dois petrificados, de mãos dadas, com o olhar fixo na cena. Uma preparação para um *peibek* a 300 metros de sua proa não parecia um sinal de saúde duradoura. De repente, percebemos que eles não olhavam pra nós, embora nossa presença fosse absolutamente óbvia.

- E agora, Pinto?

- Sei lá, espera um pouco... Acho melhor a gente não fugir, vamos devagar em direção a eles.

Medindo cada passo, de mãos dadas, fomos descendo a ladeira. Pela cabeça passavam mil coisas. Será que vamos morrer? E se se abrisse um buraco na terra e eles sumissem? E se eu escorregasse e levasse um tombo? À medida que nos aproximávamos, o chão parecia tremer com as batidas de pé dos guerreiros, e os gritos pareciam furar nossos ouvidos - não que fossem tão altos, era medo mesmo. Até que chegamos próximos a eles, um espaço foi se abrindo na multidão e entramos nela. Se em nossa frente o espaço se abria, atrás ele se fechava, como se fôssemos um barco navegando. Estávamos cercados de batidas, gritos, ferozes rostos pintados, armas por todos os lados. Olhar fixo para a frente, movimentos os mais calmos possíveis, fomos vagarosamente atravessando a massa. Às vezes ficávamos quase espremidos entre eles, outras vezes o espaço se abria mais, até que a multidão aos poucos foi se tornando rarefeita. A maioria ficou para trás e logo tínhamos passado por todos. Não viramos a cabeça, não alteramos o passo até a próxima curva, quando eles enfim sumiram de nossa vista,

embora ainda se fizessem presentes pela surda batida dos pés e pelos gritos.

Só então as pernas tremeram, a ponto de termos que parar e sentar na beira da estrada.

- *Uf, Pinto, that was close.*

- Nem fale, não acredito que simplesmente passamos.

Mais tarde nos contaram que você pode passar entre os combatentes quando estão guerreando: os guerreiros até param de lutar para lhe dar passagem. O *peibek* é entre eles, não tem nada a ver com gente de fora. Você é considerado *itambu*, eles jamais irão lhe tocar. E foi interessante que em momento algum eles olharam para nós, era como se simplesmente não existíssemos.

Nada como ser *itambu*! Nós, que nos achávamos heróis depois desse feito, descobrimos que, longe disso, o que ocorreu é que não fomos sequer notados.

Acabamos tendo que dormir na estrada, pois 30 quilômetros num dia, e ainda de perna bamba, não é coisa que um marinheiro faça. Dormimos com um olho aberto e outro fechado e com os ouvidos ligados. Qualquer barulho no mato era o inimigo que se aproximava.

No dia seguinte demos sorte e conseguimos carona até Mount Hagen. Lá é a terra dos *wahgi*, um outro tipo de gente, com costumes e fisionomias diferentes. Isto a somente cento e poucos quilômetros de Kundiawa. A proximidade e, simultaneamente, a diversidade entre os habitantes é impressionante. Mais que a natureza ou que a peculiaridade de cada tribo, talvez seja esse contraste que torna as Highlands um lugar único.

CARA SELVAGEM, CORAÇÃO BOM

A característica mais interessante dos *wahgi*, além dos traços fisionômicos, é que eles andam todos trajados da mesma forma. Um cinto de couro largo em volta da barriga, na frente um pano de fibra natural trançado por eles mesmos, parecendo um tricô de ponto grande, e atrás o mais curioso: pequenos galhos de árvore, com folhas,

em forma de forquilha enfiados pela parte de cima do cinto, e assim cobrindo a bunda. Você só vê nego andando assim na rua. Isso sem contar que a maioria circula com a cara toda pintada, das mais diversas cores. É no mínimo interessante sentar em um bar pra tomar uma cerveja ao lado de um cara desses. Na verdade todos eles têm um rosto selvagem e ameaçador, que só esconde, na verdade, um coração bom e a disposição permanente de ser gentil. A cada instante que passava víamos o quanto enganados estavam aqueles australianos do Yacht Club que os julgavam selvagens perigosos. Que coisa, eles morando há tanto tempo num país e sem entender seu povo. Só encontramos amizade, sorrisos e vontade de ajudar. Em momento algum fomos molestados, maltratados ou intimidados.

Em Mount Hagen havia um grande mercado a céu aberto com todo tipo de fruta, tecidos feitos por eles, verduras e *bilums*. O *bilum* é um aparato comum a todo lugar nas montanhas: uma sacola feita de fibras naturais com uma absurda capacidade de expansão. Num mesmo *bilum* você pode levar um par de tênis e uma camiseta que eles entrarão sem deixar espaço sobrando, ou você pode enfiar toda a sua bagagem que ela vai caber do mesmo jeito. Parece truque de mágico: na primeira vez que você vê, acha que alguém está de sacanagem, pois não é possível caber tudo aquilo naquele saquinho. E já que é um saco em que cabe tanta coisa, nada como deixar as mulheres carregarem, não é mesmo? Elas o levam nas costas mas passando pela testa. Assim, o que segura o peso são a cabeça e o pescoço. No mercado você só vê mulher carregando *bilum* com sua mercadoria pra vender. O marido, feroz guerreiro, vem ao lado todo pintado, arrumadinho, garantindo a segurança da moça. E quando chegam no local onde vão fazer sua banca, o homem continua só vigiando pra ver se o inimigo ataca, enquanto a pobre mulher descarrega tudo e arruma e faz a venda de sua mercadoria. Lá começamos a notar um outro tipo de postura dos homens. Uma diferença enorme quando comparados conosco. Se no Ocidente é a mulher que sempre inventa uma roupa nova, usa saias, se pinta, lá é o homem que faz isso, e devo dizer que em grande estilo.

Já havíamos saído da Highway uma vez para irmos até o Monte Wilhelm, agora sairíamos de novo, aboletados na caçamba de um PMV, para conhecer um santuário de vida selvagem, o Bayer River Wildlife Sanctuary, a 55 quilômetros de Mount Hagen.

O lugar é muito bonito e, como o nome já diz, fica ao lado do Rio Bayer. Ficamos vários dias acampados no meio do mato, com todo tipo de bicho à nossa volta. Vimos um grande número de *cassouaries*, a maior ave da Nova Guiné. As maiores eram pouco mais baixas do que eu (1,87 metro). São pássaros diferentes: têm mais ou menos o porte de uma ema, pernas menores e corpo maior. As penas são negras, brilhantes e compridas, o pescoço sem penas é vermelho, a cabeça azulada, o bico um pouco recurvado. O mais diferente de tudo está no topo da cabeça. Nem sei como dar o nome certo, se chifre, chapéu ou calombo. Melhor explicação talvez seja um chifre que parece um calombo em forma de chapéu, que por sua vez lembra uma crista. É uma crista sólida, que ao longo dos anos vai crescendo, sendo que nos mais velhos, dura como um chifre, ela chega a 20 centímetros de comprimento.

Vimos também centenas de papagaios, em especial os *kookatoos*, nossos conhecidos da Austrália, lindos e extremamente pentelhos, com seus gritos esganiçados. Outro pássaro que eu não conhecia é o *horn bill*, ou bico-de-chifre, que lembra o nosso tucano, embora perca no colorido. O bico é semelhante, mas ele tem a parte de cima enrugada, formando o que parece um chifre. Outra novidade foram os *wallabies*, marsupiais da família do canguru, com aquela bolsa na barriga e tudo o mais, mas com a grande diferença de que sobem em árvore com a destreza de macacos!

Mas tudo isso foi nada comparado a ver de perto as aves-do-paraíso. Esses pássaros são uma obra-prima da natureza, a veia mais inspirada da evolução. Existem 43 espécies desse pássaro, sendo que 38 delas exclusivamente na Papua-Nova Guiné e as restantes nas vizinhanças.

Imagine um pássaro do tamanho de um sabiá, com bico preto, papo azul-claro, cabeça vermelho-alaranjada, asas marrons claras com

um risco amarelo, as costas com plumas vermelhas escarlates e, completando, um bumbum de plumas brancas do qual saem duas penas longas em formato de gota.

Gostou? Quer ver outro?

Corpo negro, com a parte inferior do peito vermelha, asas azul-turquesa e um rabo imenso de plumas turquesa e mais as duas penas em gota.

Que tal esse?

Cabeça vermelha, papo verde-musgo brilhante, peito azul-marinho, entre o peito e o papo um colar vermelho, asas pretas e vermelhas, formando um quase xadrez, e um imenso e volumoso rabo de plumas vermelhas, mais as duas penas em gota.

Eles são indescritivelmente belos, sequer uma fotografia faria jus à beleza desses pássaros. Só mesmo vendo para crer. O nome é justo: *bird of paradise*.

De volta a Mount Hagen seguimos para o que seria a última cidade da Highlands Highway, Mendi.

O CULTO RELIGIOSO À CARGA AÉREA

Conseguimos carona com um fotógrafo australiano que havia alugado um carro e estava tirando fotos de tudo quanto era nativo que passava. A rapaziada era meio arisca com ele, mas a carona valeu. Nossa intenção era continuar, chegar o mais longe possível dentro daquela mata, para ver melhor aquela gente tão única, tão especial. Descobrimos que havia uma estrada muito pouco usada que ia a Tari, o último lugar a que se podia chegar por estrada. Dali pra frente, só a pé. Lá era o centro dos *wigman*, ou homens-de-peruca, que têm fama de grandes guerreiros e, por estarem em lugar tão remoto, ainda guardam intocadas suas tradições. Ouvimos muitas histórias sobre eles, sua vida, seus trajes e costumes e decidimos que de alguma forma iríamos para lá.

Procuramos em vão um PMV que fosse para Mendi, falamos com missionários que moravam na região, também sem sucesso, procuramos um órgão do governo e também não arranjamos carona.

Mais que isso, éramos desencorajados a ir: a estrada era ruim, pontes haviam caído e era perigoso dormir no caminho.

Já estávamos quase achando impossível quando, andando numa rua, pára um Land Rover e um loirinho com sotaque americano no volante diz:

- *Hi*, vão pra algum lugar?

- No momento não, só estamos andando por aí.

- Sobe aí pra gente bater um papo.

- Claro.

Pra encurtar a história, ele no dia seguinte estava indo para uma vila a meio caminho de Tari, para trabalhar como voluntário para o governo:

- Querem uma carona até lá?

- Claro!

Saímos de manhã e chegamos à noite, depois de vadear rios, encalhar e ter um pneu furado. Fomos muito bem recebidos pelo chefe da vila, que já era amigo do americano. Montamos barraca e fomos jantar com eles. Cardápio: batata-doce com batata-doce. No dia seguinte, depois que nossa carona voltou para Mendi, surgiu outro Land Rover vindo de Tari e que voltaria para a terra dos homens-de-peruca no mesmo dia. Sorte é bom para quem tem.

Chegamos no fim do dia a Tari, de novo depois de passar por todo tipo de acidentes a que uma estrada na Nova Guiné tem direito.

Foi uma surpresa para quem pensava que iria encontrar somente choupanas e gente trajando vestes (ou falta de) típicas. Na verdade, a primeira coisa que você vê em Tari é um enorme campo de aviação asfaltado e moderno, tendo ao lado um grande depósito a céu aberto com containers, máquinas e gente circulando. Enquanto contornávamos o aeroporto, completou a cena um barulho ensurdecedor vindo do céu. Era o maior helicóptero que eu tinha visto em minha vida.

Depois disso é que vinha a vila, mas não tão *típica* como esperávamos. Muita coisa acontecia por ali, e na verdade Tari era apenas um núcleo aglutinador de outras vilas da redondeza. A cidade existia

porque o governo explorava petróleo nas proximidades, daí as máquinas, o helicóptero e o aeroporto. Uma exploração cara, imagino, pois onde quer que ocorresse a prospecção, o acesso era só pelo ar.

Foi mais um contraste que Niuguini - a Papua-Nova Guiné - nos proporcionou, pois se havia toda essa modernidade, os que circulavam pela área não podiam ser mais tradicionais: estavam lá os *wigman*, suas mulheres e seus filhos. Era um contraste fantástico ver lado a lado um *big fan in sky belong Mr. God* (helicóptero) e os nativos. A cada decolagem ou aterrissagem do helicóptero o cerco de curiosos fechava-se à sua volta. Por vezes dava pra jurar que alguém ia dar uma flechada nele.

Por falar em aeroportos, vale contar uma história. Dá pra imaginar que quando os primeiros europeus, neste século, chegaram a lugares remotos com aviões, helicópteros e outras mágicas, a população local sofreu um impacto enorme, o mesmo que sofreríamos ao ver um marciano verdinho descer de seu disco voador no quintal da nossa casa. Para os nativos, aquilo realmente algo inexplicável, inconcebível, até que um dia um sacerdote de uma tribo inventou o *cargo cult*, ou culto da carga. A explicação que ele deu era que os europeus haviam adquirido sua riqueza e suas máquinas por meio de algum espírito muito forte e, já que era assim, não havia razão para que eles não obtivessem a mesma *carga* desses espíritos. A conversa foi tão longe que alguns diziam que, no duro, a *carga* recebida pelos europeus era na verdade destinada a eles, os brancos é que, indevidamente, a haviam interceptado. Diziam até que os brancos haviam rasgado a primeira página da Bíblia, pois lá estava escrito que Deus era papua. (Veja só, mais uma vez os missionários atrapalhando a cabeça da moçada).

Com isso, os sacerdotes ensinavam que era só fazer o *cargo cult* que toda essa riqueza voltaria para suas mãos. Nada mais lógico, então, do que construir *aeroportos* no mato e *docas* no mar para receber a carga. Assim, era comum ver pistas de pouso improvisadas em muitas vilas. Mas eles não pararam aí: alguns fizeram de seus barracos *escritórios*, com mesas e papéis em cima. Ficavam sentados, passando papéis uns para os outros, imitando os europeus.

Aí até que estava divertido. A coisa começou a complicar quando esses sacerdotes passaram a dizer que também era importante matar todos os porcos, queimar as hortas e destruir tudo mais, para que fosse substituído pela nova carga. É claro que os europeus, vendo essa loucura, proibiram os *cargo cults*, prendendo os líderes do movimento. Foi aí que a população teve certeza de que o *cargo cult* estava certo: os brancos estavam prendendo seus sacerdotes certamente com medo de perderem tudo.

Dizem que a moçada ficou louca mesmo quando, na Segunda Guerra Mundial, viram soldados negros entre as tropas americanas. Estava ali a prova de que eles, como aqueles homens escuros, também poderiam conseguir a carga.

A muito custo este costume foi banido, embora, dizem, volta e meia ainda ocorra algum *culto*.

DE PERUCA E OSSO DE JAVALI NO NARIZ

Outra boa história se deu com a Air Niuguini, a companhia nacional de aviação. Com todas as minas que possui, a Papua-Nova Guiné é um país rico, e logo depois da independência virou questão de orgulho nacional formar uma companhia de aviação de nível internacional. Assim foi criada a Air Niuguini, com jatos e tudo o mais. Só havia um problema: todos os pilotos eram estrangeiros, não havia nenhum comandante papua.

Mais que depressa, pegaram o rapaz mais esperto que encontraram e mandaram para a Austrália. Depois de dois anos de estudos, ele virou piloto de jato e fez seu vôo inaugural da Austrália a Port Moresby. Foi recebido como herói nacional. Afinal, era o primeiro papua a dirigir um *boing* (que é o termo *Pidgin* para avião a jato).

Encerradas as festividades, o rapaz foi para seus aposentos descansar. No dia seguinte, sumiu. Depois de dias de busca, ele foi encontrado em sua vila, nas montanhas.

Imagino o seguinte diálogo:

- Como é? Você tem que voltar!

- Eu não.

- Como? Você é piloto, tem seu emprego, é comandante e, mais que isso, um herói.

- Mas eu vou ficar.

- Por quê?

- Agora, nas montanhas todos sabem que eu sei pilotar um *boing*, que eles vêem lá no céu. Com vocês eu sou só mais um comandante, aqui sou rei. Daqui eu não saio.

E assim a Air Niuguini perdeu seu primeiro piloto papua.

Em Tari, logo que descemos do carro fomos abordados por um homem que nos perguntou o que fazíamos ali. (Imagino que é muito mais comum brancos aparecerem por ar do que, como nós, por terra.)

- Viemos conhecer a cidade, somos viajantes.

- Vocês não vão achar onde dormir em Tari. Conhecem alguém por aqui?

- Não, não conhecemos ninguém.

- Vocês vão pra cadeia!

Pronto, em cana na Nova Guiné, no último lugar possível de se chegar, era realmente um certo drama.

- Mas nós não fizemos nada de errado!

- Eu sei, eu sei, mas vocês não têm onde dormir. Eu sou o chefe de polícia daqui e estou oferecendo a cadeia para vocês dormirem. Lá é bom, é confortável e nunca tem nenhum preso.

E lá fomos nós com nossas mochilas em cana, com o detalhe de que tínhamos a chave de nossos aposentos.

Foi em Tari que descobrimos quem é o herói nacional da Papua-Nova Guiné: o Fantasma dos quadrinhos! Ele mesmo, com sua Caverna da Caveira, Diana Palmer, Herói, Capeto e o velho e bom Guran. Suas revistas com as histórias traduzidas para o *Pidgin*, são distribuídas por todo o país. A revista se chama *Wantok* ("*want to talk*", que significa amigo, companheiro, afinal você sempre *want to talk*, quer conversar, com os amigos, não é mesmo?) Vimos um marmanjo, portando uma lança, todo pintado e de peruca, lendo as aventuras do Fantasma na *Wantok*. O país dos contrastes!

Essas perucas que dão nome aos *wigman* são belíssimas, e por alguma razão quase sempre têm o formato do chapéu de Napoleão. Feitas sempre de um trançado muito fino, podem ser de uma só cor ou multicoloridas, adornadas com contas, flores, capim, penas de ave-do-paraíso, plumas e até com tampinhas de Coca-Cola. Acho que não vimos duas iguais, e são usadas com indiscutível orgulho e muita ostentação.

O maior espetáculo de ostentação que presenciamos foi num sábado, no mercado de Tari. Tudo acontece lá e, a exemplo de Mount Hagen, só quem trabalha são as mulheres. Os homens se preparam, imagino eu, a semana inteira para o evento. Vão em absoluta gala, todos pintados, ornados, armados, com ossos de javali enfiados no nariz, argolas nas orelhas, com o único e exclusivo objetivo de se mostrar, de aparecer para todos. Desfilam pelo mercado fazendo charme.

Show time, folks!

E o rebuliço se criou quando aparecemos (os dois únicos brancos) com uma máquina fotográfica. As frangas se alvoroçaram. Haja filme, porque pose não faltou. Aquelas caras ferozes, mãos armadas, ar selvagem, se esvaíam num sorriso infantil ao *clic* da máquina. Insisto em dizer que aquele povo é acima de tudo amigo e carinhoso, que só faz tratar bem e acolher os visitantes.

Mas se tudo isso era novo, bonito, excitante, o coração começava a bater mais forte toda vez que o Vagau vinha em nossas cabeças, o que começava a ocorrer com freqüência. Dali pra frente era só a pé mesmo, e como quem é do mar veleja e não caminha, chegou a hora de regressar e o mais rápido foi de avião. A Air Niuguini nos levou de volta ao nosso lar flutuante, que lá estava parado no mesmo lugar, com o convés sujo de poeira, com mais umas cracas no fundo e que nos recebeu de braços abertos.

No iate clube, encontramos dois velhos conhecidos. O Paul, que havia vindo de Cairns, na Austrália, em seu *Van de Stadt* de 24 pés. Ele - acho que você se lembra, aquele inglês que abriu mão de suas convicções de vagabundo e trabalhou duro numa plantação para comprar seu barco - e mais dois amigos haviam chegado a Samarai e depois Port Moresby. Até incêndio a bordo houve, pois depois de

quebrar o fogareiro eles esquentavam sua comida jogando combustível dentro de uma lata e tocando fogo! Ele estava lá meio sem rumo, só deixando a vida passar, fazendo um bico aqui, outro ali, para ir se sustentando. O outro era o Tonga Bill - o dono do barco do mesmo nome que vendia esculturas de coral e marfim, que eu conheci também em Cairns. Ele fazia furor, pois se enturmou com a rapaziada local e não com os brancos do iate clube. Tornou-se um quase ídolo, e todo dia saía com dez, doze pessoas em seu barquinho de 18 pés, obviamente sempre com cerveja e rum a bordo.

- É divertido sair com eles, Helio, só dá trabalho ficar voltando toda hora para pegar os que caem na água.

O Tonga Bill continuava fazendo seus golfinhos, peixes e aves de marfim e coral negro. Eu o presenteei com meu almanaque náutico do ano anterior, pois nem isso ele tinha a bordo.

O DIA EM QUE ACENDERAM A LUZ DA NOITE

Enquanto isso, a Cindy arrumou as malas para umas *férias* no Havaí. Ela ia para o casamento da irmã Lajon, que reuniria toda a família numa festa de arromba. Lajon ia se casar na ilha de Maui com um músico, Eona. Senti não poder ir.

A Cindy viajou, mas eu não iria fazer minha próxima travessia sozinho: meu amigo Kevin, o americano vulcanólogo do *Turana*, casado com a Mo, estaria comigo. Ele viria novamente de Kieta e, juntos, velejaríamos até Darwin, bem no norte da Austrália. Este seria um trecho interessante da viagem. Saindo de Port Moresby, teríamos que atravessar o Golfo de Papua para entrar no Estreito de Torres, um emaranhado de recifes que separa a Austrália da Nova Guiné. A entrada é um pequeno atol, Bramble Cay, que indica o começo do que é chamado Great Northeast Channel, que se estende por 140 milhas até a Ilha Thursday, onde se entra oficialmente na Austrália. De lá, uma longa velejada atravessando o Golfo de Carpentaria, no norte da Austrália, aí se entra no Estreito Dundas, entre a Ilha Melville e o continente, para então se chegar a Darwin. Passa-se por lugares rasos e com grandes correntes de maré, fora recifes espalhados por todo lado.

Prometia ser uma travessia difícil, mas com um indiscutível apelo, face ao desafio que representava.

De volta ao clube encontrei o Kevin cheio de ânimo e com uma novidade:

- Descobri um farol novo.

- Como?

- O governo estava tentando achar petróleo no meio do Golfo de Papua, com uma dessas plataformas. Aí, em vez de óleo, acharam gás sob alta pressão, e ela foi tanta que mandou tudo pelos ares. Como eles não tinham como tapar o buraco, tocaram fogo nele e o negócio tá lá ardendo até hoje.

- E você tem a posição?

- *No worries, mate.* Latitude e longitude com precisão decimal.

- Ótimo, as coisas ficarão mais fáceis.

- E tive outra idéia: em vez da gente ir direto, nós podemos subir a costa e conhecer uma ilha a 60 millhas daqui, Yule, com uma baía protegida, onde existe uma antiga missão católica. Vale a pena conhecer, e de lá Bramble Cay fica mais perto, só umas cento e poucas milhas. Que tal?

- Tudo ótimo, Kevin, parece que você já organizou tudo, só falta dizer o que vamos comer durante a viagem.

- Bolo de chocolate. Uma amiga minha vai trazer um quentinho na hora da saída.

E no dia da nossa partida, entre acenos e abraços, pintou realmente um bolão de chocolate pra estômago nenhum botar defeito.

Esperávamos um vento sul e corrente a favor, mas não tivemos vento e a corrente contrária não relaxou pra menos de 2 nós. Se a Nova Guiné foi o país dos contrastes, em uma coisa ela foi absolutamente constante: correntes marinhas em todo lugar, às vezes de deixar o cabelo em pé. Graças a ela conseguimos fazer apenas 60 milhas em 42 horas, um absurdo!

Em Yule encontramos o Paul ancorado, dando um tempo pra regressar à Austrália. Bastou um mergulho para eu pegar uma anchova na medida pra três bocas, que foi devidamente assada no forno pelo Kevin.

À noite, sentados no *cockpit*, presenciamos um espetáculo único.

Ao sul, do lado de Moresby, formou-se uma imensa massa de nuvens que tomou todo o céu e lá se formou uma tempestade magnética. Eu já tinha ouvido falar delas, da sua majestade, mas nunca imaginei que pudesse ser qualquer coisa semelhante ao que vi. As nuvens ficam iluminadas o tempo todo, somente a intensidade luminosa é que varia; parece que alguém acende e apaga milhões de interruptores das milhões de lâmpadas que iluminam tudo aquilo. Um show de luzes num palco de nuvens. Ficamos horas assistindo.

É um fenômeno dinâmico, pois se a luz varia de intensidade, as nuvens também mudam de formato, dando a impressão de que a massa toda, inquieta, quer explodir mas não pode. Um visual fantástico: acima de nós, o céu absolutamente estrelado e sem lua - escuro, portanto. Somente longe, lá no fundo, aquela explosão de energia. O barulho dos trovões era constante, formava um troar contínuo, variando só de intensidade. Enquanto ancorávamos, fora o barulho normal da operação não se ouvia nem um pio de passarinho. Vibrações fortes e diferentes no ar. Ingresso para aquele show não tem preço. Aquela foi a única tempestade magnética que vi. Um espetáculo inesquecível: o dia em que acenderam a luz da noite!

Capítulo 14

De volta à Austrália: Again, mate!

OCEANO PACÍFICO

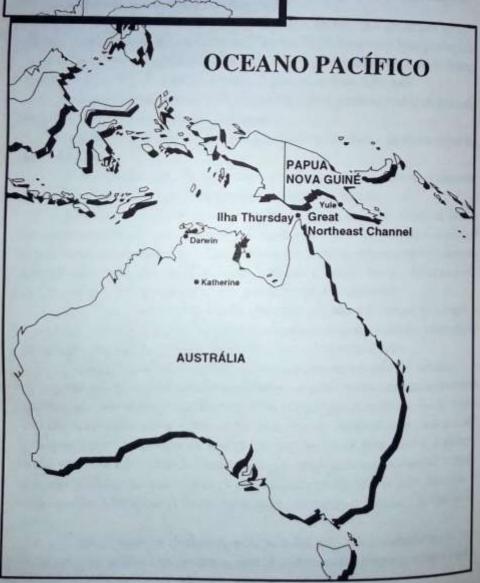
PAPUA NOVA GUINÉ

Yule

Ilha Thursday

Great Northeast Channel

Darwin

Katherine

AUSTRÁLIA

14 De volta à Austrália: *Again, mate*

UMA FINA NA ILHA DO FAROL

No dia seguinte, assim que entrou um vento sul, subimos a âncora, adriçamos todo o pano e dissemos adeus ao Paul. Mas logo teríamos dois dias de falta de vento, com a agravante que o tempo ficou encoberto e, com isso, não pude tirar nossa posição astronômica.

A chegada a Bramble Cay tem que ser absolutamente precisa, pois toda a região, na entrada do Estreito de Torres, como já disse, é forrada de recifes e ilhas com apenas poucos metros acima do nível do mar. Existe um farol em Bramble, mas seu alcance é insuficiente: 6 milhas. Basta que você esteja a, digamos, 7 milhas ao norte dele para passar direto e ir se esborrachar nos recifes adiante. Isto à noite. De dia acontece a mesma coisa, ou até pior, pois tudo o que você vê quando vasculha o horizonte é água, até que, se prestar muita atenção, vai distinguir um palito em pé no horizonte: o farol.

No terceiro dia, pela nossa posição estimada, estávamos a somente umas 20 milhas do farol. Se o vento continuasse soprando como estava, fraco, porém constante, às 9 da noite veríamos o farol. Escureceu e continuamos a velejar. Mas chegamos nas 9 horas, e cadê o farol? Vasculhei o horizonte, e nada.

- Você vê alguma coisa, Kevin?

- Não, *mate*, nada. Estamos perdidos.

- Não, não estamos, mas que a ilha devia estar aí, devia. Vamos parar por aqui, tô sentindo cheiro de terra.

- E vamos pra onde?

- Vamos diminuir o pano e subir devagar, pois ao norte de Bramble Cay não existem recifes, ao sul sim, e, como tenho certeza de que a ilha está a oeste de nós, o norte é seguro.

O dia seguinte também amanheceu encoberto, mas, de repente, upa! Uma nesga de sol entre as nuvens, sextante em punho e finalmente, depois de mais de dois dias, fiz uma medida com ele. A reta de altura, por grande sorte nossa, passava exatamente sobre a ilha, ou

seja, era só navegar em cima da reta de altura, optando ir para o sul, que chegaríamos a nosso farol. Como não havia vento, resolvemos motorar, e depois de uma hora o palito apareceu na proa.

Essa proximidade me assustou, pois na noite anterior devíamos ter estado muito próximos, próximos demais, quando senti cheiro de terra. Me assustei mais ainda quando depois viemos a saber que o farol não estava funcionando. Estávamos provavelmente a umas 2 milhas dele quando resolvemos voltar. Ou seja: voltamos na hora exata, com talvez mais quinze minutos o resultado seria fatal.

Três dias e meio para cobrir 120 milhas é uma média baixa, muito baixa. Queríamos vento. E vento tivemos. Assim que começamos a navegar no Great Northeast Channel, o Grande Canal de Nordeste, entrou o vento sudeste, que nos propiciava um agradável través. O canal é profundo, muito bem marcado, de águas calmas e de muito fácil navegação mesmo à noite. Em alguns locais chega a ter 10 milhas de largura, para em outros – por exemplo, entre duas ilhas – ter somente 2 milhas. As ilhas são sempre circundadas pelos recifes, cuja área pode chegar a ser até cem vezes maior que a delas.

Íamos muito rápido e, se mantivéssemos aquele ritmo, à noite chegaríamos à Ilha Thursday, o que eu queria evitar a todo custo, pois não tinha carta detalhada da área. Resolvemos ancorar em frente à Ilha Sue, à beira do canal, para chegar de dia a nosso destino.

Como naquela área as correntezas são fortes, a água, embora limpa, não é transparente. Assim mesmo, mergulhei para tentar uma refeição. Foi cair na água e um tubarão, nervoso, passou a meu lado, para logo vir devagar, bem na minha frente, um *king fish*. Nisso o tubarão voltou, mas eu já estava de volta ao Vagau recolhendo meu peixe arpoado.

Vida intensa dentro da água e fora também: fragatas, andorinhas-do-mar, procelárias, gaivotas, mergulhões e alguns cormorões sobrevoavam nossas cabeças.

O peixe não só deu para o almoço como, depois de seco, para quase todo o resto da viagem. Tarde de sol e muito vento.

Saímos às 10 da noite para percorrer devagar as 30 milhas até a Ilha Wednesday e chegarmos ao raiar do dia. Mas uma milha depois

o vento nos pregou outra peça, entrou com muita força do sul e de repente o Vagau voava baixo, descendo o canal. Em conseqüência, chegamos muito mais cedo. Ficamos à capa olhando os recifes em volta. Muita chuva completou uma noite desagradável.

As ilhas ao norte do Cabo York, o extremo norte da Austrália, cobrem com seus nomes, quase todos os dias da semana: Tuesday, Wednesday Thursday... Esgueirando-nos entre um *dia* e outro, de novo com muita correnteza, chegamos a Thursday, onde fomos bem recebidos pela quarentena, imigração e aduana.

Mas as boas-vindas pararam aí, pois na ilha só arrumamos encrenca. O lugar parece cidade do velho Oeste em filme de bangue-bangue: briga na rua, briga no bar, bêbado por todo lado. No bar do Grand Hotel, enquanto fui ao banheiro, botaram fogo na camiseta que eu havia deixado no balcão! Empurra-empurra, deixa-disso, mas um tapão na orelha um cara não deixou de levar.

Diante de tanta cordialidade, fomos embora no dia seguinte, de novo ziguezagueando entre canais estreitos e um paliteiro de pequenas ilhas. Saímos com o velame todo e logo estávamos passando pela Ilha Booby (mergulhão), nome dos mais justos, pela quantidade dos propriamente ditos. Ali é o início do Golfo de Carpentaria, uma grande boca saindo do continente australiano que se abre por 300 milhas.

UMA COBRA AMARELA, BALEIA, CROCODILOS...

Rumo oeste, vento leste, ou seja, ladeira abaixo, vento forte, *storm jib*[89], mestra toda rizada e o Vagau andando do jeito que ele gostava. Ali o mar é raso, as ondas são curtas, batidas. Não importava, o que importava é que estávamos andando barbaridade. À noite, fosforescência na popa. Uma tarde, uma baleiona passou raspando em nossa popa. Sustão! Outro dia uma cobra (?!) comprida, amarela, da

---

[89] Pequena vela de proa, de tecido grosso e resistente, para ser usada em ventos fortes e tempestades.

espessura da minha coxa, cruzou do nosso lado! Ultrapassamos o Cabo Wessel, que é onde termina a *boca*. O Renato, do *Samba*, me contou pelo rádio que ali, no mar, dá crocodilo, os *crocs*, os *salties*, e que portanto é perigoso nadar. O vento continuou e nós também.

Mais dois dias de pouco sol e vimos a luz do farol do Cabo Don. Chegando lá, onde já é o Estreito Dundas (que nome!), a corrente não nos deixou entrar, e ainda tocou a nos empurrar pra trás. Mas as correntes são volúveis e, logo que a maré virou, a mesma corrente nos chupou pra dentro. À noite chegamos ao canal Howard, entre a Ilha Melville, uma ilhona, e o continente. Pô, logo à noite! O canal é estreito, raso, e só faz vaivém. Bordo, jibe, jibe, bordo, viu o *beacon*, Kevin? Olha a pedra! O prumo só deu 3 metros. Olha a bóia ali na frente, filha da puta, a luz está apagada! Não, *mate*, é pra bombordo, olha ali aquele recife. De repente um barulhão no céu, que estava limpo. Outro barulhão, um estouro, outro, outro... E tudo escuro no céu. Será que começou uma guerra? Eu não conseguia saber o que era aquilo.

O canal e os barulhos ficaram pra trás. Aos poucos, a noite também. Sexta-feira, 13 de maio, era um dia de sol e vento certo. Finalmente, de dia, esclarecemos o mistério: um dos *barulhos* passou sobre nossas cabeças e era um caça-bombardeiro Mirage brincando de guerra. À noite, sem luz, o rugido dos caças parecia o fim do mundo.

Ao meio-dia ancoramos em frente ao iate clube.

- *Ahoy*, dá pra gente ancorar mais perto da praia?

- *No, mate*, você já está muito perto, ancore 1 milha para fora da praia. A maré aqui varia 6 metros, e todos esses bancos que você está vendo ficam no seco na maré baixa.

- *Good on you, mate, thanks.*

- *No worries.*

- Ali, assim tá bom.

- *She'll be right.*

Estava de volta à Austrália que eu conhecia, onde com meia dúzia de frases você se comunica, onde o bom humor impera e onde uma cerveja no bar do clube nos esperava.

DARWIN, PORTÃO DO DESERTO, TERRITÓRIO DE TIÃO MAIA

Darwin é uma cidade nova, tudo cheirando a recém-construído. Nos anos 60, um furacão passou duas vezes exatamente em cima dela. Veio do mar, entrou em terra, fez um cavalo de pau, passou de novo pela cidade e se perdeu no oceano. Só ficou em pé, como não podia deixar de ser na Australia, o Vic's, antes um hotel, hoje o melhor bar da cidade. Uma construção de pedra.

De lá pra cá, Darwin foi reconstruída, tornando-se um lugar muito agradável, o portão de entrada (ou saída) do grande deserto australiano. Seguindo-se não muitas milhas para o interior já se encontra o deserto. Não muito longe de lá, o famoso pecuarista brasileiro Tião Maia se instalou, comprando uma das maiores fazendas do país.

Como uma cidade de fronteira que foi e ainda é, em Darwin há todo tipo de gente e de raças: além dos brancos australianos, aborígenes, indianos, indonésios, chineses. Tradição é uma palavra quase sem uso naquelas paragens. Talvez por isso o ambiente ali seja informalíssimo, animado, sem muitas regras. Um bom lugar para se estar.

O Darwin Sailing Club nada mais é do que um casarão dentro de um terreno enorme à beira-mar, com um gramado gostosamente arborizado terminando na praia. Píer? Nem pensar, com uma maré daquelas o píer teria que ter mais de 1 milha de comprimento e seus 7 metros de altura!

Minha principal preocupação agora era colocar o Vagau no seco, coisa que eu não havia feito desde Sidney. Precisava dar um trato no casco, pintá-lo e consertar o leme, que exibia uma pequena rachadura perto do eixo. Eu iria me encarregar sozinho do trabalho, já que meu amigo Kevin, saudoso da Mo, se mandou logo no dia seguinte à nossa chegada.

O Vagau tinha vários *pés-de-galinha*, pequenas bolhas que se formam sob o *gel coat*[90] do casco e, aumentando de tamanho, estouram. Acabar com essas bolhas era o principal serviço a ser feito, e eu escolhera Darwin a dedo para isso, por ser um lugar quente e muito seco, com a umidade relativa do ar normalmente abaixo de 50%.

O trabalho é o mais miserável possível, pois você fica embaixo do barco, de lixadeira em punho, tirando todo o *gel coat* estragado e, como já disse o Isaac Newton, tudo que tá em cima vem pra baixo - e assim acontecia com todo aquele pó que era pura resina e fibra de vidro. Uma carícia pra sua pele, tanto que depois você nem consegue dormir de tanta coceira.

Aos poucos percebi que o melhor seria lixar todo o fundo do barco e aplicar um novo *gel coat*, pois assim teria uma superfície selada e uniforme. Resolvi ainda fazer o serviço com resina epóxi, muito mais elástica e resistente que a de poliéster, e acima de tudo com mais capacidade de impermeabilização.

Os dias começaram a ficar iguais: pó de resina, suor e cerveja. O calor era escaldante. Mas um dia a rotina mudou:

- Ei, Helio, como vai, seu sacana?

- Werner! O que é que você está fazendo aqui?

- Vim te visitar.

- Sem piada, ô meu!

- É sério.

E era mesmo. Meu querido amigo suíço atravessou todo o deserto australiano pra bater um papo. Aliás, travessia das mais aventurosas: o motor de seu carro literalmente explodiu no meio do deserto, onde ele passou duas noites para conseguir um reboque até o vilarejo mais próximo. Ali levou dois dias para vender o carro como sucata. Do vilarejo até Darwin veio na carreta de um caminhão, que na Austrália é chamado de *road train*: cada cavalo mecânico chega a rebocar cinco carretas. Sem maiores problemas porque o deserto é muito plano.

Ele também viera pensando na hipótese de velejar conosco.

---

[90] Produto químico usado para dar acabamento à fibra de vidro.

- Existem duas possibilidades, Werner. A primeira é ir para Bali, onde já estou tentando há seis meses conseguir o visto de entrada para o Vagau e, por enquanto, nem sinal dele. Nesse caso, a Cindy, que a qualquer hora deve chegar do Havaí, irá comigo, e você sabe que a gente gosta de estar sozinho no barco. Mais do que ninguém você sabe como é difícil conviver a bordo com muita gente.

- Nem fale, sei mesmo. Jurei pra mim não me engajar como tripulante de nenhum barco, os capitães são sempre cheios de razão, com um agravante: eles são donos dos barcos e, portanto, mandam mesmo. Eu compreendo sua posição sem problemas. Na verdade, vocês estão certos. Aceito o não, da mesma forma que aceitaria o sim. E a segunda hipótese?

- A outra é eu não conseguir o visto para Bali. Aí eu gostaria de fazer uma travessia solitária direto, sem escalas, até Mauritius. É um sonho acalentado há muito tempo. Nem sei se torço para sair o visto para Bali ou não. É uma coisa ainda não resolvida na minha cabeça. Também espero que você compreenda.

- Claro, claro, compreendo e dou a maior força. Quatro mil e tantas milhas sozinho, isso vai ser bárbaro! Maravilha! A única coisa que você não vai me impedir de fazer é ajudá-lo a lixar o Vagau. Vamos comer pó juntos.

Isso é o que chamo de amigo, melhor exemplo impossível. Passamos a ser dois a levar banho de pó, suar e tomar cerveja.

Também estava lá no pátio, trabalhando com muito carinho num veleiro de 26 pés, o Warrick, um australiano que pretendia sair por aí velejando.

Ele sempre dizia que logo teria que parar de trabalhar no barco, pois estava sem dinheiro. Um dia apareceu de bicicleta.

- Cadê aquela sua caminhonete toda fodida, Warrick?

- Vendi, paguei minhas dívidas e me sustento por mais uns dias.

E ele sumiu por uma semana. Apareceu sorridente e pagando cerveja no bar. Depois de uma semana de procura, arranjara um emprego.

- Que emprego?

- Bom, é melhor que nada: estou trabalhando como pintor de parede.

- Ganha bem?

- O mercado está ruim, uns 400 dólares por semana.

A DECISÃO DE FAZER A TRAVESSIA SOLITÁRIA

Minha decisão de ir ou não para Bali estava se delineando por si só. A Indonésia, arquipélago a que Bali pertence, tem um nível de burocracia invejável. Para ir pra lá de barco, além dos vistos de entrada usuais para os de bordo, o governo exigia visto também para o barco. Mais que isso, você tinha que dizer nome, número de passaporte e nacionalidade de cada tripulante, além do dia em que deveria chegar (como se fosse possível num veleiro), locais onde iria ancorar e duração de permanência.

Só que tudo isso tinha que ser feito lá mesmo na Indonésia ou por meio do consulado ou embaixada de seu país no país em que você estiver. Como estávamos nas Ilhas Solomon quando resolvemos ir, enviei uma carta com todos esses dados para a prestativa embaixada brasileira em Jacarta, com seis meses de antecedência, solicitando que providenciassem esse visto para o barco. Pedi também que enviassem uma resposta para Darwin na época em que eu lá estaria.

Como não recebi nenhuma resposta, resolvi telefonar para nossa embaixada que, por definição, deveria ser um órgão destinado a auxiliar os brasileiros no exterior. Telefonei cinco vezes e não consegui falar português em nenhuma delas - quando muito aparecia do outro lado alguém falando inglês, e muito mal. Das muitas respostas absurdas que recebi, a pior foi quando uma pessoa de lá começou a rir no meu ouvido, me chamou de *stupid*, disse que eu me virasse, que o problema não era deles e bateu o telefone na minha cara. Na quinta vez, transbordando de raiva, o que falava inglês do outro lado ouviu um sonoro “vá tomar no cu” em português mesmo - e dessa vez quem bateu o telefone fui eu.

Eles são tão incompetentes que depois a Cindy, em Bali, pegou na posta restante um telegrama para mim, vindo da embaixada, me informando que para o Vagau entrar no país eu precisava apresentar uma relação de documentos. Exatamente os que eu havia mandado para eles! Só não entendo qual foi a lógica de me enviarem um telegrama *para Bali* dizendo o deveria fazer para, justamente, *entrar em Bali*!

O problema então se resolveu por si: eu ia mesmo fazer a travessia do Índico sozinho.

Num dia de sol, suado e imundo, ouço uma voz:

- *Hi*, Pinto.

Só podia ser ela, que chegou com um beijo, presentes e muitas novidades. Família bem, Lajon casada, vivendo num vale perdido em Maui, fazendo música e respirando mato.

Ela estava mesmo decidida a seguir para Bali e, de lá, para o Nepal. Sua atração pelo Himalaia era mais forte que o chamado do mar. Era pra lá que iria, fosse como fosse, enquanto eu realizasse minha travessia solitária. Se não desse por mar, então viajaria por ar. Nada como ser decidida na vida.

A essa altura, passamos a ser três a suar no casco do Vagau.

Fazíamos o serviço com muito carinho, principalmente eu, é lógico. Agora havia algo especial, eu tinha que deixá-lo novo, de roupa nova. Afinal, por um bom tempo, seríamos só nós dois a navegar juntos, companheiros. Eu passava a mão nele como se acariciasse a mais bela das mulheres, o pó que me incomodava, grudava na pele, entrava no nariz e ardia a vista era mera parte de um natural e esporádico sofrimento que a convivência traz. Meu Vagau estava ficando novo, bonito, charmoso. Às vezes, quando o vento batia, eu o sentia tremer, como se estivesse irrequieto, querendo logo pular na água e se pôr a velejar.

- Calma, Vagau, devagar é que se fazem as coisas direito, ainda vou consertar seu leme, tirar suas goteiras e polir muito este casco. Quero deixar você brilhando, quero que os outros barcos sintam inveja de você.

Nesse meio tempo chegou uma vez mais o John com seu *Truganini* e agora com uma namorada inglesa, Linne. E ele foi mais um a colaborar nas *obras* do Vagau.

- Como você é meio desajeitado e faz as coisas erradas, Helio, vou consertar o leme pra você.

Levou três dias para tirar o leme do barco, pois o quadrante de alumínio estava grudado no eixo de inox. Mas o conserto foi rápido.

- O Trugs tá arrumado, John, está até com cara de limpo!

- Pois é, pintei-o por dentro, dei um jeito no fogão e até comprei um SatNav.

- Você deve estar ficando velho. Onde está aquela nossa pureza de não ter eletrônicos pra navegar?

- A pureza continua aqui mesmo, só que esse negócio de apertar um botãozinho e saber a posição é ótimo pra mim, que sou preguiçoso. Agora deitado na cabine. Com um olho eu olho o SatNav e, com o outro, um espelhinho que eu instalei para ver o rumo da bússola. Com isso eu não preciso nem me mexer, e ainda quando pego a Linne de bom humor ela me leva um cafezinho. Você não acredita, dá pra passar um dia inteiro na mesma posição. Um grande esporte, velejar!

Finalmente o Vagau ficou pronto, lavado, pintado, polido, como se fosse novo saindo da fábrica. Eu mesmo nunca o tinha visto tão elegante. Agora ele estava bonito e seguro para enfrentar qualquer mar, dava pra ver músculos ao longo daquele costado lustroso, dava pra sentir sua vontade de ir para água, seu fundo agora era azul-marinho. Azul da cor do mar.

De volta à água, a cada marola que molhava um pouco mais seu casco quase dava pra ouvir um gemido de prazer. Muito devagar, pra ele não estranhar, eu o levei para a ancoragem. Com a âncora jogada, ele ficou lá quietinho, se reacostumando à sua usual dinâmica, ao farfalhar do vento, ao leve balanço das pequenas ondas, aos sons do mar, que são tão diferentes dos da terra. Ele estava, enfim, depois de mais de um mês, de volta a casa. Se meu lar era o Vagau, o lar dele era o mar. Em casa, numa noite estrelada.

ENCONTRO COM WERNER E JOSH

Antes da Cindy partir, havíamos decidido ir a Katherine Gorge para acampar antes de nos separarmos. Fomos os dois de carona. Katherine Gorge é um parque nacional em pleno deserto, a uns 150 quilômetros de Darwin. O parque se estende ao longo do trecho em que o Rio Katherine corre por uma garganta profunda. Mesmo na época de seca, como era o caso, a água ficava represada na garganta, formando piscinas naturais. Lugar muito bonito, pelo contraste entre o deserto e a região arborizada nas margens do rio. Um oásis, que para os australianos tem um nome bonito: *billabong*.

Nas encostas da garganta, algumas delas altíssimas, chegando a 100 metros, encontram-se muitos desenhos feitos pelos aborígenes. Dizem que o local era considerado sagrado por eles. Lá ouvi comentários de que "a fazenda daquele brasileiro, Tião Maia" incluía uma garganta ainda mais bonita, cuja área ele havia doado ao governo para que fosse criado um parque nacional. Tião Maia ali era mais conhecido que o Pelé, e olha que isso é difícil, quase impossível.

Mas o lugar mais bonito que vimos não foi a garganta, e sim um local distante quatro horas, para onde fomos a pé, sob um sol absurdo. Chama-se The Rockhole, uma piscina natural, de água transparente, esverdeada, alimentada por uma cascata que na seca apenas deixava cair um borrifo constante de uns 50 metros de altura.

Nós dois, os únicos no local, nus, brincávamos como crianças nadando e mergulhando das pedras, *de ponta*, dando *bomba* e, de vez quando, uma barrigada que escapava. Piquenique embaixo das árvores, uma soneca, outro mergulho, um beijo... Assim a vida é boa.

No deserto existem colônias de cupins de até 3 metros de altura, parecem casas de tão grandes. É difícil imaginar aquilo sendo feito e depois de tornar uma estrutura rígida como pedra. Mais interessante ainda eram as colônias erguidas sempre no sentido norte-sul pelas chamadas formigas magnéticas. Parecem paredes no meio da areia. Um lado é ensolarado pela manhã e o outro à tarde, e é incrível como todas efetivamente são construídas no mesmo sentido.

Na ida foi um tanto penoso conseguir carona, e na volta ainda pior. Do parque conseguimos fácil uma até a cidade de Katherine, a uns 20 quilômetros. Dali pra Darwin, porém, estava impossível. Parecíamos dois espantalhos na saída da cidade, com o dedão em riste, olhar esperançoso a cada raro veículo que passava. Aí a Cindy teve uma idéia brilhante.

- Fica aqui, Pinto, que eu volto até a ponte. Mulher sozinha pega carona mais fácil. Eu peço para pararem aqui e você sobe também.

Não deu outra: em dez minutos ela entrou numa caminhonete e eu já tinha me animado e apanhado a mochila quando percebi que o motorista não diminuía a marcha ao se aproximar de mim. Na passagem, a Cindy grita:

- Tchau, Pinto, *see you in Darwin*.

- Traidora, sacana, você me paga!

E lá fiquei eu com cara de bobo, no meio da poeira, sem a mínima esperança de ir para Darwin. Se com uma mulher ao meu lado ninguém parou, imagine sozinho, e com a cara de sujo que eu ostentava.

Decidi que naquele momento, sob aquele calor, a melhor solução era entrar num bar com ar condicionado e tomar uma cerveja.

Caminhei uns 500 metros até a tal ponte, que na seca ficava tão ridícula quanto eu estava me sentindo, já que no leito do rio não havia uma gota de água.

Atravessei a ponte e vi um fulano na calçada, sentado em sua mochila, lendo um livro seguro pela mão direita, a esquerda levantada com o dedão em riste na posição de carona.

- Werner!

- Helio!

- O que você está fazendo aqui?

- Pegando uma carona, ué. Cadê a Cindy?

- A sacana ...

- (Morrendo de rir) Eu já te disse pra não confiar nas americanas.

- Pára de rir e vamos tomar uma cerveja.

Depois de algumas bem geladas e umas três partidas de sinuca, resolvemos voltar à nossa batalha, e dessa vez logo na ponte um casal de velhos nos deu carona. Nossa sorte havia mudado, ou quase: a carona era só até o meio do caminho.

- Nós vamos entrar numa bifurcação que vai dar num *billabong* muito bonito, deixamos vocês ali.

- Ótimo.

A bifurcação não passava de uma bifurcação mesmo. Nada à nossa volta.

- Obrigado.

- Se vocês ainda estiverem por aqui daqui a uns três dias, nós lhes damos uma carona até Darwin.

- Muita gentileza sua, vovô, mas esperamos não precisar.

E aí anoiteceu e o Werner foi obrigado a cair na gargalhada de novo quando descobri que todas as minhas roupas, a comida e até meu *sleeping bag* estavam na mochila da Cindy.

- *No problem, mate*, posso te alugar uma camiseta.

- Cala a boca, viado.

Ainda bem que ele tinha sua barraca, em que, com muita boa vontade, cabiam dois. A solução foi me enrolar no sobreteto da barraca, ali quase desnecessário, pois chuva era o que não ia pintar, embora fosse útil para manter a barraca aquecida. O deserto é muito frio à noite e para eu me sentir confortável e quente faltaram só mais uns dez sobretetos.

- Tá quentinho aí, bonitão?

- Cala a boca, viado.

Chegamos ao clube no outro dia à tarde, graças a uma generosa carona que nos deixou na porta.

Sentado sob as árvores no gramado do clube, rindo de nossas desventuras, de repente vejo numa mesa próxima um velhinho de cabelo curto e olhar angelical.

- Josh! É você, Josh?!

- Helio, que bom te ver, que bom te ver. Estou tão triste, acho que está tudo acabado.

Era ele, mesmo. Josh, o velhinho americano de cabelos raspados do *Comitan* que conheci na Ilha Lizard em minha passagem anterior na Austrália e que teve como tripulante a moça que pirou. Apesar de ter nossos dissabores, a história de Josh era triste mesmo, embora seu começo fosse cheio das peripécias daquele incorrigível romântico. Ele acabara sozinho da Ilha Lizard e sozinho foi até a Ilha Thursday. Um ato heróico para um homem ali pelos 80 anos, pois navegar naqueles recifes solitário é tarefa pra bom marinheiro, com muita saúde: muitas vezes é preciso passar a noite acordado e sempre baixando e subindo âncoras, sem contar com trocas de velas e atenção constante. Um erro é fatal.

Na Ilha Thursday, Josh pegou febre dengue e passou meses acamado. Quando se recuperou, partiu para Gove, que fica lá dentro do Golfo de Carpentaria. Para chegar já precisou ser socorrido, pois tinha momentos de lucidez, intercalados por outros de inconsciência.

Também em Gove ficou meses, até que conseguiu uma tripulante. Mulher, é claro, nada menos que isso para aquela cara de anjo, que só sabia ser gentil e gostava do que era bom. De lá o *Comitan*, com Josh e Penny a bordo - ela uma australiana ruiva, muito charmosa - partiriam direto para Cocos Keeling, um atol no meio do Índico. Uma aventura. Uma loucura, da parte dela, por total desconhecimento do assunto. Já da parte dele, bem ... da parte dele eu diria que do mundo nada se leva, não é mesmo?

Mas aí acabou acontecendo o pior: Josh, de fadiga, desmaiava toda hora, e ela, obviamente apavorada, acabou forçando o *Comitan* a ancorar em "uma praia". Pelo seu precioso radioamador, soltando sua mensagem em Morse, Josh pediu socorro, fornecendo uma posição imprecisa. Um avião da Guarda Costeira localizou o barco e o clube enviou gente para socorrê-lo.

- Acho que vou desistir, Helio. Estou muito velho, desmaio, não sei o que faço, estou muito desorientado. Sinto pela Penny, ela estava tão animada.

E nisso percebi que queriam levar vantagem sobre o Josh, aproveitando sua situação de desalento. Ele já havia recebido uma oferta de 10.000 dólares pelo barco, que por baixo valia 40.000.

- De jeito nenhum, Josh, você não vai vender o barco. Estão querendo passar você pra trás, eu não vou permitir isso, meu amigo.

- Mas Helio, o que vou fazer? Estou tão triste, queria tanto continuar, mas sei que não posso. Eu toparia até ir de tripulante no *Comitan*, se alguém de confiança fosse o capitão.

Nesse exato momento vi a solução. De um lado, o velho e bom Josh, pronto pra entregar o barco em mãos honestas. Do outro, meu amigo Werner, que havia dito que jamais seria tripulante - mas comandante é outra história.

- Josh, eu consigo um comandante que irá com você, como amigo.

- Mesmo? É muito bom se for verdade.

A fome juntou-se à vontade de comer e não demorou mais que um dia para o Werner se acertar com o Josh. Fiquei muito feliz pelos dois.

O John partiu com a Linne rumo a Mauritius, com escalas em Christmas, Cocos Keeling e Rodrigues. Eu deveria chegar antes dele em Mauritius, pois iria direto.

E chegou a hora da Cindy partir, toda preparada, com roupa para o frio do Himalaia, biquíni para as praias de Bali, botas para as escaladas, livros sobre o Nepal, tudo isso numa mochila de assustar qualquer marmanjo.

- Aí, Pekinini, tudo pronto, então?

- Vou sentir sua falta.

- Vamos ser dois a sentir falta de alguém, mas é bom se separar às vezes, reencontros são sempre ótimos.

E lá se foi ela, sorrindo - um pouco apreensiva, dava pra notar. Muita energia carregando aquela mochila.

Capítulo 15

Darwin a Mauritius

15 Darwin a Mauritius

Se eu quiser falar com Deus,
Tenho que estar a sós.
(Gilberto Gil)

UM JOGO DE MIM COMIGO MESMO

Muita gente me perguntou e eu mesmo perguntei a outros o porquê de viajar sozinho num veleiro, dia após dia num pequeno casco dentro da imensidão do oceano. De minha parte, creio que poderia ensaiar muitas explicações e justificativas, mas não acredito que tenha decifrado a cabeça o suficiente para colocar no papel os reais motivos.

Acho que o que mais me atraiu foi o sabor do desconhecido, de uma experiência nova, de me saber sozinho, absolutamente longe de todos, e também o fato de uma travessia solitária ser um grande jogo meu comigo mesmo. Quem sabe atravessando um oceano eu pudesse entrar um pouco mais na minha cabeça, saber um pouco mais de mim, de minhas reações, medos, alegrias.

Por muito tempo pensei em fazer uma travessia longa em solitário. Não se tratou simplesmente de uma idéia surgida do nada, ela foi amadurecida ao longo de muito tempo. Quando, em Darwin, a Cindy resolveu se mandar de avião para Bali, minha cabeça estava preparada. Aliás, se senti tristeza pela sua partida, ao mesmo tempo me senti muito leve, livre e confiante. Sabia que meu momento havia chegado. O sonho tão sonhado em noites de navegação no *cockpit* estava bem ali, batendo à minha porta e dizendo que sonhar é bom, mas bom mesmo é realizar.

Fiquei mais uma semana em Darwin preparando o Vagau pra nossa travessia, comprando comida, descansando e esperando por meu passaporte, que vinha de Canberra, a capital da Austrália. É, dessa vez encontrei um consulado brasileiro em ordem. Uns dez dias antes de sair descobri que o passaporte ia vencer quando eu estivesse

em Mauritius e o consulado seguinte era só na África do Sul. Telefonei então para Canberra, expliquei meu caso e fui tratado com muito carinho e atenção. Normalmente teria que esperar quase um mês para conseguir outro passaporte, mas o funcionário me atendeu, o Waldir Oliveira, foi de uma gentileza ímpar e dentro do clássico jeito brasileiro resumiu o mês a apenas um dia. Obrigado, Waldir.

Nesse meio tempo meu querido Werner trabalhava freneticamente pra colocar o *Comitan* em ponto de bala. Desmontou, limpou e arrumou o barco inteiro.

Todas as tardes aquele pôr-do-sol fantástico, com cores e tonalidades indescritíveis, vinha me encher os olhos de beleza. O magnetismo das cores se pondo lá no horizonte parecia me puxar para fora da terra. Eu quase podia escutar o sol me chamando, até que a noite, trazendo as estrelas, tomava conta do espetáculo. Sentado na praia, embriagado por tudo aquilo, a cada dia eu sentia mais o chamado do mar. O sonho já não precisava bater à minha porta: ela estava aberta para ele. Às vezes, em vez de ficar na areia entorpecido com todas aquelas sensações, eu tirava toda a roupa e entrava na água. Eu gostava de mergulhar no exato momento em que o sol sumia, e ficar embaixo da água o máximo possível.

Quando o dia chegou, amanheceu ventando de leste, forte, 20 a 25 nós, como era usual por lá. Terral[91] forte de manhã, diminuindo com o avançar do dia. O pessoal da imigração e da aduana veio a bordo, com os habituais carimbos pra conferir se eu realmente havia embarcado as bebidas compradas no *duty free* (Darwin não vale só pelo pôr-do-sol, mas também pelo *mel*, quase de graça, que se compra ao sair de lá. Como o John dizia, "não dá para não ficar de porre com um preço desses!" *Good old John*.) Levei os funcionários para terra com meu caíque e, na volta, o Werner subiu para o último até logo. Uma xícara de café, um cigarro Gauloise bem saboreado, um último abraço:

- *Bye*, Werner.

- *Bye, you take care now, eh!*

---

[91] Vento que sopra da terra para o mar.

Me acenam adeus dos barcos conhecidos: *Coscoraba, Magic, Follow Me, Strata, Niro*. Passo ao lado do *Comitan*, o Werner acena, Penny me sopra um beijo e Josh, com aquela cara de ternura, também gesticula.

Nervoso? Não, talvez um pouco ansioso com a perspectiva de estar tão só por tanto tempo.

Para navegadores *- Rondo Charles Point, subo a genoa 1, pois o vento a essa altura já havia dado sua usual maneirada. O Vagau ganha vida, num través folgado ele aderna só um pouco e anda bem. Um movimento calmo e gostoso. À tarde o vento cai ainda mais, porém sempre de SE, até que à noite ele ronda para NE e diminui até acabar. Baixo a genoa e rizo a grande como sempre faço quando acalmado, assim ela faz menos barulho com o passar das ondas e o barco ainda fica estável.*

Eu tinha que velejar 600 milhas pelo norte da Austrália dentro do chamado Mar de Timor para entrar no Oceano Índico propriamente dito. Meu rumo era praticamente W direto, portanto ao sul eu tinha terra, a Austrália, e ao norte recifes, formando assim uma espécie de canal, no qual eu me mantinha bem no meio.

Nesse primeiro trecho há muito pouco mar, pois o vento, vindo basicamente de SE, sopra de terra, sendo o fetch muito pequeno para a formação de grandes ondas. Foi uma velejada agradável e maneira. À noite o vento insistia em diminuir, por vezes parando por completo. De dia soprava sempre lá pelos 15 nós, vez ou outra chegando a 20. A única coisa que me encabreirava era uma pequena corrente contrária, que todo dia nos afastava 5, 7, 10 milhas da nossa posição estimada, o que é bem chato, pois eu sempre procurava tirar o máximo do Vagau, sempre tentava ganhar aquela milha a mais, subir a média de 6 nós para 6,1. Mas, no geral, tudo ia às mil maravilhas.

Me lembro de que, no primeiro dia, pra colocar o pé no convés eu usava o cinto de segurança, embora o mar estivesse muito tranquilo. A normal insegurança do começo. Naquele primeiro dia fizemos só 120 milhas, depois 132, depois 143... O Vagau parecia que aos poucos ia tomando confiança e se soltando, abrindo aquele mar em dois.

Vi muitos mergulhões marrons. Eles são todos dessa cor, exceto por uma parte branca da cabeça e as patas, azuis. Gostam de ficar voando em volta do barco, às vezes passam tão perto do mastro que parece que vão bater.

Um pedaço do meu diário no quinto dia:

"Cortei cabelo e barba hoje cedo. Acho que cortei muito curto atrás, no rodemoinho parece um ninho de rato."

"Troquei a linha do *log* pra checar se o atrito estava comendo o cabo. Aqui sentado na minha mesa de navegação, vejo fotos, inclusive da Hilda e do Helhão, e Santo Antônio na ponta direita olhando por mim e pelo Vagau."

"Saudades de todos, mas estou muito feliz comigo mesmo. Tem sido uma velejada tão maneira que nem consigo acreditar."

Dá pra sentir que a vida estava boa.

PARECIA QUE O VAGAU IA SE QUEBRAR

Nesse dia, à noite, passei entre a Ilha Brouse e o recife Ashmore e logo depois pelo recife Scott. Entramos oficialmente no Oceano Índico e, como que para nos saudar, desde o entardecer um mergulhão tinha começado a rodear o Vagau, tão perto que suas asas pareciam tocar as velas e os estais. Entrei na cabine por um instante e, quando voltei, lá estava ele pousado no convés, a meio metro de mim.

- Boa tarde, João Mergulhão.

- Oi, boa tarde, desculpe a falta de cerimônia, mas é que estou muito cansado.

- Tudo bem, tudo bem, fica aí numa boa. Aceita um pedaço de pão?

Trouxe uma fatia de pão, cortei em pedaços e o João Mergulhão aceitou.

Vimos o pôr-do-sol juntos. O Vagau, timoneado pelo *mate*, deslizava pelo Índico.

Foi talvez ali que comecei a aprender que nunca nesse mundo se está sozinho. A solidão não é uma opção física, mas de cabeça. Foi ali, naquele momento, junto com meu Vagau, naquele mar infinito tão

repleto de vida, com peixes, baleias, golfinhos, quando pensava que num copo de água do mar há tanta vida quanto no próprio mar, quando pensava nos pássaros todos, naquele céu com todas aquelas estrelas me olhando. Não, não, nunca estive sozinho, eu tinha tudo e todos ao meu lado. Obrigado, João Mergulhão, foi talvez sua pousada aqui no Vagau que me fez ver tudo isso.

Aí o João deve ter achado meu papo meio chato e resolveu dormir. Os mergulhões, como muitos outros pássaros, para dormir colocam a cabeça sob uma das asas, de tal forma que o que se vê é um pássaro sem cabeça. O mergulhão dorme em pé e, não bastasse, acompanha com o corpo o balanço do barco. De maneira que o que se vê é um pássaro sem cabeça gingando. Um barato,

No dia seguinte acordei antes do João Mergulhão mas não o vi ir embora.

Agora é mar. A água se tornou mais azul. Azul da cor do mar, propriamente dito. Aquele azul profundo, translúcido e denso ao mesmo tempo. O azul que só se encontra lá fora, lá longe, no mar aberto. O tal do azul-marinho. Muita gente fala "azul-marinho" como se falasse "arroz e feijão", como se fosse assim tão simples. Mas há muito mais dentro dessa cor do que se pensa. É a cor maior. Afinal, a maioria da terra é coberta pelo mar, e ele é azul. A terra é azul. Azul-marinho.

O mar agora, depois de ter estado tão sereno, começava a se encher de energia, o vento, embora sendo o mesmo, parecia soprar diferente. O Vagau já não apenas deslizava sobre as águas, mas subia e descia as ondas, acelerando gostoso nas descidas, levantando os bigodes na proa, como ele tanto gosta, e nas subidas dando aquela leve tremida como que para ganhar potência para vencer a onda seguinte.

Para navegadores *- O vento, sempre basicamente constante entre uns 15 e 20 nós, variava muito pouco entre E e SE. Com isso, eu velejava sempre em asa-de-pombo, com a vela grande por BE e a genoa por BB. As velas que eu usava obviamente eram em função do vento. Até uns 15 nós, eram a grande inteira e a genoa 1. Se começasse a aumentar, por vezes eu colocava a genoa 2, mas aí era sempre por pouco tempo, pois comecei a aprender que o*

vento nunca aumenta pouco, e logo eu tinha que trocar a 2 pela 3. Com o tempo, a genoa 2 foi para a cucuia e eu usava só a 1 e a 3. Com a 3 em cima, se o vento chegasse lá pelos 25 nós eu colocava a primeira forra na grande, pois o barco ficava absolutamente balanceado dessa forma, o timão leve como uma pluma. Com uma semana lá fora, isso foi o máximo de vento que peguei.

Todos os dias eu escutava no radioamador a previsão de tempo para o Oceano Índico. Era uma rede, a Indian Ocean Net, comandada pelo Steve, do veleiro *Carina*, que tinha um *wheather fax*[92] a bordo.

O procedimento era o seguinte: quando eu entrava no ar, passava a ele minha posição e as condições atmosféricas locais, como mar, vento, porcentagem de nuvens, temperatura e pressão. Confrontando meus dados com sua carta de tempo, saída do *weather fax*, ele fornecia previsão para as próximas 24 horas, até nosso contacto seguinte. A rede tinha bem uns vinte operadores - logo, dá pra você sentir que o papo era comprido. Eu sempre procurava ser o primeiro: falava, escutava o essencial e desligava.

O Vagau continuou desempenhando, raramente fazendo menos que 140 milhas por dia, mas ainda sentíamos a corrente contra, quando ela deveria ser a nosso favor. No Índico, como nos outros dois oceanos, existe corrente bastante constante em torno do Equador - a Corrente gerada pelos alísios e que corre em direção oeste. Porém, como uma ação sem reação, como já dizia o Newton depois da maçã, há também uma contracorrente acima da Equatorial, que corre na direção leste. Eu provavelmente devia estar andando em torno do limite entre uma e outra, pois certos dias eu pegava um pouquinho de corrente a favor, e outros, a maioria, contra.

A essas alturas, lá pelo décimo dia, a velocidade do vento andava entre 20 e 25 nós e os peixes-voadores apareciam em cardumes, saindo da água e voltando a mergulhar, sempre com muita graça e leveza. Até os golfinhos vieram nos saudar, brincando na proa do Vagau. Por vezes eu passava horas sentado na proa, com as duas pernas

---

[92] Aparelho tipo fax que recebe cartas de tempo.

pra fora, vendo-os tão de perto que quase podia tocá-los. Nas descidas das ondas, eu enfiava as pernas na água e era aquela explosão de espuma. No segundo seguinte, o Vagau levantava a proa como se desse uma chacoalhada na cabeça pra tirar a água do rosto e arremeter, subindo a próxima onda. Os cúmulus, no céu, pareciam flocos de algodão, e vez por outra faziam sombra no Vagau.

O *swell* vinha sempre de sudeste, com os tais vagalhões que o Vagau gostava tanto de sentir. Mas, de vez em quando, aparecia uma onda perdida lá do sul que, quando se juntava com o *swell* de sudeste, fazia as alturas se somarem e o Vagau ir lá pro espaço. Era como se uma grande mão tivesse empurrado das profundezas, dando, ao mesmo tempo, uma torção. O Vagau subia, começava um rodopio, a vela da proa aquartelava[93] e aí ele caía lá do alto, fazendo um barulho incrível. Às vezes eu jurava que ele ia se quebrar ao meio, para logo em seguida, por si só, o Vagau voltar ao rumo inicial e eu olhar a bandida da onda por trás, se mandando pro norte. Outras vezes, esta onda vinda do sul, em vez de nos pegar quando estávamos na crista de outra onda, nos atingia no cavado[94]. Aí era um deus-nos-acuda, pois o barco, tendo acabado de descer uma onda, dava a paradinha normal no cavado para, então, começar a subir a próxima - e nesse exato momento parecia que um trem tinha nos atingido por bombordo. Um barulho e um tranco incríveis. A onda nos pegava de chapa, o barco adernava e... tome água no *cockpit*!

Um dia eu estava cozinhando - usando um cinto de segurança interno da cabine - e com a gaiúta aberta. Veio uma *sulista* e estourou no casco.

Foi como se tivéssemos passado embaixo de uma cachoeira: uma massa compacta de água entrou pela gaiúta, a mesa de navegação encheu de transbordar. Quem gostou, então, foi o rádio!

E o Vagau andando.

[93] Mudava de bordo sem que isso fosse determinado pelo navegador.
[94] Parte mais baixa de uma onda.

Para navegadores *- No décimo-primeiro dia estávamos exatamente na longitude de Christmas Island, e isso com toda aquela corrente contra. Hoje a meridiana deu 170 milhas percorridas. Aí, Vagau, mostra que quem anda é você mesmo. O vento caiu um pouquinho pro sul, então tirei a asa-de-pombo. Amuras a BB. Vento aumentando. A tomada da meridiana é sempre o momento de festa do dia, pois, como disse, sempre procurava tirar, se não o máximo, pelo menos o suficiente pro Vagau ter uma boa performance, trocando velas, ajustando-as, sempre dando um capricho. A resposta a esse esforço é você saber quantas milhas fez de meridiana a meridiana. Aí fica claro se valeu ou não subir aquela outra vela ou se rizar a grande estabilizou o barco, mas não roubou velocidade. É quase uma regata contra você mesmo, cada dia você quer andar mais que no anterior, fazer e sentir o barco andar. Aquelas 170 milhas de hoje eram recorde absoluto até então para o Vagau.*

No dia seguinte, quando estava escutando a previsão do tempo pelo rádio, entrou outro operador no ar perguntando por mim. Respondi e saímos da freqüência da rede. Adivinhe só quem era? A Cindy, lá de Bali, a bordo do *Chrisalys*, um veleiro de um casal amigo. Quanta alegria, especialmente por ter sido inesperado!

Se ouvi-la foi bom, as notícias eram um pouco tristes. No terceiro dia em Bali, roubaram seu passaporte e todo o dinheiro - quase tudo em dinheiro vivo e, portanto, irrecuperável. Ela estava agora no *Chrisalys* até conseguir reaver os poucos cheques de viagem que tinha e depois - ora, depois era tentar dar um jeito de chegar a Mauritius, pois os Himalaias já haviam dançado. Muita tristeza em sua voz. Um sonho acalentado por tanto tempo indo por água abaixo num instante.

- Não liga não, Cindy, é até melhor. Assim a gente se vê antes lá em Mauritius. De mais a mais, quem é que gosta de sentir frio? É ou não é?

- Eu gosto.

Definitivamente, passar uma conversa via rádio nunca foi meu forte.

O VAGAU E EU, UM SÓ ELEMENTO

Décimo segundo dia, 147 milhas.

Décimo-terceiro, 158.

Dois dias bonitos, Vagau se portando bem. Porém as benditas, as putas, as porras das goteiras deram o ar de sua graça outra vez, bem em cima da minha cama, é claro, e por dentro do armário onde dependurava minhas roupas. Mágica pura, não dá pra ter idéia de onde a água vinha. Recolhi vários baldes do armário.

O dia seguinte amanheceu nublado, da mesma forma que esteve noite inteira. Chuvas esparsas. Vento fraquejando, vez por outra parando. Nossa média acaba indo pro beleléu desse jeito. Cadê o vento?

Mas, felizmente, sempre há compensações. De manhã, quando saí, havia uns bons quarenta peixes-voadores no convés, só esperando ser recolhidos. Todos pequenos, do tamanho de um dedo mindinho. Na hora do almoço rolei-os em farinha e, de lá, um mergulho direto na frigideira.

Na ponta esquerda um vinho australiano - Coolabah Riesling - na ponta direita o copo cheio ao lado do prato, onde meus queridos voadores aterrissaram depois de fritos. Um peixinho aqui, um gole ali, o Vagau maneiro... Aliás não posso deixar de contar que eu e o Vagau sempre fomos tão chegados, tivemos um tal entendimento que toda vez que eu ia fazer uma refeição era só dar um toque:

- Ô, Vagau, segura as pontas aí que eu vou dar uma rangada agora. Não balança não, tá bem?

E lá ia o Vagau maneirinho até minha última garfada. A exceção foi aquela sulista que entrou gaiúta abaixo, mas aí como é que ele ia saber? Não foi culpa dele.

Depois da última aterrissada ou do último copo, tanto faz, aquela inebriante sensação de bem-estar. Bêbado, não! Bem alimentado, soa melhor.

Chuva, chuva. O sol resolveu não mostrar sua cara hoje. Assumo uma distância percorrida de 143 milhas de acordo com o *log*. Em dia de chuva não há corrente.

Vai lá, Vagau, bata as asas e me leve pra Mauritius. Falo com a Cindy pelo rádio.

- Estou pegando hoje um ônibus que atravessa o estreito entre Bali e Java numa balsa. Depois são dois dias de viagem através de Java, até um porto onde eu embarco num vapor e com mais dois dias estou tentando ir pros Himalaias. Vamos ver o que é que pinta.

Ela acabou dando um jeito. Vai, vai com Deus, Pekinini. A aventura é uma aventura. Já conversei com o Santo Antônio aqui na ponta direita e, se houver qualquer problema, ele falou que vai lhe dar uma mão.

O vento aumentou. Muita chuva.

Logo depois do anoitecer, o vento aumentou de vez, chegando a soprar a mais de 35 nós. Correria, à noite fui para a proa e troquei velas no escuro, pois minhas luzes da cruzeta nunca funcionaram. Mas àquela altura o relacionamento entre meu barco, eu e os elementos era muito mais natural. Cinto de segurança? Pra que, se eu sei me equilibrar? Medo? Do que, se o mar é meu amigo, se o vento é minha energia? Pouco vento, muita vela, muito vento, pouca vela. Meu Vagau descia as ondas, cruzando o mar como um torpedo. Aquela cortina de espuma na proa e, na popa, a esteira deixando sua marca na superfície do mar. Havia muita fosforescência na água. Era como olhar para trás e ver a estrada pela qual você acabou de passar. Uma estrada de luz.

A chuva parou, resolvi timonear um pouco, pelo puro prazer de sentir meu barco andar. Eu sentia como se eu e o Vagau fôssemos um só elemento, um organismo com cérebro, velas, um casco de linhas perfeitas, um timão. "Vamos lá, Vagau, aperte o passo, cadê o bigodão na proa? Mostre pra essa onda que, se ela é ligeira, nós somos mais ainda. Diga pro vento que ele pode soprar que nós estamos com ele e não abrimos, diga. Diga também pra esse golfinho aí na proa que se ele gosta mesmo de brincar conosco, esse é o momento. Avise a procelária que passou por aqui hoje à tarde pra ela tomar cuidado e sair da frente, pois agora a gente tá muito mais rápido que antes. Se você vir uma estrela no meio desse céu de nuvens, diga-lhe que foi a

maior bobeira elas não aparecerem, pois, se tivessem, haveriam de nos ver e não é por nada não, Vagau, hoje a gente está demais."

Quando uma crista de onda quebrava era aquela explosão de fosforescência, luz na escuridão. A cada descida de onda eu gritava como um louco, pra logo me calar na subida, quando todo o Vagau tremia. Não existe melhor droga que uma velejada dessas.

Depois de algumas horas no timão, fui dormir. Sono dos justos. O *mate* aqui e o Vagau se dão muito bem.

Amanheceu negro. Olhei pra fora sem acreditar no tamanho das ondas. Será que à noite estava igual? Eu, hein!

Passamos a longitude de Cocos Keeling. Muito vento, muito mar. A euforia da noite anterior aos poucos desaparecia. Muito vento. Quando chovia, a água parecia vir na horizontal e não lá de cima.

Tudo muito úmido - minha cama, minha roupa, o chão, o teto, tudo. Parecia que nunca mais eu iria conseguir secar as mãos. Sentei na mesa de navegação, acendi um cigarro, na mão uma caneca de café. Fiquei por muito tempo só ouvindo o barulho do vento, da chuva, do casco sulcando o mar. A sensação mais estranha e difícil de acostumar era o momento em que o Vagau começava a subir uma onda e tremia todo. Tremia a ponto de não ser viável pousar a caneca na mesa. Tudo tremia - eu ouvia os talheres na gaveta, as panelas no armário, dentro da mesa de navegação alguma coisa fazia barulho, até o rádio, firme em seu suporte, entrava em vibração. Parecia que o Vagau ia se desmontar.

Sensação de apatia; devo ter passado horas sentado ali, pois já estava querendo escurecer. Outro cigarro, um trago de uísque, que é sempre bom. O mesmo barulho, o mesmo tremor, o mesmo movimento. Tudo aos poucos vai minando seus sentidos, de repente você se pega fazendo parte do jogo. Na descida da onda me sentia aliviado, quando começava a subir, o tremor - ah, esse tremor - e me contraía todo. Apreensão. Que é isso, Helio? É só uma tremidinha, você sabe que o barco não vai desmontar, você sabe que está tudo bem. Vamos lá, ânimo!

Tirei a roupa e fui lá fora. Vento frio e chovendo. Acordei num segundo. Súbito o mundo toma vida de novo, tudo é movimento. Comecei a rir e gritar. Apatia? Que apatia! Olha aí o Vagau desempenhando. Olha o bigodão. Tremer, que nada, é só uma chacoalhadinha à toa. Voltei pra dentro, me enxuguei com a toalha molhada. Úmido ainda. Mais café, com um tostão de uísque misturado pra esquentar.

As horas passavam. Eu lia, fumava, pensava, sentia. Muita emoção pra quem está só, sentado. Às vezes ia lá fora dar uma espiada.

UM SUSTO TERRÍVEL: A QUEDA NO MAR

A certa altura, subi a vela grande. Aí o Vagau realmente começou andar, a voar. Mais tarde, quando relembrava essa noite, não conseguia entender muito por que subi aquela vela. O vento de sudeste estava em torno de 45 nós. É vento pra se estar *baixando* vela, e não subindo. Só sei que começamos a andar barbaridade. Porém a piração maior foi que voltei pra dentro e dormi logo em seguida.

Acordei ainda com o céu encoberto e chuva que, somada aos borrifos e à espuma que o Vagau fazia sem cessar, formavam uma névoa ao nosso redor. Lá pelas 10 da manhã o sol se assanhou um pouco e deu uma aparecida. A chuva parou e, na hora da meridiana, com o sol ainda um pouco acanhado, atrás de umas nuvens mais ralas, consegui fazer a medida. Piração ou não, a meridiana nos contou que havíamos feito 185 milhas nas últimas 24 horas. Nossa melhor média, muito acima da anterior, que era 170. Vagau, Vagulino, o recorde é seu e não meu.

Mas como tudo na vida tem sua compensação, o fato de o barco adernar com mais intensidade fazia com que as goteiras aumentassem bastante. Eu tirava praticamente um balde de água de dentro do armário por hora, torcia as toalhas e os panos que estavam sobre a minha cama. Pra completar, descobri que havia um vazamento do *cockpit* para dentro do casco, que acumulava água na casa de máquinas. Como as bombas de porão (manual e elétrica) haviam pifado, eu

tinha que tirar a água com uma caneca, dela para o balde e, do balde, lá pra fora.

No décimo-sexto dia, estávamos a meio caminho. Quem sabe, quem sabe, ainda dá pra fazer em 30 dias?

Durante todo o dia o vento caiu pra 25-30 nós, e à noite subiu para 35-40. Ondas muito grandes. Tivemos muita sorte durante aqueles dias, pois nenhuma quebrou sobre nós. E havia muitas ondas quebrando. Era uma constante sensação de apreensão: só ouvir as ondas quebrando, junto com o barulho do vento, já dava para arrepiar.

Mas aquela noite me reservava o que talvez tenha sido o maior susto da minha vida. A cada hora eu levantava para tirar a água do porão. Mais do que isso, estava muito atento a qualquer ruído estranho, pois o mar continuava violento e ao longe ouvia as gigantescas ondas quebrando. Num determinado momento, saí para o *cockpit*, fechei a gaiúta de entrada e fiquei de pé em frente dela, olhando para o escuro daquela noite escura. O barco velejava bem, seguro, subindo e descendo as ondas com firmeza.

Aí ouvi um barulho enorme, forte, como se fosse uma bomba explodindo a bombordo. No instante seguinte eu estava dentro da água e o Vagau com o mastro na horizontal. Gostaria de poder explicar o que senti naquele momento, mas a verdade é que quase não se sente ou pensa num momento desses. O corpo reage só por instinto. Eu estava no mar, o guarda-mancebo ficou submerso, a catraca da genoa no nível da água, e o próprio timão - impressionante! - chegou perto da água. Mas se num instante eu caí, no outro eu já estava voltando para o barco. Me agarrei ao guarda-mancebo e me dependurei na catraca da genoa com o barco ainda deitado. De imediato folguei a escota da mestra e da *storm jib*. No instante seguinte o barco estava em pé, com as velas panejando, fazendo um barulho aterrorizante. Parecia que iam se arrebentar inteiras. *Cockpit* cheio de água.

Cacei a vela mestra, de leve, e o barco começou a se mover. O incrível leme de vento colocou o Vagau no rumo certo, enquanto eu freneticamente começava a esgotar o cockpit com um balde. Meia hora depois a situação voltou ao normal no convés.

Entrei e vi absolutamente tudo fora do lugar, e muita água no porão. Esgotei a água e comecei a catar do chão livros, panelas, cartas, comida, garrafas quebradas e por aí afora. Relaxei um pouco e, de dentro da cabine, fiquei ouvindo o Vagau velejar. Tudo molhado, até minha alma, mas a normalidade fôra restaurada no barco todo. A sensação de susto é que demora a passar.

A causa do meu mergulho foi sem dúvida outra sulista que nos pegou na crista de uma onda. Tudo deve ter-se somado - a sulista, o barco na crista da onda, que por sua vez era maior que as usuais, e uma rajada mais forte de vento.

Passei muito medo.

- Vagau, que susto, hein!

- Nem fale, que onda mais sacana.

- Põe sacana nisso. Tô com medo até agora.

- Eu também, mas já passou. Vamos fazer um trato: não falamos mais nisso.

- Trato feito. Adormeci na mesa de navegação, absolutamente exausto.

O dia seguinte foi nublado, com o vento lá por seus 25 nós. Andamos 175 milhas. Nada mau.

Do meu diário no décimo oitavo dia, dia 27 de julho:

"Sentado na minha mesa de navegação ao entardecer. As cores aqui dentro são muito bonitas. De alguma forma, não sei por que, tudo é muito bonito, contrastante, as formas são absolutamente delineadas, os contornos nítidos e as cores fortes. Em outras horas do dia, é engraçado, não sinto ou percebo esse contraste. Já vivi todos os tipos de sentimentos e de emoções nessa mesa de navegação. Sentado aqui penso em meu futuro. O que irá acontecer? Só mesmo Deus sabe. No meu íntimo, realizo o quanto gosto de sentar aqui, escrever, meditar, ler e até mesmo falar no rádio. Ah! Vida boa. Mas sei que essa vida tão boa que estou levando pode terminar. Esse término pode não estar muito longe, a reta de chegada não está muito além do horizonte. Será lá, então, que terei que resolver (ou não?) o que devo fazer da minha vida."

“Tenho pensado tanto em vender o Vagau, esse amigo fiel, companheiro de todas as horas. Me sinto meio traidor, um pouco Judas. É algo como colocar dinheiro dentro de uma amizade, uma coisa tão espiritual. Me sinto desvirtuando um relacionamento, me prostituindo.”

“As coisas, o mundo, a vida, por vezes me tornam um pouco insensível, um pouco egoísta. O Vagau é pra ser guardado, conservado. Amigo fiel. Quando as coisas terminarem, onde vou sentar para escrever meus lamentos, minhas angústias, minhas alegrias?”

“Num escritório, com horário certo? Não, isso é que não. Hoje, agora, sou feliz, livre. Livre como aquela procelária que vi há pouco, voando aqui, no meio de lugar nenhum, com arte e graça. Coloque-a numa gaiola e ela perde toda a sua beleza.”

“O importante na vida é ter metas. Caso contrário a gente sai por aí dando cabeçadas sem nem saber por quê. Eu, neste momento (ou mesmo quando chegar), não tenho nenhuma. Sempre divago sobre possibilidades, que, afinal – não posso reclamar – são muitas. Mas nada realmente me atrai. Meu Deus, serei sempre um eterno insatisfeito, sempre buscando? Sempre fui tão contra sair por aí a esmo fazendo coisas sem saber o motivo, iniciando projetos sem realmente ter ganas para terminá-los. É necessário que se veleje rumo a um farol. Esse farol pode ser o próprio mar, desde que se saiba disso. Não se pode sair ao mar rumo a lugar nenhum. Não se chega a nada. No meu caso, havia uma meta. Dar a volta ao mundo em um veleiro. Cá estou eu nela. E o pior, em vias de terminar! Mais alguns meses e estarei no Brasil. Bonito, muito bonito. Uma meta sonhada, batalhada e alcançada. E aí, Helio, qual é a próxima? Esse é o grande problema. Não sei, não sei e não sei.”

“Só sei isso: em qualquer outra coisa que fizer, vou sentir muita falta da minha mesa de navegação.”

No dia seguinte o Steve me informou, pelo rádio, sobre uma enorme frente fria “lá embaixo”, portanto era melhor me manter nos 15° sul e só depois descer mais para o sul. Mauritius fica a 20° de latitude sul. Passaram-se dois dias de performance fraca – 134 e 136 milhas. Ainda muita chuva, mas vento moderado.

Dia 29 de julho, do diário de bordo:

"Parece mágica, falei com a Cindy hoje, ela em Cingapura (acho que ela não está tão feliz assim). Ela vai direto para Mauritius. Só espero que ela não esteja muito triste por perder os Himalaias."

QUASE UM SONHO: A LUZ DO MAR APAGA AS ESTRELAS

Vez por outra o Vagau colocava a borda-falsa na água e, na subida, tudo tremia. Eu já nem ligava muito pra essas tremidas. Era mais ou menos como estar casado e se acostumar com certas reclamações do outro. A gente sabe quando é sério ou não é. Aquelas gemidas, Vagau, eu sabia que eram só história sua. Você estava só querendo atenção, tipo carência afetiva. Eu ia lá fora, mexia um pouco nas velas, fazia um afago no timão e o Vagau dava uma certa sossegada.

Dois dias tranquilos, Vagau desempenhando com calma. Tempo pra ler, escrever, curtir a calma do mar. Uma dosezinha de monotonia pra quebrar o agito também não atrapalha.

Aí a monotonia foi quebrada como nunca tinha sido antes.

Nas duas noites anteriores eu havia notado que a fosforescência na água estava mais forte. É sempre bonito ver na escuridão quando o tope das ondas quebra e deixa atrás aquele rastro de luz. Naquela noite, estava eu lá fora curtindo esse brilho quando notei que adiante havia uma forte claridade no mar, como se fosse uma piscina iluminada. Mas ainda meio longe. Me levantei e fui até o pé do mastro, onde ficava mais alto, para melhor observar. Não entendi. Olhava e não podia acreditar: o mar lá na frente parecia uma praça iluminada. Tudo era luz. E forte. À medida que o Vagau avançava, a luz ficava cada vez mais forte e próxima. Tornei a olhar, e realmente não consegui acreditar. O Vagau foi chegando, chegando, até que entramos num mar de luz.

Fosforescência pura - o fenômeno provocado por uma imensa concentração de planctons[95]. Olhava à minha volta e só via luz. O mar apagava as estrelas. A beleza era tanta, tão indescritível, a sensação tão forte que minhas pernas bambearam, tive que sentar. Inebriado, bêbado, dopado, fiquei olhando aquele brilho infinito. O mar estava aceso. Não acreditava no que via. Não era possível! De onde vinha tanta luz, tanta energia? Se existe Céu mesmo, há de ter um canto por lá igualzinho aquilo. Um brilho forte, intenso, contínuo, mas que não ofusca como o sol. É como olhar milhões de lâmpadas que acariciam o olhar, embevecem, hipnotizam. De repente percebi que não sentia o movimento do barco. Parecia que eu e o Vagau estávamos apenas pairando no ar, acima das ondas. Elas se movimentavam, mas ao mesmo tempo estavam paradas. Tempo e espaço tomavam outra dimensão. Não sentia o movimento, não sentia as ondas passarem. O Vagau estava imóvel e eu parecia parar no tempo. Uma sensação de exultação fortíssima e contínua. Tão intensa que perdi a noção de tempo e movimento. Voava num mar de luz. Bata as asas, Vagau, bata, que é pra gente voar mais alto. Assim, assim, mais e mais. Tapete mágico. Luz, brilho. Como a luz pode ser bonita, pura energia! Mágica, muita mágica. Não podia ser real, tinha queser mágica. *Yo no lo creo, pero que las hay, las hay*. Isso, Vagau, assim, bem assim continue boiando, mas sem se mexer, assim bem maneiro, sereno. Vamos aproveitar cada segundo, não é todo dia que Netuno acende o mar só pra gente. Fica bonzinho aí, que se bobear ele acaba apagando. Sobe mais, Vagau. Se você bobear eu saio voando e te deixo a ver navios. Navios! Precisava ter mais gente ali pra compartilhar aquilo conosco.

Até que de repente vi que o horizonte lá na frente estava escuro. O escuro foi se aproximando, aproximando, até que atravessamos uma linha divisória absolutamente delineada. Em uma fração de segundo, estávamos fora do brilho. Virei para trás e vi a luz ficando cada vez mais longe, sumindo aos poucos na distância, até que tudo ficou escuro de novo - por trás de nós e à nossa frente. Olho para cima

---

[95] Microorganismos que vivem em suspensão na água e servem de alimento a diferentes formas de vida marinha.

e vejo que as estrelas ainda estão lá piscando, para mim. O Vagau não mais pairava no céu, mas velejava com sua calma e precisão de sempre.

Não sei quanto tempo a luz durou. Sei que fiquei muito tempo sentado lá no pé do mastro, tentando ainda curtir toda a luz que eu havia absorvido, não querendo deixar escapar nem um pouco da sensação que ainda sentia.

Acordei sem saber muito bem o que havia feito durante a noite.

Dia bonito, previsão de bom tempo. Vamos lá, Vagau, vamos meter o nariz lá pro sul, rumo a Mauritius, que ela nos espera de braços abertos. Podes crer.

Se tudo der certo, você, meu Vagau, meu querido Vagau, vai poder dizer que atravessou o tal do Índico em 30 dias. Fala baixo, malandro.

Vento sudeste entre 15 e 20 nós. Pedir por mais é abusar da paciência do soprador lá em cima.

Falo com o Werner pelo rádio. Tudo em paz com o *Bloody Swiss*. Eles lá em Christmas se divertindo.

Sentado na mesa de navegação, fico olhando para a carta, para todos aqueles pontos marcando nosso avanço diário. Parece tão simples pegar um lápis e fazer um triangulozinho na carta, marcando a posição. Dá pra atravessar o oceano todo nuns dez minutos. Mas na verdade é uma batalha: cada um deles foi conseguido à custa de muito vento e mar. De todo jeito, olhando a carta sei que estou chegando. Estamos quase lá, Vagau.

O MISTÉRIO DE (PERDÃO!) CARGADOS CARAJOS

Desde o começo da viagem, examinando a carta, fiquei de olho nuns recifes 220 milhas ao norte de Mauritius, como que perdidos no meio do mar. Há que ter muito peixe por lá. E o nome? Ah, o nome! Depois que você ler o nome vai falar que estou mentindo. Mas

pode confirmar mentiroso não sou. Veja na carta número 1881, do British Admiralty. O nome é Cargados Carajos. No mínimo foi algum português ou espanhol sacana que passou por lá, soltou o nome e a coisa pegou. Só fico imaginando que uma cargada pode ter com um carajo ou se um carajo pode ser cargado Uma questão quase filosófica, se bem que com um pouco de imaginação ou talvez espírito criativo se consiga aliar um ao outro. É tudo uma questão de gosto, não é mesmo? Só sei que, no final, Cargados Carajos soa melhor que Carajos Cargados - algo que, francamente, parece sujo e feito em hora errada. Mas enfim, o Manuel que deu o nome aos recifes devia ter algum motivo. Vagau, precisamos ir lá e descobrir qual é a história. (Acabamos indo. como você, leitor, vai ver. Mas não descobrimos o porquê do nome...).

No final do dia, 152 milhas.

O dia seguinte amanheceu horrível. O vento aumentou, batendo nos 30 nós, e como nosso rumo é mais ao sul pegamos o vento de través. Resumindo: desconfortável. E tome goteira, parece que o Vagau é feito do mesmo tecido do meu "impermeável", chove mais dentro do que fora. Tem nada, Vagulino, eu ainda acabo consertando essas filhas da puta.

Ao norte de onde passamos fica o arquipélago Chagos.

Tempo ruim, mas em compensação (sempre havia) o Vagau fez 170 milhas.

No dia seguinte tivemos chuva, sol e sempre bom vento: 20-25 nós de sudeste.

No dia 5 de agosto, às 13h50, avistei Rodrigues. Maravilha! Passamos pelo sul da ilha. Dia com muita chuva e sempre encoberto. Avistei Rodrigues numa brecha entre uma chuva e outra. Que bom ver terra depois de tanto tempo. Dava quase pra sentir o cheiro de mato no ar. Agora era pra valer, estávamos chegando mesmo.

Outra boa média, 157 milhas.

Me sinto feliz.

À tarde tenho que baixar a grande pois ela começa a descosturar na valuma[96]. Lá fui eu de agulha e linha em punho.

Nada de especial no dia seguinte. Um pouco de chuva, um pouco de sol e 148 milhas navegadas.

Dia 7 de agosto, do meu diário de bordo:

"08h00 - Acabo de ligar o rádio e já ouvi francês, depois inglês. Duas rádios de Mauritius, uma em cada idioma."

"Não pude pegar as estrelas hoje antes do sol nascer como o previsto, pois o céu estava totalmente encoberto. *C'est la vie*. Pena, pois seria ótimo ter uma posição bem definida agora cedo. Tirei uma reta do sol, mas ele ainda estava muito baixo. De qualquer forma, estamos perto."

"O gônio[97] está louco. Peguei a estação de Mauritius, mas com um sinal muito fraco, a agulha gira pra todo lado. Esse gônio nunca foi de confiança mesmo."

"13h00 - Tirei uma boa meridiana. Pelo *log*, andamos 145 milhas, pelo sol, 137. A corrente não nos deixa em paz, Vagau."

"Pela manhã subi a grande, já devidamente remendada."

"23h30 - Vagau anda bem."

"Neste momento estamos a 40 milhas de Flat Island, uma das quatro ilhas ao norte de Mauritius, próximas entre si e bem próximas de Mauritius. Além de Flat, são Round, Serpent e Gunners Quoin. Flat é a ilha mais ao norte e possui um farol com alcance de 25 milhas. Ao raiar do dia devemos estar encostados nela."

"Foi um dia bonito, com muitas nuvens mas agradável."

"À noite, a mesma coisa. Que sorte não estar chovendo. Pela popa o céu está limpo, pela proa ainda encoberto. Espero que limpe. Ventou o dia todo entre 10 e 15 nós."

Dia 9 de agosto:

"02h30 - Há pouco, o vento dançou. Agora sopra uns 5 nós, se muito. Ainda estamos fora do alcance do farol de Flat Island."

---

[96] Parte da vela por onde escapa o vento

[97] Radiogoniômetro, receptor de sinais radiotelegráficos, equipamento auxiliar de navegação.

“02h45 - Entrou vento (15 nós) e chuva junto. Avistei claridade no horizonte por bombordo.”

“04h15 - O vento sopra por meia hora e para. Um saco. As luzes a bombordo são definitivamente Mauritius, mas o farol, que é bom, *nicas*.”

“05h45 - Começa a clarear e vejo dois calombos no horizonte. Tá lá Mauritius. Os calombos devem ser as ilhas ao norte, ou montanhas Mauritius. Céu nublado, é claro. A noite toda esteve encoberto, com umas brechas mostrando algumas estrelas. Choveu várias vezes.”

“06h30 - No final, os dois calombos são duas ilhas (Serpenter e Round) e eu estava exatamente onde havia imaginado, apenas o sacana do farol é que não funciona. Ainda não vi Mauritius, totalmente encoberta. Estamos a 30 milhas de Port Louis, capital de Mauritius.”

“09h40 - Navegamos entre Flat e Round Islands, muito devagar por causa do vento muito fraco. Dia muito bonito. Quase tudo seco no barco Tudo arrumado (inclusive o *mé* comprado em Darwin, devidamente mocozeado). Estamos a umas 25 milhas de Port Louis. Tomei um banho completo de água doce. Tô até cheirando bem.”

“20h10 - Cheguei em Port Louis às 14h30. Maravilha. Estou atracado no cais da aduana ao lado de um barco francês, o *Orix*. Tudo em paz, tudo bem.”

“Quatro mil, quinhentas e sessenta e cinco milhas no *log*. Nada mau para 30 dias e uns quebrados.”

“Boa noite, que eu estou com sono!”

É, cheguei. Parece até difícil de acreditar.

Capítulo 16

Mauritius: Dancez le segá

ÁFRICA

OCEANO ÍNDICO

MADAGASCAR

Cargados Carajos

Port Louis

MAURITIUS

Curepipe

RÉUNION

Saint-Pierre

16 Mauritius: Dancez le segá

QUANDO O INFINITO DO OCEANO É MAIS PALPÁVEL

Cheguei e fiz a viagem em apenas algumas horas mais do que havia esperado. Obrigado, Vagau. Você fez uma média fantástica: 4.565 milhas em 30 dias e seis horas, o que significa 150,9 milhas por dia ou, ainda, uma média de 6,28 nós ao longo dos 30 dias. Vagau, você não é grande em tamanho, mas é só nisso que você é pequeno, em tudo mais você é um gigante (cá entre nós, inclusive nas goteiras).

Pois é, agora estou em Mauritius. Eu esperava encontrar uma população de maioria negra. Erro. Quase todo mundo descende de indiano. Muitas das mulheres usam saris e têm aquela pintura entre a testa e o nariz. Não vejo nenhum homem de turbante, porém.

Port Louis, a capital, é um grande lugar, muito divertido - e talvez seja também a cidade mais suja que eu já vi. Na área perto do mercado, ruas e ruas de pequenas lojas vendem desde verduras e frutas até roupas e artigos importados da Índia e da China, passando por pequenos carrinhos e todo tipo de comida - peixe frito, *chapatis* (uma panqueca enrolada, com o que você imaginar dentro), *dhalls* (lentilhas com farta pimenta, de sair fumaça pela orelha), churrasquinho no espeto (padrão porta de estádio de futebol no Brasil). Esta é a parte mais suja da cidade. Igual a dia de feira no Brasil. Manja como fica a rua *depois* da feira? Pois é, lá é todo dia assim.

Povo muito comunicativo. Logo conheci vários *mauricianos*, se essa a palavra adequada. Sempre querendo uma carona no barco para se mandarem de lá.

- Mas por quê?

- Não existe trabalho aqui, companheiro.

Verdade. Mauritius, uma ilha pequena, com mais ou menos 30 por 60 quilômetros, abriga uma população de mais de 1 milhão de habitantes (como todo mundo sabe, indiano tem mais filho que coe-

lho). Ou seja, é um lugar cheio de gente, saindo pelo ladrão. Desemprego elevado. Muita pobreza. Assim quem está a fim de faturar mais fica louco pra se mandar da ilha, para qualquer lugar, sendo a África do Sul e a Austrália os destinos preferidos. Eu explicava, pacientemente, que não era possível - de mais que dois o Vagau não gostava...

No dia seguinte à minha chegada, andando a esmo pelas ruas, tomando uma cervejinha gelada aqui, comendo um *chapati* ali, cruzei com o Dennis, do veleiro *Emma Goldman*, que eu havia visto pela primeira vez em Mooloolaba, na Austrália.

- *Nice to see you.*

- *Nice to see you.*

Aí ele me convidou para uma festa, naquela noite, num junco[98]. Tudo bem, companheiro, se é festa conte comigo, que é exatamente do que estou precisando. Depois de um mês sozinho, nada como um embalo pra elevar o espírito.

O junco era o *Elf Chine*. O Elf vem do patrocinador, a empresa de petróleo Elf Aquitaine, da França. Tudo começou quando seis amigos, todos franceses, resolveram ir para a China construir um junco, uma réplica dos antigos, e com ele ir de Cantão até Paris. Aparentemente muitos anos atrás um junco (desta vez com chineses dentro) fez essa viagem. Vindos de Cantão e passando por Indonésia, Chagos, Mauritius, África do Sul e depois costeando toda a costa oeste da África até que, chegando à Europa, foram, naturalmente por via fluvial, até Paris. A idéia era repetir o trajeto.

Uma coisa eu garanto, os chineses de outrora não faziam festas como os franceses de agora. Aquela foi a primeira das festas em que estive no *Elf Chine*. Todas sempre muito animadas, cheias de gente e de todos os requisitos para fazer grandes celebrações. Aquela noite acabei dormindo lá.

Fiquei dois meses em Mauritius. Tempo muito calmo. Dei uma certa arrumada nas goteiras do Vagau e um trato nas velas, principalmente a grande, que depois de 30 dias de uso constante começou a descosturar em diversos pontos.

---

[98] Tipo de barco comum no Mar da China.

De Port Louis fui para Grand Baie, na parte noroeste da ilha. Como nome já diz, uma baía bem grande e relativamente protegida, com um vilarejo à beira-mar, o Grand Baie Yacht Club, onde o Vagau descansou após nossa travessia, e uma igreja (na qual, num domingo, fui bater um papo com Santo Antônio pra dizer que tudo estava bem, e agradecer a companhia durante a viagem: "Sabe como é, Toninho, me sinto capaz de fazer tudo sozinho, mas uma mãozinha sua de vez em quando não atrapalha em nada"). Encontrei tempo para descansar e meditar sobre a travessia recém-encerrada e o pedaço de mar à minha frente. O fato de estar em uma ilha faz com que o mar esteja sempre presente em sua cabeça. A imensidão de água à sua volta, o barulho do mar, a maresia, o vento que chega direto a você por falta de obstáculos... O infinito do oceano é mais palpável. Parece que o mar é mais mar numa ilha do que no continente.

E talvez Mauritius ainda seja um tanto especial, pois é uma ilha "bem no meio" do mar. Muito longe do continente mais próximo, a África.

Fiquei cuidando do Vagau e de mim e esperando pela Cindy, que deveria chegar a qualquer momento, de avião, da Índia.

Foi lá também que pela primeira vez ouvi o *segá*, a música local. Parece uma mistura de calipso, samba e rumba, muito ritmado e gostoso de ouvir. Quem primeiro tocou um *segá* para eu ouvir foi Henryô, que eu havia conhecido logo ao chegar. Um belo dia ele aparece em Grand Baie com dois amigos, Jacques e Rami. Um pandeiro, um violão e ele, Henryô, na flauta. Uma fogueira na praia, muito rum (definitivamente a bebida dos marinheiros, pois em todo lugar a que se chega é sempre a mais barata e a mais consumida) e lá se foi minha primeira noite, atravessada ouvindo e dançando *segá*. O pandeiro é um pandeirão cujo couro é esticado no calor da fogueira. Logo umas moças chegaram, pulando fogueira e rolando na areia, e a dança ficou mais animada.

Acordei no dia seguinte, na praia, com o barulho das gaivotas bem do meu lado.

O HOLANDÊS TURBULENTO E SURURU NA RUA

Os dias transcorriam na mais absoluta paz em Grand Baie. Mergulhei várias vezes, tentando acertar um cardápio gostoso, saudável e barato, porém para minha tristeza as águas translúcidas de Mauritius não abrigam muitos peixes. Foram quase dizimados. Muita gente pescando para pouca água e, o que é pior, gente nociva. Devido à falta de emprego, muitas pessoas acabaram se dedicando profissionalmente à pesca submarina, mas de forma tão insana que passaram a jogar bombas no mar para matar os peixes e depois simplesmente recolhê-los, boiando. Não sei se é o caso de odiar essas pessoas ou de ter pena delas. Cuspiram no prato em que comeram e não perceberam que ainda tinham fome. O resultado foi realmente triste: em determinados pontos até os corais estão mortos, praticamente não se vê um organismo vivo no mar.

É uma constante para quem viaja pelo mundo: quanto mais gente se aglutina, mais o meio ambiente se deteriora. Como toda boa regra, porém, também esta tem suas exceções. Quando me lembro das pouco habitadas Ilhas Solomon e vejo a superpovoada Mauritius, a comparação é inevitável. Que cuidado tinham lá para não pegar um peixe além do necessário, que carinho tinham com suas hortas, que limpas eram as aldeias, que respeito tinham com as árvores. A sabedoria deles é tão natural quanto respirar ou comer.

Mauritius, mesmo assim, é bela, e sua gente, amiga, mas a vida lá é mais difícil, às vezes amarga.

Interrompi meus momentos de ócio para ir a Port Louis de ônibus. Eu andava pela área do mercado quando percebi um tumulto e, por sobre as cabeças, um chapéu vermelho que ia e vinha e braços que gesticulavam.

Cheguei mais perto e - veja só! – era o Sam, o Samaluco, que eu já tinha encontrado em Fiji, o navegador solitário e também tatuador em seu estado habitual, exaltado e bêbado (apesar de diabético, se você se lembra bem), querendo dar porrada em todo o mundo. Depressa falei com ele:

- Ei, Sam, sou o Helio, brasileiro, lembra? Nós nos vimos lá em Fiji.

- Vai me dizer que você quer proteger aquela puta daquela indiana também?

- Não, não, pera aí, eu estou do teu lado, o que houve?

- O marido dessa vagabunda ficou bravo só porque eu passei a mão na bunda dela. Vou encher esse cara de porrada.

- Pera aí, calma, Sam. Sabe como é, ninguém gosta que os outros passem a mão na bunda da própria mulher.

- Bem que eu achei que você estava do lado deles.

- Não, não, calma, estou com você, imagine!

Nessas alturas, o pobre do Helio, já tido como amigo do *fou americain* (engano, pois o Sam era holandês), começou a levar uns empurrões por trás, enquanto pela frente havia sempre a ameaça holandesa. Por pouco não apanhamos os dois. O que ajudou foi meu francês macarrônico (em Mauritius fala-se francês, o dialeto *créole* e um tostão de inglês).

O Sam se virou pra mim:

- Já que você fala francês, diz pro indiano que ele é veado e que eu vou bater nele e na mulher e ainda é capaz de eu comer ela.

- OK, OK, Sam.

Aí, em francês, digo pro indiano, que estava vermelho de raiva e contido pelos amigos:

- Olha, o companheiro aqui tá pedindo desculpas, disse que foi sem querer.

Ele respondeu em *créole* misturado com francês e não entendi nada.

- O que é que ele falou?

- Bom, Sam, ele falou que tudo bem, que você pode passar a mão na bunda da mulher dele, mas não aqui na rua, que fica chato. Ele disse também que não é veado, *but that's all right*.

- Eu vou dar porrada assim mesmo, se ele não é bicha, que seja homem e venha.

Pois ele partiu pra cima do cara e deu a porrada.

Aí pintou o maior sururu na rua, e tome tapa, rasteira, pontapé de todo lado. Acabamos, claro, por sair correndo quando a *justa* ameaçou aparecer, e nos embrenhamos no mercado.

E o Sam, ainda bêbado:

- Agora eu lembrei de você: John, aquele argentino lá de Fiji.

- O nome é Helio, e eu sou brasileiro, Sam.

- *All the same, all the same, let's have a beer.* Eh! Que surra que demos naqueles *motherfuckers*!

Acabamos tomando umas cervejas juntos, ele quase arrumou mais umas brigas e, no fim da tarde, tive que levá-lo de volta a seu barco no cais. Naquelas alturas ele já começava a elogiar a ilha em que havia acabado de chegar:

- Muito agradável este lugar, como é mesmo o nome desta porra de ilha?

O Sam é daqueles marinheiros que lembram antigos filmes de piratas em que os embarcados, ao chegarem ao porto depois de meses ao mar, torravam em poucos dias o que haviam acumulado, bebendo com mulheres e fazendo arruaça. O Sam era a própria reencarnação deles.

Ele foi embora no dia seguinte.

ÓPIO E "BOOKMAKERS"

Eu havia combinado com o Henryô que iríamos escalar o Pieter Both, o pico mais alto da ilha, com um formato único. Imagine o Dedo de Deus, em Petrópolis, (RJ) e aí, na proporção, coloque na ponta do dedo, que aponta para o céu, uma bola de tênis que, acredite ou não, fica equilibrada lá em cima. O Pieter Both é exatamente assim. Fomos eu, o Henryô e a Cindy, uma outra Cindy, australiana que eu havia conhecido no iate clube. As semelhanças paravam no nome. Depois de ônibus e umas três horas de escalada até meio caminho do dedo, o negócio apertou, pois ventava bastante lá em cima, e o dedo adquiria a cada metro mais jeito de dedo, ou seja, vertical e liso.

A Cindy já ficara para trás, digamos que na altura da falange, eu e o Henryô estávamos em algum lugar entre a falanginha e a falangeta.

- Allez, allez, Heliô, c'est facile!

Piscando tudo a que eu tinha direito, acabei conseguindo subir até o fim do dedo. Fora o medo, o que me fazia sentir meio micho era o próprio Henryô, que mais parecia um cabrito, tal a facilidade que tinha de escalar. Aí eu tinha à minha frente, ou melhor, acima, a tal bola de tênis, que formava não mais uma parede vertical, mas um talude invertido. E como eu havia esquecido minha capa do Super-Homem, meu anel do Fantasma, minha faca do Tarzan e minha cartola do Mandrake, achei melhor ficar por ali mesmo, pois faltando tanto equipamento, prosseguir era muito arriscado.

- Heliô, não vai me dizer que você está com medo?

- Imagine, é que me deu uma baita vontade de chupar cana lá embaixo.

A vista era linda, com vastos canaviais se estendendo no planalto logo abaixo, ao longe um vulcão extinto chamado Trou-aux-Cerfs e três picos quase gêmeos, Les Trois Mamelles. Esticando o pescoço, dava pra ver Port Louis do outro lado do dedo, ao norte Grand Baie e as ilhas por que passei quando cheguei, sobressaindo-se sempre Coin de Mire, ou Gunner's Quoin, com seu formato todo especial.

Descemos e fomos até a vila mais próxima, de onde resolvemos caminhar atrás de uma carona para Port Louis, para então entrar num ônibus que nos levasse a Grand Baie. Parou uma kombi, quase desmontando, com três indianos dentro. Cada um falava sem parar, todos ao mesmo tempo, em *créole*. O Henryô, que também era boca mole, entrou na roda. Logo o motorista virou-se para mim e entregou um envelope. Abri e aí me compliquei, pois o que parecia ser um convite estava escrito em indiano.

- Que é isso, Henryô?

- Convite de casamento.

Entendi que ele ia casar dali a dois sábados e eu estava convidado

- *Merci, mon ami*. Vou com certeza.

Cheguei em Grand Baie, entrei no clube, fui até o bar pra tomar aquela gelada e quem vejo? Cindy! Um beijo, um abraço, até uma lágrima. Pura alegria.

Depois que pusemos a saudade em dia, levei a Cindy para conhecer a ilha. Fomos a Port Louis, onde ela se encantou com o mercado, uma festa de cores e aromas, a simpática cacofonia de um formigueiro humano, de suas pequenas lojas nas vielas centrais. *Bookmakers* aceitavam apostas de todos os tipos e combinações para corridas no fim de semana no hipódromo local de Marte. Havia também Chinatown, com seus pequenos restaurantes e casas de jogo, sem falar das inúmeras vezes em que nos ofereceram ópio.

- Suba, amigo estrangeiro. Vá lá em cima fumar ópio e você será transportado ao mundo dos sonhos.

- Muita gentileza sua, amigo de Mauritius, mas a tripulação do Vagau atua somente na área da cerveja. Fica pra próxima.

Visitamos o museu de Port Louis, onde vimos o esqueleto de um *dodo*, uma ave extinta, simplesmente dizimada pelo homem. O *dodo* era enorme. Imagine uma galinha e multiplique por quatro seu tamanho, troque o bico por um mais comprido e curvo na ponta, coloque penas brancas, acrescente um olhar dócil e inocente (vi isso em gravuras antigas). Pronto, você tem um *dodo* à sua frente. Completando a descrição, sua carne era ruim. Era um bicho curioso, que gostava de se aproximar dos humanos e, por último, não voava. Pois é, os *colonizadores* houveram por bem acabar com eles. Precisamos tomar cuidado, ou qualquer hora dessas Mamãe Natureza se enfeza com a gente e acaba a brincadeira.

Tomamos um ônibus e fomos a Curepipe, cidade situada num platô. Era de lá que os ingleses governavam, enquanto mandavam na ilha. Casarões coloniais muito bonitos, fontes, monumentos, praças ajardinadas. Ainda um ar de aristocracia, com um toque decadente.

Dias depois, estávamos no Yacht Club quando ouço alguém com um sotaque meio diferente perguntar a um garçom, em inglês:

- Você sabe se um barco brasileiro chamado *Vagabundo* está por aqui?

Me virei.

-Théo!

- Helio!

O Theodoro, meu amigo desde os tempos do Colégio São Luiz, São Paulo, agora empresário, tinha vindo nos visitar. Antes de embarcar, iria passar dez dias no Club Méditerranée próximo a Grand Baie. Fomos várias vezes ao Club Med a convite do Théo. É sem dúvida um lugar divertido, muito esporte para se praticar, muita música e muita gente animada.

INCENSO, TRADIÇÃO HINDU E ROCK

Até que chegou o dia do casamento para o qual eu havia sido convidado. O Théo não quis ir. Fomos, a Cindy e eu. Um ônibus até Port Louis, até perto do Pieter Both, um pedaço a pé e lá chegamos ao local da cerimônia, num lugar retirado.

Havia um toldo, como um circo, montado ao lado da casa, contendo um pequeno palco e cadeiras para a platéia. No palco, a noiva e um religioso hindu. Na platéia, os convidados. Eram 3 da tarde. A noiva estava inteiramente coberta de jóias. Ouro, muito ouro, dependurado nas orelhas, no nariz, nos cabelos, nos braços, nos dedos. Muito bonito de se ver.

Aí vi o fulano que havia me convidado, que pra mim era o noivo. Veio, me abraçou, fez festa, ofereceu bebida. Dava pra ver que ele mandava na casa. Fiquei bebendo e conversando com ele enquanto a pobre noiva ouvia as cantigas e as rezas do cara ao lado dela. Sem contar um incenso bravo, correndo solto no nariz de todo mundo.

Essa história foi até a noite, quando serviram um farto jantar. Eu e a Cindy só ficávamos imaginando quando o casamento iria de fato ocorrer.

E tome comida, tome bebida. Já meio alto, perguntei ao noivo:

- Cumé, que horas você vai casar?

- Casar? Eu? Mas eu não vou me casar.

- Cê tá brincando, tinha até convite!

- Convite tinha, mas quem falou que era meu casamento?

- Bom, eu achei ...

– (Morrendo de rir) O casamento é da minha irmã, aquela que você viu hoje.

- Tá brincando, quer dizer que você não é o noivo?

- Tá louco, noiva é minha irmã!

- Tá certo, tá certo, mas sem querer ser indiscreto, cadê então o noivo?

- Está em outra festa.

- Gozação não! Vai querer me dizer que logo no dia do casamento ele vai a outra festa?

- Primeiro que o casamento nem é hoje, e segundo que onde é que já se viu um noivo vir na festa da noiva? O noivo tem a festa dele.

- Agora eu não entendi nada, quer dizer que cada um faz sua festa?

- É claro, e tem outro jeito?

- Outro jeito! Bom, eu imagino, eu... É claro que não tem outro jeito, a noiva faz uma festa e o noivo faz outra, mas é lógico, esse é o único jeito. Agora, só uma coisinha, você falou que o casamento não é hoje?

- E não é mesmo, é amanhã.

- Puxa, você podia ter me avisado.

- Mas está escrito no convite.

- É que está escrito em indiano... Bom, deixa pra lá. Amanhã a gente volta, esse casamento eu não perco.

- Claro, amanhã à tarde você volta pra Grand Baie, hoje você dorme aqui. Já tem até quarto arrumado.

E assim foi que descobri que um casamento indiano dura dois dias. Depois do jantar a noiva sumiu, imagino eu trancada em algum cômodo, dando uma rezadinha.

E aquele ritual que deve remontar a séculos foi pra cucuia mais tarde, quando a rapaziada jogou um disco de rock na vitrola e todo o mundo entrou na dança.

Contrastes demais pra minha cabeça num só dia.

Dormimos na casa de um primo nas proximidades da festa. O rock ecoou a noite toda. Pela manhã, um ônibus nos levou ao pagode hindu onde a cerimônia seria realizada. Aí estava bonito, o noivo todo

de branco e turbante e a noiva ainda mais charmosa, com uma vestimenta mais elaborada que a anterior. A cerimônia demorou horas no altar (palco?!), acenderam fogo, incenso, velas e fizeram cantorias para todo lado.

O casamento parecia encerrado, quando os noivos saíram do altar e foram para um recinto ao lado receber cumprimentos. Achei que esse pedaço era igual ao nosso: uma cumprimentada no final. Ledo engano. Acredite ou não, tem que pagar para cumprimentar. É assim: você chega em frente ao casal, dá uma cantadinha, uma espécie de *coroinha* balança o incenso, o sacerdote benze, os noivos dão uma rezada e você entrega a grana para o pai do noivo, que vai enfiando num monte de bolsos, previamente concebidos para a cerimônia. Claro está que, duros que éramos, saímos de fininho da fila.

Dias depois, encontramos em Port Louis o *Truganini*, com o nosso galês John e a Linne a bordo. Como o John descobriu que tudo em Mauritius era baratíssimo, resolveu dar um trato geral no Trugs, atracou na doca de reparos e ficou por lá mesmo. Por lá também estavam o Alex, americano, e o China, australiano, com o veleiro *Celeste*, um ex-*pilot boat* do canal do Panamá. O Alex reformou o barco, transformando-o num *cutter*[99] com a mestra em carangueja[100]. Um barco pesado, de aço, com uma cara antiga, mas sem dúvida charmoso.

Conheci ao lado deles um barco muito antigo, também um *cutter* com carangueja, o *Odd-Times*, de propriedade de um casal mais velho, muito simpático e agradável, os americanos Ken e Jean. Iríamos nos rever muitas vezes.

- É uma beleza ver um casal de idade velejando pelo mundo, Ken.

- Que é isso, Helio, eu ainda sou moço, tenho 58 anos, e a Jean é uma mocinha, só tem 64.

- O que vocês faziam antes?

---

[99] Tipo de armação com um só mastro, mas com um mastro curto e horizontal na mado gurupés.
[100] Vela quadrangular na qual, além da retranca na parte inferior, há uma verga oblíqua ao mastro em que ela se prende.

- Bom, nós não somos casados, somos namorados. A Jean era professora no Alaska e eu tinha uma profissão que não existe mais: era um *logger*.

- Que é isso, Ken?

- Eu trabalhava no Oregon para madeireiras. Antes de uma empresa comprar uma mata, eu me embrenhava nela por muitos dias, semanas às vezes, e levantava a quantidade e a qualidade das madeiras existentes. Com isso, eles acertavam o valor da compra. Hoje fazem esse levantamento por satélite.

- E qual é o método mais preciso?

- O meu, é claro, mas os tempos mudaram. Tudo tem que ser rápido hoje em dia. Os tempos românticos não existem mais. Mas o vento e o mar eles nunca conseguirão mudar!

- É verdade.

ENTRE AS FRENTES FRIAS E OS FURACÕES

Durante toda a minha travessia do Índico aquele nome me intrigou. Todo dia estava na minha frente a carta náutica do Oceano Índico, onde eu plotava minhas posições. A cada dia me afastando de Darwin e me aproximando de Mauritius. Era uma carta inglesa, British Admiralty Chart, como chamamos, ou simplesmente B.A.. Cargados Carajos, nome sugestivo demais. Mais que um nome estranho, como já vimos antes neste livro, o lugar devia ser bonito e piscoso. A 200 milhas de Mauritius, com certeza não era muito freqüentado. Desde que li esse nome, como você já pôde perceber antes, fiquei curioso por conhecer o lugar e prometi a mim mesmo que acabaria fazendo isso. Com a chegada do Théo, resolvemos ir os três.

Abastecemos o barco e partimos num fim de tarde.

Para navegadores *- Imaginando que fizéssemos uma média de 5 nós, deveríamos chegar dois dias depois, no começo da tarde. Como nosso destino era norte, e havia um vento leste, junto com uma forte corrente, coloquei na bússola o rumo de 30°, ou seja, orçado em relação ao rumo norte, para*

compensar a deriva. A navegação tinha que ser precisa, pois Cargados Carajos é um conjunto de recifes em forma de meia-lua, com pequenos ilhotes completamente planos e baixos. Em alguns, existem coqueiros e, no extremo sul, há um pequeno farol com alcance de 5 milhas. Ou seja, a mais de 5 milhas de distância não se vêem as ilhas.

O vento foi fraco durante o percurso e, com isso, nos atrasamos. Em vez de chegarmos no início da tarde, como o previsto, só vimos o farol do extremo sul dos recifes exatamente no pôr-do-sol, quando fomos presenteados com uma lua cheia nascendo. Um cenário maravilhoso: o pequeno ilhote do farol, com areias brancas, aves marinhas voltando para terra, uma luminosidade toda especial, que misturava tons do sol poente com a lua já nascida.

De manhã ficou evidente que o lugar era mais bonito do que tínhamos imaginado. Água absolutamente clara, cardumes passando em baixo do barco, aves voando e sol brilhando.

Fomos todos mergulhar. Dá pra imaginar que havia muito mais peixe do que o necessário. A refeição era sempre escolhida a dedo. O peixe certo, do tamanho certo. Logo no primeiro dia encontramos num grande cabeço de coral um enorme badejo com seus 25 quilos, escuro, beiçudo, lindo. Servia de ótimo alvo não para as espingardas, mas para as máquinas fotográficas. Ficamos amigos, pois ele morava lá e nos víamos todos os dias.

A nota destoante foi o motor do Vagau. Peça ignóbil da engenharia. Pifou de novo.

Depois de uma semana, num fim de tarde resolvemos voltar. Haja braço para puxar 30 metros de corrente da âncora, sem o motor para dar uma mão e com vento forte soprando. Como havia vento e o nosso destino agora era um alvo grande, Mauritius, resolvi nem me incomodar em navegação astronômica. Afinal, viemos tão bem, achamos os recifes tão facilmente que a volta tinha tudo pra ser uma manha. Puro engano. Com o vento soprando forte, passamos todo o dia seguinte velejando. A outra noite também. No terceiro dia eu esperava ver Mauritius pela manhã. Oito da manhã, nada; 10, nada; meio-dia, nada; a tarde passa, nada - e escurece. Aí vi uma luzinha em

nosso través a bombordo lá longe. Bem longe. Navegamos a noite inteira rumo a essa luz e não deu outra: era Port Louis. A corrente nos havia jogado 50 milhas fora do nosso objetivo. Um absurdo a corrente. Isso só serviu para provar mais uma vez que todo respeito que se possa ter pelo mar é pouco.

De volta a Grand Baie, o Théo foi embora. Foi um grande companheiro, resistiu bravamente às goteiras da cabine de proa, o que por si só já era um ato heróico. Deixou saudades.

Encontramos outra vez um barco que já conhecíamos, o *Elegance*, com o John Hunter, a Kiami e os dois filhos, que nos apresentaram a um casal suíço, Heinz e Doris, num gracioso barco de 32 pés, o *Doriana*. Conhecemos um barco americano, o *Bonnie Lass*, um *ketch* de 45 pés com três homens e uma mulher a bordo, todos americanos. Viríamos a fazer amizade com um deles, o Dan.

Àquela altura estávamos no começo de outubro, já ficando na hora de ir embora. Pretendíamos passar pela Ilha de Réunion, a 120 milhas de Mauritius, e de lá seguir para Durban, na África do Sul.

Em Réunion eu queria reencontrar o Jacques e a Lucette, o casal que tão bem me acolheu em Guadalupe, anos atrás, me convidando para almoçar todo dia e me mostrando a ilha com atenção e gentileza. Agora, moravam em Saint-Pierre, Réunion.

Esse é um trecho interessante da viagem pois, a partir de Réunion, em direção a Durban, vai-se aos poucos deixando o cinturão dos alísios, onde os ventos tornam-se variáveis no meio do trajeto. Ao se aproximar da África, porém, a gente fica sujeito ao encontro de frentes frias subindo a costa. Os sistemas frontais na área são idênticos aos do Brasil, exceto pelo fato de que lá se está em latitudes muito mais altas e, com isso, as frentes são de maior intensidade. Elas ocorrem com muito maior frequência no inverno, diminuem no outono e na primavera, mas não desaparecem de todo no verão. De qualquer forma, o verão é a época certa de se estar por lá.

Pensando nisso você poderia sugerir: fique até dezembro entre Mauritius e Réunion e então vá pra África. Você até aí está certo, só que eu não terminei de contar a história. Acontece que a estação

dos furacões começa em novembro, e eles aparentemente têm uma predileção por passar nas proximidades de Mauritius.

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. É bem isso. Quando se sai antes de novembro há o risco de encontrar terríveis frentes frias.com ventos ainda mais desagradáveis. Quando a opção é depois do começo de novembro, diminuem as chances de as frentes frias aparecerem, mas começa a surgir cheiro de furacão no ar.

Preferi correr e o bicho me pegar do que ficar e ser comido.

Fomos a Port Louis aprovisionar o barco e encontramos os nossos queridos Josh e Werner dentro do bravo *Comitan* - a associação que tive a honra de promover. O Werner havia resolvido voltar para a Suíça e o Josh pretendia ficar uns tempos em Mauritius.

O Josh era definitivamente meu herói. Com seus 80 anos, de pescoço duro, e surdo, tudo o que ele falava eram planos para o futuro, como se fosse viver mais cem anos, fora o fato de ser um doce e incorrigível Don Juan.

- Você sabe, Helio, a companhia feminina é sempre tão agradável.

- Sem dúvida Josh, sem dúvida.

O *Truganini* estava pronto, pintado, arrumado e, por incrível que pareça, limpo. Resolvemos sair juntos com destino a Réunion.

Capítulo 17

Reunión: um helicóptero, por favor

17 *Reunión: Um helicóptero, por favor*

NO MEIO DO MAR, UM ENORME E ÍNGREME ROCHEDO

Réunion é uma ilha quase redonda com apenas dois portos, ambos na costa oeste, do lado oposto da ilha pra quem chega de Mauritius. No principal, Port de Gallets, na parte noroeste, entram até navios de grande porte. Saint-Pierre, a sudoeste, pequeno, destina-se só a barcos de recreio. Lá nos esperavam Lucette e Jacques e para lá pretendíamos ir. A idéia era contornar a ilha pelo sul e subir, pouca coisa, até Saint-Pierre.

Saímos de Port Louis, o *Vagabundo* e o *Truganini*, na manhã de 10 de outubro. Logo nos separamos, pois o John resolveu descer a costa de Mauritius, pra "dar uma olhada" e o Vagau seguiu direto para o sul de Réunion. Sabíamos que na manhã seguinte estaríamos com Réunion em nossa cara. Com um vento razoável, na hora do almoço chegaríamos a Saint-Pierre.

Só que o vento estava fraco, de sudeste. Assim foi todo o dia e toda a noite. Noite estrelada, tranqüila, mar liso. Estava tão calmo que quando nos deitamos o barco parecia ancorado em uma baía protegida e sem vento, muito embora nossas velas estivessem enfunadas e o Vagau fizesse talvez 3 nós. Dormi como uma criança.

Logo que clareou o silêncio era o mesmo. A bússola na mesa de navegação indicava que estávamos no rumo. Olhei para fora, para a popa, pela entrada do barco, e vi sol. Oba! Tudo bem.

Saí para fora, olhei pra frente e - *ups!* Tudo mal. Uma parede preta de nuvens a duas milhas de distância, vindo em nossa direção. Era a tal de frente fria. Fiz algumas alterações nas velas. Depois, sentar e esperar.

A espera não foi longa. Em dez minutos entraram uns 30 nós de vento e o mar, que era um tapete, virou uma montanha russa.

Trinta nós são 30 nós, mas a velha, surrada e fiel genoa 3 estava acostumada a isso. Fui lá e subi a vela. O vento vinha na cara, ou

seja, vinha exatamente da ponta sul da ilha, que devia estar muito próxima, mas ainda não visível por causa das nuvens. Contravento bravo. Mantivemos o rumo por uma hora até que ouvi um barulhão estranho na proa. Corri para lá e vi que o punho da genoa[101] na proa havia sido simplesmente arrancado com a força do vento e ela tinha subido no estai. A Cindy, do *cockpit*, rapidamente soltou a adriça e a vela veio para baixo.

Menor que a genoa 3, só a *storm jib*. Lá foi ela pra cima.

Mais meia hora e escutei outro barulho. Adivinhe! A mestra rasgou. Mestra pra baixo.

Menor que a mestra, só a try-sail[102]. Lá foi ela pra cima. Aí deu uma certa clareada nas nuvens e foi possível ver a ilha. Imensa. Imponente, ela era um muro de pedra a poucas milhas de distância. Mas o negócio começou a engrossar. O vento aumentou e com ele as ondas. Quase que a cada onda o Vagau enfiava sua proa na água, que varria o convés inteiro e vinha dar no *cockpit*. Soprava 45 nós.

Como não nascemos para heróis e um vento desses chega às raias da falta de educação, a tripulação do Vagau, em assembléia geral, resolveu por unanimidade alterar o rumo da embarcação. Decidimos, a favor do vento, contornar a ilha pelo norte e aportar em Le Port de la Pointe-des-Galets, mais conhecido como Le Port.

Só com essas velinhas (guardanapos, como a Cindy chamava), o Vagau fazia 7 nós, contra os 2 nós que vinha conseguindo no contravento.

A capital da ilha, Saint-Denis, fica no norte. Passamos por ela no fim da tarde, acredite ou não já sem vento. Tivemos que motorar até o porto, onde chegamos à noite. O Trugs não apareceu.

O John, com aquela *voltinha* a mais em Mauritius, atrasou-se e pegou a frente mais longe da ilha do que nós. Companheiros que somos, ele também rasgou duas velas e, como passou em Saint-Denis só à noite, resolveu ancorar por lá mesmo, fora da arrebentação das on-

---

[101] Vértice da vela genoa.
[102] Vela de capa (de mau tempo).

das na praia. Chegou em Le Port no fim da tarde do dia seguinte. Estavam lá dez barcos, inclusive o *Celeste* e o *Michka*, um veleiro de alumínio de 37 pés navegado solitário pelo Bernard. Nós o havíamos conhecido em Mauritius.

Réunion é uma ilha única em sua topografia e geologia. Basicamente um íngreme rochedo que aflora no meio do mar, seu formato é mais ou menos oval, com um diâmetro médio de 50 quilômetros. Seu pico mais alto é o Piton de Nièges, de pouco mais de 3.000 metros de altura. É inóspita, agressiva para quem chega num veleiro, pois boa parte de suas costas são rochedos verticais, incessantemente batidos pelo mar. Excetuados os portos, não existem abrigos. À primeira vista, a ilha não convida a uma abordagem. Depois de conhecê-la, porém, a opinião muda radicalmente. É um lugar belíssimo.

UM MUNDO À PARTE DENTRO DO VULCÃO EXTINTO

Há em Réunion um grande vulcão ativo e três, enormes, inativos, que geologicamente ocupa quase dois terços de sua área total. As três crateras, uma geminada à outra - os Cirques, como são chamadas - fazem a peculiaridade da ilha. Há o Cirque de Mafate, o Cirque de Salazie e o Cirque de Cilaos. O acesso a duas delas se dá por estradas íngremes e sinuosas. À terceira, o Cirque de Mafate, só é possível chegar de helicóptero ou a pé, por pequenas trilhas. O Cirque de Mafate é gigantesco: tem um diâmetro que varia de 10 a 15 quilômetros. Dentro existem rios, montanhas, cavernas, pequenas vilas. É um mundo à parte.

Imagine essas três crateras geminadas formando um trevo. Pois no meio do trevo é que se encontra o ponto culminante da ilha, Piton de Nièges. O vulcão ativo e também enorme, o Piton de la Fournaise, fica ao sul. Segundo estudos feitos por especialistas, a periodicidade de suas erupções gira em torno de dezoito meses.

Réunion é, oficialmente, um Departamento francês, onde se misturam muitas raças: os franceses europeus, chamados de *zoreille* no

dialeto crioulo, os muçulmanos, ou *zarab*, os indianos, chamados *malabars*, os chineses, que não têm apelido, e uma raça esquecida, muito estranha, os franceses brancos que vivem dentro das crateras, dos *cirques*: são *les petits blancs des hauts*. Esses habitantes se isolaram nas crateras a partir da metade do século XVIII, quando escravos negros trazidos da África vieram trabalhar nas plantações de cana. Falam um dialeto incompreensível. A cada palavra que pronunciam parece que riem também. Falam rindo ou riem falando. É muito estranho. A estranheza certamente vem do fato de que desde o século XVIII só se casem entre si, o que deve gerar alguma perturbação genética.

Com tudo isso, nas cidades e vilas de Réunion o ambiente é francês. Em qualquer canto você encontra padarias com baguetes recém-saídas do forno, moças bem vestidas, restaurantes finos e, em Saint-Denis, na orla marítima que se chama Barachois, todo dia se vê o pessoal jogando *pétanque*, o mais francês dos jogos. Claro está que lá, embora houvesse rum do bom, fui obrigado a matar a saudade e tomar o francesíssimo Pernod.

Cada pequena vila de Réunion parece mais simpática que a outra quando se anda pela estrada costeira. Fizemos esse trajeto para ir a Saint-Pierre encontrar o Jacques e a Lucette. Fomos divinamente tratados por dois dias. À tarde, tomando um café no bistrô em frente ao pequeno porto só com veleiros atracados, dava pra jurar que eu estava em algum lugar da Europa e nunca no meio do Oceano Índico. O Paul, australiano do *Lady Patricia*, que eu havia conhecido em Darwin, estava lá. Por fora do espigão de proteção do porto, o surfe é muito bom. O Paul, sendo um aficcionado, passava o dia nas ondas.

Nossos anfitriões nos levaram para conhecer o Piton de la Fournaise e lá fomos morro acima. É interessante a mudança da vegetação à medida que se sobe. Nas partes baixas da ilha, espalha-se a vegetação tropical, muito verde e densa. Quanto mais alto o relevo, porém, mais se vê a vegetação rareando, até que a paisagem se torne desértica, reduzida a tufos de mato ressequidos. Nas partes mais altas há plantações de gerânios, dos quais artesanalmente se retira extrato fixa-

dor para perfumes. É comum ver pequenos sítios com o rústico aparelho de destilação do gerânio. Quem sabe o segredo dos perfumes franceses não está lá em Réunion?

Depois que se chega ao tope, anda-se bastante por uma espécie de planalto, sempre com vistas espetaculares da costa. Pouco antes do vulcão há uma região totalmente desértica, o Plaine de Sables. Plana, composta de uma areia de tonalidade cinza, com um ou outro tronco retorcido aparecendo, é uma paisagem, eu diria, um tanto esotérica. Ali baixa qualquer espírito.

Atravessando-se esse pequeno deserto, chega-se à borda do vulcão. Essa borda é a da antiga e enorme cratera. Hoje, o que entra em erupção são duas outras crateras dentro dessa maior, que tem um nome bem apropriado: La Caldera. A outra, que mais parece um pequeno furúnculo, tem um nome engraçado: Fórmica Leo.

Já se viu que Réunion está mais pra vulcão do que pra vela. Lá um veleiro tem pouca utilidade, pois não há onde ir. O bom é andar e conhecer seu interior. Assim foi que a Cindy, eu, a Linne e o John planejamos passar uma semana dentro do Cirque Mafate, acampando e andando por todas as trilhas possíveis.

A idéia era conseguir uma carona de carro até a borda, num ponto chamado Le Maido, atravessar a cratera em toda a sua extensão e, por ponto mais baixo, um passe chamado Le Taibit, entrar no Cirque Cilaos e de lá voltar pra casa.

NO TOPO DO MUNDO, ACIMA DAS NUVENS

Arrumamos a carona e ás 7 da manhã de um dia maravilhoso, com sol e nenhuma nuvem no céu, chegamos à borda da cratera. Curiosamente, porém, ela estava cheia até a boca de nuvens, como se fosse uma panela repleta de algodão doce. O sol recém-nascido, iluminando aquele manto branco delimitado pelas bordas da cratera e pelo suave azul de um céu que acabava de despertar, formava um ambiente mágico, envolvente, que nos fazia sentir no topo do mundo. Era curioso saber que o fundo da cratera estava quase 2.000 metros abaixo e tudo o que se via era o algodão doce.

Nossa primeira etapa era descer até um vilarejo chamado Roche Plate, 1.000 metros abaixo e a 7,5 quilômetros de distância. A trilha é demarcada e, portanto, mesmo quando entramos no nevoeiro era possível saber o caminho. Mas a visibilidade era de apenas alguns metros: poucos metros morro abaixo, começava o abismo.

À medida que o sol foi subindo e invadindo a *panela*, as nuvens começaram a se dissipar e podíamos ver à nossa volta. Cenário simplesmente desbundante. Mal havíamos descido uns 200 metros naquele ponto e já dava a sensação de estar lá dentro. Nossos olhos viam paredões de 1.000 metros de altura, picos dos mais diferentes formatos, regiões com matas de pinheiros, pequenas vilas ao longe, vales estreitos e escuros, cachoeiras. A beleza era tanta que sentamos para ficar apreciando o espetáculo.

Às vezes dava a impressão de tudo aquilo ser de brinquedo, pois, olhando à volta, via-se perfeitamente a borda da cratera contendo aquele mundo à parte. Um micromundo completo, com água, vegetação, animais, gente. Tudo, enfim.

Aí o John, gozador como sempre, começou a falar:

- Meu Deus, que trilha perigosa! Olha só que abismo! Olhe só aquela curva da trilha, é muito fechada, não dá pra passar.

- Não enche o saco e anda, John.

- *Shut up, sucker!*

- *Chicken!*

- É sério, é sério, olha só que perigoso.

E lá fomos nós descendo e ouvindo o John.

Entramos num bosque de ameixeiras, com os pés carregados. Um belo almoço: ameixas amarelas colhidas no pé, água cristalina bebida no regato ao lado..

No fim de tarde chegamos a Roche Plate. Achamos um pequeno platô logo após a vila, com vista para toda a cratera. Barracas montadas, céu de estrelas, fogo no chão, uma sopa pra esquentar e um gole de uísque pra arrematar. Noite gelada.

Passamos o dia seguinte em Roche Plate, tentando conversar com os locais - o que era praticamente impossível. Apesar da falta de

comunicação verbal, foram gentis conosco, mostraram grande hospitalidade. Visitamos suas hortas que quase despencavam morro abaixo, e me lembrei das que vi nas Highlands, na Nova Guiné. Fomos até convidados para almoçar.

No dia seguinte saímos cedo. A trilha continuava descendo suavemente até que demos na borda de um vale profundo e inclinado.

John em ação:

- Tá louco, esse eu não desço. Isso aí não é descer, é cair.

Depois de ser chamado de frouxo, fresco, arregado, tomou a decisão:

- Fiquem tranqüilos, deixem que eu vou na frente.

E foi. Era uma descida de uns 500 metros, realmente íngreme. Lá no fundo estava o largo leito rochoso do Rio Galets, reduzido pela seca a um pequeno veio que formava, aqui e ali, piscinas de água cristalina. Não deu outra: mochila no chão, roupas também e todo mundo pra piscina. Até o John, que preferia ver o diabo a entrar na água, deu seu mergulho.

Descemos o rio e encontramos uma cachoeira. Que maravilha! Voltamos, pegamos nossos pertences e caminhamos em outra direção. Achamos uma caverna bem na beira do rio e logo a Cindy deu a idéia:

- Vamos dormir aqui! Negócio fechado no ato.

Trouxemos nossas mochilas para o abrigo, acendemos fogo e tudo que tivemos que fazer foi olhar o rio e o céu, conversar e respirar ar puro.

A VERTIGEM DO JOHN E A PROFESSORA SEXY

Até que, conversando, descobrimos que as brincadeiras do John não eram brincadeiras. Ele tinha vertigem.

- Daqui eu não saio. Não subo nem a pau, olha só a largura da trilha, curvas com ângulos errados e coisas atrapalhando!

- Deixa disso, John.

- Nem a pau. Vocês sobem e pedem pra um helicóptero vir me salvar. Digam que eu torci o joelho.

- Você tá louco, John, não vamos chamar helicóptero nenhum.

- Então OK, eu vou ficar morando aqui, vou fazer uma hortinha arrumar uma mulher e criar meus filhos aqui mesmo.

- Ainda bem que está cheio de mulher por aqui, você vai se virar fácil...

- Uma hora aparece.

- E quando o rio encher?

- Eu saio nadando. Parem com isso! Eu exijo um helicóptero, não agüento mais de dor no joelho. Vocês têm remédio contra dor?

- OK, OK, John. A gente chama o helicóptero. Mas com uma condição: você tem que pagar um jantar pra nós.

- Isso nunca! Gastar dinheiro com vocês, jamais. Vocês querem me ver morrer de fome aqui embaixo ou pobre lá em cima?

A conversa foi por aí afora. Pão-duro do jeito que era, pelo menos um jantar a gente conseguiu.

Acordamos cedo, fizemos um *breakfast* e partimos, Cindy, Linne e eu.

- Tchau, John, até o ano que vem.

- *See you same day, darling.*

- *Bye, bye, John, I'll say hello to your parents.*

- *Bastards, I want an helicopter.*

Até ali havíamos descido, dali pra frente era só subida. Quem um dia falou que em descida todo santo ajuda, pode se considerar um sábio. Na subida nem anjo da guarda apareceu.

Logo que alcançamos o tope do vale havia uma região plana e à nossa frente descortinou-se um tapete de margaridas. Não se via o chão, só flores. Outro presente da natureza para nossos olhos e sentidos. A Cindy não resistiu, tirou sua mochila e se deitou no tapete. Acompanhei-a.

Ficamos deitados, quietos, olhando para cima e em volta. Pura beleza.

- Helio, o paraíso deve ser assim.

Caminhamos mais 4 quilômetros e chegamos a La Nouvelle, uma cidade que, por incrível que pareça, é plana. Fica num pequeno planalto onde cabe ela e só ela. Uma mesa.

Por grande sorte vivia ali uma professora francesa, falando o francês normal. Só que o visual dela era de não se acreditar existir por aquelas plagas: vestido estampado justíssimo (até que era boazuda), meia de rendinha, salto alto, cabelo com permanente, rosto muito pintado. O amigo que está lendo pensou certo, cara de puta mesmo.

Mas enfim foi ela que desencadeou o processo de salvamento do nosso amigo ferido no fundo do vale. Por rádio ela contactou a Gendarmerie Nationale pedindo socorro. Meia hora depois aparece o helicóptero. Um daqueles grandões. Dois pilotos na frente e dois oficiais atrás, cheios de medalhas e daqueles badulaques no ombro. Um, cujos badulaques eram maiores, ainda trazia um cachorro policial preso a uma coleira e na outra mão usava um rebenque, desses que volta e meia se põe embaixo do braço.

Contei todo o caso, mostrei no mapa onde estava o *acidentado* e lá se foi o helicóptero. Os dois oficiais ficaram conosco. (Depois vim a descobrir que o de rebenque era o comandante-geral da ilha.)

Acho que em menos de cinco minutos o helicóptero regressou. O John pula lá de dentro, mancando de dar dó e dizendo:

- OK, OK, muito obrigado, vocês foram muito gentis, eu fico por aqui.

- *Non, monsieur*, o senhor está ferido, vai conosco para o hospital central de Saint-Denis.

John, não falando francês, se dirigia a mim para que eu traduzisse.

- Helio, fala pra eles que eu não preciso ir, que daqui pra frente, dá.

- OK, John. Senhor comandante, por favor: meu amigo agradece e diz que acharia ótimo ir a Saint-Denis.

- Bom, *monsieur*, então que ele entre.

- John, ele falou pra você entrar e não encher o saco.

- Você é um filho da puta mesmo, Helio.

E as meninas:

- *Bye, honey.*

- *See you, sweetheart.*

E lá se foi o John embora.

O DOENTE SAI CORRENDO DO HOSPITAL

Assim que o helicóptero levantou eu tive um dos maiores acessos de riso da minha vida. A professora sexy nos achou um pouco estranhos.

Andamos mais 7 quilômetros até Marla e lá pernoitamos ao lado de um pequeno lago alimentado por um riacho. Em volta, muita taboa e muitas flores. À noite, dois habitantes da área vieram falar conosco. Conversei bem umas três horas com eles. Mas juro que não entendi uma palavra.

No dia seguinte sairíamos da cratera Mafate e entraríamos no Cirque Cilaos. O passe era o Le Taibit. Caminhamos 4 quilómetros rumo ao Le Tabit, que ficava 600 metros acima. Nessa eu quase morri, pois estava já muito cansado. A Linne também ficou com a língua de fora e novamente quem aguentou mais foi a Cindy,

Em Le Taibit a vista é linda, pois se vê de um lado o Mafate, do outro o Cilaos e, no meio, bem próximo, o Piton de Nièges. De lá é preciso descer 900 metros para dentro do Cirque Mafate até dar numa estrada que leva à vila de Cilaos.

Aí este herói que lhes escreve, já um tanto cansado, colocou as duas moças na estrada e se escondeu, sentado naquela pedra estratégica. Não deu outra, pintou uma carona em 15 minutos.

Descemos um pouco antes de Cilaos. A Lucette nos havia contado que havia um lugar chamado Les Thermes onde a água brotava quente do chão e tinha qualidades excepcionais. E lá fomos nós tomar banho de água quente e mineral. Dizem até que rejuvenesce.

Andamos até a vila e acabamos montando nossas barracas num campo de futebol. Compramos vinho, queijo e pão. Um banquete naquelas alturas. No dia seguinte tomamos um ônibus para Saint-Pierre. Entramos e, ainda na cidade, fomos fechados por um pequeno jipe. Quem era o motorista? Não poderia ser outro: John.

A história dele:

- Aí me levaram para o hospital, sabe, tem um heliporto em cima do prédio. Dois fulanos de maca apareceram e me colocaram deitado. Achei bom, vocês sabem que eu odeio andar. Aí me deixaram

numa sala para eu tirar um raio-X. Na hora que todo mundo saiu eu levantei e sai correndo. O pior é que um enfermeiro me viu e saiu correndo atrás de mim e logo outro, e mais outro. Consegui sair do hospital e corri mais umas três quadras.

- E o jipe, John, não vai dizer que você alugou, pão-duro do jeito que você é!?

- Claro que não, arrumei emprestado lá no porto.

De volta ao porto estavam lá o *Doriana* e o *Elegance*.

Já era hora de partir para a África. O fim de outubro se aproximava e, com ele, a estação dos furacões. O Vagau estava pronto para partir. Até mesmo as velas que rasgaram tinham sido consertadas. A mestra eu mesmo costurei à mão - o que aliás é um trabalho pra lá de chato, mas compensado pela satisfação de ver o barco pronto. O problema foi refazer o punho da genoa 3, uma vela importante e muito usada por nós. Em Réunion simplesmente não existem velerias, não havia quem pudesse consertar e nem ninguém em nenhum barco que tivesse uma máquina apropriada. Até que um dia conheci um sapateiro francês muito conversador. Conversa vai, conversa vem ele disse que poderia consertar a vela pra mim.

- Leve lá na minha oficina que eu dou um jeito.

Lá fui eu de carona, com um saco de vela nas costas. Quando cheguei, gostei. A sapataria era quase uma fábrica, com todos os tipos possíveis e imagináveis de máquinas. Em plena Ilha de Réunion, perdida no Oceano Índico, era a sapataria mais moderna que eu já vira na vida.

- Quando ficar pronta eu levo no seu barco.

- Mas...

- Silêncio, meu jovem, ouça a voz da sabedoria.

- Tá bom, o senhor é que sabe.

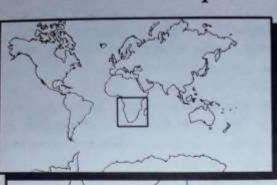
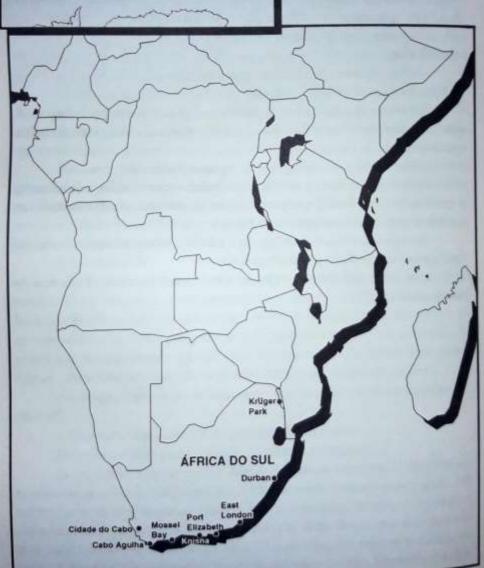
Uma semana depois ele de fato levou pessoalmente até o barco. A vela ficou impecável, mais forte do que antes. Agora ela tinha um punho de couro com cara de indestrutível.

- Muito obrigado, ficou perfeito, quanto lhe devo?

- Meu jovem, ouça a voz da experiência, você está num país estranho e sem conhecidos. Temos que ser solidários, o conserto não lhe custará um *centime* sequer. É um presente.

Seu nome é Francis Romagnolo e me foi apresentado pelo Raymond Staub, a quem manifesto profunda gratidão.

Logo após este fato, o *Truganini* e o *Elegance* partiram. Dois dias depois foi nossa vez.

Capítulo 18

África do Sul

18 *África do Sul*

CALMO E PREOCUPADO AO MESMO TEMPO

No dia 29 de outubro, à 1 da tarde, demos até logo a Alex, China, Werner, Bernard, Jacques e Lucette e partimos. O *Doriana* havia zarpado pela manhã.

Saímos com vento de sudeste fraco. Tão fraco que no fim da tarde acabou. Por volta da meia-noite o vento entrou de novo pela mesma direção, o que, para o nosso rumo, propiciava um través folgado sobre um mar liso. Muito agradável.

Momentos como aquele são sempre muito bem-vindos. Às vezes fica tão bom que a gente passa a ter medo de as coisas piorarem, o que aliás é quase inevitável. Tempo bom perpétuo não existe.

É interessante: a experiência que vem naturalmente com o hábito de navegar é um motivo de paz e de segurança quanto ao que se está fazendo. Mas essa mesma certeza nos diz que o tempo sempre pode mudar, o que deixa quem navega não inseguro, mas apreensivo. Difícil de explicar. Seria algo como estar calmo e preocupado ao mesmo tempo, se é que isto é possível.

Nesse primeiro dia percorremos somente 107 milhas.

No dia seguinte o vento rondou para nordeste, o sol brilhou e o mar se comportou. Navegamos 132 milhas. Bom, para o pouco vento.

Os três dias seguintes foram calmos. Até demais. Às vezes o vento morria de todo e então aproveitávamos e ligávamos o motor para alimentar as baterias do barco. O vento rondou por todos os lados.

O grande acontecimento foi que vimos quatro *great skuas*, pássaros maravilhosos. A *great skua* é a maior de sua espécie, podendo atingir até uns 50 centímetros de tamanho e uma envergadura máxima de 1,50 metro. São grandes voadoras, planam muito bem e pouco batem asas para voar. Escuras, quase negras, bico superior curvado como as águias, elas têm um aspecto agressivo, justificado por

seus hábitos. São pássaros predadores por excelência. Mais do que pescar, preferem atacar outros pássaros para, uma vez solta a presa, agarrá-la. São ladrões no ar - além de ladrões, sem vergonhas, pois ficam acompanhando o barco para pegar qualquer comida jogada fora - exímios voadores. Voam com as asas bem curvadas para baixo, o que lhes dá um aspecto ainda mais agressivo.

Para navegadores *- No dia 4 de novembro, às 3 da tarde, o sudeste entrou pra valer. Navegávamos com a genoa 2 e a mestra inteira. Troquei pela genoa 3 e a segunda forra na grande. O vento soprou a noite inteira muito forte, mas o Vagau, mais uma vez, tirou de letra. Ele, só ele. Meu campeão.*

Na manhã seguinte, o vento apertou ainda mais. Coloquei a storm jib, debaixo de forte chuva e de um vento soprando 40 nós fácil, fácil. A meridiana nos colocou na posição - estimada, pois o céu estava encoberto - de 27°30'S e 47°07'E. Com o vento, veio a corrente. No dia seguinte, já com tempo melhor, a meridiana acusou uma corrente de 1 nó. Seja bem-vinda, Dona Corrente.

A previsão de tempo que eu obtinha pelo rádio dizia que, em dois dias, no máximo, pegaríamos uma forte frente fria. Ela vinha subindo com velocidade e ventos de até 60 nós. Meu bom mar, minha Mãe Natureza, vê se me livram dessa!

No dia seguinte, a previsão nos contou que a frente havia desviado mais pra leste e que provavelmente não nos pegaria. Obrigado!

E de fato o tempo estava maravilhoso, céu totalmente azul, mar piscina, só com um senão: nada de vento. O Vagau tão imóvel quanto se estivesse em cima de uma carreta, no seco. Tão calmo que, com o calor infernal, resolvemos nadar.

Qual não foi minha surpresa ao ver embaixo do barco pequenos peixes, listrados, iguais ao paulistinha que se encontra no Brasil. Tinham no máximo 5 centímetros. Como é possível estar a centenas de milhas da costa e a centenas de metros do fundo e ver um cardume de peixes com cara de peixe de aquário? Eu não sei. Pergunte à natureza.

No rádio eu falava com muita gente. Havia duas redes: a Steve's Net, que eu já mencionei e com quem mantive contacto durante toda a travessia desde a Austrália, e a Alistair's Net, pilotada por um sul-africano que nos alimentava com precisas informações sobre o tempo. Falava com o John Hunter *Elegance*, o Heinz *Doriana* e com o Alex *Celeste*. O John Hunter, estando dois dias à nossa frente, nos dava a informação do tempo que ele enfrentava, o que era sempre útil, pois basicamente deveríamos encontrar as mesmas condições. O Heinz navegava virtualmente do nosso lado: em certos dias somente 20 milhas nos separavam. Algo como um vizinho.

Com ventos variáveis chegamos, enfim, a Durban, na África do Sul, num dia 10 de novembro.

Logo que você chega, vem um barco da polícia acompanhá-lo e dizer onde deve parar. Demos sorte, nem ancoramos: amarramos o Vagau ao lado do *Elegance*. Nossos anfitriões, John Hunter e Kiami, nos brindaram com nada menos que um banho de água quente e um jantar japonês, especialmente feito pela Kiami.

Durban é uma cidade grande e lembra o Rio de Janeiro, cheia de prédios na praia. Mas a semelhança pára por aí: o Rio é mil vezes mais lindo.

A burocracia talvez também seja parecida com a brasileira. Passamos todo o dia seguinte mexendo com papéis. Capitania dos portos, aduana e imigração. Você é obrigado a ir a todos esses lugares, distantes um do outro, só pra ganhar um carimbo.

UM QUADRO NADA EDIFICANTE

As coisas mudariam gradualmente no futuro, mas, quando estivemos lá, a África do Sul apresentava um quadro nada edificante. Quem era um pouco consciente e prestasse um pouco de atenção não conseguia se sentir bem no país, com a discriminação racial. Embora mascarado pelos brancos, era um clima horrível.

Fiz o possível para me aproximar dos negros, para ouvir sua opinião, suas razões. Eu queria ter a vitória de fazer um amigo negro.

Perdi. Não consegui nenhum. Não havia maneira de explicar a um negro que eu não era racista, que queria uma aproximação, que era brasileiro e em meu país, apesar dos pesares, as coisas eram diferentes, dizer que eu era amigo do Pelé (que sempre foi uma grande chave para abrir portas). Nada, nada importava. Só uma coisa contava: eu era branco e, portanto, só podia ser filho da puta.

Vi tanto ódio no olhar das pessoas, tanta desconfiança, tanto medo!

Eles o odeiam, mas foram submetidos a uma cultura de subserviência. Você era sempre chamado de *master* - ou *masta*, como pronunciam.

O clima odioso do apartheid só percebia quem andava pelas ruas, circulava, se misturava com o povo, ia onde não podia. Sentado o dia inteiro no Yacht Club, é claro que não se enxergava nada. Hospedado num cinco estrelas, você estava num paraíso, sendo muito bem tratado.

Vamos a duas cenas de rua.

Distraído, andando no centro de Durban, esbarrei numa senhora de idade, negra, carregando pacotes. Eles caíram no chão. Me abaixei para apanhá-los. Ela não deixou e recuperou todos sozinha.

- Senhora, deixe que eu pego.

- *No, masta, no, masta.*

- Por favor.

- *No, masta*, me desculpe, me desculpe.

- Mas a culpa foi minha!

- *No, masta, sorry, sorry. No, masta.*

Havia ódio em seu olhar, mas um respeito escravo em suas palavras.

Ainda em Durban, estou passando com a Cindy em frente a um posto de gasolina. Entramos para pedir informação. O gerente, ou dono, branco. O frentista, negro. E o dono do carro abastecido pelo negro, também branco. O negro derruba um pouco de gasolina no carro. O dono do carro reclama. O dono do posto vê, avança e dá um tapão no negro, que cai no chão. O negro se levanta e diz:

- *Sorry, masta.*

Fiquei em Durban mais de um mês e meio. Guardei boas lembranças dos momentos em que estive com amigos. Da África Negra, ficou um sentimento de tristeza e solidariedade por eles.

Por questões geográficas, a África do Sul, especificamente Durban, é um porto de parada quase obrigatória para quem dá uma volta ao mundo no sentido leste-oeste, como fiz. Depois de fazer escala na Austrália, os barcos se dividem, indo uns para o Mediterrâneo, via Mar Vermelho, e outros, como eu, vindo pelo sul e passando pela África do Sul. Assim é que Durban era uma festa de barcos vindos do Índico. A concentração se dava no Point Yacht Club. Estavam lá os barcos *Elegance*, *Doriana*, *Lady Patricia*, *Michka*, *Celeste*, *Stargazer*, *Alice Alakwe*, *Emma Goldman*, *Bonnie Lass*, *Truganini* (chegou uma semana depois, o John resolveu dar uma *entradinha* em Richards Bay pra conhecer) e muitos outros. Chegou até o junco *Elf Chine*, aquele das fantásticas festas a bordo em Mauritius, com um mastro a menos. Pouco antes de chegar a Durban, num jibe involuntário o mastro de mezena[103] partiu-se.

Por falar em junco e em festa, depois que os tripulantes ancorados no Point Yacht Club ajudaram a montar e instalar um novo mastro no *Elf Chine*, fomos obrigados a fazer uma grande comemoração à noite. Durou até a manhã.

O PARQUE SELVAGEM MAIOR QUE A BÉLGICA

Quem fala de África não escapa de falar de selva e bichos. E, estando lá, não poderíamos perder a oportunidade de ir a um parque, ver o mato e os animais.

O John não quis ir, preferiu ficar morgando no Trugs e eventualmente fazer algum bico pra levantar uma grana. O Dan, do *Bonnie Lass*, interessou-se em ir conosco. Iríamos, então, a Cindy, o Dan e eu.

---

[103] Mastro situado na parte traseira do barco no qual se arma a mezena, vela de forma triangular.

A idéia era visitar o famoso e gigantesco Krüger Park, ao norte, na divisa com Moçambique e Zimbabwe. Resolvemos que o melhor era viajar de carro, pois nos daria maior possibilidade de locomoção dentro do parque e também a chance de conhecer um pouco do interior do país. Arejamos nossas barracas, compramos suprimentos e mapas, colhemos informações e finalmente alugamos um Toyota Corolla azul.

Chegamos em dois dias, passando ao longo da fronteira da Suazilândia. No caminho, sentimos a emoção - e, para falar a verdade, o medo - de atravessar uma tempestade de areia. Medo, é verdade, embora não deixasse de ser uma experiência interessante. A tempestade é majestosa: parece que você entra numa parede de areia que vai até o céu. Não se enxerga nada a mais de 5 metros e se sente a terrível intensidade do vento açoitando o carro.

O parque é simplesmente fantástico, muito bem cuidado e enorme: sua área é maior que a da Bélgica. Uma espécie de país-santuário, dedicado à preservação dos animais. Passamos duas semanas no Krüger, sempre dormindo em barracas em alguns dos inúmeros acampamentos que existem lá dentro, todos com nomes muito bonitos: Skukuza, Lebata, Satara, Olifants, Shingwedzi, Punda Maria.

No interior do parque, é preciso seguir certas normas. O Krüger é cortado por estradas, as principais asfaltadas e as secundárias de terra. Você pode circular à vontade com seu carro, mas nunca sair dele, nem sequer abrir uma porta. E o interessante é que os animais já estão totalmente acostumados com isso: eles nunca se assustam. É normal um leão passar a 1 metro de seu carro, uma manada de gnus cruzar à sua frente ou você estacionar ao lado de um elefante parado no acostamento.

Outra regra estabelece que você tem que estar dentro dos acampamentos, que obviamente são cercados, até antes do pôr-do-sol. Nessa hora portões são fechados. Quem está dentro não sai, quem está fora não entra e, o que é pior, quem é pego fora, fora de hora, é sumariamente expulso do parque. Os portões voltam a abrir ao amanhecer.

Os acampamentos têm ao lado uma pousada, às vezes muito luxuosa, e um camping, onde você abre sua barraca ou dorme em seu trailer. A pousada custa caro, acampar, muito barato.

Os campings vêm equipados com um quiosque, em que um fogão a lenha (na verdade, carvão mineral, muito abundante na África do Sul) está sempre aceso para se cozinhar. O calor do fogão também produz água quente para as torneiras. Tudo muito limpo, muito organizado, porém mais uma vez se sentia uma mão virtualmente escrava em toda parte. Empregados negros em abundância, humildes e obedientes, cuidavam de tudo. Até os metais dos banheiros eram polidos. Mão-de-obra muito, muito barata.

Saíamos com os portões do acampamento sendo abertos, entrávamos com eles sendo fechados. Posso dizer que vimos tudo a que tínhamos direito. Fui com o espírito um pouco cético, pois achava que observaria poucos animais, mas a surpresa foi grata. Dos mamíferos, vimos quase todos. Afirmo isso com segurança, pois compramos um livro com fotos e descrições dos animais do parque e conferimos um por um, talvez alguns roedores tenham escapado. A Cindy, com um livro que descrevia todas as aves da África do Sul, identificou mais de cem delas. Foi um banquete visual.

Observar um leão deitado na sombra olhando suas fêmeas depois de terem comido a caça do dia, ele com olhar sonolento e enfadonho, encarando a nós, pobres humanos, trancados dentro das máquinas que inventamos para nos trancar, me fez entender de vez por que ele é chamado de rei dos animais. Tivemos a sorte de assistir a uma cena rara para olhos humanos: a de um leão em plena caça. Incrível sua agilidade e força. Captamos a cena por muita sorte, pois quando percebemos o que ocorria o leão já pulava em cima de um impala, abocanhando-o. A cena é rapidíssima e a impressão que se tem é de que o antílope foi simplesmente cortado ao meio.

Como eu disse, no zôo não tem disso não.

Mas o que mais me impressionou foram os antílopes, dado seu número e variedade. Os mais comuns são os impalas, de porte médio, chifres recurvados e retorcidos (só os machos), lombo marrom, barriga branca, rabo curto e duas manchas verticais inconfundíveis no

traseiro. Eles formavam a maior população do parque, cerca de 120.000 bichos. Outro animal impressionante, já de grande porte, é o *kudu*, acinzentado, com uma pequena corcova, listras brancas verticais no lombo e, só nos machos, enormes chifres espiralados. São absolutamente lindos.

O sabre também se distingue, com os chifres que primeiro sobem verticais e depois curvam-se para trás, o corpo inteiro negro brilhante, com exceção da barriga e do focinho, brancos, e uma crina negra que vai quase até o meio do lombo.

Muito interessante é o *eland*, o maior dos antílopes, com o porte de um boi, acinzentado, na cabeça pequena dois chifres curtos, retos. Pelo que soube, eles são domesticáveis.

GAROTOS RACISTAS E RUÍDOS DA SELVA À NOITE

Cada dia nos reservava uma surpresa, sempre um animal novo, uma vista nova, uma emoção diferente. As manadas de búfalos, por exemplo. Curiosamente, eles param e ficam olhando, parece que nos seus olhos, quando você passa ao lado ou no meio das manadas. E se você ficar parado, todos ficam imóveis por longo tempo. É um jogo de paciência que sempre perdíamos, pois acabávamos indo embora antes de qualquer um se mexer.

No fim do dia, quando nos dirigíamos para um acampamento, nossa jornada era encerrada com chave de ouro: um pôr-do-sol meio avermelhado, se estendendo pela planície. A imagem daquele pôr-do-sol em Darwin sempre me vinha à cabeça. Incrível a semelhança entre os dois, eu quase conseguia ver o mar naquelas planícies infinitas.

Era com as cores e a tranquilidade desse cair da noite que começávamos a fazer nosso jantar nos quiosques. O assunto era invariavelmente o que tínhamos visto durante o dia e o que iríamos ver no dia seguinte. Durava pouco, porém, pois, sempre cansados, o negócio lá era dormir cedo.

Um dia esse suave entardecer quase virou briga.

Fomos os três, de panelas, chaleira e comida em punho até o quiosque fazer nosso jantar. A Cindy colocou água na chaleira e pôs no fogão. O primeiro prato era sempre uma xícara de chá para cada um. A chapa, porém, estava fria. O carvão mineral, descobrimos, demora a esquentar: num fogão, quase uma hora até começar a aquecer.

O Dan, fuçador que sempre foi, começou a cutucar os carvões, mexer na brasa, abanar, quando chegaram três garotos, com seus 17, 18 anos cada um.

O Dan, que tinha um estilo tipo relações públicas, já puxou papo.

- Oi, pessoal, tudo bem? Estou aqui tentando avivar o fogo. Puxa demora pra esquentar, não é mesmo?

E o resto da conversa foi mais ou menos assim:

- Isso é coisa desses filhos da puta desses *kaffir*, esses macacos não fazem nada direito.

Vale parênteses: *kaffir* é a maneira pejorativa de se chamar um negro na África do Sul. É tão pejorativo que mesmo bem antes da liberalização do regime já era proibido por lei usar essa palavra.

Antes de eu me queimar, a Cindy já deu o troco.

- Já que você é tão esperto, porque você não acende o fogo?

- Isso é coisa de kaffir, eles são a desgraça desse país. Ele já fez tudo errado.

- Mas, então, porque você não acende o fogo?

- Não enche, onde eles põem a mão vira merda, eles não são gente, são animais.

Aí o sangue me subiu à cabeça e eu avancei. A grande sorte é que o Dan, mais forte do que eu, me segurou. Não houve briga.

Xinga daqui, xinga de lá e eles foram embora.

Na época me pareceu um país sem solução, onde os moços eram os mais reacionários.

As noites no Parque Krüger, sempre estreladas, eram cortadas pelos rugidos dos leões, urros dos elefantes e centenas de outros pequenos ruídos que só a selva pode proporcionar. Muito comum era ver hienas andando ao longo da cerca do acampamento. Nos contaram que faziam isso para ver se conseguiam alguma comida porque,

embora seja terminantemente proibido dar alimento aos animais, sempre aparece alguém que dá.

Talvez esses turistas agissem diferente se soubessem a razão da proibição. Um animal, alimentado uma única vez, já começa a se acostumar a não ter que caçar. Percebe logo que é mais fácil e conveniente receber o repasto de graça do que ir atrás dele. Com isso, começa a haver uma deturpação de seu instinto, e ele pouco a pouco pode começar a desaprender a viver na selva, a deixar de ser caçador, se cuidar menos dos inimigos - passo certo para a morte. Pode à primeira vista parecer um grande contra-senso, mas dar de comer a um animal, na selva, é matá-lo aos poucos.

Se é raríssimo presenciar leões em plena caça, como por sorte nos aconteceu, é mais comum vê-los comendo uma presa já abatida. Nós conseguimos assistir três vezes ao espetáculo. Depois da caça, o leão arrasta a presa até um local onde lhe pareça apropriado degustá-la. É comum levá-la a um ponto, depois a outro, em seguida a um terceiro, até, não me pergunte porque achar o ideal. Aí, pouco a pouco toda a família vai se reunindo em volta do animal morto. Com os leões sentados, o banquete começa. Eles parecem adquirir um ar de inocência ao se alimentarem, como gatinhos comendo de uma tigela.

Uma vez chegamos a ficar a apenas poucos metros desse almoço. O que mais nos impressionou, nessa proximidade, foi o ruído terrível de ossos sendo triturados pelas poderosas mandíbulas que se escondem atrás daquelas caras angelicais, logo vermelhas de sangue.

SUSPENSE ENTRE OS ELEFANTES

Fizemos uma excursão dentro do parque, com lugar previamente reservado. Três dias andando a pé, acompanhados de um *ranger* e um ajudante. Foi a melhor parte de nossa estada. A hospedagem era num acampamento pequeno, com barracas já montadas e até mordomia, como um cozinheiro preparando as refeições. Momentos de emoção e suspense, pelo menos para mim, homem do mar e não do mato.

Um dia passamos virtualmente ao lado de um leão que dormia e que, com nosso barulho, acordou, nos olhou com indiferença e foi embora. Graças a Deus!

O leão caça, devora a presa e demora de dois a três dias digerindo o banquete. Se você encontrar um nesse período, pode até chegar perto que ele não fará nada. Só quer dormir e descansar. Por outro lado, se for no terceiro dia...

Passamos sem querer entre um elefante macho e uma fêmea o que, segundo o *ranger*, pode ser muito perigoso: se eles estiverem em período de acasalamento às vezes se tornam extremamente agressivos. Ouvíamos urros de todos os lados e as copas das árvores se mexendo. Não sei se foi apenas papo do *ranger*, só sei que saímos de fininho.

Não somente os animais grandes foram um espetáculo para os olhos. Vimos passarinhos os mais diferentes, vimos *mangooses*, pequenos mamíferos que vivem em tocas no chão. São compridos, com pernas curtas e cara de fuinha.

Testemunhamos também uma cena erótica. Caminhávamos ao longo do leito seco de um rio arenoso quando percebemos que na curva adiante havia uns dez elefantes. Eles tinham cavado um buraco e achado água. Estavam ali bebendo e - descobrimos depois - também davam uma bolinada. Aconteceu que de repente uma das moças do grupo deu um gritinho. Não entendi. Olho daqui, olho dali, até que percebo que um elefante estava com uma espécie de quinta perna. Nunca vi nada tão grande. É de assustar. A visão me deu um mês de pesadelo.

Voltamos ao acampamento central e pegamos nossa *máquina* japonesa para rodar ainda mais pelo parque. Um dia estávamos andando numa estrada secundária, de areia, cheia de curvas, com o mato às vezes tão fechado que o caminho se transformava num túnel, pra de repente surgir uma clareira só com vegetação rasteira. Íamos nós, sempre atentos a qualquer ruído ou movimento no mato, ávidos por cenas novas.

O Dan guiava, a Cindy estava sentada na frente e eu atrás quando, numa clareira a uns 100 metros à nossa frente, passa uma manada de elefantes. Uns dez adultos e outro tanto de filhotes. Cena já corriqueira para nós, depois de tantos elefantes.

Os grandes paquidermes passaram, o Dan avançou até a clareira e parou o carro para vermos a manada. Foi aí que começaram a acontecer coisas um tanto estranhas. Os adultos todos, contrariando o que disse anteriormente, não nos ignoraram, pelo contrário, viraram todos para nós e começaram, eu diria, a nos cheirar, farejar, pois levantaram a tromba lá pro alto, e viraram a ponta, o focinho, para nós. Na hora me recordo de ter lembrado de um periscópio de submarino, um paralelo bem pouco poético, mas verdadeiro.

A seguir, todos começaram a urrar. Quem já viu filme de Tarzan, principalmente aqueles antigos do Johnny Weissmuller, conhece o urro. Aí o ambiente ficou mais animado, com a Cindy já dando uma certa dura no Dan pra ele se mandar. Vale a pena aqui comentar que o Dan é daquelas pessoas chegadas a emoções fortes, do tipo que prefere escalar do que usar a escada, tudo com um certo risco é sempre melhor, como ele costumava dizer. *"It's more fun, you know!"* E, mais do que isso, era bom de mato e marinheiro safo. Mas estou aqui pra falar dos elefantes e não dele. Aí uns quatro ou cinco começaram a se aproximar do carro, bem devagar, dando a farejada, urrando e agora começando a balançar a cabeça. Chegaram até a uns 20 metros do Corolla, onde àquela altura a Cindy só não tinha nocauteado o Dan porque aí ele não ia poder guiar. Ele ria até não poder (*"That's really fun"*) e eu, em dúvida pra decidir se era muito engraçado ou muito perigoso, me mantinha quieto.

Mas em seguida os bichões começaram a recuar, andando de costas que a essas alturas era definitivamente muito estranho, quer dizer, elefantes, com tromba de periscópio, urrando pra Tarzan nenhum botar defeito, cabeça balançando e ainda por cima dando uma marcha à ré que nem em circo, é estranho. Aí o Dan falou pra Cindy:

- Tá vendo como você é apavorada? Eles ficaram é assustados com a gente, estão com medo.

- Você é louco, vamos embora, eles vão acabar atacando, você não acha, Helio?

Eu tinha lá minhas dúvidas. De fato, dava pra ter um certo medo, mas estava sendo uma cena pra lá de interessante.

- Olha, eu acho que talvez eles só estejam...

A Cindy me interrompe:

- Eles estão vindo!

Virei e olhei, e não deu pra acreditar. Os dez, já bem embalados, vinham correndo em nossa direção. Carga total. E o sacana do Dan:

- Pera aí que eu vou deixar eles chegarem mais perto, daí eu saio. Aí eu tive que tomar atitude de homem:

- Ô meu, guia essa merda, que nós vamos morrer logo, logo.

Não preciso nem dizer que, como a estrada era um areião, o carro ameaçou atolar. Quando finalmente começamos uma retirada estratégica, o primeiro bicho devia estar a uns 10 metros do carro.

Só me lembro de estar sentado atrás, vendo aqueles bichões enormes urrando, mexendo a cabeça e com cara de quem estava realmente a fim de nos acertar. E, na frente, o Dan guiando não muito depressa, "pra manter a mesma distância entre nós e eles", depois ele explicou; e com isso, tome tapa da Cindy, que queria ir mais rápido. Não é à toa que cada vez que eu olhava para atrás os bandidos dos elefantes pareciam mais perto.

Até que eles cansaram e o Dan resolveu dar uma acelerada a mais. Os urros foram sumindo e finalmente paramos o carro.

O Dan:

- Tá vendo? Eu falei que não havia perigo.

Tomou outro tapa, pra deixar de ser besta.

QUANDO SER MACHO FICA MEIO RELATIVO

Depois de duas semanas, estávamos satisfeitos com o que tínhamos visto e, de mais a mais, tanto tempo fora da água começou a dar coceira pra flutuar de novo.

Na volta tentamos entrar na Suazilândia, um pequeno país independente vizinho da África do Sul. A fronteira é uma porteira, o oficial da Suazilândia disse que poderíamos entrar quando quiséssemos e quantas vezes tivéssemos vontade, só que...

- Só que as autoridades sul-africanas não deixariam vocês voltar pro país deles. Isso é para os negros que saem não poderem regressar. É necessário um visto especial.

E assim foi que seguimos direto para Durban, não sem antes parar em dois outros parques menores, para apreciar três bichos que não tínhamos visto. O rinoceronte negro, o guepardo e o *gemsbok*, o mais lindo antílope de todos.

Saciados, chegamos a Durban. Ainda estava todo mundo por lá, com exceção do Paul, o australiano do *Lady Patricia*, que já havia partido para a Cidade do Cabo. O Paul estava duro e tentava arrumar um emprego a qualquer custo. Disse que, se não conseguisse, voltaria para a Austrália pelo sul.

Se o Paul fora embora, o Sam tinha chegado, o Samaluco, nosso holandês tatuador, diabético, beberrão e problema ambulante. Mais do que isso, o barco dele estava ancorado ao lado do Vagau, e é claro que todo dia o Sam arranjava uma encrenca. Toda noite, como um velho hábito, ele tomava um porre no bar do iate clube, o Men's Bar (lá tem dessas coisas, bar só pra homem, Clube do Bolinha). Algumas noites levei o Sam, de porre, para seu barco. Uma pequena traineira funcionava 24 horas por dia trasladando as pessoas do pier para os barcos.

Uma noite eu tinha saído sozinho e, ao voltar para o clube, dei uma passada no bar, quase fechando. Encontrei o Sam totalmente bêbado. O barman escancarou um sorriso ao me ver, sacando que eu era a salvação diante de um Sam a fim de ficar e tomar muitas mais. Bebemos uma saideira e lá fui eu levando o amigo, que estava aos tropeços e, como sempre, vociferando os maiores impropérios.

Quando entramos na traineira, na proa sentava-se um casal de americanos por cuja mulher o Sam era louco, como tinha comentado comigo várias vezes:

- *That sexy little thing.*

Até que ela era meio boa mesmo. Quando avistei os dois, propositalmente fiz o Sam sentar lá atrás e fiquei em sua frente pra que ele não visse a moça.

Em vão. De repente ele se levanta e começa andar em direção ao casal, que estava de costas para nós.

- Pera aí, Sam, onde é que você vai?

- Mind your fuckin' business, motherfucker.

E lá sou homem pra segurar o Sam bêbado? Ele foi, enfiou - acredite se quiser - a mão entre as pernas da moça, levantou-a e a agarrou com o outro braço.

- Finally I got you, little sexy thing.

O marido obviamente não acreditou no que viu. Fui correndo segurá-lo (eu devia ser diplomata), já pronto pra partir pra cima do Sam.

- Calma, calma, esse cara não é normal, ele é capaz de matar todo mundo, você não sabe as coisas de que ele é capaz, está sempre armado, é perigosíssimo.

Enfim inventei (ou, pensando bem, não) o que pude e o cara se conteve. A mulher aos berros. Aí o marido ameaça de novo e pára. (No duro, no duro, mesmo no escuro, quando se vê o tamanho do Sam e os bracinhos dele, esse negócio de ser macho fica sendo meio relativo).

- Ô Sam, dá um tempo, olha a mulher gritando.

- *They are all the same.* Gritou, gritou, mas no final gostou.

- Mas você podia soltar.

- Se eu solto, ela sai correndo. (*E, para ela, tentando ser romântico:*) Pára de gritar, *sexy thing*, se não lhe dou umas palmadas.

Aí a moça - com grande presença de espírito, diga-se de passagem - concordou:

- OK, eu não grito mais.

- Te falei, Helio, elas acabam sossegando. Ô timoneiro, passa no meu barco que eu vou descer com essa coisinha aqui do meu lado.

Ela, coitada, permanecia sentada ao lado dele, segura por uma mão grudada em sua coxa. O marido àquela altura tremia, mas não conseguia se mexer. Graças a Deus. E eu já estava vendo sobrar outra

pra mim, pois se o Sam descesse da traineira em seu barco com ela, ficaríamos eu e o provável futuro corno, que de repente poderia querer se vingar em cima do Helio. Aí a idéia:

- Ô Sam, dá um tempo, você sabe que meu barco está ancorado antes do seu, deixa eu saltar primeiro.

- Não, primeiro eu *and this sweet thing* do meu lado.

- Grande amigo você é!

- *OK, motherfucker.* Timoneiro, pára no barco dele primeiro.

Dei um toque para o timoneiro desligar o motor da traineira assim que encostasse no meu barco. Dito e feito, a traineira encostou no Vagau e morreu. O marido discretamente subiu no meu barco e comecei, na traineira, um papo com o Sam.

- Pô, que azar parar agora o motor.

- É bom essa merda funcionar logo se não eu vou sair batendo.

- Pô, Sam, dá um tempo, não é culpa de ninguém.

Papo vem, papo vai, o Sam dá uma folgadinha na perna da *little thing* e ela voa pro Vagau com uma habilidade de deixar a Super-Moça sem jeito. Ato contínuo, empurro a traineira pra longe do Vagabundo (confesso que fiquei profundamente tentado a passar eu também pro Vagau, mas pobre do timoneiro, sozinho na traineira, ia apanhar com certeza). Ai, e da ro, o Sam partiu pra cima de mim, só que estava muito bêbado e eu consegui correr pra popa. Escapei. Ele veio pra popa e o timoneiro e eu corremos pra proa.

- Ô, Sam, pera aí, meu. Eu sou teu amigo.

- Cadê a gostosura?

- Calma, eu é que não sou, nem ele (ele um crioulo respeitável, aliás zulu autêntico. Os tempos mudaram: de guerreiro destemido a timoneiro apavorado).

Até que, por um daqueles golpes fortuitos do destino, o vento e a corrente levaram a traineira de encontro ao barco do Sam, que ao ver o que tinha ocorrido pulou a bordo.

- Vou pegar um porrete e quebrar essa merda.

- Liga esse motor voando, ô meu.

O zulu, honrando suas mais antigas e nobres tradições, ligou o motor num segundo e logo nos distanciamos do Sam, que xingava o universo. No dia seguinte, olhe só a coincidência: a traineira passou ao longe levando, entre outros, o sofrido casal. O Sam, no *cockpit* do barco dele, olhava a cena de binóculo.

- Bom dia, Sam.

- Bom dia.

- Que é que você está olhando?

- *That little sexy thing.* Ah! se eu um dia pelo menos pudesse chegar perto dela, ela ia ver.

- O quê?!

- Pois é, dou o maior azar, nunca consigo entrar na traineira quando ela está.

- É, Sam, um azarão mesmo.

Turbulências dos amigos à parte, passamos o *réveillon* em Durban nos preparamos para partir.

UM DOS PIORES TRECHOS DA VIAGEM

A descida da costa africana precisa ser muito planejada. É um trajeto perigoso, onde por um erro à toa corre-se o risco de perder o barco. Como já disse, o tipo de clima e os sistemas frontais são muito parecidos com os do Brasil. Com a grande diferença que a África está muito mais ao sul e, portanto, mais próxima da fonte geradora de tempo ruim que é a Antártida. Não propriamente o continente Antártico, mas as latitudes altas onde ele se situa. Só para comparar: a latitude de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, e por volta de 23°30'S e a latitude do Cabo de Agulhas, no extremo sul da África, por onde deveríamos passar, fica em torno de 35°S. Em termos de latitude, a diferença são umas 700 milhas náuticas.

Lá as frentes frias são comuns mesmo no verão. É difícil passar mais de uma semana sem que uma suba a costa. A forma pela qual ela entra é a mesma que no Brasil. Bate o noroeste quente e logo depois entra o sul-sudoeste. A diferença é que lá o impacto é muito

maior. As frentes entram soprando, no verão, 40 nós ou mais. No inverno nem dava pra imaginar!

Além disso existe a Corrente Agulhas, que desce a costa africana com grande intensidade e pode atingir 7 nós de velocidade em seu ponto mais turbulento. Um absurdo. Nesse ponto, a água também chega a ser até 2 graus mais quente (pois vem do norte), e a cor da água, mais translúcida, também é diferente, de um azul mais profundo. Estas são duas características que ajudam a localizar a corrente, se você quiser entrar nela.

Falei do vento e falei da corrente, e você notou que cada um vem de uma direção. O vento sobe a costa, a corrente desce. Isso é o mesmo que juntar a fome com a vontade de comer na criação de condições ruins. O fato de o vento soprar muito forte, contra uma corrente muito forte, gera um mar descomunal. Surgem ondas anormais, que podem atingir alturas, inimagináveis para mim, de 20 metros.

O livro *Ocean Passages for the World*, publicado pelo Almirantado britânico, tem um capítulo específico a respeito das *abnormal waves*, que se formam especificamente naquela região. O livro lembra, entre outros casos, que em 1968 o navio *SS World Glory*, de 28.000 toneladas, partiu-se ao meio por causa de uma dessas ondas e foi a pique, com a perda de muitas vidas. Dá pra perceber que a parada é indigesta.

No dia 2 de janeiro havia em Durban uma frente fria que já estava amainando. Resolvemos partir no dia seguinte cedo. Preparamos tudo, até levantamos âncora, indo atracar ao longo do píer para facilitar o abastecimento do Vagau. Aí surgiu o primeiro problema: em pouco mais de mês e meio o barco e todos os seus cabos e correntes que ficaram na água foram tomados pelas cracas. E é sempre um trabalho inglório limpar um casco cheio de cracas.

O dia 3 amanheceu perfeito, sol e uma leve brisa de nordeste. Acordei cedo e saí atrás da papelada e dos carimbos necessários para deixar legalmente o porto. Foi só no fim da tarde que acenamos um até breve para nossos amigos. Às 19h25 saímos do quebra-mar da entrada do porto. Esse atraso de quase 12 horas iria nos custar um preço em dificuldades.

À meia-noite havíamos feito 25,5 milhas sem sentir qualquer sinal da corrente. Passamos boa parte do dia seguinte com ventos muito fracos e aos poucos fomos descendo a costa e entrando na corrente. À tarde o vento começou a querer soprar de terra e já comecei a farejar mau tempo. Não deu outra: uma frente fria nos atingiu em cheio por volta das 18 horas. Sudoeste correndo solto. 35-40 nós bem na cara.

Imediatamente aproamos para a praia. É incrível a rapidez com que essas ondas se formam, mal aparece o vento. Entram juntos, vento e mar. Também de pronto trocamos velas. Como saímos direto para a costa, num rumo a 90° do nosso rumo anterior, pegamos o vento de través um pouco forçado e as ondas também nos apanhavam de lado. Vento de través é ótimo, mar não. A cada onda o Vagau gemia e adernava muito. Nas ondas maiores, eu era obrigado a arribar[104], pois mantendo aquele ângulo com as ondas corríamos o risco de, numa adernada, colocar o mastro na água. E isso nem pensar. Uma vez já tinha sido suficiente.

Até que chegamos perto da costa e aí a coisa tinha cara de truque de mágica. Naquela região, o mar perto da praia é muito mais calmo e até o vento parece amainar um pouco. Estávamos nas costas do Transkei, sem luz alguma, mas não havia outra solução exceto chegar quase na praia. De tão perto, a cada vez que eu aproximava o barco da costa, víamos, apesar de estar escuro, a areia e o contorno da vegetação. Dávamos então um bordo de meia hora fora e voltávamos novamente para dentro.

E chegamos a umas 10 milhas ao norte de Mbashe Point. Era possível ver a luz do farol. De todos os lugares, era esse o único em que eu não queria estar. Decidimos não nos aproximar do farol, pois imaginei que o mar ali deveria ser péssimo, com a corrente passando perto da praia. Ficamos, então, à capa, bem próximos da praia. Era meia-noite.

---

[104] Afastar a proa da direção do vento. O contrário de orçar.

Fomos para dentro do Vagau, já que chovia e fazia frio. É incrível como o barco à capa torna-se estável. Lá dentro dava pra jurar que o mar estava bom, que as ondas eram pequenas.

Esquentamos água e fizemos café para nos aquecer. Mantendo um olho na bússola, via que nos mantínhamos aproados para fora, portanto sem perigo de parar na praia. Estando-se à capa, o barco tem um segmento mínimo para proa e para sotavento. Eu estava portanto tranqüilo, uma vez que o segmento à proa nos levava muito devagar para fora, e não na direção da praia.

Pois é, só que me enganei. A corrente era muito mais abrangente do que eu imaginava. De madrugada, às 3h30, vou para fora e olho para o sul procurando o farol. Cadê? Não acho. Só por descargo de consciência olho pra trás, pro norte, e lá está o farol. Tínhamos passado o farol e eu nem percebera. A corrente simplesmente nos jogou pro sul. Nessas três horas e meia à capa, fizemos uma média de quase 6 nós. Agora estávamos de novo no meio das grandes ondas e a umas 10 milhas ao sul do farol.

Bordo rápido e proa pra terra.

Como havíamos passado o pior lugar do trajeto, o negócio era continuar rumo sul, dando só bordos curtinhos na beira da praia. Quando amanheceu, me assustei ao ver quão perto da praia tínhamos chegado. Mas o vento diminuiu. Por volta do meio-dia soprava apenas 10 nós quando estávamos a somente umas 30 milhas de East London. Decidimos não parar em East London e ir direto a Port Elizabeth, o próximo porto.

O sudoeste permaneceu fraco até o entardecer. Já no escuro entrou o vento norte, muito, muito fraco, mal dando para encher as velas. À meia-noite parou por completo. De manhãzinha o vento entrou de nordeste fraco e se manteve. Depois aumentou, e o Vagau andando como uma fragata. Beleza, beleza.

- Olha só nós, Vagau. No meio da Agulhas.

Naquela tarde vimos muitos *cape gannets*, que são da família dos nossos mergulhões, só que com uma cara mais elegante e o corpo mais afilado. Voam bem, mas nem se comparam às *skuas*.

Às 4 da manhã do dia seguinte, 7 de janeiro, atracamos em Port Elizabeth, ao lado de um imenso rebocador. Tínhamos vencido um dos piores trechos de nossa viagem. O *log* marcava 361 milhas desde Durban.

PERIGO: TROMBADA NO MAR NUMA SEXTA, 13

Ficamos uns dias em Port Elizabeth - uma cidade portuária comum, semelhante a tantas outras - secando o Vagau e nós mesmos. Conhecemos um barco de 56 pés, muito antigo, projeto do grande projetista Collin Archer. Um antigo barco de salvamento durante a Segunda Guerra Mundial, o *Christian Bugge* era tripulado por duas famílias inglesas que o tinham encontrado abandonado nas Seychelles e em dois anos fizeram nele uma reforma completa. Era lindo, com um costado altíssimo, e muito pesado também: 40 toneladas.

No percurso de Port Elizabeth à Cidade do Cabo havia mais dois abrigos. O primeiro era Knisna, a 150 milhas de distância, que soava muito atraente para nós por ser uma baía totalmente fechada e abrigada e um lugar muito agradável, segundo nos disseram. O único senão era sua entrada, estreita, com ondas quebrando. Só dá pra entrar com vento certo e maré certa. A maré tem que estar começando a encher, caso contrário é impossível entrar, pois a maré vazante gera ondas muito altas. O outro porto era Mossel Bay, apenas 45 milhas depois de Knisna.

Chegando na barra de Knisna, pode-se chamar o iate clube local para conhecer as condições locais e a hora correta de entrar. Isso pelo UHF[105]. Só que não tínhamos um UHF a bordo. Resolvemos então sair juntos com o *Christian Bugge*, que também se dirigia para lá e nos passaria as informações que obtivesse pelo rádio.

Eles saíram numa quinta-feira à noite e, quando vi, me cabia deixar Port Elizabeth numa sexta-feira, 13, para poder acompanhá-los.

---

[105] *Ultra High Frequency*. Tipo de onda de transmissão de rádio. Rádio capaz de operar nessa freqüência.

- Cindy, descobri que hoje é sexta-feira e, ainda por cima, dia 13. Eu não saio.

- Latino, supersticioso. Isso é um absurdo. Isso não existe. Qualquer dia é dia.

- Nada disso, eu nunca saí sequer numa sexta-feira, quem dirá numa sexta-feira, 13. Nem em sonho.

- *Don't be stupid*. Reaja, supere esses sentimentos ridículos. Você é inteligente, formado, culto, como pode acreditar numa baboseira dessa?

Ela tanto falou, me encheu, que acabou me fazendo aceitar. Não que eu tenha deixado de ser supersticioso, mas resolvi tentar acabar com esse tabu. Até então, realmente eu nunca havia deixado um porto numa sexta-feira.

Passei a manhã com a papelada e os carimbos e logo depois do almoço estávamos saindo do porto. Pouco vento, motoramos até o Cabo Recife, a poucas milhas de Port Elizabeth, que era o extremo sul da Baía Algoa.

Tivemos o nordeste soprando o dia inteiro e à noite também, tanto que às 6 da manhã já estávamos ao largo de Knisna. Lá estava o *Christian Bugge* aguardando a maré correta para adentrar a barra. Passamos ao seu lado, trocamos algumas palavras.

Ficamos à capa com vento moderado, muito sol, mar relativamente liso. A ordem era fazer um café da manhã numa boa e com calma, pois a maré certa ocorreria só por volta das 11h30. Tínhamos tempo.

Às 9h30, o Christian Bugge passou do nosso lado perguntando se poderíamos tirar fotografias do barco com todas as velas em cima. Eles ainda não tinham nenhuma, e fotos feitas na entrada de Knisna teriam um sabor especial. Manobro para um lado, ele para o outro e ponho novamente o Vagau à capa para esperar o *Christian Bugge* passar.

Quase imediatamente, porém, percebo o outro vindo em nossa direção. Via aquele gurupés[106] imenso apontando pra nós. Grito, aceno, esperneio, mas o pobre Vagau não escapa. Aquelas 40 toneladas vêm para cima da gente por bombordo. Por grande sorte, o gurupés passa a centímetros dos cabos do Vagau, mas avança e estoura o amantilho da mestra[107] e finalmente se engata no estai de popa, ao mesmo tempo que a proa do barco atinge em cheio nosso costado.

Por muita sorte o vento era pouco e as ondas pequenas. Talvez tenhamos ficado engatados por dois minutos. Naquele momento, pareceu uma eternidade. A cada onda, aquela proa enorme se elevava, e com ela o gurupés, que esticava o meu estai de popa como se fosse um arco retesado, pronto para soltar flecha. O mastro vergava para trás de uma maneira assustadora. Eu só estava esperando o momento de vir tudo abaixo, de ver o mastro na água. Quando a proa do Christian Bugge descia, ia de encontro ao nosso costado, fazendo o pobre Vagau tremer todo. O púlpito de popa já estava todo retorcido, a borda-falsa toda cheia de dentes. A cada descida do gurupés eu tentava desengatá-lo do estai, em vão. As forças ali envolvidas eram infinitamente maiores que a de meus braços.

Finalmente eles ligaram seu motor, conseguiram dar ré com o barco e o Vagau se viu livre daquele flagelo. Eu e a Cindy mareamos as velas e nos distanciamos, para a seguir cairmos sentados, absolutamente exaustos. Parecia que tínhamos passado horas carregando pedra.

Chorei de alegria ao ver o mastro em pé e intacto mas fiquei triste ao perceber a borda-falsa toda amassada e o púlpito disforme, retorcido

- Vagau, meu Vagau, o que aconteceu? Quase que você perde seu mastro, sua essência. Meu irmão Vagau, me desculpe, a culpa foi minha.

---

[106] Pau colocado na proa em direção projetada para a frente, onde se prendem velas de proa.
[107] Cabo que sustém a retranca da mestra quando esta não está içada.

- Fica frio, Helhão, eu também me assustei, achei que desta vez ia pro brejo. Mas a culpa não foi sua. Nós fomos os abalroados. Não chora, não, tudo já passou.

Que barco, que barco! Se meus olhos não estivessem vendo eu não acreditaria que o mastro ainda estava lá.

Velejamos até a barra de Knisna e as ondas ainda eram fortes. Decidimos que as emoções do dia já haviam sido suficientes. Passamos perto de *Christian Bugge* e nos despedimos dele:

- Sem ressentimentos, meu amigo. Isso acontece. Pra mim só serviu pra respeitar ainda mais o mar e ter certeza de que meu barco é ainda melhor do que eu sempre achei.

Rumamos para Mossel Bay. O vento aumentou e fizemos uma média de 6,5 nós. Às 6 da tarde horas passamos o espigão da entrada do porto e logo atracamos num píer muito alto. Enfim, sossego. Moral da história: nunca, *never*, jamais, saia numa sexta-feira e, se for dia 13, ainda fique rezando dentro do barco.

MANUEL, UM HERÓI ANÔNIMO

Encontramos pessoas simpáticas em Mossel Bay, que nos ajudaram a consertar os estragos.

Para navegadores *- Os danos foram mínimos, diante da extensão que poderiam ter alcançado. Dois guarda-mancebos entortaram – antes uma curva harmônica, agora pareciam uma minhoca. O casco nada sofreu, por incrível que pareça, a não ser ficar todo riscado ao longo da borda-falsa. O mais interessante foi o estai de popa que havia sido colocado na Austrália. Com o gurupés do* Christian Bugge *subindo e descendo ao longo dele, os fios que o compõem, no local de contacto com o gurupés, ficaram amassados, quase fundidos um no outro. Mesmo assim não achei necessário trocá-lo, pois a seção transversal do cabo continuou com as mesmas dimensões. Fui até o final da minha viagem pelo mundo com ele.*

Outro dado interessante: não foi o amantilho que se rompeu, mas sim seu engate na retranca. Veja bem: o amantilho é um cabo fino de nylon,

extremamente flexível. Ele agüentou a tensão do gurupés, e o que acabou estourando foi o alumínio da retranca. Quase inverossímil.

Saímos de Mossel Bay dia 19 de janeiro, às 10h30 da manhã, com vento fraco.

Para navegadores - *Subimos a mestra e a genoa 1. Assim foi o dia inteiro, vento fraco de popa e o Vagau em asa-de-pombo. À noite, o vento refrescou para força 5 e fui obrigado a colocar a genoa 3 e rizar a mestra, segunda forra. E o barômetro começou a baixar. O vento ao longo da noite, para nossa surpresa, começou a diminuir, e o mar, que esperávamos crescer, amainou-se. Fazíamos uma média de 6,2 nós de dia, mas tivemos que nos contentar com pouco mais de 4 nós durante a noite.*

Na manhã do dia 20 estávamos acalmados, boiando num mar que mais parecia um tapete. O temido Cabo Agulha, tido como local de mar péssimo, estava à vista, umas 5 milhas a nordeste. Às 9 da manhã, ocorre um momento histórico para nós: com o cabo em nosso través, entramos oficialmente no Oceano Atlântico. Eu estava até com saudade, afinal já fazia quase quatro anos que não nos encontrávamos.

Foi um dia agradabilíssimo, com uma fantástica presença da vida animal em nosso roteiro. Nunca vi, num só dia no mar, tantas variedades. Pássaros marinhos às centenas: *bank cormorants*, *jack ass penguins*, *cape gannets*, andorinhas e a rainha das aves, o albatroz. Quem já viu um vai concordar comigo. O melhor adjetivo que encontro para defini-lo é magnífico. Ele já se diferencia pelo fato de ser a maior ave marinha: seu corpo chega a ter mais de 1 metro e sua envergadura pode alcançar o absurdo de 3,20 metros. Seu corpo é esguio, seu bico semelhante ao da *skua*, sua pose tem nobreza. Mas tamanho não é documento. Ele mostra sua nobreza ao voar, ao subir as ondas e descer em seus cavados, a planar infinitamente. Como que por mágica, parece que o albatroz nunca bate asas. Eu nunca vi. Sua aerodinâmica é mais sofisticada que a do mais avançado dos aviões. Dá pra pagar entrada, pra ver um albatroz voar.

Mas não vimos só aves. Peixes pulavam de todos os lados e até uma pequena foca veio nos olhar com curiosidade. Foi uma festa para os olhos.

No começo da noite, o vento aumentou. Sudoeste, finalmente, um vento de respeito. Como havíamos saído da costa na calmaria, subíamos agora num través folgado. Uma beleza, o Vagau voava mais que o albatroz. Passamos o Cabo da Boa Esperança às 5 da manhã e o vento aumentou ainda mais.

Pouco depois, quase chegando a Green Point, já perto da Cidade de Cabo, começamos a experimentar os humores do vento na região. De forte em questão de segundos ele caiu para zero. Na Cidade do Cabo, o vento gosta de fazer essas brincadeiras, soprar 40 nós e depois simplesmente parar. A baía onde fica a cidade é voltada para o norte e, portanto, abrigada do vento sul. Aliás, abrigada em termos: o vento entra, e como! O que não entra é o mar.

Fomos motorando rumo ao porto, tendo vento de 0 a 30 nós batendo em nossas velas. As rajadas duram pouquíssimo, às vezes só segundos. O porto da Cidade do Cabo, totalmente artificial, é abrigado por enormes quebra-mares. O iate clube fica bem lá no fundo da baía. E tem um nome - Royal Cape Yacht Club - sem dúvida muito mais pomposo do que suas instalações: um lugar apertado, cheio de pontões flutuantes e abarrotado de barcos onde é dificílimo arranjar um lugar para parar. Completa a cena uma água imunda.

Ficamos quase um mês na Cidade do Cabo, ajeitando o Vagau com calma e apreciando o que havia para ser visto.

Logo no segundo dia, estou andando no estacionamento do clube e uma buzina forte toca, com o respectivo carro quase nos meus calcanhares. Viro, é uma Mercedes toda lustrosa - e quase caio para trás quando vejo no volante o Paul. O Paul, o australiano do *Lady Patricia*, que queria voltar para seu país por falta de dinheiro.

- Hi, mate, how the fuck are you?

- Que é isso, Paul, onde é que você roubou esse carro?

- No worries, mate, é o carro que estou usando na minha estada aqui na Cidade do Cabo.

- Deixa de conversa, ô meu. Qual é a história?

- É simples. Quando cheguei aqui, fui procurar um pessoal que eu tinha conhecido na Austrália. Um pessoal boa gente, uns sul-africanos que estavam fazendo surfe lá perto de New Castle. Ficamos acampados juntos uma semana. Você não vai acreditar, um deles é um dos caras mais ricos do país. Me emprestou o carro e me arrumou um emprego. Vamos tomar uma cerveja. Eu pago.

- Quase não dá pra acreditar, mas a cerveja está aceita. Vamos lá. Eu estava feliz de ver o Paul numa boa. Ele acabou ficando bastante tempo na África do Sul (e depois foi para o Brasil, quando eu já estava mais ou menos instalado de volta da viagem). Nos divertimos à beça.

Conheci um português, o Manuel, um navegador solitário dono de um barco bárbaro, o *Quarenta e Dois*.

- Por que *Quarenta e Dois*, Mané?

- Ora, pois, é o nome mais óbvio. O barco tem 42 pés de comprimento. O nome lhe cabe direitinho.

A história do Manuel é incrível.

Ele deixara o Rio de Janeiro com destino à Cidade do Cabo. No meio do caminho, o barco, que navegava a 7 nós, atingiu o que o Manuel imagina ser um container semi-submerso. O impacto abriu uma *boca* entre o casco e a quilha e o Manuel, que viajava sozinho, teve que bombear manualmente água para fora do barco quase 24 horas por dia durante um mês. Tudo foi acabando, o diesel - e, portanto, as bombas elétricas - o rádio, a comida, a água. Ele chegou à Cidade do Cabo quase morto. Depois, dormiu três dias. Um herói anônimo. Mais que isso, porém, ele era um grande praça, conversávamos e nos divertíamos muito. O Manuel sabia todas as piadas possíveis sobre os *afrikaners* (os brancos sul-africanos descendentes dos antigos colonizadores holandeses) que, brincava ele, “são mais tapados que os lusos”.

TABLE MOUNTAINS E O ADEUS

Os barcos amigos vão chegando aos poucos depois de nós. *Bonnie Lass*, *Odd Times*, *Doriana* e o velho *Truganini*. O John, o galês do Trugs, acabou brigando com a Linne e veio sozinho de Durban. Como

quase todo mundo, pegou uma frente fria, mas o Trugs se comportou bem. Contornar o sul da África solitário não é para quem quer, é só para quem pode.

Na Cidade do Cabo conseguimos de um amigo de amigos nossos uma pick-up dessas pequenas, que lá eles chamam de *buckie*. A caçamba atrás tinha uma cobertura fechada de fibra de vidro. Saímos, Cindy, John, Dan e eu para dar uma vasculhada nos arredores e acabamos no Vale dos Vinhos. É uma maravilha, você vai parando em cada produtor e tem direito de provar tudo o que quiser entre vinhos em geral de ótima qualidade. Às vezes você cai numa estrada em que a cada 5 quilômetros existe uma vinícola oferecendo *wine tasting*. É covardia quando se chega no fim da estrada, porque ainda há a possibilidade de voltar e repetir o feito no sentido contrário.

Não é justo falar dos arredores sem falar da cidade em si. A Cidade do Cabo é linda, comparável ao Rio de Janeiro. Ela se desenvolveu na orla marítima e montanhas por trás a obrigaram a estender-se mais e mais pela costa. Tem praias belíssimas, alvas como as nossas, e sua beleza se completa com um cenário majestoso em seu pano de fundo, onde Table Mountain, Lion 's Head e Daniel's Peak formam um perfil montanhoso que não perde para o do Rio.

Table Mountain - a Montanha da Mesa - é esplêndida. Trata-se de nome muito apropriado, pois ela é plana e extensa em seu cimo. Mas não apenas isso. Há também uma toalha de nuvens que se forma sobre a mesa quando bate o vento sul. Toda a parte superior fica coberta, mas a toalha é dinâmica, pois o vento, soprando de sul, empurra as nuvens para fora da mesa e estas descem as encostas escarpadas, formando como que uma cachoeira branca que vai evaporando à medida que desce. É de uma beleza única.

Em comparação com o Rio, a Cidade do Cabo tem menos habitantes e não se vêem favelas. E também uma das cidades mais opulentas que conheci. Há, é claro que entre a minoria de habitantes brancos, grande riqueza e bem-estar. Nunca vi tantos Mercedes-Benz, BMW e Jaguar nas ruas de uma cidade. Uma coisa quase agressiva.

Um dia o Dan inventou que devíamos escalar a Table Mountain. Eu de cara me lembrei da Nova Guiné e do tal de Monte Wilhelm, que Deus sabe como penei pra subir. Mas quando vi que até o John, que pra dar um único passo já reclamava, havia topado ir, resolvi topar também. Fomos eu, John, Dan, Paul e Mike, tripulante do *Stargazer*, e seguimos de táxi até o Jardim Botânico, no sopé da montanha. A escalada, comparada com a da Nova Guiné, foi sopa. Em menos de quatro horas estávamos lá em cima. O tampo da mesa era diferente de tudo o que eu conhecia em matéria de vegetação. O melhor adjetivo que encontrei para defini-la foi deserto florido. O visual é desértico, pedregoso, mas por todo lado se vêem flores e cactus. Mais que isso, existem 30 espécies de plantas endêmicas. Flores as mais exóticas, multicoloridas.

E, naturalmente, há a grande recompensa de se subir ao topo de um monte, que é a vista. Posso dizer que fomos muito bem recompensados. De um lado vê-se a cidade, de outro o mar, de outro o interior a perder de vista e, finalmente, False Bay, que é uma enorme baía. O extremo oeste desta baía tem um nome famoso: Cabo da Boa Esperança.

Pra descer não precisou nem que o santo ajudasse, existe um bondinho tal e qual o do Pão de Açúcar.

Passamos mais alguns dias no iate clube preparando-nos para nossa próxima travessia, que teria como destino derradeiro o final desses meus anos todos de viagem pelo mundo: o Brasil.

Embora erguido no fundo da baía, o clube é sujeito àquelas rajadas imprevisíveis a que já me referi. Quando batia a rajada, de longe você via um mastro adernar, depois outro, outro e outro, até o último barco. Parece fila de soldadinho de chumbo, em que você derruba o primeiro e cada um vai caindo na seqüência. Uma noite a adernada foi tão forte que, dormindo na cabine do Vagau, caí da cama.

O Vagau foi puxado para o seco para receber uma pintura nova no fundo, teve consertado o suporte de seu leme de vento - um parafuso estava espanado - tudo foi revisto e arrumado. Abastecemos o barco com provisões para durar até o Brasil. Existe uma padaria que

produz um pão especial que dura até seis meses se mantido na embalagem. Depois de aberto, ainda pode ser consumido durante quinze dias. É um pão preto, pesado, do tipo *pumpernickel* que tem no Brasil. Foi ótimo, durou a viagem inteira. Fomos dormir num 15 de fevereiro prontos para sair no dia seguinte.

No dia em que eu iniciaria a volta ao Brasil havia sol e vento moderado no Royal Cape Y. C. Tudo pronto, tanques cheios, caíque dobrado dentro do barco, *wind vane* engraxado e com o suporte arrumado pelo Jakko, amigo do John Hunter *Elegance*. Um café da manhã reforçado e um bom banho no clube. Depois, amigos no pontão nos dando adeus: John, Paul, Ken, Jean.

Ligo o motor para manobrar e o Vagau me prega mais uma de suas brincadeiras. Barulho estranho: a saída da mufla[108], velha e enferrujada, furou. Os gases do motor enchiam a casa de máquinas e logo a própria cabine.

Às vezes esses pequenos atrasos são saudáveis, pois, por mais que se viaje sem pressa, a saída é sempre um processo meio tumultuado e corrido, com a compra de provisões, os eventuais consertos no barco, a arrumação de tudo a bordo. É aí que o atraso por um determinado motivo, estando tudo mais já arrumado, de alguma forma faz com que você relaxe.

Assim foi que, entre um pingo de solda e um gole de cerveja, passei a manhã e boa parte da tarde baixando a poeira.

Às 6 da tarde, com a mufla já soldada, recolocada no lugar e eu de mãos lavadas, chegou enfim a vez de partir. O John, como sempre brincalhão, deu o tom da despedida:

- *Bye, bye.* Cuidado com as ondas. Avise as moças lá de Santa Helena que nós vamos chegar com tudo. *Keep the beers cold and their pussies hot.*

- *No worries, mate. See you.*

- See you.

É claro que, como sempre acontece, na hora em que manobro entra uma daquelas rajadinhas *suaves* descendo da Table Mountain a

---

[108] Peça do sistema de refrigeração de motores marítimos por onde circula água salgada.

35 nós. Quase bato a proa, dou ré, quase bato a popa, dou avante, quase bato de lado, tiro aquela fina e saio ileso.

Às 6h30 da tarde deixamos o quebra-mar com o sol já bem baixo iluminando a Table Mountain, ao fundo, e o pico da Lion's Head, mais próximo de nós. O sol produzia tons suaves, muito bonito. Completando a cena, participamos da largada da regata Cidade do Cabo-Saldanha. Fomos brindados com a lua cheia nascendo no continente tendo à frente, simultaneamente, um barco com suas velas iluminadas pelos últimos raios do sol. Um daqueles lances que a gente só vê em fotografia (que os outros tiram, é claro). Vento suave de sudoeste, folgado.

Conversamos sobre aquele belo país que deixávamos para trás e sobre a iniqüidade básica e terrível de seu racismo oficializado de então. Mesmo não sendo racistas, muito pelo contrário, não conseguimos, como disse, nos aproximar de nenhum sul-africano negro. A Cindy achou que deveríamos ter tentado mais, que no fundo somos comodistas.

- É, você está certa. Mas se eu não faço revoluções pelo que considero justo, por outro lado procuro não fazer nada de injusto.

- OK, Pinto, eu estou certa, você está certo. Que tal a gente fazer o jantar?

19 Santa Helena: São 10 para as 15 para daqui a pouco

UM ROCHEDO SOLITÁRIO, MISTERIOSO E CINZA

A noite foi calma com mar liso, o vento caiu um pouco.

A meridiana nos mostrou uma performance razoável - 95 milhas - e com ela embarcamos um *mahi-mahi*[109] do tamanho certo: dois filés. Ele e o que restara do jantar, que tinha sido um cassulê (lata-brinde do *Elf Chine*), constituíram um almoço perfeito para o primeiro dia, servido no *cockpit*, e, pra completar a cena, procelárias e alguns albatrozes sobrevoavam o Vagau.

Para navegadores - *À noite o vento aumentou, e com isso rizei a vela grande, pois o barco ficou com muita tendência de orçar. Se o vento aumentou, o mar também: três ondas quebraram no* cockpit. *Esse estado de mar, com esse vento, fez com que o Vagan sentisse dificuldade de se manter no rumo. Além de sua normal tendência de orça, o barco sofre ainda mais com ondas altas e curtas, num ângulo aproximado de 30° a 45° com a popa por barlavento. Uma onda dessas levanta a popa e a arremessa "para a frente", fazendo o barco girar como se a quilha fosse o eixo de referência. Se a popa vai "para a frente", a proa vem "para trás", ou seja, o barco orça.*

Assim é que o Vagau passou a noite toda querendo orçar. No dia seguinte a meridiana nos deu 172 milhas percorridas, sendo que, delas, 22 vieram de graça, com a Corrente de Benguela já se fazendo presente. Nossa latitude era de 31°07'S.

O mar deve ter achado que nossa travessia estava muito mole, já que a tarde as ondas foram aumentando e, com elas, o vento. Como o vento rondou um pouco para sul, coloquei a genoa em asa-de-pombo. Mas o vento, com força 6-7, me obrigou a colocar a genoa 3 e a segunda forra na grande. O mar, pregando uma de suas peças, mandou uma onda pelo través e... bum!, *não*

---

[109] Tipo de peixe

deu outra: estourou o preventer e a mestra deu um jibe. O pior é que naquele exato momento eu saia da cabine e a escota da grande me pegou em cheio: escoriações leves. Tudo bem, tudo bem. Toca firme ai, Vagau: pau na máquina. Quero é ver você andar. Voa, voa, Vagau.

Havia um problema: o Vagau estava fazendo muita água. Eu procurava e não encontrava por onde ela poderia estar entrando: tomadas de água, eixo da hélice, eixo do leme. Até que olho para o suporte do leme de vento e percebo uma certa folga. Era ali!

Que força tem o mar: o leme de vento é preso à popa do barco por oito parafusos de 3/8 de polegada, divididos em dois suportes de quatro parafusos. Como o vento tinha aumentado de intensidade, o esforço para manter o barco no rumo também foi maior, e isso, somado ao fato de que nos *jacarés* o barco meio que enterra sua popa na água, quase submergindo o leme de vento, fez com que um parafuso do suporte inferior simplesmente quebrasse, e os outros três ficassem frouxos. Se eu tivesse demorado mais tempo para descobrir, poderia ter perdido o próprio leme de vento. Selante, parafuso novo, reapertos e a goteira terminou.

No dia seguinte a meridiana nos deu 162 milhas percorridas. À tarde o presente foi um rasgo na genoa 3, que demorou umas quatro horas para ser remendada.

Mais um dia e o Vagau iguala seu próprio recorde: 185 milhas. O tempo melhora, e tudo em volta começa a ficar com cara de alísio. O céu se abriu e o sol voltou a bronzear, as ondas já são maneiras, o vento ficou mais educado, a genoa 3 desceu, a 1 subiu, uma baleia passou ao lado. O único senão é que o leme de vento soltou-se de novo.

O dia 22 de fevereiro foi especial por vários motivos. Alcançamos metade da distância entre a cidade do Cabo e Santa Helena, entramos no fuso zero e atingimos a latitude de Santos, no litoral paulista. A festa foi completa quando fisgamos um dourado, o peixe dos peixes, para o almoço. Arroz, dourado e vinho branco.

Muito boas as médias diárias: 154, 148, 160 milhas. Esperava que fizéssemos a travessia em treze dias, pelo jeito vai dar uns onze e meio, o que é fantástico. Voa, Vagau, voa.

No dia 25 cruzamos o Meridiano de Greenwich. Há quase três anos eu estava no lado leste do mundo, hoje passo para o lado oeste, o nosso lado, o lado do Brasil.

O dia 28 começa a amanhecer e ouço a Cindy me chamar. O turno era o dela e eu dormia.

- Pinto, vem cá.

-Tô com sono, não amola.

- Deixe de ser preguiçoso, vem cá.

Enfio a cara pra fora da gaiúta e lá está Santa Helena. Um rochedo solitário, saindo do meio do mar.

Desci, esquentei um chá e voltei agasalhado lá para fora.

A ilha é cinza, misteriosa e linda. A distância, parece inexpugnável. Tem-se a impressão de que há falésias absolutamente verticais por toda a sua volta. Não é injusto falar de sua imponência e não exagero se acrescentar que parece até um pouco ameaçadora, pois você não se sente convidado a ancorar em suas costas.

Estávamos muito felizes, a travessia havia sido rápida e sem maiores problemas. Agora saboreávamos aquele visual bonito, diferente, forte. Fotografias, sorrisos, pássaros à nossa volta. Festa. Quando a Cindy grita:

- Baleia à proa!

A 50 metros da proa havia uma baleia como que tomando sol, curtindo o amanhecer. Ela estando boiando, ficava girando em torno de si mesma, de tal forma que se viam suas barbatanas lombares passando vagarosamente pelo ar. Uma cena com ar de preguiça, de bocejo.

O único problema era que o Vagau não estava com a mínima preguiça, ele estava era bem acordado e navegando célere rumo ao bocejo. Foi o tempo exato de eu correr para o timão e orçar. Passamos muito perto da baleia que, quando nos percebeu, mergulhou, lançando sua cauda para o ar, molhando-nos com uma chuva de borrifo.

Ficamos mudos, não sei se de medo ou se embevecidos com a beleza da cena.

LÁ, TODO MUNDO SE CHAMA THOMAS

Às 9h30 jogamos a âncora em frente a James Town, na parte norte, o único ancoradouro relativamente abrigado da ilha. Tínhamos percorrido 1.638 milhas em onze dias e meio. Parabéns, Vagau, e obrigado por mais uma vez nos trazer sãos e salvos a nosso destino. Ao mar e ao vento contabilizamos mais uma dívida impagável. Mais uma travessia em que eles foram complacentes e nos deixaram passar. Mamãe Natureza gosta da gente.

i mari lua

Descemos à terra juntos com o Alex e o China, do *Celeste*, que haviam chegado na mesma noite. Eles navegaram de Durban direto a Santa Helena, sem parar em lugar algum. Queriam chegar a tempo para o Carnaval no Brasil, mas a travessia foi tão lenta que aquela altura isso já era impossível.

Banho de água doce, aduana e imigração foram rápidos: 16 libras esterlinas a taxa do barco, mais 1 libra por tripulante. Almoçamos no Ann's Place, um dos dois únicos restaurantes da ilha.

James Town fica num vale estreito e comprido. A cidade tem basicamente uma rua principal com pequenas transversais. Bem perto da baía, onde o vale é mais íngreme e alto, do lado direito de quem olha do mar, há uma escada. Uma escada reta, com exatamente 699 degraus, que vai do fundo do vale, James Town, até o tope da encosta. É a Escada do Jacob. Ir a Santa Helena e não subir a escada integra a mesma linha de absurdos do tipo ir a Roma e não ver o Papa. Com nossas línguas batendo no joelho, um dia a Cindy e eu subimos. Uma vista bonita e alguns quilos a menos. Suei tanto que passamos a chamá-la de Helio's Waterfall em vez de Jacob's Ladder.

O povo de Santa Helena é uma mistura de inglês com chinês, indiano e negro que formou uma raça peculiar. Todos possuem uma cor meio amendoada, algumas vezes com cabelo bem liso, são baixos. O sotaque do inglês que falam é britânico, porém diferente, único.

Há poucos homens na ilha, pela falta de trabalho. Muitos vão para Ilha de Ascensão, onde uma base aérea americana oferece oportunidades. Daí vem uma certa história que todo mundo que veleja conhece: Santa Helena é cheia de mulher. O John e o Paul tinham planos para vir a Santa Helena sozinhos e se esbaldar por um tempo.

A história é estatisticamente verdadeira, mas a realidade é um pouco diferente do que se imagina. O problema é que a maioria das mulheres não prima pela beleza. E quem chega sozinho invariavelmente acaba na mão. E na imaginação.

Outro detalhe é que parece que todo mundo na ilha é da mesma familia: Thomas. Assim, a qualquer pergunta sobre alguém, a resposta é sempre a mesma:

- Foi o Thomas.

- O Thomas é quem sabe.

- O Thomas vende.

- O Thomas conserta.

Isso, sem dúvida alguma, se por um lado gera confusão, por outro facilitou minha vida, diante de minha dificuldade de lembrar qualquer nome. Lá não me esqueci do nome de ninguém.

-Oi, Thomas.

Um dia a Cindy, eu e o Andrew - que havia chegado no *Trade Winds*, brigado com o capitão e se instalado no *Celeste* do Alex e do China - contratamos um táxi para dar uma volta completa na ilha, e o motorista, o Thomas, jurou que nos levaria onde quiséssemos. A Cindy estava especialmente interessada em uma baía ao sul, Sandy Bay, que parecia ser muito bonita.

Depois de conhecermos diversos lugares, passamos pela bifurcação onde, à esquerda, ficava o caminho para Sandy Bay. O Thomas, porém, pegou a direita. A Cindy, mapa na mão, me cutuca e eu mando o Thomas parar o carro. O diálogo foi mais ou menos assim:

- Ô, Thomas, você não falou que a gente ia pra Sandy Bay?

- Falei.

- Pois é, não era à esquerda ali atrás?

- Era.

- Então?

- Então, é que nós não vamos.

- Por quê?

- Porque é longe.

- Mas você não combinou?

- Combinei.

- E não vai cumprir?

- Não é bem assim, é só que eu não vou.

- Então você mentiu!

- É claro, pois se nós não vamos.

- Você é mentiroso.

- Não é bem assim, eu só contei *essa* mentira.

- Mas por que você mentiu?

- Se eu falasse que não ia, você ia procurar outro táxi e eu perdia a viagem, pois o outro táxi iria mentir também.

- Como assim?

- Ninguém vai lá, é muito longe, mas todos os motoristas falam que dá pra ir pra não perder a corrida.

- Então vocês são todos mentirosos.

- Não é bem assim, é só pra Sandy Bay que nós não vamos.

Outra peculiaridade do pessoal da ilha é com relação à seguinte pergunta:

- Que horas são, Thomas?

- São 15 para as 10 para as 5.

Ou:

- São 10 depois das 3 e 25.

No começo achei que era gozação pro meu lado, depois descobri que todos falam assim.

Até que um dia disse pro Alex:

- Aposto meia dúzia de cervejas, pagáveis no bar do hotel, que se eu achar um fulano com um relógio digital ele vai responder direito.

Saímos perambulando por James Town até que cruzamos com um menino dos seus 14, 15 anos, com um digital.

- Ô, menino, que horas são?

- São 10 minutos depois das 4 e 15

Derrotado e abatido, paguei as seis cervejas. Cerveja que aliás é ótima, fabricada lá pela Santa Helena Brewery. Achei um progresso danado uma ilha de apenas 47 milhas quadradas e 5.000 habitantes ter sua própria cervejaria.

APRECIANDO DE CAMAROTE OS TOMBOS

Era comum nos fins de tarde ficarmos no bar do único hotel, o Consulate, jogando dardos - atividade em que o China era absolutamente imbatível - e tomando cerveja. Depois de perder incontáveis vezes aprendi que, com ele, jamais se aposta nada. Só na brincadeira.

O mais divertido era vir de caíque do barco para terra. Como eu já disse, James Bay, onde fica James Town, é uma baía *quase* abrigada. Nela não existe um pier ou doca onde um barco de maior porte possa atracar. Sempre se descarrega carga com o uso de barcos de apoio, menores. Não me pergunte, por exemplo, como descarregavam automóveis.

O que existe em lugar de um pier é uma parede de pedra que entra mar adentro por uns 400 metros ao longo do costão, até uma altura onde não mais existe arrebentação. No final da parede, atrás da qual foi feito um aterro onde passa até carro, existe uma escada de uns dez degraus que desce até o mar e tem seus 5 metros de largura. Os degraus terminam numa laje de pedra que acaba numa parede vertical já em contacto com o mar.

Ocorre que neste local, embora não haja arrebentação, há o *swell* próprio de uma ilha encravada no meio do mar, ou seja, o nível de água pode num momento estar 2 metros abaixo do nível da laje e, no momento seguinte, cobrir até o terceiro ou quarto degrau. Depende do *swell* e da maré. Sendo o único local de acesso à ilha, é programa do pessoal de lá ficar aboletado perto da escada só pra ver os recém-chegados tomar tombo.

Todo dia acontecia alguma coisa, uma queda na água, um escorregão na pedra, uma mochila despencando no mar e por aí afora. Uma boa tática para desembarcar era chegar com o caíque até a frente da laje, esperar a onda subir, passando a laje, aí entrar com tudo em

cima da onda. Ato contínuo a água desaparece da laje e o caíque fica no seco. Depois, todo mundo ajuda a colocar o caíque nos degraus. É o que chamávamos de uma descida a seco.

Em se falando de caíque, todos os dias íamos pescar. O fundo do mar é igual às encostas, vulcânico, rochoso, com muito pouca cor. Mas peixe é o que não falta. A fartura era tanta que eu, por exemplo, me dei ao luxo de jamais comer outro peixe que não fosse badejo. Vi também o que nunca havia visto antes. O tal peixe pedra, venenosíssimo, bastando tocá-lo para se ter dores fortes e até uma paralisia. Passamos ilesos. Nós nos sentíamos saudáveis, mergulhando horas e horas, pegando peixe para todos, perfeitamente adequados no ambiente submarino. Creio que se pode chegar a um ponto onde a pessoa se sente tão à vontade lá embaixo como fora da água. Um amigo meu, o Bio, mergulhador fantástico, é quem diz: "Parece que começa a nascer guelra na gente".

Guelras não nascem, mas o fôlego fica comprido e, o que é mais importante, os movimentos do corpo, com o tempo, se tornam suaves, tão harmônicos que você consegue nadar lá embaixo sem estorvar o ambiente. É uma sensação nobre a de estar num ambiente estranho e conseguir se misturar sem perturbar nada à sua volta. Me fazia muito bem esse pequeno quinhão de sabedoria que havia adquirido. Antes, no Brasil, quando ia pescar, embora inconscientemente, o que eu buscava não era um peixe para me alimentar, mas um troféu. Quanto maior o peixe, maior o sucesso, melhor ficava a pose para fotografia, melhor a história. Que orgulho sentia de mim agora, ao ver um peixe grande, por vezes presa fácil, e simplesmente observá-lo nadar e se mover tão soberbo. Se antes eu lamentava não ter uma arma na mão num momento desses, passei a lamentar a falta de uma máquina fotográfica. Às vezes nem isso. Só de ver a cena, já me sentia recompensado. A mira da minha arma passou a ser um peixe menor. Dois, 3 quilos de sabor pra minha boca e bem-estar pra minha cabeça.

Tendo estado em Santa Helena, não posso, naturalmente, deixar de falar de Napoleão Bonaparte, pois todos sabem que lá foi seu lugar de exílio e morte. Fomos visitar Longwood House, a casa onde ele ficou. Só posso dizer que numa casa daquelas até eu queria ir em

cana. Maravilha, uma mansão, até hoje muito bem cuidada e conservada. Aliás, o caseiro é a pessoa mais tradicional da ilha, pois seu bisavô (tetra?) foi o mordomo do grande exilado em sua aprazível estada. Ele se orgulha disso. Considera-se, e é, importante na ilha.

A TARTARUGA CONTEMPORÂNEA DE NAPOLEÃO

Quando chegamos a Longwood House, a casa estava trancada. Batemos na porta, batemos palmas, gritamos, e de repente a porta se abre:

- Bom dia.

- Bom dia.

- Podemos entrar?

- Por favor, entrem.

- Obrigado.

- A moça por acaso não é da Califórnia?

A resposta, com um sorriso:

- Sou sim, como é que o senhor sabe?

- É parecida com ela.

E mudou de assunto. Aqui o retrato dele, aqui a mesa de sinuca, aqui o busto, esta outra sala era a sala de almoço...

- De que cidade da Califórnia?

- De Santa Cruz.

- Eu sabia, ela também.

- Mas...

Aqui outro busto, esse o talher que usava, aqui o banheiro.

- Qual o seu sobrenome?

- Dumas.

- Deve ser mentira, vocês todas mentem.

- Mas...

Aqui o quarto dele, esse papel de parede é original, aqui a sua varanda predileta...

- Suas intenções são as mesmas de sua prima? Se for, diga logo que eu já a coloco pra fora.

- Que prima? Mas...

Aqui outra sala de estar, essa a poltrona predileta, dessa janela ele via o pôr-do-sol.

- Sabe o que eu acho? É melhor vocês irem embora mesmo. Até logo, passem bem.

- Mas...

- Mas...

- Mas...

No carro o Thomas nos contou a história. Um tempo atrás, uma americana da Califórnia, totalmente obcecada por Napoleão, apareceu na ilha e disse que iria tomar conta da casa. Encheu o saco do velho por meses.

À noite, entrava na casa, dormia no quarto de Napoleão e dizia que havia transado com ele, de repente estava na varanda tomando chá com ele.

Dizem até que bateu uma sinuquinha com o imperador. O velho ficou louco, desesperado só de pensar na possibilidade de quebrar a tradição da família. Um dia encontraram a moça dormindo em cima do túmulo que Napoleão ocupou até ser transferido para seu atual mausoléu nos Invalides, em Paris, e dizendo que mesmo morto ele transava legal. Nesse dia, ela foi presa e deportada.

Por falar no imperador, naquele dia vimos um ser vivo que, dizem, esteve com o próprio. Uma enorme tartaruga terrestre que, segundo consta, na época do exílio de Napoleão já era coroa. Seu nome: Jonathan.

Mas chegou o dia de ir embora. Estava bom, estava ótimo, mas acontece que pela primeira vez na viagem tínhamos data pra chegar. Havia até uma festa em Ubatuba esperando por nós.

Uma caixa de cerveja Stout, outra de Ale e outra de Lager, umas verdurinhas e o Vagau estava abastecido.

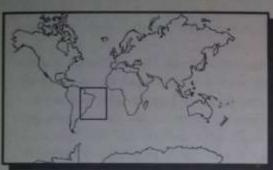
- Bom, tchau, pessoal.

- Tchau, a gente se vê em algum porto.

- Em algum porto.

- Fair winds.

- Same, same.

Capítulo 20

Santa Helena ao Brasil: Trindade é linda!

BRASIL

Rio de Janeiro

Ubatuba

Trindade

Martim Vaz

Santa Helena

James Town

OCEANO ATLÂNTICO

20 Santa Helena ao Brasil: Trindade é linda!

Nosso plano era sair de Santa Helena e rumar pra Martim Vaz, que fica ao lado de Trindade, já pertencentes ao Brasil. Lá, dar uma mergulhada, ancorar por alguns dias e depois seguir mais ou menos direto para Ubatuba, com uma eventual parada na Ilha de Cabo Frio.

Recorro, neste capítulo, a muito do que escrevi no diário de bordo.

Saímos ao meio-dia do dia 10 de março de James Town, Santa Helena. Motoramos por uma hora para carregar as baterias e sair do sotavento da ilha, onde não havia vento. Deixamos em James Town *Celeste*, *Trade Winds*, *Moya*, *Tanaka*, *Sham Rock*, *Moana*, recém-chegado, e *Old Spice*. Dia lindo, sol, "mar de pequenas vagas".

O dia seguinte foi maravilhoso, com muito sol, mar calmo. Vagau num través folgado, quase empopado, fazendo seus 5,5 a 6 nós. Percorremos 149 milhas. E mudamos de fuso. À noite tivemos uma trovoada com bastante vento, que porém durou só uns 10 minutos. Suficiente pra me "adocicar".

Na manhã do terceiro dia colocamos asa-de-pombo[110], pois o vento rondou pra leste. À noite, depois da chuva, o vento diminuiu. As velas panejaram[111] bastante. Continuamos mantendo uma boa média. Devemos fazer a viagem em dez dias sem problemas. Talvez menos. *But that's a maybe.* Espero chegar entre os dias 19 e 20.

Tudo em paz a bordo, nenhuma goteira, o suporte do *wind vane* firme como uma rocha, sem vazar uma gota sequer.

A Cindy está fazendo toda a navegação.

Percorremos 142 milhas!

---

[110] Forma de armar a vela grande e uma genoa, ficando uma armada para um bordo contrário ao da outra.

[111] Ficaram frouxas, batendo como uma bandeira ao vento.

Caímos um pouco pra sul, pois o rumo esteve duro de ser mantido “em cima”.

Noite absolutamente tranqüila, a do quarto dia. Só acordei para, como diria, dar uma mijada. Muito vinho no jantar. Ontem foi a metade da travessia entre Cidade do Cabo e Ubatuba, fato que celebramos com presunto e uma bela garrafa de vinho tinto (Fairview), cheguei até a ficar meio bêbado. Uma comemoração condizente, embora o gosto do vinho ainda estivesse presente pela manhã. Sem ressaca, mas com gosto. O dia foi fantástico, com muito sol e o vento maneiro como sempre. Demos um jibe lá pelas cinco da tarde, pois íamos muito para o sul.

Falei com Brasil pela primeira vez através do *phone patch*. Conversei com o Helhão e com a Hilda. Sempre uma alegria ouvi-los. Parece que a festa lá em Ubatuba vai ser de arromba. Obrigado ao radioamador Luís Antônio (PY2BD), que tem sido super-gentil.

(Durante toda a travessia, desde a Cidade do Cabo, tentei estabelecer contacto com o Brasil, via o radioamador de bordo, mas só consegui depois de Santa Helena, e o contacto foi feito com o Luís Antônio, que mora em Batatais, São Paulo. Sua gentileza foi sem medida. De novo, Luís Antônio, muito obrigado).

À noite o vento diminuiu um pouco, as velas andam querendo panejar. A vela grande enjaibou[112]. Acabei descobrindo que o *wind vane* não estava funcionando corretamente. Descobri que o *pushrod*[113] que faz a ligação entre o *vane* e a engrenagem do leme estava solto. Tivemos que colocar o *auto pilot* pelo resto da noite. De manhã desmontei o WV e recoloquei o *pushrod*. Agora tudo bem.

Depois disso, dia bonito, de novo, muito sol, o dia mais quente da viagem. À noite a Cindy deu um jibe na 1 e ficamos com amuras a BE[114]. Andou panejando bastante ontem à noite.

---

[112] Mudou a direção de navegação de forma a que o vento, durante a manobra, passou pela popa do barco.

[113] Haste do balancim, uma das peças do motor.

[114] Amuras são cabos presos aos punhos inferiores das velas, esticando-os e fixando-os em direção à proa. Diz-se que um barco está com amuras a bombordo quando recebe o vento do lado esquerdo, e com amuras a boreste quando recebe o vento do lado direito.

Mais um dia de calor intenso. Fiz contacto com o Alex, meu amigo do *Celeste*, porém a propagação estava péssima e resolvemos prosear amanhã. Apesar do vento fraco, ainda assim mantemos uma boa média.

Tenho colocado o corrico, e até agora nada. Observamos muito pouca vida animal - sem pássaros, sem peixe-voador (só alguns ocasionais), sem golfinhos, enfim, sem nada. Mas tudo bem, troco a ausência animal, sem pensar, por esse tempo maravilhoso à minha volta.

O vento continua NE. *Trade winds, bye, bye.*

No dia 15, à noite, o vento dançou, ou seja, sumiu. Tivemos primeiro uma trovoada muito boa, muita água doce. Depois o vento foi diminuindo até morrer e passamos o dia inteiro com as velas panejando, *mind you*, o vento não morreu de todo, ainda fazemos um pouquinho mais de 2 nós. Andamos nesse dia 95 milhas. Ou seja, ridículo.

Aí à tarde desse mesmo dia o "panejamento" foi ainda pior, então eu resolvi "tirar" umas estrelas só pra ver e percebi que andamos 18 milhas em 7 horas, ou seja, menos de 2,5 nós! A noite de 16 foi melhor, mas com um ventinho só suficiente pra encher as velas. Ontem à tarde falei no rádio com o Peter, da Ilha Grande (PY1ZAK). Periga pararmos lá por um dia, pra bater um papo com ele. (O Peter é uma figura muito conhecida. Eu só o conhecia de nome e nesse dia entrei em contacto com ele por acaso. Se não me engano ele falava com alguém nas Filipinas quando entrei na conversa. O Peter é um grande radioamador e dá suporte a todas essas regatas internacionais que passam por esse nosso trajeto, como a BOC Challenge e a Whitbread).

***Para navegadores** - 18/03 - 13h20 - Ontem pela manhã íamos em asa-de-pombo com vento F2 pela popa por BB quando resolvi colocar o* blooper *pra aproveitar aquele "ventinho" entre a genoa 1 e a mestra. Coloquei, porém panejou muito. Resolvi "torcê-lo", ou seja, troquei a testa pela valuma, mas ainda assim a performance não estava ótima. Aí torci mais uma vez. Coloquei a esteira no lugar da testa, a testa no lugar da valuma e obviamente a valuma no lugar da esteira. Adricei-o lá em cima no mastro e funcionou beleza. Enfunadinho, esticado, xuxu. À tarde resolvi que estávamos muito ao*

*sul, sem a porra do vento. Vale lembrar que com todo esse velame (*fullmain*, genoa 1,* blooper*) fazíamos só 3,5 Kt. Com isso decidi rumar norte e assim foi até as 3h30 da manhã de hoje, quando o vento rondou para SE. Indo para o norte tínhamos um vento fraco, F2, NE, o que possibilitava uma certa orça deixando o barco mais estável sem panejar tanto. Dei um jibe e seguimos para SE.*

Pela manhã coloquei o blooper *outra vez. Aí o vento rondou para ENE de novo, demos um jibe na porra toda e assim vamos até agora. Pra completar a cena perdi a impeler do* log*. É duro acreditar que o atrito comeu o cabo, mas é o que as aparências indicam.*

Eu havia dado um belo trato no log *em Santa Helena.*

Pos Mer 12h35 LA 19°07,1'S LO 21°58,5'W, percorridas 65 milhas.

Vale notar que de fato encontramos mais vento ao norte, embora ainda deixe a desejar.

Lá pelas tantas falei pelo rádio com Alex, Rob, Alan e Heinz. O motor do Alex dançou de novo. (Do Alex eu já falei, o Rob era um canadense do veleiro *Moya*, eu havia conhecido na África do Sul, o Alan mora em Santa Helena e o Heinz, do veleiro *Doriana*, é o suíço, meu amigo desde Mauritius).

Não conseguia contactar o Luís Antônio, mas finalmente deu certo. Combinamos fazer um contacto com o Helhão. Pelo rádio, falei com Alan, John *Elegance*, Dennis.

Quando consegui falar com o Helhão e a Hilda pelo rádio, tivemos um longo papo. Tudo confirmado, chego no dia 7. Festa de arromba.

No dia 22 de março, às 5h20, medi umas estrelas, pois a gente estava chegando, de acordo com o *log*. A posição deu 30 milhas a leste de Martim Vaz. Quando o dia clareou um pouco mais, tá lá! Martim Vaz à proa, a umas 25 milhas, agora. Devemos chegar antes do meio-dia.

Acabamos chegando a Martim Vaz às 11h30. Fomos primeiro para a ilha do sul, que é uma cratera extinta. Pensamos que seria possível ancorar lá dentro, pois a ilha tem um formato de U com a boca para o sul, ou seja, protegida do vento norte que tínhamos.

No final a cratera era muito pequena e com pedras dentro. Rumamos até uma ilha no meio, onde constatamos ser simplesmente impossível ancorar. Não existe nenhum local protegido do vento. Decidimos então seguir para Trindade. A essa altura o *log* era 1.372,5 e só tínhamos visto dois pássaros, um *booby* grandão e uma andorinha toda negra.

Chegamos a Trindade um pouco antes das 4. Uma bela velejada, com o Vagau fazendo média de mais de 6,5 nós.

Trindade é absolutamente deslumbrante! É a ilha mais colorida que já vi. Os tons de suas encostas, que descem verticalmente para o mar, variam entre vermelho, amarelo e cinza. Entramos pela porta sul (ponta do paredão). Vimos também o túnel. (Essa ponta do paredão é atravessada de lado a lado por um túnel natural com 200 metros de comprimento e 18 metros de diâmetro).

O problema é a ancoragem. Tentamos primeiro na Enseada do Príncipe, entre a Pedra do Meio e o Pão de Açúcar. Muito fundo e com um *swell* - aquela permanente ondulação do mar - enorme. Decidimos olhar a próxima enseada a oeste. *Swell* ainda maior. Voltamos para o Príncipe e ancoramos entre a Pedra do Meio e a Ponta do Príncipe em mais ou menos 13 metros. O *swell* estava melhor. Mas o vento norte insistiu em ficar rondando e a corrente da âncora enroscou em alguma pedra no fundo, deixando o cabo totalmente esticado. Fiquei com muito medo de perder a âncora, pois a cada *swell* que passava o cabo rangia terrivelmente. Permanecemos vigilantes, inclusive à noite, e diante da inospitalidade do local, resolvi que a gente se mandaria.

Vimos andorinhas, *ganetts* e fragatas.

Ter que deixar Trindade foi realmente uma lástima, pois, repito, é uma das ilhas mais bonita que já vi. Só que de novo, tal como Santa Helena, é uma beleza agressiva: você não se sente convidado a ancorar em lugar algum. A Enseada do Príncipe, por exemplo, pra quem olha na carta náutica, representa uma ancoragem perfeita,

desde que sopre vento norte. O *swell* ali, porém, é uma coisa absurda. A Pedra do Meio, a que me referi acima, é um recife isolado no meio da baía. Ancoramos a uns 50 metros dela. Quando a onda subia, a pedra simplesmente sumia. Segundos depois, quando o cavado da onda passava por ela - e por nós - a pedra de novo aflorava, com uns 5 ou 6 metros pra fora. Ou seja, você fica sob uma certa tensão o tempo todo e, pra completar, a corrente da âncora às vezes engatava em alguma pedra lá no fundo e simplesmente enterrava a proa do barco na água quando a onda subia. Uma ancoragem complicada e intranqüila. Foi por isso que nem saímos do barco - seria loucura deixar o Vagau ancorado sozinho naquelas condições - e resolvemos ir logo embora.

O que mais impressiona na ilha é a profusão de cores contrastantes e a topografia dramática. Salta aos olhos a maneira definida e radical como uma encosta muda de cor. Passa do amarelo para o vermelho, parecendo haver uma estreita faixa delineada separando as duas. Quanto à topografia, há ali o Pão de Açúcar, que já mencionei, uma montanha cujo nome já indica o formato, e não muito distante a Ponta do Paredão, um bloco monolítico de pedra preta, plano em cima, com seus 180 metros de altura, enquanto ao norte fica o Pico do Obelisco, que, altíssimo, faz jus ao nome. Trindade é toda acidentada, com contornos radicais e abruptos. Um lugar lindo, selvagem e inóspito.

Para navegadores - *Mas graças a Deus saímos de Trindade no dia e hora certos, pois mal levantamos as velas e o vento rondou para W e, depois, WSW, o que quer dizer que teríamos ficado ancorados em uma* lee shore, *a última coisa que se quer no mundo. Com aquele vento, obviamente saímos orçando, e o vento ficou rondando entre SSW e WSW, nos fazendo andar bordejando bastante. Durante a noite, e todo o dia seguinte, o vento esteve SSW, quase S. Com isso pudemos manter o rumo magnético 282°, que nos levaria a Cabo Frio. No dia 23 de março, à tarde, o vento diminuiu F2-3 e continuamos orçados, fazendo um rumo de mais ou menos 320 mg. O vento sempre muito fraco e nós sempre fora de rumo. Ao entardecer, vento F3-4, porém mais tarde, por volta das 3h00, o dito sumiu, e a verdade é que desde então ficamos acalmados. Abaixamos a genoa 1 e rizamos a grande e flap- flap.*

Sol direto! Vi uma *skua* e uma *storm petrel*.

Falei com a Hilda e o Helhão (e o meu primo Perseu) pelo rádio. Tudo OK com a família. Festa programada.

Tudo muito em paz a bordo quando faltam dez dias para chegarmos.

Engraçado: tão próximo da chegada, imaginei que eu estaria superexcitado, mas pelo contrário, sinto-me muito tranquilo e sem grande pressa. Aqui e agora está muito bom. Imagino que quando faltar um ou dois dias eu vá estar realmente excitado.

No dia 28 de março mudamos de fuso, agora mais três horas, ou seja, o mesmo horário do Brasil. Estamos realmente perto. Pela carta faltavam 276 milhas (*at noon*) para Cabo Frio. No dia seguinte vimos uma luminosidade no horizonte, imagino que seja uma plataforma de petróleo.

Tivemos também um dia horrível, de céu nublado. No dia 30 acabei indo deitar cedo, às 20h30, e a Cindy, em vez de me acordar duas horas depois, como combinado, só me chamou à meia-noite e meia. E o que vejo? "O Rio de Janeiro continua lindo!!!" Ilha Rasa no través e o Rio ao fundo!

21 *Brasil: Entre festa e fumaça*

APRENDI MUITO DO MAR, E QUASE NADA SEI DELE

Brasil! Enfim te vejo, três anos e meio depois. Do diário de bordo:

"31/03 - 11h50 - Pois é, o tempo melhorou bastante. Tivemos sol a manhã toda, mas o vento parou. Resolvi motorar, já que o tesão de jogar a âncora era demais. Muita tentação ver toda essa costa e ficar com as velas panejando. Motoramos desde as 8 horas e no momento estamos a umas 9 milhas do nosso destino, que é a Enseada das Palmas, ou mais corretamente da Aroeira. Devemos chegar por volta de 1 da tarde".

Passamos uma semana na Aroeira com o Peter, o radioamador da Ilha Grande, e só posso dizer que esta semana caiu do céu: deu para descansar da travessia, ficar em contacto íntimo com a natureza, bater longos papos com o Peter e, acima de tudo, ir sentindo devagarzinho o Brasil entrar de novo em minhas veias.

Se a Aroeira é um lugar belíssimo, seu dono também é. O Peter nos acolheu na intimidade de sua casa e nos fez sentir totalmente à vontade. Melhor acolhida, impossível. De novo nosso obrigado a você, Peter, sem esquecer da Nucha e o Pitu.

O combinado era chegar ao Saco da Ribeira, em Ubatuba, no sábado, 7 de abril. Para garantir qualquer eventualidade, na quinta-feira cedo partimos de Aroeira com nosso anfitrião acenando da praia. Motoramos o dia inteiro, nem uma gota de vento. Vale salientar que próximo à costa, que foi por onde passamos, a corrente era contrária à nossa trajetória, ou seja, as águas corriam de Ubatuba para a Ilha Grande. Quase 1 nó de corrente. Uma pequena contracorrente em relação à corrente predominante na região, a do Brasil, que desce a costa brasileira.

Ancoramos na enseada do presídio da Ilha Anchieta. Nessa noite muita coisa me veio à cabeça. Todos os anos em que morei no

mar pareciam passar diante de mim, com flashes de tantos detalhes, de tanta vida vivida. Todos os povos que conheci, os amigos, grandes amigos que fiz, os momentos de alegria, de tristeza, os difíceis e os fáceis. Mas o que estava mais vívido em minha mente eram todas as milhas navegadas que deixei na esteira, antes na do meu querido e saudoso *Brasileirinho*, e depois na do meu amado Vagau, que passou a fazer parte integrante de mim. Posso dizer que meu corpo é composto de cabeça, tronco, membros e um barco. Vagau, um pedaço de mim.

Depois de tudo o que vivi e aprendi no mar, naquele momento senti o quanto eu sabia pouco sobre os segredos, os humores, os mistérios do mar. O mar, das coisas que podemos tocar, é a mais infinita. Para mim ele é realmente infinito, imponderável. Quem um dia já esteve flutuando distante, a 1.000, 2.000 milhas de terra, há de concordar comigo que ele é infinito. Não existe medida para medi-lo, não existe vista que ultrapasse seu horizonte, não há ser humano que mergulhe até seu fundo ou consiga nadar um oceano inteiro. O mar é a maior expressão da natureza, e é ela a essência, a alma, a razão de ser do mundo em que vivemos.

A natureza é absoluta. É Deus. E o mar é sua maior imagem.

O conhecimento adquirido ao longo dos anos me mostrou essa grandiosidade, essa imponderabilidade. Do muito que aprendi do mar, descobri que quase nada sei sobre ele. A consciência do saber traz a certeza do desconhecimento. Nisso está talvez a maior beleza do mar. Se eu vivesse 200 anos a estudá-lo, a tentar entendê-lo, talvez mal arranhasse todo o saber que poderia tirar dele. Se passasse a vida navegando sem parar, ainda assim não percorreria todas as milhas que o mar oferece, nem chegaria a conhecer todos os recantos, ilhas, baías, praias, recifes que existem pelo mundo, e provavelmente também não conheceria todas as suas faces, suas infinitas combinações de corrente, vento e humor.

Depois de minha viagem, ciente desse meu desconhecimento da essência do mar, disse para mim mesmo que sou feliz, pois se não domino essa essência, pelo menos tenho consciência dela. Hoje sei da divindade do mar e não sou Deus, sei de sua medida infinita e não sou matemático, sei que é indefinível e não sou filósofo. Mas me sinto

muito grande por ser sabedor dessa minha ignorância, e conformado, pois, como simples mortal, sei que não posso alcançar a plenitude desse conhecimento.

LÁGRIMAS, BEIJOS E ABRAÇOS

Na manhã seguinte, Ubatuba nos brindou com sol e um mar liso. Logo apareceu um barco. E, com ele, o primeiro amigo a dar as caras. O Zé Roberto Negraes, mais conhecido como Zé Kodak. Além do abraço, o Zé trouxe cerveja, o que até conferiu mais significado às boas-vindas. À tarde aparece uma escuna. Nela, meus pais, Hilda e Helio, e meus tios Lídia e Joaquim. Lágrimas, beijos e abraços. Afinal, fazia um tempão. À noite, a Cindy e eu sozinhos, nosso último jantar a bordo antes de realmente chegar.

Se havia a alegria da chegada, seguramente já havia um traço de nostalgia, a certeza de um futuro com saudade deste presente. As estrelas brilhavam lá no céu, o vento era suave. O mar, muito gentil, sossegado, parece que estava entendendo esse nosso momento de reflexão e de sentimentos dúbios.

- Obrigado, Mamãe Natureza. Obrigado por tudo, por todos esses anos em que me tornei mais íntimo de você. Obrigado por me acolher, me ensinar a amá-la e respeitá-la. A você, senhor mar, altar da minha religião, muito, muito obrigado. Dei uma volta ao mundo e cá estou são e salvo, contente, feliz, realizado. Estou aqui porque você deixou. Cruzei três oceanos, não sei quantos mares e cheguei ao meu porto. Não varei nenhuma onda, não domei tempestades, não driblei recifes. Apenas e tão somente você me permitiu passar. Meu caro mar, meu irmão, de tudo o que vivi posso dizer que meu maior prêmio foi você. É com a boca cheia e o peito estufado que digo: mar, você é meu amigo.

NA CHEGADA, UM MISTO DE ALEGRIA E MELANCOLIA

Manhã de sol e samba.

Logo cedo encostou no Vagau um barco com amigos. Pouco depois uma escuna repleta de gente surge no boqueirão da Ilha Anchieta. Nunca vi tantos amigos juntos. A escuna se aproxima, vários amigos pulam na água e literalmente invadem o Vagau. Muito abraço, muito beijo, banho de cerveja. Muita alegria. Mergulho também e vou até a escuna receber as boas-vindas de todos. A Cindy, de caíque, também vai. Ganhei um colar de flores, que foi a seguir ofertado a Iemanjá. Colar ao mar. Aí todos se retiram e vão para o píer do Saco da Ribeira. A festa *oficial* é lá.

Subo a âncora, mestra e genoa adriçadas. Vamos tentar ir velejando, apesar do pouco vento. Até que dava, mas naquele dia, depois de quase quatro anos sem horário, nós tínhamos hora certa para chegar: meio-dia. Ironias do destino.

Velas para baixo. Motor no Vagau.

A chegada ao píer obviamente foi um momento de grande alegria. Mas confesso que no trajeto de Anchieta até lá me bateu uma melancolia muito forte. Por mais que tivesse passado dias de reflexão lá na Aroeira e em nossa última ancoragem, por mais que tivesse me conscientizado de que havia chegado, de que meu horizonte agora era terra firme, só naquele momento realmente percebi a realidade nua e crua.

A gente lutar, a gente trilhar o caminho em busca de uma meta é uma coisa fantástica, muito bonita. Naquele momento, contudo, eu tinha alcançado a tal meta. Tinha dado uma volta ao mundo. Tinha chegado, conseguido. E o que senti, pra dizer a verdade, foi um vazio muito grande. Me lembro de ter dito:

- O sonho acabou.

Relembrando aquele momento, entendo o que senti, pois fiquei depois sabendo que *dar uma volta ao mundo* significa muito pouco. O bom é estar dando uma volta ao mundo. Minha grande realização não foi sair de um porto e chegar a outro, foi, isto sim, viver por anos no mar. Velejar não é chegar, é estar.

Se a meta fosse só conhecer o mundo, de avião era mais fácil e rápido.

Depois percebi que durante todo aquele tempo sempre estive indo e nunca chegando.

A exceção foi aquele dia. Aquele dia em que cheguei.

Ao meio-dia.

E o encanto se quebrou!

Uma charanga tocava, faixas de boas-vindas bailavam no ar, fogos espocavam quando atracamos no píer. Dois dias de festa. Estava todo mundo lá. Grande bagunça e, imagine só, cheguei até a receber taças pelo *feito*. Agradeço aqui de coração a quem me ofereceu os troféus, mas são vocês que os merecem, não eu. Eu bundei quatro anos, enquanto vocês trabalhavam. Os heróis são vocês, eu sou só um grande vagabundo. Com muito orgulho, diga-se de passagem. Foi pena que em nenhuma estivesse gravado "Parabéns pelo grande feito. Quatro anos coçando o saco". Essa, eu juro que merecia.

Na segunda-feira a festa acabou, os amigos, com suas obrigações, voltaram para suas casas, e eu e a Cindy, junto com a família, subimos a serra.

Rumo a São Paulo. A rota era a de sempre - a Rodovia dos Tamoios, que liga o Litoral Norte do Estado de São Paulo à Via Dutra, depois a própria Dutra e aí uma estrada que eu não conhecia, a Rodovia dos Trabalhadores. Um tanto irônico, este nome.

São Paulo tinha crescido e ficado mais pobre e mais suja. O choque foi grande. É claro que o meu íntimo levou uma porrada: de brisa, azul e sossego passou a fumaça, cinza e correria. Mas isso naqueles primeiros dias não foi o mais grave, não foi o que *pegou na veia*. O grande choque foi ver meu país tão pior. O mais interessante é que a maioria das pessoas não se dava conta dessa transformação e eu achava todos uns loucos, por não verem o óbvio. Ficava bravo. Mas no fundo é fácil de entender. É como você ficar quatro anos sem ver um amigo. No que você bate o olho, vê que ele engordou, ficou mais narigudo, o cabelo mais grisalho e de repente está até mais chato. Só que ele não percebe, todo dia se olha no espelho. A transformação se passa em conta-gotas.

CINDY VAI EMBORA DO BRASIL E DE MINHA VIDA

Morei em São Paulo bem poucos meses. O John e seu *Truganini* chegaram ao Brasil. Rever um amigo marinheiro quando você está meio que encalhado em terra é uma alegria enorme para o coração.

Ele, como não poderia deixar de ser, veio com histórias engraçadas. Saiu da Cidade do Cabo com ventos fortíssimos, 40 nós. O *Truganini* voava baixo. Andou umas 10 milhas e o vento simplesmente acabou. Zero. Mesmo assim o estado do mar continuava ruim, ondas grandes. Preguiçoso e relaxado como sempre foi, o John entrou no barco para ler um pouco e acabou dormindo. Acordou no dia seguinte com o mesmo mar e a mesma ausência de vento. Além de faltar vento, entretanto, faltava outra coisa: o leme de boreste. Ele havia sumido! O preguiçoso amarrara os lemes, e o barco, batido pelas ondas, não resistiu, partindo um deles.

Demorou dois dias para voltar as 10 milhas e no final ainda teve que ser rebocado.

- Sabe, Helio, perder o leme lá fora, tudo bem; dois dias pra voltar, tudo bem. Até gastar o dinheiro pra fazer outro, tudo bem. Agora, entrar na água pra consertar o bendito leme foi de chorar.

Gastar dinheiro e entrar na água são as duas coisas que ele mais odeia na vida.

-E Santa Helena, John?

- *Awful chicks.*

Foi depois que o John chegou que a Cindy foi embora do Brasil e da minha vida. Ela fora minha amiga, companheira e amante. Uma grande mulher. Mas acabou. Talvez a convivência contínua de dois anos e meio é que tenha sido a razão de tudo. É muito intenso dormir juntos, acordar juntos, passar o dia inteiro juntos, fazendo todas as atividades juntos e ir deitar-se novamente juntos. Isto, todo dia. Foi maravilhoso por muito tempo, pela maior parte do tempo, mas no final este esmeril diário falou mais alto. Foi pena ter acabado, mas foi

necessário. Devo a ela muito desse meu sentimento de amor e respeito pela natureza.

A amizade perdurou.

AO MAR DE NOVO

Aí surgiu a oportunidade de me fazer ao mar de novo, de sair do turbilhão, de desencalhar o meu casco.

Estava lá em Ubatuba o *Creole*, um barco de bandeira americana, um verdadeiro palácio em matéria de conforto, com 46 pés (o Vagau tem 35), um *cutter-ketch* - a saber, um barco com dois mastros, sendo o de trás menor - que precisava voltar para os States. O proprietário, cuja esposa estava doente, tinha ido aos Estados Unidos por causa disso e ficara impossibilitado de retornar ao Brasil. Pra mim foi muito conveniente a proposta de levar o barco, pois eu estava louco pra voltar àquela vida de sol, mar e liberdade.

A consciência, porém, me pegou, pois bem naquela época eu havia me proposto arrumar o Vagau, meu querido Vagau. Dar aquele trato tão prometido. Trocar o piso e o forro, envernizá-lo por dentro, pintá-lo na parte externa, fazer novos estofamentos, refazer o motor e por aí afora. Essa era uma promessa que eu havia feito ao Vagau.

Eu acabei indo. A viagem serviria para que eu ganhasse algum dinheiro, mas teve um significado simbólico adicional: exatamente às duas da manhã de um dia 7 de setembro, quando finalmente cheguei a Fort Lauderdale, na Flórida, completei uma exata volta ao mundo de veleiro. Fiz o trajeto de Ubatuba até lá em dois meses e meio, com a ajuda de diferentes companheiros na tripulação, que embarcaram e desembarcaram em diferentes cidades - como o Chico, que eu conhecera na Marina da Glória, no Rio, o Ângelo, amigo de São Paulo, outra amiga, a Renata, a Denise e o Luciano, grandes amigos, ele um querido amigo de infância, o Fernão, um brasileiro que vagabundeava no Caribe... Fui inicialmente para o Rio, de lá a Salvador, depois Natal e Fortaleza, mais adiante - a mais de 2.000 milhas, já no Caribe - Bequia, a ilha mais ao norte das Grenadinas, e sucessivamente Martinica, Nevis, Saint-Barthelémy, várias das Ilhas Virgens

Americanas, várias ilhas das Bahamas e, finalmente, Fort Lauderdale, onde ancorei tendo a bordo o Silvano, um amigo de São Paulo, e a Joyce, outra amiga, uma grande marinheira (talvez nem ela soubesse disso mas, afinal, quem é do mar não enjoa. É o caso dela)

FALANDO FRANCO COM O VAGAU

Fiz tudo isso com o *Creole*, está certo, mas antes tive que ter uma conversa franca com o Vagau, meu irmão inseparável.

- Oi, Vagau.

- Oi, por onde você tem andado? Tenho estado muito sozinho, parado nessa tal de poita.

- Pois é, meu irmão, tô lá em São Paulo, lá pra cima daqueles morros que você está vendo. Acredite ou não, ando trabalhando.

- Bonito esse morro, me lembra barlavento de Guadalcanal.

- É, parece mesmo, mas, Vagau, vim aqui pra uma conversa séria. Como você sabe, eu estou mais duro que escota esticada, estou precisando de dinheiro e, cá entre nós, lá onde estou morando, eu não gosto nem um pouco.

- Que ótimo, você vai morar aqui de novo!

- Não é bem assim, eu vinha pra cá dar aquele trato em você... Olhaí, já comprei as tintas e tudo mais. Mas pintou um negócio em que eu posso ganhar uma grana razoável, e pra isso vou ter que me ausentar uns meses.

- Que negócio?

- Sabe aquele Yrwin[115] ali do lado, o *Creole*?

- Sei, sei, aquele com cara de fresco.

- Não é bem assim.

- Pô, Helhão, vai dizer que não! Olha lá, todo polidinho, brilhante, na certa o motor tá bom, as velas novas, o verniz novo. Olha, tô pra te dizer que ele deve até ter marinheiro só pra ele. E agora olha pra mim, eu sou o sinônimo da gambiarra, tudo em mim foi feito pra

---

115 Marca norte-americana de barcos.

quebrar um galho, estou sujo e nunca fui polido na minha vida. Helhão, não fica com essa cara de bunda. Não estou reclamando, só estou querendo explicar que ele é fresco. Eu tô na minha.

- Tá legal, Vagau, mas o que eu queria lhe dizer é que o *Creole* está precisando ir pra Fort Lauderdale, o dono não pode levá-lo e então pediram que eu fizesse o serviço.

- Você tá duro mesmo, né, Helhão?

- Pois é, eu...

- Já saquei, você volta, não volta?

- Claro, claro, eu volto logo, rapidinho, aí quando eu chegar vou arrumar você inteiro, pintar, envernizar, trocar o estragado e até uma polida no casco eu dou, juro.

- Deixa de ser bobo, pare de jurar e prometer, que você é o maior furão. Mas a gente se entende.

- Bom, você vai ver só, vou até tirar um sarro da sua cara quando você ficar com cara de fresco, todo polidinho. Eh! Eh!

- Por falar nisso, lá no *Creole*, na hora de jantar você vai usar aquele paletó azul-marinho, com camisa de colarinho branco engomado, echarpe e bonezinho de capitão?

- Qual é, ô meu, gozação não.

- E vai ter que tirar o sapato pra entrar?

- Ô Vagau, qual é a sua?

- Pode peidar dentro da cabine?

- Bom, mixou o papo, hein, meu!

- Helio, volta logo, tá bom?

- Juro que volto.

- Mania de jurar...

Post scriptum

Como eu disse no começo, este livro é dedicado a todos os amigos marinheiros que fiz durante a viagem. Cada velejador que eu conheci, virtualmente sem exceção, tornou-se um amigo. Nem posso dizer que falo isso com orgulho, pois é tão fácil fazer amigos no mar que é quase covardia. É uma grande comunidade que se ama, se cuida e só se quer bem.

Este livro contou somente parte de tudo que vivi, das pessoas que conheci, dos momentos que passei. Fica aqui, de qualquer forma, meu tributo a todas essas pessoas e a esse mundo maravilhoso em que vivemos.

Essas pessoas provam que o mundo pode ser de paz e harmonia, basta querer. O pouco que conheci do planeta Terra é deslumbrante, e para mantê-lo assim é necessário que tenhamos um cuidado extremo com sua essência: a Natureza.

Sem ela, nada é possível.

O último porto do "Vagabundo"

Encerrada a leitura deste livro, o leitor provavelmente terá curiosidade de saber como foi a vida do navegador Helio Setti Jr. depois do fim de uma experiência tão marcante quanto esses quatro anos no mar.

Voltando da travessia, em 7 de abril de 1984, Helio não sossegou muito tempo. Logo no final de julho estava começando a viagem com o barco Creole de Ubatuba para Fort Lauderdale, na Flórida, a que ele se refere no final do livro. Chegou a 7 de setembro, mas resolveu permanecer até o final do ano nos Estados Unidos. Lá, entre outras atividades, levou um outro veleiro da Flórida até o Estado do Maine, no litoral atlântico norte do país.

No começo de 1985, regressou ao Brasil e voltou a encontrar a ex-namorada Maria Adélia Azevedo. Ambos tinham-se conhecido em 1977 quando, recém-formados - ele em engenharia pela Politécnica da USP, ela em economia pela Universidade Mackenzie, em São Paulo - passavam o Carnaval na Bahia. O namoro que a travessia interrompera foi logo retomado numa viagem de férias para o litoral de Santa Catarina.

Pouco depois, em maio desse mesmo ano, 1985, em seguida a um curto período em que Helio morou à beira da represa de Guarapiranga na casa dos amigos Denise e Luciano, personagens de sua narrativa, ele e Adélia foram viver juntos, também na região de Guarapiranga. Primeiro, numa velha e confortável casa alugada. Mais tarde, numa casa própria, um pouco mais distante das margens da represa, feita de pedra, concreto e madeira, suficientemente confortável para abrigar os filhos que viriam - Antônio em 1988, Alice em 1990.

Profissionalmente, Helio se lançou em várias direções. Prestou serviços a empresas do pai, um empreendedor de múltiplas atividades, foi sócio de uma empresa de informática e de outra de promoções náuticas. Chegou a associar-se a amigos para construir veleiros projetados pelo irlandês Ron Holland, considerado o maior projetista de barcos do mundo. Paralelamente, preparava seu livro e, por puro prazer dava aulas de navegação na Escola Capitânia, no bairro do Brooklin, em São Paulo.

Continuava velejando, sem nunca deixar de planejar novas aventuras de largo porte no mar. A principal delas foi o Projeto Liberdade. Helio queria refazer, 100 anos depois, um histórico feito do Capitão Joshua Slocum,

mitológico navegador canadense-americano. No dia 13 de maio de 1888, Slocum, que naufragara dramaticamente com seu navio cargueiro, o Aquidneck, no litoral do Paraná, fez-se ao mar com um barco que construiu com as próprias mãos e madeira da Mata Atlântica da região de Paranaguá, o Liberdade (em português mesmo, homenagem à libertação dos escravos, decretada naquele mesmo dia). Pequeno (10,5 metros) e rústico, tendo apenas Slocum, a mulher e dois filhos como tripulantes, o Liberdade percorreu 5.510 milhas por mar e rio em 56 dias, de Paranaguá até Washington, a capital dos Estados Unidos. Slocum foi transformado em herói pela Marinha americana e o Liberdade foi parar na Smithsonian Institution, que abriga em Washington o maior conjunto de museus sobre a cultura americana.

O Projeto Liberdade de Helio - que previa uma réplica perfeita do barco original - incluía também todo um levantamento das condições ecológicas da costa brasileira e outras atividades de pesquisa e observação. Ambicioso e caro, despertou o interesse de algumas grandes empresas, mas acabou não se concretizando. Helio, a essa altura, já estava voltado profissionalmente para a ecologia. Fez projetos para empresas e governos. Dirigiu, a convite da futura ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, a montagem do programa de meio ambiente do futuro governo Fernando Collor. Formado o governo, acabou sendo convidado para ser secretário-adjunto do professor José Lutzemberger na Secretaria Especial do Meio Ambiente. Teve muitas decepções com o cargo e com o governo Collor (muito antes de sequer se imaginar o escândalo PC Farias), e voltou em poucos meses a seus interesses particulares.

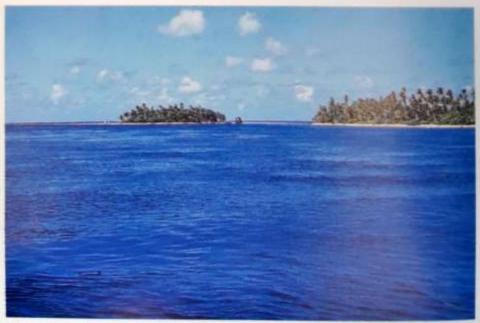
Estava cheio de planos quando a morte o colheu, a 21 de janeiro de 1992, provavelmente como ele gostaria: enquanto se divertia e tomava cerveja com amigos num bar, fulminado por um aneurisma cerebral.

"Sempre sonhou alto, sempre pensou grande", disse dele o pai, Helio, "como grande foi a legião de amigos que deixou e que tanto amou". Helio Setti Junior teve seu corpo cremado e, em homenagem a seu amor pelo mar, os amigos lançaram parte das cinzas na Ponta das Canas, em Ilhabela, paradisíaco ponto do litoral norte paulista que ele freqüentava com a mulher e os filhos. As cinzas restantes foram depois espalhadas pelo pai e os amigos no gramado do estádio do Morumbi, o Vagabundo*, retirado do mar para reparos, está até hoje onde Helio o deixou: sobre cavaletes, no jardim da casa em que sua família continua vivendo, perto da represa de Guarapiranga.*

R.A.S.

Hélio na popa do "Brasileirinho", Ilhas Virgens.

"Brasileirinho" e sua tripulação, entre o Canal do Panamá e as Ilhas Galápagos.

A exuberância de Saint Kitts.

Moorea/Huahine.

A beleza de Mayaguama, nas Bahamas.

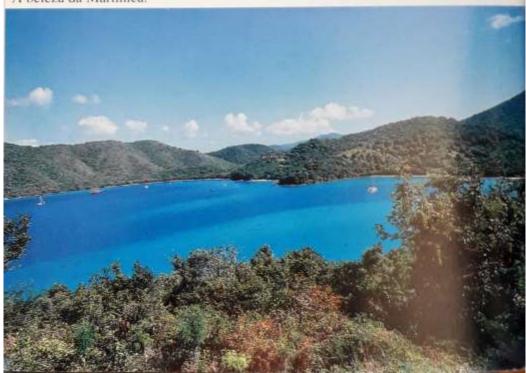
Galápagos.

Hélio, barba feita, a bordo do "Brasileirinho"nas Ilhas Virgens.

Os pais de Hélio ao largo de Sidney, Austrália.

Carnaval em Saint Kitts.

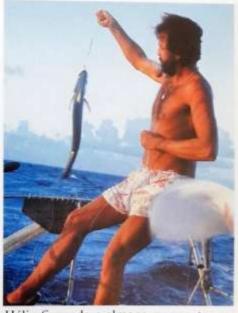
O "Brasileirinho"atravessando o Canal do Panamá.

A beleza da Martinica.

Athos Comolatti, amigo de Hélio, no "Brasileirinho" a caminho de Pago-Pago.

Hélio e Cindy nadando numa piscina natural em Katherine Gorge, Austrália.

O "Vagabundo" no seco, para reparos em Darwin, na Austrália.

Fábio Bueno (Bio) e Antonio Carlos Bobadilha (Boba), com Hélio.

Cindy, Hélio, Théo e Linne ao largo de Port Louis, capital de Mauritius.

Hélio fisgando o almoço, enquanto navega entre as Bahamas.

Maria Adélia no "Brasileirinho", entre Martinica e o Canal do Panamá.

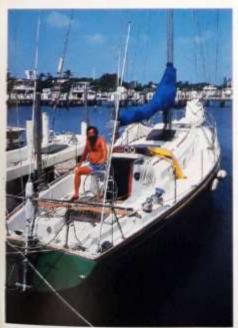
O "Brasileirinho" ancorado em Spanish Wells, Bahamas.

Bora-Bora.

Pôr-do-sol em Bora-Bora.

John, amigo de Hélio.

Hélio, rumo a África do Sul.

Hélio e Cindy entre Mauritius e Cargados Carajos.

Hélio testa o "Brasileirinho" nas águas de Fort Lauderdale, Flórida.

O "Brasileirinho" em Fort Lauderdale, Flórida.

Chegada em Ubatuba. Hélio é recepcionado por seus amigos quando, finalmente, encosta no cais.